

Romanos

Introdução e Análise

Rev. Olivar Alves Pereira
2009

ROMANOS

INTRODUÇÃO

I – APLICABILIDADE E IMPORTÂNCIA DE ROMANOS

Nas palavras do grande exegeta reformado, Willian Hendriksen: “*Romanos é um livro candente. É saturado de instrução no tocante à vida e à doutrina. Comunica conforto à vida e, como todo pastor fiel sabe, outras pessoas sempre têm testificado, também na hora da morte*”¹.

Evitamos dizer que a Carta aos Romanos é um dos livros mais importantes para a exposição da doutrina da Fé Cristã, mesmo porque cremos na total *inerrância*² das Escrituras, e que, portanto, todos os livros das Sagradas Escrituras são igualmente importantes. Preferimos em vez disso, dizer que Romanos traz em seu conteúdo de forma explícita doutrinas da Fé Cristã, e que, por isso, o estudo dessa carta torna-se imprescindível àqueles que querem aprofundar-se tanto no conhecimento quanto na prática das doutrinas cristãs.

A aplicabilidade da Carta aos Romanos se dá em qualquer época. Por exemplo: a igreja de Roma consistia em dois grupos, os judeus e os gentios. Por conseguinte, disputas entre estes dois grupos atormentavam a igreja, então Paulo mostra que em Deus “não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo Senhor é o Senhor de todos” (10.12). Este problema persiste em nossos dias, especialmente quando os crentes se esquecem de que são salvos pela Graça de Deus mediante a Fé em Cristo, e que, portanto, se retirarmos a Graça de cena, todos, os de dentro e os de fora da Igreja são iguais, pecadores miseráveis. **Romanos é a defesa da Fé contra o preconceito religioso e a hipocrisia.**

“Permaneceremos no pecado para que a graça seja mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos?” (6.1,2). Muitos estavam dando vazão à carne e para justificarem seu comportamento libertino, diziam que a graça de Deus torna-se mais evidente onde existe mais pecado. Paulo refuta esse pensamento diabólico. De tempos em tempos esse pensamento volta com força e a Igreja sofre com libertinos que além de comprometerem-se a si mesmos, servem de escândalo para outros. **Romanos é a defesa da Fé contra libertinagem e o antinomianismo.**

Diametralmente oposto está o ritualismo religioso e legalista. A equação “Cristo + lei” (esta última se tratando de normas e regras instituídas pela religião, e não pela Palavra mesmo), é apregoada como o meio pelo qual o pecador é salvo. Só o sacrifício de Cristo não basta; é necessário que façamos algo mais. Embora todas as denominações tidas como “evangélicas” recusem tal idéia, a grande maioria delas, e, por conseguinte, dos crentes vivem presos a ela, sempre buscando fazer algo “a mais” para garantirem sua salvação. **Romanos e a defesa da Fé contra o ritualismo religioso e legalista.**

No dias em que essa carta foi escrita, o mundo greco-romano era um mundo sem esperança. A concepção grega (e mais tarde a romana) não apresentava nenhuma esperança para o corpo (e nem mesmo para a alma) no momento da morte. O mundo em que vivemos não está muito diferente. Tanto lá como hoje, Romanos fala não só de uma esperança, mas da única esperança – Jesus Cristo. Veja os textos de 8.24, 26-39; 15.13; 11.33-36; 13.8-14; 16.25-27, isso sem falar em outros trechos que mostram o Evangelho de Cristo como a mensagem de esperança para o homem³. **Romanos é a defesa da Fé (e da esperança) contra a incerteza e desespero causados pelo pecado.**

¹ (HENDRIKSEN, 2001, p.3).

² Termo usado especialmente na Teologia Reformada para afirmar que a Bíblia no seu todo não contém erros doutrinários, pois, a revelação da mesma foi obra do Espírito Santo nos corações dos santos servos de Deus (cf. 2Pe.1.20,21).

³ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.11)

Teologicamente falando, Romanos contém a apresentação mais lógica e abrangente do Evangelho. Agostinho, teólogo do século IV converteu-se lendo Romanos, o mesmo se deu com o reformador Martinho Lutero no século XVI. Séculos depois foi a vez de John Wesley que “aquecido de forma especial” quando ouviu a leitura do prefácio de Romanos escrito por Lutero.

II – AUTORIA

A maioria dos exegetas e peritos nos estudos do NT atribui a Paulo a autoria dessa carta. Argumentos contrários a autoria Paulina tais como: Lucas não menciona no livro de Atos o estabelecimento de uma igreja em Roma, e assim Paulo não poderia ter escrito uma carta aos romanos, não merecem nem mesmo consideração.

Os argumentos favoráveis à autoria de Paulo são classificados como: internos e externos.

II.1. Argumentos Externos

Em ordem do mais recente ao mais antigo destacamos⁴:

- ✓ Eusébio, o grande historiador eclesiástico, escrevendo no início do século VI, lista Romanos entre as “quatorze (sic!) cartas de Paulo”;
- ✓ Orígenes (210 – 250);
- ✓ Tertuliano (193-216);
- ✓ Clemente de Alexandria (190 – 200);
- ✓ O *Fragmento Muratoriano*⁵ (180 – 200) também atesta que Paulo é o autor de Romanos nas seguintes palavras (HENDRIKSEN, 2001, p.12): “*Ora, as epístolas de Paulo, quais são elas, donde e por que razão foram enviadas, elas mesmas esclarecem àquele que está disposto a entender. Antes de tudo, ele escreveu por extenso aos Coríntios...então aos Gálatas... e aos Romanos sobre a ordem das Escrituras, notificando também que Cristo é o principal tema nelas*”.
- ✓ Irineu (182 – 188) em seu livro “Contra Heresias III.XVI” citando o Rm.5.17 (assim como outros trechos de Romanos) sempre afirma: “*Paulo, falando aos romanos em...*”;
- ✓ Marcião (144 ano em que viajou para Roma), atribuiu a Paulo a autoria dessa carta, um dos poucos livros do NT que ele preservara no “seu próprio” cânon^{6 7}.
- ✓ Policarpo (155 ano do seu martírio), discípulo de João e bispo de Esmirna. Numa carta que ele escreveu aos filipenses, cita a carta *de Paulo* aos Romanos;
- ✓ Inácio, bispo de Antioquia em seu caminho para Roma e para o martírio, no início do século II, numa série de cartas que ele escreveu às igrejas, nas quais constava várias citações das cartas de Paulo, dentre elas a de Romanos;
- ✓ Clemente, bispo de Roma (século I), em sua carta que escreva aos Coríntios, mostra que várias vezes a pessoa de Paulo ligada à autoria de Romanos.

II.2. Argumentos Internos

Chegando o mais próximo possível da época de Paulo, encontramos o apóstolo Pedro afirmando:

⁴ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.13,14).

⁵ Este fragmento recebe este nome em função de ter sido publicado pelo Cardeal Ludovico A. Muratori (1672 – 1750), que o descobrira na Livraria Ambrosiana de Milão, contém a mais antiga lista dos escritos do Novo Testamento (HENDRIKSEN, 2001,p.12).

⁶ Para um estudo mais aprofundado sobre Marcião sugerimos a leitura do livro “Uma História do Pensamento Cristão – do início até o Concílio de Calcedônia” de Justos L. Gonzáles. Editora Cultura Cristã, 2004, pp.136-139.

⁷ (cf. GONZALEZ, 2004, vol.1, pp.135-137).

“e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igualmente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ¹⁶ ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles”.

Willian Hendriksen aponta para a semelhança que há entre as cartas de Pedro e as de Paulo, o que fica ainda mais evidente quando comparamos 1Pedro com Romanos:

Romanos		1Pedro
12.1	um sacrifício aceitável a Deus	2.5
12.2	não vos conformeis	1.14
12.3	como Deus concedeu a cada um	4.10
12.9	amor sem hipocrisia (ver o original)	1.22 (ver o original) ⁸
12.10	amor dos irmãos	2.17

III – DATA EM QUE ROMANOS FOI ESCRITA

Cerca de dez anos (entre 47 – 57 d.C) Paulo realizou intensa obra evangelística na região do Mar Egeu, concentrando-se na províncias romanas da Galácia, Macedônia, Acaia e da Ásia. Contudo fosse um “cidadão romano”, título muito importante que conquistara por nascimento, enquanto que muitos adquiriam por grande soma de dinheiro (At.22.25-29), Paulo não conhecia sua capital e nutria em seu coração intenso desejo de ir até lá e pregar o Evangelho.

Deve-se datar Romanos dentro do período compreendido pela terceira viagem missionária, quando o apóstolo estava empenhado a angariar fundos para a Igreja de Jerusalém. Quando Paulo escreveu 2Coríntios, enquanto viajava de Éfeso para Corinto, a coleta ainda estava incompleta (2Co.8.1-9). Na ocasião em que escreveu à igreja de Roma, esta coleta aparentemente já estava terminada (Rm.15.26-28). Portanto, assumimos que Paulo escreveu sua epístola aos Romanos estando na cidade de Corinto, enquanto permanecia ali por três meses, em 57 d.C, no final de sua terceira viagem missionária, antes de viajar para Jerusalém levando os donativos aos irmãos dessa cidade que estavam passando sérias necessidades (Rm.15.25; At.20.2-3)⁹.

IV – OS DESTINATÁRIOS – A IGREJA EM ROMA

A Igreja em Roma era composta basicamente de dois grupos: os judeus e os gentios. Uma questão que sempre surge nesse tópico é qual dos dois grupos predominava ali.

Desde os dias do ministério terreno de Cristo (26 a 30 d.C), no grupo daqueles que O seguia, estavam também os gentios (Mt.8.10, 11; cf. 21.41) e os samaritanos (Jo.4). Um pouco mais adiante, no livro de Atos, temos o Pentecostes. Neste dia em que estavam reunidas ali pessoas de várias nações (cf. At.2.5-11). Ainda em Atos vemos a intensa tarefa evangelística dos discípulos retomando as atividades inclusive na Samaria. A Filístia e, provavelmente, até mesmo a Etiópia ouviram o Evangelho (At.8).

Outro fator que contribuiu muito para a expansão do Evangelho foi o avançado sistema de estradas construídas pelo Império Romano, interligando por terra todas as regiões. As famosas Via Ápia, Via Cornélia, Via Aurélia, Via Valéria, etc, compunham este magnífico complexo viário.

⁸ Rm.12.10: th/| filadelfi,a| eivj avllh,louj filo,storgoi(th/| timh/| avllh,louj prohgoi,menoi(

1Pe.1.22: Ta,j yuca,j u`mw/n h`gniko,tej evn th/| u`pakoh/| th/j avlhqei,aj eivj filadelfi,an avnupo,kriton(evk İkaq kardi,aj avllh,louj avgaph,sate evktenw/j

⁹ (cf. NELSON, 2003, p.303).

Embora não existissem os modernos meios de comunicação como os nossos, os meios daquela época não deixavam nada a desejar, e guardadas as devidas proporções, eram muito eficientes.

O sistema naval da época era muito avançado também. As naus singravam os mares de um canto a outro trazendo e levando produtos para abastecer as populações. Roma tinha uma população que variava entre 1 milhão a 1,5 milhão de pessoas que precisavam ser alimentadas. Paulo fez uso freqüente desse tipo de transporte como nos mostra uma leitura simples em Atos.

As pessoas iam para Roma por ser ela a capital do Império. Com o fim de se estabelecerem a li, administrar seus negócios, ocupar-se da indústria, procurar uma profissão, estudar, ou até mesmo escapar da prisão, pis numa megalópole como Roma, esconder-se era bem mais fácil do que parecia ser.

Argumentando sobre o surgimento da igreja em Roma, Willian Hendriksen afirma¹⁰:

“Tornar-se-á evidente que, em seus primórdios mais antigos, a igreja romana teria sido, provavelmente, iniciada não (exceto indiretamente) por algum apóstolo, mas pela plebe composta de judeus e prosélitos que haviam testemunhado os milagres do Pentecostes e haviam, mais tarde, regressado a seus lares em Roma. É preciso enfatizar que esses ‘leigos’ eram *judeus* ou, em alguns casos, tinham, em determinada época, se convertido à religião *judaica*. Não causaria surpresa, pois, se descobríssemos que em seus próprios primórdios a igreja em Roma revelasse esse caráter judaico”.

A mesma argumentação, a saber, que a igreja romana teria como um dos principais fatores para o seu nascimento o Pentecostes, é sustentada também por F.F.Bruce^{11 12}:

“Conforme At.2.10, a multidão de peregrinos presentes em Jerusalém para a festa do Pentecoste do ano 30 A.D., e que ouviu Pedro pregar o Evangelho, incluía ‘visitantes procedentes de Roma, ‘tanto judeus como prosélitos’ (RSV). Não temos informação sobre se alguns deles estavam entre os três mil que creram na mensagem de Pedro e foram batizados. Talvez seja significativo que aqueles visitantes romanos são o único grupo europeu a receber menção expressa entre os peregrinos. Em todo caso, todos os caminhos levavam a Roma e, uma vez que o cristianismo estava firmemente estabelecido na Palestina e nos territórios circunvizinhos, era inevitável que fosse levado para Roma”.

Além disso, temos o registro de um pai latino do século IV, conhecido como “Ambrosiaster”, o qual na introdução de seu *Comentário sobre Romanos*, nos informa que a igreja romana foi fundada não pelos apóstolos, mas por certos cristãos judaicos que lhe impuseram uma “forma judaica”. Essa “forma judaica” o que está registrado em At.15.1; 21.17-24 com referência à igreja em Jerusalém¹³.

Quanto ao grupo predominante na igreja romana, Robert H. Gundry tende mais para os gentios do que para os judeus¹⁴:

“Alguns eruditos sustentam que a igreja de Roma era composta, principalmente, de cristãos judeus. Argumentam esses que a ênfase dada à nação judaica, nos capítulos nono a décimo primeiro, que o apelo ao exemplo de Abraão, que as citações extraídas do Antigo Testamento e que as passagens nas quais Paulo parece argumentar contra certas objeções tipicamente judaicas (...) subentendem que se tratava de uma congregação judaica. No entanto, de conformidade com os capítulos nove a onze, Deus *pôs de lado*, temporariamente, à nação judaica, *por causa dos gentios*, e por essa razão tais capítulos podem, bem pelo contrário, indicar que os leitores originais desta epístola eram, principalmente, gentios”.

¹⁰ (HENDRIKSEN, 2001, p. 29).

¹¹ (BRUCE, 2005, p.14).

¹² Além desses, citamos também J. Sidlow Baxter no seu livro “Examinai as Escrituras – Atos a Apocalipse.

¹³ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.30).

¹⁴ (GUNDRY, 1991, p. 325).

Depois de apresentar os argumentos que apóiam ambas as posições quanto ao assunto e também mostrar os argumentos contrários, Willian Hendriksen compartilhando da mesma posição de Gundry, diz^{15 16}:

“Minha conclusão, pois, é que (...) a maioria dos membros da igreja romana era composta de cristãos dentre os gentios, ainda que seja desconhecida a exata proporção de judeus em relação aos gentios”.

V – O TEXTO

Sempre que se estuda algum livro da Bíblia (especialmente do NT), surgem as questões textuais. Por exemplo: o texto grego utilizado para fazer as traduções que temos representa com fidelidade o que Paulo de fato escreveu à igreja em Roma?

Os que levantam essas dúvidas argumentam o seguinte:

- ◁ Nem todo manuscrito contém a frase “em Roma”, em 1.7 e 1.15. Em 1.7, uma variante substitui “*todos os amados de Deus*” por “*todos os amados de Deus, que estais em Roma*”. Também, no v.15, “em Roma” é, então, omitido.
- ◁ A bela doxologia “*Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar... seja a glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém*”, que em nossas bíblias aparece em Rm.16.25, em algumas fontes se encontra no final de Rm.14, e ainda em outras, no final de Rm.14 e Rm.16, e no papiro de Chester Beatty, no final de Rm.15.
- ◁ Os nomes listados na saudação de 16.3-15 apontam para membros da igreja de Éfeso e não da de Roma, pois: (1) como Paulo conhecia tanta gente em Roma se nunca esteve lá? (2) Priscila e Áquila estavam morando em Éfeso pouco antes disso (At.18.18,19; 1Co.16.19) e Epeneto é chamado “*as primícias na Ásia*”, ou seja o primeiro convertido a Cristo. Isso lembra Éfeso e não Roma. (3) O contraste entre as palavras de Rm.16.16-18 com o restante deste capítulo mostra que este capítulo fora destinado a outros leitores.

Willian Hendriksen responde a essas objeções da seguinte forma¹⁷:

- ◁ Quanto ao primeiro item: a omissão de “em Roma” é uma rara exceção. A frase “em Roma” conta com o apoio decisivo de manuscrito. Além disso, o contexto favorece a referência a um lugar definido. Note especialmente o v.10: “em todas as minhas orações, suplicando que, *nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de visitar-vos*”. Seria possível que o herege Marcião, que foi rejeitado pela igreja romana, tivesse algo que ver com a omissão dessa frase em 1.7, 15?
- ◁ Quanto ao segundo item: os melhores manuscritos favorecem 16.25-27 quanto ao lugar próprio para essa doxologia. Segundo o testemunho de Orígenes, foi Marcião que apagou em Romanos tudo a partir de 14.23. é bem notória sua atitude negativa em relação ao AT e seu “deus” ou “demiurgo”. Portanto, havia muitas afirmações no capítulo 15 que o desgostava. Ver especialmente v.4. Não obstante, Romanos deve ter uma conclusão apropriada. Portanto, não surpreende que a doxologia no final do capítulo 16 fosse transferida para o capítulo 14. Uma vez tenha início o processo de transferir uma passagem de um lugar para outro, onde terminará? Deve-se admitir, contudo, que não se conhece o motivo exato por que o manuscrito Chester Beatty colocou a doxologia no final do capítulo 15. Mas isso de forma alguma invalida o fato de que seu lugar no final do capítulo 16 é favorecido pela mais forte evidência dos manuscritos.

¹⁵ (HENDRIKSEN, 2001, p.35).

¹⁶ Sugerimos a leitura do Comentário de Romanos escrito pelo Dr. Willian Hendriksen, indicado na Bibliografia.

¹⁷ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.42).

◁ Quanto ao terceiro item: (1) Por causa do intenso e constante tráfico entre Roma e outras cidades, é razoável pressupor que o apóstolo tenha encontrado essas pessoas em suas viagens. Em uns poucos casos, ele poderia ter recebido ampla informação sobre elas por meio de amigos. Além do mais, o próprio fato de ele não ter estado em Roma pessoalmente torna tudo mais provável que, por meio de efusivas saudações àqueles que ele conhecia, desejasse ter um lugar no coração de toda a igreja romana. (b) Como se indicou previamente, Priscila e Áquila eram grandes viajantes. Além disso, por que seria irracional pressupor que teriam voltado ao lugar que haviam deixado antes, ou seja, Roma? Juntos com tantos outros, voltaram quando a ordem de expulsão não mais estava em vigor. e quanto a Epeneto, o fato de que era “*as primícias da Ásia*” seguramente não significa que tinha de permanecer na Ásia o resto de sua vida. (3) A advertência de 16.17,18 diz respeito a certos indivíduos definidos, provavelmente “os falsos mestres”, que estão sempre e em toda parte tentando destruir o reino de Deus. É muitíssimo claro, à luz do contexto, que Paulo não está negando à igreja de Roma sua estima favorável. Ver v.19.

VI – PROPÓSITO DA CARTA

Paulo sempre desejou visitar a igreja em Roma (cf. 1.10,11; 15.22). Mas, por questões adversas ele não pode realizar seu desejo (pelo menos no tempo da escrita da carta). Impossibilitado disso, então ele remete a carta à igreja, e faz isso por que os ama.

Comentando sobre esse ponto, W.Hendriksen diz¹⁸:

“É estranho que esta razão profundamente pessoal (anseio por comunhão, etc.), uma razão claramente formulada pelo próprio apóstolo, seja muito ignorada. Às vezes a ênfase é posta inteiramente na motivação teológica ou no incentivo missionário: Paulo deseja corrigir os erros antinomianos e/ou deseja fazer de Roma a sede missionária para a evangelização da Espanha. Certamente, essas questões são importantes, mas deve-se *começar* com a primeira razão declarada por Paulo nesta mesma epístola”.

Além disso, seu coração se encontrava aflita por duas questões, pelas quais Paulo pede aos crentes romanos que intercedam por ele junto a Deus: (a) ser morto pelos judeus rebeldes e que eram contrários a ele, (b) que os irmãos de Jerusalém vissem com bons olhos e recebessem com alegria o generoso donativo que ele trazia da parte dos *gentios*, Rm.15.31¹⁹.

É dito com freqüência que Romanos é um *compêndio teológico*. De fato, esta carta é riquíssima em seu conteúdo. Traz consigo uma gama de assuntos pertinentes não somente àquela igreja, mas a todas igrejas, todos os crentes de todos os lugares em todos os tempos. Contudo, Paulo não tinha em vista escrever um *compêndio teológico*. Ele tinha em mente corrigir, exortar e auxiliar a igreja em questões que precisavam de sua atenção. Os crentes romanos não estavam compreendendo bem as promessas de Deus a Israel, daí Paulo lhes orienta sobre o assunto como podemos ver nos capítulos 9 – 11. A questão dos alimentos puros *versus* os impuros precisava de mais esclarecimento (14.13-18) – um ataque frontal ao legalismo e cerimonialismo judaico.

Com relação às autoridades, a igreja precisava de instrução, exortação e admoestação e ele assim o fez, cap. 13 – vale lembrar como eram as autoridades civis daquela época!

Além disso, havia um grupo que se julgava “forte” e acusava outro grupo de ser “fraco”. Como um crente forte deveria tratar o que era mais fraco (14.1-12; 15.1-4)? Paulo ainda ressalta a importância das virtudes cristãs: amor, humildade, unidade, etc (12).

Quando levamos tudo isso em consideração quanto ao propósito de Paulo escrever esta carta, temos aqui um “mapa” da alma do apóstolo. Aquela visão fria de que ele apenas queria fazer

¹⁸ (HENDRIKSEN, 2001, p.38).

¹⁹ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.38).

de Roma a base missionária para alcançar a Espanha, uma visão um tanto quanto utilitarista e em nada parecida com seu desejo de ser uma bênção na vida daqueles irmãos com que ele queria repartir algum dom espiritual e desfrutar de intensa comunhão com eles (cf. 1.11,12). Não negamos a intenção de Paulo em ter ajuda para avançar com o Evangelho na Espanha; só não consideramos isso o único propósito da carta.

VII – O TEMA DE ROMANOS

No estudo de um livro da Bíblia é muito importante identificar um tema central, do qual o autor não se desviará em momento algum. Esse tema serve como um vínculo entre as partes do livro. Romanos teria um único assunto do qual Paulo não se desvia em momento algum? Conforme visto no ponto VI (Propósito da Carta) há uma gama de assuntos na carta, mas isso, não esconde e nem mesmo desvia a nossa atenção de um assunto que foi enunciado no início da carta o qual Paulo o desenvolverá em toda a carta.

A maioria dos comentaristas e exegetas da Palavra de Deus concorda com o seguinte tema: **Justificação mediante a Fé**. Observe que ele aparece inicialmente em 1.16,17 (o v.17 é uma citação de Hc.2.4), desenvolvido em 3.21-24,28 (aqui é desdobrado em “justificação pela graça mediante a fé”), refletido em passagens tais como: 5.1; 8.30-34; 9.30-32; 11.23-26; 16.26. Esse tema também é o de Gálatas. Compare os seguintes textos das duas cartas:

Romanos	Gálatas
1.17	2.16; 3.11
6.6-8	2.20
8.14-17	4.5-7
13.8	5.14
13.13,14	5.16,17
14.12	6.5

Sobre as diferenças entre as cartas, W. Hendriksen ressalta²⁰:

“Apesar da semelhança entre essas cartas, há de se ressaltar as diferenças entre elas. Romanos contem muito mais material que Gálatas. A diferença está também em como Paulo se dirige aos destinatários de ambas. Romanos expõe serenamente que para todo pecador, seja judeu ou gentio, há plena e gratuita salvação pela fé em Cristo, sem as obras da lei. Gálatas, num tom que não é nem um pouco sereno, e às vezes chega a ser veemente, defende esse glorioso evangelho contra seus caluniadores”.

VIII – ESBOÇO EXEGÉTICO

Para o desenvolvimento do nosso estudo de Romanos adotamos o esboço apresentado por Thomas Nelson em seu “Manual Bíblico de Mapas e Gráficos”²¹:

1ª Parte

A Revelação da Justiça de Deus (1.1 – 8.39)

1. Introdução (1.1-17)

1.2. Condenação. A Necessidade da Justiça Divina (1.18 – 3.20)

1.2.1. Culpa dos Gentios (1.18-32)

²⁰ (HENDRIKSEN, 2001, p.45).

²¹ (NELSON, 2003, p.304).

- 1.2.2. Culpa dos Judeus (2.1 – 3.8)
- 1.2.3. Conclusão: Todos são culpados perante Deus (3.9-20)

1.3. Justificação. A Imputação da Justiça Divina (3.21 – 5.21)

- 1.3.1. Descrição da Justiça (3.21-31)
- 1.3.2. Ilustração da Justiça (4.1-25)
- 1.3.3. Benefícios da Justiça (5.1-11)
- 1.3.4. Contraste entre Justiça e Condenação (5.12-21)

1.4. Santificação. A Ilustração da Justiça de Deus (6.1 – 8.39)

- 1.4.1. Santificação e Pecado (6.1-23)
- 1.4.2. Santificação e a Lei (7.1-25)
- 1.4.3. Santificação e o Espírito (8.1-39)

2ª Parte

A Defesa da Justiça de Deus (9.1 – 11.36)

2.1. O Passado de Israel. A Eleição de Deus (9.1-29)

- 2.1.1. Tristeza de Paulo (9.1-5)
- 2.1.2. Soberania de Deus (9.6-29)

2.2. O Presente de Israel. Rejeição de Deus (9.30 – 10.21)

- 2.2.1. Israel busca Justiça pelas obras (9.30-33)
- 2.2.2. Israel rejeita a Cristo (10.1-15)
- 2.2.3. Israel rejeita os Profetas (10.16-21)

2.3. O futuro de Israel. Restauração Feita por Deus (11.1-36)

- 2.3.1. A rejeição de Israel não é total (11.1-10)
- 2.3.2. A rejeição de Israel não é final (11.11-32)
- 2.3.3. Restauração de Israel. Ocasão para glorificar a Deus (11.33-36)

3ª Parte

A Aplicação da Justiça de Deus (12.1 – 16.27)

3.1. Justiça de Deus Demonstrada nos Deveres Cristãos (12.1 – 13.14)

- 3.1.1. Responsabilidade para com Deus (12.1,2)
- 3.1.2. Responsabilidade para com os irmãos na fé (12.3-13)
- 3.1.3. Responsabilidade para com os de fora, inclusive os inimigos (12.14-21)
- 3.1.4. Responsabilidade para com os Poderes Constituídos (13.1-7)
- 3.1.5. Responsabilidades para com o Próximo (13.8-10)
- 3.1.6. Responsabilidades para com o Senhor Jesus Cristo (13.11-14)

3.2. Justiça de Deus Demonstrada na Liberdade Cristã (14.1 – 15.13)

- 3.2.1. Princípios da Liberdade Cristã (14.1-23)
- 3.2.2. Práticas da Liberdade Cristã (15.1-13)

Conclusão

A. Alguns Motivos Pessoais de Paulo ao Escrever Romanos (15.14-21)

B. Planos de Viagem de Paulo (15.22-33)

C. Louvor e Saudações (16.1-27)

IX – SÍNTESE EXEGÉTICA DE ROMANOS

A frase-chave desta epístola é encontrada em 1.17: “*justiça de Deus*”. Esta frase engloba o próprio coração da epístola. Romanos foi escrita para demonstrar como o homem e a mulher pecadores podem receber a *justificação de Deus mediante a fé em Jesus Cristo*. O tema da justiça divina que corre ao longo do livro é refletido no seguinte esquema: a revelação da justiça de Deus (caps. 1 – 8); a defesa da justiça de Deus (caps. 9 – 11); e a aplicação da justiça de Deus (caps. 12 – 16). Dentro do contexto de seu tema, Paulo discute a necessidade de justiça divina que a humanidade pecadora apresenta (1.18 – 3.20); a imputação da justiça de Cristo sobre os seres humanos pecaminosos pela justificação (3.21 – 5.21), e a santificação dos redimidos (6.1 – 8.39). Além disso, Paulo discorre sobre a justiça de Deus revelada em sua fidelidade às promessas de sua aliança com Israel 9.1 – 11.36) e a justiça que os cristãos devem demonstrar uns para com os outros e também diante do mundo (12.1 – 16.27). Em sua apresentação abrangente do plano de salvação de Deus, Paulo vai da condenação para a glorificação, e da verdade teológica para o comportamento prático. Palavras-chave como *justiça, lei, fé, tudo e pecado*, aparecem, cada uma delas, pelo menos sessenta vezes no texto da epístola²²

²² (cf. NELSON, 2003, p.303).

ANÁLISE DE ROMANOS

1ª PARTE A REVELAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS (1.1 – 8.39)

1. INTRODUÇÃO (1.1-17)

Podemos dividir esse trecho (1.1-17) da carta em três partes respectivamente:

- A. Saudação peculiar de Paulo (1.1-7)
- B. Ação de graças e anseio de Paulo de visitar Roma (1.8-15)
- C. Tema Central da Carta: A Justificação pela Fé em Cristo (1.16,17)

Vamos ao texto!

A. A Saudação Peculiar de Paulo (1.1-7)

(1.1)

¹ Pau/loj dou/loj Cristou/ Vhsou/(klavop, stolovfwrisme, nojeivj euvagge, lioupeou/(
Paulo escravo (de) Cristo Jesus, chamado apóstolo tendo sido separado para (o) Evangelho (de) Deus

Paulo, escravo de Cristo Jesus, chamado (para ser) apóstolo, tendo sido separado para o Evangelho de Deus.

Nessas palavras iniciais encontramos não só uma identificação do autor. Aqui encontramos um homem que tinha convicção de quem ele era (“...*escravo de Cristo...*”), do seu chamado o qual era obra divina e não de sua vontade carnal (“*chamado para ser apóstolo*”), e do seu destino (“*tendo sido separado para o Evangelho de Deus*”).

Com “*escravo de Cristo*” Paulo indicava sua submissão completa e dependência absoluta de Cristo. Em nosso conceito ocidental de escravidão, o substantivo “escravo” soa agressivo aos nossos ouvidos, ainda mais se levarmos em conta que a escravatura em nosso país se tratava de algo involuntário, ultrajante e totalmente desumano. Como hebreu que era, Paulo estava familiarizado com o Antigo Testamento. “*Portanto, quando ele se apresenta como ‘doulos de Cristo Jesus’, está provavelmente refletindo passagens nas quais Abraão (Gn.26.24), Moisés*

(Nm.12.7), Josué (24.29), Davi (2Sm.7.5), Isaías (Is.20.3), etc, são chamados *servos de Jeová*²³. Portanto, como “escravo” Paulo “*está completamente à disposição do seu Senhor*”²⁴.

“...chamado (para ser) apóstolo...”. Um apóstolo²⁵ é alguém que é enviado para levar uma mensagem. O termo teve vários significados com o passar do tempo, mas, é com o Novo Testamento que ele adquire um cunho religioso, ou seja, alguém enviado por Deus para entregar a mensagem do Evangelho, a única mensagem que ele deveria entregar, pois ele sabia perfeitamente que ele “...tendo sido separado...” por Deus e pessoalmente comissionado por Cristo, assim o foi “...para o Evangelho de Deus”, o que aponta não só para a *finalidade* do chamado de Paulo, mas também (e principalmente) para o fato de que Deus é quem o separara para esse fim²⁶, não naqueles dias, mas, antes mesmo de seu nascimento²⁷ (Gl.1.15), como nos lembra F.F.Bruce: “*Todos os ricos e variados dons da herança de Paulo (judaico, grega e romana), e da sua educação foram predestinados por Deus com vistas ao seu serviço apostólico*”²⁸.

Ele tinha uma só mensagem: “...o Evangelho de Deus”, ou seja, a “Boa Nova” que conta o que Deus fez para salvar os pecadores. Com quanta facilidade nos esquecemos dessa característica da nossa mensagem, a saber, o Evangelho é uma notícia de alegria, não de uma alegria qualquer, mas, da verdadeira alegria que nasce quando recebemos pela fé a Cristo como o Senhor e Salvador de nossas almas! se a nossa pregação não traz essa característica, então há algo muito sério e urgente que precisa ser repensado.

(1.2)

² o] proephggei,lato dia. tw/n profhtw/n auvtou/ grafai/j a` gi,aij
que foi prometido de antemão por meio (de) os profetas Dele em (as) Escrituras Santas

o qual foi prometido (por Ele) de antemão por meio dos Seus profetas nas Santas Escrituras. Este “*Evangelho de Deus*” também foi prometido por Ele “...*de antemão por meio dos Seus profetas nas Santas Escrituras*”. Aqui Paulo nos remete para o Antigo Testamento. Qual a finalidade disso? Com toda certeza, ele aqui nos ensina:

- ✓ A considerarmos o Antigo Testamento, como “*Santas Escrituras*”, assim sendo
- ✓ Ele também nos ensina que essas *Escrituras* são *santas* por causa Daquele que no-las deu por meio de “*Seus profetas*”. Diante disso
- ✓ O *Evangelho* (a Boa Nova do nascimento, obra, morte e ressurreição de Cristo) é o cumprimento, a realização das profecias do Antigo Testamento. Ele torna o Antigo Testamento compreensível e realizado, e o Antigo Testamento dá credibilidade total a Deus pois, Ele cumpriu tudo o que prometera “*de antemão por meio dos Seus profetas*”. Como nos lembra W. Hendriksen: “*o Antigo é explicado pelo Novo, o Novo está contido no Antigo; o Novo está oculto no Antigo, e o Antigo está revelado no Novo*”²⁹.

(1.3,4)

³ peri. tou/ui`ou auvtou/ tou onome,nou evk spermatoDau.i.d kata. sa,rka(
acerca (de) o Filho Dele o que veio a ser de (a) semente de Davi segundo a carne

²³ (HENDRIKSEN, 2001, p.52).

²⁴ (BRUCE, 2005, p.59).

²⁵ avpo,stoldi, deriva do verbo avpo,te,llw que quer dizer: *enviar, despachar para longe numa comissão ou expedição* (GINGRICH-DANKER, 2001, p.31).

²⁶ avfwrisme,(o)jfori,zw é um nominativo masculino singular do particípio perfeito passivo, e significa: *demarcar, separar por uma fronteira*. A ausência de artigo com as palavras no verso 1 indica natureza ou qualidade (RIENECKER – ROGERS, 1988, 255).

²⁷ O que equivale ao mesmo que dizer “*antes da fundação do mundo*”, expressão essa que não somente Paulo, mas outros escritores sagrados fazem uso constante.

²⁸ (BRUCE, 2005, p.59).

²⁹ (HENDRIKSEN, 2001, p.56).

4 tou/ o`risqe,ntoj ui`ou/ qeou`evn duna,mei kata.pneu/ma`giwsu,nhj evx
O que foi efetivamente declarado Filho de Deus em poder segundo (o) Espírito de santidade por meio
avnasta,sewjnekrw/n`Ihsou/ Cristou/ tou/ kuri,ou h`mw/n(
(da) ressurreição (dos) mortos, Jesus Cristo o Senhor de nós

com respeito ao Seu Filho, o qual nasceu da semente de Davi, segundo a carne, e que foi declarado Filho de Deus, investido de poder segundo o Espírito de santidade por meio da ressurreição dos mortos, Jesus Cristo o nosso Senhor

Há divergência entre os intérpretes da Bíblia quanto à disposição das palavras na tradução destes versos³⁰. Contudo, cremos que a nossa tradução contempla o sentido original das palavras.

No v.3 quando fala sobre Jesus, Paulo aponta para Sua divindade (“...*Seu Filho...*”) e para sua natureza humana (...*o qual nasceu da semente de Davi, segundo a carne...*). Essa é sem dúvida algumas umas das mais importantes doutrinas cristãs. Jesus Cristo é o Deus-Homem. Não podemos em momento algum inferiorizar uma em detrimento da outra (veja também Cl.2.9). Ele assumiu a natureza humana sem renunciar à Sua natureza Divina. É um erro pensar que Ele deixou de ser Deus quando se encarnou. Em momento algum Ele deixou de declarar-se Divino (Jo.8.21-59). Quando a Bíblia diz que ele “...*se esvaziou...*” (Fp.2.5-11), refere-se ao fato Dele ter deixado o Céu de Glória para viver neste mundo como um de nós. Porém, Ele não deixou de ser Deus!

Contudo, somente alguém que fosse de semente humana (“...*nasceu da semente de Davi, segundo a carne...*”) poderia ser nosso representante diante de Deus. Mas neste mundo não havia (e não há) um justo sequer (3.10). Sobre esse assunto veja o comentário de Rm.5.

A Teologia chama esse período que vai da encarnação do Verbo até à sua morte, de *Estado de humilhação*. Esse estado de humilhação não poderia durar eternamente. Por isso somos informados de que Ele ressuscitou dentre os mortos: *que foi declarado Filho de Deus, investido de poder segundo o Espírito de santidade por meio da ressurreição dos mortos, Jesus Cristo o nosso Senhor*. Ele foi “...*declarado Filho de Deus...*”, o verbo *declarar* aqui vem do grego o`risqe,ntoj (o`rjzv)³¹. Pelo fato desse particípio estar na voz passiva, fica claro que a declaração de que Jesus é o Filho de Deus não foi um ato de usurpação de Jesus, mas, sim um ato da livre vontade e aprovação do Pai (cf. Fp.2.9-11).

Também somos informados neste verso do *meio* que Deus usou para fazer tal declaração: “...*investido segundo o Espírito de santidade por meio da ressurreição dos mortos...*”. Este estado de humilhação durou até à Sua ressurreição. A ressurreição foi o primeiro passo importante em sua jornada para a glória. Em seguida veio a ascensão, coroação e o derramamento do Espírito Santo³². Foi pelo poder do Espírito Santo (“...*Espírito de santidade...*”) que Ele foi ressuscitado.

Quanto ao “*Espírito de santidade*” W. Hendriksen diz^{33 34}:

³⁰ W.Hendriksen por exemplo, dispõe assim: “*com respeito a seu Filho, o qual segundo a carne, nasceu da semente de Davi, mas, pela virtude do Espírito de santidade, por meio da ressurreição dos mortos, designado para ser o Filho de Deus investido de poder, a saber, Jesus Cristo nosso Senhor*”. Oswald D. de Lacerda: “*sobre o seu Filho, que surgiu de semente de David, segundo carne, do Que foi determinado Filho de Deus, com poder, segundo um espírito de santidade de ressurreição de mortos, de Jesus Cristo, nosso Senhor*”. F.F.Bruce: “*com respeito a seu Filho, o qual segundo a carne veio da descendência de Davi e foi poderosamente demonstrado Filho de Deus segundo o espírito de santidade*”.

³¹ o`risqe,ntoj um genitivo masculino singular do particípio do aoristo passivo. Dessa palavra origina a nossa palavra *horizonte*. O seu significado aqui no texto é: demarcar a fronteira, decretar, apontar, indicar (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.255). Preferimos traduzir por *declarar*, pois, Deus O declarou Seu Filho, e como o sol que se revela no horizonte, tal verdade nos foi revelada, a saber, Cristo foi declarado por Deus como Seu Filho.

³² (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.58).

³³ (HENDRIKSEN, 2001, p.59).

³⁴ F.F.Bruce discorda dessa interpretação. Para ele: “*É obvia a antítese entre ‘segundo a carne’ e ‘segundo o espírito’.* Mas quando Paulo estabelece o segundo termo desta antítese, esclarece a que ‘espírito’ se refere acrescentando o

“Ora, Romanos 1.4 nos informa que essa manifestação da virtude de Cristo com poder foi realizada pelo ‘Espírito de santidade’. Este ‘Espírito de santidade’ não deve ser identificado com o elemento *espiritual* em oposição ao elemento *físico* na natureza humana de Cristo, ou com sua natureza *divina* contrastada com sua natureza *humana*, mas com o Espírito Santo, a terceira pessoa da divina Trindade”.

Dessa forma temos aqui a ação da Trindade Santa: o Filho sendo (passivamente) ressuscitado pelo Pai por meio do Espírito Santo. É importante lembrarmos que o Espírito Santo desempenhou papel fundamental na obra salvífica que Cristo realizou. Ele esteve presente no momento da concepção (Lc.1.35), enchendo-O (a Cristo) de poder (Lc.4.1) e sem medida fora dado a Cristo (Jo.3.34).

Ainda é muito importante destacar que a ressurreição de Cristo foi o ato visível pelo qual Deus demonstrou a todos que o sacrifício de Seu Filho fora aceito por Ele como pagamento pela nossa dívida (At.17.31). Voltaremos a falar sobre a ressurreição em 8.11.

(1.5)

⁵ diV ou evla,bomeca,rin kai. avpostolh.eivj u`pakoh.pi,stewj evn pa/sin toi/j
através de quem recebemos graça e apostolado para obediência (da) fé em todas as

e;qnesinu`pe.rtou/ ovno,matoj auvtou/(
gentes sobre o nome Dele

através de que recebemos graça e apostolado, pelo Seu Nome, para obediência da fé entre todos os gentios.

Como já foi visto v.1, Paulo tinha plena consciência de que fora chamado por Deus para ser apóstolo. Aqui quando ele menciona as palavras “*graça e apostolado*” (ca,rin kai. avpostolh.n juntas tencionou mostrar que recebera de Cristo a graça (o dom excelente) do apostolado, é o que os exegetas chamam de *hendíadis*³⁵. Ele via o seu apostolado como algo sublime, honroso e prazeroso, pois atuava “*pelo Seu Nome*” ou seja, pelo nome de Cristo.

O seu apostolado “...*entre todos os gentios...*” foi dado pessoalmente a ele por Cristo. Em At.9.15, o Senhor falou a Ananias que Paulo era para Ele “...*um instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel*”. Depois, em At.26.15-18, Paulo narra esta visão repetindo que ele havia sido escolhido por Cristo e também designado Seu apóstolos aos gentios e israelitas. Ele sempre enfrentou oposição daqueles que sempre duvidaram do seu chamado, mas, sempre se defendeu com convicção de que fora o próprio Cristo quem o chamara para tal.

O propósito do seu apostolado era conduzir os gentios à “*obediência da fé*”, é o que nos indica a preposição eivj que demonstra o *propósito* de alguma coisa, no caso aqui, do chamado de Paulo para ser apóstolo (enviado) aos gentios, *para* levá-los à “*obediência da fé*”. Importante observar outra preciosa verdade aqui: não basta ter fé, é preciso ter obediência para com a fé que se professa. Uma pessoa não pode possuir fé genuína se não possuir obediência e vice-versa.

(1.6)

⁶ evn oij evste kai. u`mei,kjlhtoi. Vlh sou/Cristou/(
em os quais sois também vós chamados (de) Jesus Cristo

genitivo ‘de santidade’. O ***espírito de santidade*** é a maneira hebraica normal de dizer: ‘o Espírito Santo’. E aqui Pauloreproduz em grego a expressão idiomática hebraica.

³⁵ Figura de linguagem em que “*um* por meio de *dois*”, ou seja: *um* conceito é expresso por meio de *dois* substantivos conectados por “e” (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.61).

dentre os quais, sois também vós chamados (para serdes) de Jesus Cristo. Aqui Paulo mostra àqueles irmãos (e a todos os crentes) que os filhos de Deus primeiramente, são chamados por Deus para receberem a salvação pela graça por meio da fé em Cristo – é a Soberania de Deus chamando e salvando os que Ele quer. Mas, do outro lado está a resposta destes que foram chamados, os quais receberam a graciosa salvação em Cristo – é a Responsabilidade humana. Eis aqui um assunto que causa estranheza a muitos: a Soberania de Deus e a Responsabilidade humana. Muitos perguntam: “Até que ponto Deus é soberano se o homem tem responsabilidade em sua salvação, e até que ponto o homem é responsável se Deus é soberano e determina tudo?”. Certa vez, perguntaram a Charles Spurgeon, o grande teólogo e pregador batista, como ele conciliava essas duas verdades. Ele respondeu: “Simplesmente, não tento fazer. Não reconcilio amigas”. De fato, não temos aqui um assunto contraditório, mas, sim, “dois lados da mesma moeda”.

Temos aqui em 1.6 mais uma evidência de quem eram os destinatários originais da carta. Eram gentios. Unindo os v.5 e 6, temos aqui também mais uma afirmação do apóstolo de que ele tinha não só o dever, mas, também o direito de se dirigir a eles, pois, foi para esse fim que fora chamado por Cristo.

(1.7)

⁷ pa/sintoi/j ou=sin evn ~Rw,mh| avgaphtoi/j klhntoi/j a`gi,oij(ca,rij u`mi/n kai. eivrh,nh
a todos os que estais em Roma amados (de) Deus chamados santos, graça a vós e paz

avpo. qeou/ patro.j h`mw.kai. kuri,ou Vlhsou/ Cristou/Å
da parte (de) Deus Pai de nós e (do) Senhor Jesus Cristo

a todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados (para serdes) santos, graça e paz da parte de Deus nosso Pai e (da parte) do Senhor Jesus Cristo.

Com relação à expressão “...em Roma...”, já discutimos sobre isso no ponto V da introdução dessa apostila. Paulo continua mostrando a maravilhosa obra da Soberania de Deus em salvar os pecadores. Deus chamou-nos por que somos “...amados de Deus...”. É um equívoco pensar que Deus sabia desde dos tempos eternos os que haveriam de recebê-Lo como salvador e por isso os escolheu³⁶. A base da nossa Eleição não é o conhecimento prévio de Deus, mas, sim, o Seu amor. Ele nos amou apesar de sermos pecadores, ou como veremos em Rm.5.8, Ele nos amou apesar de sermos pecadores. E o Seu amor por nós se deu desde tempos eternos. Esse assunto será várias vezes abordado no decorrer desta carta.

Aqueles irmãos (assim como todos os crentes) foram amados e chamados por Deus com um propósito: “...chamados para serdes santos...”. Paulo afirma algo glorioso para o crente: todo crente, todo aquele que tocado pelo Espírito Santo, percebeu sua culpabilidade e devassidão, estando agora diante de tão grande salvação, rendeu-se a Cristo pela fé, também é despertado em sua consciência de que fora separado *por* e *para* Deus. Com o seu conhecimento do Antigo Testamento Paulo alude aqui à consagração das pessoas e objetos no tabernáculo e posteriormente no templo de Jerusalém. Deus havia escolhido um homem (Abraão) para formar uma nação escolhida (Israel) da qual descenderia o Seu Escolhido que viria salvar os Seus escolhidos. A nossa santidade é fruto da escolha (separação) feita por Deus.

Os que foram chamados por Deus para viverem em santidade de vida desfrutaram da “*graça e paz da parte de Deus, nosso Pai...*” as quais (graça e paz) também são “...*da parte do Senhor Jesus Cristo*”³⁷. Temos aqui a combinação da saudação grega Cai/rh(alegria) e a hebraica

³⁶ Os que assim pensam usam como base 1Pe.1.2, entendendo que esse termo traz a idéia de “conhecimento prévio das coisas”. De fato, Deus conhece o fim desde o princípio, mas, “presciência” é muito mais que a capacidade de conhecer as coisas; é acima de tudo a capacidade de determinar os fatos (cf. At.2.23).

³⁷ Em nossa tradução para o Português fica impressão que o final desse verso indica a filiação Divina de Cristo, como se o verso estivesse dizendo que: “...*Deus nosso Pai...*” e também Pai “...*do Senhor Jesus Cristo*”. Contudo, o texto

~Alv(Shalom – paz). Entretanto essas duas saudações foram unidas por Paulo, mas foram ao mesmo tempo transformadas numa só saudação distintamente cristã. Note, nesse contexto, que cai/rhfoi transformada em ca,rij (graça). A graça traz paz, pois Deus em Cristo, se reconciliou com aqueles que se fizerem Seus inimigos. Voltaremos a este assunto em Rm.5.

Ao mencionar que a “*graça e paz*” são da parte de Deus e também da parte de Jesus Cristo, Paulo mostra o lugar que Cristo ocupava em sua mente, bem como o lugar que Ele ocupa no culto cristão: junto ao Pai!

B. Ação de Graças e Anseio de Paulo de Visitar Roma (1.8-15)

(1.8)

⁸ Prw/ton me.n euvcaristw| qeou| dia. Vhsou/ Cristou|peri. pa,ntwn
Primeiramente com certeza agradeço bem ao Deus meu através de Jesus Cristo acerca de todos

u`mw|nti h` pi,stij u`mw|katagge,lletai evno[lw| tw/| ko,smw|Å
vós porque a fé vossa está sendo anunciada em todo o mundo

Primeiramente, sou muito grato ao meu Deus, por meio de Jesus Cristo acerca de todos vós, porque a vossa fé é anunciada em todo o mundo.

Como nos lembra W.Hendriksen, para Paulo Deus não era uma abstração, mas um Amigo real, com quem ele se relacionava na mais intensa e profunda gratidão³⁸.

Essa gratidão tinha *um meio* de sua expressão: “...*por meio de Jesus Cristo...*”, pois foi por meio de Jesus Cristo que as bênçãos foram recebidas, e por meio Dele o retorno deve ser ações de graça. “*Esse círculo nunca deve ser quebrado! As bênçãos divinas, descendo do céu, sobem de volta ao céu na forma de grato reconhecimento*”³⁹.

O *objeto* dessa gratidão: “...*acerca de todos vós...*”. É impressionante a forma como Paulo se relacionava com aqueles por quem tinha responsabilidade como apóstolo. Ele sempre os trazia em suas orações como fica claro em todas as cartas que ele escreveu. A prática da gratidão e intercessão uns pelos outros, em especial dos líderes para com o rebanho do Senhor é indispensável na vida da Igreja de Cristo.

Em terceiro lugar temos o *motivo* da gratidão de Paulo: “...*porque a vossa fé é anunciada em todo o mundo*”. Duas verdades precisam ser destacadas aqui. A primeira diz respeito à geografia e a segunda, ao bom testemunho. Geograficamente falando, Roma era a capital do império, por essa razão o trânsito de pessoas de todas as partes do mundo era intenso ali. Por isso a fé desses irmãos foi proclamada em todo mundo enfocando o bom testemunho que eles davam. O que ele fora chamado para fazer conforme descrito no v.5 (levar os gentios à obediência da fé) estava vendo o resultado na vida desses irmãos, embora não tivesse estado com eles até então. Isso nos mostra que quem leva um coração à obediência da fé é o Espírito Santo e não nós. Nossa parte é pregar e viver com fidelidade o Evangelho, enquanto isso o Senhor nos fará colher o que outros plantaram, e plantarmos para que outros colham.

(1.9,10)

⁹ ma,rtuj ga,r mou, evstin o` qeou| latreu,w evn tw/| pneu|maté|vntw/| euvaggeli,w|
Testemunha pois minha é o Deus, a Quem adoro em o espírito de mim em o Evangelho

tou/ ui`ou/ auw|ou/ãvdialei,ptwjmnei,an u`mw/n poiou/mai
do Filho Dele, como incessantemente lembrança de vós faço

grego deixa bem claro que não é isso que Paulo está dizendo, mas sim, que a “*graça e paz*” são tanto da parte de Deus Pai como da parte de Jesus Cristo, nosso Senhor, conforme indicam os genitivos qeou,kuri,ouVhsou/ Cristou/

³⁸ euvcaristw| euvcaristw| traz consigo o sentido de *agradecer intensamente, efetivamente*.

³⁹ (HENDRIKSEN, 2001, p.68).

¹⁰ pa,ntotēēvpi.tw/n proseucwrou deo,menoj epwj h;dh pote.
sempre sobre as orações de mim, rogando se talvez em boa hora em algum tempo

euvodwqh,somaievn tw/| qelh,matq̄eou/ evlqeiþro.j u`ma/jÅ
trilharei um bom caminho em a vontade do Deus ir para com convosco

Pois, minha testemunha é Deus, a Quem adoro no meu espírito, no Evangelho do Seu Filho, como incessantemente faço lembrança de vós sempre nas minhas orações, rogando que, se talvez, em boa hora, tenha na vontade de Deus, ocasião para ir (ter) convosco.

“Pois Deus é minha testemunha...”, querendo mostrar aos irmãos em Roma o seu forte desejo de visitá-los, mas que até então fora impedido de fazê-lo, Paulo apela para o Deus que não pode mentir e que conhece as intenções dos corações, invocando-O como sua testemunha.

A este Deus a quem ele invoca como sua testemunha, é o mesmo de quem diz “...a quem adoro no meu espírito...”. O verbo latreu, vé traduzido por “servir, servir a uma divindade, serviço espiritual”⁴⁰. É o mesmo que adorar. Quando ele disse que adorava a Deus “...em meu espírito...”, estava dizendo o mesmo que “de todo o meu coração”.

“...no Evangelho de Seu Filho...”, com certeza se trata da pregação do Evangelho. Mas, não devemos limitar essa expressão somente à prática da pregação. Quando Paulo orava a Deus pelas vidas que foram alcançadas pelo Evangelho, ou pelas que haveriam de ser alcançadas, quando confortava um irmão por meio da Palavra, e especialmente, quando dedicava a Deus todos os seus dons e talentos, estava não somente, servindo a Deus de todo o seu coração como também vivendo o Evangelho de forma plena e completa. Sobre o substantivo euvaggeliou (euwagge,lion) o mesmo descreve toda a vida e ministério do Senhor Jesus, assim como Sua morte, ressurreição, ascensão, glorificação, derramamento do Espírito Santo e intercessão por nós.

“...como incessantemente faço lembrança de vós sempre nas minhas orações, rogando que, se talvez, em boa hora, tenha na vontade de Deus, ocasião para ir (ter) convosco”. Nesta sentença observamos duas verdades preciosas. Em primeiro lugar vemos a **extensão da intercessão** de Paulo. É de se esperar que ele intercedesse pelos seus “filhos na fé” como sempre o vemos fazendo em outras cartas dirigidas à comunidades que foram “plantadas” por ele. Porém, no que diz respeito à igreja em Roma como vimos anteriormente, ela não nasceu do trabalho direto do apóstolo Paulo como foi com outras comunidades. Paulo intercedia pela “família da fé” e não somente por alguns grupos seletos. Em segundo lugar, vemos nesta sentença a **intenção da intercessão** de Paulo, que era obter do Senhor a aprovação para visitar aqueles irmãos. A oração é sem dúvida alguma um dos meios mais eficazes de demonstrarmos a nossa total dependência de Deus (Pv.16.1). muitas dores e desgostos poderiam ser evitados em nossa vida se aprendêssemos o quanto antes a usarmos a oração como expressão da nossa dependência de Deus e de Sua soberania sobre nosso coração.

(1.11,12)

¹¹ evpiqow/ga.r ivdei/n u`ma/j((na ti metadwca,rismau`mi/pneumatiko.n
Desejo sobre pois ver (a) vós, a fim de que algum compartilhe dom a vós espiritual

eivj to. sthricqh/nai u`ma/j(
para o seiais confirmados vós

¹² tou/tōe, evstin sumparakhqh/naēvnu`mi/rdia. th/j evnavllh,loij pi,stewj
isto porém, é encorajado mutuamente entre vós através de a em uns aos outros fé

u`mw/te kai. evmou/Å
de vós tanto quanto de mim.

⁴⁰ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.255).

Anseio pois, ver-vos, a fim de que algum dom espiritual eu compartilhe convosco para que vós sejais confirmados.

Paulo orava intensamente por aqueles irmãos e por uma ocasião propícia para visitá-los. Isso intensificava ainda mais em seu coração um forte desejo de ver aqueles irmãos. Quando disse: “Anseio...”, o verbo $\epsilon\upsilon\pi\iota\pi\omicron\upsilon\omicron\epsilon\upsilon\pi\iota\pi\omicron\upsilon\epsilon\iota$ por causa da preposição que indica a direção do desejo de Paulo: visitá-los “...a fim de que algum dom espiritual eu compartilhe convosco...”. Ele não estava aqui se referindo a algum dom carismático específico, como por exemplo, o falar em línguas. Ele aqui se referia ao fortalecimento espiritual em geral, que acontece por meio da comunhão do crente com Deus e com os irmãos. Prova disso é o verbo $\sigma\theta\eta\rho\iota\sigma\theta\eta\iota$ que está no infinitivo aoristo passivo. “O passivo indica que é Deus quem irá fortalecer. A construção com passivo é comum na NT e é denominada por alguns exegetas de ‘passivo divino’, pois denota que o sujeito da ação é Deus. O infinitivo é usado com preposição para expressar propósito”⁴¹. Assim torna-se claro que Paulo desejava de todo o seu coração o crescimento contínuo daqueles irmãos conforme se expressa nas palavras “...para que vós sejais confirmados”. Crescimento espiritual envolve também a confirmação por meio de uma vida cheia de frutos.

Isto é, estando entre vós, encorajarmo-nos uns aos outros por meio da fé, tanto da vossa quanto da minha. Temos aqui a expressão da verdadeira comunhão. Ela se despe da arrogância e prepotência. O experiente Paulo sabia que tinha muito a dar àqueles irmãos, mas, também, muito a receber. Como alguém disse com muita propriedade: “Ninguém é tão pobre que não tenha o que dar, e nem tão rico que não necessite receber”. Paulo tanto levaria conforto àqueles corações como também receberia deles encorajamento para continuar seu ministério (como veremos em 15.24,28 seu desejo de ser enviado à Espanha, ele precisaria de ajuda).

(1.13)

¹³ ouv qe,lw de. u`ma/ǰavgnoei/na(vdelfoi,(o[p[olla,kij proeqe,mhēv/lei/n pro.j u`ma/j(Não desejo, porém vós não conhecer, irmãos, que muitas vezes pus diante ir para vós kai. evkwlu,qhncri tou/ deu/rdi(na tina. karmo.n scw/kai. evn u`mi/rkaqw.j e fui impedido até o aqui, a fim de que algum fruto tenha também em vós assim como kai. evn toi/j loipoi/j e;qnesin. Também entre as demais gentes.

Porém, não quero irmãos que ignoreis que muitas vezes me propus ir ter convosco – e fui impedido até agora – a fim de que tenha algum fruto também em vós assim como também entre os demais gentios.

Usando um *litote*⁴², Paulo quis que os crentes romanos tomassem nota especial do fato de que ele quis ir vê-los várias vezes (“...muitas vezes me propus ir ter convosco...”) mas, que até então fora impedido. As causas desse impedimento podem ter sido várias, mas, acima de tudo está a soberana mão de Deus à qual Paulo se submete sem ficar frustrado ou rebelde à ela.

Ele dirige-se a eles chamando-os de *irmãos* ($\alpha\upsilon\delta\epsilon\lambda\phi\omicron\iota$) substantivo este que aparece mais de cem vezes nas cartas de Paulo, e aqui em Romanos pelo menos dezenove vezes⁴³. Sempre aqui em Romanos aparece com o significado de *irmãos em Cristo*, ou *família da fé*.

“...a fim de que tenha algum fruto também em vós assim como também entre os demais gentios”. Como visto anteriormente, a igreja em Roma nasceu não do trabalho direto de Paulo como foi com outras igrejas. Contudo, Paulo queria muito “colher alguns frutos”, ou seja,

⁴¹ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.255).

⁴² Uma figura de linguagem na qual algo é expresso e ainda enfatizado pela negação de seu oposto. Por exemplo: “não pouco” pode significar “muitos” ou mesmo “muitíssimo”.

⁴³ Este número corresponde às diversas formas: dativo, genitivo, nominativo acusativo, singular e plural.

presenciar algumas conversões ali em Roma fruto do seu trabalho. Estaria ele aqui querendo deixar uma marca de seu ministério ali, para dizer que ele também contribuiu com o crescimento da igreja em Roma? Não sabemos o que vai ao coração das pessoas, mas, a julgar pelo o que Paulo demonstrou o tempo todo em sua vida, a saber, Cristo acima de tudo, sendo glorificado em tudo, e recebendo toda a glória que Lhe é devida, fica difícil vermos em Paulo um desejo de autopromoção. A frase então deve ser entendida como expressão do desejo de Paulo de ver outras vidas receberem ao Evangelho de Cristo e por Ele serem salvas. Seria muito bom para todos os crentes esse mesmo sentimento. Nas palavras de Lutero: “Trabalhar como se tudo dependesse de mim, e orar confiando sabendo que tudo depende de Deus”.

(1.14,15)

¹⁴ {Ellhsi,n te kai. barba,roj(sofoi/te kai. avnoh,toiþvfeile,thj eivmi,(
A gregos tanto quanto bárbaros, a sábios tanto quanto a ignorantes devedor sou

¹⁵ ou[twjtõ. katV evpro,qumorkai. u`mi/toi/j evn~Rw,mhþuvaggeli,sasqaiÅ
Assim, o por mim pronto também a vós os em Roma anunciar as Boas Novas.

Sou devedor a gregos tanto quanto a bárbaros, a sábios tanto quanto a ignorantes. Assim, por mim, estou pronto a anunciar o Evangelho também a vós em Roma.

Usando de um paralelismo “gregos e bárbaros (...) sábios e ignorantes” no qual ele explica o primeiro termo com o segundo, Paulo se dirige aos crentes que habitam *em Roma*. Mas, então porque os chama de *gregos*? Por certo Paulo tinha em mente que aquelas pessoas haviam assimilado toda a cultura grega, tanto no pensamento quanto na escrita (o fato dele lhes escrever em grego indica que eles compreendiam perfeitamente o idioma e a cultura grega). Quanto ao adjetivo *bárbaros* ele apontava para pessoas *ignorantes, incultas*. “*Aquele que não fala o grego corretamente; alguém que fala uma língua ininteligível quando aplicada a pessoas que não usam o grego familiarmente, e, assim, eram vistas como incultas*”⁴⁴. William Hendriksen comentando esse adjetivo diz:

“Ora, sempre que uma pessoa de fala grega ouvia a conversação de um estrangeiro, o palavrório ininteligível deste lhe soava como *brrrbrrr*. E assim ela denominava o estranho de *bárbaro*. Alguns desses bárbaros eram, indubitavelmente, pessoas de inteligência inferior, ou *eram assim consideradas pelos ‘gregos’*”.

Mas, o mesmo Evangelho que alcança um grego cheio da sabedoria e orgulho humanos é o mesmo que alcança um bárbaro ignorante e inculto aos olhos dos que se acham sábios. *O Evangelho coloca a todos no mesmo nível, a saber, todos são pecadores e são desesperadamente necessitados da glória de Deus (3.23).*

Paulo se sentia um *devedor* a todos estes. Mas, a que dívida ele se refere? Certamente está falando aqui da responsabilidade que Deus lhe outorgara de pregar o Evangelho aos gentios. Assim como ele desejava colher algum fruto (ver alguns convertidos a Cristo por instrumentalidade sua) sabia muito bem que lhe competia anunciar o Evangelho a quem quer que fosse e por isso mesmo disse: “*Assim, por mim, estou pronto a anunciar o Evangelho também a vós em Roma*”.

C. Tema Central da Carta: A Justificação pela Fé em Cristo (1.16,17)

Este é o terceiro ponto da parte introdutória da carta aos Romanos. Aqui encontramos o tema central da mesma, tema este que permeará toda a carta (veja *Introdução, VII*).

(1.16,17)

⁴⁴ (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.256).

¹⁶ Ouv ga.r evpaiscu,nomab. euvagge,liou(namijga.r qeou/ evstineivj swthri,an
 Não pois, tenho vergonha sobre o Evangelho, poder pois (de) Deus é para salvação

panti. tw/| pisteu,onti(Vloutai,wprw/ton kai. {EllhniÅ
 a todo o que crê, a judeu tanto primeiramente quanto a grego.

¹⁷ dikaios,nh ga.rqeou/ evnauvtw/| avpokalu,ptetai evk pi,stw,j in(kaqw,j ge,grap,tai
 Justiça pois (de) Deus em ele é revelada de fé para fé como foi escrito:

o` de. di,kaioj evk pi,stw,j zh,setaiÅ
 o porém justo de fé viverá.

Não tenho pois, vergonha do Evangelho, pois (ele) é o poder de Deus para a salvação de todo o que crê, tanto do judeu, primeiramente, quanto do grego. Como vimos no v.15, Paulo estava pronto para pregar o Evangelho. Essa prontidão em seu coração era fruto do seu amor por Cristo e do zelo que ele tinha para com o Seu Evangelho. Esse amor e zelo afastavam de seu coração qualquer coisa que pudesse fazê-lo sentir vergonha do Evangelho. Contudo, o maior motivo para não se sentir envergonhado com a tarefa da pregação do Evangelho era que o mesmo “...*é o poder de Deus para a salvação de todo o que crê...*”. Os romanos viviam se gabando do seu poderio militar com o qual dominavam o mundo de então. Mas, Paulo, lembra os crentes romanos que o Evangelho de Cristo, o qual ele proclamava era (e é) infinitamente superior a qualquer poder neste mundo, e até mesmos do que todos os poderes deste mundo e de todo o universo juntos. Pois qual força neste mundo tem o poder de transformar um coração? Tal transformação não ocorre por merecimento próprio, ou por uma conquista individual, mas sim, *por meio da fé*, pois, o Evangelho de Cristo é o único que pode salvar “...*todo o que crê...*”. William hendriksen nos lembra que o poder do homem *destrói*, mas o poder de Deus *salva*. Por isso mesmo na *fé* está incluso: a confiança, segurança, o reclinar-se nos braços de Deus, a convicção (Hb.11.1) de que, por meio de Cristo e seu sacrifício expiatório, meus pecados estão perdoados, meu débito está cancelado, e que, agora fui adotado como filho do Rei⁴⁵.

O “*poder de Deus*”, a saber, o *Evangelho* é a salvação “...*tanto do judeu, primeiramente, quanto do grego*”. O advérbio “*primeiramente*” (prw/ton) é muito importante aqui. Ele revela a ordem histórica divinamente planejada. Foi através dos judeus que vieram o Salvador, as Alianças, a Palavra Revelada (9.1-5)⁴⁶. Eles foram incumbidos por Deus de serem o “canal” dessas bênçãos ao mundo. Por isso, o Senhor Jesus ao enviar seus discípulos, ordenou-lhes que buscassem primeiramente os da casa de Israel (Mt.10.5,6), e até mesmo Paulo e seus companheiros, sempre buscaram os judeus em primeiro lugar quando chegavam numa cidade, e só depois partiam para os gentios. Mas, mesmo no Antigo Testamento Deus deixou bem claro que a salvação não se limitaria apenas aos judeus (Gn.12.2; 22.18, Sl.72; 87; Is.60.1-3; Ml.1.11). Somente quando os judeus recusaram o Evangelho, e conseqüentemente, ao próprio Senhor Jesus, é que os apóstolos o proclamaram aos gentios. O Evangelho é o poder de Deus para salvar “...*todo o que crê...*”. A referência ao “grego” aqui, não quer dizer somente quem nasceu na Grécia, mas, sim, qualquer um que não seja judeu (o mesmo que *gentio*).

Pois nele é revelada a justiça de Deus, que procede de fé para fé, conforme está escrito: o justo, porém, viverá pela fé.

Como o homem pode saber da Verdade que lhe pode salvar da condenação eterna? A resposta está no Evangelho, que além de ser o “*poder de Deus para a salvação de todo o que crê*” também é o meio pelo qual Deus revela a Sua justiça. W. Hendriksen nos lembra que a expressão “*justiça de Deus*” significa “*a justiça que vem de Deus*” ou, que “*é dada por Deus*”.

⁴⁵ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.80).

⁴⁶ No capítulo 4 Paulo mostrará que o Evangelho da salvação é essencialmente o mesmo no AT como no NT.

Justiça (δικαιοσύνη) significa: “a posição justa dada por Deus; o caráter justo que pertence a Deus; a atividade justa que procede de Deus; ou pode ter um duplo significado ‘a justiça pessoal de Deus, e a justificação que ele concede aos pecadores, declarando-os e aceitando-os como justos’⁴⁷.”

Martinho Lutero lutou contra esse texto⁴⁸. Para ele este verso apontava para a justiça retribuidora de Deus, ou seja, Deus dando ao homem conforme às suas obras. Daí o desespero de Lutero. Como poderia ele ser abençoado, perdoado e salvo por Deus se para cada ato “bom” que ele praticava, muitos outros atos maus e pecaminosos são praticados. O que está implícito neste verso é a Justiça de Deus *gratuitamente imputada* ao pecador, por um ato da soberana e livre vontade de Deus, com base na expiação vicária de Cristo, “fazendo dela uma possessão do próprio pecador que por meio da fé dada por Deus”⁴⁹.

Citamos as palavras do próprio Lutero sobre este verso⁵⁰:

“A suma e substância dessa carta é: humilhar, esbulhar e destruir toda a sabedoria e justiça da carne (...) e afirmar e ampliar [provar ser grande] a realidade do pecado, por mais inconscientes sejamos nós da sua existência”.

Temos aqui uma verdade que desarticula, desconjunta e rechaça qualquer sentimento de “boas obras” partindo daquele sentimento de “bondade interior”, ou seja, o homem é capaz de fazer boas obras desde que se esforce para isso. Infelizmente, essa heresia tem ganhado espaço até mesmo dentro da teologia e vida de muitas igrejas ditas evangélicas. O homem é *totalmente incapaz de fazer “boas obras”*, mesmo porque segundo a Palavra de Deus “boas obras” significa *obras que agradam a Deus* e essas “boas obras” só podem ser realizadas mediante a imputação da justiça de Deus no coração do homem. Em outras palavras, as boas obras são o resultado da justiça de Deus que Dele partiu e nos foi dada gratuitamente por meio do sacrifício de Cristo. Logo, aquele que crê recebe essa justiça e está qualificado e preparado para realizar boas obras; é por isso que afirmamos categoricamente: *somente o crente pode realizar boas obras*. Um incrédulo jamais pode fazer boas obras, nem mesmo quando dá a sua vida para salvar a de outrem. Isso por que as boas obras exaltam a Deus e não o homem. Quando um crente faz uma boa obra é a Justiça de Deus em sua vida que é exaltada; quando o incrédulo faz uma obra tida por “obra de caridade”, os holofotes se acendem em sua direção.

A Justiça de Deus é-nos outorgada (o mesmo que imputada) gratuitamente por Deus, pelo poder do Espírito Santo, quando aceitamos, ou seja, nos apropriamos de Cristo e de todos os benefícios que Dele nos provém, e o meio pelo qual nos apropriamos de tudo isso é *pela fé*. Cremos ou não cremos, recebemos ou não recebemos, pelo ato de fé. Parece simples demais, e de fato é. Deus requer de nós fé, e Ele mesmo capacita o pecador com fé para que este possa dar esse passo.

Em Fp.3.8,9 Paulo diz: “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo ⁹ e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé” (Grifo é meu).

Quando dissemos que Deus nos capacita com fé para que possamos crer, não significa que Ele crê por nós. Significa que nós mesmos cremos e exercemos a fé, contudo, só pudemos nos

⁴⁷ (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.256).

⁴⁸ Segundo os historiadores, a conversão de Lutero se deu quando ele compreendeu por meio do Espírito Santo, o que este verso ensina de fato. Como nos lembra William Hendriksen: “E não foi a experiência de Lutero uma réplica da de Paulo? Leia Fp.3.1-14. O que faz Romanos tão fascinante é o fato de ela ser não só produto de inspiração divina, mas também a súbita experiência de conversão do apóstolo” (HENDRIKSEN, 2001, p.82).

⁴⁹ (HENDRIKSEN, 2001, p.82),

⁵⁰ (HENDRIKSEN, 2001, p.82).

voltar a Deus com fé porque Ele primeiramente no-la deu. Isso faz de Cristo o Autor e Consumador da nossa fé (Hb.12.2).

Estaria Paulo, Agostinho, Lutero, Calvino, entre outros trazendo nova doutrina? Absolutamente não! Quando Paulo disse: “...o justo, porém, viverá por fé” buscou sua base no AT em Hc.2.4 que diz: “Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé”. Por isso ele disse antes: “...conforme está escrito...” recorrendo assim à autoridade da Revelação Divina do AT. Embora, muitos insistam que a tradução correta de 1.17 deva ser: “o justo, porém, pela fé viverá”, indicando assim que a fé do justo lhe dará a vida eterna, não devemos nos esquecer que Paulo está aqui citando Hc.2.4, o qual indica que *o justo viverá pela sua fé*, ou seja, a fé que o justo tem em Deus (Is.12.2; Gn.49.18; Sl.3.8; 25.5; 98.1,2; 118.14; 119.174; Is.46.13; 51.5-8; 54.17; 61.10; 62.1) é o seu *modus operandi*, sua norma de vida, seu jeito de viver. Compare com Ef.2.10⁵¹.

1.2. CONDENAÇÃO. A NECESSIDADE DA JUSTIÇA DIVINA (1.18 – 3.20)

Comentando Rm.1, John MacArthur Junior em seu brilhante livro “Sociedade sem pecado”, observa o seguinte (JUNIOR, 2002, p.55):

“E justo agora, quando parecia que Paulo começaria a falar sobre as *boas-novas* e sobre o poder de Deus para a salvação, ele disparou um raio: ‘A ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça’ (Rm.1.18) (...) Ele abandona o assunto das *boas-novas* e começa a falar sobre a má notícia do pecado (...) Paulo sabia que aqueles que subestimam a grandeza e a gravidade da pecaminosidade da humanidade – especialmente aqueles que não vêem sua própria depravação – não podem aplicar remédio eficaz aos seus problemas”.

Neste trecho ele mostrará que “*todos pecaram*” (3.23), quer sejam os gentios (1.18-32) como os judeus (2.1 – 3.8).

1.2.1. Culpa dos Gentios (1.18-32)

(1.18)

¹⁸ Ἀποκαλυπτέται ἡ ὀργὴ τοῦ θεοῦ ἐκ τοῦ οὐρανοῦ ἐπὶ πάντας τὸν ἀνομίαν καὶ ἀδικίαν τῶν ἀνθρώπων ὅτι οὐκ ἐπέσταντο ἐν τῇ ἀληθείᾳ
Está sendo revelada pois ira (de) Deus do céu sobre toda impiedade e injustiça

ἀνθρώπων ὅτι οὐκ ἐπέσταντο ἐν τῇ ἀληθείᾳ
(dos) homens os a verdade em injustiça que tem abaixo

Porque a ira de Deus está sendo revelada do céu sobre toda impiedade e injustiça dos homens os quais tentam deter a verdade através da injustiça.

A preposição γάρ, deve ser entendida como *porque*, mostrando assim a ligação com o trecho anterior que fala sobre o Evangelho que é o poder de Deus. O raciocínio aqui é o seguinte: nenhum outro caminho para ser salvo é acessível além daquele da aceitação do evangelho pela fé, *porque*, visto que a ira de Deus repousa, por natureza, sobre o homem, este é completamente inapto para salvar-se, quer pela realização de obras da lei, ou por qualquer outro meio⁵².

“*Porque a ira de Deus está sendo revelada...*”, o verbo ἀποκαλυπτέται está na voz passiva, daí a tradução “*está sendo revelada*”. A palavra não precisa ser totalmente escatológica, apontando apenas para o Dia do Juízo Final, mas tem o significado do desprazer de Deus perante o

⁵¹ Para uma investigação completa sobre essa questão da tradução de 1.17, sugerimos a leitura do comentário de Romanos de William Hendriksen, nota 31 na página 85.

⁵² (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.89).

pecado, o sentido de que ele não irá esquecer o pecado⁵³. A “ira de Deus”(οὐργη) é a sua indignação estabelecida contra o pecado. Não deve ser confundida com *fúria* que é expressão de uma raiva ensandecida como a nossa, mas, sim, é o *zelo santo de Deus para com Sua pessoa*. A *ira de Deus* está em ação desde já. Podemos ver a mão de Deus agindo contra o mal que aqui é descrito por duas palavras: *impiedade* (αἰσχρολογία) e *injustiça* (ἀδικία). Ambas são sinônimas na sua essência. A primeira, *impiedade* (αἰσχρολογία) representa a impiedade do homem para com Deus, enquanto que *injustiça* (ἀδικία) é a impiedade do homem para com a santa Lei de Deus. A primeira aponta para o pecado como ausência de reverência por Deus; a segunda, como ausência de reverência por Suas ordenanças, Sua santa Lei. A relação das duas é muito estreita, como fica claro quando Paulo diz que esses homens “...tentam deter a verdade através da injustiça”. Note que Paulo usou só a palavra *injustiça* (ἀδικία) para definir a impiedade e a injustiça praticadas pelos homens.

“...dos homens...” (ἀνθρώπων) refere-se aos gentios⁵⁴, e é um termo genérico englobando toda a raça humana (homens e mulheres). Por isso alguns preferem traduzir por *humanidade*.

Estes homens “...tentam deter a verdade através da injustiça”. O particípio *κατεκοιτων* (κατεω) significa *suprimir, deter, segurar firmemente*. Essas palavras mostram o orgulho, a arrogância, a prepotência do verme. Como pode alguém tão miserável deter Aquele que é Todo-Poderoso? Jamais! Mas, mesmo assim eles “tentam deter”, “tentam suprimir” ainda que seja apenas em seus corações como nos diz o Sl.14.1: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus. Corrompem-se e praticam abominação; já não há quem faça o bem”. Compare com Sl.53.1; 73.11; Rm.2.15.

Paulo está falando aqui dos gentios. Mas, teriam eles suficiente conhecimento da verdade a ponto de serem considerados culpados de constantemente tentar suprimi-la?

(1.19)

¹⁹ διο,τι το. γνωστον του θεου/φανερων εν σιν εν αυτοις. γαρ
porquanto o que se pode conhecer do Deus manifesto está em a eles; o Deus pois

αυτοις εφανη
a eles manifestou.

porquanto, o que se pode conhecer de Deus está manifesto entre eles; pois Deus lhes manifestou. Paulo está tratando aqui da Revelação Geral, enquanto que em 1.16,17, ele mencionou (pois, irá tratar com mais profundidade posteriormente) a Revelação Especial⁵⁵. Mesmo não tendo qualquer contato com a Revelação Especial, os ímpios têm na natureza a revelação de Deus, pois, Ele mesmo se encarregou de manifestar “...entre eles...” aquilo que Ele queria que lhes fosse dado a conhecer. No Sl.19.1-4 lemos que: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. ² Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. ³ Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; ⁴ no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo”.

(1.20)

²⁰ τα. γαρ αφορα αυτου/απο. κτιστων ποιησασθαι, οτι

⁵³ (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.256).

⁵⁴ Ainda que muitos prefiram entender que este trecho diga respeito aos judeus, discordamos, pois, de 2.1 – 3.8, ele falará especificamente dos judeus.

⁵⁵ Revelação Geral e Especial são os termos usados pela Teologia Reformada para descrever as formas como Deus se revelou ao homem. A Revelação Geral pode ser dividida ainda em Revelação Natural (comunicada pelos fenômenos da natureza) e Revelação Sobrenatural (anjos, sinais, sonhos). A Revelação Especial é a Palavra de Deus dada aos Seus servos os quais a registraram fielmente, sendo orientados pelo Espírito Santo (cf BERKHOF, 1985, p.26ss).

As pois invisíveis Dele desde (a) criação (do) mundo às coisas feitas percebidas

kaqora/tai(hē avi<dioj auvtou/ dukami,jeio,thj(eivj to. ei=nai auvtou.j avnapologh,touj(é vista, a tanto eterno Dele poder quanto divindade, para o ser Dele sem defesa,

Pois, desde a criação do mundo, os atributos invisíveis de Deus – tanto Seu eterno poder quanto Sua divindade – são percebidos e vistos claramente por meio das coisas criadas por Ele; por isso eles são indesculpáveis.

Novamente a preposição *pois* (γαρ) é importante. Não somente liga com o que foi dito anteriormente, como também enfatiza o *porque* a ira de Deus está sendo revelada contra os ímpios: seus feitos perversos são indesculpáveis!

“...os atributos invisíveis de Deus...”. A Bíblia ensina em toda parte que Deus é invisível (Jo.1.18; Cl.1.15; 1Tm1.17; Hb.11.27). Seus atributos (qualidades) recebem aqui uma explicação adicional: “*Seu eterno poder (...) Sua divindade*”. Embora sejam invisíveis aos nossos olhos quando procuramos pela *persona* de Deus (no sentido corpóreo), contudo, “*são entendidos e vistos claramente por meio das coisas criadas por Ele...*”, ou seja, a Criação revela não só a mão de Deus como Criador, mas também como Mantenedor. Tanto o macrocosmos como o microcosmos apresentam *uma Inteligência e um Poder infinitamente superiores* a quaisquer inteligência e poder deste mundo e do universo. Quando Paulo diz “*atributos invisíveis*” ele quis dizer: “*suas qualidades invisíveis ... são percebidas e vistas por toda parte*”.

Por essa razão, essas pessoas “*são indesculpáveis*”, ou seja, completamente sem defesa quando acusados e condenados por sua impiedade e injustiça. A palavra aqui é *avnapologh,touj* (*avnapologh,touj*) e quer dizer “*sem desculpa, sem defesa legal*”, sendo que essa última definição indica um tribunal perante o qual o réu comparece e não tem nenhum argumento de defesa, é *plenamente culpado*.

(1.21)

²¹ dio,ti gno,ntej to.n qeo.nouvew`j qeo.n evdo,xasth huvcari,sthshan(avlliv porquanto, tendo conhecido o Deus não como Deus glorificaram ou deram graças, pelo contrário

evmataiw,qhsam toi/j dialogismoi/j auvtw/evskoti,sqh` avsu,netoj auvtw/n kaadi, foram feitos vão em as cogitações deles e foi escurecido o sem entendimento deles coração

porquanto, conhecendo a Deus não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, pelo contrário, tornaram-se inúteis em suas cogitações, e foi obscurecido seu coração sem entendimento.

Tais homens, apesar de possuírem um certo conhecimento limitado, porém, suficiente de Deus, “...*não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças...*”, ou seja, mesmo sabendo da existência de Deus, não deram a Ele a glória, o louvor e as ações de graças que Lhe eram devidas. Voltando ao v.20, os “*atributos invisíveis de Deus*” que são “*percebidos e vistos claramente*” na Criação, são suficientes para dar a esses homens o conhecimento necessário de Deus para que como tal Ele pudesse ser adorado por esses homens. Mas, quanto mais eles se recusaram a isso tanto mais “*tornaram-se inúteis em suas cogitações...*”. O verbo *evmataiw,qhsam* (σαταίω) significa “*tornar inútil, sem valor, ser dado a indignidades, pensar acerca de coisas sem valor, ser tolo*”⁵⁶. Uma mente que não se ocupa com as coisas de Deus, tornar-se-á inútil, tola e insensata. O substantivo *dialogismoi/je* refere aqui aos “questionamentos interiores”. Seu coração (o íntimo do ser do homem) “*sem entendimento*”, sem qualquer condição de compreender “*foi obscurecido*”, envolto em densas trevas. Tudo quanto ele sentir, pensar, disser ou fizer, é dolorosamente afetado. O Senhor Jesus disse em Lc.19.26: “*Pois eu vos declaro: a todo o que tem dar-se-lhe-á; mas ao que não tem, o que tem lhe será tirado*”.

⁵⁶ (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.257).

(1.22,23)

²² fa,skontej ei=naiofoi. evmwra,nqhsan
Afirmando ser sábios estultos se fizeram

²³ kai. h;llaxan th.n do,xan tou/fqa,rtou/eou/evn o`moi w,mativko,noj fqartou
e mudaram a glória do incorruptível Deus em semelhança de imagem (de) corruptível

avnqrw,pou kai. peteinw/te kai po,dw kai. e`rpetw/nã
homem e de aves e de quadrúpedes e répteis.

Afirmando ser sábios, se fizeram estultos, este verso mostra o resultado do orgulho humano: o homem não admite que é o culpado de sua ruína, como nos diz o Senhor Deus por boca do profeta Oséias: “*A tua ruína, ó Israel, vem de ti, e só de mim, o teu socorro*” (Os.13.9). Mas, o orgulho do homem não o deixa perceber a sua estupidez, antes, o homem se acha um sábio.

Entretanto, a cegueira a que esse verso se refere diz respeito ao paganismo e seu culto idólatra como indica o v.23.

e mudaram a glória do Deus incorruptível pela semelhança da imagem do homem corruptível, bem como de aves, de quadrúpedes e de répteis. No v.20 Paulo falou do “*atributos invisíveis de Deus*” e agora fala de Deus como Aquele que não pode ser retratado por nenhuma imagem. Deus proibiu que se fizessem imagens de escultura para adoração porque quis que o Seu povo sempre compreendesse que Ele é *transcendente e infinito*, e que retratá-lo é simplesmente impossível, pois como pode o infinito ser retratado pelo finito? O imortal pelo mortal? O Criador pela criatura? Eis a razão porque eles “*mudaram a glória de Deus incorruptível pela semelhança da imagem do homem corruptível*”. Os adjetivos *incorruptível* e *corruptível* significam respectivamente *imortal* e *mortal*. Mas, essa aberração não parou aí, foi além: “*...bem como de aves, de quadrúpedes e de répteis*”. Obviamente, Paulo está aqui atacando todo tipo de idolatria. Por exemplo:

- ✓ Aves: o Império Romano tinha como símbolo máximo a águia;
- ✓ Quadrúpedes: O AT relata várias passagens em o que os bezerros de ouro foram fabricados para adoração;
- ✓ Répteis: o AT nos relata sobre a serpente de bronze que a princípio foi dada por Deus para trazer livramento ao povo, pois ela era a lembrança de que somente Deus poderia salvá-los da morte (Nm.21.9) foi transformado num objeto de idolatria (2Re.18.4).

Qualquer forma de se retratar a glória de Deus, de representá-la por meio de figuras com o objetivo de adoração, é pecado, pois Deus é cultuado e adorado pelo coração que se achega a Ele com fé, crendo que Ele existe e que é o único que pode abençoar o coração suplicante (Hb.12.6).

Deus não se fez demorado em responder:

(1.24)

²⁴ Dio. pare,dwken aurtou/pe.o.j evntai/j evpiqumi,aij tw/n kardiw/n aurtw/n eivj
Por isso, entregou eles o Deus em as desejos dos corações deles para

avkaqarsi,antou/avtima,zesqã. sw,mata aurtw/n mauvtioi/j
impurezas sexuais do ser desonrados os corpos deles em eles.

Por isso, Deus os entregou aos desejos dos seus corações, às impurezas sexuais para serem desonrados os seus corpos entre si.

Um verbo assaz importante neste trecho é *pare,dwke* (paradi,dw) que é traduzido por “entregar, transmitir”. Aqui (e nos v.26 e 28) o sentido é *Deus os abandonou, deixou-os seguir* seus impulsos carnis, porque eles recusaram ver sua estultícia, em vez disso gritavam em seus corações: “somos sábios!”, e a partir do momento em que começaram a adorar a forma humana (“imagem do homem”, v.23), deram vazão aos “desejos dos seus corações”⁵⁷, e não somente isso, mas, também “...às impurezas sexuais...” (avkaqarsj), como veremos com mais detalhes nos v.26 e 27. O resultado de tamanha devassidão não pode ser outro senão “...serem desonrados os seus corpos entre si”, ou seja, um contribuindo para que o outro seja desonrado.

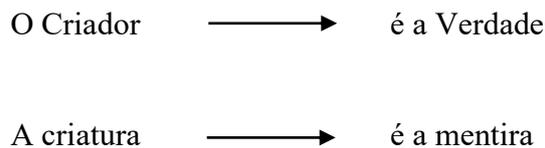
(1.25)

²⁵ oi[tinej meth,llaxan th.n avlh,qeian tou/ qeou/ ~~geu,dw~~kai. evseba,sqhsan
os quais mudaram completamente a verdade de Deus em a mentira e adoraram
kai. evla,treusan ~~ti,~~sei para. to.n kti,santa[~~j~~ evstin euvloghto.j eivj tou.j aivw/naj(avmh,
e serviram à criação em lugar de O Que criou, O Qual é bendito para o sempre, amém.

os quais mudaram completamente a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em vez do Criador, o qual é bendito para todo o sempre. Amém.

Dizem que a pior mentira é aquela que nós contamos para nós mesmos e acreditamos. Esses pervertidos não somente mentiram para si mesmo dizendo ser sábios enquanto não passavam de estúpidos pecadores, como também agora, “mudaram completamente a verdade de Deus pela mentira”, ou seja, não contentando em mentir para si mesmos, agora mentem para os demais, e o que é pior, abriram mão da verdade de Deus para ficarem com suas mentiras.

O seguinte gráfico explica bem o verso:



O Criador (Deus) é a Verdade (Jo.14.6; Sl.31.5; Is.65.16), e tudo o que Ele faz tem como base a Verdade, enquanto que criatura, ao fabricar para si deuses (imagens) transmite apenas a mentira. Por isso, enquanto cultuam e servem aos ídolos por elas fabricados, estão servindo à criatura e não o Criador, estão servindo às suas vontades e não à do Criador, O qual “é bendito para todo sempre. Amém”, enquanto que as imagens são objetos malditos.

(1.26,27)

²⁶ Dia. tou/to pare,dwken aurtou.j eivj qeou.j avtimi,aj[te ga.r qh,leiai
Em razão de isto, entregou eles o Deus a paixões de desonra, as até pois fêmeas
aurtw/n meth,llaxan th.n fusikh.n crh/sin eivj th.n para. fu,sin(
deles mudaram completamente a de acordo com a natureza relação sexual em a lugar de natureza
²⁷ o`moi,wj te kai. oi` a;rsenej avfe,ntej th.rfusikh.n crh/sin th/j qhlei,aj
semelhantemente até também os machos deixaram o de acordo com a natureza relação sexual da fêmea
evxekau,qhsa evnth/|pvre,xei aurtw/n avjh,louj(a;rsenej evn a;rsesin th.n avschmosu,nhn
foram inflamados em o desejo deles para uns aos outros, machos em machos a obscenidade
katergazo,menoi kai. th.n avntimis,ia,ndei th/j pla,nhjaurtw/n evn e`autoi/j
realizando e a penalidade que era preciso do desvio deles em si mesmos

⁵⁷ O substantivo *evpikuqar* geralmente, no NT tem a conotação de paixões desenfreadas, animais e lascivas.

avpolamba,nontejÀ
recebendo de volta.

Por esta razão, Deus os entregou a paixões que trazem desonra, pois até suas fêmeas mudaram completamente a relação sexual natural por outra contrária à natureza; semelhantemente, até mesmo os machos deixaram a relação sexual com a fêmea, inflamando-se em seus desejos uns pelos outros, machos com machos, realizando a obscenidade, recebendo de volta sobre si mesmos a penalidade devida ao seu desvio.

Que este texto é explicitamente contrário à homossexualidade (masculina e feminina) e à sodomia, não resta dúvida. Paulo referia-se à terrível situação em que vivia o Império Romano. Os gregos também com sua busca pelo “homem ideal”⁵⁸, sem dúvida alguma contribuíram para tamanha devassidão. Contudo, desde os primórdios, como é o caso de Sodoma e Gomorra, estes pecados sempre estiveram presentes na humanidade.

Pela segunda vez Paulo usa o verbo *pare,dwke* (paradi,dwmi) “Deus os entregou a paixões que trazem desonra”, aqui deparamos com um eco do v.24 “...para serem desonrados os seus corpos entre si”.

Os substantivos “fêmeas e machos” apontam para “mulheres e homens”. O argumento de que tais substantivos referem-se a animais e não a seres humanos, nem merece consideração.

Tanto as mulheres como os homens “mudaram completamente a relação sexual natural por outra contrária à natureza”. Contudo, nos lembra William Hendriksen que o ponto em questão aqui não é apenas a homossexualidade feminina (lesbianismo) ou a masculina (pederastia). A questão aqui é que o esposo tem a sua esposa, ou seja, tudo o que foge aos parâmetros do casamento é contrário à natureza, e portanto, pecado que traz a punição divina.

Tal mudança é chamada de *obscenidade* (avschmosu),⁵⁹ o resultado de um desejo inflamado (literalmente, *colocar fogo*) de “...uns pelos outros”. Mas tal desejo e conseqüente ato pecaminoso traz seus frutos, pois, tais pessoas estão mais cedo ou mais tarde “recebendo de volta sobre si mesmos a penalidade devida ao seu desvio”. Doenças venéreas, distúrbios emocionais por conta de uma consciência culpada, entre outras⁵⁹, podem ser alistadas aqui, mas, não percamos de vista o que Paulo está dizendo: ele está falando da total depravação do ser humano.

(1.28)

²⁸ Kai. kaqw.j ouvkevdoi,masa.n qeo.n e;ceinepwgnw,sejare,dwken aurtou.j
E assim como não terem aprovado o Deus ter em conhecimento, entregou eles

o` qeo. pivj avdo,kimou/npoiei/n ta. mkaqh,konta(
o Deus para reprovada mente, fazerem as não apropriado.

Esta é a última vez que aparece o verbo *pare,dwke* neste trecho. ***Assim como por não terem aprovado o conhecimento de Deus, Ele próprio os entregou a uma disposição mental reprovável para fazerem coisas impróprias.***

“Assim como por não terem aprovado o conhecimento de Deus...” é o mesmo que dizer “eles não se acharam dignos de reter o conhecimento de Deus”, é claro que isto longe está de ser um ato de humildade, pois de acordo com os versos anteriores (20 – 23) esses homens tentaram “deter a verdade através da injustiça”, tentaram suprimi-la. Então, o fato de não se acharem dignos do conhecimento de Deus é na verdade um ato de rebeldia através do qual desprezaram o

⁵⁸ Um ser perfeito em todos os aspectos: moral, social, espiritual e fisicamente.

⁵⁹ Doenças como AIDS, ou as que se enquadram na sigla DST (Doenças Sexualmente Transmissíveis) mais comuns em nossos dias, não devem ser enquadradas no contexto em que Paulo escreveu esta carta. Muitas doenças como a AIDS por exemplo, nem sequer eram cogitada nos dias de Paulo. Outras doenças que hoje estão aí, já estavam lá também. Quando a Bíblia falada dessa punição, devemos entender tudo quanto possa uma vida sexualmente depravada produzir, respeitando é claro a época em que se vive.

conhecimento de Deus, afinal eles se acham sábios (v.22) o suficiente para cometerem tamanha loucura que é rejeitar o conhecimento de Deus.

O resultado disso é que “...*Ele próprio os entregou a uma disposição mental reprovável para fazerem coisas impróprias*”. A obstinação do pecador em continuar pecando, sua teimosia em não atender o chamado ao arrependimento, se dá por causa de sua “*disposição mental reprovável*”, a qual é a ação da mente (coração), do íntimo do homem, que se volta para ações de imoralidade, comportamento sexual indecente e inapropriado, como fica claro quando Paulo se refere a “*coisas impróprias*” as quais eles se deleitam em fazer e que continuam sendo descritas nos versos seguintes.

(1.29-31)

²⁹ peplhrwme,nopj,sh| avdiki,a|ponhri,a| pleonexkaki,a|(mestou,fqo,nou fo,nou
enchidos com toda injustiça, maldade, avareza, depravação repletos de inveja de assassinato

e;ridoj do,lou kakohqei,aj(yiqurista,j
de contendas de dolo de malícia, murmuradores

³⁰ katala,louj qeostugei/j u`brista.ju`perhfa,noujvlazo,naj(evfeurekajw/n(
caluniadores odiosos de Deus insolentes arrogantes presunçosos, inventores de males

goneu/sin avpeiqei/j(
(aos) genitores desobedientes

³¹ avsunetouj avsunqetouj avstorgouj avneleh,monaj
insensatos traidores sem afeto natural sem compaixão.

Estando cheios com toda injustiça, maldade, avareza e depravação, repletos de inveja, de assassinato, de contendas, de dolo, de malícia, são murmuradores, caluniadores, com ódio de Deus, insolentes, arrogantes, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, traidores, sem afeto natural e sem compaixão. Que descrição horrenda do coração humano!

Vejamos o significado de cada um desses adjetivos dividindo-os em três grupos conforme o texto grego:

O primeiro grupo com quatro vícios (no original aparecem no dativo singular) são introduzidos pelas palavras “*Estando cheios com toda...*”

- ✓ “*injustiça*” (avdiki) eles se tornaram cheios de todo tipo de injustiça. Pelo fato desse participio estar no acusativo, conota uma ação que partiu deles. Veja o v.18.
- ✓ “*maldade*” (ponhri) iniquidade, baixaza, maliciosidade, pecaminosidade. Atitude de quem se deleita em fazer o que é errado.
- ✓ “*avareza*” (pleonexi) a cobiça, ganância, o desejo insaciável de ter mais, mesmo às custas de prejudicar outras pessoas. Em Cl.3.5 a avareza é classificada como idolatria.
- ✓ “*depravação*” (kaki) maldade, depravação, vício, impiedade. É toda forma de perversidade. É difícil distingui-la de maldade.

O segundo grupo com cinco vícios (todos no genitivo singular) são introduzidos pelas palavras: “*repletos de...*”

- ✓ “*inveja*” (fqo,nqj) não se alegrar com a conquista de outra pessoa querendo para si o que o outro conquistou por se julgar melhor e mais merecedor. É o intenso desgosto por ver alguém possuir algo que queríamos para nós mesmos.
- ✓ “*assassinato*” (fo,noj) tirar a vida de uma pessoa. Casos como o de Abel e Caim e o do próprio Senhor Jesus Cristo, começaram com a inveja que culminou com assassinato.

- ✓ “*contendas*” (e;rido): discussão que leva à divisões; é uma disposição belicosa que prodduz separação.
- ✓ “*dolo*” (do,lo) engano, falsidade, astúcia aplicada para enganar as pessoas
- ✓ “*malícia*” (kako,he) a tendência de pensar sempre o pior sobre outras pessoas, e o forte desejo de prejudicar alguém.

O terceiro grupo com doze itens, sendo que os quatro últimos itens formam um subgrupo, cada um começando com o aprivativo igual aos prefixos *in*, *dis*, *des* que indicam o antônimo de uma palavra.

- ✓ “*murmuradores*” (yiqurista): a ARA traduz por “*difamadores*”, e este conceito está certo. A murmuração aqui, não quer dizer alguém que vive reclamando da vida, mas, sim, “*o homem que derrama seu veneno contra seu próximo ao murmurar ao quatro ventos*”(RIENECKER – ROGERS, 1988, p.258). Tal pessoa difama seu próximo. Estes tais fazem suas murmurações *em secreto*.
- ✓ “*caluniadores*” (kata,lo): pessoa que vive falando mal contra os outros; detratores; fofoqueiros. A preposição kata indica que a ação da palavra é desfavorável para seu objeto. Ao contrário dos *murmuradores*, os *caluniadores* destilam seu veneno em público.
- ✓ “*com ódio de Deus*” (qeostugèi) eles nutrem em seu coração um ódio por Deus. Com freqüência, essa palavra no NT se refere a alguém que é odiado por Deus, mas, aqui, o sentido é o de *alguém que traz em seu coração um ódio pelo pessoa de Deus*.
- ✓ “*insolentes*”(u`bristà):um homem de insolência arrogante. A palavra contém uma mistura de crueldade e orgulho. A insolência orgulhosa e o desprezo por outras pessoas revelam-se na crueldade pelo mero prazer de ver os outros sofrerem⁶⁰. Tratam a si mesmos como se fossem *tudo* e aos outros como se fossem *nada*.
- ✓ “*arrogantes*” (u`perhfa,nu) alguém que se julga acima dos outros como indica a preposição u`pe se acham os “super-homens”.
- ✓ “*presunçosos*” (avlazo,na) pessoas que constantemente estão se vangloriando de si mesmas. Alguém que faz falsas promessas, freqüentemente a fim de ter algum lucro.
- ✓ “*inventores de males*” (evfeuretakw)na referência é àqueles que se deleitam de forma especial inventando métodos originais de destruir seu semelhante.
- ✓ “*desobedientes aos pais*” (goneu/sin avpeiqei) beldia em relação aos pais nada mais é do que um reflexo da desobediência a Deus. Qualquer outro princípio de autoridade fica comprometido quando se desobedece declaradamente aos pais e a Deus.
- ✓ “*insensatos*” (avsune,ti) insensíveis; estão destituídos de entendimento. Porém não equivale a uma mera debilidade mental; é também um vício moral. São estúpidos porque todos, juntamente, são indispostos para ouvir a Deus⁶¹.
- ✓ “*traidores*” (avsunqe,ti) desleais, pífidos; são quebradores de pactos; infiéis a um contrato. Por isso são indignos de confiança. Não se trata de um ato isolado, mas sim, constante.
- ✓ “*sem afeto natural*” (avsto,rgou) sem amor. Refere-se à falta de sentimentos naturais de afeição, conforme são vistos em uma mãe que, sem razão, rejeita ou mata seus filhos; um pai que abandona sua família, ou filhos que negligenciam o cuidado de seus pais idosos; governantes que não dão atenção às necessidades do povo, ficando no poder apenas pelo poder⁶².

⁶⁰ (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.258).

⁶¹ (HENDRIKSEN, 2001, p.109).

⁶² (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.258).

- ✓ “sem compaixão” (avneleh, mōnē) sem piedade, sem misericórdia. A referência é às pessoas sem misericórdia, pessoas cruéis, implacáveis. Pense não só nos *salteadores* da parábola do *Bom samaritano* (Lc.10), mas também no *sacerdote e no levita* – os dois passaram de largo⁶³.

(1.32)

³² oi[tinej to. dikai,wma tou/ evpigno,ntep[ti oi` ta. toiau/ta pra,ssontajioi
Os quais o decreto de Deus tendo conhecido que os as que tais que praticam dignos de

qana,tou eivsi,n(ōn)nonauvta. poiou/sin avkai. suneudokou/sin toi/j pra,ssousin
morte são, não somente as fazem mas também aprovam de todo coração os que as fazem.

Os quais reconhecendo a sentença de Deus, de que os que tais coisas praticam são merecedores de morte, não somente as fazem como também aprovam de todo coração os que tais coisas praticam.

Se alguém ainda pensa que há no homem alguma inocência e que ele é condenado injustamente, é bom prestar bastante atenção ao que diz este texto. Tais homens mesmo sabendo que tais coisas atraem a “sentença de Deus” como um pára-raio atrai uma faísca elétrica, ainda assim continuam praticando tais abominações, e, em seus corações, dão total aprovação aos que como eles praticam tais coisas. Aplaudem seus comparsas com se fosse um espetáculo. Agindo assim, elas estimulam os outros a continuarem em seus pecados.

Mas a pergunta é: Como eles sabem disso? A resposta já foi dada anteriormente. Em virtude do que foi revelado de Deus na natureza, na consciência deles mesmos (como veremos em 2.14,15).

1.2.2. Culpa dos Judeus (2.1 – 3.8)

Havendo falado da situação dos gentios, Paulo agora passa a mostrar a situação dos judeus, e aponta: eles são igualmente culpados!

(2.1)

¹ Dio. avnapolo,ghtoj ei=ē; mōfwpē pa/j o` kri,ōwvwtj ga.r kri,nej to.n e[teron(
Em razão de que sem defesa és, ó homem todo o que julga em que pois julgas o outro

seauto.rkatakri,nej(ta. ga.r auvta. pra,sseij o`kri,nwn
a ti mesmo julgas contra, as pois, mesmas coisas fazes o que julga.

Portanto, és indesculpável, ó homem, quem quer que sejas, pois quando condenas a outro, a ti mesmo te condenas, pois praticas as mesmas coisas que condenas.

F.F. Bruce nos lembra que aqui Paulo usa um recurso chamado pelos antigos de *diatribe*, o qual nada mais é do que um *interlocutor imaginário*, ou seja, enquanto Paulo estivesse discorrendo sobre a situação deplorável dos gentios, um judeu tido por religioso e piedoso poderia se levantar e alegar o seguinte: “Concordo com você Paulo. Os gentios são mesmo indesculpáveis! Eles são a escória da humanidade! Merecem totalmente a condenação. Mas, nada do que você falou pode ser aplicado a mim, pois eu sou um zeloso cumpridor da Lei”. Paulo então se adianta e diz: “Portanto, és indesculpável, ó homem, quem quer que sejas...”. Sim, o judeu está na mesma situação do gentio: “indesculpável”, pois, não passava de um moralista e hipócrita “pois quando condenas a outro, a ti mesmo te condenas, pois praticas as mesmas coisas que condenas”.

Os judeus por meio da sua auto-retidão, estavam fazendo de si mesmos seus próprios ídolos, assim como os gentios praticavam idolatria quer fosse por meio de imagens ou por venerar o

⁶³ (HENDRIKSEN, 2001, p.109).

próprio homem⁶⁴. Assim como boa parte dos gentios se recusava a arrepender diante de Deus, muitos judeus o fizeram diante de Cristo (e ainda fazem).

(2.2)

² oi;damen de. o[ti to. kri,ma tou/ qeou/ evstih, qeian evpou.j ta. toiau/ta
Sabemos porém que o juízo de Deus é conforme verdade sobre os as (cosias) que tais

pra,ssontaj
que fazem

Ora, sabemos que o juízo de Deus é pronunciado conforme a verdade sobre os que tais coisas praticam.

A base do juízo de Deus é a verdade. Ele está em consonância com a verdade; ele “é pronunciado conforme a verdade”. A verdade é a medida do juízo de Deus. Por esta razão nossas próprias “medidas” não valem nada. Quando “medimos” (julgamos) alguém sempre o fazemos com os nossos critérios; o resultado pode ser muito favorável a nós e desfavorável aos outros. Deus, porém, adota a verdade como medida de Seu julgamento.

(2.3,4)

³ logi,zh| de. tou/to(w= a;nqrwpon tou.j ta. toiau/ta pra,ssontaj kai. poiw/n
Presumes porém isto, ó homem o que julga os as (coisas) que tais que fazem e que faz

auvta,(o[ti su. evkfeu,xh| to. kri,ma tou/ qeou/È
as (mesmas), que tu escaparás o juízo de Deus?

⁴ h' tou/ plou,tou th/j crhsto,thtoj aurtou/ avnoch/j kai. th/j makroqumi,aj katafronei/j(
Ou da riqueza da bondade Dele e da tolerância e da longanimidade desprezas

avgnow/no[ti to. crhsto.n tou/ qeou/ eivj meta,noia,n se a;geiÈ
não conhecendo que o bondade do Deus a mudança te conduz?

Presumes porém, isto, ó homem que condenas aqueles que tais coisas praticam e fazes as mesmas, que escaparás do juízo de Deus? A hipocrisia e o moralismo fazem com que a pessoa presume e suponha que possa escapar do juízo de Deus. Nas palavras de 2Co.5.10: “*Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por meio do corpo, quer sejam boas quer sejam más*”. Ninguém pense que poderá escapar desse tribunal!

Ou desprezas a riqueza da Sua bondade, tolerância e longanimidade, não reconhecendo que a bondade de Deus te conduz ao arrependimento? Os judeus receberam a Revelação Especial de Deus (no caso, o Antigo Testamento). De posse da Lei eles se envaideceram a ponto de julgarem que o simples fato de terem-na em suas mãos (e não no coração) como “guardiões”, e de não terem sido entregues às suas paixões carnisais como os gentios em sua imoralidade, faziam deles pessoas por quem Deus nutria um sentimento que os isentava de condenação. Em outras palavras, eles confiavam em seu ritualismo religioso e desprezavam a verdade de que o que conduz o homem ao arrependimento (meta,noia mudança de mente, uma volta de 180°, um retorno ao ponto do qual se desviou totalmente; literalmente meta,além + noia—mente) é a “bondade de Deus te conduz ao arrependimento”. A bondade de Deus (crhsto.n tou/ qeou) que é descrita vem junto com a “tolerância e longanimidade” de Deus. A tolerância (avnoch/j “é aquela longanimidade ou supressão da ira, que dá trégua ao pecador, que, não implica de modo

⁶⁴ O imperador romano era cultuado como divino, assim como os faraós do Egito, Nabucodonosor e outros monarcas da Babilônia.

algum, que a ira não será finalmente derramada”⁶⁵, enquanto que a longanimidade (makroqum)ia “é uma firme segurança mental, antes da ação ou sentimento”⁶⁶.

William Hendriksen comentando esse verso nos lembra que⁶⁷:

“Quando o judeu pondera sobre os vícios dos gentios, ele deve ter em mente que, ainda quando fosse verdade que não pratica nenhum deles, ele não tem de que se gloriar. A ausência de qualquer dos vícios pagãos não constitui sequer uma única virtude. Nem mesmo um bilhão de zeros tem qualquer valor na soma. O que o judeu deve fazer é o seguinte: lembrar constantemente que o alvo divino, ao ser assim bondoso para com ele, é conduzi-lo à conversão”.

(2.5-8)

⁵ kata. de. th.n sklhro,thta, sou kai avmetano,htouardi,an qhsauri,zei se autw/|
Conforme porém, a dureza tua e não arrependimento coração entesouras para ti mesmo

ovrgh.n evrime,ra| ovrgh/j kai. avpokalu,yewj dikaiokrisi,aj tou/ qeou/
ira em dia (da) ira e (da) revelação (do) justo juízo do Deus

⁶ ojj avpodw,sei e ka,stw| kata. ta. e;rga avtou/
que recompensará a cada um segundo as obras dele,

⁷ toi/j me.n kaqV u`pomnh.e;rgou avgaqou/ do,xan kai. timh.n avkai,arsi,an
aos por um lado conforme perseverança (de) obra boa glória e honra e incorruptibilidade

zhtou/sin zwh.n aivw,nion(
buscam vida eterna;

⁸ toi/j de. evx evriqei,aj kai. avpeiqou/sith/| avlhqei,peiqome,noij
aos por outro lado de ambição egoísta e que não obedecem a verdade que são persuadidos

de. th/avdiki,avvrgh. kai. qjamo,
porém à injustiça ira e indignação

Porém, conforme a dureza de teu coração não-convertido, entesouras para ti mesmo ira para o Dia da Ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras. Aos que, por um lado com perseverança nas boas obras, tem buscado glória, honra e incorruptibilidade, vida eterna; por outro lado, aos com ambição egoísta desobedecem à verdade, sendo persuadidos, porém, à injustiça, ira e indignação.

Paulo adverte aos judeus que pelo fato da ira de Deus não ter sido ainda derramada sobre eles, como fora com os gentios, não significava que Deus não haveria de derramá-la. O judeu com seu coração duro e não-convertido, estava acumulando para si a Ira de Deus e Seu justo juízo. Paulo usou aqui de uma certa ironia quando disse “entesouras para ti mesmo”. O verbo aqui é qhsauri,zei(qhsauri,zw)estocar, acumular. A idéia é de acumulação gradual. Só que em vez de acumular um tesouro que lhe daria alegrias e prazer, estavam acumulando a “ira” (de Deus) a qual será derramada no “Dia da Ira e da revelação do justo juízo de Deus”, o qual tem como base a verdade (cf. 2.2). Isto significa que o castigo do judeu estava suspenso por enquanto, mas que haverá de acontecer.

Nesse dia, Deus “retribuirá a cada um segundo as suas obras”. Temos aqui uma afirmação do Dia do Juízo Final⁶⁸, pois o contexto mais amplo (2.16) e o contexto imediato (2.6)

⁶⁵ (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.119).

⁶⁶ (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.119).

⁶⁷ (HENDRIKSEN, 2001, p.119).

⁶⁸ Ainda que muitos não concordem com essa posição, como por exemplo, K. Barth.

indicam isso. Entretanto surge aqui uma questão a ser resolvida: Se a salvação é *somente* pela graça de Deus, porque então Deus julgará nossas obras?

Em primeiro lugar devemos lembrar tudo o que temos, recebemos de Deus (quem disso discordar terá que necessariamente alterar a mensagem do Evangelho!). A salvação é exclusivamente pela graça de Deus (Sl.115.1; Is.48.11; Jr.31.31-34; Ez.36.22-31; Dn.9.19; At.15.11; Rm.3.24; 5.15; Ef.1.4-7; 2.8-10, isso para mencionarmos apenas *algumas* passagens). Isso não exclui a responsabilidade humana (Ef.2.8-10; Fp.2.12,13; 2Ts.2.13 e 2Tm.2.19). Comentando esse verso, W.Hendriksen diz⁶⁹:

“Admitindo-se que o homem não pode pôr em prática seus deveres nem desincumbir-se de suas responsabilidades com suas próprias forças, é a ele, não obstante, que uma tarefa se destina. Deus não assume essa tarefa por ele. Mas, em sua graça e amor soberanos, Deus retribuiu ao homem sua fidelidade em realizar aquilo que lhe foi designado. Além, disto, tanto as recompensas quanto o castigo são distribuídos *em concordância com o grau de fidelidade ou infidelidade* demonstrado por cada um deles. Em última análise, a pessoa que faz pouco da minuciosa doutrina bíblica da responsabilidade humana é quem tem algum problema real”.

Agora, nos v.7 e 8, Paulo divide a raça humana em dois grupos (não mais gentios e judeus): de um lado os que “*com perseverança nas boas obras, tem buscado glória, honra e incorruptibilidade, vida eterna*”, e do outro lado, os que “*com ambição egoísta desobedecem à verdade, sendo persuadidos, porém, à injustiça, ira e indignação*”.

O primeiro grupo persevera em fazer o que é certo, não conforme os padrões dos homens, mas, conforme os padrões de Deus. Seus olhos estão voltados para as coisas lá do alto as coisas de Deus (Fp.3.8-14). Ao perseverarem nesses feitos, almejam, buscam com todo seu coração “*glória, honra e incorruptibilidade...*” ou seja, a ressurreição eterna, os novos céus e nova terra (Rm.8.23; 1Co.15.42, 50-57; 1Pe.1.4; 2Pe.3.13 e Ap.21.1 – 22.5). A estes Deus recompensará com a “*vida eterna*”, de forma plena tanto para a alma quanto para o corpo.

Mas, o que é a *vida eterna*? Segundo as Escrituras é a comunhão com Deus em Cristo (Jo.17.3), a posse da paz de Deus que excede todo entendimento (Fp.4.7), a alegria inexprimível e cheia de glória (1Pe.1.8), a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (2Co.4.6) e o amor de Deus derramado em seus corações (Rm.5.5), tudo isso para todo sempre.

O segundo grupo é composto por aqueles que estão saturados “*com ambição egoísta*” são rebeldes e em vez de obedecerem à verdade, inclinam seus ouvidos a tudo quanto desonra a Deus. Eles são “*persuadidos à injustiça*”, ou seja, obedecem à voz da injustiça em seus corações. Para eles a “recompensa”, a paga de suas obras são “*ira e indignação*” (de Deus subentendido).

(2.9-11)

⁹ qli/yij kai. stenocwri,a evpi.pa/san yuch.n avnqrw,pou tou/ katergazome,nou to. kako,n(tribulação e estreiteza de lugar sobre toda alma (de) homem o que faz o mal

Vloudai,ou te prw/ton kai. {Eilhnoj \ de judeu não só primeiro mas também de grego;

¹⁰ do,xa de. kai. timh. kai. eivrh,nh panti. tw/| evrgazome,nw| to. avgaqo,n(glória porém e honra e paz a todo o que opera o bem

Vloudai,wte prw/ton kai. {Eilhni (ao) judeu não só primeiro mas também (ao) grego,

¹¹ ouv ga,r evstin proswpolhmpira tw/| qew/|Å não pois é parcialidade para com o Deus.

⁶⁹ (HENDRIKSEN, 2001, p.122).

Tribulação e angústia virão sobre cada alma humana que faz o que mal: para o judeu primeiro, e não só a ele, mas também para o grego; glória, porém, honra e paz a todo o que e faz o bem: ao judeu primeiro, e não só a ele, mas também ao grego, porque não existe parcialidade em Deus.

Estes versos continuam o que vem sendo dito nos versos anteriores, só que em ordem inversa. Nos v.7 e 8 primeiro vêm os “obedientes” e depois os “desobedientes”. Nos v.9 e 10, é o contrário.

Nestes versos é ressaltado o que *de fato Deus vê na pessoa* e não o que a pessoa *vê em si mesma*. Em outras palavras, o que Deus vê no coração do homem é o que conta e não o que a pessoa pensa de si (cf.v.2 e 3).

“Tribulação e angústia” essas duas palavras no grego são muito significativas. A *tribulação* (qli/yij) é uma terrível pressão que a pessoa sofre, enquanto que a *angústia* (Stenocwr), é um aperto, literalmente uma *estreiteza de lugar*. A primeira é uma *aflição exterior* e a segunda, *uma aflição interior*. A expressão “*cada alma humana*” indica a totalidade do homem.

Uma expressão importante aqui é: “...*para o judeu primeiro (...) mas também ao grego*” que aparece nos v.9 e 10. Como foi visto em Rm.1.16 “grego” aqui se refere aos gentios, e não somente os que nasceram na Grécia. Mas, porquê “*para o judeu primeiro*”? Simplesmente pelo fato de que no desenrolar da História os judeus receberam a Revelação Especial do Antigo e do Novo Testamento antes dos gentios. Não se refere aqui ao *grau de importância* mesmo porque o texto é claro: “*porque não existe parcialidade em Deus*”, mas, sim, à cronologia dos fatos. O substantivo *proswpolhmyia* quer dizer: “*parcialidade, a aceitação da aparência. O costume oriental de saudar uma pessoa era colocar o rosto em terra. Se a pessoa saudada aceitasse a pessoa, ela poderia levantar novamente sua cabeça*”⁷⁰.

(2.12,13)

¹² {Osoi ga.r avno,mwj h[marton(avno,mwj polou/ntai(ka[soi evn no,mw| h[marton(Quantos porque sem lei pecaram, sem lei também perecerão, e quantos em lei pecaram, dia. no,mou kriqh,sohtai através de lei serão julgados.

¹³ ouvga.r oi` avkroatai. no,dikaioi para. Itw/|Ð qeswll(oi` poihtai.no,mou Não pois os ouvintes (da) lei justos junto a o Deus, mas os fazedores (da) lei

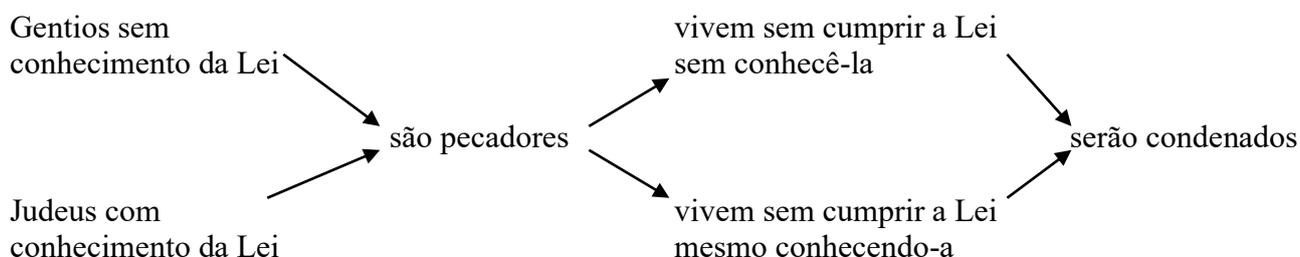
dikaiwqh,sohtai
serão justificados.

Porque todos quantos sem terem conhecimento da lei pecaram, também estando sem o conhecimento da lei perecerão; e todos quantos tendo conhecimento da lei pecaram, por meio da lei serão julgados. Porque não são os ouvintes da lei que são justos diante de Deus, mas os praticantes da lei serão declarados justos.

Continuando o assunto, Paulo declara que a pessoa será julgada em consonância com seus feitos (v.6-11). E não é o fato da pessoa ter ouvido a leitura da lei dentro de uma sinagoga ou o fato de tê-la em sua posse, mas, sim o fato de que se conduziu por ela, observando-a em todo tempo. Aplicando isso aos nossos dias, muitos são os que pensam que o simples fato de estarem dentro de uma igreja (grupo religioso) cumprindo os rituais desta, já estão garantidos no dia do juízo, ou seja, naquele dia ouvirão da boca de Deus que eles se comportaram bem e por isso serão declarados justos. Quanta tolice!

⁷⁰ (RIENECKER – ROGERS, 1988, p.259).

Ao usar o termo “lei” aqui, está claro que Paulo pensa no Pentateuco e especificamente, nos Dez Mandamentos (v.21,22 confirmam isso). Aqui ele trata de dois grupos de pessoas que estão na mesma situação de condenação. O primeiro grupo mencionado é composto por “...*todos quantos sem terem conhecimento da lei pecaram...*”, a saber, os gentios que não tiveram qualquer contato com a Lei (escrita). O segundo grupo é composto por “...*todos quantos tendo conhecimento da lei pecaram...*”, a saber, os judeus. Os gentios que não tiveram qualquer conhecimento e contato com a Lei “...*também estando sem o conhecimento da lei perecerão...*”; os judeus que receberam a Lei e se acharam “os guardiões” da Lei, se sentindo melhores que os demais, porém, não cumpriram a Lei, “...*por meio da lei serão julgados*”. E porque todos (gentios e judeus) serão julgados e condenados? Num gráfico tentaremos responder:



Alguém pode alegar que o fato dos gentios não conhecerem a Lei são de alguma forma “menos” culpados que os judeus que tiveram o conhecimento da Lei. Mas, esse é o grande erro que cometemos quando tratamos desse assunto: pensar que existem pessoas “mais” ou “menos” pecadores quando na verdade todos são pecadores (3.23) e se fizeram inúteis diante de Deus (3.12). *Todos são condenados e merecedores do inferno porque são pecadores; receberam o pecado de Adão e a sua condenação* (5.12-21). Contudo, há maior responsabilidade sobre aqueles que tiveram o conhecimento e não praticaram, isso haverá (Lc.12.48).

Outro problema nesta passagem que precisa ser esclarecido é que aqui Paulo não está pregando justificação pela fé *versus* justificação pelas obras como muitos afirmam. Os que assim afirmam colocam Paulo em contradição porque todo o propósito teológico dessa carta é mostrar que a justificação é *somente* pela fé em Cristo e não pelas obras. A antítese que Paulo está tratando aqui é aquela entre o grupo de pessoas que não somente ouvem mas também praticam a Lei e o outro grupo que meramente ouve mas não pratica. Este último, não deve pensar que está em vantagem se comparado a um terceiro grupo (o dos que não tem nenhum conhecimento da Lei), aliás está igualmente condenado!

(2.14,15)

¹⁴ o[tan ga.r e;qnh.ta. mmo,more;conta fu,sei ta. tou/ no,mou poiw/sin(Quando quer que pois, gentios as não lei que têm por natureza as da lei fazem,

outoi no,mon mh. e;contej autoi/jeivsin no,moj estes lei não tendo, para si mesmos são lei;

¹⁵ oi[tinej evndei,knuntai to. e;rgon tou/ no,mou grapto.n evn tai/j kardiaij autwv/stij os quais mostram em a obra da Lei escrita em os corações deles, dando testemunho com

autwv/n th/j suneidh,sewj kai. ~~meta,kwn~~ tw/n logismw/kathgorou,ntwv kai. deles a consciência e entre uns e outros os pensamentos acusando ou também

avpologoume,nwn(defendendo (os)

Quando, pois, os gentios que não têm lei fazem por natureza as coisas que são da lei, estes, não tendo lei, são lei para si mesmos; os quais mostram que a obra da Lei está escrita em

seus corações, testemunhando-lhes sua consciência e os seus pensamentos consigo mesmos, ora acusando-os, ora defendendo-os.

Alguns comentaristas afirmam que os v.14 e 15 são um “parêntese” neste parágrafo pelo fato de que o assunto deles não se encaixa com o pensamento do parágrafo. Para uma hábil explicação sugerimos a leitura do Comentário do NT – Romanos de William Hendriksen nas páginas 128 e 129 (vide bibliografia).

Mas, não há nenhuma diferença de assunto aqui. Muito pelo contrário, o assunto que Paulo vem discorrendo neste parágrafo é sobre a revelação do Juízo de Deus (cf.v.5-8). Logo, ele está afirmando aqui que: *“Quando, pois os gentios que não têm lei fazem por natureza as coisas que são da lei, estes, não tendo lei, são lei para si mesmos”*, ou seja, apesar dos gentios não terem recebido a Lei escrita como os judeus, eles (os gentios) receberam de Deus o *senso do que é certo e do que é errado*. Todo ser humano, não importando a sua cultura, tem um código de ética que ele segue. Todas as culturas condenam o homicídio, a infidelidade conjugal ou em outros relacionamentos, o roubo, a mentira, etc, mesmo praticando tais coisas. Essa lei que eles trazem em seu coração é o suficiente para condená-los diante de Deus, ou como nas palavras de Paulo: *“são lei para si mesmos”*. Como não bastasse esse *senso do que é certo e do que é errado* com o que Deus equipou a alma humana, ainda existem a *“sua consciência e os seus pensamentos consigo mesmos”*, que estão *“ora acusando-os”* quando infligem a obra da Lei, ou seja a obra que a Lei requer que seja feita, *ora defendendo-os”*, quando cumprem as obras que a Lei requer.

Uma expressão que merece um pouco mais de consideração aqui é *“os gentios que não têm lei fazem por natureza as coisas que são da lei”*. Quando disse que os gentios *“fazem por natureza as coisas da lei”*, Paulo não está dizendo que eles não têm uma natureza pecaminosa e por isso conseguem fazer as coisas que a Lei requer. Ele apenas está dizendo que *quando* eles conseguem fazer *com naturalidade* o que a Lei determina, sem que alguém lhes diga explicitamente (como é o caso dos judeus que receberam a Lei escrita em tábuas de pedra) o que devem e o que não devem fazer, estão mostrando que Deus lhes implantou no coração esse *senso do que é certo ou errado*. Os cristãos Reformados e Calvinistas crêem na doutrina da Total Depravação humana. Essa doutrina não ensina (como muitos erroneamente interpretam) que o homem é inteiramente depravado, incapaz de fazer qualquer coisa boa. Essa doutrina jamais ensina tal coisa! Antes, ela nos ensina que não há uma única área da personalidade humana (espiritual, moral, emocional, etc) que não tenha sofrido com o pecado e por ele tenha sido afetada. Até mesmo quando o homem faz uma coisa tida por boa, pode fazê-la com as intenções erradas. Contudo, é importante lembrarmos que neste parágrafo Paulo não está defendendo ou refutando a doutrina da Total Depravação. Ele está apenas desenvolvendo seu argumento de sua tese de que há um só caminho através do qual o pecador, quer gentio quer judeu, pode alcançar a condição de ser aceito por Deus. Esse caminho foi aberto pelo próprio Deus. Os gentios necessitam dessa *“justificação pela fé”*, *“porquanto, conhecendo a Deus não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças”*. Os judeus também necessitam dela, porque praticam as mesmas coisas que eles condenaram (cf.2.3). Ambos, gentio e judeu, são por natureza maus⁷¹.

(2.16)

¹⁶ evnh`me,ra[te kri,nei o` qeotja. krupta. tw/n avnqrwka,ptw to. euvagge,lio,n
em dia quando julga o Deus as ocultas dos homens segundo o Evangelho

mou dia. Cristou/ Vlh sou/ Æ
meu através de Cristo Jesus.

no dia, quando Deus através de Cristo Jesus julgar as coisas ocultas dos homens segundo o meu Evangelho.

⁷¹ (cf. HENDRIKSEN. 2001, p.131)

William Hendriksen na sua tradução desse verso acrescenta no início: “[Tudo isso se fará claro] no dia quando...”. A NVI também traz esse acréscimo: “Isso tudo se verá no dia em que Deus julgar...”. Esse acréscimo se faz necessário, justamente porque ele exprime bem a idéia de todo o parágrafo.

O Dia do Juízo é portanto não só para as obras visíveis, mas, também ocultas (κρυπτῶν) dos homens tais como pensamentos, intenções, sentimentos, etc.

Embora no texto grego a expressão “através de Cristo Jesus” esteja mais próxima da expressão “segundo o meu Evangelho”, o lugar mais correto de entendê-la e colocá-la é próxima de “quando Deus... julgar as coisas ocultas”. O julgamento será “através de Cristo Jesus” (cf. 1Co.4.5).

(2.17-20)

¹⁷ Eiv de. su. Vloudai/οὐδαι, καὶ. evpanapau,η̄σεν, ἐπὶ τῇ. Leī e te jactas em Deus
Se porém, tu judeu és nomeado sobre e repousas sobre Lei e te jactas em Deus

¹⁸ kai. ginw,skelij to. qe, lhma kai. dokima, zēlōn, ὅτι. kathcou, meno j evk tou/ no, mou(e conheces a vontade e aprovas as que são excelentes sendo instruído de a Lei,

¹⁹ pe, poiqa, jte seauto. no` dhgo. n ei= nai tuflw/ n(fw/ j tw/ n evn sko, tei(persuadiste e a ti mesmo guia ser de cegos, luz dos em trevas,

²⁰ paideuth. n avfro, nwn(dida, skalo, i, wn(e; conta th. n mo, rfwsin th/ j gnw, sewj instrutor (de) tolos, professor (de) infantes, tendo a forma do conhecimento

kai. th/ j avlhqei, aj evn tw̄ | no, mw | e da verdade em a Lei.

Ora, tu que te chamas judeu, repousas sobre a Lei, te glorias em Deus, conheces a vontade Dele, aprovas as coisas que são excelentes, sendo instruído na Lei, persuadiste a ti mesmo de que és guia de cegos, luz dos que estão em trevas, instrutor de tolos, professor de infantes, tendo a forma do conhecimento e da verdade na Lei,

Nestes versos temos uma descrição da vanglória dos judeus⁷². Está certo que eles receberam muito mais que os gentios (receberam a Lei escrita), contudo, em vez de atentarem para a responsabilidade que pesava sobre eles, deixaram-se levar por um terrível sentimento de orgulho e vanglória.

O judeu se gabava⁷³ de:

- ✓ Ser chamado de judeu: propriamente de ser reconhecido como tal;
- ✓ Repousar na Lei: o servo de Deus deve de fato repousar sua fé na Lei do Senhor. O que Paulo condenou aqui é a atitude daqueles judeus que: (1) se gabavam pelo simples fato de terem a Lei nas mãos e por isso se julgavam superiores. (2) que criam que, por meio de um esforço extremo e contínuo em obedecer a Lei, conseguiriam obter a salvação.
- ✓ Sua relação com Deus: a expressão “te glorias em Deus” quer dizer justamente isso: eles se gabavam de ter uma forte e bela relação com Deus, coisa que era fruto da imaginação deles e que eles mesmos acabaram se convencendo disso (v.19). Uma coisa sou eu dizer que tenho intimidade com Deus; outra bem diferente, é Ele dizer que tem intimidade comigo. Nesse ato de

⁷² No idioma grego, não existe um recurso que temos no idioma Português, a saber, a vírgula. Ela serve para ligar uma série de elementos. No caso do grego, a conjunção Kai, como aparece nestes versos, cumpre o papel da vírgula, somando um elemento a outro

⁷³ O verbo kauca, om̄ que aparece no v.17 (jactar, gloriar) é usado por Paulo em suas cartas cerca de 35 vezes. Às vezes é usado positivamente, outras, negativamente.

gabar-se de sua relação com Deus estava o fato de que eles também diziam *conhecer a vontade de Deus*. A vontade de Deus para nós é que confiemos exclusivamente em Cristo Jesus. Toda nossa obediência à Lei de Deus deve vir depois da nossa entrega total e fé incondicional em Cristo para que não caiamos no pecado da soberba e orgulho.

- ✓ Aprovar as coisas excelentes: as coisas que “excedem” ou as coisas que “diferem”. Aqui se refere às sombras mais delicadas da vida moral, aludindo à casuística⁷⁴ na qual as escolas judaicas eram excelentes⁷⁵.
- ✓ Ser instruído na Lei: o fato dele ter conhecimento da Lei e saber o que ela dizia, *sendo* assim *instruído* (lit. catequizado - *kathcou, menoje* se persuadiu, se convenceu de que (1) era *guia de cegos* – mas, como poderia guiar alguém com cegueira se ele também era cego? Veja o que o Senhor Jesus diz em Lc 6:39: “Pode, porventura, um cego guiar a outro cego? Não cairão ambos no barranco?”. Definitivamente, eles não eram guias confiáveis. (2) *luz dos que estão em trevas* – do chamado de Abraão até o profeta Malaquias, repetidamente, Deus disse: “Eu, o Senhor... te farei... luz para os gentios” (cf. Is.42.6). No Antigo Testamento, encontramos muitos servos de Deus que realmente foram “luz no meio das trevas” (José, Josué, Josias, Isaías, Ezequiel, Daniel, etc). Porém, os judeus da época de Paulo estavam muito aquém do que deveriam ser, aliás, quando rejeitaram a Luz do mundo, Jesus, passaram de si essa responsabilidade. (3) *instrutor de tolos e professor de infantes* – os *tolos* são aqueles sem inteligência, sem capacidade de discernimento. Já os *infantes* são os imaturos. O substantivo *nhpioj* significa literalmente *aqueles que não sabem falar*, ou seja, os bebezinhos. Essas palavras descrevem o sentimento de superioridade, a arrogância e soberba dos judeus.
- ✓ Ter a forma do conhecimento e da verdade da Lei: A Lei tal qual o Senhor dera através de Moisés, sem dúvida alguma é um grande tesouro. Mas, os acréscimos absurdos que os judeus fizeram a ela, tornaram-na impraticável até mesmo por eles (Lc 11:46).

João Calvino parece estar certo quando diz que aqui Paulo estava ironizando os judeus como que dizendo-lhes: “Se vocês acreditam ser realmente tão eruditos, sábios e capazes, não é exatamente o tempo de vocês começarem a examinar-se a si mesmos?”⁷⁶.

A seguir, Paulo passa a fazer uma série de perguntas que podemos denominá-las de *perguntas de auto-exame*.

(2.21-23)

²¹ o` ou=n dida,skwn e[terocauto.mouv dida,skeijÈ o` khru,sswn mh. kle,ptein kle,pteijÈ
o portanto, que ensinas outro a ti mesmo não ensinas? O que pregas não roubar roubas?

²² o` le,gwn mh. moiceu,ein moiceu,eijÈ o` bdelusso,menoj ta. idola lei/jÈ
o que dizes não cometer adultério adulteras? O que odeias os ídolos saqueias templos?

²³ o]j evn no,mw| kaucasa(th/j paraba,sewj tou/ no,mou to.n qeo.n avtima,zej
O qual em lei te jactas, através de a transgressão da Lei o Deus desonras?

⁷⁴ Também chamado de Casuísmo. Na essência o Casuísmo é simplesmente a aplicação da lei ou de leis às circunstâncias mutáveis da vida cotidiana. Todas as contingências concebíveis são levadas em conta e uma lista detalhada de regras é oferecida a fim de que a permissibilidade ou culpabilidade de um ato seja determinada. Torna-se questão complicada, naturalmente, quando os motivos e os fins são considerados. Em sua proclamação, o Cristianismo era fortemente oposto ao casuísmo legalista que, como Jesus via, poderia facilmente corromper ou diminuir o valor dos mandamentos divinos em função das tradições humanas. Contudo, o problema que o casuísmo tentava resolver, ou seja, como as circunstâncias podem alterar os casos, permanecia autêntica. Pode-se argumentar que nosso Senhor praticou o casuísmo legítimo quando, por exemplo, demonstrou que a compaixão tem precedência sobre o sábado. Neste caso, é claro que o ponto é que, mesmo regras detalhadas que sejam certas em si mesmas, podem ser transpostas pelos mandamentos divinos (CF. BROMILEY, Geoffrey, in HENRY, 2007, p.97)

⁷⁵ (cf. RIENECKER – ROGERS, 1988, p.259).

⁷⁶ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.139).

tu, pois, que ensinas a outro, a ti mesmo não te ensinas? Que pregas que não se deve roubar, e roubas? Que dizes que não se deve cometer adultério, e adulteras? Que odeias os ídolos e roubas os templos? Que na Lei te glorias, mas, através da transgressão da Lei desonras a Deus?

Alguns comentaristas afirmam que esse trecho é cheio de anacolutos, ou seja, afirmações nas quais a construção gramatical com que a sentença começa não é completa, a condição (ou prótase) não tem a conclusão que se espera (ou apódose). Tal alegação é infundada.

Temos aqui uma série de perguntas com as quais Paulo quer levar os judeus (especial e especificamente) a refletirem num texto que lhes era muito conhecido e que se encontrava em vários escritos rabínicos. Por exemplo⁷⁷:

“Você tem muitas pessoas que ensinam a si próprias, porém não ensinam a outrem; muitas pessoas que ensinam a outrem, porém não ensinam a si próprias; muitas pessoas que ensinam a si próprias e a outrem, e muitas que não ensinam nem a si próprias e nem a outrem (S.BK. III, p.107) (...) Para exemplos de furto que ocorriam entre os ‘instruídos’, ver a mesma fonte, novamente na p.107; para adultério, pp.109-111 – às vezes de uma natureza muito escandalosa entre os rabinos!; e para saque dos templos, pp. 113-115”.

Paulo menciona todos esses pecados para mostrar que longe de estarem fazendo a vontade de Deus a qual alegavam conhecer (cf.2.18) eles estavam desonrando a Deus quando transgrediam a Lei.

A pergunta do v.23 em si revela a hipocrisia dos judeus os quais contrastavam a sua doutrina com a prática, a teologia com a vida. Se eles alegavam que a justificação viria pela obras (cumprimento total da Lei – coisa que nesta vida é impossível ao homem mais piedoso), então deveriam prestar atenção no fato de que estavam tão longe quanto os gentios de o conseguirem, e ainda com a agravante de que possuíam a Lei escrita que lhes foi confiada.

Mas, é no v.24 que vem uma grande acusação:

(2.24)

²⁴ to. ga.r o;noma tou/ qeou/ u`ma/j blasfhmei/tai evn toi/j e;qnesin(kaqw.j ge,graptai
O pois, nome do Deus em razão de vós está sendo blasfemado entre os gentios, como foi escrito.

Como está escrito: o nome de Deus, pois, está sendo blasfemado entre os gentios por vossa causa. A Citação aqui é de Is.52.5 e é uma adaptação da versão LXX.

O texto em Is.52.5 consiste no fato de que quando um povo era conquistado por outro, o vencedor zombava do vencido, e como o deus de um povo estava totalmente ligado a ele, cria-se também que o deus do povo vencido, também fora derrotado pelo deus do povo vencedor. Por essa razão quando Israel fora conquistado pela Assíria e depois pela Babilônia, tornou-se motivo de chacota para as nações. Aqui em Rm.2.24 ele recebe outra conotação. Era como se os gentios estivessem dizendo o seguinte dos judeus: “*vocês portaram-se impiamente; portanto, seu deus seria também ímpio, visto que o povo se assemelha a seu deus*”⁷⁸.

Aqueles que deveriam glorificar a Deus de fato pois receberam todos os recursos para isso, foram os que O desonraram.

No restante dessa seção (2.1 – 3.8) a saber, de 2.25 – 3.8 temos a descrição do perfil do judeu genuíno e o do meramente nominal, nas palavras de Paulo da circuncisão do coração e a da circuncisão meramente da carne.

(2.25-27)

⁷⁷ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.140).

⁷⁸ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.141).

²⁵ Peritomh. me.n ga.r wvfelei/eva.n no,mon pra,ssahj de. paraba,thj
Circuncisão por um lado, pois, é de proveito se lei fazes; se por outro lado transgressor

no,mouh=jjh` peritomhsou avkrobusti,a ge,gonenÅ
de lei sejas, a circuncisão de ti incircuncisão se tornou.

²⁶ eva.mou=nh` avkrobusti,a ta. dikaiw,mata tou/ no,mou fula,ssh|(ouvc h` avkrobusti,a
Se portanto, a incircuncisão as ordenanças da Lei guardar, não a incircuncisão

auvtou=ijv peritomh.n logisqh,setaiË
dele para circuncisão será havida por?

²⁷ kai. krinei/ h` evk,sewj avkrobusti,a to.n no,mon tesou,tsa dia.
E julgará a de natureza incircuncisão a Lei cumprindo te o através de

grammatoj kai. peritomh/j paraba,thn no,mouÅ
letra e circuncisão transgressor da lei.

Por um lado, a circuncisão é proveitosa se cumpres a Lei; se por outro lado, fores transgressor da Lei, a tua circuncisão se tornou incircuncisão. Porém, se o incircunciso guardar as ordenanças da Lei, a incircuncisão dele não será tida por circuncisão? E o que é incircunciso julgará o que é circunciso fisicamente, porque ainda que este tenha a letra da Lei, contudo, se faz transgressor da Lei.

“Por um lado, a circuncisão é proveitosa se cumpres a Lei; se por outro lado, fores transgressor da Lei, a tua circuncisão se tornou incircuncisão”. A circuncisão que não é acompanhada pela observância da Lei, não tem qualquer valor, não tem proveito algum. Podemos estender essa afirmação à água e ao batismo, ao pão e ao vinho da Ceia do Senhor. Meros ritualismos religiosos desprovidos de obediência sincera e cheia de amor, de nada valem. O oposto também é verdadeiro: um homem incircunciso, que em certo sentido (2.14) guarda a Lei de Deus é, aos olhos de Deus, igual a um homem circuncidado como fica claro no v.26: “Porém, se o incircunciso guardar as ordenanças da Lei, a incircuncisão dele não será tida por circuncisão?”.

O judeu baseava sua fé em dois pilares: (1) a posse da Lei escrita, (2) a circuncisão. Paulo aqui, está sumariando. Ele está mostrando ao judeu que as coisas sobre as quais ele (o judeu) tanto repousava sua confiança não traziam qualquer garantia a ele (pelo menos do jeito que ele as usava). Como já vimos, a Lei é perfeita, é boa e é acima de tudo um ato da Graça de Deus⁷⁹, e a circuncisão é um sinal da Aliança de Deus com Seu povo, e, intrinsecamente, é boa também. Mas, daí, construir todo um sistema de fé que é na verdade expressão do orgulho e soberba por ter a posse dessa Lei e ser rigoroso na execução do sinal dessa Lei e Aliança (a circuncisão) é tolice, é infantilidade e acima de tudo abrir um precedente para ser julgado por aqueles que embora não tendo tais coisas, se comportam com muito mais piedade “E o que é incircunciso julgará o que é circunciso fisicamente, porque ainda que este tenha a letra da Lei, contudo, se faz transgressor da Lei”.

Assim, Paulo está preparando seus leitores para o assunto principal dessa carta: à parte da justiça outorgada por Deus ao pecador, ninguém pode alcançar a condição de ser *aceitável* aos olhos de Deus.

Daí então se conclui:

(2.28,29)

²⁸ ouvga.r o` evn tw/| fanerw/| Vloudai/o,j evstin ouvde. h` evn tw/| fanerw/| evn sarki. pe
Não pois o em ao manifesto judeu é nem a em ao manifesto em carne circuncisão

⁷⁹ Muitos entendem que Lei e Graça são separados e quase que antônimos uma da outra. Isso é um grave erro, pois, Deus deu a Sua Lei aos homens quando não tinha qualquer obrigação de o fazer – Ele o fez como um ato de Sua livre e graciosa vontade – isso mostrar que a Lei é a Graça de Deus.

²⁹ avllv o` evn tw/| kruptw/| Vludai/oj(kaik^{peitaj}nev pneu,mati ouv grammati(
pelo contrário o em ao oculto judeu, e circuncisão de coração em espírito não em letra,

ou o` e;painoj ouvk evx avnqrw,pwn avllv evk tou/ qeou/Å
de quem o louvor não de homens mas, de o Deus.

Pois, não é judeu quem o é exteriormente apenas, e nem é circuncisão a que é somente na carne; pelo contrário, judeu é o que é interiormente, e circuncisão a que é a do coração, no Espírito e não segundo letra; o louvor deste não vem dos homens mas, de Deus.

Aqui mais uma vez, assim como nos v.25-27, Paulo faz um jogo com as palavras. Nos v.25-27 as palavras “circuncisão e incircuncisão” receberam além do seu significado básico (ter ou não o prepúcio cortado), o significado figurado, ou seja, o “circunciso e ou incircunciso”. No presente trecho (v.28, 29) as palavras com as quais Paulo faz um jogo “judeu e circuncisão”.

Há dois tipos de judeus: um é o verdadeiro, e o outro é o nominal, ou seja, aquele que o é apenas genética e etnicamente. O judeu verdadeiro é aquele que respeita a Aliança de Deus com ele; é alguém que compreende seu papel como um eleito de Deus e assim vive, enquanto que o judeu nominal é aquele que se gaba de ser descendente de Abraão mas que, não anda nas pegadas de Abraão, a saber, não vive pela fé.

Semelhantemente, há dois tipos de circuncisão: a verdadeira e a falsa; a interna e a externa; a que é no coração, no espírito, e a que é apenas na pele do prepúcio. A verdadeira é a expressão do relacionamento do homem com Deus; a segunda é a expressão do compromisso do homem com o legalismo religioso, e nada mais.

Sobre a expressão “...no Espírito...”, preferimos a tradução e a interpretação de que aqui Paulo está se referindo ao Espírito Santo e não ao espírito do homem (como é traduzido pela ARA, ARC, ACF e ASV) pelos seguintes motivos: (1) após dizer “do coração”, isso seria redundante⁸⁰; (2) como já foi indicado, tal renovação é, em toda a Escritura, atribuída ao Espírito Santo. Portanto, aqui Paulo está falando da verdadeira circuncisão que em outras palavras, é a verdadeira renovação, e como tal é obra do Espírito Santo “no coração”; (3) o contraste estabelecido entre “no Espírito” e “não segundo a letra”.

“...o louvor deste não vem dos homens mas, de Deus”. A palavra “judeu” deriva de “Judá” que significa “louvado”. Veja Gn.29.35. Muitos dentre os judeus eram ávidos por receberem o louvor dos homens (Mt.6.1-8, 16-18; 23.5-12). Portanto mereciam ser chamados de judeus, pois, em consonância com Rm.2.29, o verdadeiro judeu recebe o louvor de Deus e não do s homens.

(3.1)

¹ Ti, ou=n to. perisso.n tou/ Vludai,oj h` wvfe,leia th/j peritomh/jÈ
Qual portanto, o excedente do judeu ou qual o proveito da circuncisão?

Qual a vantagem, pois, do judeu, ou qual o proveito da circuncisão? Os comentaristas sugerem que aqui no v.1 é como se Paulo estivesse respondendo a uma objeção de um judeu: “Se, para que haja algum valor, alguém tem de ser judeu interiormente e deve ter experimentado a circuncisão do coração, então não há vantagem alguma em ser judeu no sentido mais amplo, nem em haver sido fisicamente circuncidado?”.

Então ele responde:

⁸⁰ Alguém pode alegar que a repetição é um estilo encontrado com freqüência no NT (p.ex. Hb.4.12). Concordamos que a repetição de termos e significados seja sim utilizada com freqüência, mas a redundância é algo bem diferente da repetição e não a encontramos no NT.

(3.2)

² polu. kata. pa,nta tro,pomw/ton me.n Îga.rÐo[ti evpisteu,qhsan ta. lo,gia tou/ qeou/Å
Muito segundo toda maneira. Primeiro na verdade pois porque foram confiados os oráculos de Deus.

Muito, em muitos aspectos. Primeiramente, porque a eles foram confiados os oráculos de Deus.

Os seguintes textos mostram que os judeus, como um povo, recebiam privilégios acima de todas as nações: Sl.147.20; Is.5.5,6; Am.3.2,3; Mt.22.1-8; Lc.13.6; 14.16,17 e 24, e especialmente Rm.9.4,5 onde Paulo voltará a esse assunto e o ampliará.

Mas, entre todos os privilégios, o maior de todos é o que aponta para o fato deles terem sido escolhidos para receberem os oráculos de Deus. Os oráculos de Deus (lo,gia tou/ qeou) são a revelação que Deus deu a Israel, os livros da Lei, dos profetas, a saber, todo o Antigo Testamento⁸¹.

Privilégios implicam deveres: a eles foram confiados os oráculos nos quais eles deveriam depositar toda confiança. Mas, infelizmente, nem todo Israel agiu assim. Por isso Paulo continua:

(3.3,4)

³ ti, ga,rÈ eivpi,sthsa,n tinej(mh. h` avpisti,a auvtw/npistin tou/ qeou katargh,seiÈ
Quê, pois, se não creram alguns? Porventura a infidelidade deles a fidelidade do Deus será invalidada?

⁴ mh. ge,noito gine,sqw de. o` qeo.j avlhqh,j(pa/j de. a;nqrwpoj yeu,sthj(kaqw.j
Não venha a ser. Venha a ser porém o Deus verdadeiro todo porém homem mentiroso, como

ge.graptai o[pwja'n dikaiwqh/|jevn toi/j lo,goij sou kai. nikh,seij evkritese,qai,seÅ
foi escrito: Para que – sejas justificado em as palavras tuas e vencerás em o fores julgado tu.

Que importa, pois, se alguns deles não creram? Porventura a infidelidade deles invalidará a fidelidade de Deus? Não seja de modo algum! Seja, porém, Deus verdadeiro e mentiroso todo homem, como está escrito: Para que seja justificado nas tuas palavras e prevaleças quando fores julgado.

A despeito de todas as vantagens que Israel tinha (cf. 2.21-23), ele não soube aproveitá-las e ser responsável para com elas. Privilégios trazem responsabilidades!

Todos os judeus estavam na mesma situação? Não! Mais uma vez ele faz a distinção entre dois grupos. Agora ele fala dos *infieis* e dos *fiéis*, os que *não creram* (hvpi,sthsa) e os que *creram*.

A infidelidade desses *alguns* (tinej) em hipótese alguma anula, invalida (katargh,sei katarge)wa fidelidade de Deus. Contudo, Paulo não está dizendo aqui que a despeito da infidelidade desses alguns Deus lhes outorgará um futuro glorioso só porque são judeus. Ele, aliás, quer mostrar que visto Deus ser fiel, aqueles judeus que lhes são fiéis, e portanto àquilo que lhes fora confiado, certamente receberão a concretização de suas promessas. Não podemos nos esquecer que Deus é fiel, e em Sua fidelidade Ele tanto abençoa aqueles que Lhe são fiéis, como também pesa Sua mão sobre os infieis. A promessa de Deus inclui essas duas realidades. Ele é fiel em Suas promessas da mesma forma que é fiel em Suas ameaças.

A idéia de que Deus pudesse tornar-se infiel leva Paulo a estremecer dizendo: “*Não seja de modo algum!*”. Isso equivale a um “*Longe disso!*”, “*que tal pensamento pereça!*”. Ao dizer: “*Seja, porém, Deus verdadeiro e mentiroso todo homem...*” ele quer contrastar e mostrar que a falsidade (mentira) e a infidelidade humanas, longe de anularem a fidelidade e a veracidade Divinas, elas as põem em destaque.

⁸¹ Não se inclui aqui o NT porque este ainda estava em fase de formação.

A citação que Paulo fez aqui no v.4: “*Para que seja justificado nas tuas palavras e prevaleças quando fores julgado*” é do Sl.51.4b, quando Davi depois de ser desmascarado por Natã confessou seu pecado a Deus dizendo: “*de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar*”.

(3.5,6)

⁵ eiv de. h` avdiki,a h` mēvōu/dikaiosu,nhn suni,sthsin(ēvrou/menēh. a;dikoj
Se, porém, a injustiça nossa de Deus justiça demonstra, quê diremos? Porventura injusto

o` qeo.j o` evpife,rwn th.n ovrg,h,ānkatāpon le,gwÅ
o Deus O aplicar a ira? Segundo homem digo.

⁶ mh.ge,noitō evpeipw/jkrinei/ o`qeo.j to.n ko,smonē
Não venha a ser. Quando como julgará o Deus o mundo?

Se, porém, a nossa injustiça destaca a justiça de Deus, quê diremos? Será, porventura, Deus injusto em aplicar Sua ira? Digo como homem. Não seja de modo algum! Se fosse assim, como julgará Deus o mundo?

Conforme vimos no v.3, a infidelidade do homem contraste-se com a fidelidade de Deus, e esta fica em destaque. Aqui no v.5 isso fica ainda mais evidente nas palavras: “*Se, porém, a nossa injustiça destaca a justiça de Deus, quê diremos?*”. A nossa injustiça destaca a justiça de Deus. O verbo suni,sthsinē significa “*recomendar, demonstrar, realizar algo. Usado em uma oração condicional de primeira classe, onde a condição é assumida por causa do argumento ser verdadeiro*” (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.260).

“*Será, porventura, Deus injusto em aplicar Sua ira? Digo como homem*”. Deus é o único que pode reverter qualquer situação. É o único que pode cancelar o pecado e outorgar perdão, é o único que pode pegar um pecador e justificá-lo. Então, por que Ele não perdoa a todos em vez de *aplicar Sua justiça*⁸²? Se Ele assim age, então está sendo injusto. Paulo aqui, está iniciando o desenvolvimento do seu pensamento que culminará nos próximos capítulos, a saber, a eleição divina, o ato em que Deus escolheu uns para salvação e conseqüentemente, não escolheu outros para a salvação⁸³. As palavras “*Digo como homem*” querem dizer: “*estou usando um argumento humano*”, ou seja, “*estou repetindo o que alguns dizem, e de forma alguma estou aqui externando uma coisa que penso*”, isso com relação ao questionamento de alguns que diziam: “*Porque Deus não perdoa a todos?*”.

Paulo então conclui: “*Não seja de modo algum! Se fosse assim, como julgará Deus o mundo?*”. É prerrogativa de Deus julgar o mundo simplesmente pelo fato Dele ser Deus. Diante disso, quem pode contestar? Que argumento pode ser apresentado a fim de retirar de Deus essa prerrogativa? Ele é Deus e por isso mesmo salva e perdoa a quem quer, e não salva e não perdoa a quem não quer salvar e perdoar (em Rm.9 Paulo expandirá esse assunto).

(3.7.8)

⁷ eiv de. h` avlh,qeia tou/ qeou/ evnyw,smei nēw/peri,sseuēnth.n do,xan auvtou/(
Se porém, a verdade do Deus em a minha mentira superabundou para a glória Dele,

⁸² Há de se fazer uma diferenciação no conceito de Deus “*aplicar Sua justiça*”. Em Romanos encontramos dois significados para essa expressão. Ela pode significar: (1) justificar o pecador, perdoando-o assim de seus pecados e transformando-o num filho de Deus, a quem Deus declarou *livre da culpa*, portanto, *justificado*, e (2) um ato punitivo de Deus para com os não-eleitos para salvação. Dessa forma a Justiça de Deus se revela em amor para com os escolhidos e em ira para com os não-escolhidos.

⁸³ Desde já é importante ter em mente a definição dos termos PREDESTINAÇÃO e ELEIÇÃO. Grosso modo podemos dizer que Predestinação é o ato de Deus que engloba todas as esferas da vida humana e da Criação, enquanto que a Eleição é algo mais restrito, dizendo respeito apenas à salvação dos escolhidos de Deus. A Eleição está contida na Predestinação.

ti, e;ti kavgw. w`j a`martwlo.j kri,nomaiË
porque ainda também eu como pecador sou julgado?

⁸ kai. mh. kaqw.j blasfhmou,meqa kãiaqw,j fasi,n tinej h`ma/j le,gein o[ti poih,swmen
E não assim como somos caluniados e assim como dizem alguns nós dizemos que: Façamos

ta. kaka,(i[na e;lqh| ta. avgaqawË to. kri,ma e;ndiko,revstinÅ
as más, para que venha as boas? Dos quais a sentença em justiça é.

Se porém, a minha mentira destaca a verdade de Deus, e superabundou a glória Dele, porque, ainda também eu sou condenado por ser pecador? E porque não dizemos como alguns, que nos caluniam afirmando que dizemos: Façamos coisas más, para que venham sobre nós coisas boas? A condenação destes é justa.

Temos aqui duas perguntas retóricas seguidas de uma brusca resposta apreciativa. Há uma estreita relação entre os v.7 e 8 com os v.5 e 6. No v.5, a sentença está no plural, enquanto que no v.7 está no singular. Em ambos, o ataque à justiça de Deus é repellido e Sua honra, mantida.

Como ele vem fazendo, seus argumentos são apresentados a um opositor “imaginário”, mas, que representa opositores reais.

William Hendriksen apresenta em sua tradução do v.7 as seguintes palavras entre parênteses: “(Alguém poderia alegar) *Se minha falsidade realça a veracidade de Deus...*”. Embora esse acréscimo não conste no texto grego, ele ajuda a esclarecer a sentença.

O oponente fala como se, quando Paulo ensinou que a pessoa é salva pela graça (v.8), quisesse dizer: “Vá em frente e peque segundo o anseio de seu coração, a fim de que a graça tenha a chance de executar sua obra”. Ele deixa bem claro que: (1) alguns estão distorcendo suas palavras, e estão caluniando-o quando afirmam que foi ele quem disse isso, a saber, que devemos pecar cada vez mais para que a graça de Deus tenha oportunidade de ser cada vez mais realçada, (2) “*A condenação destes* (caluniadores e depravados) *é justa*” porque eles estão desrespeitando a graça de Deus. Voltaremos a este assunto em Rm.6.1ss.

1.2.3. Conclusão: Todos são culpados perante Deus (3.9-20)

Depois de mostrar a culpa dos gentios considerados pelos judeus como seres desprezíveis, e igualmente, depois de mostrar a culpa dos judeus que se consideravam especiais (por fatores meramente externos: circuncisão e a posse da Lei), Paulo agora apresenta a dura realidade de toda a humanidade: todos são culpados perante Deus.

(3.9-12)

⁹ Ti, ou=nË proeco,meqaËouv pa,ntw|j proh|tiasa,meqa ga.r Vloudai,ouj te kai.
Quê portanto? Somos proeminentes? Não totalmente, denunciemos previamente pois, judeus tanto quanto

{Ellhnaj pa,ntaj u`fv a`marti,an ei=nai(
gregos todos sob pecado estar.

¹⁰ kaqw.j ge,graptai o[ti ouvk e;stin di,kai ojeiËuvde.
como foi escrito que: não é justo nem um só

¹¹ ouvk e;stin o`suni,wn(ouvk e;stin ouvkzhtw/n to.nÅqeo,
não é o que entende, não é o que busca o Deus.

¹² pa,ntej evxe,klinam[ma hvcrew,qhsanouvk e;stin o` poiavhsto,thta(
Todos desviaram juntamente tornaram-se inúteis; não é o que faz o que preste,
Ëouvk e;stinË e[vjÅe`no,
[não é] até um.

E então? Temos proeminência? Absolutamente, não, pois denunciemos previamente, que os judeus tanto quanto os gregos, todos estão debaixo do pecado;

O pronome “nós” implícito na pergunta “*Temos proeminência?*” traz uma dificuldade de interpretação.

Muitos comentaristas afirmam que aqui Paulo se refere a *ele e os judeus*, visto ser ele um judeu também. Aparentemente, essa interpretação parece ser a correta, mas não é.

Ele já descrevera anteriormente a situação dos gentios e dos judeus, porque razão voltaria a falar dela novamente? Comentando esse verso William Hendriksen afirma⁸⁴:

“Conseqüentemente, o verdadeiro significado seria: ‘Nós – Paulo e vocês, crentes em Roma – excedemos?’ Ou, mais amplamente, ‘Nós, crentes em Cristo (em geral), excedemos? Somos melhores que todas as demais pessoas? Temos uma posição superior com Deus?’ (...) A conclusão pareceria ser clara. O que o apóstolo está perguntando é isto: Por *natureza* – ou *por nós mesmos* – nós, cristãos, somos melhores que todas as demais pessoas?’”.

Esse assunto será desenvolvido mais à frente. Por ora, lembremos apenas que conforme Paulo já indicou anteriormente (“*denunciemos previamente*”), que “*...os judeus tanto quanto os gregos, todos estão debaixo do pecado*” ou como ele dirá em 7.25, a lei do pecado.

Então ele descreve o estado de miséria que se encontra a raça humana: ***como está escrito: não há nenhum só justo; não há quem entenda; não há quem busque a Deus. Todos se desviaram e, juntamente se tornaram inúteis; não há quem faça o que preste, nenhum sequer.***

Nestes versos Paulo começa (como sempre faz) a formular seu argumento que agora consiste em mostrar a total depravação do homem, a universalidade do pecado. As palavras aqui demonstram não uma raça ou povo específicos, mas, sim, toda a humanidade. Quando ele diz: “*...os judeus tanto quanto os gregos...*” obviamente, o termo “gregos” se refere aos gentios como num todo (cf. 1.16). Cinco expressões negativas “*não há nenhum só justo; não quem entenda; não quem busque a Deus (...)* não há quem faça o que preste, nenhum sequer” são intercaladas com uma expressão afirmativa: “*Todos se desviaram e, juntamente se tornaram inúteis*”. Aqueles que pregam que o homem pode vir a Deus por conta própria e por si mesmo pode garantir sua salvação, devem atentar para o que dizem esses versos (e outros tantos na Bíblia!).

(3.13,14)

¹³ ta,foj avnew|gme,noj o` la,rugx tawjtw|n(ssaj auvtw/n evdoliou/s|ra(vspi,dwn
Sepultura que foi aberta a garganta deles, com as línguas deles praticam dolo, veneno de áspides

u`po. ta. cei,lh auvtw/n
debaixo de os lábios deles,

¹⁴ wñ to. sto,maavra/j kai. pikri,aj ge,mei(
dos quais a boca de maldição e de amargor está cheia

Desenvolvendo seu argumento, Paulo agora desce às particularidades: ***A garganta deles é uma sepultura que foi aberta; com sua língua praticam o engano, veneno de áspides está debaixo de seus lábios. A boca deles está cheia de maldição e amargura.***

Para descrever a pecaminosidade latente da raça humana, Paulo não busca aqueles pecados descritos em Rm.1, pois pode ser que os judeus, ou mesmo alguns gentios que se achavam piedosos diriam: “*Não somos culpados de pecados tão grosseiros*”. Por isso mesmo guiado pelo Espírito Santo, ele alista pecados *da língua*.

⁸⁴ (HENDRIKSEN, 2001, p.160).

“A garganta deles é uma sepultura que foi aberta...”. A cena de uma sepultura aberta é nojenta. Se o cadáver que nela está é só um esqueleto seco, é horrível; pior ainda é quando uma sepultura tem de ser aberta poucos dias depois que o cadáver foi sepultado ali. O fedor, a imagem de um corpo em decomposição é simplesmente uma das experiências mais nojentas dessa vida. Além disso, a imagem da sepultura aberta aqui, comunica morte, ou seja, alguém morreu e precisa ser sepultado. O homem natural comunica morte em suas palavras.

“...com sua língua praticam engano...” é este pecado que Tiago tem em mente quando fala da fonte de água doce jorrar água amarga (Tg.3.11). A pessoa dirige-se à uma fonte de água esperando ali dessedentar-se e quando toma da água constata que é um fel. Estes tais transmitem em suas palavras engano parecido.

“...veneno de áspides está debaixo de seus lábios...”. Aqui é uma citação exata da LXX do Sl.140.3 (na LXX é 139.4). Essas palavras comunicam a perfídia, o modo traiçoeiro como eles agem. Falam uma coisa com o propósito de alcançar outro resultado. Assim como um veneno destrói a vida de uma vítima, suas palavras destroem aqueles que lhe são próximos.

“A boca deles está cheia de maldição e amargura”. O veneno dessas pessoas, envenena a elas primeiro. Quando abrem a boca não se pode esperar outra coisa senão palavras carregadas de maldição e amargura (palavrões, palavras de baixo calão, etc).

Em Lc.6.45 o Senhor Jesus disse: “...a boca fala do que está cheio o coração”. Assim sendo, nenhum homem na face da Terra pode alegar ser alguém que nunca usou mal as palavras. Mesmo aqueles que por mais comedidos (ou acanhados) uma vez ou outra usou mal as palavras, e isso foi (e é) o suficiente para incriminá-lo perante Deus.

(3.15-18)

¹⁵ ovxei/j oi` po,dej auvtw/ke,ai aima(
velozes os pés deles para derramar sangue,

¹⁶ su,ntrimma kai. talaipwri,a evn toidoi/jauvtw/n(
destruição e miséria em as caminhos deles,

¹⁷ kai. o`do.neivrh,nhj ouekgnwsan
e caminho de paz não conheceram.

¹⁸ ouvkw e;stin fo,bajeou/ avpe,nanti tw/n ovfqalmw/n auvtw/n
não está temor de Deus de em contra os olhos deles.

Agora Paulo passa a descrever as ações do homem: **Os pés deles são velozes para derramarem sangue, destruição e miséria em seus caminhos, e o caminho da paz não conheceram. O temor de Deus não está diante dos olhos deles.**

Podemos constatar essa triste realidade em todos os tempos. Esses pecados não dizem respeito ao passado somente; diz respeito também aos nossos dias. E porquê eles agem assim? Porque “O temor de Deus não está diante dos olhos deles”. Karl Marx disse que a “religião é o ópio da sociedade”. Muitos interpretam essas palavras como um brado de perseguição à religião e em algum sentido é mesmo. Porém, o que ele está dizendo é que a religião exerce um papel importante na sociedade pois ela apresenta limites aos homens. Sabemos que a religião por si só não basta. Todas as religiões (especialmente o Cristianismo visto como religião apenas) tiveram suas “manchas” históricas e em nome de suas crenças cometeram terríveis atrocidades. Mas, aqui, Paulo não está falando de religião, ele está falando do princípio da sabedoria: *o temor de Deus no coração do homem*. Perdendo esse temor o homem perde o rumo e o sentido da vida.

(3.19,20)

¹⁹ oi,damende. o[ti o[sa o` no,moj le,gei toi/j evn tw/| no,mw| pateri/sifonagh/|

Sabemos porém que tudo o que a Lei diz aos em a Lei fala, para que toda boca seja fechada
kai. u`po,dikojge,nhtaipa/j o` ko,smoj tw/\qew/|
e sob justiça venha a ser todo o mundo ao Deus.

²⁰ dio,ti evx e;rgwn no,mou dikaiwqh, setai pa/sa rx evnw,pion auvtou dia(ga.r
Porquanto de obras da Lei não será justificada toda carne à vista de Ele, através de pois,
no,mou evpi,gnwsij a` marti,aj
Lei pleno conhecimento de pecado.

Ora, sabemos que tudo o que a Lei diz, ela fala aos que estão dentro da Lei, para que toda boca seja silenciada, e todo o mundo venha estar sob o juízo de Deus. Porquanto, por obras da Lei toda carne não será justificada perante os olhos Dele, pois, através da Lei vem o pleno conhecimento do pecado.

Esta é a conclusão do argumento que ele vinha desenvolvendo nos versos anteriores. Os verbos *le,geie lalei* /embora sejam parecidos, cada qual tem o seu significado. “O primeiro verbo chama a atenção para o conteúdo do que está sendo dito, o segundo para a ação de dizer”⁸⁵.

No v.19 a expressão “aos que estão dentro da Lei” traz consigo uma dificuldade de interpretação. Os comentaristas se dividem em suas opiniões:

- a. *os judeus* (J.P. Lange e H. Rodderbos);
- b. *todo os que têm o Antigo Testamento*, inclusive os crentes em Roma (Lenski);
- c. *todos, o mundo inteiro* (S. Greijdanus e J. Murray);
- d. *todo mundo, mas com especial aplicação aos judeus* (C.R. Erdman; G.B. Wilson)

Creemos que a interpretação correta seja “c” – todos, o mundo inteiro – como afirma W.Hendriksen: “É verdade que a frase ‘aos que estão dentro da Lei’ pode levar-nos a pensar exclusivamente nos judeus. Entretanto, a lei, a Palavra de Deus, não tem uma mensagem para todos? E não tem autoridade sobre todos, e não tem direito sobre todos, sejam crentes ou incrédulos? E não diz respeito a todos, sem exceção, quer sejam judeus ou gentios segundo a raça?”⁸⁶.

Essa interpretação é corroborada com o restante do v.19 que diz: “...para que toda boca seja silenciada, e todo o mundo venha estar sob o juízo de Deus”. A figura usada aqui inspira pavor e medo! Diante de Deus todos, crentes e incrédulos, judeus e gentios, deverão ser silenciados. A glória de Deus calará a nossa insignificância, o juízo de Deus emudecerá nossa injustiça. Por isso, todos serão calados por Ele. Ninguém terá direito de se defender e argumentar.

E porque não há argumentos de nossa parte? “Porquanto, por obras da Lei toda carne não será justificada perante os olhos Dele, pois, através da Lei vem o pleno conhecimento do pecado”. A Lei determina que devemos amar a Deus de todo o nosso coração, alma, mente e força e que devemos amar nosso próximo como a nós mesmo (Mt.22.37-40, Mc.12.29-31 e Lc.10.27). Paulo vem demonstrando em todo o seu argumento deste o início dessa carta que esse é justamente o mal do ser humano: a falta de amor por Deus. Os gentios foram acusados de sua falta de amor (1.21), os judeus também (2.5), e em 3.18 Paulo deixou bem claro que “o temor de Deus não está diante dos olhos deles” referindo-se a todos, tanto os judeus como os gentios. E o que é essa falta de temor senão a falta do próprio amor por Deus?

“...através da Lei vem o pleno conhecimento do pecado”, ou seja, é quando tomamos conhecimento da Lei de Deus que também somos plenamente conscientizados da nossa

⁸⁵ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.261).

⁸⁶ (HENDRIKSEN, 2001, p.165).

pecaminosidade, e quanto mais procuramos cumprir toda a Lei, mais nos deparamos com a realidade da nossa total incapacidade de cumpri-la. Resta à Lei somente nos condenar! Qual a saída então?

1.3. JUSTIFICAÇÃO. A IMPUTAÇÃO DA JUSTIÇA DIVINA (3.21 – 5.21)

A Lei é sem dúvida alguma, expressão da Graça de Deus. Ele não precisava dar a Sua Lei aos homens pecadores, mas, nós precisávamos recebê-la para nossa orientação. Contudo, por causa do pecado, nos tornamos completamente incapazes de fazer alguma coisa que prestasse (3.12) através da qual pudéssemos nos livrar da culpa do pecado e receber a salvação. Se não fosse a misericórdia de Deus em nos justificar, estaríamos condenados.

Nesta seção veremos, a descrição da Justiça (3.21-31), a ilustração da Justiça (4.1-25), os benefícios da Justiça (5.1-11), e o contraste entre Justiça e Condenação (5.12-21).

1.3.1. Descrição da Justiça (3.21-31)

(3.21)

²¹ Nuni. de. cwrij no,mou dikaiosunhde/pefane,rwtai marturoume,nh' potou/ no,mou
Agora, porém, sem Lei justiça de Deus foi manifestada sendo testemunhada por a Lei
kai. tw/n profhtw/n(
e os Profetas,

Mas agora, à parte da Lei, foi manifestada a justiça que provém de Deus, sendo testemunhada pela Lei e pelos Profetas.

Repetidas vezes Paulo abordará em sua carta aos Romanos que a salvação do homem é um ato exclusivo da Graça de Deus. O homem nada pode fazer para salvar-se. Deus veio ao seu encontro, providenciou o necessário para sua salvação; até mesmo a resposta positiva que o homem dá à Graça de Deus que o chama a receber a salvação, é um ato da misericórdia de Deus conduzindo-o ao arrependimento (2.4). É Deus quem vem para resgatar. É ele quem condescende em salvar os que se tornaram totalmente indignos de serem salvos.

“Mas agora, à parte da Lei...”, ou “independente da Lei” (NVI), isto é, sendo Ele Deus, faz isso – naturalmente! – sem sacrificar sua justiça e sem pôr de lado as exigências de Sua Lei. Essa é a luz do Seu glorioso Evangelho, veja Is.9.1; 49.6b; 58.8; 60.1,3,19,20; Mq. 7.8; Lc.1.78,79; 2.32; Jo.1.9; 8.12; At. 13.47; Ef.5.8,9 e Ap.22.5.

Por que Deus fez isso é um mistério que jamais seremos capazes de entender plenamente. Esse assunto permeia todas as cartas de Paulo, veja 2Co.5.21; Ef.3.4-19.

Essa justiça entrou em vigor “à parte da Lei...” o que só pode significar que ela não era, e nem pode ser, obtida pela obediência humana à Lei de Deus⁸⁷. Estaria com isso, Paulo apresentando uma nova doutrina, ou uma nova interpretação da Lei? De forma nenhuma. Pelo contrário, ele está falando de uma justiça que foi “testemunhada pela Lei e pelos Profetas”. Já citara Hc.2.4 em 1.17, e com certeza tinha em mente passagens como Gn.15.6 e Sl.32.1,2. Essa verdade sempre esteve anunciada no AT, o problema é que as pessoas deixaram-na de lado e basearam sua justiça (a delas) em suas próprias obras.

(3.22,23)

²² dikaiosunhde. qeou/ dia. pi,stewj Vlh sou/ Cristou/ eivj pa,ntaj tou.j pisteu,ontaj

⁸⁷ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.169).

justiça porém, de Deus através de fé de Jesus Cristo para todos os que crêem,

ouvga,r evstin diastolh,(

não pois, é distinção.

²³ pa,ntej ga.rh[marton kai. u`sterou/ntai th/j do,xhj tou/ qeou/

todos pois, pecaram e estão faltos de a glória de Deus,

justiça, pois, de Deus através da fé em Jesus Cristo, provém a todos os que crêem, e não há, pois, distinção, porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus.

Mais uma vez Paulo volta ao seu assunto principal nesta carta, a saber, a justificação pela fé em Cristo Jesus. A “...*justiça, pois, de Deus através da fé em Jesus Cristo*”, ou seja, aqui temos a *origem* (Deus) e o *canal* (Jesus Cristo) dessa justiça. Ela “*provém a todos os que crêem...*”, o que é perfeitamente lógico, pois, se ela é “*através da fé em Jesus Cristo...*” somente quando o pecador crê em Jesus é que a recebe.

Visto que todo mundo no mundo inteiro está no pecado “...*não há, pois, distinção...*”, e por isso mesmo ninguém deve basear sua aceitação por parte de Deus com base em suas próprias obras. A Lei de Deus exige perfeição, e, como “*todos pecaram*” também “*estão destituídos da glória de Deus*”, ou seja, foram achados faltosos, falhos, erraram o alvo. Somente agora, um ato gracioso de Deus poderia reverter a situação deplorável em que todos se encontram como pessoas “*destituídas da glória de Deus*”⁸⁸.

⁸⁸ Com respeito ao significado de kai. u`sterou/ntai th/j do,xhj tou/ qeou/ comentaristas diferem amplamente. Aqui estão quatro pontos de vista: (1) Todos os homens fracassam em prestar à glória de Deus o que lhe devem. O padrão divino para a vida humana, o ideal de perfeição, permanece muito acima e além do alcance de qualquer ser humano. Ver W. H. G. Thomas, *SI. Paul's Epistle to the Romans*, Grand Rapids. 1946, p. 112. Ainda que o pensamento aqui expresso seja verdadeiro, como já se indicou previamente (3.10-18), e em seu comentário bem prático e devocional, Thomas acrescenta uma valiosa ilustração, isso provavelmente não é o que Romanos pretende, pois, nesse caso, Paulo não teria inserido uma forma verbal adicional? Não teria ele escrito: "Todos fracassam em *fazer* tudo para a glória de Deus"? Ver 1Co.10.31. (2) O termo "glória de Deus" refere-se à futura glória celestial. Tão certo está Ridderbos (*op. cit.*, p. 84) que essa é a interpretação correta, que afirma: "Não poderia ter outro significado". É verdade que há várias passagens paulinas nas quais "glória" ou "glória de Deus" se refere ao futuro galardão dos crentes. Ver, por exemplo, Rm.2.7; 5.2; 8.18, 30; 1Co.15.43; 2Co.4.17, Cl.1.27; 3.4 e 2Tm.2.10. Não obstante, é importante tomar nota do fato de que aqui em Rm.3.23b Paulo usa o tempo presente. Diz que, em decorrência da entrada do pecado, todos os homens *estão destituídos* da glória de Deus. Se ele estivesse pensando na glória que aguarda os filhos de Deus no céu, não teria ele usado o futuro? (3) Assim como pela redenção uma pessoa é transformada na imagem de Deus (2Co.3.18), assim previamente, por meio da queda, ela tornou-se destituída daquela perfeição que é o reflexo da glória de Deus. Perdeu o que uma vez possuía. Portanto, o termo "*a glória de Deus*", como usado em Rm.3.23b, significa "*conformidade com a imagem de Deus*", Ver Murray, *op. cit.*, p. 113; e John Knox, *The Interpreter's Bible*, Vol. IX, p. 430. Estreitamente relacionado é o ponto de vista de E. F. Harrison, *The Expositor., Bible Commentary*, Grand Rapids, 1976, p. 41, segundo o qual o termo em questão refere-se ao privilégio que o homem originalmente desfrutava, de ter comunhão direta com Deus. O que o homem desfrutava originalmente no Paraíso foi perdido em decorrência do pecado. Ou, como Van Leeuwen-Jacobs (*op. cit.*, p. 53) realça, por causa da queda, o homem não mais pode ter acesso a Deus diretamente, mas deve permanecer à distância (Ex.20.18, 21, Nm.4.15; 17.13, etc.). Ver também U. Wilckens, *Th.D.N.T.*, Vol. VIII, p. 596. Segundo esse artigo, Paulo poderia estar se referindo à glória com a qual Adão fora originalmente investido. Visto como essa teoria interpreta a frase "glória de Deus" como uma referência ao privilégio (ou privilégios) que o homem teria desfrutado no estado de retidão, mas que o perdeu em decorrência da entrada do pecado, concordo com ela. As palavras: "Todos têm pecado e provavelmente significando e como resultado - estão destituídos da glória de Deus" certamente parece apontar nessa direção. Seria possível, contudo, que o apóstolo estivesse pensando, antes de tudo, em algo mais que o homem uma vez tivera, mas que agora não mais possui? Isso nos introduz à próxima teoria: (4) O termo "*glória de Deus*" significa "*a glória comunicada por Deus*". Refere-se à "*glória*" no sentido de *aprovação, ratificação, louvor*. Apoiando essa teoria estão C. Hodge, *A Commentary to the Romans*, Grand Rapids, 1886, p. 140; J.Denney, *op. cit.*, p. 610; C. R. Erdman, (*op. cit.*, p. 52; e, em certo sentido, R. C. H. Lenski, *op. cit.*, p. 249. Também R. Knox, que traduz: " ... *todos igualmente são indignos do louvor de Deus*".

A objeção suscitada contra essa teoria, a saber, que nesse caso Paulo teria usado uma preposição, teria escrito para. εου(cf. Jo.5.44 e 2Pe.1.17), não é muito convincente; porque: (1) Sem usar uma preposição, João pôde referir-se ao "*louvor vindo de Deus*" (12.43). Se João fez isso, por que não Paulo? (2) Quando Paulo se refere a "*justiça vinda de Deus*", ele às vezes faz isso sem usar uma preposição (Rm.1.17; 3.21,22). Se ele pôde fazer isso com a palavra "*justiça*", por que não com "*glória*"? (3) O que poderia muito bem ser o argumento mais forte em favor de interpretar Paulo como dizendo que, em resultado do pecado do homem, ele ficou destituído, ou carente, da divina aprovação ou louvor, ou seja, que nesses primeiros capítulos da epístola, e em alguma extensão mesmo no último, o apóstolo está operando com uma série de conceitos tais como pecado, condenação, justiça, justificação. Nessa série - pense

(3.24-26)

²⁴ dikaiou,menōi wrea.n th/|aυvtou/ ca,rdia. th/j avpolutrw,sewj th/j evn Cristw/| Vlh sou/
sendo justificados graciosamente pela Dele graça através de a redenção a em Cristo Jesus,

²⁵ o|n proe,qetoo` qeo.ji`lasth,rion dia. Íth/jĐ pi,stewj evn tw/| aυvtou/ ai[mati
a Quem colocou à frente o Deus propiciatório, através de a fé em o Dele sangue

eivj e;ndeixin th/j dikaiosυ,nhj aυvtou. th.n pa,resin tw/n progegono,twn
para demonstração da justiça Dele através de a passagem por cima dos que ocorreram antes

a`marthma,twn
transgressões

²⁶ evn th/|vnochtu/ qeou(foj th.n e;ndeixinth/j dikaiosυ,nhj aυvtou/ evn tvkai[matw/|
em a paciência de Deus, para com a demonstração da justiça Dele em o agora tempo fixado

eivj to. ei=nai aυto.n di,kaion kai. dikaiou/nta to.n evk pi,stewj Vlh sou/Å
para o ser Ele justo e que justifica o de fé de Jesus.

sendo justificados graciosamente por Sua graça através da redenção em Cristo Jesus, a Quem Deus ofereceu como sacrifício que desvia a Sua ira, no sangue Dele, através da fé, para demonstração da justiça de Deus, porque em Sua tolerância tratou com indulgência as transgressões cometidas anteriormente, com a Sua paciência, para demonstração da Sua justiça no tempo presente, para ser Ele Justo e quem justifica o que tem fé em Jesus.

“sendo justificados...”, estávamos “destituídos da glória de Deus” mas, Ele em Sua infinita bondade e graça nos justificou. Devemos tomar cuidado para não cairmos no erro do universalismo⁸⁹ aqui. Paulo mostrou que o pecado é universal, ou seja, todos os homens, em todos os lugares, e em todas as épocas são pecadores “destituídos da glória de Deus”, mas, não está em hipótese alguma afirmando aqui a salvação universal. Em 1.16 e 3.22, Paulo já deixou claro que a salvação é para aqueles que crêem.

Mas o que significa “Justificar”? Quando empregado no sentido forense, como aqui neste texto, “Justificar” significa *declarar justo*; e justificação pode ser definida como *aquele gracioso ato de Deus por meio do qual, sobre a base unicamente da obra de mediação efetuada por Cristo, ele declara justo o pecador, e este aceita o benefício com um coração crente*. Veja também Rm.4.3,5; 5.1,9; 8.30; Gl.2.15,16; 3.8,11,24; 5.4 e Tt.3.7. Justificação se contrasta com condenação, Rm.8.1,33,34⁹⁰.

A *Justificação* é questão de *imputação*, ou seja, Deus é quem atribui, computa Sua justiça ao homem. Há uma troca: a culpa do pecador é imputada a Cristo, e a justiça Dele é imputada ao pecador. Por isso Deus não nos declara justos pelas nossas obras, pois elas só acentuariam ainda mais nossa culpa, mas, através da obra de Cristo e isso “*graciosamente*”.

“...*graciosamente*...” é um dom, não custa nada para quem estava devendo (nós), mas, custou para Aquele a quem se devia (Deus), e o preço foi muito, muito alto, foi o sangue de Seu Filho Santo, Jesus Cristo. Neste ponto o orgulho humano recebe um golpe fatal: ou o homem *aceita*

especificamente na justificação - o conceito *aprovação* se ajusta bem naturalmente.

Portanto, creio que o versículo 23 significa: “*Todos têm pecado, e como resultado estão agora num estado em que se acham destituídos do (ou são carentes do) que possuíam antes da queda, a saber, a inestimável bênção de ter a aprovação de Deus repousando sobre eles*”.

Isso implica a verdade mencionada sob a teoria 3, pois como posso dizer: “Deus me aprova”, sem ao mesmo tempo dizer: “Portanto, tenho livre acesso a ele”? Daí, embora, como vejo, a teoria 4 deve ser preferida, enquanto que a teoria 3 chega bem próxima e provavelmente esteja implícita.

⁸⁹ Pensamento que ensina que Deus salvará da todos os homens, no final de tudo.

⁹⁰ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.173).

pela fé essa justificação e isso gratuitamente sem que possa pagar por ela, ou não a receberá. Ela é “por Sua graça”, e isso Paulo faz questão de enfatizar para que ninguém se vanglorie diante de Deus (Ef.2.8-10).

“...através da redenção em Cristo Jesus, a Quem Deus ofereceu como sacrifício que desvia a Sua ira, no sangue Dele, através da fé⁹¹”. Deus “ofereceu”⁹² a Jesus. Isso retrocede ao eterno conselho divino. Neste conselho ou decreto, Cristo foi designado para ser aquele por meio de quem o plano da salvação se concretizaria. O sacrifício de Cristo é, portanto, a única obra que “desvia a Sua ira”, ou seja, a ira de Deus contra o pecado. É como se Deus estivesse com a mão erguida pronta para nos fulminar em razão de nossos pecados, e então Ele volta o Seu olhar para Jesus Cristo, e ver o Seu sangue derramado na cruz (assim como no AT o sangue do holocausto era aspergido sobre a tampa do propiciatório), a ira de Deus é aplacada por amor a Jesus Cristo. Assim, Cristo é como um escudo para nós. Mas não pensemos que Deus Pai é um Deus furioso e ávido por nos destruir. Não cometamos tamanho pecado! Foi Ele quem “ofereceu” Jesus Cristo para morrer pelos eleitos.

“para demonstração da justiça de Deus, porque em Sua tolerância tratou com indulgência as transgressões cometidas anteriormente”. A justiça de Deus tinha de ser demonstrada, Ele é eternamente Santo, e o pecado dos homens foi e é uma afronta monstruosa à Sua santidade. O Deus justo exigia que se fizesse justiça. Mas, algo poderia impedir que o sangue de Jesus fosse derramado? Não! Porque foi justamente, no derramamento do sangue de Cristo que a justiça de Deus foi satisfeita. Não que Deus tivesse prazer em ver Seu Santo Filho morrer, mas, somente um sacrifício tão puro, tão santo, poderia justificar (tornar aceitáveis) os pecadores.

⁹¹ A frase "pelo derramamento de seu sangue" provavelmente não deve ser construída com "fé", resultando na tradução "fé em seu sangue". É verdade que εἰς τὴν πίστιν / auctou, significa diretamente *em direção a* e é também verdade que gramaticalmente (e *em* mais o dativo para indicar o objeto da fé) não é tão incomum como presumem alguns. (Ver, por exemplo, Gl.3.26; Ef.1.15, Cl.1.4, 1Tm. 3.13 e 2Tm. 1.13.). Mas é também um fato que um modificador nem sempre fica próximo da palavra que ele modifica. Além disso, para Paulo o objeto da fé é uma pessoa, não uma coisa.

⁹² O significado radical do verbo προτιθημι, qual a forma usada aqui, προτιθημι é a terceira pessoa do singular seguida do aoristo do indicativo médio, é *pôr diante de*; o qual, na voz média vem a ser *pôr diante de si mesmo*. É fácil entender que alguém pode pôr algo diante de si mesmo num duplo sentido: (1) para exibição pública; (2) para consideração mental; planejar (algo) para si mesmo. A maioria dos tradutores prefere (1) Não obstante, em favor de (2) *planejar, propor, designar*, os seguintes fatos devem estar em mente.

Em ambos os outros exemplos nos quais esse verbo é usado no Novo Testamento, Rm.1.13 ("muitas vezes *planejei* ir ter com vocês") e Efésios 1.9 ("o qual ele *propôs* para si mesmo") o sentido é claramente tético. Se existe, por que não aqui? Note também que onde quer que no Novo Testamento o substantivo cognato, προῆσις, é usado, exceto quando ocorre em conexão com o pão asmo (o pão consagrado sem fermento posto sobre uma mesa no Lugar Santo), o significado é *propósito*: "com o firme propósito" (At 11.23); "supor que tinham alcançado seu propósito" (At 27.13); "chamado segundo seu propósito" (Rm 9.11); "tendo sido preordenado segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho de sua vontade" (Ef 1.11); "segundo o eterno propósito que ele formou em Cristo" (Ef.3.11); "que nos salvou ... segundo seu próprio beneplácito e graça" (2Tm 1.9); e "Você, contudo, seguiu meu propósito" (2Tm 3.10).

Em favor de uma tradução tética aqui em Rm.3.25a estão também Orígenes, Ambrosiaster, Crisóstomo, Oecumenius, Lagrange, Fritzsche, Robertson, Phillips ("ordenado", cf. Bíblia de Jerusalém), N.E.B. (designado") e Granfiel.

Em abono da tradução *apresentou, anunciou, propôs*, ou algo similar, tem-se argumentado que esse significado se ajusta melhor a um contexto que fala da *demonstração* da justiça de Deus (3.25, 26), e que faz paralelo com as palavras de Paulo em Gálatas 3.1 ("Jesus foi publicamente exibido"). Mas não fica claro como se pode convincentemente argumentar que um verbo que indica a demonstração da justiça de *Deus* forma paralelo com um verbo que se refere ao derramamento do sangue de *Cristo*. Além disso, a construção gramatical nos dois casos difere radicalmente. E Gálatas 3.1 certamente pertence a um tipo diferente contexto que a primeira cláusula em Rm.3.25.

Para justificar um significado para o verbo grego que não aparece em nenhuma outra parte do Novo Testamento, e que difere substancialmente do sentido do substantivo cognato em *todos* os exemplos comparáveis de seu uso no Novo Testamento, ter-se-á de apresentar, argumentos mais fortes. Sobre esta questão, ver também as excelentes observações de Granfield *op. cit.*, Vol. I, pp. 208-210.

Devemos fazer o caminho inverso nesse argumento para que possamos mensurar a gravidade do nosso pecado, ou seja, se para que o nosso pecado fosse cancelado e desfeito (justificação) e a nossa dívida com Deus fosse saldada (salvação) foi necessário um sacrifício tão puro e santo como o de Cristo, é porque o nosso pecado era algo pelo qual jamais poderíamos nós pagar. A magnitude do sacrifício de Cristo ressalta a monstruosidade do nosso pecado.

Outra verdade sobre o sacrifício de Cristo é a sua *amplitude*. Deus em “*Sua tolerância tratou com indulgência as transgressões cometidas anteriormente*”, e isso quer dizer que, Ele “passou por alto”, “ignorou” – temporariamente, os pecados cometidos por seu povo nos dias antigos, ou seja, durante a antiga dispensação (AT). Quando Jesus sofreu e morreu na cruz, ele assim *expiou* os pecados de *todos os escolhidos* os quais a seu tempo determinado por Deus haveriam de receber a Cristo pela fé, ou seja, aceitarem o Seu sacrifício substitutivo como único, suficiente e de uma vez por todas sem necessidade de repetição. A extensão do sacrifício de Cristo tanto remonta aos dias do AT como avança pelos dias do NT, nos quais estamos nós e todos os que estão por vir. Deus não fez *vistas grossas* ao pecado; Ele sim, teve paciência, suportou com paciência as transgressões dos homens “...*com a Sua paciência, para demonstração da Sua justiça no tempo presente, para ser Ele Justo e quem justifica o que tem fé em Jesus*”. Somente Aquele que é Justo pode conferir justiça aos pecadores. Comentando esse verso, F.F. Bruce diz⁹³:

“Na oferta que Cristo fez de Si mesmo, a justiça de Deus é vindicada e o pecador que crê é justificado. Pois Cristo ocupa uma posição singular como representante de Deus junto ao homem e representante do homem junto a Deus. Na qualidade de Homem representativo, Ele absorve o juízo a que ficou sujeito o pecado humano; como representante de Deus, Ele comunica aos homens a graça perdoadora de Deus. A frase ‘justo e o justificador’ lembra Is.45:21 (‘Deus justo e Salvador’) Zc .9:9 (‘justo e Salvador’, ou, *apud AV*, ‘justo, e tendo salvação’)”.

Quanto à expressão final “*em Jesus*”, W.Hendriksen ressalta que isso deve significar o Jesus histórico, aquele que nasceu em Belém, foi crucificado, ressuscitou e ascendeu ao céu. É falsa a alegação de que é possível crer num Cristo que não seja o Jesus da História, de quem a Escritura dá testemunho⁹⁴.

(3.27,28)

²⁷ Pou/ ou=n h` kau,chsijÈ evxeklei,sqñh poi,ou no,mouÈ tw/n e;rgwnÈouvci,(
Onde, portanto a jactância? Foi excluída. Através de que tipo de Lei? Das obras? Não, de modo nenhum,
avlla. dia. no,mou pi,stewjÅ
pelo contrário através da Lei de fé.

²⁸ logizo,meqa ga.r dikaiou/sqai pi,stei a;nqrwpon cwri.j e;rgwn no,mouÅ
Arroamos pois, ser justificado por fé homem sem obras de Lei.

Onde está o motivo de vanglória? Foi excluído. Por qual tipo de Lei? Das obras? Não, de modo nenhum, pelo contrário, pela Lei da fé. Arroamos pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei.

O judeu se vangloriava de ter posse da Lei, mas, Paulo deixou bem claro que nem judeu, nem gentio, pode ser aceito por Deus com base em suas próprias obras de vanglória. Por esta razão “*onde está o motivo da vanglória?*” se a salvação e a justificação não estão baseadas nas obras humanas, ainda que essas obras sejam em obediência à Lei? A resposta é: “*Foi excluída*”, foi banida de uma vez por todas. Não é baseada na “*Lei das obras*”. Obviamente, Paulo aqui não está menosprezando a Lei, mas, sim a tola confiança do homem que consegue praticar alguns poucos itens da Lei e se gaba de ser um “observador” dela. Pobre miserável! Mal sabe que a quebra de um

⁹³ (BRUCE, 2005, p.88).

⁹⁴ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.179).

simples mandamento põe por terra todos os outros mandamentos que porventura tenha cumprido (Tg.2.10).

"Arrazoamos pois, que o homem é justificado pela fé, sem as obras da Lei". Aqui, por implicação, os dois métodos concebíveis de salvar-se são postos um contra o outro numa aguda antítese. Segundo o primeiro, uma pessoa é salva pela obediência à lei de Deus (que para o judeu significava: como interpretada e expandida pela tradição). De acordo com o segundo, ela é salva pela fé. Toda "vanglória" está excluída. É pela fé que ela foi excluída. Segundo o primeiro, a justificação, portanto, também a salvação, é produto do mérito humano; de acordo com o segundo, da graça divina.

Paulo, aqui, bem como em outros lugares, definitivamente endossa a segunda proposição. Ele rejeita a primeira. Não surpreende, pois aquele que realça as obras espera que a salvação venha delas, ou seja, *de baixo*. Aquele que enfatiza a fé retira os olhos de si e os põe em Deus, e espera a salvação que vem dele, ou seja, *do alto*.

Quando, em sua tradução do Novo Testamento, Lutero chegou nessa passagem, ele a traduziu assim: "*Portanto afirmamos que uma pessoa é justificada sem as obras da lei, por meio da fé somente*". Por essa adição da palavra "*somente*", ele foi severamente criticado. Sua resposta foi (HENDRIKSEN, 2001, p.181):

"Se vocês, papistas, fazem tanto estardalhaço inútil acerca da palavra *sola, somente*, digam-lhe imediatamente: Doutor Matinho Lutero a terá assim ... São eles [os papistas] doutores? Também o sou. São eles eruditos? Também o sou. São eles pregadores? Também o sou. São eles teólogos? Também o sou ... Portanto, a palavra *somente* permanecerá em meu Novo Testamento, e ainda que todos os asnos papais fiquem furiosos, não a tirarão dali."

Lutero não deveria ter inserido essa palavra. E os críticos não deveriam ter suscitado tal tempestade de protesto contra ela, pois, além do mais, quando Paulo declara que é pela fé que uma pessoa é justificada, à parte das obras da lei, realmente ele não quis dizer "pela fé somente"?

Esta posição, naturalmente, não exclui as obras de gratidão, *o fruto* da fé, como o apóstolo torna sobejamente evidente, tanto em Romanos (6.1-14; 7.4-6; 8.12-14; cap.12, etc.), quanto em outras epístolas (Gl.5.22-26; Ef.2.8-10, 1Tm.2.1-6 e Tt.2.11-14).

(3.29,30)

²⁹ h' Vloudai,wn o` qeo,jnonÈ ouvcì. kai. evqñw/mãì. kai. evqñw/n(

Ou de judeus o Deus somente? Não, porventura também dos gentios? Sim, também dos gentios,

³⁰ ei;per eij o` qeo.jo]j dikaiw,sei peritomh.n evk pi,stewj kai. avkroustiat,ath/j

se de fato um só o Deus O qual justificará circuncisão de fé e incircuncisão através de a

pi,stewjÃ
fé.

Ou Deus é somente dos judeus? Não é porventura, também dos gentios? Sim, é também dos gentios; visto que Deus é um só, O qual justificará o que é da circuncisão pela fé, e pela fé também o que é da incircuncisão.

Se fosse verdade que as obras, em conformidade com a lei, eram requeridas como uma condição, no cumprimento da qual a salvação se baseasse, então os gentios, vivendo à parte da lei, não teriam chance de salvar-se. Deus seria o Deus somente dos judeus. Os gentios teriam de buscar a salvação em outra fonte; porventura em algum outro Deus? O apóstolo definitivamente rejeita tal sugestão. Ele afirma que não existem dois deuses, um para os judeus e outro para os gentios. Em harmonia com o que ele dissera previamente (ver especialmente passagens tais como 2.25s.; 3.22) e vai dizer um pouco mais adiante (10.12,13), e em total concordância com os ensinamentos de Jesus (Mt.8.10-12; Jo.3.16; 10.14-16; 17.20, 21), o apóstolo, aqui, veementemente afirma que há somente *um* Deus (cf. Dt.6.4 e Is.45.5) e somente um caminho de salvação para ambos: judeus e gentios,

para circuncisos e incircuncisos (Gn 22.18, Is 45.22 e Rm 4.9-12).

É difícil ver como, pela inspiração do Espírito Santo, Paulo pudesse ter expresso a verdade da "não-distinção" em linguagem mais clara. É preciso bem pouca imaginação para ver como toda a congregação romana, reunida para o culto, quer num só lugar de reunião ou em vários, regozijando-se quando essa epístola, com sua ênfase na unidade (cf. Ef.2.11-17), fosse lida. A noção segundo a qual ainda hoje Deus reconhece dois grupos nos quais ele tem especial deleite - os judeus e a igreja - não encontra apoio, nem aqui nem em qualquer outra parte da Escritura. O que de fato encontra apoio é a passagem de Paulo que se encontra em Efésios 4.4-6: "*Há um só corpo e um só Espírito, assim como também vocês foram chamados numa só esperança que lhes trouxe sua vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que está sobre todos e por meio de todos e em todos*".

(3.31)

³¹ no,morou=n katargou/men dia th/j pistewjÈ mh. gènoitoavlla. no,mon
Lei portanto fazemos ociosa de todo através de a fé? Não venha a ser, pelo contrário lei

i`sta,nomenÀ
postamos de pé.

Anulamos então, a Lei por meio da fé? De modo nenhum! Pelo contrário, sustentamos a Lei.

Há quem diga que 3.31 teria sido 4.1; em outros termos, que ele pertence ao capítulo 4 e introduz o material dele. Tomam o termo "*a lei*" como usado aqui em 3.31, como sendo equivalente a "*Escritura*" em 4.3. Além do mais, já se admitiu que o termo *lei* às vezes tem essa significação. Não obstante, há duas objeções primordiais quanto à ligação direta com o capítulo 4:

- ✓ Nenhuma conexão clara pode ser demonstrada entre a substância de 3.31 e o parágrafo inicial do capítulo 4.
- ✓ O próprio vocabulário de 3.31 - note "*Anulamos então...*", claramente indica que essa passagem reflete sobre aquela que *precede*.

O que o apóstolo está dizendo equivale a isto: "Visto que pelas obras da lei nenhum mortal jamais será justificado (3.20), e visto que foi "...*sem obras da lei...*" que se revelou a justiça de Deus (v. 21), e, portanto, visto que uma pessoa é justificada "*pela fé, sem as obras da lei*" (v.28), estamos privando a lei de seu valor? "*Anulamos então, a Lei por meio da fé?*". A resposta de Paulo é bastante convicta e decisiva: "*De modo nenhum! Pelo contrário, sustentamos a Lei*".

O caráter convincente da resposta provavelmente deva ser explicado à luz do fato de que houve os que se puseram a dizer: "*Suprimamos a lei. Tudo que precisamos é de fé. Continuemos em pecado, para que a graça seja abundante*". Ver sobre 3.8 e 6.1.

Se alguém formulasse uma pergunta adicional: "*De que maneira, Paulo, você sustenta a lei pondo sua ênfase na justificação pela fé?*", ele, indubitavelmente, indicaria a tal indivíduo o conteúdo de Rm.3.20; 7.7,8,13 e Gl.2.19; 3.21, 24.

As doutrinas da (1) justificação, daí da salvação, pela fé e (2) a da utilidade da lei de Deus, coincidem com muita beleza; pois "*pela lei vem a consciência do pecado*". E essa mesma consciência, quando é santificada pelo Espírito Santo, leva a pessoa a clamar por auxílio e livramento. Tal livramento é plenamente suprido quando o pecador entrega a Deus sua vida, ou seja, quando pela fé genuína, dada por Deus, ele recebe em seu coração e vida o Senhor Jesus Cristo, com a palavra de compromisso:

Nada em minhas mãos eu trago,
Simplesmente À tua cruz me apego.

É dessa forma que a Escritura - daí também Paulo e seus companheiros *sustentam a lei* enquanto ensinam e insistem na doutrina sobre a *fé*.

Para todo crente sincero, a doutrina da justificação pela fé é um tesouro muitíssimo precioso. Para a alma de alguém que compreende o que essa gloriosa verdade significa, pode ser uma experiência vibrante e inolvidável. Já vimos o que significou a descoberta desse maravilhoso tema para Paulo e para Lutero. Quando John Bunyan leu Rm.3.24, foi como se ouvisse Deus dizendo à sua alma profundamente perturbada, estremecida pela culpa: *"Pecador, pensas que, em razão de teus pecados e enfermidades, não posso salvar tua alma, mas eis que meu Filho está em meu lugar, e olha para ele e não para ti mesmo, e tratarei contigo da maneira como nele eu me comprazo."*

É possível que estejamos tão acostumados com a expressão *"perdão dos pecados"*, que ela já tenha perdido seu sentido para nós? Porventura, refletimos sobre o fato de que tais pecados são mais infinitamente hediondos à vista de Deus do que são para nós? Que ele, não obstante, os apaga de uma vez por todas, assegurando-nos amorosamente: *"Perdoarei sua iniquidade e de seus pecados não me lembrarei mais"*? Sim, ele perdoa mesmo quando, para fazer isso, ele, por causa de sua justiça perfeita, teve de castigá-los em seu Filho, aquele que ele amou como somente Deus pode amar!

Mas a justificação implica mais, muito mais, do que perdão. O Pai celestial, havendo cancelado nossa dívida, então, por assim dizer, amorosamente lançou seus braços em tomo de nós (cf. Lc.15.20) e diz a cada um de seus perdoados: *"Você é meu filho, minha filha, você me pertence. E sendo meu filho, você é também meu herdeiro"* (Rm 8.17).

Pense bem: somos *"herdeiros de Deus"* e *"co-herdeiros com Cristo"*, unidos com ele pelo vínculo do amor que jamais poderá ser desfeito!

Tão espantoso e tão infinitamente rico é o amor de Deus por nós que jamais seremos capazes de medi-lo. Por toda a eternidade, os mistérios desse amor, infinitos em número, continuarão a ser-nos revelados. E o glorificaremos:

Pelo mar de cristal, os santos em glória andarão,
Miríades em número, trazidos de toda a terra.
Vestidos com roupas brancas, lavadas no sangue de Jesus,
Agora reinam para sempre com o Cordeiro de Deus.
Ao Deus Onipotente, assentado no trono,
E ao vitorioso Cordeiro, seja todo louvor.
Deus operou a salvação, fez coisas grandiosas;
Quem não te exaltará, ó Santo Rei dos reis?

William Kuipers (baseado em Ap 15.1-4)

1.3.2. Ilustração da Justiça (4.1-25)

Todo este capítulo nos mostra o exemplo de Abraão e o que as Escrituras dizem dele e de sua fé. Anteriormente, Paulo falara que a justiça de Deus é à parte da Lei e através da fé não se tratava de uma invenção sua, mas, sim uma ratificação do que disseram os Profetas e a própria Lei (3.21).

(4.1)

¹ Τι, ou=revrou/men eu`rhke,nai VAbraa.m to.n p̄pota. sa,rkaË
Que pois diremos ter achado Abraão o progenitor nosso segundo carne?

Portanto, que diremos ter achado Abraão, nosso ancestral segundo⁹⁵ a carne? Anteriormente (3.21-31), Paulo declarou que essa justiça de Deus é alcançada pela fé em Cristo. Agora ele desenvolve esse argumento.

Aqui ele desfere um golpe fatal ao argumento dos oponentes que afirmavam que a salvação era pelas obras (prática da Lei) humanas. O ataque de Paulo se dá no “ponto forte” deles, a saber, a história de Abraão, o grande patriarca que, segundo o raciocínio dos judeus, ele conquistara seu caminho para o beneplácito de Deus por meio de obras. Aqui no v.1 Paulo está dizendo: “*Então, vejamos o que nosso pai Abraão constatou (achou). Vejamos se foi pelas obras ou se foi pela fé*”.

O objetivo de Paulo aqui em Rm.4 é mostrar que Abraão é pai não só dos judeus, mas, em certo sentido, dos gentios também, 4.11,12. Ver nota de rodapé 95.

(4.2)

² εἰς γὰρ ἂν ἄρα μὲν ἐξ ἔργων ἰσχυρῶς ἐκεῖ καυχῆται (ὅτι ἔργων ἰσχυρῶς ἐκεῖ καυχῆται) ἂν ἴσχυρῶς ἐκεῖ καυχῆται, ἂν ἴσχυρῶς ἐκεῖ καυχῆται.
Se pois, Abraão de obras foi justificado, tem motivo de jactância, mas não para com Deus.

Se pois, Abraão foi justificado por obras, então tem motivo para se vangloriar, mas não do ponto de vista de Deus.

Um pouco antes (3.27), Paulo chegara à conclusão de que, uma vez que a justificação – daí também a salvação em geral – é pela fé somente, e a fé é um dom de Deus, todo motivo para a vanglória humana está excluído. Não obstante, tendo sido educado em plena doutrina farisaica, ele sabe que seus *oponentes* citarão imediatamente o exemplo de Abraão como prova positiva de que o fator *obras*, e, portanto, *mérito humano*, não pode ser inteiramente excluído quando se formula a pergunta: "Como a pessoa obtém sua aceitação diante de Deus?" Além do mais, se há realmente aquilo que se chama *mérito humano*, então não há também uma base para a *vanglória humana*? O que vem depois, portanto, no capítulo 4, é a poderosa defesa de Paulo da proposição, expressa anteriormente (3.20, 27, 28), de que a justificação é *pela fé* e não pelas obras.

Abraão foi considerado pelos mestres judaicos e seus seguidores como o único homem justo de sua geração. Além do mais, sustentavam que foi precisamente por essa razão que ele fora escolhido para ser o ancestral da santa nação. Ele foi considerado o primeiro dos sete homens que por seus *méritos*, trouxeram de volta a glória de Deus (cf. Ex.24.15,16), para que ela pudesse estabelecer sua morada no tabernáculo. Além do mais, somos informados de que Abraão começou a servir a Deus com a idade de 3 anos, e que sua justiça tornou-se completa com sua circuncisão e sua antecipada obediência à Lei.

Note também as seguintes palavras de *A Oração de Manassés* 8: "Portanto tu, Ó Senhor, Deus dos justos, não determinaste arrependimento para os justos, para Abraão, Isaque e Jacó, que não pecaram contra ti, mas determinaste arrependimento para mim, que sou pecador”.

O *Livro de Jubileus*, provavelmente datando do segundo século a.C., minimiza a fraqueza dos patriarcas e contém a afirmação: "Abraão foi perfeito em todos os seus atos para com o Senhor e amante da justiça todos os dias de sua vida" (23.10).

Deve-se tomar especial nota do fato de que os rabinos não nutriam o menor receio de evocar Gn.15.6 em defesa de sua doutrina da justificação e salvação com base nas obras e mérito humanos; seja testemunha esta afirmação: “*Nosso pai Abraão tornou-se o herdeiro deste mundo e*

⁹⁵ Os que afirmam que a Igreja em Roma era constituída somente de judeus, usam as palavras desse verso nas quais Paulo chama Abraão de “*nosso ancestral segundo a carne*”, então ele estava se dirigindo somente a judeus. É um equívoco pensar assim, pois, mesmo carnalmente falando, Abraão foi pai não só dos israelitas, mas dos ismaelitas, e de outros filhos com outras mulheres, Gn.25.1-6. Os filhos de Ismael e dos outros filhos de Abraão (Gn.25.1-6) são gentios, logo, Abraão é pai biologicamente falando dos judeus e dos gentios. Além disso, ele usa palavras parecidas quando fala aos Coríntios “*Nossos ancestrais estiverem sob a nuvem...*” (1Co.10.1) e obviamente, os coríntios não eram judeus, pois em 1Co.12.2 Paulo diz “*...quando éreis pagãos...*”.

do vindouro simplesmente pelo mérito da fé com que ele creu no Senhor; como está escrito: 'Ele creu no Senhor, o qual computou isso para justiça'.

Portanto, é claro que, ao apelar para Gn.15.6 em defesa da doutrina da justificação e salvação puramente pela fé, o apóstolo estava fazendo uso da mesma passagem que era considerada pelos rabinos o suporte do ponto de vista oposto⁹⁶.

Em objeção a essa doutrina do mérito humano, Paulo diz que se de fato fosse assim, o homem teria do que se vangloriar, mas, obviamente “não do ponto de vista de Deus”, pois:

(4.3-5)

³ ti, ga.r h` graph. le,geiÈ evpi,steusa VAbraa.m tw/| deiv/| evlogi,sqhauvtw/
Que pois a Escritura diz? Creu porém Abraão ao Deus e foi imputado a ele

eivj dikaios,nhnÅ
para justiça.

⁴ tw/|de. evrgazome,nw|pistis,qo.j ouvlogi,zetai kata. ca,rin avlla. kataovfei,lhma(
Ao porém, que trabalha o pagamento não é imputado segundo graça, mas como dívida;

⁵ tw/|de. mh.evrgazome,nw| pisteu,de,tivpi. to.n dikaiou/nta to.n avsebh/ logi,zetai
ao porém, não que trabalha crendo porém em o que justifica o ímpio é imputada

h` pi,stij auvtou/ eivj dikaiòsu,nhn
a fé dele para justiça.

Que diz a Escritura? – Abraão, porém, creu em Deus e isso lhe foi imputado para justiça. Ora, ao que trabalha, o pagamento não é imputado como um favor, mas, sim, como uma dívida; porém, para o que não trabalha, mas crê Naquele que justifica o ímpio, sua fé é imputada para justiça.

Aos oponentes que insistiam em apontar para Gn.15.6 como base para os méritos humanos, Paulo deixa claro que *Deus outorgou justiça a Abrão como um dom gratuito*. Abraão repousou sua fé (creu) em Deus como o doador gracioso, e Deus assim, *imputou (evlogi,sqhauvtw) justiça a Abraão*. Na linguagem da contabilidade, *Deus lançou no livro de créditos*⁹⁷. Como afirma W. Hendriksen: “*Mais plenamente expresso, isso significa que Deus levou em conta, para justiça, aquilo que de que Abraão apropriou pela fé, a saber, a justiça de Cristo*”⁹⁸.

“*Ora, ao que trabalha (...) o que não trabalha...*” obviamente, aqui não se trata de trabalho *versus* vagabundagem. O particípio *evrgazome(nw|pistis,qo.j)* que é traduzido como “trabalhar”, significa aqui, “aquele que realiza alguma obra”. É certo que aqui Paulo está usando a figura do trabalho (vínculo empregatício) e do trabalhador que tem de receber seu salário, mas, o significado por trás dessa figura de linguagem é: “*se a salvação e a justificação são pelas obras e não pela fé, então Deus não está fazendo nada mais que a obrigação Dele quando nos salva e nos justifica. Ele está devendo isso a nós, e essa história de que a salvação e a justificação são pela graça, não existe*”. Mas, se alguém “*não trabalha*” ou seja, não realiza obras para pôr nelas sua confiança, mas, confia somente em Deus que é o “*que justifica o ímpio*” por que Ele é o *Justo* (3.26), essa pessoa tem *computada* em sua conta a justiça de Deus, em vez da condenação.

(4.6-8)

⁶ kaqa,per kai. Dau.i.d le,gei to.makarismo.n tou/avnqrw,pomw| o` qeo.j logi,zetai
Assim como também Davi diz a declaração de bênção do homem a quem o Deus imputa

⁹⁶ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.192).

⁹⁷ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.262).

⁹⁸ (HENDRIKSEN, 2001, p.193).

dikaiousu,nhn cwri.j e;r̄gwn
justiça sem obras:

⁷ maka,rioi w̄n avfe,qhsan ai` avnomi,ai kai. w̄n evpekalu,fqhsan ai` a`m̄arti,ai
Bem-aventurados de quem foram perdoados as transgressões e de quem foram cobertos os pecados;

⁸ maka,rioj avnh.r oū ouv mh. logi,shtai ku,rioj a`m̄arti,an̄
Bem-aventurado varão de quem não não imputará Senhor pecado.

Assim como também Davi diz sobre a bem-aventurança do homem a quem Deus imputa Sua justiça independente das obras: Bem-aventurados são os que cujas transgressões foram perdoadas e cujos pecados foram cobertos; bem-aventurado o varão a quem o Senhor de modo nenhum, imputará pecado.

Essas palavras bem que podem se referir ao perdão que Davi recebeu quando arrependido confessou seu adultério. Quanta felicidade⁹⁹! O perdão de Deus é sem dúvida alguma uma bênção tão maravilhosa que nos traz profunda e eterna alegria.

Aqui, Paulo quer mostrar com essa citação do S.32.1,2 que o perdão de Deus é concedido ao homem como um ato da livre vontade de Deus, e isto fica claro quando Paulo diz: “a quem Deus imputa Sua justiça independente das obras...”.

Paulo empregou aqui um princípio exegético conhecido como *gezerah shawah* (“categoria igual”), o qual nada mais é do que a interpretação de uma passagem associada a outra. Esse método fazia parte das *sete regras de interpretação* formuladas por Hillel, a qual utilizando a analogia, admite que uma passagem possa ser associada a outra, se a mesma palavra ocorre em ambas (no caso aqui, a palavra é “imputado”)¹⁰⁰.

A justificação transcende ao perdão. Ela o inclui, mas também vai além do perdão, como sugere a própria exclamação “bem-aventurado”. A pessoa verdadeiramente bem-aventurada é não apenas cônica de haver recebido o perdão de Deus, como também seu coração é tomado de indizível alegria por saber que agora, por meio do sacrifício de Cristo, e pela livre Graça de Deus, é aceito em Sua presença como filho, a quem Ele ama. Essa alegria diz respeito não somente ao perdão do indivíduo apenas, mas, também ao ver esse perdão na vida de outras pessoas (“*Bem-aventurados (...) bem-aventurado*”).

(4.9-12)

⁹ ~O makarismo.jou=n oūtoj evpi. th.n peritomh.n k̄ai. evpi. th.n avkrobusti,an̄
A bem-aventurança portanto, é pronunciada sobre a circuncisão ou também sobre a incircuncisão?

le,gomen ga,revlogi,sq̄htw/| VAbraa.m h` pi,stij eivj dikaiousu,nhn̄
Dizemos pois: foi imputada ao Abraão a fé para justiça.

¹⁰ pw/j ou=n evlogi,sqh̄ēvnperitomh̄|nti h' evn avkrobusti,a|ēvnperitomh̄|v
Como, pois foi imputada? Em circuncisão estando ou em incircuncisão? Não em circuncisão mas

evnavkrobust̄n,a|
em incircuncisão,

¹¹ kai. shmei/on e;laben peritomh̄|da th/j dikaiousu,nhj th/j pi,steuēvnt̄h/| avkrobusti,a|(
e sinal recebeu circuncisão selo da justiça da fé a em a incircuncisão,

eivj to. ei=nai avto.n pate,ra pa,ntwn tw/n pist̄uon,avkrobusti,aj(vj to. logisqh/nai

⁹⁹ O substantivo makarismo(makarismo), que aqui foi traduzido por “bem-aventurança” é literalmente, “uma declaração de bênção” (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.262).

¹⁰⁰ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.195, e, BRUCE, 2005, p.94)

para o ser ele pai de todos os que crêm através de incircuncisão, para o ser imputada

Ἰκαὶ.Ἐ αυvtoi/ j Ἰθ. nἘ dikaios, nhn(
também a eles a justiça,

¹² kai. pate,ra peritomhōi/ j ouvk evk peritomhōi, j onavlla. kai. toi/ j stoicou/ sin
e pai de circuncisão aos não de circuncisão somente, mas também aos que avançam

toi/ j i; cnesin th/ j evkrobusti, a| pi, stewj tou/ patroj h`mw/ n VAbraa, mÅ
nas pisadas da em incircuncisão fé do pai de nós Abraão.

Esta bem-aventurança, portanto, é pronunciada somente sobre os circuncisos, ou é também sobre os incircuncisos? Dizemos pois, que a Abraão foi imputada a fé para justiça. Como pois, foi imputada? Estando ele já circuncidado ou estando ainda incircunciso? Não estando ele circuncidado, mas, quando ainda estava incircunciso. E recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça pela fé que ele teve quando ainda incircunciso, para ser ele o pai de todos os que crêm (mesmo) sendo incircuncisos, para ser a justiça imputada também a eles; e também o pai dos circuncisos, os quais não somente são circuncidados, mas também avançam nas pisadas da fé que teve nosso pai Abraão estando ainda incircunciso.

Paulo agora volta a Gn.15.6. À luz de sua interpretação do Salmo 32.1, 2a, suas observações adicionais sobre a passagem de Gn.15.6 crescem em importância. Agora se torna claro que, quando, no sentido já explicado, a fé de Abraão foi computada para justiça, esta foi de fato uma bênção inestimável, uma bênção muito significativa, visto que o patriarca não a poderia ter ganhado. Além do mais, como a referência ao Sl.32.1,2a tem demonstrado, a bênção se destinava não somente a Abraão, mas também a Davi (e a alguns outros?). Aos circuncidados e também aos não-circuncidados? Aos judeus e também aos gentios?"

A doutrina judaica padrão respondia: "Somente aos circuncidados". Inclusive na igreja primitiva, os conversos do judaísmo para o Cristianismo encontravam dificuldade em livrar-se de seus preconceitos nacionalistas: "Alguns homens desceram da Judéia para Antioquia e passaram a ensinar aos irmãos: Se vocês não forem circuncidados conforme o costume ensinado por Moisés, não poderão ser salvos" (At.15.1). Se alguma prova adicional for necessária, ver Rm.2.25-27, Gl.5.2,6,12; 6.12-15 e Fp.3.2,3. Portanto, é compreensível a pergunta de Paulo: "Esta bem-aventurança, portanto, é pronunciada somente sobre os circuncisos, ou é também sobre os incircuncisos? (v.9).

A resposta de Paulo é magistral. É preciso ter sempre em mente que ele está escrevendo por inspiração. Ele prova que a fé de Abraão – significando "a justiça de Deus apropriada pela fé" – fora computada ou imputada a Abraão para justiça, não depois haver ele sido circuncidado, mas enquanto era ainda incircunciso. Então, Abraão já havia sido declarado justo à vista de Deus.

Esta observação cronológica, muitíssimo significativa, se faz evidente à luz de um estudo das seguintes referências:

- ✓ Abraão tinha 99 anos de idade quando foi circuncidado (Gn.17.24).
- ✓ Naquele dia, Ismael foi também circuncidado (Gn.17.25).
- ✓ Ismael tinha então 13 anos de idade (Gn 17.25).
- ✓ Quando Deus fez seu pacto com Abraão (Gn 15.18), e "Abraão creu no Senhor, e isso lhe foi computado para justiça" (Gn 15.6), Ismael não havia sido ainda concebido (Gn 15.2,3; 16.4).

Conclusão: entre o momento em que a bênção de Gn.15.6 foi pronunciada sobre Abraão e o dia em que ele foi circuncidado, deve ter havido um intervalo de no mínimo quatorze anos. É possível um intervalo ainda mais longo. Segundo a cronologia judaica, o lapso foi de uns trinta e nove anos (S.BK. III, p. 203). É impossível um período consideravelmente mais curto que quatorze

anos.

Conseqüentemente, foi sobre o Abraão ainda não circuncidado, em cujo aspecto se assemelhava a um gentio, que a promessa foi feita, a bênção foi pronunciada. Isso prova que a circuncisão nada tem que ver com ele ser declarado justo.

Se algum judeu incrédulo ouvisse tais palavras, ele se sentiria abalado. Mesmo alguns cristãos dentre os judeus se sentiriam estremecidos.

Somos informados de que Abraão recebeu “o sinal da circuncisão”, significando: o sinal, ou seja, a própria circuncisão. Sendo um “sinal”, ele significa ou indica um fato. *Sinal e coisa significada* são, geralmente estreitamente relacionados. E assim no presente caso a *eliminação* do prepúcio sugere e simboliza a extirpação da culpa e da poluição do pecado; daí, justificação e, estreitamente relacionada a ela, santificação.

A circuncisão era também um *selo*. Para Abraão ela foi a garantia da promessa fidedigna de Deus. Isso quer dizer que o patriarca poderia depender dela para que, pela via da fé, e pela obediência resultante da fé, a justiça de Cristo lhe seria imputada.

Signos e sinais são muito valiosos. Na verdade, é possível superestimar o significado deles. Em e por si mesmos esses sinais – na antiga dispensação, os sangrentos da circuncisão e Páscoa; na nova, os não-sangrentos do batismo e da Ceia do Senhor – não efetuam justificação ou, em geral, salvação. Entretanto, na verdade significam e a selam na maneira já indicada. E não é essa uma fonte de conforto? O arco-íris não salva a humanidade de ser tragada por um dilúvio, mas significa e sela que Deus jamais afogará novamente a raça humana. O anel nupcial não traz bênção aos casados; porém, que pessoa casada, que ama seu cônjuge, pensaria em jogar fora o anel que significa tanto para ele (ou ela)? Aliás, sinais e selos não devem ser subestimados. Ver Ex.4.24-26, Js.5.1-12, 2Re.23.21-23, At.2.38,39 e 1Co.11.23s. Têm grande valor educativo e psicológico. *Mas tampouco devem ser superestimados!*

Paulo apegase a seu tema. Portanto, o que ele realmente enfatiza é isto, a saber: que Abraão recebeu o sinal da circuncisão como *selo da justiça pela fé que teve quando ainda não circuncidado!*

Estas palavras, “*quando ainda não circuncidado*”, com ligeiras variações, são encontradas em três versículos sucessivos: 10,11,12. É como se Paulo quisesse fazer com que enorme verdade retinisse nos ouvidos dos gentios não circuncidados: “*Creia no Senhor Jesus Cristo. Não percam a chance. Não hesitem em pôr sua irrestrita confiança neste maravilhoso Salvador, o Revelador do Deus Triúno. O fato de não serem circuncidados não pode impedi-los de ser salvos. Deus os está chamando. Ele os está chamando agora. Foi enquanto Abraão não era ainda circuncidado que Deus fez seu pacto com ele. Ele Se prontifica a fazer o mesmo com vocês*”.

É evidente, pois, que Abraão, em favor de quem a justiça de Cristo foi computada ou imputada antes que tivesse sido circuncidado, e em favor de quem, uma vez já circuncidado, Deus reiterou sua graciosa promessa várias vezes, é o pai espiritual, o primeiro da fila de dois *subgrupos*:

- ✓ todos quantos têm fé, porém não foram circuncidados e,
- ✓ todos quantos não só foram circuncidados, mas também têm e exercem fé, demonstrando ser isso real ao seguirem “*as pisadas da fé que Abraão teve [ainda] antes de ser circuncidado*”.

Esses dois subgrupos constituem *um só grande grupo de crentes*, sendo Abraão o pai de todos eles (v. 16).

Isso também indica que a circuncisão não é essencial à salvação. Mantém-se às vezes que esse é um fator coibitivo ou excludente.

Se isso significa, como provavelmente signifique, que o fato de uma pessoa ter sido circuncidada não impede, *necessariamente*, que ela seja salva, eu concordo plenamente, pois isso é o que Rm.4.12 claramente ensina.

O que o apóstolo enfatiza, reiteradamente, em suas epístolas é que, no que diz respeito a ser salvo, a circuncisão não faz qualquer diferença, equivale a nada (1Co.7.19; Gl.5.6; 6.15;

Cl.3.11). Mas, isso também não implica que, se é feito demasiado da circuncisão – ou, hoje, do batismo – como se em algum sentido a salvação fosse dependente dela, em certos casos ela não pode vir a tornar-se um fator excludente? Note o que Paulo diz em Gálatas 5.2: “*Ouçam bem o que eu, Paulo, lhes digo: Caso se deixem circuncidar, Cristo de nada lhes servirá*” (NVI).

Este tema tem significação prática para todos os tempos, inclusive o atual. A importância dos sinais e selos já foi previamente estabelecida (não se deve perder de vista, contudo, que os sinais e selos sangrentos foram substituídos pelos incruentos.) Acabou-se de assinalar o perigo de superestimar-se seu valor. A razão para realçar o fato de que se devem evitar ambos os extremos é que ainda hoje a Igreja administra os sacramentos: batismo e Ceia do Senhor. Com respeito também a estes, deve-se evitar os extremos. Esborrifar à pressas umas gotas de água sobre a fronte de uma criança moribunda temendo-se que, caso contrário, ela possa deixar de entrar no céu ao morrer, é algo que não faz sentido. Em contrapartida, o costume de alguns, de postergar o batismo como algo desnecessário, é também algo que não se deve recomendar. Ambos os extremos são anti-bíblicos.

Sinais e selos não salvam automaticamente. Quanto a isso, note quão prudente é o apóstolo. Aqui em Rm.4.12 ele primeiramente diz aos crentes dentre os gentios (os não-circuncidados) que, segundo o plano de Deus, Abraão veio a ser “*o pai de todos os que têm fé, porém não foram circuncidados*”. Então acrescenta, com respeito aos crentes dentre os judeus que, mesmo depois de sua conversão a Cristo se inclinavam a dar exagerado valor ao sinal (At.15.1): “*e também o pai daquelas pessoas circuncidadas que são não apenas circuncidadas, mas também seguem as pisadas da fé que nosso pai Abraão teve [ainda] antes de ser circuncidado*”. É a vida (cf. “*vivendo para Jesus*”) que é enfatizada.

Seria difícil superestimar a significação de Rm.4.9-12. A passagem significa que, com um golpe da pena, todo o gigantesco muro que separava judeu e gentio veio estrondosamente ao chão. Além disso, a promessa feita a Abraão, quando Deus estabeleceu seu pacto com ele (Gn.15.6,18; 17.7; 22.15-18), está ainda em vigor, e tem significação para todos os crentes e suas famílias¹⁰¹.

(4.13-15)

¹³ Ouvga.r dia. no,mou evpaggeli,a tw/| VAbraa.m h' tw/| spe,rmati aurtou/(to. klhrono,m

Não pois através de Lei a promessa ao Abraão ou à semente dele, o herdeiro

aurto.n ei=nai ko,savda(dia. dikaios,nhj pi,stewjÁ
dele ser do mundo, mas através da justiça de fé.

¹⁴ eiv ga.r oi` evk no,mou klhrono,mv tai h` pi,stij kai. kath,rgh tai h` evpaggeli,a
Se pois, os de Lei herdeiros, vazia se tornou a fé e anulou a promessa

¹⁵ o` ga.r no,moj ovrgn.n katerguzetai. ouv k e,stin no,moj para,basi jÁ
O pois Lei ira é produzida; onde porém, não é Lei nem transgressão.

Pois, não foi por meio da Lei que a Abraão e à sua semente (foi feita) a promessa que ele seria herdeiro do mundo, mas através da justiça que vem pela fé. Se pois, os da Lei são os herdeiros, a fé tornou-se vã e anulou-se a promessa; a Lei pois, produz ira, porém, onde não há Lei, não há transgressão.

De acordo com os judeus, a promessa que foi feita a Abrão tinha de ser concretizada por meio da obediência à Lei. Mas, como ele poderia obedecer a Lei sendo que ele viveu antes dela ter sido promulgada? Os rabinos nos tempos de Paulo, mantinham que muito antes da Lei ser promulgada, Abraão já tinha pleno conhecimento dela e a cumpria em todos os seus detalhes¹⁰².

¹⁰¹ (cf.HENDRIKSEN, 2001, p.202).

¹⁰² (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.204).

Paulo contraria tal afirmação mostrando que a promessa veio muito antes da Lei, e que, assim sendo, ele creu, agiu com fé na promessa que Deus lhe fizera, e por isso, a justiça de Deus lhe foi imputada (Gl.3.16-18).

Abraão (e sua descendência) recebeu “...a promessa que ele seria herdeiro do mundo...”. O que isso significa?

- ✓ Direito à terra de Canaã (Gn.12.7; 13.14,15,17; 17.8; Rm.15.18-21)¹⁰³;
- ✓ A certeza de que, em número, sua descendência seria tal como o pó da terra (13.16; 15.5; cf.18.18).
- ✓ A garantia de que, na descendência de Abraão, todas as *famílias da terra* serão abençoadas. Gl.3.16, declara que é em Cristo, o *descendente real*, que todos os que o abraçam serão abençoados. Gl.3.29 acrescenta: “*E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa*”.

Aqueles que insistem em viver pela Lei a fim de alcançarem a salvação devem se lembrar que “*Se pois, os da Lei são os herdeiros, a fé tornou-se vã e anulou-se a promessa*”. O que Paulo está afirmando aqui é que se os que vivem confiantes nas suas obras (ainda que estas sejam em cumprimento à Lei que santa e boa), então a fé (mesmo no caso de Abraão que era aclamado pelos oponentes de Paulo como exemplar por causa de sua fé) “*tornou-se vã*”. O verbo *keno*, *nwtai* (keno), quer dizer “*esvaziar. O tempo perfeito enfatiza um estado ou condição, consequência de uma ação anterior*”¹⁰⁴. E não só a fé mas a própria promessa foi anulada – o verbo *kath,rghtai* (katarge), significa “*tornar inoperante, inútil*”. A oração condicional deste verso poderia ser classificada como uma de segunda-classe onde a condição não é verdadeira¹⁰⁵.

Qual é, pois, o grande problema nisso tudo, a saber, tornar a fé vazia e a promessa anulada? Equivale a chamar Deus de mentiroso, ou, no mínimo, impotente, pois não pode sustentar uma promessa e muito menos a nossa fé.

“...a Lei pois, produz ira...”. A Lei atesta o fracasso do homem por mais piedoso que este seja. Se alguém afirmar que pode cumprir a Lei totalmente, algumas perguntas são levantadas:

- ✓ Por quanto tempo tal pessoa conseguirá cumprir a Lei *totalmente*?¹⁰⁶
- ✓ Suponhamos que tal homem consiga cumprir por muitos dias a Lei de Deus, tornando-se alguém exemplar, esse tal corre o risco de seu coração se ensoberbecer e achegar-se a Deus confiante de que Deus está tão feliz com ele que por isso o abençoará. Assim, a bênção não é mais expressão da Graça de Deus, mas, sim um pagamento que Deus tem de realizar.
- ✓ Além do seu orgulho na presença de Deus, esse tal corre o risco de se julgar melhor que os demais. Só isso poria por terra todo o esforço dessa pessoa.

É importante destacar que Paulo aqui não está desmotivando-nos de cumprir a Lei. Antes, ele está nos alertando para o fato de que *ou confiamos totalmente em Cristo (o qual cumpriu toda a Lei, o tempo todo, por todos os eleitos), ou o que conseguiremos será apenas atrair a ira de*

¹⁰³ “É injustificada a conclusão a que muitos chegam, a saber, que *hoje*, toda a terra de Canaã, em suas dimensões mais amplas, realmente pertence aos judeus. Toda pessoa imparcial deplora as perseguições que os judeus têm suportado, a falta do desfrute da plena medida daquela segurança a que têm direito e se opõe implacavelmente a toda manifestação de anti-semitismo. Tudo isso, porém, não é desculpa para ignorar o fato expresso claramente em Jr.18.9,10” (HENDRIKSEN, 2001, p.205)

¹⁰⁴ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.263).

¹⁰⁵ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.263).

¹⁰⁶ O movimento carismático da Igreja Romana, tem ressuscitado em nossos dias uma heresia (ainda que não pareça ser uma heresia, mas, sim, uma expressão sincera de agradar a Deus) que tem seu eco nos dias do NT, chegando até Pelágio (início do séc. V) que afirmava que o homem nasce sem pecado, e que portanto, se, se esforçar poderá viver sem pecar. A renovação carismática católica (RCC) incentiva seus adeptos com um movimento chamado “PHN” – Por Hoje Não – ou seja, “por hoje não peço”.

Deus sobre nós.

Mas por quê a ira de Deus vem sobre nós, visto que o que queremos é cumprir a Sua Lei? Porque quando queremos *por nós mesmos* cumprir a Lei, em vez de pela fé receber e aceitar o sacrifício de Cristo por nós, estamos desprezando o dom de Deus, a saber, Jesus Cristo. Quem despreza o dom de Deus, Jesus Cristo, atrai a ira de Deus sobre si.

A Lei *condena* o pecador, pronuncia a maldição sobre todos aqueles que não cumprem perfeitamente suas exigências (Dt.28.58ss).

“...*porém, onde não há Lei, não há transgressão*”. Essas palavras se referem a Abraão. Ele viveu antes da Lei, portanto, era também impossível, em certo sentido, a transgressão consciente da lei. Como resultado, Deus proveu amplo espaço para a *promessa* atuar.

(4.16,17)

¹⁶ Dia. tou/to evk pi,steu^{na} kata. ca,rin(eivj to. ei=nai bebai,an th.n evp^{aggei},an
Em razão de isto de fé, para que segundo graça, para o ser firme a promessa a toda

tw/| spe,rmati(ouv tw/| evk tou/ ~~no~~ tou/ ~~no~~ tou/| evk pi,steu^{na} jraa, no(j evstin
a semente, não à de a Lei somente mas também à de fé de Abraão que e

path.r pa,ntwn h`mw/n(
pai de todos nós,

¹⁷ kaqw.j ge,graptai o[ti pate^{na}rw/n evqnrw/n te,se^{ka}te,nanti ou evpi,steusen
como foi escrito que: Pai de muitos gentios coloquei a ti na presença de Quem creu

qeou/ tou/ zw|opoioi/ntoj tou.j nekrou.j kai. kalou^{ntoj} ta vjnho;nta^A
Deus o que faz vivos os mortos e Que chama a não que são como sendo.

Por esta razão, procede de fé, para que segundo a graça seja firme a promessa a toda a semente, não somente à que é da Lei, mas também, à que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós, como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí – na presença de Deus em quem ele creu, O qual faz viver os mortos e chama as coisas que não existem como se existissem.

“*Por esta razão procede da fé...*”. Continuando o assunto sobre a justificação, Paulo insiste que ela não é mérito humano mas, sim, questão da Graça de Deus “...*para que segundo a graça...*”. Se o cumprimento da promessa tivesse sido dependente de esforço humano, de sorte que a salvação fosse o produto de obediência perfeita aos mandamentos da lei de Deus, tal cumprimento jamais poderia ser atingido. Por isso, a promessa depende somente da Graça de Deus. Ou a recebemos pela fé, ou não a recebemos, pois, por obras não nos será possível.

“...*seja firme a promessa a toda semente...*” ou seja, para que a promessa seja infalível ela depende inteiramente da Graça de Deus. Assim ela se estende “...*não somente à que é da Lei, mas também, à que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós...*”. Deve-se evitar o erro de entender que aqui Paulo esteja trazendo novamente a divisão entre crentes judeus e crentes gentios. Nos v.11 e 12 Paulo disse que Abraão é o pai de *todos* os crentes. Por isso fica difícil ver como as palavras “*a que é da fé que teve Abraão*” pudessem referir-se somente aos gentios; ainda mais à luz da cláusula anexa “*o qual é o pai de todos nós*”. Além disso, o advérbio “*somente*” (mo,non parece indicar que Paulo não está pensando em dois grupos para quem a promessa tem validade, mas num só grupo. Ele está dizendo: “para que a promessa seja infalível em seu cumprimento *em prol de toda a descendência, não somente daquele pela lei, mas, também daquele pela fé de Abraão* (literalmente); significando: *não em prol somente daqueles que vivem pela lei, mas também daqueles que vivem pela fé de Abraão*; ou “*não para aqueles que somente vivem pela lei, mas para aqueles que também vivem pela fé de Abraão*”. Dessa forma, os que vivem pela fé não desprezam a Lei e o seu cumprimento. O que estes não fazem é confiar nas obras que eles realizam em cumprimento da Lei, antes, vivem pela fé em Cristo e confiam somente na obra de Cristo para

serem salvos. Enquanto confiam em Cristo *somente*, cumprem a Lei porque têm prazer em fazer aquilo que Deus lhes prescreveu.

A sentença “...na presença de Deus em quem ele creu...”, ou seja, “a fé de Abraão...na presença de Deus em quem ele depositou sua fé”, é sobremodo bela. Ela mostra o profundo relacionamento que Abraão tinha com Deus; lança luz sobre aquele maravilhoso texto de Tg. 2:23: “e cumpriu a Escritura, a qual diz: Ora, Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça; e: Foi chamado amigo de Deus”.

Este Deus em quem Abraão depositou sua fé é o que “faz viver os mortos...”. Não só uma referência aqui ao poder que Deus tem de ressuscitar mortos, mas, também de conceder a um velho e sua velha esposa de avançada idade a capacidade de gerar filhos.

Além disso, Deus é aquele que “chama as coisas que não existem como se existissem” uma clara referência ao poder criador e criativo de Deus. A Criação veio a existir somente pela Sua palavra (“...chamou à existência...”), e coisas que simplesmente não existiam, que não tinham uma matéria-prima para que partindo daí fosse criada.

O papel primordial do argumento de Paulo é este: que foi pela fé no Deus onipotente e fidelíssimo, e não pelas obras, que Abraão recebeu o cumprimento da promessa.

(4.18-22)

¹⁸ }Oj parV evlpi,da evpVevlpi,di evpi,steusen eivj to. gene,sqai auvtop,pa/tera
o qual além de esperança sobre esperança creu para o vir a ser ele pai de muitos

evqnrwka,ta. to. eivrhme,non[twj e;stai to. spe,rma sou(
povos segundo o que foi dito: Assim será a semente de ti,

¹⁹ kai. mh. avsqenh,sath/| pi,stei kateno,hsene` autou,sw/ma ðh;dhÐ nenekrwme,non(
e não tendo sido fraco na fé viu claramente o de si mesmo corpo já mortificado,

e`katontaethp,pu u`pa,rcwn(kai. th.n ne,krtwshjmh,tra,j Sa,rkaj
de cem anos cerca de subsistindo e a mortificação do útero de Sara.

²⁰ eivj de. th.n evpaggeli,atou/ qeou,avvdiekri,qh th/ ðvpisti,a,ßvllv evnedunamw,qh
Para com porém a mensagem sobre do Deus não vacilou pela falta de fé mas foi dotado de poder

th/| pi,stei(dou,j do,xan tw/| qew/|
pela fé, tendo dado glória ao Deus

²¹ kai. plhroforhqeij o[ti o] evph,ggeltadunato,j evstirkai. poihsaiÁ
e tendo sido plenamente convencido de que o que prometera poderoso é também fazer.

²² dio. ðkai.Ð evlogi,sq,auvtw,ij dikaios,uhnÁ
Em razão de que também foi imputado a ele para justiça.

O qual contra toda esperança, em esperança creu, para vir a ser ele o pai de muitas nações, de acordo com o que foi dito: Assim será a tua semente. E sem fraquejar na fé viu claramente o seu próprio corpo que já estava sem vitalidade – com cerca de cem anos de existência – e que o útero de Sara era estéril. Porém, não vacilou pela falta de fé diante da promessa de Deus, mas, fortalecido de poder pela fé, dando glória a Deus, e estando plenamente convencido de que o Deus que lhe prometara é poderoso também para cumprir. Eis a razão porque (a fé) lhe foi imputada para justiça.

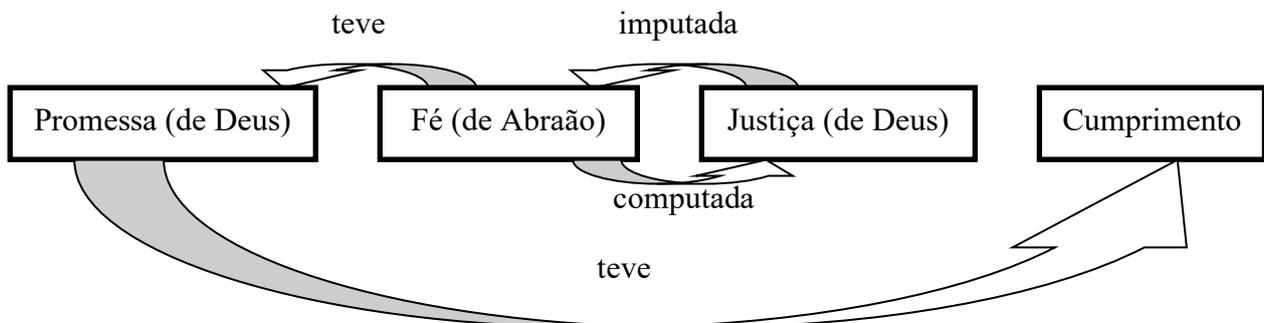
O caráter da fé de Abraão é apresentado de uma forma muitíssimo notável. Note o seguinte:

✓ “O qual contra toda esperança, em esperança creu”. Basicamente, *esperança* significa a expectativa de algo desejável. No presente caso, o objeto da esperança era o cumprimento da

promessa de Deus de que Abraão teria um filho, em cujo curso alcançaria cumprimento a preciosa promessa de Deus: "serei o seu Deus ... em sua descendência serão abençoadas todas as famílias da Terra ... Assim, será sua descendência". Chegou o tempo quando, *humanamente falando*, essa esperança parecia impossível de concretizar-se. Não obstante, "contra toda esperança", ou seja, a despeito do fato de que o nascimento do filho da promessa parecia impossível, Abraão "em esperança" – aqui a persuasão de que Deus seria fiel a sua promessa – continuou a confiar em Deus. Resultado: a esperança concretizou-se, de modo que, por meio de seu filho Isaque, Abraão veio a ser "o pai de muitas nações" (ver sobre o v.17).

- ✓ "Porém, não vacilou pela falta de fé...". Os anos passaram, e a promessa não se havia cumprido. Heroicamente, o patriarca encarou o fato de que tinha agora cerca de 100 anos de idade, que "seu próprio corpo" – aqui com especial referência a sua capacidade reprodutiva – estava sem vitalidade, e que Sara era estéril. Não obstante, ele não só continuou a exercer fé em Deus e em sua promessa, mas ainda sentiu-se fortalecido em sua fé. Que isso foi o que realmente aconteceu faz-se evidente à luz do fato de que, quando Deus, reiterou-lhe a promessa, em sua própria idade avançada - "Sara, sua esposa, de fato lhe dará à luz um filho" Gn.17.19 – e ordenou que todos os membros masculinos de sua casa fossem circuncidados" Gn.17.9-14, Abraão imediatamente glorificou a Deus, obedecendo à sua ordem (Gn.17.23-26). E em razão do fato de haver assim glorificado a Deus ele foi fortalecido em sua fé. E já que essa fé esperava tudo da parte de Deus, completamente confiante nele, ela pôde ser, e realmente lhe foi computada para justiça".

Num gráfico podemos colocar assim:



Que essas preciosas verdades se destinavam a todas as épocas, é demonstrado nos próximos versos.

(4.23-25)

²³ Ouvkevgra,fh de. diV auvto.nmo,nom[ti evlogi,sqrauvtw/|
Não foi escrito porém em razão de ele somente que foi imputado a ele

²⁴ avlla. kai. diV h`ma/pij me,llei logi,zesqai(toi/j pisteu,ousin evpi.
mas também em razão de nós, aos quais haverá de ser imputado, os que cremos sobre

to.n evgei,ranta Vhsou/n to.n kumvov/n evk nekrw/n(
O que levantou Jesus o Senhor de nós dentre mortos,

²⁵ o]j paredo,qh dia. ta. paraptw,mata h`mw/rhkgè,rqh dia. th.n
O qual foi entregue em razão de as transgressões de nós e foi levantado em razão de a

dikai,wsin h`mw/nA

justificação de nós.

Ora, não foi escrito somente para ele as palavras: lhe foi imputada. Mas, também para nós, a quem haverá de ser imputada, a nós os que cremos que em Deus que levantou Jesus o nosso Senhor dentre os mortos, O qual foi entregue por causa das nossas transgressões, e foi ressuscitado para nossa justificação.

“... não somente para ele, mas também para nós”. Que as palavras da Escritura foram escritas não exclusivamente para os contemporâneos dos respectivos autores, mas também para as gerações posteriores, ensina-se em ambos os Testamentos (Sl.78.1-7, Rm.15.4, 1Co.9.10; 10.11, e, num sentido, 2Tm.3.16). Assim também as experiências dos filhos de Deus teriam de estar relacionadas com as gerações posteriores (Gn.18.19). Hoje, época em que para muitos o estudo de história tem se tornado uma arte perdida, essa reminiscência deve servir a um bom propósito. *O que Paulo está dizendo é que nós também estamos vitalmente preocupados com essa história de Abraão e com a maneira como a justiça de Cristo lhe foi imputada.* Não é verdade que nós também somos aqueles a quem ela deve ser computada? Não estamos incluídos na família daqueles que depositam sua fé Naquele que ressuscitou a Jesus nosso Senhor dentre os mortos?

Note que a atitude de Paulo em relação a Jesus Cristo é não só de profunda reverência ("Senhor"), mas também de profunda gratidão, amor ardente ("Nosso"). Quando o apóstolo escreveu as palavras *“Jesus o nosso Senhor”*, ele não estava apenas fazendo estardalhaço com uns poucos títulos. Não, este é o Paulo de Gálatas 2.20, aquele que disse: *“o Filho de Deus me amou, e a si mesmo se deu por mim”*.

Refletindo, pois, sobre a onipotência e amor de Deus empregados no interesse de seu povo, Paulo inclui seus destinatários e a si mesmo no círculo daqueles que depositam sua fé *“em Deus que levantou Jesus o nosso Senhor dentre os mortos”*.

A longa lista de referências que indicam que Os Doze (amiúde representados por Pedro) e Paulo estavam convencidos não só do fato de que Jesus ressuscitara dentre os mortos, mas também que Deus o ressuscitara (ver At.2.24,32; 3.15, 26; 4.10; 5.30; 10.40; 13.30,33,34, 37; 17.31; 1Co.6.14; 15.15; 2Co.4.14, G1.1.1, Ef.1.20 – é significativa. Não é como se essas passagens chamassem a atenção para o fato de que Deus, o Pai, ficou satisfeito com o sacrifício expiatório que Jesus oferecera?

Paulo prossegue com as palavras que deram, e continuam dando, ocasião a tanta controvérsia, controvérsia essa que se centra numa palavra grega de apenas três letras (diá), a qual pode ser traduzida *“porque”* ou *“por causa de”*, ou *“por conta de”*.

É importante lembrar que a ressurreição de Jesus foi o ato público de Deus em confirmar a todos nós que o sacrifício de Jesus Lhe foi satisfatório. É comum ouvirmos de pessoas incrédulas que a Bíblia omite a maior parte da vida de Jesus, e que mesmo o que ela relata é apenas uma pequena parte de Sua história. Logo não sabemos ao certo se Jesus cometera algum pecado em Sua infância, ou adolescência, ou ainda, na juventude. Se Ele cometeu um único pecado como podemos ter certeza de que o sacrifício Dele foi aceito por Deus? A resposta está na Sua ressurreição. Se Jesus tivesse cometido um único pecado em toda a Sua vida, Seu sacrifício não seria aceito por Deus, e assim, Deus não O teria ressuscitado. A ressurreição de Jesus é, portanto, a garantia de que seremos ressuscitados também, e que Deus aceitou Seu sacrifício por nós.

1.3.3. Benefícios da Justiça (5.1-11)

No presente capítulo de Romanos, Paulo mostra que a Justificação é também *eficaz*. E em sua eficácia ela produz ao coração do crente a *paz com Deus*. Utilizando agora, outra figura do AT (Adão – 5.12-22), Paulo mostra que a *certeza* e, especialmente, o *caráter abundante* da salvação recebem maior elucidação. Embora em nosso esboço geral da carta o capítulo 5 apareça junto aos capítulos 1 – 4, concordamos com aqueles comentaristas que os capítulos 5, 6, 7 e 8 fazem parte de um mesmo bloco, por se tratar aqui dos benefícios decorrentes da Justificação que nos foi imputada por Deus em Cristo por meio da fé.

(5.1,2)

¹ Dikaiwqe,ntej ou=nevki pi,stewj eivrh,nhn e;comento.n qeo.ndia. tou/ kuri,ou
Tendo sido justificados portanto, de fé, paz temos para com o Deus através de o Senhor

h`mw/n Vlh sou/ Cristou/
de nós Jesus Cristo

² diV ou kai. th.n prosagwgh.n evsch,kamen Ith/| pi,steiD eivj th.n ca,rinh tau,thn evn
através de quem também o acesso temos pela fé a a graça esta em a qual

e`sth,kamenkai. kaucw,meqævpV evlpi,di th/j do,xhj tou/ qeou/Å
nos temos posto de pé e gloriamo-nos sobre a esperança da glória de Deus.

Portanto, tendo sido justificados pela fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, através de quem também temos acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes, e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus¹⁰⁷.

“Portanto, tendo sido justificados pela fé...”. Essa conjunção liga o presente capítulo com tudo que foi dito até aqui nos capítulos anteriores, especialmente 3.21 – 4.25.

“...temos paz com Deus...”, o significado de paz é reconciliação como fica claro em 5.10,11. Essa reconciliação é a remoção da ira divina de sobre nós. Essa paz é o descanso e o contentamento que o crente tem em seu coração que o leva a saber que seus pecados do passado foram perdoados (justificação), que os pecados do presente estão sendo subjugados pelo Bem (santificação) e que, os eventos futuros não podem nos separar do amor de Deus, antes, nos mostram que estaremos totalmente livres da presença do pecado (glorificação).

“...por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, através de quem também temos acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes...”. Foi pelo sangue de Cristo (e somente por ele) que a paz

¹⁰⁷ No próprio início deste parágrafo encontramos uma dificuldade. Paulo disse e Tércio (16.22) escreveu: “Temos paz”, ou “Tenhamos paz”? Entre os tradutores e comentaristas há uma aguda divisão de opinião com vista à questão. O fato é que o texto grego subjacente não é uniforme. A evidência textual em abono do subjuntivo e;COMÉ forte. Esta forma é apoiada pelas versões Sinaítico e Vaticano (estilo original em ambos os casos) e ainda pelas versões Alexandrino, Ephraemi Rescriptus, Códice de Bezae, etc., bem como por muitas citações cursivas e patrísticas. Várias versões antigas, também, bem como as traduções mais recentes, revelam que seus autores aceitavam essa redação. Alguns escritores se expressam de forma muito enérgica, como se o ponto de vista oposto, que favorece o indicativo e;COMÉ fosse inteiramente impossível. Ver, por exemplo, Robertson, *Word Pictures*, Vol. IV, p. 355, e Lenski, *op. cit.*, pp. 333, 334. Entre outros que, num ou noutro sentido, favorecem também o subjuntivo (“Tenhamos paz”, “Continuemos a ter paz”, “Vivamos em paz”, ou algo similar) estão Berkeley, Goodspeed, Moffatt, N.E.B. Mas, o indicativo e;COMÉ “temos”, também conta com considerável apoio. De fato, o fragmento Wyman, ao qual se tem atribuído uma data muito antiga (última parte do terceiro século), tem o indicativo e;COMÉ. Entre as traduções que favorecem o indicativo estão A.V., A.R.Y., N.A.S., Beck, R.S.V., N.I.Y. Às vezes se reconhece uma possibilidade no texto, outra numa nota de rodapé ou marginal. Ainda quanto a outra tentativa de fazer justiça ao original, a saber, “Desfrutemos da paz que temos”, ou algo similar (ver Murray, *op. cit.*, p. 159), não consigo ver qualquer justificativa para tal acomodação. Aceito o indicativo. Além da evidência fornecida em prol do fragmento do século 3º supramencionado, duas considerações me têm levado a adotar essa redação:
(1) Ao tempo em que o Novo Testamento foi escrito, as letras gregas *o* e *w* estavam começando a ser pronunciadas com o mesmo som e às vezes eram usadas alternadamente. Quanto a isso, note também a variante *diw,komē* por *diw,kwmen* em Romanos 14.19, onde a pronúncia com os dois ômegas merece a preferência, uma aplicação inversa da mesma pronúncia e peculiaridade gráfica encontradas em 5.1.
(2) A lógica do contexto aqui em Romanos 5.1, favorece fortemente o indicativo. As pessoas justificadas têm paz com Deus (Ef 2.14-18). Elas não dizem: “Tenhamos paz”. A cláusula imediatamente seguinte, “por meio de quem obtivemos também acesso pela fé a esta graça na qual estamos firmes”, é uma afirmação de um *fato*, e, como é demonstrado pela palavra *também*, implica que as palavras imediatamente precedentes semelhantemente expressam um *fato*: “Temos paz ... obtivemos também acesso”. Note a série de indicativos que se seguem: “... exultamos ... sabemos, etc.” Tudo isso não indica claramente que em 5.1 a parte exortativa dessa seção - ver 6.1 s., 6.15s., 7.7, 8.31 s. - ainda não começou? (HENDRIKSEN, 2001, p.221).

com Deus foi estabelecida. Por meio do Seu sacrifício “...também temos acesso (...) a esta graça...”, ou seja, o estado de Justificação. Além disso, esta graça de vivermos justificados, implica no acesso confiante à presença do Pai (Ef.2.8; 3.12) e ao Seu trono de graça (Hb.4.16).

Jesus é o “nosso Senhor” o que implica no fato Dele ser nosso dono, proprietário. Ele intercedeu junto ao Pai por nós através do Seu sacrifício. Nas palavras de Isaías: “O castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados” (Is.53.5).

Resta-nos como crentes em Cristo Jesus confiar somente Nele e, além disso, “...gloriamo-nos na esperança da glória de Deus”. O passado e o presente já foram abordados. Agora Paulo lança seu olhar (e conduz o nosso) para o futuro, para a glória eterna. É importante lembrarmos que Paulo disse “...gloriamo-nos na esperança da glória...” o que nos mostra que nossa alegria e exultação está na promessa da vida eterna, promessa esta que foi feita pelo mesmo Deus que fez a promessa a Abraão e cumpriu (Rm.4).

(5.3-5)

³ ouv mo,non de, (~~kailla~~. kaucw,meçavn tai/çli,yesin(eivdo,tej o[ti h` çli/yij pomonh.n
Não somente isto, mas também gloriamo-nos em as tribulações sabendo que a tribulação paciência

katerga,zetai(
produz

⁴ h` de. u` pomonh. dokimh,n(h` de. dokimh. evlpi,daÅ
a porém paciência caráter aprovado, o porém caráter aprovado esperança

⁵ h` de. evlpi,j ouv kataiscu,nei(o[ti h` avga,ph tou/ çekke/cutavn tai/j kardi,aij
a porém esperança não envergonha, porque o amor de Deus é derramado em os corações

h`mw/rdia. pneu,matoj a`gi,ou tuçe,ntoj`mi/nÅ
de nós através do Espírito Santo O que foi dado a nós.

Não somente isto, mas também gloriamo-nos nas nossas tribulações sabendo que, a tribulação produz paciência; e a paciência, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança; a qual, porém, não (nos) envergonha, porque o amor de Deus é derramado em nossos corações através do Espírito Santo, O qual nos foi dado.

Paulo se gloriava também nos sofrimentos decorrentes da Causa do Evangelho (Rm.8.35-39; 1Co.4.9-13; 2Co.1.4-10; 11.23-30; 12.7-10; Gl.6.17 e 2Tm.3.11,12).

“Não somente isto, mas também...” refere-se ao fato que o crente Paulo não exultava somente na esperança da vida eterna¹⁰⁸, “...mas, também gloriamo-nos nas nossas tribulações...”. Nas tribulações (as que eram fruto de sua obediência a Cristo Jesus!) ele via um instrumento que Deus usava para fortalecê-lo ainda mais em sua esperança. Note a seqüência dos elementos que ele apresenta e que resultam na esperança:

Tribulação → paciência → caráter aprovado → esperança

A paciência¹⁰⁹ (u` pomonh) a ação de “esperar pacientemente com esperança” (RIENECKER-ROGRES, 1988, p.264). Comentando sobre essa qualidade do crente, William Hendriksen afirma (HENDRIKSEN, 2001, p.225):

“Embora seja verdade que a perseverança (força para suportar, mais a persistente aplicação

¹⁰⁸ Não que ele a considerasse uma bênção simples, aliás, via essa bênção como a maior de todas a partir da qual Deus derrama sobre o crente todas as demais bênçãos, veja Rm.8.32.

¹⁰⁹ As seguintes versões traduzem o substantivo u` pomonh por perseverança: Revista e Atualizada (ARA), Nova Versão Internacional (NVI); as que traduzem o substantivo u` pomonh por paciência são: Almeida Corrigida Fiel (ACF), Almeida Revista e Corrigida (ARC), Bíblia Portuguesa Almeida (BPA).

dessa força) é basicamente o resultado da operação do Espírito Santo no coração e na vida dos filhos de Deus, ela implica ação humana. De forma alguma é uma qualidade passiva. A pessoa que a tem *persevera*. Ela fica firme no que tem (Ap.2.25), é fiel até a morte (Ap.2.10)”.

O *caráter aprovado* que é resultado da paciência, antes de se *aprovado é provado*. Só existe um meio de um caráter ser aprovado: quando este passa por uma prova, à qual suporta com *paciência*, e essa prova são as *tribulações*. A tribulação na vida do crente, quando permitida por Deus, obedece a um propósito divino: trabalhar o caráter do crente. É tal qual o fogo é para o ouro e para prata que promove a purificação dos mesmos. Deus ao permitir a tribulação sobre um filho Dele tem o objetivo de fazê-lo “*conforme a imagem de Seu Filho*” (Rm.8.29 e 30; Zc.13.9). O caráter provado e aprovado produz *esperança* (εὐλπίη). É a esperança que foi apresentada no v.2, a saber, a esperança da vida eterna. Ela é inconfundível, e mais, ela “...*não (nos) envergonha...*”, ou seja, ela não nos desaponta, não nos decepciona, pois, “...*o amor de Deus é derramado em nossos corações através do Espírito Santo, O qual nos foi dado*” (v.5). Por que a ligação dessa esperança com o “*amor de Deus*”? Quando o crente enfrenta provas nesta vida, Deus derrama o Seu amor no coração aflito do crente mostrando-lhe que tem preparado para este a Sua *glória* (v.2). O crente só pode adentrar os portões da glória eterna porque foi alvo do amor de Deus. E esse amor o acompanha por toda sua vida, em todos os momentos, “...*através do Espírito Santo, O qual nos foi dado*”. O Senhor Jesus antes de partir prometeu aos Seus discípulos o “*outro Consolador*” que haveria de estar com eles até o fim (Jo.14; 16 e 17). O Pentecostes foi o cumprimento dessa promessa, e nesse dia, o Espírito “...*nos foi dado*” para estar conosco permanentemente. *É a presença gloriosa do Espírito Santo na vida do crente que lhe confirma a salvação, pois Ele é o penhor da nossa salvação* (2Co.1.22; 5.5; Ef.1.14).

(5.6-8)

⁶ :Eti ga.r Cristo.j o;ntwn h`mw/n avsebw/n avpe,qanenÅ
Ainda pois, Cristo sendo nós fracos ainda segundo tempo fixado sobre ímpios morreu.

⁷ mo,lij ga.r u`pe.r dikai,ou tijavpoqaneiXtaipe.r ga.r tou/ avgaqa/tij
sob penoso labor ora sobre justo alguém morrerá: sobre pois o bom talvez alguém

kai. tolma/| avpoqanei/n
até ouse morrer,

⁸ suni,sthsin de. th.n e`autouávgaphneivj h`ma/j o` qeojfi e;ti a`martwlv/n o;ntwn
posta junto porém, o Dele próprio amor para com nós o Deus, porque ainda pecadores sendo

h`mw/n Cristo.j u`pe.r h`mw/n avpe,qanenÅ
nós, Cristo sobre nós morreu.

Pois Cristo, ainda sendo nós fracos, no tempo designado, morreu pelos ímpios. Ora, dificilmente por um justo alguém morreria; pois, talvez, por uma pessoa boa, alguém até ouse morrer. Porém, Deus demonstra o Seu próprio amor para conosco, porque ainda sendo nós pecadores, Cristo morreu por nós.

“Pois (...) *ainda sendo nós fracos (...) ainda sendo nós pecadores...*”. Essa era a nossa condição quando Deus nos amou, quando Ele derramou demonstrou “...*Seu próprio amor para conosco...*”. Cristo motivado pelo amor do pai por nós, fracos e pecadores, e não porque éramos *justos e bons*, morreu por nós, *os ímpios*.

Foi “...*no tempo designado...*” por Deus que Ele se entregou para morrer por nós. Este tempo designado por Deus, é o que Ef. 1.10 chama de a “*plenitude dos tempos*”. Aqui em Rm.5.6, também aponta para o tempo em que não éramos merecedores da graça de Deus (nunca fomos!), tempo este em que *quando*, “...*ainda sendo nós fracos (...) ainda sendo nós pecadores*”.

“*Ora, dificilmente por um justo alguém morreria...*”, se essa hipótese é difícilima, que

dirá alguém se dispor a morrer por *ímpios*? Geralmente, se explica (se é que é possível) o sacrifício de Cristo em lugar dos pecadores, falando do amor que Deus teve por nós. Concordamos com essa afirmação, pois como nos diz esse texto (e muitos outros) “*Deus demonstra Seu próprio amor para conosco...*” através do sacrifício de Cristo. Contudo, há ainda um outro motivo que vem antes desse: o amor de Cristo pelo Pai. Foi por amor ao Pai que Cristo se entregou por nós. Note o pensamento de Paulo aqui: ele vem falando do amor de Deus por nós, “*ainda sendo nós pecadores*”, e conclui dizendo: “*Cristo morreu por nós*”¹¹⁰. Certa vez uma senhora perguntou ao grande missionário Hudson Taylor: “*O motivo de seu empenho em evangelizar os chineses é que o senhor tem um intenso amor pelas almas perdidas, não é mesmo?*”, e ele então respondeu: “*Não. O motivo do meu empenho em evangelizar os chineses é o meu intenso amor por Deus*”. Não há amor verdadeiro pelas almas que estão em trevas, se não houver amor verdadeiro pelo Pai das luzes. Neste verso também Paulo volta ao assunto principal de sua carta: a Justificação de Deus em Cristo pela fé, não é por mérito humano. Se fosse pelo nosso mérito, o que receberíamos seria a condenação eterna e o afastamento eterno do amor de Deus.

(5.9,10)

⁹ pollw/| ou=n ma/llon dikaiwqe,ntej nu/n evn tw/| ai[mati aurtou/ swqhs,meqa
Para muito portanto, mais tendo sido justificados agora em o sangue Dele seremos salvos através

aurtu/ avpo. th/j ovrgħ/jÅ
Dele de a ira.

¹⁰ eiv ga.r evcqroi.o;ntej kathlla,ghmen tw/| qewiã. tou/qana,tou tou/ ui`ou/ aurtou/(
Se pois, adversários sendo, fomos reconciliados ao Deus através da morte do Filho Dele,

pollw/| ma/llon katallage,ntej swqhso,meqavn th/| zwh/| aurtou/
muito mais havendo sido reconciliados seremos salvos em a vida Dele.

Portanto, tendo sido justificados agora pelo Seu sangue, muito mais seremos salvos por Ele da ira. Se pois, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus através da morte de Seu Filho, muito mais, havendo sido reconciliados, seremos salvos por meio de Sua vida! O que esses versos nos mostram é que não seremos frustrados em nossa esperança, porque em Cristo, ou seja, em Sua morte, Deus demonstrou Seu profundo amor por nós quando éramos ainda pecadores. Se, pois, fomos justificados por meio da morte de Cristo, muito mais seremos salvos da ira de Deus a ser derramada no futuro. Os v.9 e 10 se relacionam de forma maravilhosa. O v.9 mostra a nossa condição legal com Deus; o v.10, mostra a nossa relação pessoal com Ele. Temos aqui um argumento *a fortiori*: se Deus realizou o maior (nossa justificação), não realizará o menor (livramento da ira)?

“...*pelo Seu sangue...*” a justiça Divina demandava o derramamento de sangue. Aqui temos a indicação do sacrifício de Cristo. Seu sacrifício aplacou a ira de Deus que estava sobre nós, pois “*sendo inimigos*” Dele por sermos também “*ímpios, pecadores*”, e “*...através da morte de Seu Filho...*”, Deus nos reconciliou consigo mesmo. W. Hendriksen faz o seguinte comentário¹¹¹:

“Crentes são aqueles que, pela graça de Deus, têm alcançado uma condição de retidão em relação à santa lei de Deus; em outros termos, já foram *justificados*. A lei de Deus na mais os condena. Mas a verdade não é apenas essa. O que então se acrescenta é que Deus também os *ama*. Seu coração empenha-se por eles. Ele os transformou de inimigos em amigos. É preciso enfatizar que a reconciliação – e também a justificação – é um ato divino. É Deus, não o homem, que produz a reconciliação, a mudança de inimizade em amizade”.

¹¹⁰ William Hendriksen nos lembra do amplo significado que tem a preposição *u`pe* que neste caso foi traduzida como “*por*” que aqui em Rm.8 tem o sentido de “*no lugar de*” (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.229).

¹¹¹ (HENDRIKSEN, 2001, p.230).

“...por meio de Sua vida”; é o Filho ressurreto, vivo e exaltado de Deus que, por meio de seu Espírito, leva à conclusão, em nosso coração e nossa vida, a obra da salvação. Se Deus justifica e se reconcilia com os inimigos, *certamente* Ele salvará os amigos.

(5.11)

¹¹ ouv mo,non de,(~~ka~~la. kaucw,menoi evn tw/| qew/|tou/dkari,ou h`mw/n
não somente porém, mas também gloriando-nos em ao Deus através de o Senhor de nós

Vhsou/ CristoudiV ou nu/nth.n katallagh.n evla,bomenA
Jesus Cristo através de Quem agora a reconciliação recebemos.

E não somente isso, mas também nos gloriamos em Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, através de Quem agora, recebemos a reconciliação.

O ser humano sempre se gloria de alguma coisa, e sempre, sempre se gloria em *si mesmo*. Em Rm.2.17,23, os judeus se gabavam de si mesmo e se gloriavam de si mesmos. Em Corinto, os crentes de lá se gabavam de seus líderes (1Co.3.21) e dos dons ou obtenções especiais (2Co.11.18). Ainda há em nossos dias (e sempre haverá) pessoas que se gabam de si mesmas. Bem diferente desse tipo de comportamento, é o comportamento do crente, pois, como diz Paulo: “...*nos gloriamos em Deus por meio do nosso Senhor Jesus Cristo, através de Quem agora recebemos a reconciliação*”. O servo de Deus sabe muito bem que “*Porque Dele, e por meio Dele, e para Ele são todas as coisas. A Ele, pois, a glória eternamente. Amém!*” (Rm.11.36). Não ousa em momento algum usurpar a glória que é devida a Deus. O servo de Deus, enquanto louva a Deus pelas bênçãos recebidas no presente, exulta em seu coração pelas bênçãos do porvir.

1.3.4. Contraste entre Justiça e Condenação (5.12-21)

A presente seção apresenta o paralelo entre Adão e Cristo; ambos são os representantes da humanidade. O primeiro fracassou em representar-nos e trouxe sobre todos a condenação; o segundo, representou os escolhidos de Deus, cumprindo toda a Lei e o que o primeiro não conseguira fazer, ele fez. Por isso pode salvar os que Nele confiam.

(5.12)

¹² Dia. tou/to w[sper diV e`no.j avnqrw,pou h` a`marti,a eivj to.n ko,smon eivsh/lqer
Em razão de isto assim como através de um [só] homem o pecado em o mundo entrou

kai. dia. th/j a`marti,aj o` qa,natoj(ou[twj eivj pa,ntaj avnqrw,pouj o` qa,natoj
e através de o pecado a morte, também assim a todos homens a morte

dih/lqen@vfV w[pa,ntej h[ma`xton
foi através, sobre que todos pecaram.

Portanto, assim como através de um só homem o pecado entrou no mundo e, através do pecado, a morte, assim também a morte permeou a todos, visto que todos pecaram.

Uma só transgressão resultou em condenação para todos, assim como um só ato de justiça resultou para todos os homens em justificação que traz vida. Sempre encontramos (até mesmo dentro das igrejas evangélicas) aqueles que defendem que o homem não nasce pecador, mas, sim, que torna-se pecador conforme pratica o pecador. Um dos grandes proponentes dessa heresia na História do Cristianismo, foi Pelágio¹¹². Mas este texto por exemplo deixa claro que o

¹¹² Monge bretão 350 - 423. Nasceu na Grã-Bretanha. Estabeleceu-se em Roma por volta de 405, depois viajou para África do Norte, continuou a viagem até a Palestina e escreveu dois livros sobre o pecado, o livre-arbítrio e a graça: Da natureza e Do livre-arbítrio. Suas opiniões foram criticadas violentamente por Agostinho e seu amigo Jerônimo,

homem peca porque é pecador por natureza, e não que, ele se torna pecador quando peca.

Em que sentido devemos entender que pela queda de Adão o pecado entrou no mundo? Devemos compreender que cada ser humano que nasce, nasce pecador. Mas, não devemos entender essa tragédia do pecado, apenas como algo que foi entrando na humanidade conforme nascia cada ser humano. O que Paulo pretende ao dizer isso é que toda a raça humana *estava incluída em Adão*, de modo que, quando Adão pecou, todos pecaram; quando teve início o processo de morte para a ruína *dele*, imediatamente afetou *a raça inteira*. Ao cair Adão, *todos pecamos*. É o que ele quis dizer com “...através de um só homem o pecado entrou no mundo (...) assim também a morte permeou a todos, visto que todos pecaram”.

Os verbos *entrar* e *permeiar* aqui são muito importantes. O verbo *entrar* (*entrou*) no grego é εἰσεῖρηται, aqui mostra que foi o pecado de Adão que “abriu porta” para o pecado entrar no mundo, o qual trouxe consigo a condenação (a morte) sobre todos os homens. O verbo *permeiar* (*permeou*) é διεῖρηται significa “passar pelo meio, passar através de. Contém a força de distribuição – fez seu caminho para cada membro individual da raça humana”¹¹³. é como um raio que cortou do primeiro ao último da fila de uma só vez.

Não obstante o pecado *de um só* (Adão) ter afetado todos de uma só vez, os pecados de *cada um* (individualmente) tornam *cada um* culpado diante de Deus.

(5.13,14)

¹³ a;cri ga.r no,mou a`marth,an mevno,smw|(a`madi,aouvk evllogei/tai ontoj no,mou(
Até pois Lei pecado havia em mundo, pecado porém não é imputado não havendo Lei;

¹⁴ avlla. evbasi,leusen o` qa,natoj Adon me,cri Mwu?se,wjevpi. tou.j mh. a`marth,santaj
mas reinou a morte desde Adão até Moisés também sobre os não que pecaram

evpi. tw/| o`moiw,mati th/j pavla,sejjevstin tu,poj tou, llontojÅ
sobre a semelhança da transgressão de Adão que é tipo o estava para vir.

Pois até à Lei, havia pecado no mundo; porém, o pecado não é imputado não havendo lei; mas reinou a morte desde Adão até Moisés também sobre os que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão que é um tipo daquele que estava para vir.

Paulo poderia estar pensando aqui em situações como o Dilúvio, Sodoma e Gomorra, nas quais a morte (o resultado do pecado) governou de modo supremo durante esse período. Ela reinou mesmo “sobre os que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão...”, ou seja, ela causou seu estrago sobre *todos* aqueles que não transgrediram um mandamento expresso de Deus como fizera Adão ao comer do fruto proibido.

Portanto, é óbvio que, mesmo durante o período de Adão a Moisés, o pecado foi de fato levado em conta. Embora a lei do Sinai, com seus mandamentos expressos, ainda não existisse, *havia lei*. Aqui o apóstolo estava indubitavelmente pensando no que havia escrito anteriormente nessa mesma epístola (2.14, 15). Essa lei, com a morte como castigo para os transgressores libertinos, foi deveras aplicada (Rm.1.18-32). Que havia lei, deduz-se do fato de que havia pecado.

tradutor e comentarista bíblico, que morava em Belém na Palestina. Foi inocentado das acusações sobre heresia pelo Sínodo de Dióspolis na Palestina em 415, mas condenado como herege pelo bispo de Roma em 417 e 418, e pelo Concílio de Éfeso em 431. Não se sabe ao certo o ano e o motivo da sua morte, provavelmente foi por volta de 423. É possível que sua condenação pelo Concílio de Éfeso tenha sido após a sua morte. Assim como acontecia com os hereges do cristianismo, pouco se sabe a respeito das suas idéias, pois o material produzido era queimado. Sua vida era cheia de mistérios e o que se conhece de seu pensamento é através das citações e alusões feitas em livros que se opõem a ele e o condenam. Os oponentes de Pelágio, liderados por Agostinho o acusaram de três heresias: (1) Negar o pecado original; (2) Negar que a graça de Deus é essencial para a salvação; (3) Pregava a impecabilidade operado pelo livre-arbítrio sem a graça. (acesse <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pel%C3%A1gio>)

¹¹³ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.264).

Se não houvera lei alguma, então não teria havido pecado algum¹¹⁴.

Ao dizer que “Adão que é um tipo daquele que estava para vir” Paulo refere-se a Cristo, porém, ainda não concluíra seu pensamento (o que fará daqui a pouco no v.15).

(5.15-17)

¹⁵ VALIV ouvcw`j to. para,ptwma(ou[kaj. to. ca,risma eiv ga.r tw/`tou/ e`no.j

Mas não como a transgressão, assim também o dom gracioso, se pois pela do um só

paraptw,mati oi` polloi. avpe,qou/n/| ma/llon h` ca,rij tou/ qeou/ dikaira.

transgressão os muitos morreram, para muito mais a graça de Deus e a dádiva

evn ca,riti th/| tou.n.javnqrw,pou Vhsou/ Cristou/ eivj tou.j pollou.j evperi,sseusenÅ

em graça a do um só homem Jesus Cristo para os muitos abundou.

¹⁶ kai. ouvcw`j diV e`no.j`marth,santoj tw,rhma to. me.n ga.r kri,ma evx`no.j

E não como através de um só que pecou o dom gracioso, o por um lado pois juízo de um só

eivj kata,krima. de. ca,risma evk pollw/n paraptwma,tw dikaijvmaÅ

para condenação, o por outro lado dom gracioso de muitas transgressões para justificação.

¹⁷ eiv ga.rtw/`tou/e`no.j paraptw,mati o` qa,natoj evbasi,ta setou/e`no.j pollw/|ma/llon

Se, pois, pela do um só transgressão a morte reinou através de o um só para muito mais

oi` th.n perissei,an th/j ca,ritoj kai. th/j dwrea/j th/j dikaiosunhj

os a abundância da graça e da dádiva da justiça

lamba,nontejvnzwh/|basileu,sousin dia. tou/e`no.j Vhsou/ Cristou/Å

que receberem em vida reinarão através de o um só Jesus Cristo.

Mas, o dom gracioso não é como a transgressão; pois, se pela transgressão de um só muitos morreram, muito mais a graça de Deus e o dom que veio pela graça de um só homem, Jesus Cristo, para muitos transbordou. O dom gracioso, todavia, não é como o pecado (que veio) através de um só, pois, se por um lado, procedeu o juízo para condenação (por causa do) pecado de um só, por outro lado, o dom gracioso procedeu de muitas transgressões para justificação. Se, pois, pela transgressão de um só a morte reinou, muito mais, aqueles que receberem a abundância da graça e do dom da justiça reinarão em vida por meio de um só: Jesus Cristo.

Nesses versículos Paulo mostra que o paralelo Adão-Cristo é principalmente o de *contraste*, no sentido em que a influência de Cristo para o bem *excede muito* à eficiência de Adão para o mal: o dom gratuito é “não como a transgressão”¹¹⁵, ou seja, é muito mais eficaz do que a transgressão. Se a transgressão de Adão foi tão eficiente em prejudicar toda a raça humana, o dom de Deus foi infinitamente mais abundante (superabundante) *naqueles a quem Deus justificou*.

Como introdução à interpretação adicional, umas poucas questões precisam ser mantidas na mente:

¹¹⁴ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.238).

¹¹⁵ O substantivo para,ptwma indica um pecado no sentido de um desvio da vereda da verdade e da justiça, uma falta. A palavra ocorre em Rm.4.25; seis vezes no capítulo 5: versículos 15 (duas vezes), 16, 17, 18,20; três vezes no capítulo 11 (vv. 11,12); e mais, e uma vez em cada epístola: 2 Co.5.19; Gl.6.1; Ef.1.7; 2.1,5; e três vezes em Cl.2.13. Quanto ao restante, no Novo Testamento encontra-se somente no esclarecimento da quinta petição na Oração do Senhor, Mt.6.14, 15 (três vezes), e numa passagem similar em Mc.11.25,26.

Uma para,ptwma pode ser bastante branda, assim talvez em Gl.6.1, mas pode também ser muito séria. Assim, em Rm.11.11, a rejeição do evangelho por parte de Israel é chamada um para,ptwma

Ver também W. Michaelis, Th.D.N.T., Val., pp. 170-172. O para,basijle Adão (Rm.5.14) foi uma *transgressão* de mandamento distinto. Esse mesmo substantivo ocorre também em Rm.2.23; 4.15, Gl.3.19, 1Tm.2.14 e Hb.2.2; 9.15.

- ✓ O apóstolo usa a palavra *muitos* num duplo sentido. Em seu primeiro uso (“*muitos morreram*”), indica todos os descendentes físicos de Adão. No final do mesmo versículo (“*para muitos transbordou*”), indica todos aqueles que pertencem a Cristo. Isso nos lembra Is.53.11, 12, Mt.20.28 e Mc.10.45.
- ✓ O v.12 já mostrou que Adão foi responsável por introduzir dois males no mundo: pecado e morte. O apóstolo trata de ambos sucessivamente: do pecado ou *transgressão* de Adão (v.15, 16), da *morte* (v.17). Ele os concebe como sendo intimamente relacionados, e por isso às vezes menciona ambos de um só fôlego.

É compreensível que Paulo possa dizer que, em decorrência da *transgressão de Adão*, muitos morreram. Esses *muitos* são os designados em 5.12 como “*toda a humanidade*” (literalmente, *todos os seres humanos, todo mundo*, cf. 1Co.15.22). Mas, em conexão com a obra de Deus em Cristo, para os filhos de Deus esse mal foi *mais que* cancelado. Para eles, a graça de Deus e seu dom da salvação transformaram a morte em seu próprio oposto. A morte veio a seu *lucro!* (Fp.1.21). Além disso, sobre o *pecado*, quando a graça entrou, o homem naturalmente voltou ao seu estado anterior de inocência. Ela lhe concedeu *justiça* (v.17) e *vida* (v.18), ou seja, *vida eterna* (v.21).

Além disso, no caso de Adão um único pecado foi envolvido, pecado esse que resultou em condenação. Cristo, porém, por Sua obra de redenção, fez provisão para o perdão não só daquele único pecado mas também de todos aqueles que procederam dele. Seu sacrifício foi *suficiente* para todos eles, e de fato *foi eficaz* para todos os pecados cometidos por aqueles que, pela graça soberana, depositaram nele sua confiança. Para eles, *a condenação foi substituída pela justificação*. Ver sobre 1.17; 3.24; 5.1.

Paulo agora se volta mais especialmente para o tema da *morte*. Dessa vez, depois de reiterar que a morte resultou da transgressão de um só, Adão, ele menciona o *reinado* da morte, a poderosa e destrutiva influência que ela exerce sobre as atividades dos seres humanos. Em harmonia com esses pensamentos sobre a supremacia da graça (a doutrina do “*muito mais*”), o apóstolo agora realça que no caso dos crentes o reinado da *morte* não é meramente substituído pelo reinado da *vida* mas por um reinado tão indizivelmente glorioso que aqueles que dele participam serão eles mesmos reis e rainhas. Tudo isso é o resultado de “*a abundância*¹¹⁶ *da graça*¹¹⁷ *e do dom da justiça reinarão em vida por meio de um só: Jesus Cristo*”, ou seja, por meio de Sua pessoa e obra.

Ao avaliar o apóstolo as dificuldades que tinham de ser esclarecidas' antes que pudesse completar o pensamento começado no v.12 ele então, fazendo uso de uma fraseologia um tanto variada, no v.18a apresenta a lista do primeiro versículo – de modo que, essencialmente, o v.18a equivale ao v.12, e então, no v.12b ele leva esse pensamento a uma conclusão. Num vocabulário um pouco diferente, o pensamento inteiro é reiterado no v.19.

(5.18,19)

¹⁸ :Ara ou=nw`j diV e`no.jparaptw,matoj eivj pa,ntaj avnqrw,pouj eivj ma(
Conseqüentemente portanto como através de uma só transgressão a todos homens para condenação,

ou[twj kai. diV e`no.j dikaiw,matoj eivj pa,ntaj avnqrw,pouj eivj dikaiw,sin
assim também através de um só ato de justiça a todos homens a justificação de vida,

¹⁹ w[sp er ga.r dia. th/j parakoh/j tou/ e`no.j avnqrw,pou a`martw,ton esta,qhsan
como pois através de a desobediência de um só homem pecadores foram constituídos

oi` polloi,(ou[twj kai. dia. th/j u`pakoh/j tou`no.j di,kai oi katastaqh,sontai oi` polloi,Å

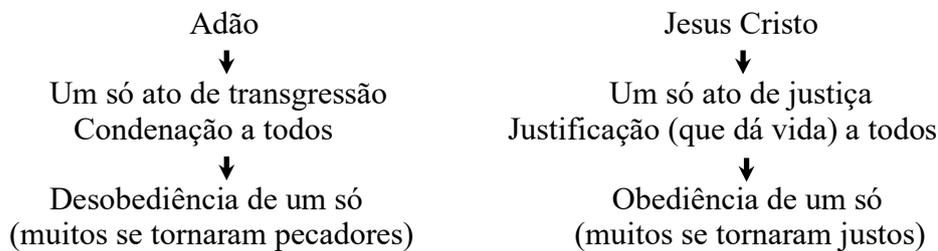
¹¹⁶ Note perissei,(perissei,θ) um peri, – composto, provavelmente indicando basicamente a água que subiu tão alto que “cercou tudo” e transbordou as margens.

¹¹⁷ Graça é o amor revelado de Deus sem merecimento.

os muitos, assim também através de a obediência de um só justos serão constituídos os muitos.

Conseqüentemente, portanto, como através de uma só transgressão a condenação (veio) a todos os homens, assim também, através de um só ato de justiça, a todos os homens a justificação que dá vida. Pois, assim como através da desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também, através da obediência de um só muitos se tornaram justos.

“Conseqüentemente...”, aqui Paulo não só está voltando ao pensamento do v.12, como também concluindo todo o seu pensamento aqui. Num gráfico podemos colocar estes versos assim:



Neste verso encontramos uma dificuldade de interpretação. Paulo declara que a *universalidade do pecado* ou seja, em Adão, todos os homens estão condenados, e diz “...através de uma só transgressão a condenação (veio) a todos os homens...”. Porém, ao falar da justificação ele diz: “...através de um só ato de justiça, a todos os homens a justificação que dá vida”, e com isso ele *não está* ensinado a *universalidade da salvação*, ou seja, que todos os homens realmente serão justificados e portanto, salvos. Que fica claro neste verso que no pensamento de Paulo aqui, que os adjetivos *todos* e *muitos* têm o mesmo significado, é claro. Quando diz que a condenação veio a todos, ele está declarando a *universalidade do pecado*, mas, em hipótese alguma está ensinando que a justificação também é universal (isso seria contradição com todas as outras passagens nas quais ele – v.17 – e outros escritores sagrados ensinam a doutrina da Expição Limitada¹¹⁸). Comentando esse verso William Hendriksen afirma¹¹⁹:

- ✓ O apóstolo já estabeleceu bem em passagens anteriores que a salvação é para os crentes, tão-somente para eles (1.16,17; 3.21-25);
- ✓ Ele já enfatizou isso também nesse mesmo texto: somente aqueles que “recebem a transbordante plenitude da graça e do dom da justiça” reinarão em vida (v.7);
- ✓ Numa passagem que é similar a 5.18, e que já foi citada anteriormente, o próprio apóstolo explica o que ele tem em mente por “todos” ou “todos os homens” que deverão ser salvos e participarão da gloriosa salvação, veja 1Co.15.22,23.

Lembre-mos ainda que o tempo todo nesta carta Paulo vem rebatendo à arrogância dos judeus em se acharem melhores que os gentios. Por isso aqui Paulo emprega o adjetivo “*todos*” para mostrar que *tanto judeus quanto os gentios*, todos são pecadores, e todos precisam da graça de Deus. Então aqui, “*todos*” pode muito bem ser substituído por “*tanto ... quanto*”, tanto os judeus, quanto os gentios são pecadores, e um tanto quanto o outro recebe de Cristo a justificação e a salvação.

(5.20,21)

²⁰ no,mojde. pareish/lqen(i[na pleona,sh| to. para,ptvoma de. evpleo,nasen

Lei porém chegou ao lado de, para que abundasse a transgressão, onde porém abundou

h` a`martiãpereperi,sseusen h` ca,rij(

o pecado, superabundou a graça,

¹¹⁸ Doutrina da Fé Reformada que ensina que Cristo morreu somente pelos eleitos.

¹¹⁹ (HENDRIKSEN, 2001, p.241).

²¹ i[na w[sper evbasi,leusen h` a` marti,a evn tw/| qarkat.w|(hòu[á,vij
a fim de que assim como reinou o pecado em a morte, assim também a graça

basileu,sh|dia. dikaios,nhj eivzwh.n aivw,niodia. Vlh sou/ Cristou/ tou/ kuri,ou h`mw/nã
reinasse através de justiça para vida eterna através de Jesus Cristo o Senhor de nós.

A Lei porém, foi introduzida para que a transgressão abundasse; onde, porém, abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, assim como o pecado reinou na morte, assim também a graça reinasse através da justiça para a vida eterna através de Jesus Cristo o nosso Senhor.

“A Lei porém, foi introduzida para que a transgressão abundasse...” isso revela a intenção divina em promulgar a Lei: mostrar não somente a pecaminosidade latente da humanidade, como também sua incapacidade de cumprir a Lei Divina. Daí, somente um ato da Graça Divina poderia reverter a situação do homem pecador. Com isso não estamos dizendo que Deus é o responsável pela pecaminosidade do homem. Jamais! Apenas estamos afirmando que a vontade de Deus em promulgar a Sua Lei era aguçar a consciência humana quanto à sua pecaminosidade. A Lei age como “lentes de aumento”, a qual não aumenta o número de impurezas encontradas num corpo, apenas as torna mais visíveis. A Lei não aumenta o nosso pecado, ela apenas ressalta o quão pecadores nós somos.

Quão desesperadora é essa situação! Ela revela a nossa real condição. Mas, ainda bem que a Graça Divina entrou em cena mostrando que “...onde, porém, abundou o pecado, superabundou a graça”. O pecado por maior que ele seja, não é páreo para a Graça Divina. Se o pecado encheu a medida, a Graça Divina derramou além da medida, transbordou, superabundou, abundou cada vez mais, tornou mais excelente.

Tudo isso com um propósito “...a fim de que, assim como o pecado reinou na morte, assim também a graça reinasse através da justiça para a vida eterna através de Jesus Cristo o nosso Senhor”. O pecado aqui, é o de Adão, “reinou na morte”, ou seja, em morte – ela é o salário do pecado. Mas, um outro reino infinitamente superior foi estabelecido: o reino da Graça, a qual é através da justiça, ou seja, a justiça de Deus em Cristo, a qual reverteu completamente a situação de morte do pecado, pois, ela é “para a vida eterna através de Jesus Cristo nosso Senhor”.

1.4. SANTIFICAÇÃO. A ILUSTRAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS (6.1 – 8.39)

A Justificação pela fé em Cristo produz no coração do crente a santidade e o desejo de viver uma vida Santa para Deus. Nos próximos capítulos (6, 7 e 8) Paulo trabalhará o seu tema mostrando outro resultado: a santificação. No capítulo 6 mostrará a guerra que se trava em nosso coração entre uma busca por um viver santo e a insistência do pecado que ainda é uma realidade presente em nossa vida. No capítulo 7 mostrará que o crente em Cristo foi liberto da Lei, e no capítulo 8 mostrará a relação da Justificação com a obra do Espírito Santo na vida do crente.

1.4.1. Santificação e Pecado (6.1-23)

O capítulo 6 introduz um outro assunto o qual podemos considerar um “subtema” do assunto principal. Neste capítulo, Paulo trabalha a questão da responsabilidade do crente para com Deus através de uma vida santa. Ainda falando sobre o pecado, assunto este que ele trabalhou no capítulo 5, aqui em Rm.6 ele fala do pecado dando mais enfoque à questão *moral-espiritual*¹²⁰, enquanto que em Rm.5 ele falou mais do aspecto *legal*.

¹²⁰ Conceitos tais como santidade, viver vida nova, morrer para o pecado, viver para Deus, etc, estão presentes agora.

O relacionamento entre Rm.5 e 6 é tão forte quanto *justificação* e *santificação* o são. O Deus que declara justo o pecador, é o mesmo que ao mesmo tempo e em estreita conexão com ele, derrama o Espírito santificador em seu coração, produzindo santidade¹²¹.

Para aqueles que viviam nas garras do Judaísmo (assim como de qualquer sistema que enfatize somente as obras humanas para salvação), e até mesmo para muitos daqueles ex-pagãos que agora haviam sido convertidos ao Evangelho, mas que ainda traziam muitos resquícios de seu passado, a mensagem de Paulo, a saber, *a salvação é somente pela Graça de Deus*, estava soando aos seus ouvidos como: “*Se a Graça vem onde o pecado está presente para ali superabundar, então, vamos pecar cada vez mais, pois, no ‘frigor dos ovos’, o nosso comportamento cheio de pecado será uma oportunidade singular para a Graça de Deus se fazer mais operante ainda. E onde a Graça de Deus opera superabundantemente... isso é uma maravilha!*”.

Então Paulo responde prontamente a esta enfática distorção de uma doutrina tão maravilhosa, a saber, a doutrina da Graça Divina.

(6.1,2)

¹ Ti, ou=revrou/menpime,nwmeth/| a`marti,thca h`ca,rij pleona,sh|È
Que pois, diremos? Permanecemos em o pecado, para que a graça abunde?

² mh.ge,noitoi|tinej avpeqa,nomen/| a`marti,a|(ptw/jh,somen evnauvth/|È
Não venha a ser! Os que havemos morrido ao pecado, como ainda viveremos em ele?

Que diremos então? Vamos permanecer no pecado para que a graça aumente? De modo nenhum! Nós, os que morremos para o pecado, como continuaremos vivendo nele?

Em Rm.3.8 Paulo já combatera, em termos breves, a essa distorção da doutrina da Graça. Aqui ele detalhará mais seu argumento contra tal distorção. É bom lembrarmos que entre os que distorciam essa doutrina, estavam aqueles que agiam com sinceridade e em hipótese alguma estavam afrontado Paulo. O raciocínio desses era sincero, porém, errado¹²².

Cada época produz sua cota de enganadores e de pessoas que são enganadas (muitas vezes por si mesmas, por conta de uma interpretação errada das Escrituras), como por exemplo, o monge russo Rasputin. Ele pregava que, “*quanto mais uma pessoa pecar, mais graça ela receberá. Portanto peque à vontade*”, ele dizia¹²³.

A resposta de Paulo tem um tom digamos, desesperado, como o de alguém que vê uma barragem se rompendo e logo mais abaixo um grupo de pessoas pescando tranquilamente sem perceberem o perigo iminente. Paulo diz: “*De modo nenhum!*”, ou seja, em hipótese alguma. Para um cristão viver na prática deliberada do pecado, é não somente inadmissível como também impossível, pois, “*Nós, os que morremos para o pecado, como continuaremos vivendo nele?*”. Ele lembra seus leitores de que algo maravilhoso acontecera em suas vidas, a saber, eles morreram para o pecado, e portanto não poderiam mais continuar numa vida de pecado, pois, um viver indulgente para com o pecado prova justamente que a pessoa ama mais o pecado que a Deus.

(6.3,4)

³ h' avgnoei/teo[ti(o[soi evbapti,sqhmeniv Cristo.n Vlhsou/n(eivj to.n qa,naton auvtou/
Ou não conheceis que quantos fomos batizados em Cristo Jesus, em a morte Dele

evbapti,sqhmenÈ
fomos batizados?

⁴ suneta,fhmen ou=n auvtw/|dia. tou/bapti,smatoj eivj to.n qa,naton(w[sper
Fomos sepultados com portanto, Ele através de o batismo em a morte, para que como

¹²¹ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.256).

¹²² William Hendriksen e F.F. Bruce compartilham dessa idéia.

¹²³ (cf.HENDRIKSEN, 2001, p.257).

hvgē,rqh Cristo.j evk nekrow/rdia. th/j do,xhjou/ patro,j(ou[twōi. h`mei/j
foi levantado Cristo dentre mortos através de a glória do Pai, assim também nós

evnkaino,thti zwh/j peripath,swmenÅ
em novidade de vida pisemos em volta.

Ou ignorais que todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus, na Sua morte fomos batizados? Portanto, fomos sepultados com Ele na morte através do batismo, para que como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos através da glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.

“*Ou ignorais...*” esse estilo nos lembra o estilo do próprio Senhor Jesus, veja Jo.3.10; 19.10; Mt.12.3,5; 19.4; 21.16,42; 22.31 e Lc.6.3.

“*...que todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus, na Sua morte fomos batizados?* Isso implica ser introduzido em relação pessoal com o Senhor¹²⁴. Aqui Paulo realça que “*batizar pessoas em Cristo Jesus implica batizá-las em – ou seja, em conexão com o sacramento do batismo, introduzindo-as em relação pessoal com – a morte de Cristo, de modo que esta morte venha a ser significativa para elas, ensinando-as que por meio dela a culpa de seus pecados já foi removida e que já receberam poder para lutar e vencer a contaminação do pecado*”¹²⁵.

“*Portanto, fomos sepultados com Ele na morte através do batismo*¹²⁶...”, ou seja, “*na Sua morte...*” fomos batizados o que quer dizer “*fomos sepultados com Ele*”. Aqui o sepultamento ilustra o batismo. A pessoa que morre é sepultada, assim como o crente que *morreu* para o mundo é batizado em Cristo, mostrando assim a sua *relação com* Cristo e seu rompimento com o mundo, o que em si é uma morte literalmente.

A heresia antinomiana¹²⁷ está sendo fortemente rebatida aqui, e o argumento de Paulo prossegue mostrando o propósito do batismo que simboliza a morte do crente para o mundo: “*para que como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos através da glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida*”.

Andar em novidade de vida, conforme o verbo que aqui foi empregado no grego peripath,swmen (peripate), quer dizer: “*andar, andar em derredor, conduzir-se, portar-se, modo de vida*”¹²⁸. Logo, o crente em Cristo Jesus, mostra a sua fé na pessoa de seu Senhor, através do comportamento cotidiano com o qual ele vive sempre em “*novidade de vida*” que no grego é o substantivo kaino,thtē que quer dizer “*novidade, em um estado novo, que é vida. A idéia da palavra é ‘estranheza’, e portanto, uma mudança*”¹²⁹. O crente deve sempre surpreender positivamente com seu comportamento. Quando todos esperam uma reação de fúria diante de uma situação em que todos naturalmente agiriam assim, o crente deve agir com calma e autocontrole; quando se espera uma atitude desonesta, o crente age com honestidade.

Essa “*novidade de vida*” é para aquele que é “*nova criatura*” (2Co.5.17). Além disso, esse comportamento que se espera do crente reflete algo infinitamente maior e belo: a ressurreição

¹²⁴ Expressões similares tais como: “*batizando-os em nome do Pai, e do filho e do Espírito Santo*” (Mt.28.19); “*batizado no nome de Paulo*” (1Co.1.13); “*batizado em Moisés*” (1Co.10.2).

¹²⁵ (HENDRIKSEN, 2001, p.259).

¹²⁶ Há quem creia que essa expressão comprova que o batismo deve ser por imersão. Sem entrarmos nos detalhes e em discussões acaloradas sobre a *forma correta* de se batizar alguém (imersão *versus* aspersão) devemos lembrar que este texto apenas toma *analogicamente* as figuras do batismo e sepultamento. Portanto, o tópico principal aqui em Rm.6.3,4, *não é* o modo próprio do batismo, mas os efeitos da união com Cristo (da qual o batismo é o sinal visível) e a responsabilidade oriunda dela.

¹²⁷ O Antinomianismo (ou Antinomismo) é o padrão de vida pelo qual a pessoa se posta contra todo tipo de Lei, no caso aqui, a Lei de Deus, Os Dez Mandamentos. O antinomianismo em si, é contraditório, não importando qual sistema de Lei ele rejeite, pois, ao adotar para si um comportamento no qual qualquer tipo de lei é recusado, o antinomiano está estabelecendo para si uma lei: a de não seguir lei nenhuma.

¹²⁸ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.265).

¹²⁹ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.265).

de Cristo “através da glória do Pai”. Assim como Deus ressuscitou a Cristo fisicamente dentre os mortos, também nos ressuscitou espiritualmente dentre os mortos espirituais.

(6.5)

⁵ eiv ga.r su,mfutoi gego,namew/| o`moiw,toi qana,tou auvtoav/|a. kai.
Se porém plantados juntos viemos a ser na semelhança da morte Dele, mas, ainda mais também
th/j avnasta,sewj ev\so,meqa
da ressurreição seremos,

Pois se já nos tornamos unidos (a Cristo) à semelhança da Sua morte, certamente também seremos (unidos à semelhança da Sua) ressurreição.

Antes de tudo devemos entender que aqui Paulo não está se referindo à ressurreição futura dos crentes. O v.5 reitera o pensamento do contexto o qual trata da união do crente com Cristo em (1) sua morte e (2) sua ressurreição, consideradas respectivamente como a fonte de sua morte para o pecado e, sua ressurreição para novidade de vida.

O pensamento do v.5 é¹³⁰:

“Pois se já nos tornamos unidos com Cristo numa morte como a sua, de modo que sua morte ocasionou nossa morte de um viver constantemente em pecado, *certamente* também estaremos unidos com ele numa ressurreição como a sua, ou seja, então seguramente sua ressurreição (física, entendida em seu mais abrangente sentido, como explicado acima) ocasionará nossa ressurreição espiritual, ou seja, nosso andar em novidade de vida”.

(6.6,7)

⁶ tou/to ginw,skontej o[ti o` palaio,j h`mw/n sunestaj,w,qh(i[na katarghqh/|
isto conhecendo que o velho de nós homem foi crucificado junto, para que seja tornado ocioso

to. sw/ma ta/marti,aj(tonke,ti douleu,ein h`ma/j ta/martia|
o corpo do pecado, do não mais servir como escravo nós ao pecado

⁷ o` ga.r avpoqanw,de dikai,wtai avpo. th/j a`marti,aj
o pois que morreu foi justificado de o pecado.

sabendo isto: que o nosso velho homem foi crucificado com Ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e nós não mais sirvamos como escravos o pecado, pois aquele que morreu (com Cristo) foi justificado do pecado.

Apelando para o conhecimento do assunto que tinham seus leitores, Paulo diz: “*sabendo isto: que o nosso velho homem foi crucificado com Ele...*”. No texto grego não aparece explicitamente as palavras “*com Ele*” neste verso, referindo-se a Cristo, mas, o contexto nos permite a inserção dessas palavras tendo em vista que o assunto aqui é a nossa união com Cristo. O mesmo acontece no v.7. Esse “*velho homem*” é a pessoa como éramos outrora, nossa natureza humana considerada à parte da graça. Ao declarar isso Paulo volta à questão em que assim como em Adão todos os seres humanos estavam representados e com ele todos caíram no pecado e na morte, assim também, em Cristo, todos os crentes estão presentes desfrutando assim do resultado da Obra de Cristo. Portanto, num sentido, quando Cristo morreu na cruz, seus verdadeiros seguidores morreram todos ali com Ele (veja Gl.2.20). O transcorrer do tempo nada tem que ver com isso. Visto que a Escritura nos considera como já presentes em Adão, ela pode também nos ver como já estando presentes em Cristo¹³¹.

¹³⁰ (HENDRIKSEN, 2001, p.261).

¹³¹ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.262).

O propósito de nossa união com Cristo é duplo: (1) “...para que o corpo do pecado seja destruído...”, (2) “...e nós não mais sirvamos como escravos o pecado...”. O verbo *katargeō* (katarghō) que aqui foi traduzido por “seja destruído”, quer dizer: “tornar inoperante, ineficaz, anular”¹³². Por meio da crucificação de Cristo (Sua morte) e da nossa crucificação com Ele (nossa morte para o pecado), o “corpo do pecado”, ou seja, “o nosso velho homem”, tornou-se inoperante, anulado, ineficaz, destruído.

Estaria Paulo dizendo que o crente nesta vida pode atingir um estado tal em sua santidade, através do qual ele não cometa mais nenhum pecado? Nem Paulo, nem qualquer outra parte das Escrituras ensinam tamanha mentira! Enquanto estivermos neste mundo sofreremos com o pecado. Contudo, há uma vasta diferença entre cometer um determinado pecado e viver deliberadamente no pecado, deleitando-se em sua podridão. Pelo poder do Espírito Santo o crente desfruta de um poder maravilhoso com o qual pode vencer o pecado, e sentir cada vez menos vontade de praticá-lo.

A tudo isso, Paulo então acrescenta: “...pois aquele que morreu (com Cristo) foi justificado do pecado”. À luz do contexto, o significado certamente pareceria ser: “A pessoa que, pela soberana graça de Deus, já foi regenera e convertida, de modo a não mais deleitar-se no pecado, ao contrário agora luta contra ele, pode assegurar-se do fato de que Deus, com base na expiação de Cristo, já perdoou seus pecados, com o resultado que agora ela está realmente livre, justificada à vista de Deus”. Neste ponto é comum ouvirmos que Paulo lançou mão de uma regra rabínica a qual afirma que a morte quita todas as dívidas do pecador¹³³. Tal afirmação está longe de ser verdadeira e condizente com a teologia de Paulo.

“Aquele que morreu (com Cristo) foi justificado do pecado”. Novamente Paulo retorna ao assunto principal da carta: a Justificação. Aqui ele coloca a justificação estreitamente ligada à nossa união com Cristo.

(6.8,9)

⁸ eiv de. avpeqa,nomena n Cristw/|(pisteu,omen kōti suzh,somerauvtw/|(
Se porém havemos morrido com Cristo, cremos que também viveremos com Ele,

⁹ eivdo,tej o[ti Cristo.jevgerqei.j evk nekrwōn,avke,tiavpoqnh,|skei(qa,natoj auvtou/
sabendo que Cristo tendo sido levantado de mortos não mais morre, morte Dele

ouvke,tikurieu,eia

¹³² (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.265),

¹³³ Entretanto, diversos comentaristas, em sua tentativa de explicar essa passagem, apontam imediatamente para a regra rabínica familiar (e muito geral), segundo a qual “a morte quita todas as dívidas”. Faz-se freqüente apelo ao fato de que Paulo fora educado sob o famoso mestre judaico, Gamaliel (At 22.3) e estava, pois, bem familiarizado com a doutrina rabínica. Ora, não é preciso negar que de uma maneira formal o apóstolo deveras pudesse aqui e ali revelar os resultados dessa antiga educação. Segundo a Escritura, nem todo o ensinamento dos rabinos era absolutamente ruim. Estude as seguintes passagens: Mt.23.1-3, Mc.12.28-34 e At.5.34-39; 23.8,9. Isso significa, pois, que quando Paulo apresenta seus pontos de vista com respeito a temas tais como falar em línguas, qualificações para ministério eclesiástico, a posição da mulher na igreja etc., somos imediatamente justificados em repudiar aquilo com o que costumamos não concordar, baseando nossa atitude negativa na suposição de que os conceitos de Paulo sobre tais matérias revelavam influência rabínica? Mas dificilmente tal raciocínio seria honesto. Um exame completo das epístolas de Paulo revela que sempre, em temas tão importantes, ele chegava, mediante o estudo da Escritura e a iluminação do Espírito Santo, a uma posição que diferia substancialmente daquela dos rabinos (Rm.2.9, 14, 15, 17- 29; 3.9, 20, 21s.; capítulos 4, 5; 7.6; 9.8, 11; 10.3; 11.7; 14.17; 15.9-12; 1Co.1.22-24; 3.16; 7.19-21; 3.1s,24; 5.2-4; 6.12-16; Ef.2.8-10,11-22, Fp.3.2s., Cl.1.24s; 2.11, 12, 16s.; 1Tm.1.3,4; 4.1 s.; 6.13-16, 2Tm.2.8, Tt.3.4s.; 1Ts.2.14-16). Além disso, não se pode razoavelmente referendar um apreço vulgar das afirmações de Paulo e ainda aderir ao conceito de que Paulo escreveu por inspiração. No presente caso, o apelo à citada regra rabínica ajuda pouco, se é que ajuda, na interpretação. O apóstolo se refere, naturalmente, à “morte para o pecado”, a determinação (seguida de ação), pela graça e poder de Deus, de não mais viver em pecado. Quando uma pessoa não mais se sente à vontade ao pecar, ela pode estar certa do fato de que já foi isenta da culpa do pecado e que ainda o poder controlador que o pecado exercia sobre ela já foi eliminado.

não mais se assenhoria.

Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também viveremos com Ele, sabendo que havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos não morre mais. A morte não mais O domina.

Como resultado da morte de Cristo por nós, já morremos para o pecado. Além disso, “...cremos que também viveremos com Ele...”, e isso não somente lá no porvir, mas, aqui e agora.

Ele venceu a morte de uma vez por todas, e “*havendo ... ressuscitado dentro os mortos não morre mais...*”, isto possibilitou a nós a união com Ele. Além disso, há nessas palavras uma proclamação maravilhosa da Divindade de Cristo, o único e verdadeiro Deus. Segundo a mitologia pagã, algumas divindades estão constantemente morrendo e ressurgindo da morte. Não foi assim com Jesus, pois depois de ter sido ressuscitado pela glória do Pai (6.4), a morte perdeu seu domínio¹³⁴ sobre Cristo.

(6.10,11)

¹⁰ o] ga.r avpe,qanen(a`m|parti,a| avpe,qanefa,paax o] de. zh/|(zh/| tw/|qew/|Á
(O) que pois morreu, para o pecado morreu uma vez sobre; (O) que porém que vive, vive para o Deus.

¹¹ ou[twj kai. u`mei/jogi,zesqe e`autou.j`lei=nai`nekrou.j me.n th/| a`marti,a|
Assim também vós considerai-vos a vós mesmos estardes mortos por um lado para o pecado

zw/ntaj de. tw/| qew/|vn Cristw/| Vhsou/Á
viventes por outro lado para o Deus em Cristo Jesus.

Pois a morte que Ele morreu, morreu uma vez por todas para o pecado; porém, a vida que Ele vive, vive-a para Deus. Assim também, considerai-vos a vós mesmos por um lado, como estando mortos para o pecado, mas, por outro lado, vivos para Deus em Cristo Jesus.

Jesus venceu a morte com Sua morte e ressurreição. Se Ele tivesse sido detido pela morte não havendo ressuscitado, não haveria qualquer esperança para os crentes. Dessa forma, como já estudamos anteriormente (1.4,10; 4.25), a doutrina da ressurreição de Cristo é crucial para a Fé Cristã.

“...morreu uma vez por todas...” é uma frase muito significativa. Isso significa que o sangue e o corpo de Cristo não podem mais ser oferecidos; Sua morte foi de uma vez por todas (Hb.7.27; 9.12; 10.10). Também que qualquer outro oferecimento (sacrifício) é desnecessário e até mesmo aviltante para Cristo. É um insulto propor um outro sacrifício¹³⁵.

“...para o pecado...”. A vida de Cristo na terra antes de sua morte foi condicionada pelo pecado, não Dele é claro, mas do Seu povo.

Ele morreu por causa dos nossos pecados, “...porém, a vida que Ele vive, vive-a para Deus”, não que somente depois de Sua ressurreição Ele passou a viver para Deus, pois como está claro nas Escrituras, toda a Sua vida aqui glorificou a Deus (Jo.17.4). O sentido dessas palavras é que agora Cristo vive para Deus *desembaraçadamente*, ou seja, sem ter de carregar o fardo dos pecados de Seu povo¹³⁶, pois isto Ele já fez de uma vez por todas¹³⁷.

¹³⁴ O verbo aqui é kurieu,e(kurieu, que com o genitivo significa “*ser senhor, dominar; a idéia do relacionamento entre o senhor e o escravo está presente*” (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.266).

¹³⁵ É muito comum em nossos dias ouvirmos pregadores e igrejas asseverando que as pessoas tem de “oferecer sacrifícios” a Deus, os quais podem ser bens, dedicação de tempo à obra do Senhor (esta geralmente é confundida com a obra de uma igreja!), etc. Mas, o que não podemos aceitar de forma alguma é a idéia de que podemos e temos que oferecer sacrifícios para Deus. Ou confiamos *tão somente* no sacrifício de Cristo para alcançarmos as bênçãos de Deus, ou então deixemos de lado. Qualquer ato de dedicação, doação e empenho do crente para com Deus não deve jamais ser encarado como sacrifício (especialmente se for para barganhar com Deus), mas, sim, como um ato de devoção, gratidão e amor por Ele.

¹³⁶ O que não significa que Ele não mais se importa conosco, pois as Escrituras são claras e afirmam que hoje (ou seja, depois da Sua ressurreição) Ele está junto ao Pai intercedendo por nós (Hb.7.25).

¹³⁷ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.265).

(6.12,13)

¹² Mh. ou=n basileue,tw h` a`marti,a evn tw/| qnhtw/| u`mw/n sw,mati eivj to. u`pakou,ein
Não portanto reine o pecado em ao mortal de vós corpo para o obedecer aos

evpiqumi,aij auvtou/(
desejos dele.

¹³ mhde. parista,nete tae,lh u`mw/n o[pla avdiki,aj th/| a`martia/|ka. parasth,sate
nem apresenteis os membros de vós instrumentos de injustiça ao pecado, pelo contrário apresentai

e`autou.jtw/|qew/|w`sei. evk nekrw/n zw/ntaj kaimta,lh u`mw/ro[pla dikaios,nhj
a vós próprios ao Deus como se dentre mortos viventes e os membros de vós instrumentos de justiça

tw/|qew/|Å
ao Deus.

Portanto, não reine em vosso corpo mortal o pecado, para que obedeçais aos desejos dele, nem apresenteis ao pecado os vossos membros como instrumentos da injustiça, pelo contrário, apresentai a vós mesmos a Deus como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus como instrumentos da justiça.

“Portanto, não reine em vosso corpo mortal o pecado, para que obedeçais aos desejos dele...”, ou seja, quando o crente se descuida de sua vida de santidade, facilmente se entregará ao pecado. O substantivo “desejos” refere-se ao pecado, ou seja, os desejos do pecado. É como se Paulo estivesse dizendo que o pecado tem vida própria, fosse uma entidade. Obviamente, o pecado é em essência *uma ação* cometida pelo homem a qual contraria a vontade de Deus. Mas, ele é *uma força* que quando o crente se descuida, pode se assenhorear do seu coração. Nos v.15-23 veremos com mais detalhes esse assunto, e ainda com mais ênfase no capítulo 7.

Para que o pecado não se assenhoreie do coração do crente, este deve apresentar-se a Deus. É o que Paulo passa a dizer, ou seja, que os crentes não devem continuar a pôr à disposição do pecado seus membros físicos como armas da impiedade; antes, devem parar de fazer isso, caso estejam entregando-se à uma vida de pecado. Os crentes devem oferecer a Deus seus corpos (todos os membros de seus corpos mortais).

O verbo pari,sthm(parista,nete parasth,sate) significa “colocar de lado, colocar à disposição de alguém, apresentar. A palavra podia ser usada em sentido militar”¹³⁸.

Outro que merece consideração é o[pla(o[plon) que significa “ferramenta, arma. O pecado é considerado um soberano, que exige serviço militar de seus súditos, concede-lhes sua quota de armas e lhes dá o seu soldo: a morte”¹³⁹.

Mas uma vez que os crentes colocarem á disposição de Deus seus membros como instrumentos, ferramentas e armas da justiça, algo maravilhoso lhes acontecerá:

(6.14)

¹⁴ a`marti,a gau`mw/n ou`rieu,sai ouvga,r evste u`po. no,mon avllau`po. ca,rinÅ
pecado pois de vós não se assenhoreará, não pois estais debaixo de Lei mas debaixo de graça.

Porque o pecado não mais exercerá senhorio sobre vós, pois não estais debaixo da Lei, mas, sim, debaixo da graça.

No começo desse capítulo Paulo rebateu à idéia distorcida daqueles que diziam que “quanto mais pecarmos mais da graça de Deus teremos”. Aqui agora ele fecha o seu argumento

¹³⁸ (RIENECKER-ROGERS, 1988. p.266).

¹³⁹ (RIENECKER-ROGERS, 1988. p.266).

(pelo menos em parte) mostrando que aquele que se entrega (todos os membros de seu corpo, todo o seu ser) a Deus, não mais será dominado pelo pecado. É lógico que essa libertação não se processa por conta do homem, mas, sim por causa da graça de Deus que o libertou do senhorio do pecado e o transportou para as “trincheiras do amor de Deus”. Contudo, se o soldado de Deus se descuidar e começar a rondar os limites do acampamento do inimigo (o pecado) será atacado pelo pecado, o qual não poupará esforços para escravizá-lo novamente. Em contrapartida, se o crente se entregar cada vez mais a Deus, o pecado perderá cada vez mais seu domínio sobre o crente.

Comentando esse verso William Hendriksen disse¹⁴⁰:

“A lei é apta para fazer muitas coisas: ela ordena, exige, repreende, condena, restringe e até se desvia de si e aponta para Outro. Há, contudo, uma coisa que a lei não pode fazer. *Ela não pode salvar. ‘Por obras da lei nenhuma carne será justificada’* (Gl 2.16). Isso significa, pois, que as exortações dirigidas aos crentes nos versículos 12 e 13 são destituídas de valor? Significa que todo mundo tem de perecer em seus pecados? A resposta se encontra em Romanos 8.3, e é uma resposta assaz encorajadora, em completa concordância com a passagem que ora estamos considerando. Note como o desespero é substituído pela esperança; as trevas, pela luz: ‘Porque o que a lei era impotente para fazer... Deus fez enviando seu próprio Filho a fim de que os justos requerimentos da lei se cumprissem em nós’. Esse envio do Filho é a própria essência da graça de Deus. E essa graça não só perdoa, mas também purifica. *A graça destrona o pecado. Ela destrói o senhorio do pecado e capacita o crente a oferecer-se a si mesmo e a tudo o que lhe pertence, em amável serviço a Deus!* O filho de Deus está apto a fazer isso pelo fato de *não mais estar debaixo da lei, mas debaixo da graça*, visto que em seu amor e misericórdia infinitamente condescendentes Cristo já o redimiu da maldição da lei, havendo se tornado uma maldição por ele [o filho de Deus] (Gl.3.10-14). Realmente, *‘agora já não há condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus’* (8.1). É possível que o contexto (note *‘o pecado não mais exercerá senhorio sobre vocês’*) implique uma conexão ainda mais estreita com o pensamento de Rm.7.1-6”.

(6.15,16)

¹⁵ Ti, ou=nÊ a`marth,swmeno(t)ti ouvkevsmen u`po. no,mon avlla. u`po.
Que portanto? Haveremos de pecar, porque não estamos debaixo de Lei mas, pelo contrário debaixo de

ca,rinÊmh. ge,noitoÃ
graça? Não venha a ser!

¹⁶ ouvk oi;date o[tw] parista,nete e`autou.j dou,loujeivj u`pakoh,ou/loi, evste
Não sabeis que a quem apresentais a vós mesmos escravos para obediência, escravos sois a quem

u`pakou,ete(h;toi a`marti,ap,ia)ton hu`pakoh/jeivj dikaios,uhnÊ
obedeceis, quer pecado para morte ou obediência para Justiça?

E então? Pecaremos porque não estamos debaixo da Lei, mas, sim, da graça? De modo nenhum! Não sabeis que a quem apresentais a vós mesmos como escravos para obediência, desse tal que obedeceis sois escravos, quer do pecado para morte, quer da obediência que conduz à justiça?

O v.15 responde ao v.14 com a mesma ênfase do v.2. A Lei como meio de salvação foi descartada anteriormente. Então alguns equivocados se levantaram e disseram: “*Se não estamos mais debaixo da Lei, mas sim da Graça, e onde abundou o pecado superabunda a Graça, então, pequemos à vontade!*”. Paulo então assevera: “*E então? Pecaremos porque não estamos debaixo da Lei, mas, sim, da graça? De modo nenhum!*”.

O pecado tem um efeito lento, porém progressivo e destruidor na alma do crente. A primeira vez que um pecado é cometido, certamente causará horror ao coração do crente. Mas, na

¹⁴⁰ (HENDRIKSEN, 2001, p.269).

medida em que ele continua pecando sua consciência é cauterizada até que o mesmo pecado que antes era horrendo, agora é comum e não visto mais com sua fealdade que lhe é inerente.

A quem a pessoa se apresenta para servir, desse tal será escrava. Se a pessoa se apresenta (oferece) para o pecado para obedecer aos seus “*desejos*” (v.12), o que receberá é a morte como pagamento. Se, porém a pessoa se apresentar (oferecer) à obediência (a Deus), com certeza o que ela colherá é a justiça. Cada um tem um só senhor: o pecado *ou* Deus.

(6.17,18)

¹⁷ ca,rij de. tw/peu,q[ti h=te dou/loith/j a`marti,aj u`phkou,atevkkardi,aj
Graça porém, ao Deus porque éreis escravos do pecado obedecestes porém de coração

eivj o]nparedo,qhtetu,pon didach/j(
a que fostes entregues tipo de ensino,

¹⁸ evleuqerwqe,ntete. avpo. th/j a`marti,ajdoulw,qhteth/| dikaios,nh|Å
tendo sido libertados porém de o pecado fostes feitos escravos da justiça.

Graças, porém, a Deus porque fostes escravos do pecado, e passastes a obedecer de coração à forma de ensino a que fostes entregues, porque tendo sido libertados do pecado fostes feitos escravos da justiça.

“*Graças, porém, a Deus porque fostes escravos do pecado...*”, é importante notarmos que Paulo rende louvores a Deus pela conversão daqueles amados, pois sabe que a conversão do pecador em um servo de Deus é obra de Graça de Deus. Porém, não deixa de reconhecer o empenho desses irmãos e diz: “...*e, passastes a obedecer de coração à forma de ensino a que fostes entregues*”. Eles passaram a obedecer ao ensino que receberam, não mecânica e friamente, mas “...*de coração*”. Zelo, amor e fervor na obediência a Deus, são elementos fundamentais para uma vida verdadeiramente feliz, pois aqueles que dessa forma obedecem a Deus estão imitando ao próprio Senhor Jesus. Outro motivo pelo qual Paulo louvava a Deus por aqueles irmãos é a fidelidade que eles mantinham ao “...*ensino a que fostes entregues...*”, ou seja, assim como eles foram *passados* de um senhor (o pecado) para outro (o Senhor Deus), então eles foram entregues ao ensino que *é do Senhor Deus*.

Deus libertou aqueles irmãos (assim como todo crente) das garras do pecado, e estes “...*tendo sido libertados do pecado...*” foram “...*feitos escravos da justiça*”. É importante lembrar que quando alguém é liberto por Deus das garras do pecado, essa pessoa não fica à deriva vivendo indolentemente, mas, sim, passa a servir a Deus, pois vê nessa libertação uma oportunidade singular de servir a Deus¹⁴¹. Em seu corpo (todo o seu ser) o pecado já não mais exerce domínio, pois, agora o crente está sob o domínio e senhorio de Deus, “*os que se engajaram no serviço da justiça desfrutaram da verdadeira liberdade, ou seja, isenção do pecado; não, porém no sentido em que nunca comentem pecado algum, mas no sentido em que o pecado não mais é seu senhor*”¹⁴².

(6.19)

¹⁹ VAnqrw,pinonle,gw dia. th.n avsqe,neian th/j sarko.j u`misp,erÅ ga.r paresth,sate
Em molde humano digo em razão de a fraqueza da carne de vós. Assim como pois apresentastes

ta. me,lh u`mw/dou/la th/| avkaqarsi,a| kaiavtho,mi,ai]v th.navnomi,an(ou]tw]n
os membros de vós escravizados à impureza e à ilegalidade para a ilegalidade, assim agora

¹⁴¹ O substantivo dou/lo(dou/lo) tem o sentido principal de “*escravo*”. Contudo, o crente seja um escravo de Deus, em momento algum vê essa “*escravidão*” como penosa e dolorosa. Antes, como o exemplo daqueles crentes de Roma (v.17), servem a Deus com alegria e amor. O substantivo dou/lo transmite mais a idéia de *pertencimento* do que de *sofrimento*.

¹⁴² (HENDRIKSEN, 2001, p.273).

parasth,sate tame,lh u`mw/dou/la th/| dikaios,nh| aigiasmo,nÅ
apresentai os membros de vós escravizados à justiça para santificação.

Falo em termos humanos, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como apresentastes os vossos membros em escravidão à impureza e à ilegalidade para a ilegalidade, assim agora, apresentai os vossos membros em escravidão à justiça para santificação.

“Falo em termos humanos...”, isto é, ele usou uma ilustração, a dos “dois senhores e um escravo” para que eles pudessem compreender o que ele estava lhes ensinando.

Então, ele faz um pedido: “Assim como apresentastes os vossos membros em escravidão à impureza e à ilegalidade para a ilegalidade, assim agora, apresentai os vossos membros em escravidão à justiça para santificação”.

No passado eles haviam se entregado (apresentado) inteiramente (os seus membros) à serviço (um escravidão) da *impureza* (avkaqars), e da *ilegalidade* (avnomi) para a promoção da *ilegalidade*, ou seja, tudo aquilo que contraria a lei (subentendida aqui a Lei de Deus), daí algumas versões traduzirem o substantivo por *iniquidade*, *maldade*, etc. No presente, eles são desafiados a fazerem também uma entrega de si mesmos, mas, agora à serviço (escravidão) da justiça para a promoção da santificação, a qual é o oposto exato da vida que eles levavam quando eram escravos do pecado.

Quando Paulo faz esse pedido (ou melhor dizendo, quando a Bíblia assim nos ordena) é importante observar que a santificação é algo que acontece nos *ossos membros*, ou seja, também no nosso corpo. Santidade que se vive apenas *na alma*, mas não é refletida externamente, ou seja, no corpo, merece ser repensada. Cristo não veio para salvar apenas almas; Ele veio para salvar as pessoas no seu todo, ou seja, corpo e alma. Do contrário, que sentido teria a ressurreição final?

(6.20-23)

²⁰ o[te ga.r dou/loi h=teth/j a`marti,ajleu,qerdh=teth/| dikaios,nh|Å
Quando pois escravos éreis do pecado, livres éreis da justiça.

²¹ ti,na ou=nkarpo.n ei;cete to,teV oij nu/n evpaiscu,nesqe(to. ga.r te,loj evkei,nwn
Que portanto fruto tínheis então? sobre as quais agora vos envergonhais, o pois fim daquelas

qa,natojÅ
morte.

²² nuni. de. evleuqerwqe,nteypo. th/j a`marti,ajoulwqe,ntej de. tw/| qeowqete to.n
Agora porém tendo sido libertados de o pecado tendo sido feitos escravos porém ao Deus tendes o

karpo.n u`mw/ivj a`giasmo,n(to. te,loj zwh.n aivw,nionÅ
fruto de vós para santificação, o porém fim vida eterna.

²³ ta. ga.rovyw,niãh/j a`marti,aj qa,natojÅ deo. ca,risma tou/ qeou/ zwh. aivw,nioj
As pois provisões do pecado morte, o porém dom gracioso de Deus vida eterna

evn Cristw/| Vlhsou/ tw/| kuri,w| h`mw/nÅ
em Cristo Jesus o Senhor de nós.

Pois quando éreis escravos do pecado, estáveis livres da justiça. Portanto, que fruto tínheis então? Coisas das quais agora vos envergonhais, porque o fim delas é morte. Agora, porém, tendo sido libertados do pecado e tendo sido feitos escravos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação, e por fim, a vida eterna. Porque as provisões do pecado é a morte, porém, o dom gracioso de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus o nosso Senhor.

Quando disse: “Pois quando éreis escravos do pecado, estáveis livres da justiça”, Paulo estava mostrando àqueles irmãos que enquanto viviam escravizados no pecado eles não tinham qualquer relacionamento com a justiça – eram injustos – estavam totalmente alheios à justiça.

Devotar-se a ambos, pecado e justiça é simplesmente impossível. Encontramos um “eco” das palavras do Senhor Jesus em Mt.6.24.

“Portanto, que fruto tinheis então? Coisas das quais agora vos envergonhais, porque o fim delas é morte”. Qual o resultado (o fruto, o benefício) da servidão ao pecado? É a pergunta que Paulo fez àqueles irmãos. A resposta é: a morte.

À luz do Evangelho de Cristo e do culto prestado ao único e verdadeiro Deus, eles sentiam vergonha das coisas que fizeram no passado. Mas “Agora porém, tendo sido libertados do pecado e tendo sido feitos escravos de Deus” eles colhiam um fruto maravilhoso o que é “para a santificação, e por fim, a vida eterna”, ou seja, nesta vida Deus está com eles numa estreita relação (santificação) e no futuro, eles (todos os crentes) estarão desfrutando de outro aspecto dessa relação, a saber a vida eterna, o céu de glória. Num gráfico colocamos assim o v.22:

Anteriormente	Agora
escavidão	liberdade
escravos do pecado	escravos de Deus
vício	santidade
vergonha	paz no coração
morte	vida, sim, vida eterna

O v.23 é um dos mais conhecidos do povo de Deus: “Porque as provisões do pecado é a morte, porém, o dom gracioso de Deus e a vida eterna em Cristo Jesus o nosso Senhor”. A conclusão desse capítulo é sobremodo triunfal. Ele apresenta o seguinte contraste:

Salário	versus	dom gracioso
Morte	versus	vida eterna

O substantivo $\text{o}\nu\gamma\omega, \text{n}\iota\alpha$ quer dizer “provisão, pagamento de um soldado, paga, sustento compensação”. O pecado faz do homem um escravo, de quem ele suga todas as energias, e, no final, como pagamento lhe dá a morte (física, espiritual e eterna)¹⁴⁴.

Em contrapartida, o “dom gracioso de Deus”, o qual não custou absolutamente nada para o pecador, contudo, custou um altíssimo preço para Deus – o sangue de Seu Filho – dá ao pecador que foi justificado pelo sacrifício de Cristo, “a vida eterna”. Glória a Deus!

Este verso também ressalta a verdade de que há uma escolha entre duas opções: morte e vida. Ainda que, por certo, a Escritura reconheça graus de punição e de glória, não há território neutro entre morte e vida. Além do mais, para seres racionais não há oportunidade para deixar de fazer uma escolha. E o contraste entre os dois destinos é incomensurável. Portanto, essa passagem é importantíssima. É preciso fazer a escolha certa. Além do mais, ela deve, pela graça de Deus, ser renovada a cada dia¹⁴⁵.

1.4.2. Santificação e a Lei (7.1-25)

¹⁴³ Se o substantivo $\text{o}\nu\gamma\omega, \text{n}\iota\alpha$ num termo militar aqui neste verso, é uma questão muito discutida. É preciso admitir-se francamente que às vezes a palavra é usada num contexto não militar. Não surpreende, pois, que em vista do contexto senhor-escravo (v.16ss), tem-se argumentado que aqui no v.23 o apóstolo visualiza o pecado como um escravo-senhor, não como um general que provê rações para seus soldados. Esse argumento, porém, pode não ser tão forte quanto soa. Considere também estes outros fatos: (1) Como geralmente se admite, a palavra usada no original indica ração, pagamento; especialmente o soldo do soldado. Esse é o sentido mais usual da palavra. (2) Ainda no NT, em duas ou três de suas ocorrências (Lc.2.14; 1Co.9.7), o sentido militar é claro. E mesmo na passagem restante onde esta palavra é usada (2Co.11.8), Paulo, que por todas as suas epístolas amiúde emprega figuras extraídas da vida do soldado, pode muito bem estar usando essa metáfora aqui (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.276).

¹⁴⁴ A morte física é aquela que marca a cessação da vida biológica. A morte espiritual é a separação do homem e Deus. A morte eterna é o inferno, a condenação decorrente do pecado.

¹⁴⁵ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p. 279).

Estamos diante de um dos textos mais difíceis de toda Escritura, e para não cometermos erros de interpretação é preciso que tenhamos claro em nossa mente o assunto principal de toda carta, a saber a justificação pela fé em Cristo Jesus.

É evidente que aqui Paulo continua sua discussão sobre os frutos da justificação. Ele já fez suas considerações sobre a *paz* (Rm.5) e a *santificação* (Rm.6). Agora ele trabalhará a *liberdade*, ou seja, a escravidão da lei, a gloriosa *liberdade* desfrutada pelos filhos de Deus, o que será abordado também em 8.21¹⁴⁶.

Anteriormente, Paulo já mencionara a *isenção do pecado* na vida do crente (veja o comentário de 6.18), a qual não significa que o crente não peca mais nesta vida, mas, sim, que o pecado não é mais seu senhor e, portanto, não domina mais sobre ele.

Como foi visto, todo o capítulo 6 foi dedicado a responder à pergunta de 6.1, e uma vez respondida a pergunta, Paulo agora propõe-se a responder uma questão que ainda paira: “*Em que sentido não mais estamos debaixo da Lei, e, sim, da Graça?*”. O capítulo 7 traz a resposta.

(7.1)

¹ "H avgnoei/ta(vdelfoi,(ginw,skousinga.r no,mon lalw/(o[ti o` no,rhojieu,ei
Ou não conheceis, irmãos, a conhecedores de pois Lei falo, que a Lei exerce senhorio sobre
tou/ avnqrw,pov o[soncro,nonzh/|È
o homem sobre quanto tempo vive?

Porventura, ignorais, irmãos – pois falo aos que conhecem a Lei – que, a Lei exerce domínio sobre o homem somente enquanto ela vive?

Um crente não é isento da Lei de Deus. Uma análise de toda a Escritura mostrará isso. Veja por exemplo o Sl.119, o qual é um acróstico de todo o alfabeto hebraico sendo que cada letra do mesmo é um poema sobre a Lei de Deus.

Mas o termo “lei” pode também ser usado como indicativo de um código ao qual se deve aderir a fim de se obter a salvação, “um estatuto de autoridade controladora e que demanda obediência absoluta”¹⁴⁷. É nesse sentido que Paulo usa o termo aqui.

Não devemos nos esquecer que os judeus fizeram um acréscimo exorbitante à Lei de Deus tornando-a impraticável, incluindo eles mesmos. Era a essa lei cheia de esquisitices acrescidas que Jesus se refere em Mt.15.6. A Lei que foi dada por Deus para que por meio dela o homem se conduzisse na presença de Deus, se tornara um julgo insuportável. Cristo então, propôs o Seu jugo (Mt.11.28-30).

Conseqüentemente, Paulo está dizendo aos crentes romanos que eles foram libertos não só da lei cheia de acréscimos humanos, como também da lei como foi dada a Moisés por Deus.

Ao tratá-los de “irmãos” (avdelfoi) Paulo o faz afetivamente. Um estudo desse vocábulo nesta carta nos revela que todas as vezes que ele aparece em Romanos, é sempre num tom afetivo.

Quando diz “*pois falo aos que conhecem a Lei*” não temos dúvidas de que esteja se tratando do sistema de lei Mosaico. Assim como em qualquer outro sistema de lei, as obrigações da pessoa para com os ditames dessa lei se encerram com a morte.

O que Paulo está insinuando é isto: quando uma pessoa morre – no presente caso, morre *para a lei* –, ela está isenta de sua autoridade, livre de seu domínio. Ele reforça seu argumento dizendo:

(7.2,3)

² h` ga.ru[pandrojgunh.tw/zw/nti avndri. de,detaino,mwpeva.n deavpoqa,nh| o` avnh,r(
A pois, sob homem mulher ao que vive homem foi ligada por lei; se porém morreu o esposo

¹⁴⁶ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.282).

¹⁴⁷ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.283).

kath,rgh taiavpo. tou/ no,mou tou/ avndro,j^Å
foi anulada de a lei do homem.

³ a;ra ou=n zw/ntoj tou/ avndro.j moicrhmati,seieva.n ge,nh taiandri. e` te,rw|
Conseqüentemente portanto vivendo o homem adúltera será designada se vier a ser a homem diferente;

eva.n de.avpoqa,nh^Ånh,r(evleuqe,ra evsti.n avpo. tou/ no,mou(tou/ mh. ei=nai auvth.n moicrh
se porém morreu o esposo, livre está de a lei, do não ser ela adúltera

genome,nhnavndri. e` te,rw|^Å
tendo vindo a ser a homem diferente.

Por exemplo, pela lei a mulher casada está ligada ao esposo enquanto estiver vivo; se, porém, o esposo morreu, a lei que a liga ao marido foi anulada. Conseqüentemente, pois, se vivendo o marido, ela será considerada¹⁴⁸ adúltera se vier a ser de outro homem; se porém o esposo morreu, ela está livre da lei, e não será considerada adúltera se vier a ser de outro homem.

Em outras palavras o que Paulo está dizendo aqui é: *o casamento vincula duas pessoas. Se portanto, ambas estiverem vivas, o vínculo permanece com base na lei. Se, todavia, um dos cônjuges morrer, o outro poderá se casar novamente sem ser considerado alguém que cometeu o pecado do adultério. Porém, estando os dois vivos, aquele que se unir a uma terceira pessoa, será considerado adúltero*". Mas, não nos percamos no alvo dessa *ilustração*. Embora ela ressalte a solenidade do casamento, seu objetivo aqui é ilustrar um outro assunto: a nossa relação com a Lei de Moisés.

Que é quem nessa ilustração? Afirmar que o *esposo* representa a Lei Mosaica e a *esposa* o crente nos levará a um "beco sem saída". "*Pois nesse caso a lei teria de deixar de vigorar antes que o crente pudesse ser livre. Mas em parte alguma Paulo ensina que a lei perde o vigor ou desaparece. O que ocorre é exatamente o oposto: é ela que nos expõe à morte. Portanto, somos nós que morremos, Rm. 7.4; Gl.2.19*"¹⁴⁹.

Uma vez que é a *morte* que dissolve o laço matrimonial, assim é também a *morte* que dissolve o vínculo legal, isto é, a escravidão à lei. O laço matrimonial é desfeito quando um dos cônjuges morre, neste caso o marido. O vínculo legal é desfeito pelo envolvimento do crente na morte de Cristo, em outros termos, pela morte do crente.

A lei vigorou enquanto o pecado estava reinando. Uma vez que o pecado foi destronado, a lei perdeu sua força sobre nós também, força essa que era para a condenação.

(7.4)

⁴ w[ste(avdelfoi, mou(kai. u` mei/j evqanatw,thto,mw| dia. tou/ sw,matoj tou/
De sorte que, irmãos de mim, também vós fostes mortos para a Lei através de o corpo de

Cristou/éivj to.gene,sqai`ma/j`te,rw|w|evk nekrw/n evgerqe,nti(i[na
Cristo, para o virdes a ser vós para outro, o dentre mortos que foi levantado, para que

karpoforh,swmen tw/| qew/|^Å
produzamos fruto ao Deus.

¹⁴⁸ O verbo crhmati,se(crhmati,zw) que aqui aparece no futuro do indicativo ativo da 3ª pessoa do singular, tem o sentido básico de "negociar". Daí, ser nomeado, portar um nome, ou título. E, então, num sentido especial de dar respostas ou comunicações como um oráculo. O futuro é gnômico, usado para declarar o que irá acontecer comumente quando se oferecer a ocasião (RIENECKER-ROGERS, 2001, p.267).

¹⁴⁹ (HENDRIKSEN, 2001, p.286).

Assim, meus irmãos, vós também morrestes para a Lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, Àquele que dentre os mortos foi ressuscitado, para que produzamos fruto para Deus.

Por Sua morte na cruz (é o que significam as palavras “por meio do corpo de Cristo”), Cristo cumpriu a Lei, pois era necessário o derramamento de sangue para que houvesse a remissão dos pecados (Hb.9.22), pois assim determinava a Lei. Com Cristo também os crentes morreram o que os desobrigou da Lei. Houve também uma *transferência* de senhorio, pois agora os crentes pertencem “...a outro...” que é ninguém menos que “Àquele que dentre os mortos foi ressuscitado”, a saber, Jesus. E o objetivo de tudo isso é “para que produzamos fruto para Deus”.

Notemos a mudança da 2ª pessoa do plural para a 3ª pessoa do plural, de vós para nós. Paulo sempre está profundamente envolvido com a mensagem que prega. Ela não é só a mensagem que por ele deveria ser pregada, mas, também vivida.

(7.5,6)

⁵ o[te ga.r h=men evn th/| sarki,(ta. paqh,matan tw/n tdia. tou/ no,mou
Quando pois estávamos em a carne, as paixões dos pecados as através de a Lei

evnhrgei/ twntoi/j me,lesim`mw/n(eivj to. karpoforh/sai tw/| qana,tw|
atuavam em os membros de nós, para o produzir fruto da morte.

⁶ nuni. de. kathrgh,qhmen avpo. tou/ no,mou avpoptom,kaipico,meqa(w[ste
Agora porém fomos anulados de a Lei tendo morrido em que estávamos confinados de sorte a

douleu,ein h`ma`jvn kaino,thti pneu,matoj kai. ouv palaio,thti gram,matojÁ
servirmos como escravos nós em novidade de Espírito e não em velhice de letra.

Quando pois, estávamos na carne, as paixões pecaminosas despertadas pela Lei atuavam nos nossos membros para produzirem fruto para morte. Agora, porém, tendo morrido, fomos libertados da Lei à qual estávamos presos, de modo que (como escravos) nós servimos em novidade do Espírito e não na caducidade da letra.

A frase: “Quando pois, estávamos na carne...” aponta para o tempo em éramos governados por nossa natureza humana pecaminosa. O substantivo sarki,(sar,x) é “carne, o homem que está no controle de sua própria vida, e a dirige de modo contrário à vontade de Deus¹⁵⁰.”

“...as paixões pecaminosas...” certamente incluem pecados como lascívia, ira, ódio, má vontade, ciúme, inveja, medo infundado, etc. Como essas paixões são despertadas, estimuladas pela Lei, isso veremos com detalhes em 7.13.

Essas paixões pecaminosas “atuavam em nossos membros para produzirem fruto para morte”. Que o pecado só produz morte, isso já foi amplamente discutido em 6.23. Contudo, quando Cristo morreu, nós também morremos com Ele para o pecado, e das garras do pecado fomos libertados o mesmo também se deu em relação à Lei pois “...tendo morrido, fomos libertados da Lei à qual estávamos presos...”, ou seja, fomos desobrigados da Lei simplesmente pelo fato de termos juntamente com Cristo, morrido para ela. Em outras palavras, Paulo está mostrando que a nossa vida não mais é governada por nossa natureza pecaminosa. E visto que Cristo, por meio de sua morte vicária, pagou a dívida que devíamos à Lei, agora não mais estamos debaixo do domínio e da maldição da Lei¹⁵¹.

Isso não remove o fato de que o pecado exercerá considerável influência sobre nós, como 7.14-25 mostrará, mas, *basicamente*, já houve uma grande mudança.

O resultado disso é que agora não mais servimos ao pecado mas sim, “que (como escravos) nós servimos em novidade do Espírito e não na caducidade da letra”, ou seja, não mais

¹⁵⁰ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.267).

¹⁵¹ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.289).

servimos de conformidade com o código legal. Não foi justamente esse o erro dos judeus (2.1 – 3.8) que para obterem a salvação confiaram no cumprimento externo da Lei Mosaica sendo extremamente literais, mas, tendo seus corações tão distanciados do Deus da Lei? Afirmando justamente o contrário, Paulo diz que a Lei está em seu coração e ele obedece ao Deus da Lei (e por conseguinte a Lei, mas sem depositar sua confiança em si mesmo no tocante ao cumprimento da Lei). O pensamento de Paulo aqui é que esse Espírito (o Espírito Santo de Deus) é o autor de nossa liberdade e é Ele quem guia os crentes em seu esforço por viverem uma vida de gratidão pela salvação recebida como o produto da soberana graça de Deus.

Dessa forma, Paulo põe o *novo* em confronto com o *velho*; o *Espírito* em confronto com a *letra*; assim ele contrasta a verdadeira liberdade – a bênção outorgada a todos os que se tornaram “*isentos da lei*”, no sentido explicado – com a escravidão daqueles que ainda estão escravizados pela lei. Como sempre, seu ensino está em harmonia com o do Mestre (Mt.9.14-17; Mc.2.18-22 e Lc.5.33-39).

Os próximos versos tratarão da relação do pecador com a Lei de Deus, à luz da própria experiência de Paulo e de outros crentes como ele.

(7.7,8)

⁷ Ti, ou=n evrou/oi me, moja` marti, a`mh.ge, noito avlla. th.na` marti, anouvke:gnwreiv mh
Que pois diremos? A Lei é pecado? Não venha a ser! Mas o pecado não conheci se não

dia. no,mou th,n te ga.r evpiquimi, an ouv k h;|dein eiv mh. o` noum kojevpegemh, seiJA
através de Lei a e pois cobiça não sabia se não a Lei dizia: não cobiçarás.

⁸ avformh.n de. labou/sa h` a` marti, a`ia. th/j evntolh/j kateirga, sato evn evmoi.
Impulsionamento de porém tendo tomado o pecado através de o mandamento operou em mim

pa/san evpiquimi, vmi,j ga.r no,mou a` marti, a nekra, A
toda cobiça sem porque Lei pecado morto.

Que diremos pois? A Lei é pecado? De modo nenhum! Pelo contrário, eu não conheceria o pecado se não fosse através da Lei, pois eu não saberia o que é cobiça se a Lei não me tivesse dito: Não cobiçarás. Porém, o pecado tomando impulso através do mandamento, produziu em mim toda espécie de cobiça; porque sem Lei o pecado está morto.

Depois de algumas declarações que Paulo fizera sobre a Lei, não seria de estranhar que alguns libertinos a tomassem como algo até mesmo pecaminoso. Por isso mesmo, agora, Paulo passa a mostrar que a Lei é santa (v.13), e que ela serve para mostrar o quanto o pecado é horrível e que o crente deve travar uma guerra ferrenha contra ele.

Por natureza, o ser humano só tem uma vaga consciência de sua pecaminosidade. Certamente que ele tem profunda consciência da culpa *de outras pessoas*. Às vezes até mesmo repreende a alguém enquanto, ao mesmo tempo, comete o mesmo pecado que condena¹⁵².

Não temos motivo para crer que neste trecho da carta Paulo esteja usando o pronome “eu” num sentido genérico. Em toda a carta está claro que ele sempre fez questão de apresentar-se como alguém que passa pelos mesmos dilemas e lutas. Portanto, não concordamos com a idéia de que aqui Paulo esteja usando um “*eu retórico*”, ou seja, falando de uma experiência geral de todos os crentes, em nome deles¹⁵³. Em certo sentido sim, encontramos aqui a experiência de todos nós, mas, não podemos deixar de levar em consideração que Paulo aqui está relatando sua própria experiência de vida. “*É portanto natural que também aqui (7.7-13) o apóstolo esteja realmente falando de si mesmo. Ele está lembrando como a lei o ‘matou’, ou seja, como ela lançou por terra a autojustiça desse fariseu*”¹⁵⁴.

¹⁵² (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.291).

¹⁵³ Para uma explicação mais ampla, veja o comentário do v.14 deste capítulo.

¹⁵⁴ (HENDRIKSEN, 2001, p.292)

Antes de tudo, “Lei” (νόμος) em toda essa seção é a Torah. Pelo fato da Lei revelar o pecado “A Lei é pecado?”. Novamente ouvimos Paulo bradando: “De modo nenhum!”. E prossegue: “Pelo contrário, eu não conheceria o pecado se não fosse através da Lei, pois eu não saberia o que é cobiça se a Lei não me tivesse dito: Não cobiçarás”.

A Lei torna o pecado conhecido. Se observarmos o Decálogo, constataremos que há apenas um mandamento expresso de forma positiva, a saber, “Honra a teu pai e a tua mãe”. Os demais se expressam começando com uma negativa: “Não matarás”, “não adulterarás”, etc. sugerindo que fazemos muitas vezes exatamente o que é proibido.

Surge uma pergunta aqui: porque Paulo menciona o décimo mandamento¹⁵⁵? Todos os outros mandamentos são de certa forma *externos*, enquanto que o décimo mandamento é, por assim dizer, *interno*. Em outras palavras (ou nas palavras da Escritura!) a cobiça é a origem de todos os pecados. Em Tg.1.14,15 lemos: “Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça depois de haver concebido, dá a luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte”.

Não foi a cobiça (o querer ser igual a Deus) que levou o primeiro casal a pecar? Não foi a cobiça que levou Acã a tomar das coisas proibidas de Jericó trazendo assim terrível opróbrio a Israel? E o que dizer de Absalão que perseguiu seu pai pérfida e furiosamente para tomar o seu trono? Ananias e Safira que ouviram o que se dizia de Barnabé e quiseram para si a bajulação dos homens; não foi isso um ato de cobiça? Bem, temos muitos exemplos, mas, como Paulo, analisemos a nossa vida. Quantos pecados nós cometemos porque deixamos a cobiça tomar conta do nosso coração por estarmos insatisfeitos com o que temos em nossas mãos? Sem medo de ser exagerado posso afirmar categoricamente: TODOS OS PECADOS!

“Porém, o pecado tomando impulso através do mandamento, produziu em mim toda espécie de cobiça; porque sem Lei o pecado está morto”. Quando o mandamento apontou o que era pecado se fosse cobiçado, então, diz Paulo: “produziu em mim toda espécie de cobiça”. É como aquela placa na qual está escrito “Proibido colher frutas sem permissão” é colocada na entrada de um belo pomar. A placa que serve para avisar da proibição, aguça naqueles que são dados a roubar, um forte desejo de pegar o que não lhes pertence. É bem provável que se a placa não fosse colocada ali, esses ladrões passariam desatentos. Tal ilustração aponta para uma triste realidade: *por natureza o homem é dado a quebrar leis, especialmente a Lei de Deus.*

(7.9-12)

⁹ evgwde. e;zwn cwri.j no,moute,(evlqou,shjde. th/j evntolh/h` a` marti,a ne,zhsen(
Eu porém vivia sem Lei outrora, tendo vindo porém o mandamento o pecado viveu de novo,

¹⁰ evgw. de. avpe,qanon kai. eumoi,qh` evntolh. h` eivj zwh,n(au[thqai,maton
eu porém morri e foi achado para mim o mandamento o para vida, este para morte.

¹¹ h` ga.r a` marti,a avformh.n labou/sa dia. th/j evntolh/j evxhpa,thse,n
O pois pecado impulsionamento de tendo tomado através de o mandamento enganou completamente
me kai. diV auvth/j avpe,kteinenA
a mim e através de ele matou.

¹² w[ste o` me.mo,moj a[gi,j kai. evntolh. a` gi,a kai. dikai,a kai. avgaqh,A
De sorte que o de fato Lei santa e o mandamento santo e justo e bom.

Eu porém, outrora vivia sem Lei; mas, em chegando o mandamento, o pecado reviveu, eu porém, morri. E descobri que o mandamento que me era para produzir vida, este me produziu

¹⁵⁵ O substantivo evpiqumia quer dizer “desejo, concupiscência”. Muitas vezes está ligado ao desejo sexual desenfreado. O décimo mandamento ao proibir a cobiça aponta para aquele pecado em que por meio de um forte desejo privamos o próximo de algo que estritamente lhe pertence.

morte. Porque o pecado tomando impulso através do mandamento me enganou completamente e por meio dele me matou. Assim pois, de fato a Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom.

O propósito do mandamento de fato era produzir vida; sim, vida eterna. De fato, desde o início, e tem sido uma verdade perene, amar a Deus de todo o coração, alma, mente e força, e amar o próximo como a si mesmo, produz vida, salvação. Conforme Lv.18.5: “*Meus estatutos e meus juízos guardareis; cumprindo-os, o homem viverá por eles*”. Ver também Ez.20.11. Que Paulo tinha em mente a passagem citada, parece provável, à luz de Rm.10.5.

E assim, o judeu justo a seus próprios olhos, alguém que tinha pouco conhecimento de si próprio, imaginava que, se tentasse com persistência, seria capaz de granjear a vida eterna. Houve tempo em que Paulo também mantinha essa opinião, como se acha implícito em Fp.3.6. Isso foi antes dele descobrir que todos os seus atos justos (lit. “justiça”) equivaliam a nada melhor que trapos de imundícia (Is.64.6). “*E descobri que o mandamento que me era para produzir vida, este me produziu morte*”. Portanto, para Paulo também esse mesmo mandamento, cuja intenção era produzir vida, realmente produziu morte.

Como é possível que, enquanto Paulo esperava vida, achou morte; e como é possível que, enquanto ele esperava felicidade, achou desdita? A razão não era propriamente que algo estivesse errado com a lei. Ao contrário “...*de fato a Lei é santa e o mandamento é santo, justo e bom*”, visto que ela não só se empenha em promover essas mesmas qualidades, como se faz evidente à luz da leitura de cada mandamento, mas também reflete a santidade e justiça e bondade de Deus.

Porventura não é um misericordioso arranjo que, por meio do primeiro e do segundo mandamentos, Deus nos exorte contra o mal da idolatria, contra toda corrupção, imundícia, frustração e tristeza que o acompanha? Que por meio do quarto mandamento ele separa para o homem um dia indispensável de repouso e culto? Que por meio do quinto mandamento ele põe o filho sob a administração, cuidado e proteção daqueles que mais o amam? Que por meio do sétimo mandamento ele conserva a sacralidade do matrimônio, por meio do sexto e do oitavo, protege a vida e a propriedade humanas?

E assim se faz muitíssimo evidente que não era a própria lei, como tal, mas era o pecado – *no presente caso a própria pecaminosidade de Paulo* – que torna impossível à lei fazer uma pessoa santa e feliz. O mandamento, operando por si próprio, nunca mata nem fere a ninguém. *É o pecado que mata, foi o pecado que enganou Paulo em seu estado não-convertido*, ao imaginar que seria capaz de viver em estrita obediência à lei de Deus como ele mesmo disse: “*Porque o pecado tomando impulso através do mandamento me enganou completamente e por meio dele me matou*”. Ele o enganou, ... até o dia, de uma maneira dramática, em que se lhe fez claro que, não importa o quanto ele tentasse, nunca jamais seria capaz de *assim* alcançar o *status* de justiça diante de Deus¹⁵⁶.

(7.13)

¹³ To. ou=n avgaqo.revmoi. evge,netpa,natojēmh. ge,noito avlla. h`a`marti,a(O, portanto, bom para mim veio a ser morte? Não venha a ser! Pelo contrário o pecado,

i[na fanh/| a`marti,a(dia. tou/ avgaqomof katergazome,nh qa,natōra(para que fosse mostrado pecado, através de o bom a mim operou morte, para que

ge,nhtai kaqV u`perbolh.n a`martwlo.j h`a`mardia th/j evntolh/jÅ viesse a ser conforme além das medidas pecaminoso o pecado através de o mandamento.

Portanto, o que é bom veio a ser morte para mim? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado para que se revelasse como pecado, produziu morte em mim através daquilo que é bom, para que através do mandamento o pecado viesse a ser excessivamente pecaminoso.

¹⁵⁶ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.294).

Como pode algo que é santo, justo e bom produzir algo tão ruim como a morte? A resposta é: *não é o mandamento, operando por si próprio, que produz morte, mas sim, a transgressão do mandamento que faz isso*. A causa real da morte é o pecado (6.23). O pecado para expor o pecador fez uso de algo que em si mesmo é perfeito, a saber, a santa Lei de Deus. A pureza da Lei de Deus ressalta a podridão do pecado.

Dessa forma Paulo está nos oferecendo uma visão de sua própria vida e dilema. Ele nos mostrou a sua experiência antes da conversão, durante ela e o que aconteceu um pouco depois. Ele disse: *“Eu porém, outrora vivia sem Lei; mas, em chegando o mandamento, o pecado reviveu, eu porém, morri”* (7.9)¹⁵⁷.

¹⁵⁷ Há quem associe essa e expressões similares com a experiência de Paulo quando, com a idade de 13 anos, tornara-se um *bar mitzvah* (filho da lei). Foi então que, em concordância com o costume judaico, ele assumira a responsabilidade de guardar a lei. Entretanto, afirmação tal como *“o pecado reviveu, eu porém, morri”*, parece apontar para uma experiência mais radical, a saber, para aquilo que está registrado em Atos 9.1-22; 22.3-21; 26.1-23; e especialmente para o que Paulo nos relata em Gl.1.13-18. Embora certamente devamos deixar espaço para influências mais antigas na mente e no coração de Paulo, não excluindo aquelas exercidas em seu subconsciente, era em relação com (1) a experiência dramática no caminho de Damasco, (2) os eventos que tiveram lugar durante os dias imediatamente posteriores e (3) os acontecimentos durante os três anos passados na Arábia que *“o pecado reviveu, e matou Paulo - o antigo Paulo, fariseu -, e ele morreu”*. Foi então que o ex-perseguidor teve tempo para refletir: no tipo de homem que ele fora, no testemunho de Estêvão e de outros mártires cristãos, o caminho da salvação como sumariado em passagens como Gn.15.6, Sl.32, Is.53, Hc.2, etc., e as palavras que lhe foram expressas por Ananias e por Jesus pessoalmente.

Foi a conversão de Paulo uma experiência única? Em certo sentido, seguramente, foi; em outro aspecto, não. Há traços de similaridade entre a vereda que o apóstolo teve de percorrer antes de render-se incondicionalmente a Cristo e a vereda que outros percorreram, entre os quais aquele maravilhoso filho de Deus, a saber, Robert M. McCheyne (1813-1843), como ele mesmo o descreve em seu como vinte poema:

JEOHVAH TSIDKENU = JEOVÁ JUSTIÇA NOSSA (Jr 23.6)

Outrora eu era estranho à graça e a Deus,
Não conhecia meu perigo, nem sentia meu fardo,
Embora amigos me falassem com entusiasmo de Cristo no madeiro,
Jehovah Tsidkenu nada era para mim.

Às vezes lia com prazer, para me acalmar ou me envolver,
A dimensão extensa de Isaías ou a página simples de João;
Mas, quando retratavam o sangue tingindo o madeiro,
Jehovah Tsidkenu parecia representar nada para mim.

À semelhança das lágrimas das filhas de Sião que rolavam,
Eu chorei quando as águas passaram por sobre minha alma,
Todavia não cria que meus pecados foram cravados no madeiro
Jehovah Tsidkenu - nada significava para mim.

Quando a soberana graça me despertou pela luz do alto,
Então o medo da lei me sacudiu; tive medo de morrer;
Não conseguia divisar nenhum refúgio, nenhuma segurança em mim
Jehovah Tsidkenu tinha de ser meu Salvador.

Todos os meus terrores se desvaneceram diante do doce Nome,
Meu medo culpado foi banido, com ousadia eu cheguei
E bebi da Fonte, vivificante e gratuita:
Jehovah Tsidkenu se tornou tudo para mim.

Jehovah Tsidkenu! meu tesouro e júbilo;
Jehovah Tsidkenu! nunca mais me perderei:
Em ti eu vencerei através das águas e dos campos,
Meu Piloto, minha Âncora, minha Armadura e Escudo!
Ainda que eu ande pelo vale de sombra e de morte!
Este "lema" me fará recobrar o fôlego;

(7.14)

¹⁴ Oi,damen ga.r o[ti o` no,moj pneumatiko,j e distis(aekivo,j eivmi peprame,noj u`po.
Sabemos pois, que a Lei espiritual é, eu porém carnal sou tendo sido vendido sob
th.n a`marti,anÅ
o pecado.

Sabemos, que a Lei é espiritual, eu porém sou carnal, vendido como escravo ao pecado¹⁵⁸. Paulo, falando de sua própria experiência de vida cristã, passa a descrever sua luta contra o pecado nos v.14-25.

Pois quando da agitação da vida meu Deus me livrar,
“Jehovah Tsidkenu!” será meu cântico de morte.

¹⁵⁸ A pergunta que surge aqui é: quem é a pessoa mencionada aqui? É uma pessoa não-convertida, seja Paulo mesmo antes de sua conversão, ou qualquer outro indivíduo não-regenerado, quem sabe um judeu que ainda não abraçou a Cristo? Ou um crente imaturo? Ou ainda, o próprio Paulo, o crente, e, por extensão, o crente em geral?

Vejamos cada uma dessas opiniões (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.298).

1º argumento: Uma pessoa não-convertida. Desde os dias da Igreja Primitiva, passando pela Idade Média, e ainda em nossos dias, há muitos que afirmam que Rm.7-14-25, trata-se de um incrédulo. No século XX um dos grandes defensores dessa idéia foi o exegeta holandês H. R. Ridderbos, que apresentou uma série de argumento sem defesa de seu ponto de vista, alegando que sua posição era não só favorecida na igreja primitiva, mas é também partilhada por exegetas atuais. **Seu argumento:**

- 1) Paulo diz: “*Sabemos, que a Lei é espiritual, eu porém sou carnal*”. Como pode alguém com a experiência de fé como a de Paulo dizer-se “*carnal, vendido como escravo ao pecado*”?
- 2) Há um contraste abrupto entre 8.1 e 7.14-25. O advérbio “*agora*” de 8.1 mostra um tempo posterior à situação deplorável descrita em 7.14-25, o qual é o reinado do Espírito Santo na vida do convertido, o qual não pode ser identificado com o reinado do pecado, mas apenas como algo que vem depois deste.
- 3) Todo o capítulo 6 tratou do “destronamento do pecado no coração do crente” e a entronização de Deus em sua vida; portanto, Rm.6 é uma refutação contínua da posição segundo a qual o “eu” de Rm.7.14-25, representa um homem convertido e redimido por Cristo.

A Nossa Resposta a cada um desses pontos respectivamente é:

- 1) Esse argumento interpreta erroneamente a conjunção “*pois*” (γα,ῆ) como é usada aqui. Ele tem o sentido continuativo, e algumas versões nem mesmo o traduz (p.ex. a NVI). O apóstolo está dizendo que o fato de a Lei ser espiritual e ele ser carnal está em harmonia com o fato da Lei ser boa, e, ele (e todos os crentes) ser excessivamente pecaminoso.
- 2) A situação retratada em 7.14-25 não é totalmente obscura. O contraste entre 7.14-25 e 8.1 não deve ser exagerado. A passagem anterior fala não somente do pecado, mas também insiste sobre a luta contra o pecado. A vitória sobre o pecado até mesmo foi registrada (v.24,25). No capítulo 8 a situação não tão radiante como alguns pensam. Nele também se reconhece o paradoxo na vida cristã entre o bem e o mal.
- 3) Embora tais afirmações retratem o cristão andando em novidade de vida, tendo sido levado da morte para a vida e num sentido tendo morrido para o pecado, não obstante em parte alguma o capítulo 6 ou qualquer outra parte das Escrituras ensinam que durante o tempo de vida aqui na terra, o crente se encontra isento da luta contra o pecado.

2º argumento: Um crente imaturo. Os que apóiam esse argumento dizem que há três estágios de posição e desenvolvimento religiosos retratados aqui em Rm.7.14-25:

- 1) O de uma pessoa ainda sob o domínio do pecado (7.5ss, 9a);
- 2) O de um indivíduo relutante, alguém que odeia o pecado, porém ainda não progrediu o bastante na vereda da santificação (7.14-25);
- 3) O do crente maduro e agradecido, regozijando-se no fato de que, para ele, agora não há mais condenação (8.1ss).

Refutação: segundo nos mostram as Escrituras é precisamente o crente maduro que mais progrediu, que mais profundamente se preocupa com seu pecado. Quanto mais uma pessoa faz progresso na santificação, mais também sentirá aversão pela pecaminosidade. Veja por exemplo, Jó, o qual nos é um paradigma de virtude, e mesmo assim, ele reconheceu: “*Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza*” (Jó. 42.6). O mesmo podemos dizer de Isaías (Is.6.5), Daniel (9.4,5,8). Quanto mais consciência da santidade de Deus tanto mais o crente verá a sua pecaminosidade. Isso nos leva à terceira opinião.

Como já se indicou, há uma estreita conexão entre os v.13 e 14. Agora, aqui no v.14, Paulo começa esclarecendo bem que ele não está tentando descobrir falha na santa Lei de Deus, quando ela o expõe, sim, ele, Paulo, como sendo ainda pecador. Afirma que a Lei é espiritual. Sua intenção, como já explicara (ver v.12), é que a Lei é santa, e o mandamento santo e justo e bom; que ela é obra de Deus, o produto do Espírito Santo (cf. Mc.12.36, At.1.16; 4.24, 25 e 2Pe.1.20, 21).

A mesma bondade e pureza absolutas não podem ser atribuídas ao confessor, Paulo. Ao contrário, ele é carnal.

É preciso muita prudência ao definir essa qualidade. O apóstolo não diz: “*Eu estou na carne*”, nem “*controlado pela carne*” – ver 7.5; 8.8 (cf. 8.5) – mas, “*sou carnal*”, que é algo diferente. Estar “*na carne*” significa ser basicamente controlado por uma natureza humana pecaminosa. Uma pessoa assim descrita não é crente. Ser carnal, em contrapartida, significa ser o oposto do que é a Lei. A Lei de Deus é espiritual, perfeita, divina. Num sentido, Paulo é não-espiritual, imperfeito, como 1Co.3.1, 3 o indica, tal pessoa carnal ainda pode ser cristã.

Além do mais, no v.18 da seção ora em discussão, o apóstolo faz uma importante distinção. Ao dizer: “*Eu sei que nada bom habita em mim, isto é, em minha carne*”, ele não está claramente sugerindo que há mais nele do que sua carne, sua natureza humana pecaminosa? Tanto no v.18 quanto no v.25 – note o contraste entre “*minha mente*” e “*minha carne*” no último versículo – mostra que Paulo está fazendo uma distinção entre aquilo que ele é com respeito a sua natureza humana pecaminosa e aquilo que ele é em seu eu íntimo mais básico. Mesmo um cristão pode, pois, dizer: “*Sabemos, que a Lei é espiritual, eu porém sou carnal*”.

Não obstante, surge a pergunta: O que ocorre com a segunda caracterização, a saber, “*vendido como um escravo ao pecado*”? Na superfície, essa descrição pareceria excluir Paulo da companhia dos salvos; ou, se não, pode parecer indicar que, quando o apóstolo diz “*eu*”, ele não está aqui pensando em si mesmo, mas em algum outro, um incrédulo. *Numa inspeção mais detalhada e sem de modo algum fazer injustiça à deplorável situação aqui mostrada, não obstante teremos de concluir que é o apóstolo Paulo, o cristão, de quem aqui se fala, descrevendo seu próprio estado, tanto quanto o de todos os demais crentes que ainda habitam na terra.*

Quanto a isso, antes de tudo devemos observar bem o fato de que Paulo não está dizendo que ele mesmo se vendera ou se abandonara ao pecado, como fora o caso com respeito ao rei Acabe (1Re.21.20, 25; 2Rs 17.17). Paulo não se vendera. Algum outro o vendera. Ele, Paulo, deplora tal situação. É como se o ouvíssemos um gemido de agonia, quando ele se queixa: “*Eu sou ... vendido*”

3º argumento: O próprio Paulo e, por extensão, os crentes em geral (incluindo até os mais maduros!). Esta não é a única passagem (v.24) em que Paulo lamenta sua pecaminosidade. Veja por exemplo:

1Co.15:9 “*Porque eu sou o menor dos apóstolos, que mesmo não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus*”.

Ef.3:8 “*A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de pregar aos gentios o evangelho das insondáveis riquezas de Cristo*”

1Tm. 1.15 “*Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal*”.

A pessoa retratada em Rm.7.14-25, odeia o pecado (v.15), deseja o que é bom (v.19,21); no mais íntimo de seu ser deleita-se na Lei de Deus (v.22); repugna profundamente seus pecados (v.15, 18-24); e rende graças a Deus por sua libertação (v.25). Seria possível que tal pessoa não tivesse sido regenerada pelo Espírito de Deus?

O indivíduo dessa passagem é alguém que ainda trava uma luta terrível contra o pecado, por que ainda não chegou ao céu (onde ele estará totalmente livre da presença do pecado). E o que dizer do *dualismo* descrito nos v.24 e 25? Não é essa a realidade de todos nós que somos crentes em Cristo Jesus? Reservemos os comentários desses versos para o tempo próprio deles.

Então ficamos com essa última posição, a de que Paulo aqui está falando de si mesmo, convertido, regenerado e justificado em Cristo, e por extensão, falando da experiência de todos os verdadeiros crentes.

Quanto ao argumento de que muitos exegetas em todos os tempos optam pela primeira posição, lembramos também que as opiniões variam entre os exegetas. Além disso, as Confissões de Fé de Westminster (1647 – cap.XVI, parágrafo VI), Belga (1561 – capítulo XXIX) e o Catecismo de Heidelberg (1563 – XLIV, pergunta e resposta 114) também apóiam a terceira opção.

como um escravo ao pecado!”. É possível que alguém que tão intensamente lamente permanecer no estado de pecaminosidade ser algo que não um crente verdadeiro? Quando Paulo confessa: “*Eu sou carnal, vendido como um escravo ao pecado*”, ele não nos lembra um outro filho de Deus, contrito, que gemia: “*Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe*” (Sl.51.5)?

Isso significa, pois, que quando Davi fez essa confissão não era ele um crente? Ver também Lc.18,13, 14.

Quando Rm.7.14 é interpretado à luz dos v.22-25, torna-se evidente que aquele que, no v.14, deplora sua condição pecaminosa é a mesma pessoa que nos versículos finais do capítulo expressa seu deleite na lei de Deus, visualiza com anelante e irrestrita saudade o dia do livramento de sua presente e momentânea luta íntima e se enche de bendita certeza da Vitória que está por vir; aliás, esse “no princípio” já está presente aqui!

Entretanto, no momento o cristão está vivendo um período no qual duas etapas da vida, a antiga e a nova, coincidem. Houve uma época em que Paulo era *exclusivamente um pecador*. Haverá uma época em que ele será *exclusivamente um santo*. Precisamente agora, enquanto está ditando essa carta, ele é *um pecador-santo*. Um “santo”, por certo, porém também um “pecador”, daí a tensão, o conflito íntimo. É uma luta que o próprio crente genuíno experimente, e sobre a qual o apóstolo prossegue como veremos no próximo verso.

(7.15)

¹⁵ o] ga.r katerga,zomai ouv ginw,skwga.o] qe,lw tou/to pra,ssw(ayllw/misw/tou/to
Que pois opero não conheço, não pois que desejo isto pratico, mas que detesto isto

poiw/Å
faço.

Porque não entendo o que faço: pois aquilo que aprovo não pratico, mas aquilo que eu detesto isto faço¹⁵⁹.

Em vista do fato de que o orador (“eu”) está servindo “em novidade do Espírito” (v.6) e sinceramente confessa ser santa a Lei de Deus, e seu mandamento santo, justo e bom (v. 12, e cf.v.22-25, referência essa já feita), é uma vez mais evidente que Paulo, o sincero e humilde filho de Deus, prossegue falando.

Como um crente grato, de coração ardente, seu padrão ético é nada menos que a perfeição moral-espiritual (cf. Fp.3.12-14). Mas quando ele revê o que realizou, então se desgosta de si mesmo: Deus fez tanto por ele. Ele (Paulo) fez tão pouco em retribuição. Não só isso, mas o pouco que ele realizou é maculado com pecado. Seu alvo é elevado demais para que ele o possa atingir.

Mas o que dizer se esse ideal nem sempre se concretiza? O homem meramente *moral* pode ser capaz de enganar a si mesmo ao pensar que ele está, acima de tudo, agindo muito bem. É

¹⁵⁹ katerga,zomai como se faz evidente à luz de outros exemplos de seu uso, o significado desse verbo é basicamente *elaborar, concretizar*, daí também: *trazer a lume, produzir*. A ênfase é geralmente sobre a ação eficaz. Assim Rm.1.27 faz menção de pessoas que *perpetram* atos indecentes; em 2.9, castiga os *malfeitores*. Segundo 4.15, a lei *produz* ira. Segundo 5.3, o sofrimento *produz* perseverança. Ver também 7.8, 13.

ginw,skwPara o uso deste verbo (basicamente: *saber*), no sentido de *reconhecer, cientificar-se* (talvez Rm.7.15), ver Josefo, *Antigüidades* V.112 (“Não reconhecem senão um Deus”). Uma leve transição no significado produz: *aprovar, reconhecer como propriamente seu*; ver Mt.7.23, 1Co.8.3 e Gl.4.9. *Aprovar* provavelmente seja o significado aqui em Rm.7.15. Ver a explanação.

pra,sswBasicamente, esse verbo significa *fazer, praticar, ocupar-se com*. Portanto, é um sinônimo de poiw,Å em um dos significados do último. No Novo Testamento, pra,sswé amiúde usado num sentido desfavorável (Lc.22.23; Jo.3.20; At.19.36; 25.11,25; Rm.1.32; 2.1-3; 13.4; 2Co.12.21; Gl.5.21). Em Rm.7.19, note o contraste: *fazer* o bem - *praticar* o mal.

Não obstante, há exceções. Em Rm.9.11 e 2Co.5.10, o verbo pra,sswé usado com objetos tanto bons quanto maus; enquanto que os objetos mencionados em At.26.20, Rm.2.25 e Fp.4.9 são totalmente bons.

precisamente o *cristão* que dirá com Paulo: “*Porque não entendo o que faço: pois aquilo que aprovo não pratico, mas aquilo que eu detesto isto faço*”¹⁶⁰.

E não é esse o mesmo conflito mencionado em Gl.5.17, onde o mesmo apóstolo declara: “... a carne deseja contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque estes são opostos entre si, de modo que as mesmas coisas que vocês desejam fazer, essas vocês não fazem”?

Entretanto, há quem objete que Gl.5.17 e Rm.7.14-25 não podem referir-se ao mesmo conflito interior, porque, enquanto a primeira passagem menciona o Espírito, a última, não. Por que, porém, foi preciso que Paulo repetisse sua menção do Espírito Santo, como o autor da santificação? Não são suficientes as referências ao Espírito em Rm.2.29 e 7.6? São, sim, a menos que sejam interpretadas como indicando um outro “espírito” que não seja o divino. Em vista, porém, de passagens paralelas tais como 2Co.3.6, 17, essa posição seria difícil de ser defendida.

Paulo, escrevendo como um homem convertido (Rm.7.14-25) e narrando suas experiências *atuais no estado de graça*, se queixa com amargura do fato de que ele pratica aquilo em que sua alma não mais se deleita; de fato, pratica aquilo que sua alma regenerada *odeia*.

(7.16)

¹⁶ eiv de. oþuvqe,lw tou/to poiws(u,mfhmtw/| no,mw| o[ti kalo,jÁ
Se pois que não aprovo isto faço, concordo com a Lei que boa.

Mas se faço aquilo que não aprovo, concordo com a Lei que é boa.

Não existe um jeito mais fácil de sair desse conflito? Porque não simplesmente descartar a Lei? Afinal não é mais fácil ignorá-la, decidindo firmemente em nosso coração aboli-la para que assim ela não mais nos perturbe? Por que não adotarmos de vez o antinomianismo? Porque não qualificar a Lei como má, perversa e tirana? Afinal, se assim fizermos ficaremos em paz... será?

Todas essas soluções, na verdade são todas mentirosas. O Espírito Santo no coração do verdadeiro crente sempre o lembrará que a Lei é boa, e que portanto, este não deve desobedecê-la, pois se assim o fizer constatará como Paulo constatou, ou seja, a luta entre o que ele deseja de todo o coração e o que ele acaba fazendo.

Mais uma vez é importante ressaltarmos que Paulo aqui não está falando que ele está vivendo deliberadamente no pecado, mas, sim, está lamentando aquelas vezes em que mesmo desejando em seu coração *sempre* fazer o que agrada a Deus, *de vez em quando* acaba por desobedecer a santa, boa e perfeita Lei de Deus.

(7.17-20)

¹⁷ nuni. de. ouvke,tévgw. katerga,zomai auvto. aivkaou/savn evmoi. aà)harti,
Agora porém não mais eu opero o mas o que habita em mim pecado.

¹⁸ Oi=da ga.r o[ti ouvkei,évn evmoi,(tou/tv e;stin evnmbu((a)gáqo,ro. ga.rqe,lein
Sei pois que não habita em mim, isto é em a carne de mim, bom o pois desejar
para,keitai, moi(to.e. katerga,zesqai to. kalo.h ou;
jaz junto a mim, o porém operar o bem não

¹⁹ ouvga.r o] qe,lw poiw/ avgaqo,névlla. o] ouvqe,lw kako.n tou/to pra,sswÁ
não pois que desejo fazer bom, pelo contrário que não desejo mau isto pratico.

²⁰ eiv de. o] ouvqe,lw êvgw.Ð tou/to poiwke,(tévgw. katerga,zomai aavta.
Se porém que não desejo [eu] isto faço, não mais eu opero o mas

¹⁶⁰ É claro que nessa afirmação o verbo ginw,skw está em aposição com qe,lw e em oposição a misw. Portanto, entre uma série de significados possíveis para o verbo ginw,skw o melhor significado provavelmente seja *aprovar*.

h` oivkou/sa evn evmoà)a`marti,
que habita em mim pecado.

Neste caso, pois, não sou eu quem o faz, mas, sim, o pecado que habita em mim. Pois sei que não habita em mim, isto é, na minha carne, o que é bom; pois em mim está o desejar o bem, não porém, o fazê-lo. Se, porém, o que eu não desejo, isto (é o que eu) faço, não mais sou eu quem o faz, mas sim, o pecado que habita em mim.

“Neste caso...”, a dedução lógica derivada da situação como contida no v.16 é que, uma vez que o próprio Paulo não quer agir contrariando a vontade de Deus, os pecados cometidos deveriam ser *basicamente* atribuídos ao pecado e não a ele. É a *natureza pecaminosa*, aqui e em outras partes chamada *a carne*, que é o verdadeiro réu, o ofensor real. É esse invasor perverso, habitando com Paulo, em sua própria casa (sua alma), que é a base de toda essa iniquidade. É esse intruso que tão freqüentemente torna impossível a Paulo fazer o bem que tanto deseja fazer.

Estaria Paulo fugindo de responsabilidade de seu próprio pecado? Com certeza não, mesmo porque ele ao falar desse “intruso”, fala dele não como um totalmente estranho, mas, sim, fala dele em termos bem pessoais: a sua própria natureza pecaminosa. Além disso, um intruso, um invasor ilegal, não se deve permitir que permaneça!

A última parte do v.18 e todo o v.19 têm um significado semelhante ao pensamento expresso no v.15. O v.20 substancialmente reitera os v.16a, 17.

(7.21)

²¹ eu`ri,skw a:ra to.n no,mon(tw/| qe,lorpocivmo. kalo,n(oivmoi.
Acho, conseqüentemente a lei, ao desejo a mim fazer o bom, que a mim

to. kako.n para,keítai
o mau jaz junto a.

Conseqüentemente, encontro esta lei em mim: que ao desejar fazer bem, o mal está junto a mim.

“Conseqüentemente...” essa palavra resume tudo o que vem sendo dito do v.14-20. Obviamente, “lei” aqui, não se trata dos Dez Mandamentos, mas sim, de uma *regra operante* ou *princípio governante*.

Essa lei é inflexível. Todo crente sincero descobre, encontra essa lei dentro de si, ou seja, que ao “*desejar fazer o bem, o mal está junto a...*” si. Em vista de que de conformidade com os v.17 e 20 a natureza pecaminosa se estabeleceu na casa (na alma) do crente, como uma intrusa que é, e fez isso com um propósito tão perverso (escravizar a pessoa), é lógica a conclusão: “*o mal está junto a mim*”.

Esse mal que ainda habita o coração do crente, está deitado, mas, não dormindo; está ferido, mas, não está morto (daí a necessidade de mortificarmos a nossa carne, ou seja, a nossa natureza pecaminosa). Sempre nos deparamos com a triste realidade de que quando nos vem à mente um bom pensamento, uma boa intenção, o mal vem junto para tentar convertê-los no seu exato oposto.

(7.22,23)

²² sunh,domai ga.r tw/| no,mw| touta qe;swa;nqrwpon(
Comprazo-me pois à Lei do Deus segundo o interior homem,

²³ ble,pwde. e[teron no,mon evnto,leísi,mou avntistrateuo,menon tw/| no,mw| tou/ noo,j
vejo porém outra lei em aos membros de mim que guerreia contra a lei da mente

mou kai. aivcmalwti,zonta, me evn tw/| no,mw| th/| a tima thaj div/| the,lesimou
de mim e que toma cativo me em a Lei do pecado a que está em os membros de mim.

Pois segundo o homem interior, comprazo-me na Lei de Deus, mas vejo outra lei em meus membros que guerreando contra a lei da minha mente, me aprisiona à lei do pecado que está nos meus membros.

Esses versos explicam o v.21. O conflito entre o bem e o mal mencionado nos versos anteriores é amplificado e esclarecido aqui nestes versos.

Há duas leis contrárias: a Lei de Deus e uma “outra lei” (e[terono,m]na qual é vista em seus membros, a saber, a lei do pecado.

A Lei de Deus levando em consideração os v.7,8,12 desse capítulo, nos quais Paulo deixa claro que se refere à Lei de Deus (os Dez Mandamentos) não temos dificuldade para entender que aqui no, mw| tou//e[terono,m] de Deus no mesmo sentido dos v.7,8,12.

É preciso lembrar que para o crente essa lei divina não é uma letra morta, e certamente não é em sentido algum meio de salvação. Ao contrário, para ele é o *princípio governante* para a expressão de sua gratidão. Ele a obedece porque ama a Deus e sabe que em obedecê-la trará alegrias ao coração de Deus, tão somente com esse objetivo, e nunca, jamais com a intenção de fazer uma troca com Deus. Podemos afirmar com toda certeza, que só cumpre realmente a Lei de Deus quem foi justificado pela fé em Cristo Jesus. Assim se torna compreensível quando ele diz que “comprazo-me na Lei de Deus”.

“segundo o homem interior” não se trata de uma fraseologia tirada ou copiada de Platão ou dos estoicos como muitos têm afirmado. Aqui simplesmente Paulo se refere ao que *está oculto aos olhares dos homens*, ou seja, o seu coração, as intenções de seu coração.

A “outra lei”, a saber, a lei do pecado que atua em seus membros, declara guerra contra a “lei da minha mente...” diz Paulo. E não só isso. Ela também o “aprisiona...” a si mesma (isto é um outro modo de expressar o pensamento do v.14b). Essa lei vezes e mais vezes leva o crente a fazer o que não quer, e vezes e mais vezes o impede de fazer o que tanto gostaria de fazer.

É preciso focalizar a ênfase na frase: “...lei do pecado que está nos meus membros”. Não pode ser ignorada e nem mesmo tocada de leve. Paulo a usou duas vezes nas seguintes passagens: 6.13; 6.19; 7.5; 7.23, isso para não mencionar o uso figurado da mesma em 12.5; 1Co.6.15; 12.12,27 e Ef.4.16, 25; 5.30.

Em adição aos comentários feitos previamente com respeito a essas *partes* ou esses *membros* físicos (ver sobre 6.13, 19; 7.5), note, portanto, também o seguinte: Paulo era um ardoroso missionário. Sua alma estava concentrada em sua obra. Ver Rm.15.17-29, 1Co.9.22 e 2Co.5.20, 21. Conquistar pessoas para Cristo, para a glória de Deus, significava mais para ele do que mesmo sua liberdade pessoal (Fp.1.12s.). Ele desejava intensamente que outros também partilhassem desse entusiasmo (Fp 1.4, 18).

Ora, ele estava bem consciente do fato de que o modo de alcançar seu auditório era mediante os órgãos físicos, dele e deles. MUITÍSSIMO importantes eram: a ligeireza de seus *pés*, as enunciações de seus *lábios*, a agudeza de seus *olhos*, os movimentos de suas *mãos*, a percepção ele seus *ouvidos*, etc. e ainda muito mais, porquanto os meios de comunicação, como o avião, os óculos, os aparelhos auditivos, etc., ainda não tinham sido inventados¹⁶¹.

¹⁶¹ Portanto, não surpreende que em ambos os Testamentos, tanto no Antigo quanto no Novo, é colocada uma ênfase muito maior nas partes ou nos membros físicos do que acontece na literatura moderna. Em muitas das passagens seguintes, faríamos hoje sequer menção dos membros físicos envolvidos?

Antigo Testamento

Membros

Novo Testamento

Gn.24.57; Jó. 3.1; Sl.17.10-----	<i>boca</i> -----	Mt.5.2; 13.35; Lc.11.54
Lv.5.4; Nm.30.6; Dt.23.23-----	<i>lábios</i> -----	Mt.15.8; Hb.13.15; 1Pe.3.10
2Sm.23.2; Jó.6.30; Sl.35.28 -----	<i>língua</i> -----	At.2.26; Fp.2.11; 1Pe.3.10
2Sm.22.37; 1Re.14.6,12 -----	<i>pés</i> -----	Lc.1.79; At.5.2; Hb.2.8
Gn.3.22; 8.9; Js.2.24 -----	<i>mãos</i> -----	Lc.21.12; At.7.41; Hb.10.31
Dt.7.16; Jó. 7.7; Is.13.18 -----	<i>olhos</i> -----	Lc.11.34; 1Co.2.9; Ap.1.7
Ne.1.6; Jó.4.12; 13.1 -----	<i>ouvidos</i> -----	Mt.10.27; Lc.12.3; 1Co.2.9

(7.24,25)

²⁴ Talai,pwroj evgw. a;nqrwtpoj me r`u,setai evk tou/ sw,matoj tou/ qana,tou tou,touÈ
Miserável eu sou homem! Quem me tirará fora de o corpo da morte esta?

²⁵ ca,rij de. tw/| qewdila. VhsouCristou/ tou/ kuri,ou h`mwAnã ou=n.
Graças porém ao Deus através de Jesus Cristo o Senhor de nós. Conseqüentemente portanto

auvto,j evgtw/| me.n noi>douleu,w no,mou/th/| de. sarki. no,mw|
próprio eu com a por um lado mente sirvo a Lei de Deus com a por outro lado carne lei do

a`marãj)
pecado.

Miserável homem que sou! Quem me tirará fora o corpo desta morte? Graças, pois a Deus, através de Jesus Cristo nosso Senhor! Assim pois, eu pessoalmente, com minha mente sirvo à Lei de Deus, mas, com minha carne, à lei do pecado.

O escritor genuinamente deplora o fato de que, pelo fato de a lei do pecado ainda operar nele, ele é incapaz de servir a Deus tão plena e irrestritamente quanto deseja.

A pungente tristeza aqui expressa é definitivamente a de um crente. Nenhum incrédulo seria jamais capaz de sentir tão profunda tristeza em decorrência de seus pecados! O autor do clamor é Paulo, falando por todo filho de Deus.

O grito que ele emite provém de angústia, mas não de desespero, como o comprova o v.25. Paulo sofre agonia, por certo, o sofrimento produzido por estrênuo esforço, ou seja, por tentar arduamente, porém nunca satisfatoriamente com êxito, viver em completa harmonia com a vontade Deus, porém indo de fracasso em fracasso. Ele está ansiosamente visualizando o tempo quando essa luta terá fim.

Com isso em mente, ele roga para que seja resgatado do “*corpo desta morte*”¹⁶², a saber, do corpo em sua presente condição, sujeito às devastações do pecado e da morte. Ele sabe que enquanto viver nesse atual “*corpo de humilhação*” (Fp.3.21), a terrível luta continuará. Mas, uma vez terminada a vida nesse corpo, o estado impecável de glória terá início; primeiro, para a alma; depois, também para o corpo.

E assim ele responde sua própria pergunta com um jubiloso: “*Graças, pois a Deus, através de Jesus Cristo nosso Senhor!*”. Ele fala com plena certeza. Ele sabe que quando um crente morre, essa morte é lucro. Com certeza Cristo é infinitamente melhor (Fp 1.21,23). O pecado terá sido para sempre deixado para trás. O conflito terá terminado, e jamais se renovará. Na linguagem do apóstolo João, nada que seja impuro entrará na Cidade Santa (Ap.21.27). Além do mais, vem o tempo quando mesmo o corpo será redimido (Rm.8.23; cf. Jo.5.28, 29).

Em sua jubilosa ação de graça, o apóstolo se volta para a fonte da própria bênção. Ele exclama: “*Graças a Deus!*”. Ver Jo.3.16, Rm.8.32 e 2Co.9.15. Ele compreende também que foi por meio daquele de quem ele faz menção pelo nome completo: *Jesus* (Salvador), *Cristo* (Ungido),

Um notável exemplo dessa constante referência às partes corporais ocorre nessa mesma epístola aos Romanos (3.13-18), onde língua, lábios, boca, pés e olhos são mencionados num só fôlego, em citações do Antigo Testamento.

Ao fazer *menção* das partes e atributos físicos, é preciso levar em conta a *possibilidade* de que a parte espiritual do ser humano tenha sido incluída. Assim interpretado, o que o escritor está dizendo é isto: “Se eu pudesse pelo menos servir a Deus de uma maneira totalmente desembaraçada! Se pelo menos *todas* as minhas faculdades do corpo e da alma fossem eficazes para ele e sua causa!”

¹⁶² Nos tempos de Paulo, a lei romana determinava que quando um homem assassinasse outro, o cadáver deveria ser amarrado nas costas do assassino, de forma que este morresse lentamente enquanto o cadáver da pessoa assassinada se decompunha lentamente. A situação do assassino não somente era extremamente desagradável e nojenta, como também sua morte era lenta e horrível em todos os aspectos.

nosso Senhor (Soberano Governante, Proprietário), que a salvação, plena e gratuita, foi obtida. Além do mais, obtida não só para Paulo, mas para todos os crentes. E assim ele olha adiante para o dia de glória que será para todos eles (1Co.15.56, 57; 2Tm.4.8).

Resumindo todo o argumento, Paulo conclui esse capítulo, escrevendo: “Assim pois, eu pessoalmente, com minha mente sirva à Lei de Deus, mas, com minha carne, à lei do pecado”.

Note o agudo contraste:

- (1) a lei de Deus *versus* a lei do pecado;
- (2) minha mente *versus* minha carne.

O apóstolo está dizendo, então, que sua *mente* (v.25b) ou *ser interior* (v.22) serve à *lei de Deus* (v.14,16,22), mas sua *carne* (v.18,25b) ou o *pecado residente* (natureza humana pecaminosa, v.17, 20), serve à *lei do pecado* (v.23)?

Aqui devemos revestir-nos de muita prudência, pois o escritor não considera coisas como *mente* e *carne* como sendo seres independentes. Ao contrário, como já se realçou previamente, ambas pertencem a Paulo. É ele mesmo (ou seja, é o próprio crente) que permanece plenamente responsável, como é evidente à luz de uma criteriosa leitura dos v.15, 16, 19.

Em contrapartida, é igualmente claro que essas antíteses (mente, carne; Paulo, o santo, Paulo, o pecador) não são estritamente coordenadas. Ao contrário, é com seu ser ou mente interior que Paulo quer fazer a vontade de Deus (ver v.15,16,18,20,21,22). A carne é o intruso, que está sendo expulso e certamente perderá a batalha. Que se deve não à bondade de Paulo, mas à graça de Deus, como o apóstolo altissonante e jubilosamente proclama, exclamando em alta voz: “Graças, pois a Deus, através de Jesus Cristo nosso Senhor!”. Compare com 1Co.15.57, também escrito pelo crente triunfante: Paulo!

Vemos, pois, que a passagem (v.25b), considerada em ambas as suas partes (1) “eu pessoalmente, com minha mente sirvo à Lei de Deus”; e (2) “mas, com minha carne, à lei do pecado”, se associa maravilhosamente com o capítulo 8, note o seu v.10 ; e também que o v.25a “Graças, pois a Deus, através de Jesus Cristo nosso Senhor!” é uma introdução muitíssimo apropriada para 8.1.

1.4.3. Santificação e o Espírito (8.1-39)

O capítulo 8 de Romanos aponta para o resultado da justificação dos crentes, mediante a fé. A Justificação é assunto central do pensamento de Paulo como fica claro logo no início do v.1. Este capítulo, portanto, encerra o pensamento que veio sendo desenvolvido desde o capítulo 5. Aqui, Paulo apresenta mais um resultado da Justificação: *em Cristo*, nós, os crentes somos não apenas vencedores, mas sim, *mais que vencedores*, ou como afirma W. Hendriksen: “...*não simplesmente invencíveis, e sim, superinvencíveis*”¹⁶³.

(8.1)

²Ouvde.na;ra nu/n kata,krima toi/j evn Cristw/| Vlhsou/Å

Nenhuma então, agora sentença contra aos em Cristo Jesus.

Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.

A partícula a;raquer dizer “assim portanto, conseqüentemente; é uma inferência tirada daquilo que a precede”¹⁶⁴ no caso, Rm.1.16,17; 3.21,24; 5.1,6-8,15-21; 7.6.

¹⁶³ (HENDRIKSEN, 2001, p.324).

¹⁶⁴ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.268).

A Lei trazia consigo a condenação: “a alma que pecar essa morrerá” (Ez.18.20). Mas, “para os que estão em Cristo Jesus” não há “nenhuma condenação”. O substantivo katakrimá uma “condenação, um julgamento contrário a alguém”¹⁶⁵. Por meio do auto-sacrifício de Cristo, os que estão Nele, ou seja, os que receberam a Justificação e a Santificação provindas de Seu sacrifício vicário, não mais estão debaixo de qualquer condenação.

A Lei não pode ser considerada um meio de salvação como já foi visto, e nem, tampouco como instrumento de condenação. A Lei torna-se um meio de expressão de sua gratidão a Deus. Como tal, ela é o objeto de seu deleite, ainda quando, como em 7.14ss, o demonstra, na presente vida completa obediência é impossível. Este verso está em estreita conexão com Rm.7.25.

Aqui Paulo afirma que os que estão em Cristo não há qualquer condenação, tanto no sentido forense (a culpa de seus pecados foi removida pela morte de Cristo), quanto no sentido espiritual (a influência santificante de Seu Espírito dominando suas vidas). Havendo para estes Justificação, também há salvação plena e gratuita.

As palavras “...em Cristo Jesus” devem ser levadas com máxima consideração. Muitos dos estudiosos da Teologia Bíblica quando estudam a “Teologia de Paulo” por assim dizer, vêm nessas palavras e seus correlatos¹⁶⁶, o *mitte*¹⁶⁷ da sua teologia. Um breve estudo revelará que esta expressão e seus correlatos aparece mais de 1200 vezes no livro de Atos e nas cartas de Paulo. Concordamos que este seja o ponto central do pensamento de Paulo em sua teologia.

(8.2)

² o` ga.r no,mou tou/ pneu,matoj tavnwstw/ | |hsou h vleuqe,rwse,nase. tou/ no,mou
a pois Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus libertou te de a lei
th/j a` marti,aj kai. tou/ qana,touÅ
do pecado e da morte.

Porque a Lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me libertou da lei do pecado e da morte.

Em primeira instância a seguinte questão é levantada aqui: a tradução correta seria “me libertou” ou “te libertou”? O pronome pessoal que aparece no texto grego que aqui fora adotado é se o qual é um pronome pessoal acusativo singular de SU,e, portanto a tradução deve ser “te libertou”¹⁶⁸. Contudo, temos aqui um problema textual. A evidência textual, ainda que favoreça um tanto o pronome se (A, B, G) não é inteiramente conclusiva. Visto que desde 7.7 o apóstolo tem se referido a si próprio com muita frequência, o pronome me parece mais natural. Em contrapartida, ocorreu uma mudança de estilo, do mais estritamente pessoal para o mais geral (ver 8.1). Isso poderia explicar o fato de que ainda a redação h` m(e)s conta com algum apoio. A questão não é muito importante. Podemos descansar certos de que por meio de Cristo Jesus a lei do Espírito de vida tem libertado a todos que têm depositado sua confiança no Salvador: você, eu, nós¹⁶⁹.

A “...Lei do Espírito da vida...” está em profundo contraste com a “lei do pecado e morte” (7.23,25). O Espírito Santo é vida em Sua própria essência e também comunica vida, tanto física como espiritual, como fica claro em muitas passagens das Escrituras. Logo em Gn.1.1 vemos essa verdade. O Espírito Santo comunica vida aos nossos corações por meio de Cristo Jesus, como indicam as palavras “...em Cristo Jesus...” (veja o comentário de 8.1).

Os que discordam da nossa interpretação de que no trecho de 7.14 – 8.2 Paulo está relatando a sua própria experiência de vida questionam: como poderia Paulo dizer que “...porém

¹⁶⁵ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.268).

¹⁶⁶ “Em Cristo”, “Em Cristo Jesus”, “Em Jesus Cristo”, “no Senhor Jesus”, “Nele”, etc

¹⁶⁷ Isto é, o assunto central, o ponto que interliga todo o pensamento de um autor.

¹⁶⁸ A seguintes versões traduzem por “me libertou” ou “me livrou”: ARC, ACF, ARC e NVI. Enquanto que a ARA traduz por “te livrou”.

¹⁶⁹ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.326).

sou carnal, vendido como escravo ao pecado” e depois dizer que é livre como indicam as palavras “...a Lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, me libertou da lei do pecado e da morte”?

William Hendriksen responde com brilhantismo de sempre¹⁷⁰:

“Ao contrário, quando lemos essas passagens – tanto 7.14,23 quanto 8.1,2 –, dizemos: ‘Quão maravilhosa é a Palavra de Deus! Que quadro verídico ela extrai da pessoa que realmente eu sou! De um lado, eu sou escravo, prisioneiro, pois o pecado de tal maneira se assenhoreia de mim que não posso viver uma vida impecável (Jr.17.9; Mt. 6.12; 1Jo.1.8,10). No entanto, por outro lado, sou uma pessoa livre, pois embora Satanás tenta com todo seu poderio e trapaça impedir-me de fazer o que é certo - tal como confiar a Deus minha salvação, invocá-Lo em oração, jubilar-me Nele, trabalhar em prol de Suas causas, etc., ele não pode deter-me totalmente de agir assim. Ele não pode impedir-me completamente de experimentar a paz de Deus que transcende a toda compreensão. O senso de vitória, que eu possuo em princípio, mesmo agora, e possuirei em perfeição no futuro, me sustenta em todas as minhas lutas. Alegro-me na liberdade que Cristo obteve para mim!’ (cf. Gl.5.1). Quando um intérprete de 7.21 – 8.2 limita a experiência cristã ao que se encontra em 7.22, 25a, 8.1,2, deixando fora 7.21,23,24, 25b, ele não está imitando o *músico* que tenta tocar uma elaborada peça num órgão com o mesmo número restrito de oitavas, ou numa harpa com muitas cordas partidas?”.

(8.3,4)

³ To. ga.r avdu,natou/ no,mou evn hvsqe,nedia. th/j sarkoj(qeo.j to.n e`autou/
O pois impossível da Lei em que era fraca através de a carne, o Deus O Dele próprio

ui`o.n pe,myaj evn o`moiw,mati sarkoj a`marti,aj kai. peri. a`marti,aj kate,krinen
Filho tendo enviado em semelhança (de) carne (de) pecado e acerca de pecado julgou contra

th.n a`marti,an evn| sarki,(
o pecado em a carne,

⁴ i[na to. dikai,wma tou/ noptwqh/|evn h`mi/n toi,kata sa,rka peripatou/sin
a fim de que a ordenança da Lei seja cumprida em nós os não segundo carne que andamos em volta

avlla. kata. pneu/ma
mas, pelo contrário, segundo Espírito.

O que era pois, impossível à Lei fazer, por estar enfraquecida através da carne, Deus o fez, tendo enviado o Seu próprio Filho na semelhança de carne pecaminosa, como oferta pelo pecado, e Ele condenou o pecado na carne, a fim de que a ordenança da Lei fosse cumprida em nós os quais não andamos segundo a carne, mas, pelo contrário, andamos segundo o Espírito.

“O que era pois, impossível à Lei fazer, por estar enfraquecida através da carne, Deus o fez...”. Temos aqui a base da liberdade dos crentes, a saber o que Deus fez por nós. A Lei fora incapaz de nos prover salvação, não por culpa dela, mas, por culpa da nossa natureza pecaminosa que é incapaz de cumprir a Lei plenamente.

E o que Deus fez por nós? A resposta é “...tendo enviado o Seu próprio Filho na semelhança de carne pecaminosa...”. Comentando esse verso F.F.Bruce diz¹⁷¹:

“As palavras foram escolhidas cuidadosamente. ‘Em semelhança de carne’ é expressão que, isoladamente, seria docética¹⁷². A essência da mensagem apostólica é que o Filho de Deus veio

¹⁷⁰ (HENDRIKSEN, 2001, p. 328).

¹⁷¹ (BRUCE, 2005, p.130).

'em carne', e não meramente 'em semelhança de carne'. Paulo podia ter dito simplesmente 'em carne', mas quis salientar que a carne humana foi a esfera em que o pecado conquistou um ponto de apoio e dominou a situação até aproximar-se a graça de Deus. Por isso não diz simplesmente 'carne', mas 'carne pecaminosa'. Mas dizer que o Filho de Deus veio 'em carne pecaminosa' implicaria em que havia pecado nele, ao passo que (como o coloca Paulo em outro lugar), Ele 'não conheceu pecado' (2Co.5.21). Daí é descrito como sendo enviado 'em semelhança de carne pecaminosa'".

A vinda de Jesus ao mundo é a prova mais concreta de que um dia Deus experimentou em Si mesmo as dores e desditas do homem. Todas as filosofias almejavam que um de seus deuses viessem aqui. Somente o Evangelho tem o privilégio de dizer que tal desejo aconteceu de verdade. Contudo, devemos sempre lembrar que não foi por nossa vontade que Deus enviou o Seu Filho, mas, sim, pela Sua única e exclusiva vontade.

"...como oferta pelo pecado...", ou seja, para tratar com o pecado, o nosso pecado. Sabemos que o pecado gerou uma dívida a qual jamais poderíamos pagar plenamente (e até mesmo em parte). Por isso Jesus se ofereceu para quitar essa dívida.

"...e Ele condenou o pecado na carne, a fim de que a ordenança da Lei fosse cumprida em nós". O substantivo dikai,wm também pode ser traduzido por *requerimento*. A Lei fez um requerimento, deu uma ordem, veja Lv.19.18; Dt.6.5; Mq.6.8; Mt.22.35-40.

Foi na "carne" de Cristo, Sua natureza humana (e nunca, pecaminosa!) que Deus condenou e puniu os pecados e Seu povo. No lugar do Seu povo que Cristo suportou a ira de Deus contra o pecado. O propósito e resultado da obra de Cristo, de redenção, foi que Seu povo, por meio da operação do Espírito Santo, em seus corações e vidas, se esforçasse, e estão se esforçando, por cumprir o justo requerimento da Lei. Movidos por gratidão, e em resposta ao derramamento do amor de Deus, eles agora amam a Deus e a seu semelhante. Por esta razão nós "...não andamos segundo a carne, mas, pelo contrário, andamos segundo o Espírito". O crente busca viver em santidade de vida tão somente para trazer alegria e prazer ao coração de Deus e não por medo de ser fulminado por Ele a qualquer momento.

(8.5-8)

⁵ oi` ga.r kata. sa,rka o;ntej.ta. th/j sarko.j fronou/sin(oi` de. kata. pneu/ma ta.
Os pois segundo carne que são as da carne colocam a mente, os porém, segundo Espírito as

tou/ pneu,matojÁ
do Espírito.

⁶ to. ga.r fro,nhma th/j sarko.j qa,natojé.to fro,nhma tou/ pneu,matojÁ w bivr,h,nh
A pois, cogitação da carne morte, a porém cogitação do Espírito vida e paz.

⁷ dio,ti to. fro,nhma th/j sarke.j qra eivj qeo,n(tw/| ga,r mw| tou/ qeo,ué
porquanto a cogitação da carne inimizade para com Deus, à pois, Lei de Deus não

u`pota,sseta(úvde. ga.r du,hatai
é posta em sujeição, nem pois pode.

⁸ oi` de. evnsarki. o;ntej qew/þvre,sai ouu,nantaiÁ
Os porém em carne que estão a Deus agradar não podem.

Porque os que vivem segundo a carne, põem sua mente nas coisas que são da carne; porém, os que vivem segundo o Espírito, põem sua mente nas coisas que são do Espírito. Ora, a

¹⁷² O Docetismo (uma vertente do Gnosticismo) foi uma heresia do século II que afirmava que o Cristo *apareceu* (do grego *doke,w* aparecer, parecer) na pessoa de Jesus, mas que Jesus nunca foi realmente um ser humano físico (cf. OLSON, 1999, p.37).

mentalidade da carne é morte, porém, a mentalidade do Espírito, vida e paz; porquanto a mentalidade da carne é inimizade contra Deus, pois não é posta em sujeição à Lei de Deus, e nem pois, pode fazê-lo. Os que, porém, estão na carne não podem agradar a Deus.

Duas classes de pessoas são apresentadas aqui: os que andam segundo a carne e os que andam segundo o Espírito. O conteúdo dos v.5-8 está estreitamente ligado ao do v.4.

O verbo *fronou/siñfrone*,¹⁷³ significa “*pensar, colocar a mente ou o coração em alguma coisa. Denota a ação total da personalidade humana – sentimentos, vontade e razão*”¹⁷³. A pessoa que vive assim geralmente está interessada nas coisas da carne, fala das coisas da carne, e se compromete e se gloria das coisas da carne, ou seja, as coisas relacionadas com sua natureza pecaminosa. Aquela justificativa de que “*a carne é fraca*” que é apresentada por muitos, além de ser uma distorção das Escrituras¹⁷⁴ é totalmente irresponsável, pois quando uma pessoa vive deliberadamente na carne é porque deu vazão à sua carnalidade, à sua mentalidade carnal. Aqui o sentido de “*carne, carnal*” é bem diferente do sentido apresentado em 7.14. Ali Paulo lamenta a situação em que vive todo o homem, ou seja, num corpo contaminado pelo pecado; aqui ele se refere aos que além de viverem num corpo contaminado pelo pecado ainda se deleitam no pecado.

Os que “*...vivem segundo a carne...*” permitem que sua vida seja dominada e guiada pela sua natureza pecaminosa, ao passo que os que “*...vivem segundo o Espírito...*” buscam com todo o seu ser, concentram suas forças e atenção, se especializam em tudo quanto é amável ao Espírito Santo.

Paulo aponta aos crentes romanos que é impossível viverem sujeitos à carne e agradar a Deus, isso porque uma vida entregue à mentalidade carnal ou “*mentalidade da carne*” (*fronhma th/j sarkoñ*) constitui-se inimizade (*e;cqrã*) contra Deus (Tg.4.4).

Além disso, a “*mentalidade da carne é morte*” enquanto que a “*mentalidade do Espírito, vida e paz*”. Isso não quer dizer que o crente nunca mais terá tristezas e dissabores em sua vida. Aliás, quanto mais o crente viver submisso ao Espírito Santo, mas, consciência de seu pecado ele terá, e quanto mais consciência de seu pecado tiver, sentirá uma santa tristeza pelo seu pecado que entristece a Deus. É preciso renunciar essa idéia muito difundida em nossos dias de que o crente é uma pessoa que está isenta de lutas, dores e aflições. A vida do crente não é tão simples (só o será se ele não der a mínima para o seu pecado!). Antes, é extremamente complexa. O exemplo de Davi, Pedro, João Marcos e outros nos mostram como é difícil seguir a Cristo. Há um constante conflito que é travado em nosso coração (Rm.7) entre querer fazer a vontade de Deus e não fazer a vontade da nossa carne.

É bom lembrar que o crente não tem *dupla personalidade*, mas sim, seu coração (sua mentalidade) está nas coisas de Deus, mas, por viver neste mundo corrompido pelo pecado, ainda sofre suas terríveis influências. Textos como Sl.73; 77; Gl.5.17; Ef.4.22ss; 6.10ss e Hb.12.4 mostram a luta do servo de Deus. Contudo, em meio a tudo isso, o crente desfruta da “*vida e paz*” que advêm da “*mentalidade do Espírito*”, ou seja, de uma vida subordinada ao Espírito Santo. Sim, o crente tem vida, a vida eterna que lhe foi dada por meio de Cristo lá na cruz, vida esta que ele desfruta desde já, a qual lhe produz também a paz, a qual não é ausência de problemas, mas sim, a segurança em meio a eles. Além disso, como já foi dito em Rm.5.1, a Justificação que nos foi imputada através de Cristo nos leva a ter paz com Deus, uma vez que outrora éramos Seus inimigos por causa do pecado. Quem vive subordinado ao Espírito é amigo de Deus. Quem vive subordinado à sua natureza pecaminosa é incapaz de agradar a Deus, pois tal mentalidade carnal “*não é posta em sujeição à Lei de Deus, e nem pois, pode fazê-lo. Os que, porém, estão na carne não podem agradar a Deus*”.

(8.9-11)

¹⁷³ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.268).

¹⁷⁴ Quando o Senhor Jesus disse que “*a carne é fraca*” (Mt.26.41) referia-se ao fato de que a carne é fraca para orar e não para pecar. Aliás, para o pecado a carne se mostra muito forte, como fica muito claro em Rm.7.

⁹ u`mei/de. ouvke;steevnsarki. avlla.evnpneu,mati;ei;per pneu/mateou,bivkei;evn u`mi/nã
Vós porém, não estais em carne mas em Espírito, pois, de fato Espírito de Deus habita em vós.

eiv de, tij pneu/maristou/ouvke;cei(utoj ouvk e;stin aurtou/ã
Se, porém, alguém Espírito de Cristo não tem, este não é Dele.

¹⁰ eiv de. Cristo.j evn u`mi/n(ne.n sw/ma nekrodia. a`martian to. de.
Se, porém, Cristo em vós, o por um lado corpo morto em razão de pecado o por outro lado

pneu/mawh. dia. dikaiosuhnã
Espírito vida em razão de justiça.

¹¹ eiv de. to. pneu/mateou/evgei,rantoj to.n Vlhseuk/nnekrw/rovkei/ evn u`mi(engei,raj
Se porém, o Espírito do que levantou o Jesus dentre mortos habita em vós, O que levantou

Cristo.n evk nekru/n zw|opoikse; ta. qnhta.sw,mata u`mvia tou/ evnoikou/ntoj
Cristo dentre mortos fará vivos também os mortais corpos de vós através de O que habita em

aurto;pneu,matoj evn u`mi/nã
Dele Espírito em vós.

Entretanto, vós não estais na carne, mas, no Espírito, pois, de fato o Espírito de Deus habita em vós. Se, porém, alguém não tem o Espírito de Cristo, este não é Dele. Se, porém, Cristo está em vós, por um lado o corpo está morto por causa do pecado, mas, por outro lado, o Espírito é vida por causa da justiça. Se, porém, o Espírito Daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos habita em vós, Este que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida aos vossos corpos mortais através do Seu Espírito que habita em vós.

Podemos entender essas palavras à luz do seu contexto imediato assim: “Vocês, em forma de contraste, não estão basicamente sob controle da natureza humana pecaminosa, mas do Espírito. Portanto, vocês não são incapazes de agradar a Deus, uma vez que o Espírito de Deus está habitando em vocês. (Se houver alguém que, por meio de sua vida e ações, revela não possuir o Espírito de Cristo, tal pessoa não pertence a Cristo. Ela não é de forma alguma uma cristã). Mas, se Cristo está vivendo em vocês, então, ainda que em decorrência do pecado o corpo esteja morto, apesar disso, em virtude de já estarem justificados, o Espírito, a própria Vida, está vivo dentro de vocês. E se esse Espírito, a saber, o Espírito Daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, está habitando em vocês, então quem ressuscitou a Cristo dentre os mortos comunicará, no dia da ressurreição, vida também a seus corpos mortais. Ele o fará por meio do Espírito que está habitando dentro de vocês”¹⁷⁵.

“Entretanto, vós não estais na carne, mas, no Espírito...”, amorosamente, Paulo fala aos crentes romanos que eles não estão na mesma categoria daqueles que “...estão na carne...” e, portanto, “...não podem agradar a Deus” (v.8), pelo fato de que eles (os crentes romanos) estão “...no Espírito...”.

“...pois, de fato o Espírito de Deus habita em vós...”. A conjunção subordinada ei;per traz alguma dificuldade de interpretação. Essa conjunção se refere a uma condição cumprida. Pode ser traduzida por “visto que” ou “visto que realmente”, ou ainda por “pois, de fato”. Em vista do que o apóstolo diz sobre eles em 1.6,8; 15.14, essa conjunção ser traduzida por “se, de fato” contradiz tudo o que Paulo falou a respeito deles. O próprio início do v.9 confirma isso, pois como Paulo declararia com tanta convicção que o Espírito habitava neles e agora, imediatamente, coloca e dúvida?

“Se, porém, alguém não tem o Espírito de Cristo, este não é Dele”. A condição sine qua nom para alguém pertencer a Cristo é ter o Espírito de Cristo habitando em si. Partindo da

¹⁷⁵ (HENDRIKSEN, 2001, p.334).

coletividade para a *individualidade*, Paulo mostra que mesmo uma igreja demonstrando estar em Cristo e sendo habitação do Espírito Santo, pode ocorrer que algumas (ou várias) pessoas individualmente, mesmo estando dentro dessa atmosfera santa da presença do Espírito, não tenham ainda o Espírito habitando em seus corações. Daí a necessidade de auto-exame¹⁷⁶.

“Se, porém, Cristo está em vós, por um lado o corpo está morto por causa do pecado, mas, por outro lado, o Espírito¹⁷⁷ é vida por causa da justiça”. Não só é verídico que, por causa do pecado, o corpo de cada um de vocês está obrigado a morrer, mas é também verídico que, visto que vocês já estão justificados, podem estar certos do fato de que o Espírito, que é Vida e o Autor da vida, está habitando dentro de vocês.

“Se, porém, o Espírito Daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos habita em vós, Este que ressuscitou a Cristo dentre os mortos também dará vida aos vossos corpos mortais através do Seu Espírito que habita em vós”. Aqui temos uma das promessas mais maravilhosas de Deus para nós. Ouvimos aqui um eco de Rm.5.20: “...onde, porém, abundou o pecado, superabundou a graça”. Onde o pecado atuou impondo ao nosso corpo o flagelo da morte, não precisamos nos preocupar e nem mesmo ficar desesperados, pois, o Espírito de Deus que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, não somente habita em nós como também, pelo fato Dele habitar em nós, temos a garantia de que Ele nos ressuscitará no Dia do Senhor. Assim, não é a Morte, mas sim a Vida que tem a última palavra, a palavra decisiva sobre nós.

Uma outra verdade que merece nossa atenção aqui, é a existência da Santíssima Trindade. Embora não seja este o objetivo principal de Paulo aqui neste texto, mas, a encontramos claramente nas expressões “Espírito de Deus” e “Espírito de Cristo”. A nossa Justificação, Santificação e Salvação Eterna é resultado da inter-relação do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

De tempos em tempos encontramos movimentos “evangélicos” que tendem a atribuir interesse desproporcional a uma das pessoas da Trindade. As Testemunhas de Jeová, por exemplo, concentram toda sua atividade em torno da pessoa do Pai. A seita, “O Tabernáculo da Fé”, nega abertamente as outras pessoas da Trindade, o Pai e o Espírito Santo, afirmando que só Jesus é Deus. Movimentos “evangélicos” mais recentes, como algumas comunidades neopentecostais concentram seu louvor ao Espírito Santo. Essa “fragmentação” além de ser herege, é totalmente prejudicial ao verdadeiro conhecimento de Deus levando as pessoas para longe do que a Bíblia realmente ensina.

(8.12,13)

¹² :Ara ou=névdelfoi,(ovfeile,tai evsme.n ouv th/|karak. stavka zh/n(

Conseqüentemente, portanto, irmãos, devedores somos não à carne do segundo carne viver,

¹³ eiv ga.r kata. sa,rkazh/te(me,lleteavpoqnh,|skeim de. pneu,mati ta.j pra,xéju/

se, pois, segundo carne viveis, haveis de morrer; se porém em Espírito as práticas do

¹⁷⁶ A Igreja Católica Romana afirma que a salvação da pessoa depende dela estar na Igreja, como se a Igreja fosse um escudo, uma redoma protetora. As Escrituras mostram que isso é um grotesco engano. A pessoa precisa estar em Cristo, e isso significa literalmente, Cristo estar dentro da pessoa (o mesmo que Espírito Santo habitando dentro da pessoa), para que esta seja salva. A Igreja de Cristo, a verdadeira Igreja, é composta de conversos sinceros que muito mais do que estarem sob uma organização estão num Organismo Vivo.

¹⁷⁷ A palavra *Espírito*, que ocorre no versículo 10, não deve ser grafada com um "e" minúsculo, como se a referência fosse a qualquer entidade invisível de uma pessoa, mas com "E" maiúsculo, pois o apóstolo está falando definitivamente do Espírito Santo. Prova: (1) Em todos os oito exemplos precedentes de seu uso (vv. 1-9), a palavra pneu/~~ma~~ palavra grega tanto para o Espírito divino quanto para o humano) se refere ao Espírito Santo. No v.11, o apóstolo se refere duas vezes a esse Espírito ("o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos", "seu Espírito que habita em vocês"). Seria, antes, estranho, se o pneu/~~ma~~ (aqui no v.10) tivesse um significado diferente. (2) O pneu/~~ma~~ v.10 é retomado no v.11. Note a semelhança: o v.11 refere-se ao Espírito que comunica vida, naturalmente o Espírito Santo. Isso corresponde a pneu/~~ma~~ (Espírito de Vida) do v.10. (3) Também no v.2 do presente capítulo, o Espírito Santo é chamado "o Espírito de vida". Semelhantemente em Jo.14.6, Jesus chama a si mesmo de "a vida" (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.335).

sw,matopjanatou/te(zh,sesqeÅ
corpo fazeis morrer, vivereis.

Conseqüentemente, irmãos, somos devedores, não à carne para vivermos segundo a carne, pois, se viverdes segundo a carne, haveis de morrer; se, porém, pelo Espírito fizerdes morrer as práticas do corpo, vivereis.

A obra da salvação é do começo ao fim de Deus. Isso tem ficado claro desde o começo dessa carta (e em toda Escritura). Contudo, o homem não é um mero objeto inanimado que não tem qualquer participação. Vida com Deus é um *relacionamento*. Os crentes são chamados a agirem. Têm obrigações a cumprir; apesar disso, não podem fazer isso por sua própria força. Como farão? Como já foi indicado “*pelo Espírito*”.

Paulo chama a atenção para essa verdade dizendo :Ara ou=que se traduzido literalmente seria “*portanto, portanto*”, enfatizando o que ele já disse e preparando para que ele vai dizer. Por isso traduzimos por “*Conseqüentemente*”.

Pelo fato do Espírito Santo habitar o nosso coração, “*conseqüentemente... somos devedores...*”, ou seja, temos uma obrigação, não para com a “*carne para vivermos segundo a carne*”, isso indica que os grilhões que ela nos impunha foram desfeitos pela Graça de Deus e que agora, o nosso Senhor é o próprio Deus. Não devemos qualquer favor à carne pois foi por causa dela que a lei tornou-se incapaz de nos salvar (8.3). Uma vida pautada pela carne conduz à morte “*se viverdes segundo a carne, haveis de morrer*”.

Então entra em cena a nossa participação, a qual aponta para a nossa perseverança diante de Deus, pois “*se, porém, pelo Espírito fizerdes morrer as práticas do corpo, vivereis*”. Em nossa luta contra a carne não devemos ser tolos de achar que é com nossas forças que conseguiremos mortificar, matar, fazer morrer nossos desejos carnis, “*as práticas do corpo*”. É tão somente “*pelo Espírito*” que podemos vencer nossa natureza pecaminosa. Eis porque a santificação não é um esforço isolado e solitário do crente, mas, é sim, antes e acima de tudo, obra do Espírito Santo em seu coração. Os que vivem segundo a carne, caminham a passos largos para a morte; em agudo contraste, os que vivem pelo Espírito, estão fazendo morrer a carne e, assim, caminhando para a Vida Eterna.

(8.14)

¹⁴ o[soi ga.r pneu,matqeu/ a:gontai(ouoi ui`oi. qeu/eivsinÅ
Quantos pois, por Espírito de Deus são conduzidos, estes filhos de Deus são.

Pois todos quantos são conduzidos pelo Espírito de Deus, estes são filhos de Deus. As pessoas que estão mortificando sua natureza pecaminosa são capazes de o fazer porque sendo filhos de Deus, estão sendo constantemente guiadas pelo Espírito Santo.

Obviamente, quando Paulo afirma que “*todos quantos são conduzidos pelo Espírito de Deus, estes são filhos de Deus*” não está se referindo a um grupo seletivo dentre os crentes, ou a situações como as descritas no livro de Atos como o episódio em que Pedro foi liberto da prisão e acompanhado pelo anjo (At.5.18,19). Aqui Paulo se refere a todos os servos de Deus, redimidos e lavados no sangue do Cordeiro, que em todas as situações da vida “*são conduzidos pelo Espírito de Deus*”.

A direção do Espírito na vida do crente também indica *santificação*. É uma ação constante como indica o próprio a:gontaique está no tempo presente trazendo a idéia de continuidade “*estão sendo conduzidos*”. Não apenas em momentos difíceis, mas em todo o tempo. Ela é também corretiva, como indica o contexto o qual fala da luta contra a carne, pois é por meio do Espírito que o crente vence as “*práticas do corpo*” (v.13).

A direção do Espírito não apenas dirige, mas, também *controla*. Ele faz muito mais que apontar o caminho para que o crente siga. Ele aponta para Jesus, mas não só isso, Ele também

exerce influência controladora sobre o crente conduzindo-o, por fim , à glória. Isso não quer dizer que Ele atua de forma sufocante não dando qualquer espaço para o homem decidir. Como disse Benjamin Warfield: “*Ainda que seja verdade que o Espírito Santo é quem nos ajuda no caminho e, por fim, nos conduz até o alvo, somos nós quem dá cada passo no caminho; nossos membros é que se tornam exaustos com o trabalho; nosso coração é que desfalece... nossa fé é que reanima nossa força abatida, nossa esperança que instila nova coragem em nossa alma, quando lutamos para subir as escarpas mais altas*”¹⁷⁸.

(8.15,16)

¹⁵ ouvga.r evla,betepneu/maoulei,aj pa,lin eivj fo,bon avllaevla,betpneu/ma

Não, pois recebestes espírito de escravidão de novo para temor mas recebestes espírito

ui`oqesi,aj evn w| kra,zomeabba o` path,rÅ

de posição de filho em o qual bradamos: Abba! O Pai.

¹⁶ aurtoto. pneu/maummarturetw/| pneu,mati hortivvsmen te,keou/Å

Próprio o Espírito testemunha junto ao espírito de nós que somos filhos de Deus.

Porque não recebestes outra vez espírito de escravidão para temor, mas recebestes espírito de adoção, o qual nos leva a clamar: Abba, Pai!O próprio Espírito testemunha junto ao nosso espírito que somos filhos de Deus.

Os que são conduzidos pelo Espírito Santo, não são escravos, mas filhos. Não vivem mais com medo pois, foram adotados na família de Deus.

Os estudiosos levantam a seguinte questão: quando Paulo menciona *adoção*, ele tem em sua mente a prática greco-romana de adoção, ou a judaica? Não vamos nos deter nos detalhes dessa discussão. Basta-nos entender que o *termo* e a *condição legal* foram tomados por empréstimo da prática romana, mas a *essência*, da revelação divina no antigo Testamento.

O crente não vive mais com medo em seu coração, pois, agora que recebeu a adoção, ou seja, foi elevado à posição de filho de Deus desfruta de “*vida e paz*” (8.6). O substantivo ui`oqesi,aj indica uma *nova relação familiar com todos os direitos, privilégios e responsabilidades*¹⁷⁹.

Passando da segunda para a primeira pessoa do plural, Paulo diz: “*o qual nos leva a clamar: Abba, Pai!*”. Essa forma do termo *Abba*, era originalmente usada pelas criancinhas (o que explica o uso de te,knam vez de u`io final do verso e no v.21). Mais tarde tornou-se mais amplo em seu uso. Foi essa palavra que Jesus usou no Getsêmani em Seu clamor ao Pai (Mc.14.36). Ela expressa ternura, confiança e o amor filiais de forma combinada. Essa palavra é de origem aramaica, por essa razão, Paulo acrescenta sua tradução para o grego imediatamente: “*Abba, Pai*” (abbao` path),r

“*O próprio Espírito testemunha junto ao nosso espírito que somos filhos de Deus*”. Alguns traduzem essas palavras assim: “O próprio Espírito assegura a nosso espírito que somos filhos de Deus”, o que indica que há uma só testemunha de nossa filiação, a saber, o Espírito Santo. Contudo, o verbo summarture (summarture) significa literalmente “*dar testemunho com alguém, confirmar (firmar com), testemunhar em apoio a alguém*”. Usado nos papiros onde a assinatura de cada testemunha é acompanhada pelas palavras “*Testemunho junto com... e selo junto com...*”¹⁸⁰. Além disso, na cultura judaica, um testemunho só tinha valor quando confirmado no mínimo por duas testemunhas. Esse costume encontramos nos primórdios da Igreja Cristã (Mt.18.15-20).

Precisamente como o Espírito faz isso Paulo não indica. O que podemos afirmar é que o Espírito testifica juntamente com nossa consciência regenerada, exercendo influência direta no

¹⁷⁸ (in HENDRIKSEN, 2001, p.342).

¹⁷⁹ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.269).

¹⁸⁰ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.269).

nosso coração e mente (Gl.4.6). Também podemos entender que Ele opera *aplicando a Palavra* ao nosso coração e mente individual e coletivamente, isto é, na Igreja.

Diante de tudo isso não podemos nos esquecer que apesar de pecadores e inimigos de Deus, Ele nos adotou em Sua família, daí podermos dizer como João: *“Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus”* (1Jo.3.1).

(8.17)

¹⁷eiv de. te,kna(kaklhrono,mòklhrono,moi me.n qeou/(sugklhrono,moi
Se, porém, filhos, também herdeiros, herdeiros por um lado de Deus, herdeiros junto

de. Cristou/(ei;per sumpascomeni[na kai. sundoxasomēna
por outro lado, de Cristo, se, de fato sofremos junto com para que também sejamos glorificados juntamente com

Se, porém, somos filhos, também somos herdeiros, por um lado, herdeiros de Deus, por outro lado, co-herdeiros com Cristo, visto que (agora) sofremos juntamente com Ele, para que também sejamos glorificados juntamente com Ele.

Paulo fala da nossa relação com Deus em termos de um “testamento”, de uma “herança”. Temos aqui a figura do Autor (Testador), quem não deixa dúvida alguma de quem Ele é – é o próprio Deus –, a figura do herdeiro – Cristo e os outros filhos de Deus que foram recebidos por adoção, e a própria herança – os sofrimentos com Cristo e por causa Dele e a glorificação que nos aguarda nos céus.

O caráter dessa Herança está estreitamente ligado ao caráter do Testador; assim como o Testador é eterno, Sua herança também é. Começa nessa vida presente e perpassa toda a eternidade. Um item muito importante a ser destacado é que a experiência humana quanto às heranças deste mundo, mostra a insatisfação dos herdeiros. O que jamais acontecerá com a herança que haveremos de receber de Deus, pois, depois de tudo, quando adentrarmos aos portões celestiais ainda diremos como o salmista: *“Caem-me as divisas em lugares amenos, é mui linda a minha herança”* (Sl.16.6).

Contudo essa herança começa a ser desfrutada nesta vida, ela é eterna, ou seja, para a vida futura. Outra verdade sobre essa herança é que ela é para ser desfrutada *juntamente com Cristo*. Ainda devemos ressaltar que essa bendita herança não diz respeito somente à alma, mas, também ao corpo no que tange à ressurreição (1Co.15.49).

Se somos filhos, não mais somos inimigos; se somos filhos, não mais somos escravos; se somos filhos, então somos herdeiros, sim *“herdeiros de Deus... co-herdeiros com Cristo”*. No v.16, foi levantada a questão sobre como saber se sou ou não sou filho de Deus. Parte da resposta já foi dada, a saber, o testemunho interno do Espírito junto com o nosso espírito. Se pairava alguma dúvida sobre existir apenas uma testemunha (o Espírito Santo), em vez de duas, aqui no v.17 encontramos respaldo para afirmarmos que existem duas testemunhas: o Espírito Santo juntamente com o nosso espírito. O restante da resposta está nas palavras: *“visto que (agora) sofremos juntamente com Ele, para que também sejamos glorificados juntamente com Ele”*, ou seja, na medida em que estivermos dispostos a sofrer por causa de Cristo quando a necessidade exigir isso de nós. Não podemos nos esquecer de que *“Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos”* (1Tm.3.12), e *“Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele”* (Fp.1.29).

(8.18)

¹⁸Logi,zomai ga.r o[tiuvk a;xia ta. paqh,matōu/nu/n kairou/ pro.j th.n me,llousan
Considero, pois, que não dignos os sofrimentos do agora tempo fixado para com a que está para

do,xan avpokalufqh/nēivj h`ma/jĀ
glória ser posta a descoberto para nós.

Pois considero que os sofrimentos deste tempo presente não são comparáveis com a glória que está para ser revelada em nós. Se os sofrimentos desta vida, ainda que sejam por causa de Cristo, nos forem difíceis e penosos, não é neles que o nosso olhar deve estar, mas, sim na glória que nos aguarda, a qual será revelada em nós, ou seja, a glorificação do nosso corpo o qual será transformado num corpo glorioso semelhante ao de Cristo (Fp.3.21).

Nossa mente é muito habilidosa em fazer comparações. Mas, aqui estão dois elementos que não podem ser comparados (literalmente, colocados cada qual num dos lados de uma balança para ver se seus pesos se equivalem), “os sofrimentos deste tempo presente” e a “glória que está para ser revelada em nós”. Geralmente, temos o costume de *compensar* alguém por uma perda. Nessa compensação procuramos dar o valor exato. No que tange aos sofrimentos dessa vida eles não podem (não são dignos de ser) comparados com a glória que nos aguarda. Se os sofrimentos desta vida (literalmente) deterioram nosso corpo, a glória eterna que será revelada neste corpo que sofreu neste mundo, mostrará mais uma vez a superabundante Graça de Deus.

(8.19-27)

¹⁹ h` ga.r avpokaradoki,ath/j kti,sewj th.n avpoka,luyin tw/n ui`w/n tou pectou,zetai
A, pois palpitante expectativa da criação a revelação dos filhos do Deus espera ansiosamente.

²⁰ th/| ga.r mataio,thti h` ktisijeta,ghouvc e`kou/saavlla. dia. to.n u`pota,xanta(
à pois vaidade a criação ficou sujeita, não de próprio querer mas por causa o que a sujeitou

evfV e`lpi,di
sobre esperança

²¹ o[ti kai. auvth` kti,sij evleuqerwqh,setai avpotei/aj th/fqora/j eivj
porque também própria a criação será libertada de a escravidão da corrupção para

th.n evleuqeri,an th/j do,xhj tw/n te,knwn tou/ qeou/Å
a liberdade da glória dos filhos de Deus.

²² oi;damen ga.r o[ti pa/sa h` ktisijstena,zei kai. sunwdi,nei a;cri
Sabemos pois que toda a criação geme conjuntamente e está conjuntamente em dores de parto até

tou/nu`n
o agora.

²³ ouv mo,non de,(akla. auvtoi. th.n avparch.n tou/ pneu,matoj e;contej(h`mei/j.
Não somente, porém, mas também (nós) próprios a primícia do Espírito tendo, nós

kai. auvtoievn e`autoi/jstena,zomenui`oqesi,an avpekdeco,mendij.n avpolu,trwsin
também próprios em nós mesmos gememos posição de filhos esperando ansiosamente o resgate de

tou/ sw,matoj h`mw/nÅ
o corpo de nós.

²⁴ th/|ga.r evlpi,di evsw,qhmen evlpi.j de. blepome,nh ouvk e;stij o] ga.r ble,pei
Na , pois, esperança fomos salvos; esperança porém, que é vista não é esperança; que pois vê

ti,j evlpi,zei
quem espera?

²⁵ eiv de. o] ouvble,pomen evlpi,zomen u`pomnh/j avpekdeco,meqaÅ
Se, porém que não vemos esperamos, através de paciência esperamos ansiosamente.

²⁶ ~Wsau,twj de. kai. to. pneu/ma sunantilamba,netai th/| avseuqerh,mw/n
De igual modo porém, também o Espírito auxilia em à fraqueza de nós; o, pois, que

proseuxw,meda qo. dei/ ouvk oi;damen(avla uvtoto. pneu/ma u`perentugca,nei
temos orado assim como é necessário não sabemos, mas mesmo o Espírito intercede

stenagmoi/j avlalh,tolj
com gemidos não pronunciáveis;

27 o` de. evraunw/n ta.j kardi,aj oi,den. fro,nhma tou/ pneu,matojkata. qeo.n
O, porém examina os corações sabe qual a cogitação do Espírito, porque segundo Deus

evntugca,nei`pe.r a`gi,wnA
intercede em favor de santos.

Pois em grande expectativa a criação espera ansiosamente a revelação dos filhos de Deus, pois a criação ficou sujeita à vaidade, não por seu próprio querer, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança, de que, também a própria criação será libertada da escravidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Sabemos pois, que toda a criação geme e está em dores de parto conjuntamente até agora. E não somente (ela), mas também nós mesmos que temos as primícias do Espírito, também gememos dentro de nós mesmos esperando ansiosamente a nossa adoção, ou seja, o resgate do nosso corpo. Porque, foi na esperança que fomos salvos; esperança porém, que é vista, não é esperança, pois, quem espera por aquilo que vê? Se, porém, não vemos o que esperamos, por meio da paciência esperamos ansiosamente. De igual modo, pois, o Espírito também nos auxilia em nossa fraqueza, pois não sabemos orar como é necessário, mas o mesmo Espírito intercede (por nós) com gemidos não pronunciáveis. Porém, Aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito, porque é segundo (a vontade de) Deus que Ele intercede em favor dos santos.

Podemos sintetizar todo esse belíssimo parágrafo no seguinte tema: *Os três gemidos*, a saber: (1) O gemido da criação (v.19-22); (2) O gemido dos santos (v.23-25); (3) Os gemidos do Espírito Santo (v.26,27).

O gemido da criação (v.19-22). No v.22 é declarado que “*toda a criação geme e está em dores de parto conjuntamente até agora*”. Mas, o que Paulo realmente quis dizer com “*toda a criação*”? Aqui certamente não estão inclusos os anjos bons, visto que eles não se submeteram à vaidade e nunca sucumbiram à corrupção e decadência. Também os anjos maus, Satanás e seus comparsas estão excluídos, pois jamais serão restaurados e libertados de sua prisão (2Pe.2.4; Jd.6). O mesmo se aplica às pessoas que jamais serão salvas, os não-eleitos (2Ts.1.8,9). Até mesmo os eleitos de Deus não estão inclusos aqui, pois a parte que lhes cabe está retratada nos v.23-25. Então resta-nos apenas a criação subumana, ou seja, a natureza. Ela está “*em grande expectativa*”. O substantivo avpokaradokia aqui traduzimos por “*em grande expectativa*” é a junção de três palavras: avpdonge + kara: cabeça + doki,avigiar, ou seja, *alguém que ergue a sua cabeça e vigia o que vem de longe*. Conforme o objeto observado se aproxima, mais ansiedade é gerada em virtude da sua chegada.

Comentando esses versos William Hendriksen afirma¹⁸¹:

“Bela e muitíssimo significativa é a frase “a revelação dos filhos de Deus”. Indica que somente após o dia do retorno de Cristo é que se tornará público o quanto Deus os ama e quão ricamente ele os recompensa. Então, no reino de seu Pai, “os justos resplandecerão como o sol” (Mt 13.43), “como o brilho do firmamento e como as estrelas para sempre e sempre” (Dn.12.3). Estarão em exposição, de modo que todos serão capazes de contemplar o que Deus tem operado por eles e neles. Toda a criação nutre ansiosa expectativa pela revelação dos filhos de Deus porque o evento significará também glória para toda a criação. É preciso ter em mente que “não foi por sua própria escolha” – daí, não foi por culpa dela – que a criação se tornou sujeita à futilidade.

¹⁸¹ (HENDRIKSEN, 2001, p.355).

Não foi a criação irracional que pecou. Foi o homem. E o que sujeitou a criação à futilidade foi Deus. Foi ele que, em razão do pecado do homem, pronunciou maldição sobre ... o que ou quem? Ora, em certo sentido, sobre a criação, mas, num sentido mais profundo, sobre o homem (Gn.3.17-19). Daí, visto que a humilhação da criação não foi por sua culpa, como a passagem especificamente o afirma, ela certamente participará da restauração do homem. O destino da natureza está intimamente ligado ao de “os filhos de Deus”. Eis por que toda a criação é representada como em expectativa para contemplar a revelação dos filhos de Deus”.

Quando Paulo diz que “a criação ficou sujeita à vaidade” é importante entendermos que “vaidade” aqui não quer dizer “orgulho inflamado”. O termo grego aqui (mataio,th) indica que desde a queda do homem as potencialidades da natureza estão tolhidas, restringidas, confinadas. A criação está sujeita a um desenvolvimento reprimido e constante decadência. Ainda que aspire, não é capaz de plena realização. Ainda que se enfore, não atinge o ponto de adequada produção de fruto. Que glorioso dia será aquele quando todas as restrições devidas ao pecado do homem terão sido removidas, e então veremos esta maravilhosa criação atingindo a auto-realização, finalmente chegando à sua própria liberdade, participando de “a liberdade da glória dos filhos de Deus”!

Paulo compara o ardente anseio e expectativa da criação aos gemidos de uma mulher que está no processo de dar à luz uma criança. Por certo, esse gemer indica sofrimento, mas também implica esperança. Como nos lembra Calvino, tais gemidos são as angústias do parto, não as angústias da morte. A adição “conjuntamente” indica que cada divisão desta “toda a criação” participa dessas angústias do parto.

Neste trecho encontramos a belíssima verdade de que toda a natureza será restaurada. É importante lembrarmos que essa doutrina encontra seu eco no Antigo Testamento, e que o conceito de “céu” está muito mais ligado ao *estado de glória* do que à idéia de lugar. Por isso, Deus restaurará toda a criação e os Seus filhos habitarão nesse “Éden restaurado”. Vale lembrar que a Bíblia começa sua narrativa falando de um paraíso e encerra a mesma também falando do paraíso – novos céus e nova terra.

O restante da Escritura fornece alguma informação ulterior sobre o significado do futuro livramento da natureza da escravidão e participação na gloriosa liberdade dos filhos de Deus?

Realmente, fornece! Ela nos informa que o universo está para ser purgado por meio de *uma grande conflagração* (2Pe 3.7, 11,12).

Estreitamente associado com essa conflagração deverá haver um *rejuvenescimento*. O fogo não destruirá o universo. Ele será o mesmo céu e a mesma terra, mas gloriosamente renovados, e nesse sentido *um novo céu e uma nova terra* (2Pe 3.13; Ap 21.1-5). Conseqüentemente, não só subiremos ao céu, mas o céu, por assim dizer, descera a nós, ou seja, as condições para obter-se a perfeição no céu serão encontradas por todo o universo de Deus gloriosamente rejuvenescido.

Podemos também conceber essa maravilhosa transformação como *uma auto-realização*, como já foi explicado.

Finalmente, essa transformação incluirá *harmonização*. Atualmente, a natureza pode ser descrita como sendo “nua e crua”. Estão ausentes a paz e a harmonia. Vários organismos parecem estar operando com propósitos conflitantes: estrangulam uns aos outros até a morte. Mas, então, haverá concórdia e harmonia por toda parte. Por certo que haverá variação, mas também a mais deleitosa combinação de visão e som, de vida e propósito, de modo que o efeito total será unidade e harmonia. A profecia de Isaías 11.6-9 terá atingido seu cumprimento último¹⁸².

O gemido dos santos (v.23-25); toda a criação subumana não apenas geme, mas, ao agir assim, “*nós mesmos*”, diz Paulo, assim incluindo-se a si mesmo e àqueles a quem se dirige na esfera dos que gemem. Ao acrescentar: “*que temos as primícias do Espírito*” ele quer dizer: “*gememos, ainda que possuamos*”, etc, ou “*porque possuímos*”, etc.? Ambos fazem excelente sentido. É possível que ele quisesse dizer: “*Ainda quando já somos muito ricos, avançamos para*

¹⁸² (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.357).

alcançar riquezas ainda mais preciosas". Ou é possível que pretendesse comunicar o pensamento: *"Visto já possuímos o Espírito, estamos convencidos que mais, muito mais, temos ainda em depósito. Portanto, anelamos ardentemente por recebê-lo"*. Em vista do fato de não estarmos certos se essas alternativas eram predominantes na mente do apóstolo, seria bem melhor, *em nossa tradução*, deixar o gerúndio exatamente como está, ou seja, *tendo* ou *possuindo*. Pessoalmente, em harmonia com muitos outros comentaristas, concordo antes com a interpretação concessiva, uma vez que a mesma parece se harmonizar melhor com a idéia de grande surpresa implícita na introdução enfática: *"também nós mesmos ... ainda nós mesmos"*, como a dizer: *"Embora já tenhamos recebido tanto, estamos gemendo dentro de nós por mais"*.

O que significa *"nós mesmos que temos as primícias do Espírito"*? O apóstolo estaria porventura fazendo referência a um certo suplemento do Espírito que fora derramado até agora, com ainda mais do Espírito daqui em diante? Esta é uma opinião bastante popular, especialmente entre as pessoas que amiúde fazem referência à *"segunda bênção"*. Não obstante, ela é errônea.

Não há razão para duvidar-se que o apóstolo, aqui em Rm.8.23, esteja se referindo *ao próprio Espírito Santo*. Que o Espírito mesmo é as primícias ou penhor da salvação subsequente em toda sua plenitude, reservada para os filhos de Deus no Regresso e Cristo. Não há razão para crer-se que o apóstolo se refere a uma coisa em Ef.1.13,14 e a algo distinto aqui em Rm.8.23.

"...também gememos dentro de nós mesmos esperando ansiosamente a nossa adoção, ou seja, o resgate do nosso corpo...". Como se deve entender que até mesmo os cristãos gemem? Não é razoável presumir que o gemer dos filhos de Deus se assemelha ao da natureza (v.22)? Se, pois, o gemido de toda a criação consistia de dois elementos, a saber, **(1)** experimentando dores e **(2)** antecipando em esperança, podemos concluir que o mesmo vale também para os que possuem as primícias do Espírito, os filhos queridos de Deus.

Estará Paulo pensando no fato de que os cristãos compreendem que são ainda muitíssimo imperfeitos? Tão pecaminosos que às vezes clamam: *"Miserável homem que sou! Quem me livrará deste corpo de morte?"* (Rm 7.24)? Que são deveras imperfeitos, é evidente à luz de toda a Escritura. Não obstante, o presente contexto - levando em conta especialmente a combinação *dor e esperança* - aponta também numa direção diferente. O próprio fato de que os filhos do próprio Deus agora possuem - ou seja, são habitados por - o Espírito Santo, faz nascer dentro deles um doloroso senso de ausência. O que eles já possuem os faz famintos por mais, ou seja, pela salvação em toda sua plenitude. É nesse sentido que dor e esperança são aqui combinadas.

Mesmo agora os crentes se encontram adotados como filhos de Deus (8.15, 16). Mas, em outro sentido, estão ainda aguardando por sua adoção. Estão aguardando pela exibição pública de sua condição como filhos de Deus. De direito, seus corpos agora estão ainda sujeitos à morte. Um dia, porém, a alma deles terá sido libertada completamente do pecado e seus corpos terão se transformado de tal modo que se assemelharão ao corpo glorioso do próprio Senhor Jesus Cristo. Por esse grande dia aguardam ansiosamente *em esperança* (Rm 8.11; 1 Co 15.50-55; 2Co 5.2, 3; Fp 3.21; 1Jo.3.2).

"Porque, foi na esperança que fomos salvos". A salvação veio a nós como uma *"promessa de mais a seguir"*. Tais elementos inclusos na salvação, como eleição, vocação, regeneração, conversão básica, fé, justificação e ainda, em parte, santificação, já ocorreram. Ainda por vir estava o progresso ulterior em santificação; e finalmente, na morte, e ainda mais plenamente no regresso de Cristo, glorificação. É evidente, pois, que Paulo escrevesse: *"foi na esperança que fomos salvos"*.

A esperança cristã, contudo, deve ser distinguida da "esperança" da qual falamos na vida diária. Tal esperança em geral equivale a não mais que um desejo de que algo agradável nos suceda, mais a convicção de que ocorra justamente assim. De fato, tal esperança pode freqüentemente ser definida como *"aquilo que antecede ao desapontamento"*. É representada às vezes como um homem que, sentindo que está se afogando, agarra-se a uma palha. A esperança cristã, porém, é *"a âncora da alma, segura e firme, que penetra o interior do santuário, por trás da cortina, onde Jesus entrou como precursor em nosso favor"* (Hb 6.19, 20).

Quanto ao final do v.24 “*esperança porém, que é vista, não é esperança, pois, quem espera por aquilo que vê?*”, torna-se claro diante do que foi dito anteriormente. A esperança cumpre seu papel enquanto o que se espera não é visto. Se alguém contempla o que tanto esperou, não mais tem necessidade da esperança.

A exortação aqui é clara: assim como a *fé* é necessária para apropriarmos da salvação que Cristo mereceu para nós no passado, também a *esperança* é necessária para que tomemos posse das bênçãos futuras.

A conclusão que se segue é: “*Se, porém, não vemos o que esperamos, por meio da paciência esperamos ansiosamente*”. Essas palavras fazem eco a 2Co.4.18. O belíssimo poema de William Cowper, escrito em 1772 diz:

Vós, santos tementes, renovai vosso ânimo;
As nuvens de que tanto receais
Estão cheias de misericórdia e derramarão
Bênçãos sobre vossas cabeças.

Seus propósitos chegarão à perfeição,
Expandindo a cada momento
Para que o botão seja saboroso,
Porém a flor seja ainda mais bela.

Os gemidos do Espírito Santo (v.26,27). Este consiste em três partes: **(1)** sua necessidade, **(2)** seu autor e caráter, e **(3)** sua eficácia.

Quanto à sua necessidade, Paulo aponta para “*nossa fraqueza*”, limitação humana devida à pecaminosidade. Em parte essa fraqueza se deve ao fato de que “*pois não sabemos orar como é necessário*”, não sabemos se a nossa oração está em harmonia com a vontade de Deus. Paulo se inclui entre os que não sabem orar como é necessário. O texto de 2Co.12.7 nos mostra que Paulo não soube pedir segundo a vontade de Deus, pelo menos até a terceira vez em que fez o pedido.

Alguém pode levantar a seguinte questão: Porque não deixar que o Espírito ore por nós? Porque temos nós de orar? A resposta é:

- ✓ um filho de Deus necessita e quer derramar seu coração diante de Deus em oração e ação de graças;
- ✓ o Espírito Santo somente ora nos corações daqueles que oram;
- ✓ Deus ordenou a seu povo que ore e prometeu conceder todos os pedidos que estão em harmonia com Sua vontade;
- ✓ Deve haver muitas orações que não precisam ser contrariadas pelo Espírito.

Quanto ao Seu Autor e caráter, a pergunta é: Como o Espírito nos ajuda? A resposta é: “*mas o mesmo Espírito intercede (por nós) com gemidos não pronunciáveis*”. O verbo *sunantilamba,netairece* considera-se. Ele significa “*estender juntos a mão, ao mesmo tempo que alguém, ajudar, vir em auxílio de alguém*”¹⁸³. A idéia aqui é de alguém que está se afogando e no exato momento em que estende a mão para fora da água, outra pessoa estende a mão em sua direção e a segura firme. Assim o Espírito Santo “*intercede por nós*”.

Mas surge outra pergunta: o que são esses “*gemidos não pronunciáveis*”? Esses gemidos não pronunciáveis são do Espírito Santo.

Entretanto, nem todos os intérpretes concordam com essa conclusão. A fim de provar sua alegação de que esses gemidos são os dos santos, e não os do Espírito Santo, apelam para Gl.4.6, onde o mesmo apóstolo afirma: “*E porque vocês são filhos, Deus enviou o Espírito de seu*

¹⁸³ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.270).

Filho ao coração, que clama: Abba! Pai!”. Eis o argumento adicional: “Ainda quando Paulo parece estar dizendo que o *Espírito* está clamando: Abba! Pai!, ele não pode ter isso em mente, porque Deus não pode ser o Pai do Espírito Santo. Portanto, a verdade é que o clamor não pode ser verbalizado pelo Espírito, e, sim, *pelos filhos de Deus*, embora seja por meio do Espírito. O mesmo deve ser o caso aqui em Rm.8.26b: os gemidos, ainda que sejam atribuídos ao Espírito, que bem poderia ser seu autor, na verdade eles procedem dos filhos de Deus. Eles é que gemem”.

Com o devido respeito para com os que assim arrazoam, devo, porém, discordar. O apelo a Gl.4.6 não é conclusivo. Note as seguintes e significativas diferenças, as quais ao mesmo tempo são razões para se crer que os gemidos são os do Espírito:

- ✓ Aqui em Rm.8.26b Paulo *não* diz: “o Espírito intercede por nós”. Ele diz: “*mas o mesmo Espírito intercede (por nós) com gemidos não pronunciáveis*”, etc. Há, portanto, uma diferença real entre Gl.4.6 e Rm.8.26b.
- ✓ Para tornar seu sentido ainda mais claro, o apóstolo continua dizendo no v.27: “*Aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito*”. Não a intenção dos crentes, mas a *do Espírito*. Exegeticamente, pois, sou forçado a concordar com aqueles que dizem que os gemidos a que se faz referência aqui no v.26 são os do Espírito. A razão real por que certos intérpretes eminentes se recusam a atribuir esses gemidos ao Espírito é antes *teológica* do que exegetica? Não querem atribuir a qualquer uma das três pessoas da Santa Trindade qualidades que parecem ser indignas delas. Às vezes essa razão é expressa com excesso de palavras. E ainda que eu não concorde com sua exegese de Rm.8.26, particularmente com sua relutância em atribuir *ao Espírito* esses gemidos, os honro por seu desejo de permanecerem doutrinariamente íntegros, especialmente num dia e época quando tal integridade é por muitos ridicularizada. A exatidão exegetica, porém, é tão importante quanto a pureza doutrinária. Ambas são necessárias.

Às razões apresentadas para crer-se que os gemidos do v.26 são os do Espírito, devem-se acrescentar as seguintes:

- ✓ Visto que no v.23 Paulo já discutira os gemidos dos santos, é difícil de se crer que ele voltaria a este tema no v.26. Além do mais, as palavras que introduzem o v.26, ou seja, “*De igual modo*”, implicam uma comparação, mais provavelmente entre, por um lado, os gemidos da criação e dos crentes (respectivamente, vv.19-22; vv.23, 24), e, por outro lado, os gemidos do Espírito (vv.26, 27).
- ✓ No v.26, esses gemidos são associados inseparavelmente com a intercessão do Espírito. Essa intercessão é mencionada novamente no v.27. No v.34, o verbo que no versículo descreve a intercessão *do Espírito* é usado em conexão com a intercessão *do Filho*. Se, pois, o v.27 descreve a oração intercessória do *próprio Cristo*, por que a intercessão do v.27 não descreveria a intercessão do *próprio Espírito*, acompanhada de gemidos?

Exatamente o que esse gemido do Espírito Santo indica seria difícil definir. Porventura erramos quando afirmamos que ele significa pelo menos o seguinte: o Espírito ama os santos de forma tão gloriosa que anseia pelo grande dia em que, libertados de toda mancha de pecado, glorifiquem a Deus de eternidade em eternidade na perfeição de santidade e alegria? Ainda que seja difícil provar que as palavras: “*que o Espírito que ele fez habitar em nós compadece-se de nós com ciúme zeloso?*” (Tg.4.5), sejam a melhor tradução do original, todavia podem derramar luz sobre o significado do gemido do Espírito. E porventura não deparamos com expressões altamente semelhantes por meio das quais recebemos um vislumbre do próprio coração de Deus? Veja, por exemplo, o seguinte: “*Como te deixaria, ó Efraim? Como te entregaria, ó Israel? Como te faria como Admá? Como fazer-te um Zeboim? Meu coração está comovido dentro de mim, As minhas paixões, à uma, se acendem*” (Os.11.8).

Se por acaso alguém quiser, pode chamar a declaração: “*mas o mesmo Espírito intercede (por nós) com gemidos não pronunciáveis*”, sublimemente antropomórfica. Todavia, ela expressa uma verdade que dificilmente podemos negligenciar. Se o conhecimento humano retroceder à onisciência divina, e o poder humano, à onipotência divina, é difícil crer que a emoção humana não exprima absolutamente nada de Deus. Segundo a Escritura, Deus não é nenhum Buda,

e o céu, nenhum Nirvana!

Então, Rm.8 ensina que os crentes possuem dois intercessores: o Espírito Santo e Cristo. Cristo efetua sua tarefa intercessória no céu (Rm.8.34; Hb.7.25; 1Jo.2.1), o Espírito Santo, na terra. A intercessão de Cristo se dá fora de nós, a do Espírito Santo, dentro de nós, ou seja, em nosso próprio coração (Jo.14.16,17). Cristo ora para que os méritos de sua obra redentora seja plenamente aplicada aos que nele confiam. O Espírito Santo ora para que as necessidades profundamente ocultas de nosso coração, necessidades essas que nós mesmos às vezes nem mesmo reconhecemos, sejam satisfeitas. A intercessão de Cristo pode ser comparada com a de um pai, o líder da família, em prol de todos os membros da família. A intercessão do Espírito Santo nos lembra, antes, a de uma mãe ajoelhada ao lado do berço de seu filhinho enfermo, e apresentando em sua oração as necessidades do filho diante do Pai celestial.

Quanto à sua eficácia, os gemidos do Espírito Santo que acompanham Sua intercessão por nós, não são infrutíferos. Ele está constantemente examinando nossos corações para ver se estes são capazes de ler a intenção Dele, O qual habita em nós. Os seguintes textos são esclarecedores: 1Sm.16.7; 1Re.8.39; 1Cr.28.9; Sl.139.1,2; Pv.15.11; Jr.17.9,10; At.1.24; 1Co.4.5; Hb.4.13.

Deus, porém, não só *conhece* tudo. O que se enfatiza é que ele sabe que o Espírito está intercedendo *em harmonia com sua própria vontade* (de Deus). Não são o Pai, o Filho e o Espírito Santo *um só* e verdadeiro Deus? Qualquer conflito entre eles é, portanto, impossível. Note-se que o Espírito Santo é conhecido como intercedendo constantemente “*pelos santos*”, ou seja, por aquelas pessoas que têm sido separadas para viverem para a glória do Deus Triúno como revelado em Cristo Jesus.

(8.28-30)

²⁸ Oi;damede. o[ti toi/j avgapw/sin to.n qeo.n pasantegei/ eivj avgaqo,n(toikata
Sabemos porém, que aos que amam o Deus todas operam juntamente para bom, aos segundo

pro,qesinklhtoi/j ou#na
propósito chamados que são.

²⁹ o[ti ou]j proe,gnw(kai. prow,risensummo,rfoutjh/j eivko,noj tou// ui`ou
Porque os quais conheceu antecipadamente também predestinou de igual forma da imagem do Filho

aavto,w/j to. ei=nai avto.n prwto,tokon evn polloi/j avdelfoi/j
Dele, para o ser Ele primogênito em muitos irmãos.

³⁰ ou]j de. prow,risen(tou,toujai. evka,lesenai. ou]j evka,lesen(tou,toujai
Os quais porém, predestinou, estes também chamou; e os que chamou, estes também

evdikai,wsenou]j de. evdikai,wsen(tou,toujai. evdo,xasenA
justificou; os quais porém, justificou, estes também glorificou.

Sabemos, pois que, todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo (o Seu) propósito. Porquanto, aos que conheceu antecipadamente também os predestinou (para serem) conformados à imagem de Seu Filho, para ser Ele o primogênito entre muitos irmãos; e aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que porém, justificou, a estes também glorificou.

Que maravilhosa e belíssima declaração! Estes três versos não podem ser separados, pois se o forem perderão não só sua beleza como servirão para endossar (especialmente o v.28) uma teologia antropocêntrica e egoísta.

Esses versos são uma espécie de sumário de 8.1-27, e também prepara para o grande clímax que se encontra nos v.37-39. Não deve ser desassociada dos v.1-17 para se obter uma correta compreensão.

“Sabemos, pois que, todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a

Deus...” (v.28a). Com certeza, Paulo aqui toma por base a sua própria experiência de vida com Cristo e também textos da Escritura que comprovam tal afirmação (Gn.45.5,7,8; 50.20 é um bom exemplo disso).

O verbo *sunergei*(*sunerge*)¹⁸⁴ indica uma cooperação, trabalhar junto, trabalhar com outro. Alguns têm dificuldade em entender que *coisas* possam cooperar conosco para o nosso bem, especialmente “*todas as coisas*”, pois isso parece atribuir a elas poderes e qualidades de pessoas. Por isso muitos intérpretes traduzem assim: “*Em todas as coisas (ou em tudo), Deus opera para o nosso bem*”. Isso se dá por conta de uma variante textual que acrescenta mais um substantivo (*qeq*) à frase *toi/j avgapw/sin to.n qeo.n sunergei evj avgaqes*, deixando-a da seguinte forma: *toi/j avgapw/sin to.n qeo.n sunergeo` qeojj avgaqes*. Essa variante textual não encontra muito apoio. Contudo, concordamos plenamente que as coisas (as circunstâncias e situações adversas da vida) não *cooperam* sozinhas, como se tivessem vida, consciência e vontade própria. Deus está no comando de todos os eventos, é Ele quem determina as circunstâncias pelo Seu poder, vontade, soberania e sabedoria.

Mas, não podemos nos esquecer: “*todas as coisas*” e não menos que “*todas as coisas*” se harmonizam num esforço conjunto para o nosso bem. Deus não permite só a prosperidade na vida de Seus filhos “*daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo (o Seu) propósito*”; Ele também permite as lutas, as adversidades e os sofrimentos pois é através de “*todas*” essas “*coisas*” que Ele nos revela o Seu maravilhoso propósito. Sim, Ele não faz coisa alguma sem propósito; tudo quanto Ele faz e permite acontecer tem seu propósito.

Outra verdade que o v.28 nos apresenta é que *nós somente amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro* (cf. 1Jo.4.19). Mas, quem são esses “*...chamados segundo (o Seu) propósito*”? São aquelas pessoas cujo coração e mente foram tão plenamente influenciados pelo Espírito Santo que se tornaram cômicas de sua pecaminosidade, começaram a discernir sua necessidade de Cristo e o abraçaram como seu Senhor e Salvador.

Quanto ao *propósito* podemos entender que existem vários propósitos *secundários* em “*todas as coisas*” que “*cooperam para o bem daqueles que amam a Deus*”, mas, com certeza, há somente um *propósito primário* em tudo isso: “*Porquanto, aos que conheceu antecipadamente também os predestinou (para serem) conformados à imagem de Seu Filho*” (v.29).

Esse propósito foi decidido de antemão, antes mesmo de tudo existir. O verbo *proe,gnw* (*proginw,skh*)¹⁸⁵ significa “*saber antes, tomar nota de, fixar a atenção sobre*”, ou seja *um profundo conhecimento não só da situação como das pessoas envolvidas nessa situação*. Aqui devemos ser muito cautelosos. A nossa salvação nem está embasada no fato de Deus *saber de antemão* quem haveria de crer ou não Nele. A presciência divina aqui mencionada indica o *deleite divino ativo*, ou seja, antes de haver qualquer merecimento da nossa parte quanto à nossa salvação, Deus já havia nos *amado* tal como éramos (seus inimigos 5.1) e assim decidiu nos escolher para a salvação (Gn.18.19; Jr.1.5; Jo.10.14,28; 2Tm.2.19; Sl.1.6; Am.3.2; Os.13.5; Mt.7.23; 1Co.8.3; Gl.4.9; 1Jo.3.1 e Rm.11.2). Nós não somos meros objetos da *mera presciência de Deus*, mas, sim, objetos do *Seu deleite ativo*! Sobre a predestinação trataremos com mais profundidade no próximo capítulo.

O verbo *prow,riser*(*proori,zw*)¹⁸⁵ significa “*determinar previamente as fronteiras, determinar previamente o destino, daí, predestinação*”¹⁸⁵. Deus nos predestinou, ou seja, determinou previamente nosso destino, não somente em relação ao céu, à glória eterna. Seu propósito previamente determinado aponta para outra verdade igualmente importante: Ele predestinou, elegeu, escolheu aqueles a quem quis “*(para serem) conformados à imagem de Seu Filho, para ser Ele o primogênito entre muitos irmãos*”. Nos v.19-22 quando abordamos a questão da restauração de todas as coisas, falamos que isso significa o “*Éden restaurado*” novamente. Corroborando com essa interpretação, o v.29 aponta para o Gênesis, quando o homem foi “*criado conforme a imagem e semelhança de Deus*” (Gn.1.26). Com a queda, a *imago Dei* foi distorcida e obliterada pelo pecado. Assim, quando Deus nos predestinou, Ele o fez com o propósito de que a Sua imagem, ou seja, Seu caráter, ficasse impresso em nós, de tal forma que o nosso caráter seja a

¹⁸⁴ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.270).

¹⁸⁵ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.270).

cada dia, cada vez mais parecido com o de Seu Filho Jesus Cristo.

Neste ponto as opiniões se divergem. Essa conformação com a imagem de Seu Filho, é coisa que acontecerá somente no dia da volta de Cristo quando Ele ressuscitará os crentes que morreram e transformará os que estiverem vivos dando-lhes um corpo glorificado semelhante ao Seu, ou se refere a todo o processo de santificação nesta vida culminando com a glorificação no dia da volta de Cristo? Os que apóiam a primeira opinião, atestam que o contexto imediato comprova tal idéia. Mas, sinceramente, o contexto imediato também (e o capítulo 7) corroboram e confirmam também a segundo opinião.

Prefiro a segundo interpretação, a saber que essa *conformação com a imagem de Cristo* refere-se a todo o processo de salvação, que inicia-se com a Justificação, passando pela Santificação culminando com a Glorificação, pelas seguintes razões:

- ✓ O fator determinante para tal interpretação está no v.29 quando diz: *“Porquanto, aos que conheceu antecipadamente também os destinou (para serem) conformados à imagem de Seu Filho”*. Isso nos remete à eternidade “passada”, ou seja, antes da criação do mundo. Sendo assim, engloba todo o processo da nossa salvação. Lembrando que Cristo veio nos salvar não só da condenação eterna, mas da culpa do pecado (isso é Justificação – aconteceu lá na cruz), do poder do pecado (isso é santificação – acontece no presente), e, por fim, nos salvará da corrupção, condenação eternas (isso é glorificação – acontecerá no futuro).
- ✓ As passagens de Rm.12.1; Ef.4.32 – 5.2; Fp.3.10 e Cl.3.10, a respeito da renovação espiritual não podem ser interpretadas como estando relacionadas com o dia do regresso de Cristo.
- ✓ Um texto muito esclarecedor é 2Co.3.18 *“estamos sendo transformados na mesma imagem”*.
- ✓ Por fim, se tal conformação indicar apenas aquela que acontecerá no dia da volta de Cristo, somos obrigados a admitir que perdeu-se um elo muito importante da *“corrente da salvação”*, a saber, a santificação.

“...para ser Ele o primogênito entre muitos irmãos”, essas palavras indicam um contraste maravilhoso, o qual não é contraditório, mas, sim, tremendamente harmoniosos. De um lado temos a *preeminência de Cristo*, e do outro, a *Sua humildade e amor* por aqueles a quem por meio de Seu sacrifício tornou Seus. Seria errado dizermos que o Salvador Exaltado não se considera completo à parte daqueles a quem veio salvar? Com certeza, não. Em Ef.1.23 encontramos essa mesma idéia. Lá Paulo diz: *“a qual é o seu corpo, a plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas”*, literalmente a Igreja é *“...a plenitude Daquela que completa tudo em tudo”*. A conclusão que a maioria dos comentaristas chegam sobre essas palavras é que Paulo está afirmando que a Igreja completa Cristo. É claro que não no tocante à Sua Divindade e Essência, mas, no que diz respeito à relação da Igreja com Cristo, ou seja, como Esposo Ele é incompleto sem a Esposa; como Videira, não se pode pensar Nele sem os ramos; como Pastor, não se pode vê-Lo sem Suas ovelhas; e assim também como Cabeça, Ele encontra sua plena expressão em Seu Corpo, a Igreja.

“e aos que destinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que porém, justificou, a estes também glorificou”. Aqui temos:

- ✓ A vocação: *“e aos que destinou, a estes também chamou”*. Do que pertence à eternidade, a saber, presciência e predestinação – ainda que seus efeitos estejam sendo historicamente realizados – Paulo agora, à guisa de uma transição muito lógica, entra na esfera do *tempo*. Ele se refere, naturalmente, à vocação eficaz. O que essa vocação significa, já explicamos em Rm.1.7 e 8.28. Por meio da conversão e fé operadas pelo Espírito Santo, o homem responde a esse chamado.
- ✓ A Justificação: *“e aos que chamou, a estes também justificou”*. Pouco mais temos a dizer sobre a Justificação, pois este é o tema central da carta o qual já discorreremos minuciosamente anteriormente.
- ✓ A Glorificação: *“...e aos que porém, justificou, a estes também glorificou”*. Nada pode ser mais glorioso do que isso para nós, a saber, partilharemos da glória de Cristo em íntima comunhão e união com Ele. Os filhos de Deus resplandecerão na glória de Deus tanto na alma como no corpo os quais serão reunidos no Dia do Senhor através da ressurreição (dos mortos) e

transformação (dos que estiverem vivos).

Antes de encerrarmos esse parágrafo, precisamos chamar a atenção para o tempo em que estão conjugados os verbos no v.30 $\rho\rho\omega, \rho\rho\iota\sigma\epsilon\nu\kappa\alpha, \lambda\epsilon\sigma\epsilon\iota\sigma\epsilon\upsilon\delta\iota\kappa\alpha\iota, \omega\varsigma \epsilon\upsilon\delta\omicron, \chi\alpha\sigma\epsilon\iota\sigma\iota$ todos estão no aoristo (2º aoristo do indicativo ativo da 3ª pessoa do singular). Sobre o tempo aoristo, William Carey Taylor afirma¹⁸⁶:

“O tempo aoristo foi primeiro usado com as raízes verbais que significam ações pontilheares. A raiz verbal pode denotar o princípio da ação, o término da ação ou a ação total considerada como um ponto. *O tempo aoristo sempre significa ação pontilear.* Mas a raiz pontilear pode desviar a aplicação desta idéia para o início ou para o término da dita ação. Portanto, no aoristo, a idéia aoristo tem que ser combinada o sentido do verbo. Assim se vêem três distinções em ação pontilear: (1) a ação contemplada como um ponto, não visando especialmente indicar o início ou o fim. Esta qualidade de ação aorista se chama *constativa*. (2) a ação pontilear cuja ênfase esteja sobre o início, se chama *ingressiva*. (3) a ação cuja ênfase esteja sobre a terminação ou fim da ação, se chama *efetiva*”.

Assim sendo, todos esses verbos indicam uma ação que aconteceu de uma vez por todas nos eternos decretos de Deus. Mas, em especial o verbo $\epsilon\upsilon\delta\omicron, \chi\alpha\sigma\epsilon\iota\sigma\iota$ chama atenção pelo fato dele ser uma ação que ainda há de acontecer (seremos glorificados no Dia do Senhor Jesus), contudo, nos eternos decretos de Deus ele já aconteceu, por Deus de antemão assim predeterminedou tudo isso. Esta é a base em que repousa a nossa certeza de salvação. Não é algo que ainda vai acontecer deixando-nos em suspense, mas, Deus já determinou o *fim* desde o *começo*.

(8.31)

³¹ $\tau\iota, \omicron\upsilon=\nu \epsilon\upsilon\rho\omega\iota/\rho\rho\epsilon\omicron\eta\tau\alpha\upsilon/\tau\alpha\epsilon\iota\upsilon\upsilon \omicron\eta\epsilon\omicron.\eta \upsilon\grave{\rho}\rho\epsilon. \rho \eta\grave{\tau}\omega\iota/\nu\kappa\alpha\upsilon \eta\grave{\mu}\omega/\nu\grave{\epsilon}$
Que pois, diremos para com estas? Se o Deus por nós, quem contra nós?

Que diremos, pois, em resposta a essas coisas? Se Deus é por nós, quem é contra nós?

Paulo está dizendo aqui o seguinte: A que conclusão essas coisas nos levam?

“*essas coisas...*” refere-se não somente ao que está nos v.28-30, mas também a todo o capítulo 8, e não somente isso, mas a tudo o que Paulo vem dizendo desde o início da carta. Deus nos justificou não havendo qualquer merecimento em nós, e por causa da justificação que Ele imputou a nós, Ele se reconciliou conosco, e nessa reconciliação temos a santificação e a bendita esperança da glorificação. Depois de Deus ter feito tudo isso por nós, Paulo pergunta: “*Se Deus é por nós, quem é contra nós?*”. É maravilhosa a segurança que Deus nos dá. O Senhor Jesus nos tem em Seus braços e desafia a todos os nossos inimigos *duma só vez, todos juntos*, a nos arrancarem de Seus braços (Jo.10.27-29).

(8.32)

³² $\omicron\jmath \eta\epsilon \tau\omega\iota/ \iota\upsilon\delta\iota, \omicron\upsilon \upsilon\iota\ \omicron\upsilon\iota/\kappa\epsilon\upsilon\phi\epsilon\iota, \varsigma\alpha\tau\omicron \alpha\upsilon\lambda\lambda\alpha. \upsilon\grave{\rho}\rho\epsilon. \rho \eta\grave{\tau}\omega\iota/\nu \rho\alpha, \eta\tau\omega\iota\upsilon \rho\alpha\epsilon, \delta\omega\kappa\epsilon\eta$
Que na verdade o Próprio Filho não poupou pelo contrário por nós todos deu junto a

$\alpha\upsilon\upsilon\tau\omicron, \eta\grave{\nu}(\rho\omega/\eta \delta\kappa\alpha\iota\iota. \varsigma\upsilon. \eta\grave{\nu} \alpha\upsilon\upsilon\tau\omega/| \tau\alpha. \rho\alpha, \eta\tau\alpha \eta\grave{\nu} \kappa\alpha\iota\iota/\rho\varsigma \epsilon\tau\alpha\iota\grave{\epsilon}$

O, como não também com Ele as todas a nós dará graciosamente?

Afinal, Aquele que não poupou o Próprio Filho, pelo contrário, O entregou por todos nós, como também, com Ele, não nos dará graciosamente todas as coisas?

Antes de tudo, é importante ressaltar o profundo sentimento que essas palavras contêm. Elas revelam o amor de Deus Pai tanto por nós, pois “*não poupou o Próprio Filho, pelo contrário,*

¹⁸⁶ (TAYLOR, 1990, p.103).

O entregou por todos nós...”, como também por Jesus, Seu Filho Unigênito¹⁸⁷, no caso aqui, é chamado de “Próprio Filho”. O adjetivo $\text{ivdi,0(i;dio)}\text{}$ indica a profundidade da relação do Filho com o Pai.

O Justo Juiz, Deus, tinha um Único Filho que Lhe dava todo prazer. Em contrapartida, “*todos nós*” éramos seus inimigos por causa da nossa pecaminosidade. Deus “*não poupou o Próprio Filho*” porque teve piedade de nós.

Isso nos lembra o que aconteceu com Abraão e Isaque. Abraão não negou seu único filho para Deus. Da mesma forma, Deus não negou o Seu Único Filho para nós. Todavia não é a semelhança dos fatos, mas, sim, a grande diferença entre eles que nos chama a atenção. Abraão teve o seu filho poupado; Deus, não poupou Seu Próprio Filho por nossa causa.

Sim, Deus entregou o Seu Próprio Filho não só pelo judeu, mas também pelo gentio, “*por todos nós*”. É nesse sentido que Deus não faz acepção de pessoas; Ele salva pecadores independente de sua nacionalidade, posição social e cultural.

Mas a pergunta continua: “*como também, com Ele, não nos dará graciosamente todas as coisas?*”. O argumento partiu do *maior para o menor* – é muito importante frisarmos isso! Que não podemos limitar o significado de “*todas as coisas*” neste verso a somente *bênçãos espirituais*, isso é claro. Contudo, muito mais do que uma base para mentirosa Teologia da Prosperidade, essas palavras são para nós, uma diretriz, ou seja, elas nos mostram que os nossos olhos e coração não devem estar nas coisas dessas vidas, pois elas são secundárias, e assim sendo, não devem sugar nossas energias. Antes, nosso coração deve estar nas “*coisas lá do alto*” (Cl.3.1,2), onde Cristo está, ou seja, é em Cristo que deve estar o nosso coração, pois Ele é o Dom maior de Deus a nós. Também deve servir de alento ao nosso coração saber que não depende de nós o receber qualquer bênção, mas, sim de Deus. Se dependesse de nós, então o que receberíamos não seria bênção mas, sim, maldição.

(8.33,34)

³³ $\text{ti,j evgkale,sei kata. evklektw,teou/Ègeo.j o` dikaiwXn}$
Quem prestará acusação formal contra eleitos de Deus? Deus O que justifica.

³⁴ $\text{ti,j o` katakrinw/nÈristo.j ÌIhsou/jĐ avpoqanw,n(ma/dle evgerqei,j(o}j}$
Quem o que condenará? Cristo Jesus O que morreu, mais ainda Que foi levantado, O qual

$\text{kai, evstin evdextia/| tou/ qeo}j/(kai. evntugca,nei u`pe.r h`mw/nA}$
também está em direita do Deus, O qual também intercede por nós.

Quem suscitará acusação formal contra os eleitos de Deus? Deus é O que os justifica. Quem os condenará? Cristo Jesus é O que morreu, e mais ainda, Ele é O que ressuscitou (dentro os mortos), e, que, também está à direita de Deus, e que também intercede por nós.

Estes versos completam o que começou no v.31. Podemos concluir que toda a Trindade Santa atuou para nos salvar, e ainda atua para nos assegurar a nossa salvação. Admitimos que esse assunto, a saber, a Trindade Santa, é muito complicado mesmo. É umas das doutrinas bíblicas que não nos cabe tecer explicações conclusivas, simplesmente porque é algo totalmente transcendental a nós. Aquela “fórmula” utilizada por muitos para “explicar” a Trindade, a saber, o Deus Pai criou o mundo, o Deus Filho salvou o mundo, e o Deus Espírito Santo aplica essas verdades em nosso coração e nos marca para o Dia de Cristo, é muito perigosa, ainda que bem intencionada, pois, ela fragmenta aquilo que é indivisível. Vimos nos v.26,27 que o Espírito intercede por nós; aqui, vemos o Senhor Jesus também intercedendo por nós junto a Deus, e de certa forma o próprio Deus Pai também intercede *junto a* nós diante daqueles que tentam nos acusar, pois é Ele mesmo que nos

¹⁸⁷ O adjetivo “Unigênito” difere-se do adjetivo “primogênito” no seguinte sentido: como *Unigênito*, Jesus é o único Filho “gerado” por Deus, não no sentido de ser *criado* como nós. Essa palavra indica a Filiação Eterna de Jesus, portanto, Sua essência igual à do Pai. Como *Primogênito*, Ele é o primeiro dos muitos filhos da família de Deus, o que aponta para o fato de que Ele nos *representa* diante de Deus.

“justifica”. Em todo o tempo vemos a Trindade agindo e estando presente, quer seja na criação, na obra salvífica e por fim nos recebendo na glória.

As perguntas retóricas aqui “*Quem suscitará acusação formal contra os eleitos de Deus?(...) Quem os condenará?*” equivalem a uma vigorosa negação da sugestão de que poderia haver alguma acusação ou condenação válida¹⁸⁸.

Se alguém tentar formular uma acusação, ainda que esta esteja amparada pela Lei, não terá valor algum pois Deus é o Justificador dos Seus eleitos. Quando Ele os escolheu, o fez não porque eram bons e merecedores, mas, porque quis. Então quando alguém nos acusa dizendo: “*Eles são pecadores!*”, Deus responde: “*Eu sei. E daí? Eu os justifiquei*”. Se alguém insiste em nos condenar, então entra em cena, o Senhor Jesus, O qual morreu, mas, venceu a morte pela ressurreição e agora, à direita de Deus, ou seja, no Seu lugar de glória de onde um dia Ele saiu para nos salvar, diz: “*Pai, não acate essa acusação. Tu sabes que eles são os Seus eleitos e foi por eles que eu morri. O meu sacrifício é infinitamente maior que o pecado deles*”. Aleluia!

(8.35,36)

³⁵ ti,j h`ma,qwri,sei avpo. th/j avga,phj tou/ Cristou/ È h' stenocwri,a diwgmoj
Quem a nós distanciará de o amor de Cristo? Tribulação ou abertura ou perseguição

h' limoj h' gumno,thjkhhdunojh' ma,cairaÈ
ou fome ou nudez ou perigo ou espada?

³⁶ kaqw,j ge,graptai o[ti e[nekensou/ qanatou,meqa o[lhn th.n h`me,canogi,sqhmen
Como foi escrito que: Por causa de ti somos expostos à morte todo o dia, fomos considerados

w`j pro,bata sfagh/jÀ
como ovelha de matança.

Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação ou angústia ou perseguição ou fome ou nudez ou perigo ou espada? Como está escrito: Por Tua causa somos expostos à morte todos os dias, e fomos considerados como ovelhas para a matança.

O “desafio” ainda continua: “*Quem nos separará do amor de Cristo?*”. Ninguém ou coisa alguma jamais é capaz de separar-nos do amor que Cristo nutre (e provou ter) por nós. É importante ressaltarmos que aqui como no v.37 é o amor de Cristo por nós e não o nosso amor que está sendo apresentado aqui. Contudo, quando Paulo enumera uma série de circunstâncias difíceis (“*tribulação, angústia, perseguição, etc*”) aponta para o nosso amor em resposta ao de Cristo.

É impossível oferecer uma descrição profunda desse amor. Quanto mais nos aprofundamos nesse amor, mas nos damos conta de que: (1) ele é infinito; (2) o que temos dele (em termos de conhecimento) ainda é muito superficial, pois, profundamente, como ele é, só o conheceremos na glória (1Co13.12).

Paulo enumera sete circunstâncias que alguém pode levantar em objeção ao “desafio” feito na pergunta “*Quem nos separará do amor de Cristo?*”.

- ✓ Tribulação (qli/yij) aflição externa;
- ✓ Angústia (stenocwri), aflição interna, como literalmente significa “*abertura*” do coração;
- ✓ Perseguição (diwgmoj) quase todas as vezes que essa palavra ocorre no NT está relacionada à pregação do Evangelho;
- ✓ Fome (limoj) a fome do corpo nem se compara à fome espiritual, por isso mesmo até o flagelo da fome física não é maior que a fome espiritual que o crente tem. Trocar Jesus, o Pão da Vida, pelo sustento material (ainda que este seja necessário), jamais!
- ✓ Nudez (gumno,thj) talvez Paulo tivesse em mente aqui a exposição física (retirada de suas vestes) quando fosse açoitado e agredido por causa do Evangelho. Se tal pensamento procede, nem mesmo esses maus tratos nos separará do amor de Cristo;

¹⁸⁸ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.385).

- ✓ Perigo (ki,ndunðj) ou seja, situações em que a vida corre risco. Nem mesmo assim seremos separados de Cristo.
- ✓ Espada (ma,caira) uma clara alusão aos poderes do mundo que se opõem aos filhos de Deus.

O que Paulo pretende com toda essa “lista” é dizer-nos o seguinte: “*Não importa a circunstância e a situação em que nós nos encontremos; em todas elas Cristo estará presente, derramando Seu maravilhoso amor em nossos corações, encorajando-nos a ficarmos firmes*”.

O v.36 é uma citação do Sl.44.22 (no texto Hebraico é Sl.44.23; na LXX Sl.43.23). Paulo nutria uma ansiosa expectativa da glória eterna, e paradoxalmente, nutria em seu coração a certeza de que nesta vida o sofrimento por causa de Cristo era tão certo quanto as alegrias na vida futura. Fatalismo? Não! Isso é realismo! É encarar o Evangelho não só com seus benefícios, mas também com suas responsabilidades (não são essas também benefícios?!).

A NVI traduz esse verso de forma bela: “*Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas para o matadouro*”.

(8.37-39)

³⁷ avllv evn tou,toij pa/sirpernikw/mendia. tou/ avgaph,santoj h`ma/jÅ
Mas em estas todas vencemos acima por meio de O que amou a nós.

³⁸ pe,peismai ga.r o[ti ou;te qa,natoj ou;te zwh. ou;te a;ggei,roai,te
Estou convencido pois que nem morte nem vida nem anjos nem potestades

ou;te evnestw/taou;te me,llonta ou;te duna,meij
nem que se postam em nem que estão para vir nem poderes

³⁹ ou;te u[ywma ou;teba,qoj ou;te tij kti,sij e`te,radunh,setai h`ma/j cwri,sai avpo.
nem altura nem profundidade nem alguma criação diferente poderá nos distanciar de

th/j avga,phj tou/ qeou/ Cristw/h Vlhsou/ tw/| kuri,w/nÅ
o amor de Deus o em Cristo Jesus o Senhor de nós.

Em todas essas coisas, pois, somos mais que vencedores por meio Daquele que nos amou. Pois estou convicto de que nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem potestades, nem coisas atuais, nem coisas futuras, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra coisa criada poderá nos separar do amor de Deus, o qual está em Cristo Jesus nosso Senhor.

Quando o desafio foi lançado “*Quem nos separará do amor de Cristo?*”, Paulo estava preparando o seu argumento apresentando uma lista de possíveis obstáculos, mas tendo como propósito chegar à seguinte conclusão: “*Em todas essas coisas, pois, somos mais que vencedores por meio Daquele que nos amou*”. Sim, é por meio de Cristo que conquistamos todas as bênçãos quer espirituais, quer materiais¹⁸⁹.

Mas o que significa a expressão “*mais que vencedores*”? Existe algo além da vitória? Afinal, toda luta não tem como objetivo a vitória? O verbo u`pernikw/(u`pernika), indica uma “*super vitória*”. A preposição (u`pē), nesse verbo composto o intensifica indicando que “*estamos tendo uma gloriosa vitória*”¹⁹⁰. Também podemos entender essa expressão da seguinte forma: o crente não somente vencerá, mas desde já pode ter absoluta certeza não de que *vai* vencer, mas de que *já* venceu, não por meio de suas forças que são limitadas pelo tempo e em si mesmas, mas “*por meio Daquele que nos amou*” desde a eternidade, porque é eterno. Somente quem é eterno pode

¹⁸⁹ Para o crente, todas as bênçãos são *espirituais* pois, não é o teor das bênçãos que determina o seu caráter, mas, sim, a origem delas, e segundo Tg.1.17: “Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança”.

¹⁹⁰ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.270).

garantir uma vitória *atemporal*.

Em virtude dessa certeza Paulo declara: “*Pois estou convicto de que nem a morte, nem a vida, (...) poderá nos separar do amor de Deus, o qual está em Cristo Jesus nosso Senhor*”. Uma vida de fé em Cristo é uma vida de convicção de Seu amor por nós.

Os elementos aqui citados aparecem em pares e isoladamente.

- ✓ Os pares: morte e vida; anjos (bons) e potestades (anjos maus)¹⁹¹; coisas atuais e coisas futuras; altura e profundidade;
- ✓ Isolados: poderes; qualquer outra coisa criada.

Nada, absolutamente nada desse mundo físico ou do mundo espiritual, do passado (pois fomos justificados) do presente (pois estamos sendo santificados dia-a-dia) ou do futuro (pois estamos firmados na promessa de Deus) “*poderá nos separar do amor de Deus, o qual está em Cristo Jesus nosso Senhor*”.

Assim, essa extensa seção de Romanos (cap.5 – 8) encerra da mesma forma que começou. Rm.5.1: “*...por meio de nosso Senhor Jesus Cristo*”; Rm.8.39: “*...em Cristo Jesus nosso Senhor*”.

¹⁹¹ Na literatura judaica, *principados* ou *potestades* são anjos. Em Ef.3.10 a referência pode muito bem ser a uma categoria de anjos bons. Os rolos do Mar Morto contêm igualmente muitas referências a anjos, especialmente aos anjos *maus*. Outras referências são encontradas no livro pseudepígrafo de Enoque. Os nomes de anjos, as várias categorias em que eram classificados, o culto a eles devido eram alguns tópicos sobre os quais especialmente os hereges deviam concentrar sua atenção. O que Paulo está dizendo no presente contexto é simplesmente isto: que inclusive os anjos, sejam *bons* ou *maus*, reais ou fictícios (referindo-se os últimos a classes de espíritos supraterrâneos existentes apenas na imaginação humana), nada podem fazer para separar-nos do amor de Deus em Cristo (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.391).

2ª PARTE A DEFESA DA JUSTIÇA DE DEUS (9.1 – 11.36)

Entramos agora, na 2ª grande seção da carta aos Romanos. Nesta seção, Paulo demonstrará que a nossa Justificação-Santificação-Salvação tem sua base histórica também. “*No curso da história, as preciosíssimas promessas de Deus foram destinadas não para a nação incrédula, mas para o remanescente crente. E assim foi, é agora e sempre será, até que Cristo volte*”¹⁹².

Israel foi rejeitado em virtude da sua incredulidade (9.27,31,32; 10.21). Os gentios são salvos pela mesma maneira, a saber, pela fé. Essa regra vale para todos sem distinções étnicas. A desobediência dos judeus abriu a porta para os gentios serem salvos. Tudo isso, já estava determinado nos eternos decretos de Deus.

Notamos, pois, que quando Paulo atinge o capítulo 9, ele de modo algum esquece seu tema principal. Não obstante, é verdade que, como nos primeiros oito capítulos, assim também aqui, nos capítulos 9 – 11, o apóstolo toca uma variedade de temas, alguns deles intimamente relacionados com o tema principal, outros não tão estreitos. Assim, “a vantagem especial desfrutada pelos judeus”, em 9.3-5 de forma um pouco mais expandida, reflete 2.17, 18; 3.1, 2; e “o que significa ser um verdadeiro israelita” (9.6) ecoa 2.28,29. Compare também o seguinte:

9.5 – 1.25	9.26 – 8.14	11.15 – 5.11
9.19 – 3.7	9.33 – 5.5	11.28 – 5.10
9.23 – 8.30	10.9 – 4.24	11.32 – 3.9; 5.9
9.24 – 3.29	10.12 – 3.22,29,30	

Inclusive a doutrina da predestinação, para a qual alguém geralmente se volta imediatamente para Romanos 9.10-24; 11.5,8,29, é prefigurada em 8.29, 30.

É possível que surja a pergunta: “Por que foi necessário que Paulo pusesse tal ênfase sobre a *Justificação pela Fé, à parte das obras da lei*? À luz do que o próprio escritor afirma em 9.6s., a resposta deve ser: “Porque os judeus, de modo geral, interpretaram de modo errado a promessa mais preciosa de Deus, crendo que ela se destinava à posteridade natural de Abraão, e que seu cumprimento estava condicionado, pelo menos em certa extensão, ao mérito humano”.

¹⁹² (HENDRIKSEN, 2001, p.401).

Além disso, não é um fato que o coração humano, seja o de um judeu ou o de um gentio, é sempre soberbo e por natureza indisposto a ser "salvo pela graça"? Finalmente, não só era necessário que a própria igreja romana fosse pura em doutrina, mas sua membresia também fosse capaz de defender suas convicções quando essas fossem atacadas do lado de fora; ou seja, pelos judeus e/ou gentios incrédulos.

Um fato adicional, aliás muito importante, não deve ser deixado sem menção em qualquer introdução aos capítulos 9 – 11: O apóstolo era não apenas um homem de intelecto penetrante e vontade férrea, mas, como já se realçou previamente, também de um coração amorável. Surpreende, pois, que, quando ele pondera sobre os tesouros da salvação, acerca dos quais ele escreveu de forma tão tocante em Rm.8, bem como nos anteriores, ele, por assim dizer, suspira com profunda simpatia e pungente tristeza quando considera o fato de que muitos dentre seus próprios patrícios se privaram da participação dessas gloriosas bênçãos?

Todos dos esses fatores devem ser levados em conta. Derramam luz necessária sobre o significado e propósito dos capítulos 9 – 11. Paulo prossegue para mostrar que o prazeroso convite de Deus está ainda se estendendo aos judeus. O Senhor de modo algum é “contra os judeus”. Até o dia do regresso de Cristo, ou seja, ao longo da presente era ou dispensação da graça, a rejeição deles *nunca é completa* (cap. 9; ver especialmente vv. 6 e 27), *nunca arbitrária* (cap. 10; ver v. 21) e *nunca absoluta e incondicional* (cap. 11; ver vv. 14 e 26). Em sua ira, Deus não anula a compaixão. Tampouco o faz Paulo.

Estou bem consciente do fato de que, na opinião de muitos eruditos hábeis, quer do passado como do presente, um dos propósitos dos capítulos 9 – 11 é mostrar que quando a reta final da história humana for atingida, ou estiver para ser atingida, os judeus então vivos sobre a terra serão salvos. Como o vêem, isso acontecerá (1) à nação de Israel como um todo, (2) à massa [dos judeus], (3) à nação toda. Será (4) uma recuperação escatológica abrangente dos judeus incrédulos. Se é isso realmente o que Paulo tem em mente, estará entre os temas a serem discutidos as páginas seguintes.

2.1. O PASSADO DE ISRAEL. A ELEIÇÃO DE DEUS (9.1-29)

2.1.1. Tristeza de Paulo (9.1-5)

(9.1,2)

¹ VALh, qeian le, gw evn Cristw, yéuod, mai(summarturou, shj moi th/j suneidh, sew, j
Verdade digo em Cristo, não minto, testificando juntamente com mim a consciência

mou evn pneu, mati á gi, w|(
de mim em Espírito Santo

² o[ti lu, ph moi, evstin mega, lh kai. avdia, leipto j ovdu, nh tm, pouá, a|
que tristeza a mim é grande e continuamente dor no coração de mim.

Estou falando a verdade em Cristo e não minto; a minha consciência testemunha juntamente comigo no Espírito Santo, quão grande é a minha tristeza e a dor contínua do meu coração. É evidente que Paulo no momento em que pronunciou essas palavras ao seu companheiro Tércio, ele estava profundamente comovido. Temos aqui um raio X do coração do apóstolo. É comum em suas cartas ele expressar o seu amor pelos seus irmãos. Mas, aqui, ele expressa a “grande tristeza” e a “dor contínua” do seu coração. Mas qual a razão dessa tristeza e dor? Como veremos neste capítulo, a razão dessa angústia de Paulo era porque os judeus (como já vimos no capítulo 2) se ensoberbeceram e tornaram-se até mesmo incrédulos com relação a Cristo. Isso atraiu sobre eles a rejeição de Deus.

Seus patrícios poderiam concluir que Paulo até mesmo os odiava à luz do que já fora dito (e da forma como foi dito, numa linguagem dura e nada lisonjeira) em 2.5, 17-24. Contudo, a

tristeza e a dor que Paulo tinha em seu coração em relação aos judeus era a prova do seu intenso amor por eles. Mas, por amar a Cristo ainda mais do que a eles, Paulo é duro em suas palavras, pois seu coração se contorce de tristeza em ver que seus patrícios rejeitaram Aquele a quem ele tanto ama, e a Quem tanto os amou.

(9.3-5)

³ huvco,mhn gavnna,qemai=nai auvto.jevgw. avpo. tou/ Cristou/tw/n avdelfw/mou
Desejava pois, amaldiçoado ser (eu) mesmo eu de o Cristo sobre os irmãos de mim

tw/nsuggenw/nmou kata. sa,rka(
os de mesma raça de mim segundo carne,

⁴ oi[tine,j eivsin Vlsrahli/taw/n h` ui`oqesi,a kaido,xakai. ai` diaqh/kaikai. h`
os quais são israelitas, de quem a adoção e a glória e os pactos e a

nomoqesi,a kai. h` latrei,a kai. ai` evpaggeli,ai(
legislação e o culto e as promessas,

⁵ w/n oi` pate,rej kai. o`w` Cristo.j tokata. sa,rka(o` w`vpi.pa,ntwnqeo.j
de quem os pais e de quem o Cristo o segundo carne, O que sobre todas Deus

euvloghtoqivj tou.j aivw/naj(avmh,nÅ
bendito para os tempos muito longos, amém!

Pois eu desejava ser amaldiçoado e separado de Cristo por causa dos meus irmãos, os de minha raça, segundo a carne, os quais são israelitas, a quem pertence a adoção, a glória, os pactos, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, deles descende o Cristo segundo a carne, O qual é sobre todas as coisas Deus bendito para sempre, amém!

“Pois eu desejava ser amaldiçoado e separado de Cristo por causa dos meus irmãos, os de minha raça, segundo a carne”, quão fortes nos soam essas palavras especialmente porque partem dos mesmos lábios e coração que há pouco expressaram a *impossibilidade de ser separado de Cristo* (cf.8.38,39)!

Estaria Paulo caindo em contradição, pois, nos v.1 e 2 acabara de mostrar que amava mais a Cristo do que aos seus compatriotas que O desprezaram com incredulidade, e agora, falando que desejaria ser “*separado de Cristo por causa* (por amor)” dos seus irmãos de raça e sangue? Com certeza, não! O que encontramos aqui é o sentimento que deve estar presente o coração do verdadeiro crente: preocupação com os que estão perecendo.

Nos lembra aqui o que fez Moisés quando intercedeu por seu povo: “*Agora, pois, perdoa-lhe o pecado. Ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste*” (Ex.32.32). Ou ainda o caso de Davi para com Absalão seu filho quando este morrera (2Sm.18.33). Mas, acima de tudo está o exemplo do nosso Senhor Jesus Cristo (Rm.3.24,25; 8.32; 2Co.5.21; Gl.3.13; 1Tm.2.6).

Devemos entender essas palavras à luz do doloroso caráter da tragédia de Israel e a intensa angústia do coração de Paulo.

A seguir, Paulo lista uma série de “vantagens” que Israel como povo, teve, mas, que não soube aproveitá-las como deveria.

✓ ***São israelitas:*** aqui Paulo faz uma referência direta ao seu ancestral ilustre: Jacó. Este teve seu nome mudado para *Israel* pois, este lutara com Deus (Gn.32.22-28) e não O deixou enquanto Este não o abençoasse. Sem dúvida alguma, de todas as características que Jacó possuía, o desejo de ser abençoado por Deus era a maior. Os nomes *Israel* e *Israelitas* sempre são mencionados como títulos de honra (Jo.1.31, 47, 49; 3.10; 12.13). William Hendriksen nos lembra que: “*Entretanto, deve-se ter sempre em mente que uma vantagem não é necessariamente uma virtude, e um privilégio não é um mérito. Aliás, quando, a despeito das*

muitas e singulares vantagens conferidas a Israel, essa não voltou suas costas para o Senhor, essas mesmas vantagens resultaram no agravamento do castigo sobre Israel (9.30-32)”¹⁹³.

“...a quem pertence...”:

- ✓ **A adoção:** foram adotados como os “pimogênitos de Deus” dentre as nações. Foram a primeira nação chamada historicamente (Ex.4.22; 19.5; Is.43.20)
- ✓ **A glória:** “de Deus” subentendida. Nas Escrituras a glória de Deus sempre é manifestada ora pelo fogo, ora pela nuvem. Israel presenciou tanto um quanto o outro na sua peregrinação pelo deserto (Ex.40.34, 36,37; Lc.16.2; Ex.14.20; 24.17) e em outras ocasiões como na consagração do templo que Salomão construiu (2Cr.7.1,2).
- ✓ **Os pactos:** ou *alianças*. Deus sempre tratou com Seu povo por meio de pactos. A cada pacto estabelecido, Deus não anulava o anterior, mas, sim o ampliava no atual. Seus filhos quebravam os pactos, mas, nem mesmo assim, esses pactos perdiam o valor porque o caráter deles estava inteiramente ligado ao caráter santo e fiel de Deus. Assim, podemos entender com clareza o que o Senhor Jesus disse com relação à Lei (e o pacto por ela representado): “*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir*” (Mt.5.17). Não devemos entender que o homem estragou os pactos (alianças) anteriores e por isso Deus a cada vez que o homem assim fazia, providenciava um novo pacto. Isso não só contraria tudo o que a Bíblia ensina sobre a soberania de Deus, como também não nos dá qualquer garantia de que a Nova (e última) Aliança pode o cumprir o que promete¹⁹⁴. Israel foi o *receptáculo* de todos esses pactos¹⁹⁵. Contudo tenham havido vários pactos de Deus com Seu povo, é importante ressaltar que houve apenas um grande Pacto, a saber, o Pacto da Graça, o qual esteve presente em todos os pactos de Deus com Seu povo, pois, uma vez que o homem pecou, Deus não tinha qualquer obrigação de resgatá-lo, e nem sequer de dar-lhe leis para que por elas ele se conduzisse. Por isso concordamos com aqueles que afirmam que a Lei é demonstração da Graça de Deus¹⁹⁶.
- ✓ **A legislação:** referência direta à Lei dada no Sinai, as quais foram dadas literalmente das mãos de Deus. Não obstante a Lei não justifica ninguém, mas, mesmo assim, ela serve a propósitos valiosos (Rm.5.20).
- ✓ **O culto:** A NVI acrescenta: “*adoração no templo*”, contudo isso esteja correto, o está em partes. Pois o culto a Deus, embora teve sua forma elaborada e aprimorada no Templo, ele nunca dependeu do Templo para acontecer. Antes da formação de Israel como povo, os patriarcas adoravam ao Senhor. Depois no deserto, temos a figura importantíssima do tabernáculo, o qual aponta nos seus mínimos detalhes para o Senhor Jesus e Sua obra salvífica. Grande privilégio teve Israel de mostrar para o mundo a adoração ao Verdadeiro Deus! Infelizmente, ele se perdeu num ritualismo hipócrita e mesquinho, deixando assim, de adorar (servir) a Deus de forma verdadeira e sincera.
- ✓ **As promessas:** referências às promessas feitas à Abraão, Isaque e Jacó, tanto que o próximo item a seguir é “*os patriarcas*”. A promessa de que a descendência de Abraão seria uma grande nação, foi reiterada a Isaque e a Jacó. Acompanhando essa promessa, estão muitas outras. Por isso Paulo fala delas no plural. Veja os seguintes textos (para mencionarmos apenas alguns):

Anúncio no AT
Gn.12.3

Cumprimento no NT
Gl.3.8,9

¹⁹³ (HENDRIKSEN, 2001, p.410).

¹⁹⁴ Para um estudo posterior do assunto, sugerimos o excelente livro de O. Palmer Robertson “O Cristo dos Pactos” da Editora Cultura Cristã.

¹⁹⁵ Os pactos, ou para sermos mais precisos, o Pacto de Deus com Seu povo, consistia de: O Autor do Pacto (Deus), o Pacto (promessas de bênção e maldição decorrentes da obediência ou desobediência ao que Deus estipulara para o Seu povo) e o Seu povo com Ele estabelecera Seu Pacto.

¹⁹⁶ Para um estudo mais aprofundado do assunto, recomendamos a leitura do precioso livro do Rev.Mauro Meister “Lei e Graça” da Editora Cultura Cristã.

17.7	At.2.38,39
18.10,14	Rm.9.9
22.15-18	Hb.6.13,14
29.35	Rm.2.28,29
Ex.12.13	Hb.9.22
Nm.21.8	Jo.3.14,15
24.17	Ap.22.16
Dt.18.15,18	Lc.1.31-33
Sl.2.7,8	Ef.1.22
8.4	Hb.2.6-8
16.10	At.13.35
22.1	Mt.27.46
68.18	Ef.4.8

- ✓ **Os patriarcas:** os judeus se gabavam de seus ancestrais, de forma especial Abraão, Isaque e Jacó que viverem antes da Lei e se portaram como exemplos para seus descendentes (ainda que todos eles não foram impecáveis).
- ✓ **“deles descende o Cristo segundo a carne, O sempre, : Estenímé!** um *clímax apropriado*, pois Deus planejou e coordenou toda a História para que trouxesse ao mundo Seu Filho, o qual descende biologicamente dos judeus. Ele se apressa em afirmar que assim como Jesus é judeu, portanto, homem, Ele também é “...é sobre todas as coisas Deus bendito para sempre, amém!”¹⁹⁷.

2.1.2. Soberania de Deus (9.6-29)

(9.6-8)

⁶ Ouvc oien de. o[ti evkpe,ptwken lo,goj tou/ qeou,ga,oua,ntej oi` evx Vlsrah.l
Não de tal sorte, porém, que saiu de seu lugar a palavra de Deus, não pois todos os de Israel

¹⁹⁷ Deve ficar claro que quando Paulo diz: **O qual é sobre todas as coisas, Deus** confessa a deidade de Cristo. Ele o faz, a menos que alguém esteja disposto a adotar um tipo de tradução favorecida por alguns, a saber: “*Que Deus, supremo acima de todos, seja bendito para sempre!*” (N.E.B.), ou: “*Deus que é acima de todos seja bendito para sempre*” (R.S.V). As razões para rejeitar essas e traduções semelhantes e adotar uma que atribua deidade a Cristo, são as seguintes: **(1)** O fato de que na cláusula precedente Paulo comentou sobre a natureza humana de Cristo torna razoável crer que ele agora diria algo sobre sua natureza divina, **(2)** Uma tradução palavra por palavra do original seria: “... e desde [ou de] quem [é] Cristo segundo [a] carne, aquele que é acima de todos Deus bendito para sempre ...” é evidente que as palavras “aquele que é” ou “que é” se referem a Cristo. Não podem referir-se a nenhum outro. **(3)** A tradução: “*Seja Deus bendito para sempre*” seria uma doxologia em honra de Deus. O costume de Paulo, em tais doxologias, é incluir numa linha ou cláusula precedente uma referência a Deus; por exemplo: “*Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas criadas em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém*” (1.25); “... segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém” (Gl.1.4,5). Ver também 2Co.11.31 e 2T.4.18. A presente passagem, interpretada como uma doxologia, destroçaria, portanto, o estilo de Paulo. **(4)** Os que, em linha com N.E.B. e R.S.V., traduzem as palavras gregas em questão como se fossem uma doxologia independente, devem ter em mente que em ambos os Testamentos, o Antigo e o Novo, a palavra *bendito*, em tais doxologias, se encontram no começo da sentença, como, por exemplo: “*Bendito [seja] o Senhor, o Deus de Israel*” (Lc.1.68). Ver também 2Co.1.3 e Ef.1.3. Esse não é o caso aqui em Rm.9.5. **(5)** Não é fora do costume dos escritores dos livros neotestamentários, inclusive Paulo, atribuir deidade, ou as qualidades pertencentes à deidade, a Cristo. Ver, por exemplo, Mt.28.18, Mc.1.1, Jo.1.1-14; 8.58; 10.30, 33; 20.28, Fp.2.6, Cl.2.9, Tt.2.13, Hb.1.8 e 2P.1.1. **(6)** Uma doxologia a Deus soaria muito estranho num parágrafo no qual Paulo expressa “*grande tristeza e incessante angústia*” em virtude da incredulidade de Israel! Seria improvável, hoje, um missionário, ao regressar a sua sede missionária, diga: Embora entre as pessoas para as quais eu tenho pregado o Evangelho, muitas tenham sido abençoadas com muitos benefícios - tais como prosperidade, boa saúde, inteligência, etc. -, tem havido bem poucas conversões. *Louvado seja Deus!*”. O que Paulo vem dizendo, pois, pode ser assim resumido: “*Entristece-me profundamente que, a despeito de todas extraordinárias vantagens que Deus tem derramado sobre Israel, ele tem fracasso em corresponder*”. Como essa reação negativa pode ser explicada? Além disso, significa que Deus rejeitou totalmente a Israel? As respostas são dadas nos versículos que seguem; aliás, num sentido, em todo o argumento que tem início em 9.6 e termina em 11.36 (HENDRIKSEN, 2001, p.415).

οὗτοι Ἰσραηλῖται
estes de Israel.

⁷ οὐδὲν ἐστὶν ἡ σπέρμα Ἀβραάμ, πάντες υἱοὶ τῆς κνῆς (ἀλλὰ ἐν Ἰσαακ κληθήσεται,
nem porque são semente de Abraão todos filhos, pelo contrário: Em Isaque será chamada

σπέρμα ἅτι
a ti semente.

⁸ οὗτοι τῆς σαρκὸς υἱοὶ τῆς κνῆς, οὗτοι δὲ οὐκ εἰσὶν υἱοὶ τῆς κνῆς
Isto é, não os filhos de carne estes filhos de Deus, pelo contrário os filhos

τῆς ἐπαγγελίας, ὅτι ἡ ἐπαγγελία ἔστιν ἡ σπέρμα ἅτι
da promessa é considerado para semente.

Porém, não é o caso de a palavra de Deus haver falhado, pois nem todos os de Israel são Israel. Só porque são descendentes de Abraão, não quer dizer que todos são seus filhos, pelo contrário: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, não são os filhos da carne que são os filhos de Deus, pelo contrário, são os filhos da promessa é que são considerados como descendentes.

“Porém, não é o caso de a palavra de Deus haver falhado...” é um alerta que Paulo faz àqueles que talvez estivessem entendendo errado sua angústia expressa no v.2. O que estava acontecendo a Israel não era porque Deus houvesse falhado em Suas promessas a Israel, mesmo porque as promessas de Deus ao povo de Israel não foram feitas a Israel como etnia, ou seja, em todo e qualquer israelita, *mas, somente, no coração e mente daqueles que pela graça de Deus depositassem sua confiança nele e se esforçassem em obedecer à sua vontade movidos por gratidão* (Gn.15.6; 17.1,2,9; Dt.30.2, 3,9,10; 1Re.8.47-50 e Jr.18.5-10). É justamente isso que Paulo quis dizer com: “...*não são os filhos da carne que são os filhos de Deus, pelo contrário, são os filhos da promessa é que são considerados como descendentes*”. Estes também são chamados (em toda Escritura) de “*remanescente fiel*” (cf.27).

Paulo aqui fala de dois “Israel”. Um “Israel” terreno, povo, etnia composto por todos os israelitas (salvos e não salvos) e o “Israel” espiritual, composto apenas por aqueles que são verdadeiramente filhos de Deus, e portanto, descendentes “espirituais” de Abraão, porque assim como ele, estes vivem pela fé em Cristo Jesus. Nesse aspecto, um brasileiro crente em Cristo Jesus (conquanto etnicamente, falando) é um “israelita espiritual”, porque o significado do termo “*Israel*” apesar de literalmente significar “*aquele que luta com Deus*”, aponta mais para um relacionamento do que uma atitude de confronto. Quando Jacó lutou com o Anjo do Senhor, não o fez senão por seu ardente desejo de ser abençoado por Deus. Quem anda com Deus tem o desejo ardente de ser abençoado por Ele, e quem é abençoado por Deus quer andar cada vez mais com Ele!

“...*os filhos da promessa é que são considerados como descendentes*”. A expressão “*filhos da promessa*” é notavelmente importante. Ela aponta para o fato de que não está em nós a causa de sermos *adotados* como filhos de Deus, mas, sim, na Sua promessa. Por que Ele prometeu, Ele cumpriu! Aqui Paulo começa a preparar seu argumento o qual será exposto com veemência no transcurso desse capítulo.

(9.9-13)

⁹ ἐπεὶ ἡ ἐπαγγελία ἔστιν ἡ λέξις ταύτη, κατὰ τὸν καιρὸν οὗτος ἐλεύσομαι καὶ ἔσται θῆκη Σαρράϊ
De promessa pois a palavra esta: Segundo o tempo este virei e será à Sara

ὁ υἱός μου
filho.

¹⁰ Οὐκ ἔστιν ἐκ τῆς σαρκὸς υἱὸς τῆς κνῆς, ἀλλὰ ἐκ τῆς ἐπαγγελίας, ὅτι ἡ ἐπαγγελία ἔστιν ἡ σπέρμα ἅτι
Não é da carne filho da carne, mas da promessa, porque a promessa é a semente, isto é

Não somente, porém, mas também Rebeca de um só concepção tendo, de Isaque o

patro.j h`mw/n
pai de nós.

¹¹ mh,pwga.r gennhqe,ntwn mhde. praxa,ntwn ti avgago.n h[rfau,honkatV evklogh.n
não ainda pois, tendo nascido nem feito algo bom ou perverso, para que o segundo escolha

pro,qesij tou/ qeourne,nh|(
propósito do Deus permanecesse,

¹² ouvk evx e;rgwn avllV evk tou/ kalou/ntoj(evrre,qh auvto[le[ise` meitzw[
não de obras mas de O que chama, foi dito a ela que o maior servirá como escrevo ao

evla,ssoni(
menor,

¹³ kaqw.j ge,grap[ab.n Vlkw.b hvga,phsade[hsau/ evmi,shsaÅ
como foi escrito: O Jacó amei, o porém Esaú odiei.

Pois a palavra da promessa é esta: Segundo o tempo designado voltarei, e Sara terá um filho. Mas não somente isso, mas também Rebeca havendo concebido de um só, a saber, de Isaque, o nosso pai. Pois, nem mesmo tendo nascido e nem praticado algo bom ou perverso, para que o propósito de Deus segundo à eleição permanecesse, o qual não é baseado em obras mas Naquele que chama, foi dito a ela que: o maior servirá ao menor. Como está escrito: Amei a Jacó, porém, odiei a Esaú.

“Pois a palavra da promessa é esta: Segundo o tempo designado voltarei, e Sara terá um filho”, como indicam essas palavras, os filhos de Deus não são necessariamente os filhos naturais de Abraão. Todos conhecemos a bela história da promessa do nascimento de Isaque. Sara impossibilitada pela esterilidade e pela idade avançada, gerou um filho, Isaque, o filho da promessa (Deus o havia prometido, e o deu). Mas tudo isso foi no tempo designado por Deus. Era Deus quem estava constituindo o Seu povo, então tudo seria conforme “a palavra da promessa” Dele.

Não somente o caso de Isaque e Ismael deveria ser levado em conta, pois, nesse caso alguém poderia ser tentado a dizer: “Isaque é o filho da promessa, enquanto que Ismael não o é, porque este era filho de uma egípcia. E assim sendo, ele (Ismael) não era um descendente puro e muito menos um patriarca legítimo”. Tal argumento colocaria o foco da questão em questões meramente humanas. Por isso Paulo tomando o exemplo de dois irmãos, filhos da mesma mãe e mesmo pai, Esaú e Jacó (“...Rebeca havendo concebido de um só, a saber, de Isaque, o nosso pai”), mostra que a questão da eleição é puramente divina, ou seja, repousa somente na vontade de Deus e não no homem. Siga o raciocínio.

Em primeiro lugar Paulo diz “Pois, nem mesmo tendo nascido...”. A Bíblia é bem clara quanto à eleição divina. Deus escolheu os Seus antes da fundação do mundo (Jr.1.5; Ef.1.4,5). No caso aqui, Jacó fora escolhido antes mesmo de nascer.

Em segundo lugar: “...e nem praticado algo bom ou perverso...”. Se a eleição divina fosse pelas obras, nem mesmo Jacó teria sido escolhido por Deus. O que Paulo está dizendo aqui é que Deus escolhera Jacó (assim como todos os demais eleitos) antes que esses pudessem ter feito algo de “bom” para através do que requererem a salvação. Como lamentou Lutero: “Quão miserável e mesquinho eu sou! Pois toda vez que me aproximo de Deus, quero sempre ter algo em minhas mãos para oferecer-Lhe em troca da minha salvação”. Porém, nenhum eleito fez algo de bom para merecer a salvação, antes, já nasceu em pecado e portanto merecedor de condenação. Não fosse o amor e a graça de Deus, ninguém teria sido escolhido.

Em terceiro lugar, Paulo desenvolvendo seu argumento diz “...para que o propósito de Deus segundo à eleição permanecesse...”. Como foi visto em 8.28-30 Deus nos salvou com o

propósito de sermos moldados e conformados à imagem de Seu Filho, Jesus Cristo. O propósito de Deus em salvar os pecadores é o louvor da Sua glória. A idéia de que tal propósito pareça ser um capricho divino nem merece ser comentada, pois, ela chega a ser uma heresia e um insulto ao Deus que nos amou tão profundamente que entregou Seu santo Filho por nós. Por último Paulo diz: “...o qual não é baseado em obras mas Naquele que chama...”, ou seja, o propósito de Deus em nos salvar não reside em nenhum merecimento nosso, mas tão somente na livre Graça de Deus¹⁹⁸.

¹⁹⁸ Como se sabe muito bem, esta passagem (Rm.9.13) é considerada um texto-prova para a doutrina da predestinação: eleição e reprovação. *Predestinação* é o eterno propósito de Deus por meio do qual Ele preordenou tudo o que acontece (Ef.1.11). *Eleição* pode ser definida como o eterno propósito de Deus que faz certos indivíduos específicos serem *em Cristo* os recipientes da graça especial, a fim de que vivam para a glória de Deus e obtenham a salvação eterna (Lc.10.20; At.13.48; Rm.11.5; Ef.1.4; 2Ts.2.13). *Reprovação* é o eterno propósito de Deus em ignorar certos indivíduos específicos no ato de conceder a graça *especial*, ordenando-os ao castigo eterno por seus pecados (Rm.9.13,17, 18,21,22; 1Pe. 2.8).

Embora ambos esses decretos sejam igualmente finais, seria errôneo dizer que são coordenados em cada aspecto. Por exemplo, ainda que o pecado seja de fato a causa meritória do castigo mencionado na definição do decreto da reprovação, a fé não é a causa meritória da salvação a que se refere a definição do decreto da eleição. Em certo sentido, a queda, o pecado e o castigo eterno se acham inclusos no decreto de Deus e determinados por Ele. Isso, porém, é verdade somente *em certo sentido*, e não no mesmo sentido que a graça e a salvação. Estas são o objeto de seu deleite; Deus, porém, não se deleita no pecado, tampouco tem prazer no castigo.

Ocorre a pergunta: “Como foi possível que o Deus Amável ordenasse certos indivíduos ao castigo eterno?” Uma pergunta mais lógica seria: “Como foi possível que um Deus, cuja justiça requer que o pecado seja punido, ordenasse alguns indivíduos à vida e glória eternas?” Seguramente, “o espantoso em tudo isso” é a morte substitutiva de Cristo.

A confissão de Fé de Westminster, do ano de 1647, tem o seguinte a dizer sobre Eleição e Reprovação: Desde toda a eternidade e pelo mui sábio e santo conselho de sua vontade, Deus ordenou livre e inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violenta a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou a contingência das causas secundárias, antes estabelecidas (Cap. III.I).

Segundo seu eterno conselho e imutável propósito, e segundo o santo conselho e beneplácito de sua vontade, antes que fosse o mundo criado, Deus escolheu em Cristo, para a glória eterna, os homens que são predestinados para a vida; para o louvor de sua gloriosa graça, Ele os escolheu de sua mera e livre graça e amor, e não por previsão de fé, ou de boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra coisa na criatura que a isso O movesse, como condição ou causa (Cap. III.V).

Segundo o inescrutável conselho de sua própria vontade, pela qual Ele concede ou recusa misericórdia, como lhe apraz, para a glória de Seu soberano poder sobre suas criaturas, para o louvor de sua gloriosa justiça, o resto dos homens foi Deus servido não contemplar e ordená-los para a desonra e ira por causa de seus pecados (Cap. III.VII).

Essencialmente, as mesmas verdades são expressas nos Cânones de Dort, Primeiro Tópico de Doutrina, artigos 7 e 15, e na Confissão Belga, artigo XVI. O Catecismo de Heidelberg contém bem pouco sobre esse tema. Ver as Respostas 52 e 54.

Em adição, os Cânones (em seu Quinto Tópico de Doutrina, Rejeição de erros, Conclusão) advertem contra os que ensinam que a doutrina das Igrejas Reformadas “faz de Deus o autor do pecado”, e que Ele, “...por um mero ato arbitrário de sua vontade sem levar em conta qualquer pecado, Ele predestinou a maior parte do mundo à eterna condenação, e os criou para esse mesmo propósito. Da mesma maneira pela qual a eleição é a fonte e causa da fé e das boas obras, a reprovação é a causa da incredulidade e da impiedade. Muitos filhos dos fiéis são arrancados do seio de suas mães e tiranicamente lançados no inferno, de tal sorte que nem o sangue de Cristo, nem o batismo, nem as orações da Igreja no ato do batismo lhes podem ser de algum proveito. Há muitas outras coisas semelhantes que as Igrejas Reformadas não apenas não confessam, mas também repelem de todo o coração”.

Um par de questões *adicionais* não se deve omitir:

(1). “O réprobo recebe muitas bênçãos, as quais não resultam do decreto de reprovação, mas da bondade e graça de Deus. Recebe muitos dons naturais: vida, saúde, força, alimento, felicidade, etc. (Mt.5.45; At.14.17; 17.28; Rm.1.19; Tg.1.17, etc.). Também com respeito ao réprobo, Deus não o deixa sem testemunho. Ele o suporta com muita longanimidade (Rm.9.22). Faz com que o evangelho de sua graça lhe seja proclamado e não sente prazer em sua morte (Ez.18.23; 33.11; Mt.23.37; Lc.19.41; 24.47; Jo.3.16; At.17.30; Rm.11.32; 1Ts.5.9; 1Tm.2.4; 2Pe.3.9)”. Caim foi um réprobo. Disso não há dúvida alguma (1Jo.3.12; Jd.11). Todavia, com quanta ternura Deus lhe falou! (Gn.4.6, 7).

(2) Há um problema que deve ser enfrentado. Nossos Credos, como já se demonstrou, procedem da posição infralapsariana, segundo a qual as pessoas que foram destinadas à glória foram escolhidas do estado de pecado e destruição no qual estavam submersas; e as destinadas à perdição foram, por decreto divino, deixadas nesse estado. Surge-se, pois, a pergunta: “Por que Deus permitiu que a queda se concretizasse?”. Para tal pergunta não há resposta, exceto se trouxermos a lume Dt.29.29: “As coisas secretas pertencem ao Senhor nosso Deus, mas as coisas reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre...”. E Jó.11.7,8: “Porventura, desvendará os arcanos de Deus ou

(9.14,15)

¹⁴ Ti, ou=n evrou/menēh. avdiki,a para. tw/ḡew/ḡh. ge,noitoÅ
Que portanto diremos? Porventura injustiça junto a o Deus? Não venha a ser.

¹⁵ tw/| Mwu?sei/ gaʀ le,ḡileh,sw o]n a'n evlew/ kai. oivktirh,sw
ao Moisés pois diz: Terei misericórdia de quem – haja de ter misericórdia e terei compaixão

penetrarás até à perfeição do Todo-Poderoso? Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás fazer? Mais profunda é ela do que o abismo; que poderás saber?”.

Observamos ao nosso redor tantos fatos que parecem ser sem sentido, tanto sofrimento imerecido, tantas calamidades incontáveis, uma distribuição tão desigual e inexplicável do destino e um contraste tão enorme entre os extremos de alegria e tristeza, que alguém, ao ponderar sobre essas coisas, se vê forçado a escolher entre ver este universo como se fosse governado pela cega vontade de uma deidade incompassiva como faz o pessimismo, ou, com base na Escritura e na fé, repousar na vontade absoluta e soberana, todavia sábia e santa - por mais incompreensível seja ela - daquele que um dia fará que a luz plena do céu clareie esses mistérios da vida.

Entre as muitas objeções que têm surgido contra a doutrina da eleição e reprovação, e particularmente contra o ponto de vista de que Rm.9.13 endossa essa doutrina, estão as seguintes:

(1) Eleição, sim; reprovação, não! Nem Rm.9.13 nem qualquer outra passagem bíblica ensina a reprovação.

Comentário: Que a Escritura de fato ensina ambas, eleição e reprovação, já foi provado. Além disso, eleição e reprovação permanecem e caem juntas. Aqueles a quem o Senhor não elege Ele rejeita. O conselho de Deus é todo-compreensível (Pv.16.4; Ef.1.11). Além do mais, ao eleger Deus uma pessoa, Ele não decide meramente fazê-la, por fim, entrar no céu, mas a guia em todo o caminho, desde a concepção até a glorificação. Davi proclama esta verdade no Salmo 139.16, o que, em poesia, é como se segue: “Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda”.

Ora, o crente não vive num vácuo, e entre sua vida e a do incrédulo não existe uma Muralha da China. A vida do eleito e a do não-eleito são tão totalmente entrelaçadas - no lazer, na escola, nos negócios, na indústria, no governo, etc. - que qualquer plano divino que afete o eleito deve também afetar o não-eleito, sem cancelar a responsabilidade humana em ambos os casos. Um plano pelas metades não é plano algum. Para muitos uma batalha foi perdida só porque este ou aquele pequeno (?) item foi excluído.

Por falta de um prego a ferradura foi perdida,
Por falta de uma ferradura o cavalo foi perdido,
Por falta de um cavalo o cavaleiro foi perdido,
Por falta de um cavaleiro a batalha foi perdida,
Por falta de uma batalha o reino foi perdido,
E tudo porque faltou um prego na ferradura do cavalo.

- Franklin, Poor Richard Almanac

(2) O oráculo divino (Ml.1.2, 3), citado por Paulo em Rm.9.13, realmente significa: “A Jacó eu amei intensamente, porém a Esaú eu amei menos”. **Comentário:** O verbo usado no original para *odiar* realmente pode ter o sentido de *amar menos*. A questão é: “Ele tem esse sentido *aqui* (Rm 9.13)?”. Evidentemente, não! O contexto de Ml.1.2, 3 é de juízo, castigo, indignação: “... odiei a Esaú, e fiz seu monte uma desolação ... Eles edificarão, porém eu destruirei”. Além disso, quando Esaú recebe a “bênção” de seu pai, tal bênção era equivalente ao que podia quase ser chamado uma maldição. Corretamente traduzido, ela começa assim: “Longe dos lugares férteis da terra será tua habitação, e sem o orvalho que cai do alto” (Gn.27.39). Aliás, a “bênção” era de uma natureza tão negativa, e a decepção proveniente de Jacó, tão dolorosa, que Esaú odiou a Jacó por causa do que acontecera, e o ameaçou de morte. Conclusão: “amou menos” não justifica nem Ml.1.3 nem Rm.9.13. Essas passagens se referem à reprovação, nada menos.

(3) Gn.25.22, 23 e Ml.1.2, 3 não se referem a indivíduos, Jacó e Esaú, mas a nações, Israel e Edom. **Comentário.** Ainda que seja verdade que em Gênesis 25.22, 23 o texto se volve imediatamente de crianças para nações, não obstante o ponto de partida tem que ver com pessoas, não com nações. As palavras: “Duas nações estão em seu ventre” não podem, naturalmente, ser tomadas literalmente. O significado é: “As duas crianças dentro de seu ventre se tornarão nações rivais”. O contexto de Malaquias é semelhante. Aqui também o ponto de partida é certamente pessoal: “Não era Esaú irmão de Jacó? ... todavia amei a Jacó, porém odiei a Esaú”. Portanto, Paulo estava certíssimo em aplicar essas passagens a pessoas, como fez.

(4) A doutrina de uma dupla predestinação - eleição e reprovação - é errônea, porque Jacó é também sempre Esaú; e Esaú é também Jacó; ou, em outros termos, em cada um de nós há um Jacó e um Esaú, etc. **Comentário:** Pode alguém de fato crer que isso é realmente o que a Escritura está dizendo nessas passagens?

Havendo examinado as objeções, o resultado é que permanece a doutrina da eleição e reprovação divinas, com base, entre outras passagens, em Rm.9.13. Os argumentos contra são superficiais e falazes.

o]n a'n oivkti,rwÅ
de quem – haja de ter compaixão.

Portanto, o que diremos? Porventura há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois Ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem tiver misericórdia; e terei compaixão de quem eu tiver compaixão. Sendo todos os homens iguais (pecadores por natureza), Deus então é injusto quanto escolhe um e rejeita outro – é o argumento que sempre ouvimos com relação à doutrina da Eleição Divina, a qual, com certeza Paulo também ouviu (ou pelo menos esperava ouvir) depois que argumentou sobre a eleição de Jacó e a rejeição de Esaú. Mas, a essa objeção Paulo responde com o seu costumeiro e enfático: “*De modo nenhum!*”.

O raciocínio que se segue é: sendo os homens (todos os homens, de todos os tempos, de todas as raças) pecadores irremediáveis, cabia-lhes a condenação em vez de qualquer ato de misericórdia, pois o pecado (cf. Rm.1) é a coisa mais horrível, destruidora e degradante que existe, que não só depravou o homem como *especialmente* afronta a santidade de Deus. Mas, Deus que é misericordioso, cheio de compaixão decidiu escolher dentre todos um grupo para Si, para desfrutar da Sua santidade e comunhão plena e perfeita. É comum ouvirmos aqueles que objetam a doutrina da Eleição (e mais amplamente a Predestinação), que ela é infundada porque Deus não faz acepção de pessoas. Textos como Ef.6.9; Tg.2.1 e 1Pe.1.17, são usados para comprovar que Deus não faz acepção de pessoas. Mas, uma análise cuidadosa desses textos comprovará que Deus não faz acepção de pessoas e por isso mesmo salva (escolhe para salvação!) pessoas de qualquer etnia, classe social e sexo. Aqui em Romanos isso tem ficado claro. Quando se fala em acepção de pessoas, deve-se levar em consideração que a acepção *tolhe o direito que a pessoa tem*. Em se tratando de salvação, quem de nós teve (ou tem) o direito de ser salvo? Qualquer crente, por mais relutante que seja no tocante à doutrina da Eleição não será louco de dizer que tem o direito de ser salvo!

“Terei misericórdia de quem tiver misericórdia; e terei compaixão de quem eu tiver compaixão”. A NVI apresenta uma tradução mais clara desse verso: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão” e de fato, essa tradução está correta. Deus é soberano para decidir tudo. Todos concordamos que Ele é soberano na Criação, na sustentação do universo, nas questões do nosso dia-a-dia, então porque haveríamos nós de cair em tamanha incoerência e não creditarmos a Deus (como se Ele precisasse de nosso crédito!) a soberania também (e especialmente) em nossa salvação?

Alguém pode então alegar que tal coisa ofuscaria a misericórdia e o amor de Deus tornando-O um Deus frio e insensível. Mas o texto não diz claramente que Ele tem *misericórdia e compaixão*? Essas duas palavras são importantíssimas. A primeira, *misericórdia* (evleh,swevle)w expressa compaixão do coração (literalmente *sentir no próprio coração a dor que a miséria causa em outra pessoa*), e *compaixão* (oivktirh,sw oivkti,r)w é a manifestação, o tornar público esse sentimento.

(9.16)

¹⁶ a;ra ou=n ouv tou/ qe,lontoj ouvde. tou/ tre,contoj avle,tou/ntoj qeou/Å
Conseqüentemente portanto não do que quer nem do que corre mas do que tem misericórdia Deus.

Conseqüentemente, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de Deus que tem misericórdia. Em outras palavras, Paulo está dizendo: “*não depende do homem querer ou se esforçar, mas, de Deus querer exercer Sua misericórdia*”.

Há uma dificuldade na tradução desse verso pelo fato de que ele não apresenta explicitamente um sujeito para a oração. Daí a necessidade de recorrermos ao contexto imediato do texto, no caso o v.15. A salvação do homem não é resultado da sua volição ou diligência. Quem *produz* a nossa salvação é Deus com Sua misericórdia.

(9.17)

¹⁷ le,gei ga.r h̄grafh. tw/| Faraw[ti eivj auvtotou/to evxh,geira[po]j evndei,xwmai
Diz, pois, a Escritura a Faraó que: Para mesmo isto levantei te para que mostre
evn soi. th.n du,namimou kai. o[po]w diaggelh/| to. o;nomanou evn pa,sh| th̄n/|Á
em ti o poder de mim e para que seja proclamado o nome de mim em toda a terra.

Pois a Escritura diz a Faraó que: Para isto mesmo te levantei, para que mostrasse em ti o meu poder e para que o meu nome seja proclamado em toda a terra. Uma vez que Paulo mencionara a passagem da Escritura na qual as palavras do v.16 foram dirigidas a Faraó do Egito, ele então continua o texto (Ex.9.16), e mostra o que Deus falou a Faraó por meio de Moisés.

O contexto nos mostra que seis pragas já haviam acontecido sobre o Egito. Depois que Deus disse essas palavras aconteceram mais quatro pragas. Entre a sexta e sétima pragas Deus disse a Faraó por meio de Moisés e Arão: “Pois já eu poderia ter estendido a mão para te ferir a ti e o teu povo com pestilência, e terias sido cortado da terra; ¹⁶ mas, deveras, para isso te hei mantido, a fim de mostrar-te o meu poder, e para que seja o meu nome anunciado em toda a terra”.

Que Deus cumpriu Seus propósitos em Faraó e exibiu Seu poder e Seu nome foi proclamado em toda a terra, é evidente à luz de Dt.6.22; 7.18,19; 11.13; 34.11; 1Sm.4.8; Sl.135.9 e At.7.36.

É evidente que quando Deus endurece o coração de uma pessoa que se tem endurecido contra seu Criador, ele não pode ser acusado de ser injusto. Se Deus realmente fará isso, ou se, por outro lado, demonstrará misericórdia, não cabe a tal pessoa nem a nós decidir. É uma questão pertencente à própria vontade, ao poder e ao decreto de Deus. É exatamente como se acha expresso no versículo seguinte (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.430).

(9.18)

¹⁸ a;ra ou=n o]n qe,lei evleei/(o]n de. qe,lei sklhru,neiÁ
Conseqüentemente portanto, de quem quer ter misericórdia, a quem porém quer endurece.

Conseqüentemente, pois, Ele tem misericórdia de quem quer e endurece a quem quer. Não há razão para dúvida de que foi final o endurecimento do qual Faraó foi alvo. Foi um elo na corrente: reprobção – vida ímpia – endurecimento – castigo eterno. Entretanto, isso não quer dizer que o endurecimento divino seja sempre final (voltaremos a esse assunto em 11.7b, 11).

(9.19-21)

¹⁹ VErei/j moi ou=ñ ti, Íou=nDe;ti me,mfetaiēw/| ga.r boulh,mati atijtu/
Dirás a mim portanto: Porque portanto ainda acha defeito? À pois vontade Dele quem

avnqe,sthkenĒ
se postou em contraposição?

²⁰ w= a;nqrwpe(menou/tige su= o` avntapokrino,menoj tw/ēnh. evrei/ tpla,sma
Ó homem, portanto tu quem és o que respondes contra o Deus? Porventura dirá o que é moldado

tw/pla,santì ti, me evpoi,hsaj ou[twjĒ
ao que moldou: porque me fizeste assim?

²¹ h' ouvke;cei evxousi,an o` kerameu.j tou/ phlou/ evkura,matojtpoih/sai o]
Ou não tem autoridade o ceramista do barro de a mesma massa de barro fazer o qual

me.neivj timh.nskeu/o]j de. eivj avtimi,anĒ

um para honra vaso o qual outro para desonra?

Portanto, tu me dirás: O que Ele reprova ainda, se ninguém resiste à Sua vontade? Ó homem, portanto quem és tu que retrucas a Deus? Porventura dirá o que é modelado ao que o modelou: Porque me fizeste assim? Ou não tem o ceramista autoridade para fazer da mesma massa de barro, um vaso para honra e outro para desonra?

“Portanto, tu me dirás: O que Ele reprova ainda, se ninguém resiste à Sua vontade?”¹⁹⁹. A objeção é oriunda da falha em distinguir entre a vontade secreta (decretiva) de Deus e Sua vontade revelada (preceptiva). Naturalmente que o homem nada pode fazer quanto à primeira. Mas certamente e com justiça é responsável pelo que ele faz quanto à última. Esse duplo fato é claramente apresentado em duas passagens de fácil memorização: Dt.29.29 e Lc.22.22.

“Ó homem, portanto quem és tu que retrucas a Deus?”, essas palavras colocam aqueles que insolentemente questionam os desígnios de Deus no seu devido lugar. Quem é o homem para exigir alguma explicação Divina? Nosso coração ter dificuldade em compreender os grandes mistérios de Deus é perfeitamente admissível, mas, é inadmissível que um ser tão finito e limitado que depende completamente de um Ser infinito, Todo-Poderoso e Soberano absoluto do universo, questioná-Lo como se tivesse o direito e a liberdade de fazê-lo.

Usando um exemplo muito impressionante, Paulo diz: “Porventura dirá o que é modelado ao que o modelou: Porque me fizeste assim?”. A figura do vaso na mão do oleiro (ceramista) foi usada pelo próprio Deus no Antigo Testamento para transmitir Sua mensagem ao profeta Jeremias (Jr.18.1-17). E não só essa passagem mas, também a de Jó 10.9; Is.64.8; 29.16; 45.9. Ela transmite a idéia clara de quem é que está no controle. O barro só se transforma num vaso porque o ceramista o modelou. Tão absurda quanto a idéia de um vaso de barro se voltar para o ceramista e questioná-lo sobre a forma que este lhe deu, é a idéia de um mero ser humano mortal questionar Deus em Seus santos desígnios. Não obstante essa idéia seja absurda, muitos ainda retrucam a Deus, com palavras como: “Essa doutrina da Predestinação é anti-bíblica e coisa de teólogos”.

No seu argumento Paulo prossegue: “Ou não tem o ceramista autoridade para fazer da mesma massa de barro, um vaso para honra e outro para desonra?”. Essas palavras nos mostram duas verdades: **(1)** o ceramista (Deus) tem total autoridade (soberania) sobre a massa (a humanidade) para fazer o que bem quer (salvar e condenar pessoas); **(2)** os vasos de honra (os salvos em Cristo) e os vasos de desonra (os não salvos) são feitos da mesma massa (têm a mesma natureza pecaminosa, são iguais aos olhos de Deus – todos merecem o inferno!). Mas, se o ceramista (Deus) da mesma massa (dentre toda a humanidade) quis fazer vasos de honra e vasos de desonra (escolher alguns para salvação e recusar outros condenando-os ao inferno), porque ainda alguém retruca e reclama?

(9.22-24)

²² eiv de. qe,lwno` qeo.j evndei,xasqth.n ovrgn.n kajnwri,sai to. dunato.n avtou/
Se porém querendo o Deus mostrar em a ira e dar a conhecer o poderoso Dele

h;negken evn pollh/| makroqumi,a| skekathrovismē,næivj avpw,leian(
suportou em muita paciência vasos de ira foram preparados para perdição,

²³ kai. i[na gnwri,sh| to.n plou/ton th/j do,xhj æwptik/εu,h evle,ouj a]
e para que desse a conhecer a riqueza da glória Dele sobre vasos de misericórdia que

¹⁹⁹ Uma das doutrinas básicas da Fé Reformada, é a “Graça Irresistível”. Por “irresistível” não devemos entender que Deus *mede forças* com o homem, e, depois de vencê-lo, obriga-o a aceitar Sua graça. Não é assim. Uma avalanche é irresistível, uma represa que se rompe, suas águas são irresistíveis e todos quantos se colocarem à sua frente serão esmagados. O mesmo não acontece com a Graça de Deus. Ela traz tanto gozo ao coração do pecador que, quando este é por ela alcançado, se rende a ela porque ela é maravilhosa e prazerosamente irresistível.

prohoi, maseivj do, xanē
preparou antes para glória.

²⁴ Ou j kai. evka, lesen h`ma / jrou, nonevx vloudai, wn avll kai. evxevqnrw/n(
Os quais também chamou nós não somente dentre judeus mas também dos gentios?

Se, porém, querendo Deus mostrar Sua ira e dar a conhecer o Seu poder suportou com muita paciência os vasos de ira preparados para perdição, e também para que desse a conhecer a riqueza da Sua glória sobre os vasos de misericórdia os quais preparou de antemão para a glória, o que diremos, nós, a quem também Ele chamou, não só dentre os judeus, mas também, dentre os gentios?

Paulo continua questionando aqueles que questionam Deus diz: “Se, porém, querendo Deus mostrar Sua ira e dar a conhecer o Seu poder”. Aquele que é o dono por excelência de tudo e de todos tem o direito de mostrar, exhibir Sua ira contra o pecado (e os pecadores) e também revelar, “...dar a conhecer o Seu poder...”. Ele “querendo”, ou seja, Ele é quem decidiu assim fazer. Ele é quem decidiu criar o mundo e o homem, Ele é quem decidiu salvar aqueles que jamais mereceriam Sua salvação, e, como está explícito aqui no texto, Ele é quem quis condenar²⁰⁰.

O querer de Deus é tão absoluto e verdadeiro que Ele também quis suportar “com muita paciência os vasos de ira preparados para perdição, e também para que desse a conhecer a riqueza da Sua glória sobre os vasos de misericórdia os quais preparou de antemão para a glória”.

Em Sua “muita paciência” Deus reluta em punir os pecadores, veja Gn.6.3b; 18.26-32; Ex.34.6; 1Re.21.29; Ne.9.17b, Sl. 86.15; 10.8-14; 145.8,9; Is.5.1-4; Ez.18.23, 32; 33.11; Lc.13.6-9 e Ap.2.21.

“...os vasos de ira preparados para perdição...”, ou seja, aqui se trata de todos os ímpios impenitentes como o exemplo de Faraó que foi citado há pouco. O particípio kathrtisme, na (katarti, zw) “preparados” quer dizer também “prontos” e o tempo perfeito aqui, enfatiza o estado e a condição desses “vasos de ira”. Eles foram preparados “para perdição”. Paulo não declara quem preparou essas pessoas para destruição. À luz de 9.18, alguns têm chegado à conclusão de que foi Deus. Aqui, no v.22, não somos informados se foi Deus. E ainda que fosse Deus, então devemos presumir que a ação de endurecer o coração deles e assim prepará-los para a destruição, foi o resultado e um castigo por sua própria ação de endurecer-se a si mesmos? Mas não é absolutamente impossível que o apóstolo deseje apresentar um contraste entre a presente passagem e o v.23, onde o agente ativo é mencionado, a fim de mostrar que aqui, no v.22, as *próprias pessoas* – em comparação com Satanás! – foram os agentes ativos, como, por exemplo, também em 1Ts.2.14b, 15,16, enquanto em Rm.9.23 somos informados ser Deus aquele que prepara, e ali num sentido favorável “querendo Deus mostrar Sua ira e dar a conhecer o Seu poder”. É precisamente a pecadores endurecidos, homens como Esaú (9.13), Faraó (9.17,18) e Judas, o traidor (Lc.22.22; Jo.13.18; 17.12; At.1.15-20 e 25), todos impenitentes, ou seja, àquelas pessoas que por fim se recusam responder favoravelmente aos pacientes apelos de Deus, que Deus manifesta Sua ira e faz notório o Seu poder.

“e também para que desse a conhecer a riqueza da Sua glória sobre os vasos de misericórdia os quais preparou de antemão para a glória”. Deus é glorificado tanto nos vasos de ira, ou seja, na condenação dos pecadores endurecidos e impenitentes, como Aquele que está acima de todos e pune o pecado, assim como também é *especialmente* glorificado na vida dos Seus escolhidos para salvação. Nestes, Ele é glorificado como o Deus que tendo todo o direito de condenar, decidiu mostrar Seu insondável amor àqueles a quem Ele quis, e isso de antemão, ou seja, antes mesmo dessas pessoas terem feito algo para merecer Sua Graça. No mesmo tempo em que Deus revela Sua misericórdia aos escolhidos Ele executa Seu juízo sobre os ímpios. O caso de Faraó ilustra isso. Se não fossem Faraó e o Egito punidos por Deus tão severamente como foram, ou

²⁰⁰ Sem com isso ser o responsável pelo pecado e condenação do homem. O homem é o responsável pelo seu pecado e condenação. Deus é quem decide a quem Ele manifestará Sua Graça Salvadora.

até mesmo se fossem destruídos imediatamente, quem teria se conscientizado da *misericórdia* de Deus para com Israel?

“... o que diremos...”, embora esta expressão não se encontra no texto grego, ela se faz necessária à luz do contexto, porque ela suscita uma pergunta no final do v.24²⁰¹.

“...nós, a quem também Ele chamou, não só dentre os judeus, mas também, dentre os gentios?”. A vocação (chamado) a que se faz referência aqui, é aquela operação do Espírito Santo por meio da qual Ele assim aplica o Evangelho à mente e ao coração dos pecadores que se tornam cômicos de sua culpa, começam a entender sua necessidade de Cristo e o abraçam como Seu Senhor e Salvador. É a vocação *eficaz*, o convite salvificamente aplicado ao coração e vida²⁰². Os crentes são chamados tanto “...dentre os judeus” quanto “...também, dentre os gentios”. Deus não faz acepção de pessoas! Veja o comentário de Rm.9.14 e 15.

(9.25,26)

²⁵ w`j kai. evntw/†Wshde,gei kale,sw to.n oulao,n moulao,n moukai. th.n
Como também em o Oséias diz: Chamarei o não povo de mim povo de mim e a

ouvk hvgapme,nhn hvgapme,nhn
não amada amada;

²⁶ kai. e:stai evn tw/| tou poy rre,qhuvtoi/ouvlao,j mou u`mei/j(evklei,h,son tai ui`oi
e será em o lugar onde foi dito a eles: não povo de mim vós, ali serão chamados filhos

qeou/zw/ntojã
do Deus que vive.

Como também Ele diz através de Oséias: Chamarei ao não-meu-povo de meu povo, e à não-amada chamarei de amada; e será que no lugar onde fora dito: Vós não sois meu povo, ali mesmo serão chamados de filhos do Deus vivo.

Paulo aqui toma um texto do profeta Oséias (Os.1.10). Oséias profetizou a restauração do povo judeu após sua decadência e cativo. Então surge uma pergunta: Como Paulo pode tomar uma passagem que prediz restauração para os *israelitas* e a aplicar a um “auditório” no qual os *gentios* predominavam?

A resposta é simples: o mesmo princípio opera do começo ao fim. Se for restauração dos israelitas ao favor divino, ou conversão dos gentios, ou mesmo de ambos, a causa ou fonte de restauração e salvação em cada caso, é a mesma. Aquilo que produz a restauração ou conversão é sempre a graça ativa, poderosa e soberana do Deus Onipotente! O que se enfatiza nessas citações é a graça soberana e compassiva de Deus demonstrada àqueles que – quer judeus quer gentios – são privados do direito de se considerarem povo de Deus²⁰³.

(9.27-29)

²⁷ Vhsai<ajde. kra,zei u`pe.r tou/ Vlsrae.l n h=|avriqmo.j tw/n Vlsrae.l w`j h` a;mmo.j
Isaias, porém brada sobre o Israel: Se for o número dos filhos de Israel como a areia

th/j qala,sshj(taw`po,leimmaswqh,se tai
do mar, o remanescente será salvo.

²⁸ lo,gon ga.r suntelw/n kai. sunte,mnwpoi,sei ku,riojevpi.th/j gh/jã
palavra pois consumando juntamente e cortando juntamente fará Senhor sobre a terra.

²⁰¹ A NVI, ARA, ACF, ARC, ABP (Almeida Bíblia Portuguesa), a ASV (American Standard Version), assim como a maioria das versões em Inglês, traduzem o v.24 em forma de pergunta.

²⁰² (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.435).

²⁰³ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.437).

29 kai. kaqw.j proei,rhken VHSaiajnh.ku,rioj sabaw.q evgkate,lipen h`spërma(
E como falou antes Isaías: Se não Senhor dos Exércitos tivesse deixado a nós semente,
w`j So,doma a'n evgenh,qhmedai. w`j Go,morra a'n w`moi w,qhmenA
como Sodoma (e) teríamos nos tornado e como Gomorra (e) teríamos sido feitos semelhantes.

Isaías, porém, exclama acerca de Israel: Se o número dos filhos de Israel for como a areia do mar, apenas o remanescente será salvo. Pois o Senhor executará Sua palavra sobre a terra em breve. E como predisse Isaías: Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado semente, teríamos nos tornado como Sodoma e como Gomorra teríamos sido feitos semelhantes.

Isaías profetizara acerca de Israel que apesar de Israel ser uma numerosa nação como a areia do mar, seria reduzida a um remanescente e apenas este regressaria.

William Hendriksen comentando esse verso diz²⁰⁴:

“Nesse ponto devemos evitar cometer um erro em nossa interpretação. É uma prática bastante comum dizer que Paulo agora começa a espiritualizar, ao afirmar que somente o remanescente *será salvo*. Entretanto, um detido exame da própria profecia de Isaías revela que ele de modo algum restringe sua profecia a uma predição de um *regresso* físico do cativo, mas declara que o remanescente regressará “para o Deus poderoso” (Is.10.21). *Inclinar-se-ão para Jeová*, confiarão no Senhor (v.20). Portanto, Paulo está reproduzindo exatamente o pensamento de Isaías quando diz que do número total de israelitas somente o remanescente *será salvo*. O apóstolo acrescenta que o Senhor levará a bom termo sua sentença “completa e imediatamente” ou “com vigor e presteza”. Nos dias da profecia de Isaías, os rigores da guerra, a deportação, a vivência num país estranho sob condições angustiantes, o fato de ser abatido à espada e/ou ver amigos e parentes sendo assim abatidos, têm de ser incluídos. Quando *Paulo*, guiado pelo Espírito Santo, faz uso dessa linguagem, é difícil crer que a queda de Jerusalém no ano 70 d.C. não estivesse, pelo menos em parte, no quadro. Mas ver também 9.13b, 18b, 22b”.

A citação é de Isaías 1.9. O original hebraico pode ser traduzido assim: “*A menos que o Senhor dos Exércitos nos deixasse um remanescente sempre tão pequeno, como Sodoma teríamos sido, a Gomorra teríamos sido comparados*”.

A LXX tem essencialmente o mesmo, exceto que para “remanescente sempre tão pequeno”, ela usa a palavra “semente”. É esse texto da LXX que é reproduzido com exatidão por Paulo aqui em Rm. 9.29. Naturalmente, “semente” e “remanescente pequeno” são de sentido igual. Se porventura há alguma diferença, possivelmente seja que “semente” aponta diretamente para o Semeador, a saber, Deus, e contém esperanças implicações para o futuro.

O que Isaías, e depois dele Paulo, está dizendo, pois, é isto: Deve-se exclusivamente ao amor de Deus em poupar, e a seu cuidado providencial, que o povo - os autores incluem a si e aos destinatários, note “nós” - não se tornou como Sodoma e Gomorra. Rejeição mais forte de quaisquer méritos ou pretensões pessoais era certamente impossível, pois aquelas cidades eram consideradas a própria culminação da perversidade. Ver Gn.13.13; 18.20,32 (cf. 19.29), Is.3.9, Jr.23.14, Mt.10.15; 11.23,24,2Pe.2.6 e Jd. 7.

Quando uma pessoa recapitula o que foi dito nesse capítulo, ela fica surpresa diante do grande número de citações bíblicas (vv. 7,9, 11-13, 15,17,20,21,25-29, e ainda virá o 33). É como se Paulo, de alguma maneira propositadamente, mantivesse seus próprios juízos em latência, para que os leitores e ouvintes fossem capazes de ver por si mesmos o que Deus havia dito no passado. E se mesmo Paulo que, afinal de contas, era divinamente inspirado, fez esse uso da Escritura, não devemos fazer o mesmo hoje? Um sermão não é muito mais poderoso e eficaz se o pregador pode provar a seu auditório: “Assim diz o Senhor”?

Também aqui, como muitas vezes anteriormente, a lição é: Há, de fato, uma semente,

²⁰⁴ (HENDRIKSEN, 2001, p.438).

um remanescente, pela soberana graça de Deus. *A rejeição de Israel não é total.* A eleição está ainda tendo seu efeito²⁰⁵.

2.2. O PRESENTE DE ISRAEL. REJEIÇÃO DE DEUS (9.30 – 10.21)

2.2.1. Israel busca Justiça pelas obras (9.30-33)

(9.30-33)

³⁰ Ti, ou=nevrou/menÈcõntihta. mh.div,konta dikaiosu,nhn kate,laben dikaiosu,nhn(
Que portanto diremos? Que gentios as não que perseguem justiça obtiveram justiça,

dikaiosu,nhn de. th.n evk pi,stewj(
justiça porém a de fé.

³¹ Vlsrah.l de. diw,kwn no,mon dikaiosu,nhj eivj no,mon ouv k e;fqasenÅ
Israel porém, que perseguia a Lei de justiça a Lei não atingiu.

³² dia. ti,È o[ti ouv k evk pi,stewj avliV wèjx e;rgovnose,koyan tw/| litou/
Em razão de que? Porque não à base de fé mas como de obras: tropeçaram à pedra de

prosko,mmatoj(
tropeço,

³³ kaqw.j ge,grapãidou. ti,qhmi evn Siw.n li,qon prosko,mmatoj kai. pe,tran skanda,lou(
como foi escrito: Eis ponho em Sião pedra de tropeço e rocha de escândalo

kai. o` pisteu,vwvãvutw/| kãtaiscunqh,setaiÅ
e o que crê sobre Ele não será envergonhado.

Portanto, o que diremos? Que os gentios que não buscavam a justiça, obtiveram a justiça, porém a justiça que provém da fé. Israel pois, que buscava a Lei da justiça, não obteve a Lei. E porquê? Porque não (buscaram a justiça) com base na fé, mas nas obras. Tropeçaram na Pedra de Tropeço, como está escrito: Eis que ponho em Sião uma Pedra de Tropeço e uma Rocha de Escândalo. O que Nela crê não será envergonhado.

Ainda que as palavras “*Portanto, o que diremos?*” sejam as mesmas do v.14, o que está implícito nelas não é o mesmo. No v.14, Paulo estava antecipando uma objeção, a qual ele então cancela. Aqui, em 9.30,31, ele declara a conclusão a que chegara com base em seu arrazoado prévio.

Essa conclusão equivale a isto: os gentios – ou seja, aqueles gentios que abraçaram a Cristo – têm obtido a justiça pondo-se diante de Deus. Todavia, no passado não buscaram obter a justiça no único lugar onde poderia ser encontrada. Nesse tempo viviam em trevas morais e espirituais. Ver Rm.1.18-32; e cf. At.14.16; 17.30 e Ef.2.1-3. Mas quando ouviram o evangelho, muitos daqueles gentios, pela graça de Deus, o aceitaram e assim obtiveram a justiça (cf. Rm.9.25, 26). Entretanto, ela não era uma justiça baseada em sua própria bondade aos olhos de Deus. Era a justiça de Deus, apropriada pela fé outorgada por Deus. Foi uma justiça adquirida pelo sangue redentor de Cristo.

Ao contrário, Israel, ainda que sempre em busca da lei de justiça, buscando zelosamente alcançá-la – até aqui, tudo bem! - fracassaram, em obtê-la, em atingi-la. Ela sempre iludiu a Israel. A razão é declarada no v.32 “*E porquê? Porque não (buscaram a justiça) com base na fé, mas nas obras*”

Naturalmente que não havia nada de errado em buscar a obtenção de um estado de

²⁰⁵ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.440).

justiça à vista de Deus. O problema com Israel era que esse povo procedia da falsa pressuposição de que, quanto mais tentassem, mais seriam capazes de algum dia observar a Lei de Deus toda, de sorte que seriam capazes de gritar: “Sucesso! Conseguimos!” Paulo prega um evangelho completamente diferente. Ver Rm.3.27, 28 e Gl.1.8, 9; 3.10; 5.6. A lei, com sua inflexível exigência de amor e obediência perfeitos, tinha a função de conduzir cada israelita para Deus com uma oração fervorosa: “Oh, Deus! Sê propício a mim, pecador”. Em vez disso, Israel concluiu que os homens seriam capazes, por seu próprio poder e com base em seus próprios recursos, de cumprir as exigências da lei.

Resultado: por mais que Israel buscase, nunca conseguiu. A lei permanecia sempre a quilômetros à frente de Israel. Ela não podia ser alcançada. Daí a idéia do verbo διωκω (diōkō), “perseguir, buscar com intensidade”.

“Tropeçaram na Pedra de Tropeço, como está escrito: Eis que ponho em Sião uma Pedra de Tropeço e uma Rocha de Escândalo. O que Nela crê não será envergonhado”,

Paulo então vai à própria raiz do fracasso de Israel de conseguir a justiça. Tropeçaram em - ou se chocaram contra - a Pedra de Tropeço. Fracassam em reconhecer a Cristo como seu Salvador. Naturalmente, enquanto Israel confiasse em obras (humanas) não poderia abraçar a Cristo. Tinha de ser um ou outro. Não havia como ser ambos.

Para os judeus, Cristo era uma pedra de tropeço (1Co.1.23). Por certo, também para muitos gentios ele era uma loucura. Mas, de um modo geral, os judeus eram muito mais inflexíveis em sua convicção de que haviam encontrado a solução do problema de atingir o *status* da justiça aos olhos de Deus. E seu fracasso de humildemente correr para Cristo e o abraçar pela fé provava seu desastre, implicava sua ruína.

As palavras citadas por Paulo aqui no v.33 são uma combinação de duas passagens bíblicas: Is.28.16 e 8.14: “Eis que eu assentei em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada; aquele que crer não foge” (Is.28.16). “Ele vos será santuário; mas será pedra de tropeço e rocha de ofensa às duas casas de Israel, laço e armadilha aos moradores de Jerusalém” (Is.8.14).

Habilmente, Paulo combina a essência de ambas em sua citação. Ainda que em Is.8.14 é o Senhor dos Exércitos quem é mostrado como sendo uma pedra de tropeço, o apóstolo não hesita em aplicar essa passagem a Jesus. Conforme Mt.21.42, Mc.12.10, Lc.20.17, At.4.11 e 1Pe.2.6-8. Solução: Cristo é Deus!

A busca que Israel empreendeu da Lei, como se uma pessoa pudesse ser salva pela observação da Lei, equivalia a uma indisposição em aceitar a justiça oferecida por Deus com base na obra redentora de Cristo. Os gentios, em contrapartida, em grande número, têm aceitado Cristo pela fé. Como já se observou, a igreja em Roma também consistia em sua maioria de conversos dentre o mundo gentílico. Paulo afirma que, ao porem sua confiança em Cristo, *não serão frustrados nem envergonhados*.

Essa interpretação da passagem (Is.28.16) parece ter sido a base da tradução da LXX, bem como da citação de Paulo aqui em Romanos 9.33.

O ponto principal a ser muito mais enfatizado é este: que a verdade aqui expressa vale para o judeu tanto quanto para o gentio. Não é ele uma afirmação em linguagem profética, e agora também em linguagem paulina, da preciosa verdade incorporada em Jo.3.16? (cf. HENDRIKSEN, 2001, p. 441).

2.2.2. Israel rejeita a Cristo (10.1-15)

(10.1)

¹ VAdelfoi, (h`me.n euvdoki,ath/j evmh/j kardi,aj kai. h` de,thsj to.n qeo.n u`pe.r auvtw/n
Irmãos, o de fato bom desejo do meu coração e a prece para com o Deus sobre eles

eivj swthri,an

para salvação.

Irmãos, de fato, o desejo do meu coração e a minha súplica a Deus por eles é para que sejam salvos.

Aqui Paulo se prepara para ampliar o tema da culpa de Israel, mostrando que *sua rejeição (de Israel) não era arbitrária, mas merecida*, ele antes de tudo, com muita sinceridade e sabedoria reafirma seu amor e preocupação para com seus compatriotas. Nas entrelinhas podemos constatar seu amor pelos israelitas, um amor que o leva a ter “*de fato, o desejo*” de vê-los serem salvos também.

(10.2)

² marturwga.r auvtioi/j oñi/lon qeou.ε:cousin avllv oukaTV evpi,gnw/sin
Testifico pois a eles que zelo de Deus têm mas não segundo conhecimento acurado.

Pois, testifico que eles têm o zelo de Deus, porém, não segundo o pleno conhecimento.

Que os judeus eram extremamente zelosos com as “*coisas de Deus*” isso o próprio Paulo testificava, confirmava com seu testemunho. Infelizmente, o zelo deles era fanatismo religioso e muitas vezes hipócrita e orgulhoso. Sim, hipócrita por que se mostravam exímios cumpridores da Lei do Senhor, mas seu coração estava distante do Senhor da Lei; orgulhosos porque de conformidade com seus próprios padrões se julgavam os melhores e merecedores do favor de Deus. Contudo, esse zelo, esse entusiasmo, essa forte e profundamente arraigada insistência em viver em concordância com a vontade de Deus era tudo feito não “*segundo o pleno conhecimento*”. Mas o que é esse *pleno conhecimento*?

(10.3)

³ avgnouu/ntajr th.n tou/ qeou/ dikaios,nhn kai. th.n ivdi,an Îdikaios,nhn sôhristo(untej
Não conhecendo pois a do Deus justiça e a própria justiça procurando estabelecer
th/| dikaios,nh| tou/ qeou/ ouvc u`peta,ghsanÂ
a justiça do Deus não obedeceram.

Porque ignorando a justiça de Deus e procurando estabelecer a própria justiça, não obedeceram a justiça de Deus. Israel é o culpado: (1) “*Porque ignorando a justiça de Deus...*”, só se ignora aquilo que já se conhecesse ou pelo menos tomou nota de sua existência. Israel deixou de reconhecer, de abraçar e aceitar a “*justiça de Deus*”, ou seja, a que procede de Deus, a saber, a que tem por base a expiação de Cristo (3.24; 5.8,17,18; 8.3,4,32) para (2) “*estabelecer a própria justiça...*”, ou seja, aquela que tem como base as suas próprias obras, as quais não passam de “*trapa da imundícia*” (Is.64.6). Que afronta à santidade de Deus! Como não poderia Israel ser o único responsável por sua ruína (Os.13.9)?

Dessa forma eles não “*obedeceram a justiça de Deus*”, não se submeteram a ela, e nela tão somente confiaram.

(10.4)

⁴ te,loj ga.r no,mouCristo.j eivj dikaios,nhpanti. tw/| pisteu,ontia
fim pois da Lei Cristo para justiça a todo o que crê.

Pois Cristo é o alvo da Lei para justiça de todo o que Nele crê. A finalidade de todo o Antigo Testamento é apontar para Cristo, por isso Cristo é o *cumprimento, a finalidade o propósito* da Lei. O substantivo te,loj quer dizer justamente isso: *alvo, fim, término*. No caso deste verso a tradução mais apropriada é *alvo*, justamente porque para Paulo a Lei não perdeu seu valor (3.31;7.7); ela só não pode justificar o pecador, contudo ela é *santa, justo e boa* (cf.7.12). Cristo

cumpriu toda a Lei, justamente porque a Lei apontava para Ele. Sem Cristo a Lei perde não só seu sentido mas, também, sua função. “Cristo conclui a Lei e traz justiça a todo o que Nele crê”²⁰⁶.

(10.5)

⁵ Mwu?sh/j g@ra,fei th.n dikaios,nhn th.n evk Îtou/Ð no,mou o[ti o` poihsaj auvta. a;nqrwp
Moisés pois escreve a justiça a de a Lei que o que fez as homem

zh,setai evn auvtoi/jÅ

viverá em elas.

Moisés pois, descreve dessa forma a justiça que é pela Lei: o homem que faz essas coisas viverá por meio delas. Aqui Paulo se refere a Lv.18.5. Mas, quem cumpriu “essas coisas” ou seja, que adquiriu a *justiça que é pela Lei*” por meio do cumprimento fiel da Lei? Somente um: Jesus Cristo. Através de Sua vida e morte, cumpriu plenamente as exigências da Lei, e com isso assegurou para Si mesmo a aprovação do Pai e o lugar à Sua mão direita (Hb.12.2), e para os Seus seguidores, a vida eterna (Hb.5.8,9). O que era impossível ao homem tornou-se possível por mei de Cristo.

Veja agora como é que é a justiça que é pela fé:

(10.6-8)

⁶ h` de. evk pi,stewj dikaios,nh ou[tw]n,gei,ph|j evn th/| kardia|j avnabh,setai
A porém de fé justiça assim diz: Não digas em o coração de ti: Quem irá para cima

eivj to.n ouvranon,ne tou/tv e;stin Cristo.n katagagei/n

a o céu? Isto é, Cristo conduzir abaixo;

⁷ h\ ti,j katabh,setai eivj th.n abussone tou/tv e;stin Criston avnagagei/nÅ

ou: Quem irá para baixo a o abismo? Isto é Cristo dentre mortos conduzir para cima.

⁸ avlla. ti, le,geiÅ evgguj sou tñ/mavstin evn tw/| sto,mati, sou kai. evnou/| kardi,a|
Mas que diz? Perto de ti a palavra está em a boca de ti e em o coração de ti

tou/tv e;stin tñ/math/j pi,stewj ofhru,ssomenÅ

isto é a palavra da fé que proclamamos.

Porém, a justiça que é pela fé diz: Não diga em teu coração: Quem subirá ao céu? Isto é, para fazer Cristo descer; ou: Quem descerá ao abismo? Isto é, para fazer Cristo subir dentre os mortos. Mas, o que diz a Escritura? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração, isto é, a palavra da fé proclamamos.

Essa conjunção “Porém” (de) põe em contraste o estado de justiça *obtido* por Cristo (v.4,5) e esse estado que, com base na justiça de Cristo, é *gratuitamente obtido* por todos aqueles que crêem Nele.

A justiça aqui é personificada, e apresentada como que *falando*. A mensagem que ela proclama é neotestamentária em termos veterotestamentários. Isso acontece porque o caminho da salvação em ambos os Testamentos é o mesmo.

Esses versos ecoam Dt.30.11-14 e nos fazem lembrar das palavras que Moisés disse ao povo: “¹¹ Porque este mandamento que, hoje, te ordeno não é demasiado difícil, nem está longe de ti. ¹² Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? ¹³ Nem está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós além do mar que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? ¹⁴ Pois esta palavra está mui

²⁰⁶ (BRUCE, 2005, p.164).

perto de ti, na tua boca e no teu coração, para a cumprires". O ponto que Moisés enfatiza é que a Lei foi dada a Israel no contexto da graça, e que Canaã, na qual o povo está para entrar, é *dom de Deus* para eles. Em nenhum sentido é ela o produto de sua própria justiça ou esforço. Portanto, aqui, assim como para o escritor de Hebreus, também há para Paulo uma analogia entre a entrada na Canaã terrena por parte de Israel (etnia) e a entrada na Canaã celestial por parte dos escolhidos de Deus.

Nos v.6,7, portanto, Paulo descreve toda a obra redentora de Cristo: encarnação, vida, morte e ressurreição. Assim sendo, Ele conseguiu *fazer* o que nós jamais conseguiríamos fazer: *cumprir a Lei e adquirir a justiça que dela decorre*.

O v.8 refere-se a Dt.30.14. Deus sempre chamou Seu povo com Seu amor. Um estudo de Deuteronomio revelará isso. O que Paulo está afirmando aqui é que *Cristo é o centro, o coração da mensagem do Antigo Testamento*. Entretanto, somente pela via da fé é que alguém obtém a justiça que Cristo alcançou para nós.

A seguir Paulo mostra ser genuína a sua afirmação "*A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração, isto é, a palavra da fé proclamamos*".

(10.9,10)

⁹ o[ti eva.n o`mologh,sh|j evn tw/| sto,mati, sou ku,rion Vlh sou/n kai. pisteu,sh|j evn th/| ka
Porque se confessares em a boca de ti Senhor Jesus e creres em o coração de ti

o[ti o`qeo.j auvto.n h;geirw nekrow/n(swqh,sh|
que o Deus O levantou dentre mortos, serás salvo.

¹⁰ kardi,a| ga.r pisteu,etai eivj dikaios,nhn(sto,mati de. o`mologeiv/tai eivj swthri,an
Coração pois é crido para justiça, boca pois se confessa para salvação.

Porque se confessares com tua boca que Jesus é Senhor e creres em teu coração que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Pois, com o coração é crido para justiça, e com a boca se confessa para salvação.

Note o seguinte:

O "*Porque*" (preferível a "*Que*") é natural aqui, cujo sentido, consistindo em que a afirmação de que a palavra está perto de você (v.8) é verdadeira, é demonstrado pelo fato de que, em vez de requerer esforço sobre-humano, a salvação é obtida simplesmente pela confissão com os lábios e tendo a fé no coração.

No v.9, a confissão dos lábios precede a fé no coração; no v.10, a seqüência oposta prevalece. Razão provável: primeiro, Paulo está pensando em Dt.30.14, onde "*em seus lábios*" precede "*em seu coração*". Então, ele segue a ordem natural, segundo a qual uma pessoa confessa com seus lábios aquilo que já se acha presente no coração.

Não era o imperador romano, mas Jesus, que devia receber toda honra e glória. Além do mais, é claro à luz de 1Co.16.22 ("*vem, nosso Senhor!*") que a exaltação de Jesus como Senhor era um costume já na igreja de fala aramaica. Que o título *Senhor* é aqui (em Rm 10.9) usado no sentido mais supremamente exaltado, indicando a igualdade de Jesus com Deus, é claro não só à luz do fato de que apóstolo freqüentemente, sem qualquer hesitação, atribui a Jesus qualidades que no Antigo Testamento são predicados de Deus, mas também da circunstância de que já em 9.5 ele chama Jesus "*sobre todos Deus bendito para sempre*".

Note "*coração*" e "*boca*". O *coração* não é meramente a sede de afeição ou emoção. Segundo o uso bíblico, ele é o cubo da roda da existência e vida humanas (intelectuais, emocionais e volitivas). Ver Provérbios 4.23.

Em primeiro lugar, seria a fé no coração. Sem essa fé, qualquer confissão com os lábios seria mera zombaria (Mt.7.22, 23). Mas também, ainda que haja fé no coração, não se requer apenas confissão com os lábios (Sl.107.2), mas plenamente natural que a fé seja genuína (At.4.20). Fé e confissão devem ser combinadas (Lc.12.8; Jo.12.42; 1Tm.6.12; 1Jo.4.15).

Por meio da ressurreição dentre os mortos, o senhorio de Jesus se fizera abundantemente claro. Ver Rm.6.9, 1Co.15.20, Ef.1.20-23, Fp.2.9-11, Cl.3.1-4, Hb.2.9 e Ap.1.17, 18.

Quando no v.10 se diz que *a fé* resulta em *justiça*, e *confissão* em *salvação* (lit. “... é para justiça - é para salvação”), ambos os conceitos, justiça e salvação, são concebidos como sinônimos. Isso é também evidente à luz do v.9, onde a salvação é descrita como sendo o produto tanto da confissão quanto da fé.

Note “*serás salvo*” (v.9), e “*para salvação*” (v.10). Para o significado de *salvação* e de *salvar*, nas epístolas de Paulo, ver sobre 1.16.

(10.11)

¹¹ le,gei ga.r hōgraph\ pa/j o` pisteu,wpv\ autw/| kai,taiscunqh,setaiĀ
Diz, pois a Escritura: Todo o que crê sobre Ele não será envergonhado.

Pois a Escritura diz: Todo aquele que Nele crê não será envergonhado. Citando Isaías novamente (Is.28.16), Paulo mostrará nos v.12 e 13, que essa verdade, a saber, que “*Todo aquele que Nele crê não será envergonhado*”. O contraste implícito aqui é com a Lei, a qual pela impossibilidade do pecador em cumpri-la *totalmente*, trazia consternação e vergonha decorrentes do juízo. Mas, aquele que põe a sua confiança em Cristo, e isso quer dizer, confiar na obra que Ele realizou lá na cruz, “*não será envergonhado*”, ou, até mesmo “*jamais será envergonhado*”²⁰⁷.

(10.12,13)

¹² ouvga,r evstin diastolh. Vloudai,oute kai. {Ellhnoj(o` ga.rauvto.ku,rioj pa,ntwn(
Não pois há diferença judeu tanto quanto grego, o, pois mesmo Senhor de todos,

ploutw/n eivj pa,ntaj tou.j evpikaloume,nujō,n
sendo rico para com todos os que chamam sobre O.

¹³ pa/j ga.r oj j a'n evpikale,shtai to. o; kuniōu swqh,setaiĀ
Todo pois que – chamar sobre o nome do Senhor será salvo.

Porque não é distinção tanto do judeu quanto do grego, pois, o mesmo é Senhor de todos sendo rico para com todos os que O invocam. Pois todo que invocar o nome do Senhor será salvo. Note o seguinte: “*Porque não é distinção tanto do judeu quanto do grego*”. A palavra “*Porque*” revela que o que se segue imediatamente prova a linha precedente que declara que *ninguém* que ponha *Nele* sua confiança jamais será envergonhado.

Embora o fato, no que diz respeito ao caminho da salvação, de não *haver distinção entre judeu e grego*, seja enfatizado por Paulo mais e mais vezes, deve ter sido muito difícil para os judeus crerem nisso. Então? Paulo realmente pretende dizer que *eles*, os descendentes sublimemente privilegiados de Abraão, não eram aos olhos de Deus melhores que os gregos ou gentios?

Ainda hoje não há muitos membros da igreja que endossam a teoria de que os judeus, como povo, são ainda objetos do *especial* deleite de Deus e que um glorioso futuro lhes está reservado? Note como, em muitos livros escritos por autores que aderem a essa opinião, a verdade expressa aqui em 10.12 é tocada de forma muito superficial, é posta de lado com muita pressa. Não obstante, tão plenamente convencido estava Paulo de sua importância que se demorou nela, pelo menos fez menção dela repetidas vezes. Que o leitor veja isso por si mesmo examinando cuidadosamente as seguintes passagens: Rm.1.16; 2.11 ; 3.10-18,22-24; 3.29, 30; 4.9-12; 5.18, 19; 5.6; 6.15, Ef.2.14-18 e Cl.3.11.

Que realmente não há distinção entre judeu e grego é claro à luz do fato que o apóstolo afirma nas seguintes palavras: “*pois, o mesmo é Senhor de todos sendo rico para com todos os que O invocam*”. Não apenas é verdade que um e o mesmo *Deus* é Deus dos gentios da mesma forma

²⁰⁷ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.456).

que o é dos judeus (cf.Rm.3.29), mas também, como o apóstolo declara aqui em 10.12, que o mesmo Senhor (Jesus) é Senhor de todos.

Deus é rico! Aliás, sua riqueza é incalculável. Se de modo algum nada existe que, por um instante, ele não possua, tudo o que ele tem a fazer é fazer valer sua vontade soberana, e eis que surge (o que ele quer)! Ver Gn.1.3, 6, 9, 11, 14, 20, 24, 26. Todo o ouro e toda a prata pertencem a Deus (Ag.2.8). Todo animal da floresta é seu, e assim é o gado sobre os milhares de montes (Sl.50.10.12).

E se Deus é rico, então também é *Cristo*, porquanto Cristo é Deus. Ef.3.8 menciona *as insondáveis riquezas de Cristo*; Ap.5.12 mostra que o Salvador é deveras *digno de receber* toda essa riqueza.

Mas, Deus não é só rico, ele também está intensamente desejoso de conceder suas riquezas a suas criaturas. Ele é rico em revelar-lhes Sua bondade, paciência, glória e mercê (Rm.2.4; 9.23; Ef.2.7). Ele é, de fato, generoso além de nossa capacidade humana de expressar isso em palavras. Ver a preciosa passagem de Jo.1.16, segundo a qual uma manifestação da graça ou favor divino nem ainda se foi quando outra chega, como as ondas do oceano que seguem uma após a outra numa estreita sucessão até se chocarem contra a praia. Na verdade, *“ele dá e dá e continua dando”*.

Quase não é necessário acrescentar que aqui também o que se diz acerca de Deus aplica-se a Cristo que, *“embora fosse rico, tornou-se pobre por amor a nós, para que, por meio de sua pobreza, nos tornássemos ricos”* (cf. 2Co.8.9).

Note ainda que, segundo o ensino inspirado de Paulo, não somente umas poucas pessoas, ou determinado grupo de pessoas, quer judeus ou gentios, são as beneficiárias dessa incomensurável riqueza, mas, ao contrário, que *todos* quantos invocam a Deus, em Cristo, recebem uma rica bênção. O Senhor ricamente abençoa - literalmente, é rico para com - todos eles.

Naturalmente, essa invocação de Deus – ou especialmente de Jesus – deve ser feita no espírito do centurião (Mt.8.8) e do publicano (Lc.18.13).

Prova dessa universalidade (num sentido) da generosidade divina é oferecida por Paulo em sua terceira sentença: *“Pois todo que invocar o nome do Senhor será salvo”* (ver At.7.59 e 1Co.1.2. O que aqui em Rm.10.13 segue a palavra *“Pois”* é uma reprodução exata do que em nossas Bíblias encontra-se em Jl.2.32, mas que na Bíblia hebraica e na LXX, em Jl.3.5. Aliás, no presente caso mesmo a expressão *todo aquele* já estava no original da passagem veterotestamentária. Contraste isso com Rm.10.11, onde, citando Is.28.16, Paulo mesmo inseriu essa expressão. Para *“será salvo”*, ver a explicação de 10.9.

(10.14,15)

¹⁴ Pw/j ou=n evpikale,swntai eojn ouvk evpi,steusanÈdpw/jisteu,swsin ou ouvk
Como no entanto, podem invocar a quem não creram? Como pois podem crer a quem não

h;kousanÈ pvdj. avkou,swsin cwri.j khru,ssontojÈ
ouviram? Como pois podem ouvir sem pregador?

¹⁵ pw/j de. khru,xwsin eva.n mh. avpostalw/sinÈ kaqw/j ge,graptoi oi` po,dej
Como pois podem pregar se não foram enviados? Como foi escrito: Como formosos os pés

tw/n euvaggelizome,nwn Îta.Ð avgaqa,Â
dos que anunciam as boas.

No entanto, como podem invocar aquele em quem não creram? E como podem crer naquele de quem nada ouviram? Como podem ouvir sem um pregador? Como pois podem pregar se não foram enviados? Como está escrito: Como são formosos os pés dos que anunciam as coisas boas!

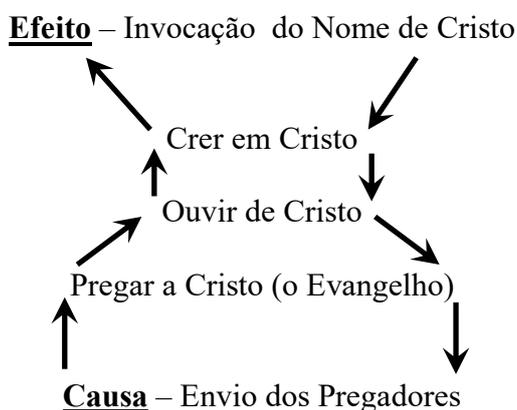
Romanos 10.13 declara: *“Pois todo que clamar pelo nome do Senhor será salvo”*. A conexão entre a sentença supra e o início do trecho, v.14-21, é clara, pois em 10.14 o tema de

invocação ao Senhor tem seguimento por meio da pergunta do v.14 “*No entanto, como podem invocar aquele em quem não creram?*”. O espírito dessa pergunta, especialmente à luz do que se segue nos v.16 a 21, indica que o apóstolo está direcionando uma acusação contra Israel. Ele está dizendo que, uma vez que Israel é carente de fé, ele é plenamente responsável por rejeitar a Deus. Em outros termos, essa rejeição, até o ponto em que era real, não era arbitrária, porém merecida.

A quem Paulo se refere nesta séria de perguntas, especialmente quando diz: “*Como podem invocar... como podem crer... como podem ouvir... como podem pregar...*”. A resposta usual é: Israel. Contudo seja verdadeira essa resposta, ela não é completa. Cremos que aqui Paulo tinha o desejo de que fosse mais amplo o grupo de pessoas a quem ele dirigiu essas palavras, pois somente no final desse trecho de v.14-21, a saber, nos v.19-21 é que ele menciona Israel.

Temos aqui uma *corrente* na qual cada *elo* está inteiramente ligado ao anterior. A retirada de um desses elos quebra não só a harmonia do pensamento como torna ininteligível o propósito do mesmo.

Em 5.3-5 e em 8.29-30 encontramos também outras *correntes*. Contudo, esta aqui dos v.14-15 é muito diferente, pois enquanto aqueles são *progressivas* em seu argumento, esta é *regressiva*, pois procede do *efeito* para a *causa*:



Paulo, além de seu um teólogo plenamente inspirado pelo Espírito Santo, muito culto, e pensador profundo, também era um cristão amigo, muito prático e ardoroso. Como tal, ele bem que poderia ter em mente um duplo propósito para seus escritos. Nesta *corrente* procura mostrar a importância não só do pregador, como especialmente na recepção do pregador do Evangelho por parte do povo. O pregador é enviado *da parte* de Deus. Portanto, recusar o pregador implica em recusar a mensagem do Evangelho, e em recusando a mensagem do Evangelho que é basicamente “*Cristo, o Filho de Deus veio ao mundo salvar os pecadores*”, significa recusar o próprio Deus.

Concluindo nosso comentário sobre esse verso, precisamos destacar algumas verdades práticas aqui: **(1)** devemos cumprir a pregação do Evangelho e para isso precisamos não somente enviar missionários aos povos ainda não alcançados, como também termos a convicção de que Deus nos enviou (nos colocou) para onde Ele quis, portanto, onde estamos hoje, precisamos executar a vontade de Deus quanto à proclamação do Evangelho; **(2)** o pregador do Evangelho não prega suas próprias idéias; se assim ele faz, então não é pregador do Evangelho. Ele precisa ter bem clara tanto em sua mente como em seu coração a mensagem do Evangelho; **(3)** Se não houver a pregação do verdadeiro Evangelho, não haverá verdadeira (e completa) conversão. Há que se questionar o tipo de evangelho anunciado hoje. A premissa de que é o Evangelho de Cristo que deve ser pregado, na poder ser esquecida jamais, pois somente com a pregação do verdadeiro Evangelho é que o pecador será convencido de seu pecado, e correrá desesperado para os braços do Pai.

2.2.3. Israel rejeita os Profetas (10.16-21)

(10.16-18)

16 VAIIV ouvpa,nteju`ph,kousan tw/| euvaggeli,w|Å VHSai`kujgæ(te,geievpi,steusen
Mas não todos obedeceram ao Evangelho. Isaías pois, diz: Senhor, quem creu

th/| avkoh/|h`mæ/
à mensagem de nós?

17 a;ra h`pi,stij evx avkoh/jh` de. avkoh. dia. r`h,matoj Cristou/Å
Conseqüentemente a fé de mensagem, a porém, mensagem através palavra de Cristo.

18 avlla. le,gw(mh. ouvk h;kousanÈ mehoi/jga/san th.n glew/h/lqen fqo,ggoj auvtw/n
Mas digo: Porventura não ouviram? Certamente! A toda a terra foi-se fora o som deles

kai. eivj ta. pe,rata th/j oivkoume,tajr`h,mata auvtw/nÅ
e a as extremidades da habitada as palavras deles.

Mas, nem todos obedeceram ao Evangelho. Porquanto Isaías diz: Senhor, quem creu em nossa mensagem? Conseqüentemente, a fé vem pela mensagem, e a mensagem através da palavra de Cristo. Mas pergunto: Porventura não ouviram? Certamente sim! Em toda a terra se fez ouvir o som deles e até às extremidades da terra habitada as palavras deles.

Os pregadores, aqueles de quem a Bíblia diz que “*Como são formosos os pés dos que anunciam as coisas boas!*”, espalharam-se por toda terra levando a mensagem do Evangelho de Cristo.

“*Mas, nem todos obedeceram ao Evangelho...*”, obviamente, nem todos os que ouviram a pregação do Evangelho. Nem todos os israelitas – é deles que Paulo está falando aqui. Contudo, devemos atentar para o fato de que a maioria de Israel não aceitou o Evangelho (9.27; 10.1; 10.5), pois somente o remanescente é que é fiel. Tomando o exemplo de Isaías que também passou por essa experiência de não ser ouvido pela maioria, Paulo descreve aqui não somente a sua situação, mas especialmente a de Cristo que foi rejeitado pela maioria dos israelitas.

“*Conseqüentemente, a fé vem pela mensagem, e a mensagem através da palavra de Cristo*”. Em outras palavras, a fé vem pelo ouvir (prestar atenção e acatar) a mensagem, e a mensagem é ouvida por meio da palavra de Cristo. O que Paulo está dizendo aqui é que a fé em Cristo, pressupõe ter sido ouvida a palavra que procede de Cristo e lhe diz respeito. *Só há verdadeira conversão quando o verdadeiro Evangelho é anunciado* e isso implica em *anunciar a palavra de Cristo* e não nossas idéias.

“*Mas pergunto: Porventura não ouviram? Certamente sim! Em toda a terra se fez ouvir o som deles e até às extremidades da terra habitada as palavras deles*”. A parte final do v.18 é encontrada no Sl.19.4, e aqui é uma citação exata do texto da LXX (Sl.18.5). Devemos tomar cuidado com o que Paulo está querendo dizer aqui. Ele não está dizendo que o Sl.19 estava mencionando a (profecia!) expansão do Evangelho. O que ele quer dizer é que o que no Sl.19 se aplica à linguagem dos corpos celestes é também aplicável à expansão do Evangelho²⁰⁸. É provável, porém, que a comparação seja mais do que superficial. Não deveríamos antes dizer que a revelação de Deus, na esfera da criação e na da redenção, é tal que em ambos os casos ela se impõe à nossa atenção?

Que nos dias de Cristo e dos apóstolos o Evangelho estava de fato se expandindo com rapidez, é claro à luz de passagens como Rm.15.22-24, Fp.1.12,13 e Cl.1.6. Que a expansão do Evangelho nos tempos apostólicos foi algo impressionante, basta-nos uma análise nos livros de história da Igreja Cristã para vermos os depoimentos dos historiadores. Afinal “*Em toda a terra se fez ouvir o som deles e até às extremidades da terra habitada as palavras deles*”. O som e as palavras *deles* se referem à atividade missionária daqueles servos de Deus no passado (e porque não os do presente também?!) que se empenharam e levar o Evangelho a todo canto.

²⁰⁸ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.464).

Todos (especialmente os judeus) não poderão alegar que nunca ouviram a palavra do Evangelho, pois “*Porventura não ouviram? Certamente sim!*”. Eles tiveram sua oportunidade e rejeitaram a Cristo. O que fica claro com os próximos versos.

(10.19-21)

¹⁹ avlla. le.gw(mh. Vlsrah.l ouvke;gnwÈ prw/toj Mwu?sh/j Vevgw parazhlw,sw
Mas digo: porventura Israel não conheceu? Primeiro Moisés diz: Eu provocarei inveja

u`ma ãjvpV ouvke;qnei(evpe;qnei avsune,tw| parorgiw/ u`ma/jÅ
a vós sobre não nação, sobre nação sem entendimento ficardes irados vós.

²⁰ VHSai<aj de. avpotolmakai. le,gèi eu`re,qhrñevnÐ toi/j evme.zhtou/sin(evmfanh.j
Isaiás porém ousa além de e diz: Fui achado em os me não que buscavam, visível em

evgeno,mtoi/j evme. mevperwtw/sinÅ
tornei-me aos me não que perguntavam.

²¹ proj de. to.n Vlsrah.l le,gèb[lhn th.n h`me,revxepe,tasa ta.j ceivraj proj
Para com porém, o Israel diz: Inteiro o dia estendi fora as mãos de mim para com

lao.n avpeiqou/nkai. avntile,gontaÅ
povo que não obedece e que fala contra.

Mas pergunto: porventura Israel não entendeu? Primeiro Moisés diz: Eu provocarei inveja em vós de um povo que não é nação, para ficardes irados com um povo incompreensível. Isaiás porém, ousa a dizer mais: Fui achado por aqueles que não me buscavam, e revelei-me àqueles que não perguntavam por mim. Mas certamente, a Israel ele diz: todos os dias estendi as minhas mãos a um povo desobediente e contradizente.

“*Mas pergunto*” condiz com a abertura do v.18. A pergunta referente a *ouvir* (v.18) é seguida por uma relativa a *entender*. Note que agora Israel, já implícito nos versículos anteriores, é definidamente mencionado.

O teor da pergunta é se Israel, mesmo quando realmente tenha ouvido o evangelho, não obstante foi capaz de entender suficientemente a ponto de ser tido como responsável por sua incredulidade. O que se encontra nos v.19b-21, ainda que diretamente não responda a essa pergunta, subentende a resposta. Mostra que a causa da falta de fé de Israel não foi a ignorância, mas a indisposição. A citação é de Dt.32.21b.

Um povo que não é nação não é meramente a massa do povo. É uma vasta multidão que não havia recebido os muitos privilégios que foram outorgados a Israel, “*povo que era a possessão peculiar de Deus*”. Essa multidão que não era nação iria receber as bênçãos que anteriormente haviam sido outorgadas a Israel. Ela iria assumir o lugar de Israel.

Esse mesmo fato por certo implica a culpa de Israel, visto que também implica que Israel havia recebido suficiente compreensão do caminho da salvação a ponto de ser plenamente responsável por sua incredulidade pessoal.

Essa mensagem não nos lembra imediatamente Lc.20.15, 16? (cf. Mt.21.41; Mc.12.9): “*O que, pois, o proprietário da vinha lhes fará? Virá e matará aqueles lavradores e passará a vinha a outros*”. A privilegiada posição, antes outorgada a Israel, estava para ser transferida àqueles mesmas pessoas que tinham sido desprezadas por Israel (cf. At.13.46).

A inveja e o ódio a que nossa passagem se refere são ilustrados em Mc.12.12. A inveja, porém, pode ter um resultado positivo. Para isso veja Rm.11.11.

Essas linhas de Is.65.1 (citadas aqui na ordem inversa) são ainda mais incisivas. Se entre os que primeiro as ouviram houve alguns judeus justos a seus próprios olhos, devem ter se sentido chocados com essa afirmação, especialmente em seu presente contexto. Ela se encontra na forma de um paradoxo. Ao lembrar os ouvintes que Deus foi encontrado por quem não o buscava e

se revelou a quem não perguntava por ele, a ênfase está posta no direito soberano de Deus em conceder a salvação a quem bem quiser. Em nenhum sentido é verdade que o homem, por meio de algum presumido mérito que ouse reivindicar, chama a atenção salvífica de Deus. Os gentios, com a mente e o coração obscurecidos pelo pecado, e que, portanto, nem mesmo solicitam o socorro divino, a recebem. Israel é ignorado por causa de sua obstinação, como se vê claramente à luz do v.21.

A sã exegese demanda que essa passagem - uma citação de Is.65.2 - seja interpretada à luz do contexto imediato (ver vv.19,20; e em Is.65, ver vv.3-7). A passagem indica que Israel era plenamente responsável pelo juízo divino que fora pronunciado sobre ele. O fato de que a nação, dia após dia, semana após semana, ano após ano, continuava a *desobedecer e a contradizer a Deus, ainda a despeito de Deus estender suas mãos de paciência e solicitação*, tornou a situação ainda pior para Israel. A impressão predominante que Rm.10.21 deixa sobre uma pessoa é, portanto, a de desalento e não a de otimismo. A ênfase posta aqui é de trevas e não de luz. Quando Deus pronuncia juízo sobre Israel, ele não está agindo arbitrariamente. Israel mereceu esse juízo. Não podemos evitar de nos lembrarmos das palavras de Jesus: *“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que são enviados a ti! Quantas vezes eu quis reunir teus filhos, como a galinha que reúne seus pintinhos debaixo de suas asas, mas não quiseste. Eis que vossa casa ficará deserta”* (Mt.23.37,38).

Isso não significa que a luz fora completamente substituída pelas trevas, a ponto de as mãos de Deus cessarem de estender-se em amorável paciência e apelo, e que Deus, conseqüentemente, “cortara as relações com os judeus”. Não devemos esquecer-nos de passagens como estas – e outras poderiam ser adicionadas – as quais revelam que mesmo agora não é infrutífera a obra missionária entre os judeus: 1.16; 3.3, 30; 4.12; 5.18, 19; 7.4; 9.6, 23,27,29; 10. 1, 11-13, 16. Há um remanescente de Israel que se destina à graça e glória. Deus não lançou seu povo para longe de Si (11.1). Há um sentido em que *“todo o Israel”* será salvo (11.26). Além disso, uma vez o processo de endurecimento tenha começado na vida deste ou daquele israelita, ninguém tem o direito de dizer que ele continuará até que o homem morra e pereça eternamente. A graça de Deus é suficientemente poderosa para alcançar temporariamente até mesmo o pecador empedernido. Ver mais sobre 11.28-31. Israel rejeitou a Cristo, e assim fazendo, rejeitou as profecias do Antigo Testamento que apontavam para Cristo. Essa rejeição de Israel foi a causa de Deus ter passado dele (Israel) para os gentios a Sua maravilhosa Graça. Contudo, isso não foi como se pensa *uma mudança de planos*. Deus não foi pego de surpresa. Ele sabia perfeitamente que tal coisa aconteceria porque já fazia parte de Seus decretos e propósitos divinos, sem com isso ser o culpado da própria queda de Israel. Lembremos novamente, a Soberania de Deus não anula a responsabilidade humana, e esta não desmerece em momento algum aquela. *A rejeição divina não é arbitrária!*

2.3. O futuro de Israel. Restauração Feita por Deus (11.1-36)

2.3.1. A rejeição de Israel não é total (11.1-10)

Neste parágrafo encontramos a realidade da eleição da minoria *versus* o endurecimento da maioria (v.7).

Ao descrever a obstinação de Israel em 10.21, Paulo já preparava para introduzir a questão sobre se Deus, talvez, tenha rejeitado seu povo (11.1). Esse assunto, a rejeição de Israel já foi abordado no cap.9 mostrando que ela *não é completa*, e no cap.10 que ela *não é arbitrária*, ou seja, Deus rejeitou e pronto! Israel que sofra as conseqüências. Se assim fosse, nem mesmo assim Deus seria injusto (seria arbitrário, mas não injusto!) pois estaria condenando os pecadores. Contudo, em Sua misericórdia (*“Ele é rico para com todos que o invocam”*, v.12) enviou Seus mensageiros para que por meio de Sua palavra o povo se conduzisse. E o que o povo fez quando veio Aquele em quem cumpriu-se todas as profecias anteriores? Israel O rejeitou. Tropeçaram na Pedra de tropeço.

O cap.11 expande algumas idéias do cap.9, mostra que entre endurecimento e salvação, entre quebrar e enxertar há um tipo de relação causa e efeito: a desobediência dos judeus produziu a obediência dos gentios (v.11,12,15 e 30); a misericórdia demonstrada para os gentios é uma bênção para os judeus (v.31); de modo que, no fim, não só a *plenitude dos gentios*, mas também a *salvação de “todo o Israel”* são asseguradas²⁰⁹.

Naturalmente essa dupla *interação* não surge automaticamente. É Deus quem produz esse resultado favorável (v.32). Eis a razão por que Paulo encerra esse capítulo com uma doxologia cheia de entusiasmo (v.33-36).

(11.1-6)

¹ Le,gwou=n(mh. avpw,sato` qeo.j to.n lao.n auvtogénoito kai. ga.r evgw.
Digo portanto, porventura lançou fora o Deus o povo Dele? Não venha a ser! E pois eu

Vlsrahli,thj eivmi,(evk spe,rmatoj VAbraa,nBefuilmji,nÁ
israelita sou, de semente Abraão, tribo de Benjamim.

² ouvkapw,sato` qeo.j to.n lao.n auvtou| proe,gnwÁn' ouvk oi:date evn VHli,te,gei
Não lançou fora o Deus o povo Dele a quem pré-conheceu. Ou não sabeis em Elias que diz

h` grafh,(w`j evntugca,nei tw/katawtpu/ Vlsrah,
a Escritura? Como clamou a Deus contra o Israel:

³ ku,rie(tou.j profh,taj sou avpe,kteinan(usiasth,ria, sou kate,skayan(kavgw.
Senhor, os profetas de ti mataram, os altares de sacrificio de ti derrubaram, e eu

u`pelei,fqhn mo,noj kai. zhtou/sin th.n yuch,n mouÁ
fui deixado só e procuram a vida de mim.

⁴ avlla. ti, le,gei auvtw/| o` crhmatismo,jÉ kate,hpautw/é ptakiscilli,ouj a;ndraj(
Porém que diz a ele o oráculo? Reservei para mim mesmo sete mil homens,

oi[tinej ouvk e;kampanuth/| Ba,alÁ
os quais não dobraram joelho ao Baal.

⁵ ou[twjou=n kai. evn tw/| nu,kairw/| lei/mma katV evklogh.n ca,ritoj ge,gonen
Assim portanto também em o agora tempo fixado remanescente segundo escolha de graça veio a ser.

⁶ eiv de. ca,riti(ouvke,tévx e;rgwnévpeih` ca,rij ouvke,tíj,netai ca,rijÁ
Se porém por graça não mais de obras, visto que a graça não mais vem a ser graça.

Pergunto pois: porventura, terá Deus rejeitado o Seu povo? De modo nenhum! Ora, eu mesmo sou israelita, da semente de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o Seu povo a quem conheceu de antemão. Ou não sabeis o que diz a Escritura diz sobre Elias? Como clamou a Deus contra Israel: Senhor, mataram os Teus profetas, derrubaram os Teus altares de sacrificio, e eu fui deixado só, e procuram tirar-me a vida. Porém, o que lhe diz o Oráculo? – Reservei para mim mesmo sete mil homens os quais não dobraram os joelhos perante Baal. Assim portanto, também no tempo atual tem permanecido um remanescente que veio a ser escolhido segundo a graça. Se, porém, é pela graça não é mais pelas obras, visto que se fosse, a graça não seria mais graça.

Os judeus eram o “tesouro particular de Deus” (Ex.4.22; 19.6; Dt.14.2; 26.18; Sl.135.4; Is.43.20 e Os.11.1). Contudo, por sua obstinação contra Deus, Paulo acabou de declarar que os judeus são desobedientes e obstinados (10.21), um povo merecedor de condenação. O apóstolo,

²⁰⁹ (cf.HENDRIKSEN, 2001, p.473).

porventura, quer dizer que Deus rejeitou totalmente *Seu povo*, lançado-o fora (significado do verbo ἀρνησάμενος)? Então ele faz a pergunta “*porventura, terá Deus rejeitado o Seu povo?*”, com o fim de levá-los a pensar na questão.

E a resposta é o seu costumeiro “*De modo nenhum!*”. E continua: “*Ora, eu mesmo sou israelita, da semente de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o Seu povo a quem conheceu de antemão...*”. O verbo προέγνω προέγνω, σκώμω muito importante. Ele já fora mencionado em 8.29, veja o comentário desse verbo no referido texto. Apenas ressaltando um pouco mais, esse verbo indica o conhecimento profundo que Deus tem de cada um e tem muitas vezes (como no caso de 11.2) o sentido de *amar*. Daí, como já dissemos, a causa de sermos eleitos, escolhidos por Deus é o Seu imenso amor e não Sua presciência no sentido de que Ele escolheu aqueles que, Ele sabia, haveriam de crer. Esse é o argumento dos arminianos.

Paulo rechaça qualquer idéia de que Deus possa ter rejeitado aqueles a quem Ele escolheu. Veja o que diz 1Sm.12.22 e Sl.94.14. Tampouco está Paulo aqui falando de *perda de salvação*. De outra forma, ninguém poderia ter certeza de sua salvação, coisa que a Bíblia reitera em várias passagens. Deus não escolhe alguém para ser salvo hoje e para amanhã condená-lo ao inferno. Se Ele assim fizesse estaria colocando por terra o sacrifício de Seu Santo Filho.

Apelando para sua linhagem Paulo mostra que se Deus tivesse rejeitado Seu povo, ele (Paulo) estaria incluso nessa rejeição. E se tinha algo do que Paulo tinha certeza era do caráter de Deus e de sua salvação pessoal: “*porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia*” (2Tm.1.12). Ele não só era descendente de Abraão, como também era descendente do único filho de Jacó que nascera na terra prometida, Benjamim. Além disso ele fora um terrível perseguidor da Igreja de Cristo, mas que pela Graça de Deus que o alcançara, tornou-se um filho de Deus e um proclamador de Sua Graça! Esse amor que Deus lhe revelou é desde os tempos eternos.

Ou não sabeis o que diz a Escritura diz sobre Elias? Como clamou a Deus contra Israel: Senhor, mataram os Teus profetas, derrubaram os Teus altares de sacrifício, e eu fui deixado só, e procuram tirar-me a vida. Porém, o que lhe diz o Oráculo? – Reservei para mim mesmo sete mil homens os quais não dobraram os joelhos perante Baal. Esse episódio da vida de Elias é assaz significativo para ilustrar o que Paulo está ensinando. No meio do povo de Israel, o qual deu todas as provas cabíveis de que abandonaram o Senhor, pois “*mataram os Teus profetas, derrubaram os altares de sacrifício...*”, quando parecia que somente Elias havia ficado firme ao lado do Senhor, como o próprio Elias chegou a crer e a argumentar com Deus “*...e eu fui deixado só...*”, Deus (o Oráculo) respondeu a Elias que havia ainda “*sete mil homens os quais não dobraram os joelhos perante Baal*”. Mas observemos o verbo que vem antes dessa afirmação: “*Reservei*” (κατέλιπον). Este indica que não somente Elias tinha companhia como *especialmente* estes “*sete mil que não dobraram seus joelhos perante Baal*”, não o fizeram porque Deus havia-lhes sustentado com Sua Graça para que se mantivessem fiéis. Deus diz “*Eu reservei*”. No meio de uma maioria rebelde e desobediente, Deus tinha um *remanescente fiel* que por Ele mesmo havia sido sustentado.

“*Assim portanto, também no tempo atual tem permanecido um remanescente que veio a ser escolhido segundo a graça*”. Com essas palavras Paulo compara o passado com o presente; o que aconteceu nos tempos de Elias (não só nos tempos de Elias, mas aqui Paulo usou somente este exemplo) com o que acontecia nos seus dias (e não somente nos dias de Paulo, mas, também em nossos dias). Em todos os tempos, não importando as circunstâncias, Deus se resguarda do direito que tem de levantar adoradores e servos para Si. Estes são o *remanescente fiel*. Então não hesitamos em afirmar categoricamente: *a salvação é somente para o remanescente fiel, a quem Deus quis revelar a Sua Graça*.

Daí, sendo a salvação “*pela graça*”, Paulo conclui: “*Se, porém, é pela graça não é mais pelas obras, visto que se fosse, a graça não seria mais graça*”. Paulo sente necessidade de acrescentar isso, provavelmente porque a *salvação pelas obras*, e portanto pelo mérito humano, era a própria pedra angular da religião judaica (rabínica). Não são apenas os cristãos que

constantemente têm de defender-se, bem como suas convicções, contra essa falsa doutrina, mas, como é óbvio à luz de passagens tais como Gl.1.6-9; 3.1-5, eles mesmos correm o risco de se bandear para a heresia que eles, ao tornarem-se cristãos, supõem haver deixado.

Daí Paulo afirma: *se a salvação é pela graça (e é), então não confiem mais nas obras para obtê-la; pois, se a salvação fosse pelas obras, a nossa salvação não seria uma dádiva de Deus para nós, mas sim, um pagamento.*

(11.7-10)

⁷ Ti, ou=nĒ o] evpizhteí/ Vlsrah, l(tou/to ouvk evpe,tucekloghevpe,tuceñ de.
Que portanto? Que procura Israel, isto não obteve, a porém escolha obteve. Os porém

loipoi. evpwrw,qhsan(
restantes foram endurecidos,

⁸ kaqw.j ge,graptaidwken auctoi/j o`pneu/matanu,xewjovfalmou.j touhble,pein
como foi escrito: Deu a eles o Deus espírito profundo torpor olhos do não ver

kai. w=ta tou/ mavkou,ein(e[wj th/j sh,meron h`me,rajÅ
e ouvidos do não ouvir, até o deste dia dia.

⁹ kai. Davi.d le,geigenhqh,tw` tra,peza auctw/n eivj pagi,da kai,eanj kai. eivj
E Davi diz: Venha a ser a mesa deles em laço e em rede de caça e em

ska,ndalon kai. eivj avntapo,doma auctoi/j(
escândalo e em pagamento a eles;

¹⁰ skotisqh,twsan oi` ovfalmoi. auctw/n hble,pein kai. to.n nw/ton auctw/n panto.j
sejam escurecidos os olhos deles do não ver e o dorso deles através de todo

su,gkamyonÅ
encurvado.

Portanto, o que dizer? O que Israel procura, isto não obteve, mas os eleitos o obtiveram. Porém, os demais foram endurecidos, como está escrito: Deus lhes deu espírito de profundo torpor, olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem até o dia de hoje. E Davi diz: Que a mesa deles venha a ser um laço e uma armadilha, e em escândalo e retribuição para eles. Que seus olhos sejam obscurecidos para que não vejam, e o dorso deles seja de todo encurvado.

Israel buscava *ardorosamente* (é o significado do verbo evpe,tuceavpitugca) não obteve. Aqui Paulo está reiterando o que ele disse em 9.30,31, a saber, a justiça que procede da lei, a auto-justiça. Em contrapartida “...os eleitos o obtiverem”. Israel (historicamente como nação) buscava o direito (baseado em suas próprias obras) de permanecer com Deus. Mas, esse “direito” (se é que podemos falar da salvação em termos de direitos adquiridos) coube somente aos que foram eleitos, escolhidos (literalmente, “a escolha”) de Deus. Os “eleitos” aqui, a quem Paulo se refere são os eleitos *dentre os judeus* (dos eleitos dentre os gentios ele falará mais à frente).

“Porém, os demais foram endurecidos, como está escrito...”, tomado agora duas passagens do AT, uma dita por Moisés (Dt.29.4), no v.8, e outra dita por Davi (Sl.69.22,23) nos v.9,10.

A que foi dita por Moisés: “Deus lhes deu espírito de profundo torpor, olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem até o dia de hoje”. Deus havia lhes endurecido o coração; deulhes “...espírito de profundo torpor...”²¹⁰, pelo qual se tornaram incapacitados de perceber a realidade, daí terem “...olhos para não verem e ouvidos para não ouvirem...” e essa condição

²¹⁰ O substantivo katanu,xewj kata,nuxijraz consigo o significado de “estupefação; derivado de um verbo que significa bater ou ferir violentamente (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.274).

prevalece “...até ao dia de hoje...”, não só se referindo aos dias de Paulo, mas, a um tempo constante, podendo ser traduzido assim: “*endurecidos constantemente...*”. Essa passagem de Dt.29.4, encontra seu eco em Is.29.10). Os judeus haviam rejeitado a Cristo e a justiça de Deus em Cristo e por meio de Cristo, e prosseguiram tentando estabelecer sua própria justiça.

A passagem do Sl.69.22,23 que registra as palavras de Davi precisa ser esclarecida, pois se uma interpretação pueril for aplicada ao texto, dará a falsa impressão de que Davi tinha um caráter duvidoso, pois, ele demonstra um ódio ferrenho por seus inimigos os quais *sem causa* o perseguiram. Mas, nos v.7 e 9 desse Salmo, constatamos que seus inimigos o odiavam tão implacavelmente por causa da comunhão que Davi tinha com Deus. Como nos lembra W.Hendriksen, “...*não nos surpreende que o Salmo 69 seja um salmo messiânico*”²¹¹.

O conceito que as seguintes palavras “*Que a mesa deles venha a ser um laço e uma armadilha, e em escândalo e retribuição para eles. Que seus olhos sejam obscurecidos para que não vejam, e o dorso deles seja de todo encurvado*” enfatizam, é o da retribuição.

Assim sendo os v.7-10 estabelecem os seguintes fatos:

- ✓ os eleitos têm obtido a salvação;
- ✓ Deus endurece os que se têm endurecido;
- ✓ eles obtêm o que lhes é destinado.

Então não há esperança para os endurecidos? Claro que sim! É justamente isso que Paulo quer mostrar aqui. A condição exigida para que os endurecidos alcancem esperança é o *arrepentimento*²¹². É o que Paulo passa a mostrar nos próximos versos.

2.3.2. A rejeição de Israel não é final (11.11-32)

(11.11,12)

¹¹ Le,gw ou=n(mh. e;ptaisan i[na pe,swsin ênh. ge,noito avlla. tw/êuvtw/n

Digo portanto: porventura tropeçaram para que caíssem: Não venha a ser! Mas em à deles

paraptw,mati h` swthri,a toi/j e;qnesim eivparazhlw/sai auvtou,jÁ

transgressão a salvação aos gentios para o fazer ciúmes junto a eles.

¹² eiv de. to. para,ptwma auvtw/n plou/toj ko,smou kai. to. h[tthma auvtw/n plou/toj evqnv

Se, porém a transgressão deles riqueza mundo e a derrota deles riqueza gentios,

po,sw| ma/l lon to. plh,rwma auvtw/nÁ

²¹¹ (HENDRIKSEN, 2001, p.480).

²¹² Os que discordam da doutrina da Predestinação-Eleição, atestam que aqui os que crêem, caem em contradição. **Os que crêem na doutrina** argumentam que uma pessoa só se arrepende dos seus pecados quando Deus lhe toca ao coração. Enquanto Deus assim não faz a pessoa não tem qualquer condição (nem mesmo noção de que precisa) de se arrepender. **Os que não crêem dessa forma** contra argumentam dizendo que seguindo o ensinamento de Rm.11.7-10, os endurecidos têm esperança desde que se arrependam. Portanto, **mesmo estando endurecidos** eles têm condições de virem a crer em Deus. Por isso, é o homem de “*aceita a Cristo*”, ou seja, a decisão final está nas mãos do homem.

Nossa resposta é: o texto de Rm.11.7-10 não está tratando de incrédulos que nunca tiveram a oportunidade de conhecerem a Cristo, mas, sim, dos judeus que haviam obtido um determinado conhecimento de Deus (pois a eles foram dadas as profecias acerca do Messias), e eles se afastaram de Deus continuando cada vez mais no pecado. Estes têm uma nova chance se refletirem sobre o que eles conhecem de Deus e de Sua Palavra e assim se arrependerem mediante ao apelo que o Espírito Santo lhes faz na sua consciência, lembrando-lhes do que eles sabem (veja comentário de Rm.2.15). Nessa linha de pensamento é que devemos entender aquela difícil passagem de Hb.6.4-6. Esta passagem trata de pessoas que tiveram um determinado conhecimento de Deus, as quais se entregaram ao pecado e foram cada vez mais se afundando no lamaçal do pecado, desprezando os constantes chamados de Deus ao arrependimento. Chega num ponto em que se torna “*impossível renová-los para arrependimento*” (Hb.6.6), pelo fato de que eles recusaram a verem e a ouvirem (“*olhos para não ver e ouvidos para não ouvir*”) o clamor de Deus para que fossem por Ele restaurados.

para quanto mais a plenitude deles.

Pergunto, pois: porventura, tropeçaram para que ficassem caídos? De modo nenhum! Pelo contrário, por causa da transgressão deles veio a salvação para os gentios com o fim de provocar ciúmes neles. Se, porém, a transgressão deles é riqueza para o mundo, e seu fracasso, riqueza para os gentios, muito mais a plenitude deles!

O propósito de Deus no endurecimento desses que se endureceram é finalmente a graça, e esta para o benefício tanto dos gentios quanto dos judeus.

“porventura, tropeçaram para que ficassem caídos?”, em outras palavras, o que Deus tinha em mente era que sua ruína fosse final e irrevogável? Novamente Paulo responde com outro e mui confortante: “De modo nenhum!”. Ele então de vez sepulta essa idéia e enfaticamente proclama o oposto, a saber: que as bênçãos foram reservadas tanto para os gentios quanto para os judeus; tudo isso porque a maravilhosa e providencial diretriz e amor de Deus, capazes de fazer com que algo bom, sim, muito bom, emane do mal.

Uma vez que Israel rejeitou o Evangelho, a salvação voltou-se para os gentios (At.13.44-48; 18.6; 28.23-28). Porém, mesmo indiretamente os judeus estavam sendo abençoados. Paulo diz: “a salvação para os gentios com o fim de provocar ciúmes neles”, ou seja, provocar ciúmes em Israel. É importante ressaltarmos mais uma vez que aqui não se trata nem de *todos os gentios* assim como não se trata de *todos os judeus*, mas *somente do remanescente fiel*.

O verbo *parazhlw/sa* (provocar ciúmes) aponta para o fato de que quando os gentios foram (e estão sendo) alcançados por Deus por meio de Sua graça, os judeus ao verem a paz e a alegria que brotam no coração dos gentios por causa da graça de Deus, são despertados e levados a buscarem essa graça.

A conclusão de Paulo “Se, porém, a transgressão deles é riqueza para o mundo, e seu fracasso, riqueza para os gentios, muito mais a plenitude deles!”, mostra que quando o número completo dos judeus escolhidos (“plenitude deles”) for alcançado para salvação (não apenas a salvação de um remanescente em algum tempo particular) progressivamente produziria uma abundância de bênçãos para o mundo inteiro. “Pense em bênçãos tais como unidade espiritual e comunhão (Ef.2.14,18), cooperação em prover auxílio a enfermos e necessitados e apresentar um testemunho evangélico vigoroso e unido diante do mundo. Imagine então que no dia final da história alguém poderia olhar para trás visualizando todas essas bênçãos!”²¹³.

(11.13-16)

¹³ u`mi/n de. le,gw toi/j a`qerwino[son me.n ou=n eivn eivn p[ro, stoloj(

A vós porém digo os gentios: Sobre quanto de fato portanto sou eu de gentios apóstolo,

th.n diakon[ia mou doxa,zw(

o ministério de mim glorifico,

¹⁴ ei; pwj parazhlw,sw mou th.n sa,rka kai,sw,swtina.j evx auvtw/nA

se de algum modo, farei ter ciúme junto de mim a carne e salvarei alguns de eles.

¹⁵ eiv ga.r h` avpobolh. akatalegh. ko,smou(tilh` pro,slhmyij eiv mh. zwh. evkrenekrw/

se pois o rejeição deles mudança total de mundo, que o admissão se não vida de mortos?

¹⁶ eiv de. h` avparch. a`g[ai(to. fu,ramakai. eiv h` r`i,za a`g[ai(oi` kla,doiA

Se, porém a primícia santa também a massa; e se a raiz santa, também os ramos.

²¹³ A interpretação segundo a qual Rm.11.12 se limita à conversão e restauração do povo de Israel no *final da História* é vulnerável em dois pontos: (1) Como 11.5,14,30,31 indica, Paulo está se referindo aos eventos que incluem aqueles que estão ocorrendo “no tempo atual”, durante o ministério vigente de Paulo, “agora”; (2) suas palavras “plenitude deles” pertencem à salvação não de uma unidade física, “o povo de Israel”, mas da soma de todos os remanescentes de Israel (11.1-7, 26) (cf.HENDRIKSEN, 2001, p.484).

Porém, estou falando a vós, os gentios: visto que sou apóstolo dos gentios, eu glorifico o meu ministério, na esperança de que de algum modo eu possa provocar ciúme no meu próprio povo e (eu possa) salvar alguns deles. Pois, se a rejeição deles implica na reconciliação do mundo, o que é sua aceitação senão vida dentre os mortos? Se, porém, são santas as primícias, também é a massa, se é santa a raiz e os ramos também o são.

Escrevendo a judeus e gentios, Paulo agora se dirige especialmente aos gentios. Não há razão para crermos que Paulo estivesse falando a um público exclusivamente de gentios (veja item IV “Destinatários – a Igreja em Roma”, dessa apostila).

“visto que sou apóstolo dos gentios, eu glorifico o meu ministério”. Paulo recebeu seu chamado diretamente do Senhor Jesus (At.9.15; 26.15-20) para ser apóstolo entre os gentios. Para o termo “apóstolo” veja o comentário de Rm.1.1, nota 7. E ele se orgulhava de ser *apóstolo dos gentios*, o que longe está de ser uma atitude vaidosa e soberba, mas sim, de amor e intensa alegria por poder contemplar a possibilidade de levá-los a Cristo. E o outro motivo desse seu gloriar é também abrigar em seu coração a esperança de que, os judeus ao verem-no evangelizando os gentios e estes converterem-se ao Senhor Jesus, seja despertado os ciúmes dos judeus, e assim ele (Paulo) ter (quem sabe) a oportunidade de “salvar alguns deles” (dos judeus), ou seja, levar alguns deles a Cristo e vê-los nascer de novo e serem salvos por Cristo²¹⁴. A fase kai. SW,SWina.j evx auvtw/n que aqui foi traduzida por “e (eu possa) salvar alguns deles”, o verbo SW,SWanto pode estar no futuro do indicativo ativo da 1ª pessoa do singular como pode ser traduzido também estando no aoristo subjuntivo ativo da 1ª pessoa do singular. Se traduzirmos pela primeira opção então ficará: “e salvarei alguns deles”, se for pela segunda opção ficará: “e (eu possa) salvar alguns deles”, as palavras entre parênteses é por causa do subjuntivo o qual expressa uma possibilidade. Eis o porque da nossa tradução, pois cremos, ela esteja mais próxima do pensamento de Paulo.

“Pois, se a rejeição deles implica na reconciliação do mundo, o que é sua aceitação senão vida dentre os mortos? Se, porém, são santas as primícias, também é a massa, se é santa a raiz e os ramos também o são”. Precisamos ter em mente que todos, exceto um remanescente dos judeus, haviam se endurecido contra o evangelho (v.7), e sucessivamente se tornaram empedernidos. Agora Deus, em sua providência beneficente e predominante, produz um duplo resultado:

- ✓ O Evangelho estava agora, sendo levado aos confins da terra, e os gentios sendo reconciliados com Deus;
- ✓ Os judeus teimosos, ao verem a paz que os gentios estavam desfrutando, tomados de inveja, a qual Deus transformou num instrumento para levá-los à fé, também se voltaram para Cristo. Agora estes amam Àquele que anteriormente odiavam, e odeiam o que anteriormente amavam.

Assim, os todos os eleitos de Deus, quer dentre os gentios que nada conheciam de Deus, quer dentre os judeus obstinados que se recusavam a voltarem-se para Deus, mas que acabaram por voltar, essa mudança implica em que eles agora têm consciência de que foram separados a fim de dedicar suas vidas a Deus. Daí a ilustração que Paulo usa no v.16 faz todo sentido.

“...santas as primícias...” (h` avparch. à gna) em outras palavras, se o bolo que é oferecido como primícias é santo (separado para o uso sacro)²¹⁵ então é certo que a massa inteira é santa. Se a raiz é santa, também o são os ramos que são o produto dessa raiz e recebem dela sua nutrição.

²¹⁴ Em momento algum Paulo afirma que somos nós quem salvamos os pecadores, mas sim, Jesus. Aqui a expressão “...e (eu possa) salvar alguns”, expressa somente o desejo de Paulo em conduzir pela pregação do Evangelho algumas pessoas a Cristo.

²¹⁵ Uma referência a Nm.15.17-21, quando os israelitas traziam uma oferenda tirada da colheita, consagrando assim toda ela ao Senhor.

Provavelmente, *primícias da massa e raiz* aqui simbolizem Abraão, Isaque e Jacó, e a *massa* e os *ramos*, seus descendentes.

O apóstolo, ao fazer menção de “*sua rejeição*” e de “*sua aceitação*”, sua referência é ao que iria acontecer em conexão com a Grande Consumação. Não se deve esquecer o contexto. O contexto *imediatamente precedente* é: “*eu glorifico o meu ministério, na esperança de que de algum modo eu possa provocar ciúme no meu próprio povo e (eu possa) salvar alguns deles*”. O contexto *imediatamente seguinte* é: “Além do mais, se alguns dos ramos foram cortados, e você, embora seja um rebento da oliveira silvestre, foi enxertado entre eles e passou a partilhar da seiva nutritiva da raiz da oliveira, não se vanglorie por isso em detrimento desses ramos.” Portanto, não se deve interpretar a referência interveniente a “*aceitação senão vida dentre os mortos?*”, como sendo uma referência ao que por alguns se espera acontecer no final da história do mundo. Esses intérpretes que, não obstante, têm adotado essa teoria costumam informar a seus leitores que a “*vida dentre os mortos?*” significa que nos últimos dias a reviravolta radical ou conversão do povo de Israel resultará em bênçãos sem precedentes para o gênero humano, um reavivamento mundial, com Israel avançando de um triunfo missionário a outro entre os gentios. Porventura esquecem que, segundo a interpretação de Rm.11.25, 26, favorecida por eles e/ou por seus amigos, não haverá mais gentios deixados para serem candidatos à conversão, uma vez que, como esses exegetas vêem, somente *depois* que a totalidade de crentes gentios for enxertada no rebanho de Deus que Israel finalmente será salvo?²¹⁶

(11.17-21)

¹⁷ Eiv de, tinej tw/n kla,dwn evxekla,sqhsadé.su. avgrie,laiojw'n evneken tri,sqhj evn
Se porém alguns dos ramos foram quebrados, tu porém oliveira silvestre sendo foste enxertado em

auvtoi/j kai. sugkoinwno.j th/j r`i,zhj th/j pio,thto.j th/vge,nhioi/j
eles e participante da raiz da seiva da oliveira te tornaste

¹⁸ mh. katakaucw tw/n kla,dwn ev de. katakauca/sai ouv su. th.n r`i,zan bastalzeij
não te glories contra os ramos. Se porém te gloria contra não tu a raiz susténs, pelo contrário

h` r`i,za se,Å
a raiz a ti.

¹⁹ evrei/pu\an evxekla,sqhsan,doi i[na evgw. evgkentr isqw/Å
Dirás portanto: foram quebrados ramos para que eu seja enxertado.

²⁰ kalw/j th/| avpisti,a| evxekla,sqhsan(se. th/|pi,stei e[sthkajÅ mh.u`yhla. fro,nei
Bem. Pela incredulidade foram quebrados, tu porém pela fê te puseste de pé. Não altivas penses

avlla. foboù/
pelo contrário teme.

²¹ eiv ga.r o` qeo.j tw/ta. fu,sin kla,dwn ouv k evfei,satônh, pwjÐ ouvde. sou/ fei,setaiÅ
Se, pois, o Deus os segundo natureza ramos não poupou, não de modo algum nem te poupará.

²² i;de ou=ncrhsto,thta kai. avpotomienou/evpi. me.n tou.j peso,ntajvpotomi,avpi..
Vê portanto, bondade e severidade de Deus: sobre por um lado os que caíram severidade, sobre

de se. crhsto,thjeou/(evaevpime,nh|th/| crhsto,thjei. kai. su. evkkoph,sh|Å
por outro lado ti bondade de Deus, se permaneças sobre a bondade, visto que também tu serás cortado.

²³ kavkei/nou de,(eva.n mh. evpime,nwsirth/| avpisti,a|(evgkentr isqh,son,tainato.j ga,r
Também aqueles porém se não permanecerem sobre a incredulidade serão enxertados em poderoso pois

²¹⁶ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.488).

evstin o` qecpja,lin evgkentri,sai auvtou,jÅ
é o Deus outra vez enxertar em os.

²⁴ eiv ga.r su. evk ka|p̄. fu,sin evxeko,phj avgrielai,ou kai. para. fevsiakentri,sqhj
Se pois, tu de a segundo natureza fostes cortado oliveira silvestre e contra natureza fostes enxertado

eivj kallie,laion(po,sw|ma/llon q̄ai oi` kata. fu,sin evgkentrisqh,sontai t̄ndi,a|
em boa oliveira, para quanto mais estes os segundo natureza serão enxertados em a sua própria

evlai,a|Å
oliveira.

Se porém, alguns dos ramos foram quebrados, tu porém sendo oliveira silvestre foste enxertado neles e te tornaste participante da seiva da raiz, não te glories contra os ramos. Se porém, te glorias, lembra-te de que não és tu que sustentas a raiz, antes, pelo contrário, é a raiz que te sustenta. Então tu dirás: alguns ramos foram quebrados para que eu fosse enxertado. Bem, eles foram cortados pela incredulidade, e tu, pela fé permaneces. Não te glories, mas teme. Se pois, Deus, não poupou os ramos naturais, tampouco te poupará. Vede portanto, a bondade e a severidade de Deus: por um lado, severidade para com os que caíram, e por outro lado, bondade de Deus para contigo, se permaneceres em Sua bondade; do contrário, também tu serás cortado. Eles porém, se não permanecerem na incredulidade também serão enxertados, pois Deus é poderoso para enxertá-los outra vez. Pois, se tu foste cortado de uma oliveira que por natureza era silvestre, e, contrário à natureza foste enxertado em oliveira cultivada, quanto mais estes, que são ramos naturais, haverão de ser enxertados novamente em sua própria oliveira.

Aqui nestes versos Paulo faz uma advertência aos gentios que foram convertidos a Cristo. Ele os adverte a não serem orgulhos e presunçosos diante do fato deles agora terem sido recebidos na presença de Deus (como ramos de uma oliveira silvestre, enxertados no tronco), especialmente se fizerem isso em detrimento dos judeus que foram cortados de sua relação com Deus.

Mas, porque tal advertência é necessária? Primeiramente, ao que tudo indica, algumas pessoas ali na igreja de Roma estavam se deixando levar por um sentimento de soberba e orgulho por que se viam como alvos da graça de Deus e por isso ridicularizando os judeus e desprezando-os mesmo sendo eles membros da mesma igreja.

Paulo lembra a esses cristãos gentios que eles eram como ramos de uma “oliveira silvestre”²¹⁷, que foram enxertados²¹⁸ na oliveira cultivada. Dessa forma eles (os gentios) participavam, eram beneficiados da seiva (vida) que a oliveira cultivada (os judeus) tinham. Não havia qualquer razão para orgulho e soberba diante de tal fato.

²¹⁷ O substantivo avgrie,laioj̄ a junção de outros dois avgpj (campo) + e,lai,a(raiz da oliveira) daí a tradução “raiz de oliveira do campo” ou “raiz de oliveira selvagem” ou “raiz de oliveira silvestre”.

²¹⁸ O enxerto tão praticado na agronomia, é o ato em que se quebra um galho de uma árvore e este é fixado no caule de outra árvore. No local da junção das duas partes é colocado um emplasto de barro e outros ingredientes para que haja uma “cicatrização” de tal forma que a seiva do tronco corra pelo galho de outra espécie. Isso é feito com o objetivo de se produzir frutos híbridos. Outro fator que deve ser levado em conta é a estimulação da produção de frutos. Quando uma planta aparentemente não tem nenhuma doença ou problema que a impeça de produzir, mas mesmo assim ela não produz frutos, ou mesmo se produz mas não na quantia e qualidade desejadas, então é enxertado um ramo de uma planta (nem sempre da mesma espécie) nesse tronco. Há uma reação impressionante: a planta passa a produzir frutos e na quantia e qualidade desejadas. Aplicando isso a Israel e aos gentios, podemos dizer que Israel deixou de produzir os frutos desejados por Deus (a fé nos métodos de Deus especialmente, a justificação pela fé em Cristo – eles rejeitaram a Cristo). Quando os gentios (o ramo da oliveira silvestre) foram enxertados na família da fé, os judeus movidos por ciúmes voltaram-se para Deus com fé, e continuaram voltando-se (tanto os judeus eleitos como os gentios eleitos). (Dados coletados pessoalmente com o Eng^o. Agrônomo Adriano Lemos, Rio Verde - GO).

No v.16 Paulo falou sobre os *ramos santos* os quais simbolizam os descendentes de Abraão, Isaque e Jacó. Contudo nem todos revelaram um caráter de santidade ao Senhor. No v.17, estes “ramos” foram quebrados, podados, ou seja, os membros infiéis do pacto, e em seu lugar outros foram colocados, enxertados. Alguns comentaristas têm criticado severamente Paulo por essa “aplicação da prática de enxerto” aqui mencionada²¹⁹. Veja nota a baixo.

O que o apóstolo está dizendo, pois, é óbvio. Ele está informando ao membro gentílico *típico* da igreja romana que se inclinava a tornar-se um tanto arrogante, que ele, esse membro, não deve jamais esquecer quem realmente ele é. Ele viera de fora e fora *espiritualmente enxertado entre os judeus*. Somente assim é que ele poderia participar da “*participante da seiva da raiz*”. Paulo está dizendo ao orgulhoso membro gentílico: “*Considerare o quanto você deve aos judeus!*”.

Não era Pedro, cuja possível relação com a fundação da igreja em Roma já se discutiu anteriormente, um judeu? Não era Paulo, que mesmo antes de escrever sua presente epístola parece ter estado em contato com muitos membros proeminentes da igreja romana (16.3.16), um judeu? Não é verdade que o próprio evangelho *da justificação pela fé* tinha por base as Escrituras judaicas? Ver Rm.1.1,2,17; Rm.4. E, segundo sua natureza humana, não era judeu até mesmo “*o Autor e Consumador da Fé*”? Não é verdade, pois, que “*a salvação procede dos judeus*” (Jo.4.22)?

Muitos dentre nós nem agradecem ao Senhor o fato de o Espírito Santo ter inspirado a Paulo de tal modo que, além de empregar argumentos preciosos, sem atavios teóricos, ele também fez uso de muitas ilustrações vívidas, sendo uma delas o simbolismo do enxerto?²²⁰.

Quanto ao conteúdo dessa exortação Paulo adverte o gentio para que não se glorie do fato de que, embora alguns dos ramos naturais – judeus incrédulos – tenham sido podados, ele, esse gentio, foi enxertado entre os ramos (judaicos) remanescentes, com tudo isso implícito na referência à participação de “a seiva nutritiva da raiz da oliveira”, as bênçãos prometidas aos patriarcas e concretizadas em sua vida e na vida de seus filhos tementes a Deus.

O gentio, inclinado a olhar com ares de desprezo para seus irmãos, membros da mesma igreja, os judeus, é advertido a julgar a si mesmo antes que a eles. Que tenha em mente que não é ele, esse gentio vanglorioso, que sustenta a raiz. Como ainda seria possível que ele viesse a contribuir com algo para as bênçãos emanantes do eterno decreto de Deus e das promessas, e comunicadas aos patriarcas, sendo a promessa todo-inclusiva: “Serei o seu Deus”? Não; não era o gentio que sustentava a raiz, mas a raiz é que sustentava o gentio.

O possível contra-argumento do gentio típico, era: “*alguns ramos foram quebrados*

²¹⁹ Tem sido observado que o costume é enxertar uma muda de uma oliveira cultivada numa oliveira silvestre, porém não o inverso. Para restabelecer a reputação de Paulo, alguns respondem que é exatamente na Palestina que um broto de oliveira silvestre é, às vezes, enxertado numa velha oliveira cultivada com o fim de revigorá-la. Outros, contudo, em seu esforço para salvar o apóstolo, empregam o método exatamente oposto de raciocínio. Argumentam assim: Partindo-se do pressuposto de que Paulo esteja se referindo a um tipo de enxerto que é contrário à prática costumeira, ele o admite, não é verdade? Ele chama o enxerto de uma parte da oliveira silvestre numa cultivada como sendo “*contrário à natureza*” (v. 24). E assim pelo menos ele sabe o que está dizendo. Alguns autores ainda usam ambos esses argumentos com o fim de ajudar Paulo a escapar de sua (imaginária) dificuldade, embora seja difícil perceber como o apóstolo pode receber socorro daqueles que, de um lado, insistem em que o tipo de enxerto pressuposto por ele estava em harmonia com a prática costumeira, restrita à Palestina, mas que, por outro lado, apontam para a admissão de Paulo, de que o enxerto a que se refere era “*contrário à natureza*”. Quando duas linhas de argumentação colidem, elas não podem estar certas. Mas ainda que o problema de enxertar um broto de uma árvore silvestre numa árvore cultivada seja resolvido, como podemos justificar a linguagem de Paulo ao falar ele de enxertar (de novo) ramos cortados em sua própria árvore? (Ver vv.17,19,23,24).

A verdadeira solução provavelmente seja totalmente diferente. Para começar, não é verdade que no v.24 Paulo, ao dizer que algo é “*contrário à natureza*”, ainda está indiretamente se referindo a um método de enxerto em horticultura. E, segundo, com respeito à primeira tentativa de salvar Paulo, os que o endossam parecem esquecer que Paulo, ao escrever sobre enxerto e reenxerto, não está sob qualquer obrigação de aderir às regras e práticas de enxerto no campo da natureza. Ele está falando de enxerto *na esfera espiritual*. Quão freqüentemente Jesus, em suas parábolas, não extraía ilustrações que divergiam notavelmente dos costumes e práticas do cotidiano? Pondere especialmente em sua parábola dos trabalhadores na vinha (Mt 20.1-16) (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.490).

²²⁰ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.491).

para que eu fosse enxertado” (v. 19). Paulo responde: “Bem, eles foram cortados...”. Historicamente falando, como se demonstra no v.11, isso era realmente procedente. Mas havia outro lado da resposta, ainda mais importante: “... eles foram cortados pela incredulidade, e tu, pela fé permaneces...”. Essa fé, em virtude de sua própria essência, exclui toda vanglória, toda arrogância ou auto-estima. Inclui *temor* piedoso, o tipo de temor que é salutar. Veja Pv.3.7, Fp.2.12,13, Hb.4.1 e 1Pe.1.17. Tal temor se inclina totalmente para Deus e sua graça soberana, e não reivindica mérito algum para si. A conclusão segue muito naturalmente: “Se pois, Deus, não poupou os ramos naturais” – os judeus a quem a promessa foi feita primeiro, mas que, em grande número, têm se afastado de Deus – “tampouco te poupará”.

“Vede portanto, a bondade e a severidade de Deus...”. Paulo agora, chama a atenção dos seus destinatários para a *bondade* e a *severidade de Deus*. Não uma em detrimento da outra, mas, ambas aqui são ressaltadas.

A bondade de Deus foi revelada aos gentios (“...bondade de Deus para contigo...”) e a severidade de Deus foi revelada aos judeus (“...para com os que caíram...”). Deus revela Sua *severidade* tanto para com os gentios incrédulos (1.18) como para com os judeus rebeldes e obstinados (11.22), da mesma forma a quem Ele quer revela Sua bondade, tanto para os judeus quanto para os gentios, desde que estes atendam Seu chamado cheio de amor. É importante lembrar que o que Paulo está dizendo aqui nestes versos não é da conversão “primária”, ou seja, aquela em que antes de acontecer, o pecador estava “morto em delitos e pecados” (Ef.2.1), período no qual o pecador estava *totalmente incapacitado* de crer em Deus, e só veio a se converter porque Deus tocou em seu coração. Nestes versos, Paulo está alertando os crentes gentios que estavam tomados de orgulho, a que tomassem cuidado para não acontecer com eles o mesmo que aconteceu aos judeus que rejeitaram a Cristo, e, por isso, foram “quebrados” do tronco. Contudo, se esses judeus, se arrependessem haveria perdão para eles; e em contrapartida, se esses crentes gentios não *temessem* o fato de que seu orgulho poderia atrair a reprovação de Deus sobre eles, poderiam acontecer o mesmo com eles, a saber, serem cortados, à semelhança daqueles judeus. É dentro dessa perspectiva que devemos entender essas palavras: “Vede portanto, a bondade e a severidade de Deus: por um lado, severidade para com os que caíram, e por outro lado, bondade de Deus para contigo, se permaneceres em Sua bondade; do contrário, também tu serás cortado”.

A manifestação dessa bondade não é, contudo, incondicional. Ela requer fé genuína da parte do homem. Diz Paulo: “bondade de Deus para contigo, se permaneceres em Sua bondade; do contrário, também tu serás cortado”.

Isso não deve ser entendido no sentido em que Deus fornecerá a bondade, e o homem, a fé. A salvação é sempre dom de Deus. Nunca é uma parceria de metade para cada lado. Do princípio ao fim é a obra de Deus. *Mas não anula a responsabilidade humana*. Deus não exerce fé pelo homem nem em seu lugar. É o homem e permanece sendo o homem quem deposita sua confiança em Deus, mas é Deus quem lhe comunica esta fé e o capacita a usá-la. Para a inter-relação entre a atividade de Deus e a do homem, ver Fp.2.12, 13 e 2Ts.2.13.

Portanto, há um sentido bíblico e bem fundado em que podemos falar da salvação como sendo *condicional*. Sua aceitação é condicionada à vida de confiança no Deus Triúno, que se revelou em Jesus Cristo para a salvação, e por fim para Sua própria glória. Este “se” que é o caráter da salvação é muitíssimo importante. Note as palavras: “Se me buscardes de todo vosso coração, certamente me achareis” (cf.Dt.4.29). Note um “se” similar em passagens tais como Dt.30.10, 1Re.8.47-50, Jr.18.5-10, Cl.1.21-23 e Hb.3.6, 14. E porventura não há um “se” similar *implícito* em muitas outras passagens, inclusive Mt.11.28-30, Jo.3.16 e Ap.22.17? Promessas absolutas, incondicionais, garantindo a salvação, quer a gentios quer a judeus, *não importando como vivam*, só existem na imaginação das pessoas, não na Escritura. Ainda que a condição nem sempre seja mencionada, ela está sempre implícita para cada indivíduo responsável, pensante.

O que ocorre quando a condição permanece sem ser satisfeita? Segue-se rejeição final; e isso, como diz Paulo em tantas palavras, não só com respeito ao judeu, mas também com respeito

ao gentio.

Que o crente gentio não imagine que Deus está indisposto com os judeus; que, sob quaisquer circunstâncias, a salvação não lhes esteja reservada. O apóstolo declara: “*Eles porém, se não permanecerem na incredulidade também serão enxertados, pois Deus é poderoso para enxertá-los outra vez*”. Que a porta da oportunidade para o ingresso dos judeus - mesmo em princípio para os judeus empedernidos - permanece aberta, é o que Paulo vai agora demonstrar.

Ele começa dizendo: “*Pois, se tu foste cortado de uma oliveira que por natureza era silvestre, e, contrário à natureza foste enxertado em oliveira cultivada, quanto mais estes, que são ramos naturais, haverão de ser enxertados novamente em sua própria oliveira*”. Nessa parte da sentença, o que Paulo tem em mente por “*contrário à natureza*”? Queria dizer “*contrário à costumeira prática da horticultura*”? Tal declaração, se julgada totalmente desnecessária, teria sido feita muito antes, por exemplo, em conexão com o v.17? Não está em muito mais harmonia com o presente contexto interpretar as palavras de Paulo como se seguem²²¹:

“*Sendo você um gentio, pertence por natureza à esfera da incredulidade. Você é, por assim dizer, parte de uma oliveira silvestre. Não obstante, você foi enxertado numa oliveira cultivada, significando: você foi trazido para o domínio da graça, da promessa, da fé, da esfera de Abraão, Isaque e Jacó (cf. Gl 3.9). Para você isso equivale a uma profunda mudança. Era contrário à natureza, pois não só teve de ser libertado do abismo do paganismo, com todos os seus vícios (cf.1.24-32), mas, também, você teve de ser transplantado para a esfera do pacto de Deus, a esfera da soberana graça, santidade, luz e amor. Conseqüentemente, se, contrário à natureza, você foi enxertado numa oliveira cultivada, quanto mais prontamente, pois, os ramos naturais, os filhos do pacto, que nunca estiveram imersos no paganismo, e que, demais, estavam de posse de todos os extraordinários privilégios já mencionados em 9.4, serão reenxertados em sua própria oliveira, ou seja, serão restaurados em seu tronco nativo*”?

Note que o apóstolo não diz ou sugere que um dia todos os judeus incrédulos irão ser reenxertados em sua própria oliveira, irão ser salvos. Ele prudentemente evita dizer qualquer coisa do gênero. Ele declara que o enxerto ocorrerá “*se não permanecerem na incredulidade*”. Indubitavelmente, o que ele tem em mente é: “*Alguns persistirão, outros, não*”. Essa interpretação está em harmonia com declarações prévias sobre a maioria endurecida e a minoria ou o remanescente salvo. Ver especialmente sobre 9.27 e sobre 11.5.

Ao ler o que Paulo diz sobre a oliveira, deparamos com um ponto muito importante que não deve ser negligenciado. O apóstolo reconhece *uma única oliveira (cultivada)*! Em outros termos, a igreja é *um só* organismo vivo. Para judeu e gentio, a salvação é a mesma. É obtida sobre a base da expiação de Cristo, pela graça, por meio da fé. A noção segundo a qual Deus reconhece dois objetos sobre os quais ele concede seu amor eterno e salvífico, ou seja, os judeus e a igreja, é contrário à Escritura. Aqui em Romanos Paulo tem se expressado sobre esse tema repetidas vezes (3.29, 30; 4.11,16; 5.18,19; 9.22s.; 10.12, 13). *Uma só oliveira* representa *todos* os salvos, sem importar sua origem. E, como resultado da operação da graça salvífica de Deus, todos os renascidos são destinados ao mesmo lar eterno: *uma só Oliveira*.

(11.25-27)

²⁵ Ouv ga.r qe,lw u`mav gnoei/návdelfoi,(to. musth,rion toui trá(mh.h=te ÍparvĐ
Não pois desejo vós não conhecerdes, irmãos, o mistério este, a fim de que não sejais junto a
e`autoi/jfro,nimoi(o[ti pw,rwsij avpo. me,rouj tw/| Vlsrah.l ge,goneto apdhirowma
vós próprios sábios, porque endurecimento de parte ao Israel ocorreu até que a plenitude
tw/n evqnw/n eivse,lqh|
dos gentios entre

²²¹ (HENDRIKSEN, 2001, p.495).

²⁶ kai. ou[tw]j pa/j Vlsrah.l swqh,setai(kaqw.j qnhrptwk Siw.n`oi,menoy(postre,yei
e assim todo Israel será salvo, como foi escrito: Virá de Sião o Libertador virará de

avsebei,ajvpo. Vlav,
impiedades de Jacó

²⁷ kai. au[th auvtoi/j hparV evmodi,agh,kh(o[tan avfe,lwmatia.j a`marti,aj auvtw/nA
e este a eles o da parte de mim testamento, quando haja de tomar os pecados deles.

Porque não desejo irmãos, que vós sejais ignorantes quanto a este mistério, a fim de que não sejais presunçosos, porque ocorreu o endurecimento de parte de Israel até que chegue a plenitude dos gentios. E assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador, e desviará as impiedades de Jacó. E este é o meu pacto com eles quando remover os pecados deles.

Retomando o uso do plural²²² Paulo se dirige diretamente a toda a congregação. Não obstante, é evidente que mesmo agora ele está pensando especialmente nos crentes gentios que continuavam carentes de advertência contra o anti-semitismo. Em termos não obscuros, ele já havia lhes informado que, para os judeus, mesmo os que se transformaram em delinquentes, e inicialmente empedernidos, a porta da oportunidade para a salvação estava sempre aberta, pelo menos tão amplamente como o era para os gentios (v.24). É em conexão com esse pensamento que ele agora prossegue fazendo uso da conjunção explicativa “Porque”.

As palavras: “Porque não desejo irmãos, que vós sejais ignorantes” significam: “Quero que vocês levem a sério”. Note também aqui a palavra de terno afeto, “irmãos”. Sobre ambos estes pontos (“não ignorar” e “irmãos”), ver 1.13.

“... este mistério”. Ao referir-se a um mistério Paulo não está usando este termo no sentido pagão de uma doutrina esotérica para o iniciado, mas como indicativo de *uma verdade que não teria sido conhecida se Deus não a houvera revelado*²²³.

Como transparece do próprio vocabulário do v.25 – note “...ocorreu o endurecimento de parte de Israel...”, essa petrificação não é absoluta e incondicional; há sempre um remanescente salvo, chamado a revelar-se de maneira portentosa:

- 1- O Israel carnal tropeça e é rejeitado em virtude de sua incredulidade. Resultado:
- 2- O evangelho é proclamado aos gentios. Os gentios eleitos são salvos. Resultado:
- 3- Deus usa essa salvação dos gentios com o fim de despertar ciúme nos judeus. Resultado:
- 4- O remanescente judeu aceita a Cristo, em concordância com o plano eterno de Deus. Mas citemos as próprias palavras de Paulo (v.11,12,31):



- 1- Por causa de sua transgressão
- 2- a salvação (veio) aos gentios
- 3- para provocar ciúme em Israel, de modo que,

²²² Note a mudança de SU, no v.24 para u`mav v.25.

²²³ A palavra musth,riocorre também em Rm.16.25 e seis vezes em 1Coríntios, seis também em Efésios, quatro vezes em Colossenses, uma vez em 2 Tessalonicenses e duas vezes em 1Timóteo. Encontra-se também no livro de Apocalipse (1.20; 10.7; 17.5,7). Como usada ali, talvez seja melhor explicada como “o significado simbólico” daquilo que requeria explicação. Na LXX de Daniel 2, onde a palavra ocorre não menos de oito vezes (como singular nos vv.18,19,27,30 e 47b; como plural nos vv.28, 29 e 47a), ela se refere a um “segredo” que deve ser revelado, um enigma que precisa ser interpretado. O significado “verdade divinamente revelada” se ajusta muito bem ao contexto de Lc.8.10 e seus paralelos (Mt.13.11; Mc.4.11), os únicos exemplos de seu uso nos Evangelhos.

- 4- como resultado da misericórdia demonstrada em favor dos gentios, Israel pode também receber agora misericórdia.

Ora, não são essas palavras por demais maravilhosas? Além disso, não se deve dar um escopo limitado demais à bendita interação que Paulo tem em mente. Ela ainda avança para além daquilo que se acha encerrado nesses quatro itens. Por exemplo, podemos estar certos de que os gentios salvos (item 2) ainda não tomaram assento, mas, sucessivamente se tornam testemunhas de Cristo; e assim os judeus salvos (item 4). Essa interdependência entre a salvação dos gentios e a de Israel é a substância do “mistério” divino.

Em harmonia, pois, com a substância desse mistério, aqui no v.25, o apóstolo declara que veio endurecimento, *sobre parte de Israel*. Isso foi verdade no passado, o é agora e será verdade no futuro. Não é o mesmo que declarar que um remanescente de Israel, *em cada época*, é salvo (ver 9.27; 11.1-5)?

A rejeição de Israel não é absoluta e irrestrita, nem necessariamente final. É parcial. Paulo sente a necessidade de realçar esse fato, visto que alguns gentios pareciam estar nutrindo pensamentos contrários, como já foi realçado em conexão com os v.17,24. Por isso lhes diz: “*não desejo irmãos, que vós sejais ignorantes quanto a este mistério, a fim de que não sejais presunçosos*”.

Entretanto, não só é verdade que o endurecimento divino (como castigo pelo endurecimento humano) afeta parte do povo em qualquer período da História, mas é também um fato, como o apóstolo o declara aqui no v.25, que foi designado um certo tempo definido para esse endurecimento. Pois o povo como um todo permanecerá assim “*até que chegue a plenitude dos gentios*”. Em conexão com o v.12, onde ocorre a mesma palavra plenitude (πληρωμα) já se demonstrou que por “*plenitude*” (πληρωμα) o apóstolo tem em mente um “*número completo*”. O que Paulo está dizendo, pois, aqui no v.25, é que o endurecimento parcial de Israel – “*o endurecimento de parte de Israel*” – durará até que o número completo dos gentios eleitos seja congregado no rebanho de Deus.

E quando esse número completo terá sido levado à salvação em Cristo? A Escritura é muito clara sobre esse ponto. Será no dia do glorioso regresso de Cristo. Uma vez tenha voltado, não haverá qualquer outra oportunidade para aceitar o chamado do Evangelho. Ver Lc.17.26-37 e 2Pe.3.3-9.

Já ficou claro, pois, que o endurecimento de parte de Israel e a reunião dos gentios ocorrem simultaneamente. Com respeito a Israel, esse endurecimento parcial já começou durante os dias da Antiga Dispensação (Rm.9.27; 10.16,21; 11.3), estava se concretizando nos próprios dias de Paulo e continuará até o final da Nova Dispensação. Lado a lado com esse processo de endurecimento, o Evangelho está sendo proclamado aos gentios. Alguns o rejeitam; alguns, pela soberana graça de Deus, o aceitam.

Voltando agora a Israel é óbvio que se, em cada época, alguns israelitas são endurecidos, deve também ser um fato que em cada época alguns são salvos. Paulo expressa esse pensamento em termos que têm propiciado muita controvérsia, ou seja: “*E assim, todo o Israel será salvo...*”. Discorreremos aqui sobre três interpretações:

1 – A Teoria mais popular: “*Todo o Israel*” indica a massa de judeus que estarão vivendo sobre a terra no tempo do fim. O número completo dos gentios eleitos será congregado. Em seguida a massa dos judeus – Israel em grande escala – será salva. Isso se dará um pouco antes ou no mesmo instante do Regresso de Cristo.

Nossa avaliação:

- ✓ A palavra grega οὐ[τὴν] já significa *então* ou *depois que*. A tradução “*Então todo o Israel será salvo*” é errada. Em nenhuma das outras ocorrências dessa palavra em Romanos, ou em qualquer outro lugar do Novo Testamento, tem ela esse sentido. Significa *portanto, dessa*

maneira, assim.

- ✓ Esta teoria também falha em fazer justiça ao termo *todo*, em “*todo o Israel*”. “*Todo o Israel*” não soa muito estranho como definição da fração (comparativamente) ínfima de judeus que ainda estarão vivendo sobre a terra um pouco antes, ou no exato momento, do regresso de Cristo?
- ✓ O contexto claramente indica que, ao escrever sobre a salvação dos israelitas e gentios, Paulo não está limitando seus pensamentos ao que ocorrerá no futuro. De forma bem definida ele inclui o que está ocorrendo *agora*. Ver especialmente os v.30, 31.
- ✓ Não seria estranho que Deus escolha por um favor muito especial – nada menos que a salvação plena e gratuita – exatamente aquela geração de judeus que terá endurecido seu coração contra o testemunho do mais forte elenco de testemunhas cristãs, elenco esse que se estende por todo o caminho, desde os dias da peregrinação de Cristo sobre a terra – aliás, num sentido, todo o caminho desde Abraão – até o término da Nova Dispensação?
- ✓ O leitor não foi preparado para a idéia da salvação maciça de israelitas. Tudo o que Paulo tem enfatizado é precisamente o oposto, a saber; a salvação, em qualquer época (passado, presente, futuro) de um remanescente. Ver as passagens catalogadas sob 11.5. Se Rm.11.26 realmente ensina a salvação maciça de judeus, não pareceria como se Paulo estivesse dizendo: “*Esqueçam o que eu lhes disse anteriormente*”?
- ✓ Se Paulo está aqui predizendo tal futura conversão maciça de judeus, não estaria ele contradizendo, se não a letra, pelo menos o espírito, de sua declaração anterior encontrada em 1Ts.2.14b-16: “*...dos judeus, os quais não somente mataram o Senhor Jesus e os profetas, como também nos perseguiram, e não agradam a Deus, e são adversários de todos os homens, a ponto de nos impedirem de falar aos gentios para que estes sejam salvos, a fim de irem enchendo sempre a medida de seus pecados. A ira, porém, sobreveio contra eles, definitivamente*”.
- ✓ O contexto imediatamente seqüencial (11.26b, 27) se refere a uma vinda de “*o Libertador*” que desviará a impiedade e removerá o pecado de Jacó. Não foi esse o propósito da *primeira* vinda de Cristo? Mas a interpretação popular de Rm.11.26 prediz a conversão maciça de judeus em conexão com a *segunda* vinda de Cristo. Essa teoria não está, conseqüentemente, em harmonia com o contexto.

Por essas várias razões, essa interpretação deve ser rejeitada.

2 – A Teoria de João Calvino: “*Todo o Israel*” se refere ao número total dos eleitos ao longo da História, todos aqueles que por fim serão salvos, tanto judeus como gentios. Em seu comentário sobre essa passagem, Calvino se expressa assim: “*Todavia, estendo a palavra Israel para incluir e abranger todo o povo de Deus, da seguinte maneira: Quando os gentios tiverem entrado, os judeus, ao mesmo tempo, se converterão de sua apostasia à obediência da fé e assim será completada a salvação de todo o Israel de Deus, povo esse que deverá ser juntado de ambos*”.

Nossa avaliação: até onde Calvino interpreta espiritualmente o termo “*Israel*” – “*Israel*” se refere aos eleitos – sua teoria deve ser considerada correta. Conforme Rm.9.6. Também sua alegação de que a seção, v.25-32 (considerada como uma unidade), descreve o *único povo de Deus* não pode ser refutada com sucesso.

Em contrapartida, a aplicação de Calvino do termo “*Israel*”, no v.26, a todo o povo de Deus, tanto judeus quanto gentios, é errônea. No contexto precedente, as palavras *Israel, israelita(s)* ocorrem não menos de onze vezes: 9.4; 9.6 (duas vezes); 9.27; 9.31; 10.19; 10.21; 11.1; 11.2; 11.7; e 11.25. Em cada caso, a referência é claramente aos judeus, nunca aos gentios. Portanto, que razão compelidora pode haver em adotar um significado diferente para o termo *Israel* como usado aqui em 11.26? Por certo, no final do v.25, o apóstolo faz menção dos gentios, mas só para indicar que o endurecimento parcial dos judeus não cessará até que os próprios gentios eleitos tenham sido conduzidos ao reino. Conseqüentemente, Paulo está ainda falando dos judeus. Ele faz isso também no v.26b. Inclusive o v.28 contém uma clara referência aos judeus. Somente nos v.30-32 é que o

apóstolo examina todo o corpo dos eleitos, de judeus e gentios.

Portanto, embora aprecie os bons elementos da exposição de Calvino, não posso concordar com ele na interpretação do termo “*todo o Israel*”, em 11.26, quando se refere a todos os eleitos, judeus e gentios. Uma passagem deve ser interpretada à luz de seu contexto. No presente caso, o contexto aponta para os judeus e não para os gentios; tampouco os v.26-29 combinam judeus e gentios.

3 – Uma Outra Teoria²²⁴: O termo “*todo o Israel*” significa o número total dos judeus eleitos, a soma de todos os “*remanescentes*” de Israel. “*Todo o Israel*” é paralelo com “*a plenitude dos gentios*”. Os v.25, 26 esclarecem plenamente que Deus está tratando com ambos os grupos, esteve salvando-os, está salvando-os e prosseguirá salvando-os. E se “*todo o Israel*” indica, como de fato o faz, que nem sequer um israelita eleito estará faltando “*quando o livro for aberto e lido no além*”, então “*a plenitude dos gentios*” semelhantemente mostra que quando o auditório for checado, muitos gentios eleitos responderão “*Presente!*”.

Para o significado de “*serão salvos*”, ver sobre 1.16. O caminho é o mesmo para judeus e gentios. Aliás, seus caminhos correm paralelos. *Quando Cristo regressar, a oportunidade de ser salvo terá findado para ambos.* Como previamente indicado, os dois organismos – “*a plenitude dos gentios*” e “*todo o Israel*” – constituem um só, simbolizados por uma só oliveira. Deve ficar claro que, no presente contexto, se a *plenitude* tem de ser interpretada em seu sentido ilimitado, o mesmo se dá com *todo* em “*todo o Israel*”.

As palavras “*E assim*” são explicadas pelo próprio Paulo. Indicam: “*de uma maneira tão maravilhosa*”, maneira essa que ninguém poderia conjecturar. Se Deus não houvesse revelado esse “*mistério*” a Paulo, ele não o teria conhecido. De fato ele era de causar perplexidade. A própria rejeição da maioria dos israelitas, repetindo-se seguidamente ao longo da História, foi, é e será um elo na efetuação da salvação de Israel. Para detalhes, ver anteriormente sobre Rm.11.11,12, 25.

Há objeções declaradas e sobre essa última interpretação as quais refutamos assim:

Objeção 1. Essa interpretação destrói o contraste entre o *remanescente* mencionado em 11.5, de um lado, e a *Israel maciço*, do outro.

Resposta. Nossa interpretação não destrói um contraste, mas o define mais acuradamente. O contraste real é aquele entre um remanescente único (ver, por exemplo, 11.5), de um lado, e “*todo o Israel*”, isto é, a soma de todos os remanescentes ao longo da História (v.26), do outro.

Objeção 2. Segundo essa interpretação, o “*mistério*” mencionado por Paulo equivale a nada mais que todos os eleitos de Israel serão salvos. Mas essa é uma verdade tão óbvia que deixa de fazer justiça às implicações do termo “*mistério*”.

Resposta. Não é verdade. O mistério de que Paulo fala é referente à maravilhosa cadeia de eventos que resulta na salvação de Israel. Aponta para fatores aparentemente contraditórios que na providência amorável e predominante de Deus são tão bem direcionados que se efetua a salvação final de “*todo o Israel*”.

“*como está escrito: Virá de Sião o Libertador, e desviará as impiedades de Jacó. E este*

²²⁴ Muito embora essa interpretação seja bem menos popular que a primeira que foi apresentada acima, entre seus defensores se acham homens de reconhecida erudição (como se dá também, sem dúvida, com as outras duas teorias). Foi uma das proposições defendidas com sucesso por S. Volbeda, quando recebeu seu grau de doutor em teologia da Universidade Livre de Amsterdã: “O termo ‘*todo o Israel*’, em Rm.11.26a deve ser entendido como indicativo do coletivo eleito de Israel”.

H. Bavinck, autor da obra em quatro volumes, *Gereformeerde Dogmatiek* [Dogmática Reformada], declara: “‘*Todo o Israel*’, em Rm.11.26, não é o povo de Israel, destinado a converter-se coletivamente, tampouco é a igreja que consiste de judeus e gentios unidos, mas é o número completo que durante o curso dos séculos é reunido de Israel”.

Outros nomes podem ser citados: H. Ridderbos, H. Hoeksema; Louis Berkhof; O. Palmer Robertson

é o meu pacto com eles quando remover os pecados deles”. Note o seguinte:

1. É lógico conectar “E assim todo o Israel será salvo” com “Virá de Sião o Libertador”, e interpretar esse livramento divino como sendo o *resgate do pecado* e a *concessão da salvação*, cujas bênçãos Jeová produziu por meio da pessoa e obra do Mediador, Jesus Cristo.
2. Como o indicam as palavras “como está escrito”, o que imediatamente se segue, “E assim todo o Israel será salvo”, é material citado do Antigo Testamento. Não consiste, contudo, numa citação desta ou daquela passagem singular, mas, antes, numa habilidosa coletânea de várias passagens, tais como Is.59.20; 27.9; 59.21, *nessa* ordem, com reminiscência de Mq.5.2 (ou um versículo similar) e provavelmente Jr.31.31s. Além disso, é preciso ter em mente que Paulo é versado na tradução (grega) LXX do Antigo Testamento, tanto quanto no texto hebraico original. O que se deve admitir é que ele possui habilidade para tecer esses diversos fios num desenho de rara beleza e consistência.
3. As palavras “Virá de Sião o Libertador” são citadas da LXX, Is.59.20, exceto o fato de que a LXX tem “por causa de Sião”, o original hebraico, “para Sião” e Paulo, “de Sião”. Isso não apresenta qualquer dificuldade, pois todas as três [versões] são corretas. O Libertador não veio “por causa de Sião”, ou seja, para resgatar Sião? E ele não veio igualmente “para Sião”? De outra forma, como poderia Ele tê-la salvo? E não é também que, segundo sua natureza humana, Ele veio “de Sião”? Lembre-se de Mq.5.2. Em relação a “de” ou “dentre”, ver também Dt.18.15, 18, Sl.14.7; 53.6 e Is.2.3.
4. A tarefa que, segundo a profecia, o Libertador tinha de realizar consistia, segundo a versão LXX de Is.27.9, nisto: afastar a impiedade ou iniquidade de Jacó, ou seja, de Israel. Naturalmente, ela deveria ser afastada somente dos eleitos de Israel. Agora entendemos por que Paulo se valeu do direito de citar essas mesmas passagens com o fim de provar que “todo o Israel” seria salvo; porque, para salvar Israel, ele seria libertado não deste ou daquele inimigo terreno, mas da impiedade, do pecado.
5. Voltando uma vez mais a Is.59, desta vez ao v.21, o apóstolo continua (citando o Senhor como a dizer): “Quanto a mim, esta é minha aliança com eles”. Então imediatamente volta sua atenção para outra preciosa passagem, na qual essa aliança divina é mencionada em conexão com a *remoção dos pecados*, ou seja, Jr.31.31, 34. Lemos ali: “Eis aí vem dias, diz o Senhor, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá ... pois perdoarei suas iniquidades e de seus pecados jamais me lembrarei”. E assim ele escreve: “... quando eu tirar os seus pecados”.
6. É óbvio que nesta passagem inteira (11.26b, 27) Paulo não está pensando no que Jesus fará em sua segunda vinda, quando virá não “de Sião”, mas “do céu” (1Ts.4.16), e quando o perdão de pecado não mais será possível. Paulo está pensando na primeira vinda de Cristo, quando, por meio de sua morte vicária, estabeleceu a base do perdão dos pecados, e portanto também da salvação de “a plenitude dos gentios” e de “todo o Israel”.
7. Paulo não está fugindo de seu tema central. Não é a remoção do pecado um dos principais ingredientes da *justificação pela fé*? ver Rm.4.25; 5.8, 9, 19; 8.1-3. A promessa do pacto entra em efeito “sempre” na vida de qualquer israelita cujo pecado é removido. Romanos 9 – 11 revela que essa doutrina é *histórica*, indicando o que sucede repetidas vezes durante o curso da História.

(11.28-32)

²⁸ kata. me.n to. euvagge,lion evcqrōdīv u`ma/j(kata. de. th.n evklogh.n
Segundo por um lado o Evangelho inimigos em vista de vós, segundo por outro lado a eleição

avgaphtoi. dia. tou.j pate,rāj
amados de fato em vista os pais.

²⁹ avmetame,lhta ga.r ta. cari,smata kai. htōn/ō
irrevogáveis pois os dons e a chamada de Deus.

30 w[sper ga.r u`mei]pote hvpei,qh,satetw/| qe[mu]n de. hvleh,qhte th/|
Assim como pois vós outrora fostes contumazes ao Deus, agora porém obtivestes misericórdia em a

tou,twn avpei,qei,a|(
destes desobediência,

31 ou[twj kai. tui nu/n hvpei,qhsartw/| u`mete,ew]p,ei(i[na kai. auvtoi. Inu/n]n
Assim pois estes agora foram contumazes à vossa misericórdia, para que também eles agora

evleh,q]m)
sejam tidos em misericórdia.

32 sune,kleisen ga.r o` qeo.j tou.j pa,ntaj]peiq]eian([na tou.j pa,ntaj evleh,sh]A
Fechou junto pois o Deus os todos em desobediência, para que os todos tivesse em misericórdia.

Por um lado, com respeito ao Evangelho, são inimigos por vossa causa; por outro lado segundo a eleição, são amados de fato por causa dos pais, pois são irrevogáveis os dons gratuitos e a vocação de Deus. Assim pois, outrora, vós fostes desobedientes a Deus, agora, porém, obtivestes misericórdia com a desobediência destes, de modo que também se tornaram desobedientes, para que à vista da misericórdia demonstrada a vós, também pudessem agora receber misericórdia. Pois Deus encerrou todos na desobediência, para que usasse de misericórdia para com todos.

Em harmonia com os v.25 e 26, os quais falam primeiramente de um endurecimento parcial de Israel e então de “*todo Israel*” que serão salvos, assim também aqui o apóstolo primeiramente nos lembra aqueles israelitas que, “*com respeito ao Evangelho, são inimigos por vossa causa*”, e então aqueles que, “*segundo a eleição, são amados de fato por causa dos pais*”. A princípio eram hostis ao Evangelho, mas por fim, em virtude da maravilhosa manifestação da misericórdia (v.25ss), se tornaram amigos.

“*com respeito ao Evangelho, são inimigos por vossa causa*”, a explicação desse verso se encontra em 11.11: “*por causa da transgressão deles veio a salvação para os gentios*”. Assim como também neste mesmo versículo (11.11) as palavras “*Assim pois, outrora, vós fostes desobedientes a Deus, agora, porém, obtivestes misericórdia com a desobediência destes, de modo que também se tornaram desobedientes, para que à vista da misericórdia demonstrada a vós, também pudessem agora receber misericórdia*” (v.30) encontram seu significado, a saber, “*...com o fim de provocar ciúmes neles*”, isto é, em Israel.

“*segundo a eleição, são amados de fato por causa dos pais*”. Os mesmos judeus que outrora foram inimigos do Evangelho tornaram-se amigos, amados de Deus e irmãos crentes. Essa grande mudança concretizou-se por causa do fato de que esses inimigos de outrora foram designados por Deus, em seu decreto eterno, a tornarem-se amigos.

“*por causa dos pais*” não indica méritos ou bondade inatos pertencentes aos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, mas sim, por causa da promessa de Deus feita aos pais: “*Serei seu Deus e o Deus de sua semente depois de ti*” (cf. Gn.17.7; 26.23,24; 28.12-14).

“*pois são irrevogáveis os dons gratuitos e a vocação de Deus*”. Há quem interprete v.28-31 como uma expressão do amor de Deus para com o povo de Israel em geral. A presente cláusula revela que tal interpretação é incorreta, pois ela aponta para a *vocação irrevogável de Deus, vocação essa não sujeita a mudança e jamais anulada*. Esta é certamente a vocação interior ou eficaz, aquela que pertence tão-somente aos eleitos. Assim sendo, esses “*dons gratuitos e a vocação*” se referem aos produtos da graça tão especial de Deus, como fé, esperança, amor, paz que excede todo entendimento, vida eterna, etc, sendo todos eles dons outorgados aos eleitos de Deus, *tão somente*.

“*de modo que também se tornaram desobedientes, para que à vista da misericórdia demonstrada a vós, também pudessem agora receber misericórdia*”. Essas palavras tanto quanto as do v.26, devem ser entendidas assim: Israel (o Israel real) se tornou todo desobediente; a princípio

se tornou inimigo. Contudo ele é amado, e mesmo tendo se tornado desobediente, Deus lhe concede uma nova chance para que assim, havendo arrependimento da parte de Israel, ele também seja alcançado com a misericórdia, com a mesma misericórdia com a qual os gentios foram alcançados.

O advérbio *agora*, indica acontecimentos que estão ocorrendo justamente agora, em cumprimento do plano divino traçado desde antes da fundação do universo.

“*Pois Deus encerrou todos na desobediência, para que usasse de misericórdia para com todos*”. É melhor considerar esse versículo como que aplicando-se a “*a plenitude dos gentios*” e “*todo Israel*”. Deus encerrou-os todos, judeus e gentios, na mesma condição, a de desobedientes à Santa Lei de Deus. É uma situação desesperadora. O pecado perturba, a Lei condena, a consciência fustiga, o juízo final ameaça e Deus não os aceitou. *Por natureza*, tal é a situação deles.

As trevas são subitamente dispersas. É Deus pessoalmente quem abre as portas da prisão e permite que a luz resplandeça nela. Os prisioneiros – cada um deles, sem exceção – saem para a liberdade. Deus o fez “*para que usasse de misericórdia para com todos*”. O melhor comentário dessas palavras é do próprio Paulo em 3.24: “*sendo justificados graciosamente por Sua graça através da redenção em Cristo Jesus, a Quem Deus ofereceu como sacrifício que desvia a Sua ira, no sangue Dele, através da fé*”.

2.3.3. Restauração de Israel. Ocasão para glorificar a Deus (11.33-36)

Refletindo sobre (a) o que ele acaba de escrever (v.32), sobre (b) “*o mistério*” introduzido no v.25 (a interdependência entre a salvação de “*a plenitude dos gentios*” e “*todo o Israel*”), e provavelmente também sobre (c), tudo o que ele tem escrito até aqui o glorioso tema da *Justificação pela fé*, de forma alguma surpreende que o exuberante Paulo, ele pessoalmente um maravilhoso produto da graça soberana de Deus, prorrompa numa doxologia.

Essa doxologia soa mais admirável, quando é contrastada com a “*profunda tristeza*” que Paulo expressa no início desta grande seção (9.1ss).

(11.33-36)

³³ +W ba,qoj plou,toukai. sofi,aj kai. gnw,sewj qeoU/ w`j avnexerau,nhta ta.
Ó profundidade de riqueza e de sabedoria e de conhecimento de Deus! Como insondável as

kri,mata aurtou/ kai avnexicni,astoi ai` o`doi. aurtou/Å
sentenças Dele e não de seguir os rastros os caminhos Dele.

³⁴ ti,j ga.r e;gnw nou/rkuri,ouÈh' ti,j su,mbouloj aurtou/ evge,netoÈ
Quem pois conheceu mente do Senhor? Ou quem conselheiro Dele se tornou?

³⁵ h' ti,j proe,dwken aurtw/|(kai. avntapodoqh,setai aurtw/|È
Ou quem deu antes a Ele, e recompensará a Ele:

³⁶ o[ti evx aurtou/ kai. aurtou/ kai. eivj aurtou.n ta panta h` dei,xatou.j
Porque de Ele e através de Ele e para Ele as todas. Ele a glória para os

aivw/naj(avmh,nÅ
tempos, amém!

Ó profundidade da riqueza, e da sabedoria e do conhecimento de Deus! Como são insondáveis Seus juízos e inescrutáveis Seus caminhos! Quem pois conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi Seu conselheiro? Ou quem Lhe deu algo antes, para que depois Ele o recompensasse? Porque Dele e por meio Dele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre! Amém!

Quando Paulo pondera sobre as questões supramencionadas em conexão com (a), (b) e (c) – talvez especialmente sobre (b) – sua alma, saturada de admiração, adoração e espanto, se

expressa numa exclamação que pode ainda ser denominada de um *cântico* de louvor a Deus. Ele se tem conscientizado das profundezas oceânicas (cf. 1Co.2.10) das riquezas (cf. Rm.2.4; 9.23; 10.12) cujo fundo não se alcança, riquezas da sabedoria e do conhecimento de Deus.

A *sabedoria* de Deus é sua capacidade de selecionar os melhores meios para a obtenção do alvo mais elevado. Quem quiser pode chamá-la de eficiência divina evidente em todas as suas obras. O termo *conhecimento*, como aplicado a Deus, no presente contexto (vinculado à sabedoria), não deve ser entendido no sentido de seu eterno deleite, significado esse que às vezes a palavra possui, mas, antes, como sua visão da própria essência das coisas, pessoas, idéias, etc., sua onisciência (veja o comentário de 11.1-6 na p.144 dessa apostila). O apóstolo acrescenta: “*Como são insondáveis Seus juízos*”; ou seja, as soberanas decisões, os decretos, as disposições de Deus. No presente contexto, a referência é especialmente àqueles juízos que são revelados no plano divino de salvação e na efetuação desse plano. A adição “*e inescrutáveis os seus caminhos*” provavelmente indique: “*e quão impossível é traçar ou rastrear os meios que Deus usa para pôr suas decisões em execução*”.

“*Quem pois conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi Seu conselheiro? Ou quem Lhe deu algo antes, para que depois Ele o recompensasse?*”.

Alçando ainda seu coração em louvor a Deus, Paulo formula três perguntas. Eis a primeira: “*Quem pois conheceu a mente do Senhor?*”. Essa pergunta é citada, quase sem alteração, da versão LXX de Is.40.13. Acha-se citada também em 1Co.2.16. Ela de pronto nos lembra Is.55.8: “*Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos*”. Ultimamente, sabe-se cada vez mais sobre os mistérios do cérebro humano. Os homens *realmente* científicos, ponderando sobre essas novas descobertas, estão começando a dizer: “*Quão grande é Deus*”. Mas, por certo que, se Deus é maravilhoso e incompreensível na obra da criação, não é Ele, pelo menos, igualmente grandioso em sua obra de Redenção? Aliás, quem já foi capaz, mesmo numa mínima extensão, de realmente penetrar na mente de Deus?

Eis a segunda pergunta: “*Ou quem foi Seu conselheiro?*”. Essa pergunta é igualmente uma citação de Is.40.13. Todos nós já encontramos pessoas a quem corretamente consideramos sábias e inteligentes, mas que nem sempre se têm portado sabiamente. Há momentos em que lhes tem faltado sabedoria e conhecimento. Como, pois, obtiveram essas qualidades? Até certo ponto, pelo menos, fazendo bom uso do conselho e informação que receberam dos pais, professores e amigos. Deus, porém, jamais teve algum conselheiro a quem pudesse recorrer!

Eis a terceira pergunta: “*Ou quem já deu [algo] a Deus, para que Deus lhe restitua?*” Em outros termos: “*Ou quem Lhe deu algo antes, para que depois Ele o recompensasse?*”. Quanto a sua essência, essa pergunta é uma citação de Jó 41.11(original hebraico).

Quê?! Deus, nosso devedor? Impossível! Aliás, nosso débito para com ele é tão imenso que nosso coração se confrange sempre que meditamos no que Ele já nos fez, está fazendo e ainda nos fará. Uma resposta *adequada* a Deus é simplesmente impossível. Portanto, começamos a responder com orações de ação de graças ou exclamação de júbilo. Aderimos às palavras de Paulo como se acham registradas aqui em Rm.11.35, ou em 2Co.8.9, ou em 2Co.9.15.

“*Porque Dele e por meio Dele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre! Amém!*”. Intérpretes têm tentado descobrir a fonte dessas palavras. Tê-las-ia Paulo tomado por empréstimo, quem sabe, deste ou daquele poeta ou filósofo grego? Ora, ainda que seja verdade que o apóstolo estivesse familiarizado com a poesia e filosofia epicúrea e estoica (At.17.18, 28), e portanto talvez também com o provérbio: “*Todas as coisas vêm de ti [natureza], subsiste em ti e volta para ti*”, ele de forma alguma era panteísta. Seu canto de louvor não é dedicado à natureza ou ao universo, mas ao Deus Triúno que se revelou em Jesus Cristo para a salvação. A fonte do canto do apóstolo, portanto, é a Escritura, seus ensinamentos aplicados a seu coração pelo Espírito Santo.

Qual é o significado de “*todas as coisas*”? Essa expressão se refere a todas as coisas da criação? Conforme Jo.1.3; 1Co.8.6. Provavelmente não. O contexto imediato (v.25s.) tem que ver com o evangelho, e portanto com a esfera da salvação.

O canto se refere, pois, à Santíssima Trindade, de modo que o significado seria: “*O Pai*

a [salvação] idealizou; o Filho a adquiriu; o Espírito Santo a efetivou”? Embora haja aqueles que favoreçam uma explicação desse gênero, ela deve ser imediatamente rejeitada. Atribuir os três elementos em separado (dele, por meio dele, para ele), respectivamente às três pessoas é extremamente irracional.

E então? Nas citações imediatamente precedentes, a referência era a Jeová, ou seja, a Deus. Assim também aqui “*Dele*” significa “*do Deus Triúno*”, e isso vale também para as outras duas pequenas frases.

A interpretação correta, como o vejo, é portanto esta: Deus é a fonte de nossa salvação; é por meio de sua graça e poder que a salvação se torna uma realidade em nossa vida; e a ele, conseqüentemente, se deve toda a glória. *Ele é a fonte, o realizador e o alvo de nossa salvação.*

É por certo muito lógico que o apóstolo, aproximando-se da conclusão de sua doxologia, escreva: “*A Ele seja a glória para sempre*”. Visto que foi ele quem não só planejou nossa salvação, mas também quem a levou a tornar-se uma realidade, segue-se que Ele – *tão-somente* – Ele quem deve receber toda a glória.

Paulo conclui esse pequeno hino de louvor e ação de graças, e portanto os capítulos 9 – 11 , e, aliás, toda a seção predominantemente doutrinal de seu livro (caps.1 – 11), acrescentando a palavra de solene afirmação e aprovação entusiástica pessoal, “*Amém*”.

3ª PARTE A APLICAÇÃO DA JUSTIÇA DE DEUS (12.1 – 16.27)

3.1. JUSTIÇA DE DEUS DEMONSTRADA NOS DEVERES CRISTÃOS (12.1 – 13.14)

Vida cristã implica em deveres e responsabilidades que o servo de Deus tem. Na presente seção (12.1 – 16.27) que é também a seção final da carta, Paulo passa para a parte prática, enquanto que nas duas seções anteriores ele tratou, digamos assim, da parte “teórica”. Embora aqui fizemos essa separação (doutrina-prática) para fins didáticos, no Evangelho de Cristo não existe essa distinção como se doutrina fosse algo apenas teórico, dissociado da prática. Pelo contrário, a doutrina cristã é melhor pode ser compreendida no âmbito da prática. No Evangelho, doutrina e prática são os dois lados de uma mesma moeda.

3.1.1. Responsabilidade para com Deus (12.1,2)

Encabeçando a lista de responsabilidades dos cristãos, estão suas responsabilidades para com Deus, o seu Senhor. Em seguida vem a responsabilidade para com seus irmãos na fé (v.3-13); depois suas responsabilidades para com os de fora, inclusive aqueles que se postam como seus inimigos (v.14-21). Há ainda as responsabilidades para com os magistrados (13.1-7) e, para com o próximo (13.8-14).

3.1.1. Responsabilidade para com Deus (12.1,2)

(12.1,2)

¹Parakalw/ou=n u`ma/j(avdelfoiá. tw/n oivktirmw/n/ qeou/ parasth/sai ta. sw,mata
Admoesto portanto, vos, irmãos, através de as misericórdias do Deus apresenteis os corpos

u`mw/psi,anzw/san a`gi,an euva,reston tw/| qew/|(th.n logikh\`n latrei,an u`mw/n
de vós sacrificio vivo santo agradável ao Deus, o racional culto de vós.

² kai. mh. suschmati,zesqew/| aivw/ni tou,tw|(avlmetamorfou/sqe th/|
E não conformeis ao esquema da era esta, mas sede mudados na natureza mais interior pela

avnakainw,sei tou`o.j eivj to. dokima,zein u`ma/tj, to. qe,lhma tou/ qeou/(tokaivgaqo.n
renovação da mente para o poderdes comprovar vós qual a vontade do Deus, a boa e

euva,reston kai te,leionã
agradável e completa.

Admoesto-vos irmãos, portanto, por meio das misericórdias de Deus, a que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com o esquema desta era, mas sede transformados na natureza mais interior pela renovação da mente, para poderdes comprovar qual é a boa, e agradável e completa vontade de Deus.

“Admoesto-vos irmãos...”. O verbo aqui empregado (parakalw/parakale) quer dizer: “admoestar, encorajar, exortar. A palavra era usado no grego clássico para a exortação de tropas que estavam para ir à batalha. Aqui é um pedido baseado na autoridade apostólica”²²⁵.

“...portanto” aqui indica tudo o conteúdo dito até aqui. Há certa discussão sobre qual a extensão desse conteúdo anterior, se apenas se refere aos cap. 9 – 11, ou recua desde o cap.1 até o cap.11. Particularmente, prefiro a segunda opção.

Apesar de apelar para sua autoridade apostólica, Paulo está longe de aqui apresentar-se como um tirano, déspota, um ditador que com ameaças exige de seus irmãos alguma coisa. Ele apela sim, para sua autoridade apostólica a qual está ligada à uma Autoridade infinitamente superior à sua, da qual a sua autoridade depende: a Autoridade Divina. Ele suplica “...por meio das misericórdias de Deus...”, ou seja “misericórdia e compaixão que se originam do estado miserável de alguém que está em necessidade. A preposição com o genitivo, ‘por’ dá ao leitor a compreensão de que as misericórdias divinas são o poder por meio do qual esta exortação deveria tomar posse de sua vontade”²²⁶.

E qual o conteúdo dessa admoestação? “...a que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”. Os crentes romanos deveriam apresentar²²⁷ seus corpos a Deus. A palavra “corpos” aqui descreve a *totalidade do ser humano*. É um erro laborar na idéia de que o ser humano é composto de três partes (corpo, alma e espírito), ou duas (alma e corpo). Concordamos que existam sim essas “partes”, mas nunca devemos ver o ser humano dissecado como uma cobaia de laboratório sobre a mesa de um cientista. A salvação que Deus providenciou ao homem foi para o *ser completo*. Assim, diferentemente, das filosofias pagãs, o Evangelho apresenta a verdade de que o nosso corpo é tão importante para Deus quando nossas faculdades espirituais (alma, espírito, etc). As filosofias pagãs como por exemplo o Gnosticismo, apregoavam que a matéria (corpo) é má, enquanto que, a essência (o espírito) é boa. Daí haver a necessidade de libertar a essência da matéria em que está presa. Uma vez que isso aconteça, a pessoa alcança seu estado máximo de purificação e conhecimento (a *gnoses*). O Evangelho mostra que o corpo não é somente tão importante quanto o espírito, como também nele se dá o processo de santificação – santificação é a consagração *também* do corpo.

Diante disso, Paulo apresenta as três características desse “sacrifício” apresentado a Deus: “...vivo, santo e agradável a Deus...”. Vejamos o que ele quis dizer com isso:

- ✓ Vivo: deve proceder da nova vida no interior do crente (veja o v.2);
- ✓ Santo: produto da influência santificadora do Espírito Santo;
- ✓ Agradável: o que não quer dizer somente “aceitos” por Deus, mas muito sinceramente oferecidos Àquele a quem os crentes se dedicam.

Sim, é este o “culto racional” que Deus espera de nós, Seus filhos. O adjetivo “racional” (logikh.n- logiko,) é “é relativo à razão, racional, talvez espiritual. O uso de nossos corpos é caracterização pela devoção consciente, inteligente e consagrada a Deus e a Seu serviço”²²⁸. Essa palavra nos lembra “lógica” e aqui é no sentido de “razoável” ou “racional”. Alguns intérpretes entendem logikh.n latrei, como “o culto que é correto para se oferecer a Deus”. Outros preferem a tradução “culto espiritual”. Seja como for, o que Paulo está enfatizando

²²⁵ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.276).

²²⁶ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.276).

²²⁷ O verbo aqui é parasth/sa(pari,sth) apresentar, um termo técnico para a apresentação de um sacrifício, significando literalmente “colocar de lado” para qualquer propósito (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.276).

²²⁸ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.276).

aqui é: *ofereçam-se completamente Àquele que fez tudo isso por vocês (Rm.1 – 11), pois Ele não somente merece como tem o total direito sobre vocês – Ele os resgatou!*”.

Mas a admoestação continua. Eles (e também nós deveriam evitar o seguinte: “*E não vos conformeis com o esquema desta era*”). Eles eram santos, mas, ainda viviam num mundo pecaminoso, e eles próprios ainda eram pecadores. Por esta razão deveriam evitar se conformarem com o esquema, literalmente não deveriam tomar a forma da presente era. O verbo *suschmatizēsque* (*suschmatōzai*) quer dizer: “*formar ou modelar de acordo com algo. O verbo indica a adoção ou imitação de uma pose ou um modo recebido de conduta. O presente do imperativo com negação indica a descontinuação de uma ação em progresso, ou significa que a ação não deve ser feita continuamente*”²²⁹. Não devemos nos descuidar. Enquanto estivermos neste mundo sofreremos ataques constantes e seremos influenciados pelo (e para o) mal. Costumes tais como: linguagem suja ou ofensiva, entoar cânticos obscenos, leitura de livros torpes, associar-se, em termos íntimos, com companheiros mundanos, etc. Temos muita facilidade de classificarmos os pecados em ordens diferentes como “abomináveis” e os “toleráveis”. Mas, são os “toleráveis” a porta de entrada para os “abomináveis”. O crente deve evitar o pecado mesmo quando este venha somente em sua aparência e não em essência (1Ts.5.22).

O crente não deve se conformar com o esquema desta era (ou deste mundo) porque ele foi chamado para viver para Deus, e além disso, esse mundo é transitório e efêmero (1Co.7.31).

“*mas sede transformados na natureza mais interior pela renovação da mente*”. Em sua luta para contra as tentações mundanas os crentes romanos além de não se conformarem a elas foram admoestados por Paulo a também passarem por uma profunda mudança interior. Não só *não se conformar* mas, também, *transformar*, ou seja, substituir a forma interna outra. Uma mudança exterior não ajuda em nada e até pode ser extremamente nociva, pois leva à hipocrisia. Sendo o problema do homem algo profundamente enraizado em seu coração²³⁰, daí a solução está numa profunda mudança interior, a qual se processa “*pela renovação da mente*”. A mente (*noujé*) é a faculdade do pensamento, a razão em sua atividade e qualidade moral²³¹.

Após essa *transformação profunda através da renovação da mente* é que acontece algo maravilhoso: “*para poderdes comprovar qual é a boa, e agradável e completa vontade de Deus*”. O verbo *dokimaze* (*dokimazai*) indica uma “*provar por meio de teste, aceitar como aprovado após teste*”²³². Para discernir a vontade de Deus para sua vida, o crente não pode depender somente de sua consciência, mesmo que esta seja muito importante. Contudo, a consciência se não estiver o tempo todo voltando-se para as Escrituras a fim de receber a instrução do Espírito Santo, falhará.

É assim que os crentes se tornam e permanecem cômicos da vontade de Deus. Obviamente, a vontade de Deus descrita aqui é a sua vontade preceptiva²³³ (veja. Dt.29.29). É assim que a vontade de Deus se fará crescentemente bem-estabelecida ou o componente experiente da consciência e da vida os filhos de Deus. Quanto mais vivem de conformidade com essa vontade, e a aprovam, mais, também, por meio dessa experiência, aprenderão a conhecer essa vontade e alegrar-se nesse conhecimento. Exclamarão: “*Tua vontade é o nosso deleite*”. E o conteúdo da vontade preceptiva de Deus para nós é que façamos aquilo que aos Seus olhos seja *bom, agradável e completo*. É isso que importa para Deus! A nossa *responsabilidade* para com Ele resume-se a nada menos do que aquilo é bom, agradável e completo de acordo com os parâmetros Dele!

3.1.2. Responsabilidade para com os irmãos na fé (12.3-13)

²²⁹ (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.276).

²³⁰ O verbo metamorfoú (*metamorphōstai*) está no presente do imperativo passivo, daí “*sede mudados na natureza mais interior*”. A preposição prefixada indica mudança; isto é, alteração na forma (RIENECKER-ROGRES, 1988, p.276).

²³¹ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.276).

²³² O infinitivo expressa o propósito ou resultado (RIENECKER-ROGERS, 1988, p.276).

²³³ Relativa a “preceitos”.

Agora veremos qual deve ser a atitude do crente justificado para com seus irmãos na fé.

(12.3-8)

³ Le,gw ga.r dia.th/j ca,ritoj th/|doqei,shjmoi panti. tw|pnti evnu`mi/n mh.

Digo, pois através de a graça a que foi dada a mim a todo o que está em vós não

u`perfronei/rparV o| dei/ fronei/navlla. fronei/neivj to. swfronei/n(e`ka,stw|
ter em mente acima além de que importa ter em mente mas ter em mente para o ser sadio de pensar a cada um

w`j o` qeo.j evme,risen me,tron pi,stewjÅ
como o Deus repartiu medida de fé.

⁴ kaqa,per ga.r evn e`ni. sw,mati polla. me,lh e;comené,ta. panta ouv th.n auvth.n
Assim como pois em um corpo muitos membros temos os porém membros todos não a mesma

e;cei pra/xin(
tem operação,

⁵ ou[twj oi` polloi. e]rsw/ma, evsmen evn Cristw/|katoV eij avllh,lwn mh)
assim também os muitos em corpo somos em Cristo, o porém segundo um de uns e outros membros

⁶ e;contejde. cari,smata katah.n ca,rin th.ndoqei/san h`mlia,fora(ei;te profhtei,an
Tendo, porém, dons segundo a graça a que foi dada a nós diferentes, e se profecia

kata. th.n avnologi,an th/j pi,stewj(
segundo a proporção da fé,

⁷ ei;te diakoni,an evn th/| diakoni,a|(ei;te o` dida,skwn evn th/| didaskali,a|(
e se ministração em a ministração, e se o que ensina em o ensino,

⁸ ei;te o` parakalw/revn th/| paraklhtismetadidou.j avplh,thti(o proi?sta,menojvn
e se o que fala ao lado em a fala ao lado; o que contribui em singeleza, o que se posta à frente em

spoudh/|(o` evlew/n evn i`laro,thtiÅ
diligência, o que faz misericórdia em alegria.

Por isso, pela graça que me foi dada, digo pois, a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém ter, mas cada um pense de maneira sóbria conforme a medida da fé que Deus lhe repartiu. Pois assim como em um só corpo temos muitos membros, porém, todos esses membros não têm a mesma função, assim também somos muitos membros e um só corpo em Cristo, e individualmente membros uns dos outros. Tendo porém, diferentes dons segundo a graça a qual nos foi dada; se for profecia que seja exercida segundo a proporção da fé; se ministração, no exercício da ministração; e o que ensina, exerça com esmero o ensino; e o que exorta, exerça a exortação; o que contribui, faça-o com singeleza; quem está na liderança, lidere com diligência; e o que pratica misericórdia, faça-o com alegria.

“...Por isso, pela graça que me foi dada...”, apelando assim para sua autoridade apostólica (veja 1.5) Paulo passa a tratar de questões do cotidiano da igreja de Roma, nas quais estavam acontecendo problemas nos relacionamentos dos irmãos.

“...digo pois, a cada um de vós que não tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que convém ter...”. O verbo u`perfronei/(u perfronei quer dizer “pensar mais do que convém, mais do que o real, ser altivo, arrogante”²³⁴. Por certo alguns irmãos estavam se julgando

²³⁴ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.276).

superiores aos demais por algum motivo. Pelo o que se dá a atender nos versos seguintes, era um orgulho exacerbado em face de um dom quando este era comparado com o dom de outra pessoa. Note que não há problema algum se uma pessoa se mostra feliz com o dom que tem – isso não é soberba –, mas, o problema estava no fato de que uns estavam “*pensando acerca de si mesmo mais do que deveriam pensar*”, e assim, se julgando superiores e mais importantes que os demais. Alguns se julgavam os “tais”.

“...mas cada um pense de maneira sóbria conforme a medida da fé que Deus lhe repartiu”. É muito fácil nos medirmos com a nossa própria fita métrica! A “medida” aqui proposta por Paulo é “*é a medida da fé que Deus lhe repartiu*”. Ele não está pensando na fé aqui em termos quantitativos (grande ou pequena), mas sim, nas várias formas em que cada indivíduo distinto pode ser uma bênção a outros e à igreja em geral usando o dom particular com o qual, em associação com a fé, Deus o dotou. A admoestação aqui é para que todos entendam de vez que os dons são diversos, porque as necessidades da igreja são diversas.

“*Pois assim como em um só corpo temos muitos membros, porém, todos esses membros não têm a mesma função, assim também somos muitos membros e um só corpo em Cristo, e individualmente membros uns dos outros*”. Com essas palavras Paulo confirma o que vem dizendo aos romanos. Usando a analogia do corpo humano, no qual há vários membros e cada qual exerce uma função diferente, ele aplica agora essa analogia à Igreja de Cristo para mostrar que dentro dela cada membro tem o seu papel e importância bem distintos. Ele usa essa mesma analogia em 1Co.3.3,4; 10.17.

Aqui em Rm.12.4,5, ele enfatiza:

- ✓ A unidade orgânica do corpo (“*em um só corpo temos muitos membros*”);
- ✓ A diversidade proposital dos membros e de suas funções (“*todos esses membros não têm a mesma função*”);
- ✓ As necessidades e benefícios mútuos desses vários membros que se acham unidos em Cristo (“*também somos muitos membros e um só corpo em Cristo*”);
- ✓ A responsabilidade individual dos membros (“*e individualmente membros uns dos outros*”).

Nos v.6-8 Paulo apresenta uma lista de sete dons:

- ✓ Profetizar;
- ✓ Ministração (o mesmo que servir);
- ✓ Ensinar;
- ✓ Exortar;
- ✓ Contribuição;
- ✓ Liderar;
- ✓ Exercer misericórdia (socorro)

Obviamente, quando se trata de dons, a Bíblia não se refere somente a esses. Digamos que temos aqui um resumo dos dons que são necessários à Igreja. Além disso devemos ressaltar que para Paulo esses dons não eram privilégios somente dos pastores, presbíteros e diáconos. Esses dons são expressão da graça de Deus a todos os membros da Igreja para que todos cooperem uns com os outros e assim a Igreja cresça e se fortaleça.

“*se for profecia que seja exercida segundo a proporção da fé*”. A profecia é colocada em primeiro lugar nessa lista porque para Paulo a profecia era algo de máxima importância. Profetizar é muito mais do que desvendar o futuro por meio de afirmações, adivinhações ou suposições. A profecia bíblica não é jamais produto da mente e do coração humano; *ela é a mensagem de Deus para o Seu povo dada através de seu mensageiro*. Portanto, um profeta de Deus fala o que Deus lhe manda; fala a Palavra de Deus, para edificar, exortar, consolar e instruir os demais (1Co.14.3,31). Novamente, Paulo faz uso da “fita métrica de Deus”, ou seja, a fé pois diz que aquele que diz ser um profeta, deve profetizar “*segundo a proporção da fé*”, o que quer dizer o mesmo que o v.3 quando emprega essas palavras, ou seja, a palavra “fé” aqui, é usada como uma

indicação da *confiança* em Deus e em suas promessas. A fé cresce mediante conhecimento adquirido e vivência, sendo assim, a profecia (conquanto proclamação) depende da fé em exercício.

“...se ministração, no exercício da ministração...”. A palavra usada aqui é diakoni,α indica “serviço prestado a outras pessoas. Aqui pode se referir à administração das esmolas e o atendimento às necessidades materiais dos membros da igreja. Pode, também, referir-se ao ministério da Palavra embora tal interpretação não seja de grande aceitação entre os eruditos mais recentes (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277). Dessa palavra vem a nossa palavra portuguesa “diácono”. Sendo assim, quem é chamado para servir, só encontrará sentido no seu chamado enquanto estiver no exercício da diaconia.

“...e o que ensina, exerça com esmero o ensino...”. O profeta recebia sua mensagem por meio da revelação direta de Deus. Enquanto isso, o mestre obtinha seu conhecimento por meio de dedicação ao estudo das Escrituras, que no tempo de Paulo consistia apenas do Antigo Testamento. Então Paulo prossegue dizendo que aquele que é mestre, que exerça seu dom ensinando aos demais, e isso com esmero. Em nossos dias não podemos alegar falta de recursos. Deus não abençoa a preguiça daqueles que por mais fervorosos de espírito creiam que receberão a instrução de Deus sem gastar tempo estudando e conhecendo Sua Palavra. Só teremos condição de ensinar na medida em que tivermos aprendido.

“...e o que exorta, exerça a exortação...”; quem foi chamado para exortar o povo de Deus, quer coletiva ou individualmente (embora a força do termo repouse mais neste último), deve exercitar a exortação. O termo grego é parakalw/ do verbo parakalew,(veja comentário de Rm.12.1 sobre esse termo).

“...o que contribui, faça-o com singeleza...”. O verbo metadidou (metadivm) é “dar, compartilhar com alguém” e o substantivo a`plo,thti(a`plo,tj) quer dizer “sinceridade, generosamente, liberalmente. Refere-se ao ato de dar algo com a mão e o coração abertos, quer derivam da compaixão e de uma singeleza de propósito, não da ambição”²³⁵. O que Paulo está ensinando é que quem contribui para as necessidades de outros, deve fazer isso sem qualquer motivo adicional, sem interesse próprio. Este item está entrelaçado com o da ministração (diaconia) e, conseqüentemente com o último, o da misericórdia (socorro). Esse dom não diz respeito *somente* aos mais abastados materialmente, mas, diz respeito *especialmente* a esses. Com quanta dificuldade pessoas mais abastadas exercem o dom da contribuição dentro da Igreja!

“...quem está na liderança, lidere com diligência...”. O termo usado aqui é proi?sta,meno e quer dizer “estar no primeiro lugar, presidir”²³⁶, obviamente não se trata de proeminência para tirar proveito próprio. Como disse o Senhor Jesus: “Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve (Lc.22.26). Para que a sua posição não lhe seja motivo de soberba, o líder deve sempre liderar com *diligência*, ou seja, zelo, que é o que significa o termo grego spoudh

Finalizando essa lista Paulo diz: “e o que pratica misericórdia, faça-o com alegria”. Como já foi mostrado anteriormente, este item está ligado ao segundo e ao quinto. Aquele que tem o chamado para exercer misericórdia (socorro) deve fazê-lo com *alegria, graciosidade*. Embora esteja claro que este parágrafo está apontando apenas para o relacionamento *entre irmãos*, cabe aqui um questionamento. Há de se questionar o que tem sido feito por muitas igrejas em nossos dias, a saber, prestar socorro coagindo o necessitado a tomar uma “decisão” por Cristo, a qual na maioria das vezes não tem qualquer base numa verdadeira conversão. Em outras palavras, é tirar proveito da miséria do miserável, forçando-o a ouvir ou participar da igreja sem ser um ato espontâneo, mas sim, por constrangimento por ter sido socorrido. Nada pode estar mais distante do verdadeiro Evangelho e cheio de covardia com roupagem “sacro santa”.

(12.9-13)

²³⁵ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277).

²³⁶ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277).

- ⁹ ~H avga,pa,nupo,kritoj,avpostugou/ntej to. ponhro,n(kollw,menoi tw/| avgaqw/|(
O amor (seja) não fingido, odiando fora de o maligno, grudando-vos ao bom;
- ¹⁰ th/|filadelfi,a| eivj avllh,louj filo,storgoi(th/|timh/|avllh,louj prohgou,menoi(
no amor fraternal a uns aos outros ternamente afeiçoados na honra uns aos outros conduzindo à frente,
- ¹¹ th/|spoudh,th. ovknhroi,(tw/| pneumatēj(tw/|kuri,w| douleu,ontej(
na diligência não tardos, no Espírito sendo fervorosos ao Senhor servindo (como escravos),
- ¹² th/|evlpi,di cai,rontej(th/| qli,yei u`pome,nontej(th/| proseuch/| proskarterou/ntej(
na esperança regozijando-vos, nas pressões pacientes, na oração perseverando,
- ¹³ tai/j crei,aij tw/n a`gi,wn koinwnou/ntej(th.n filoxeni,an diw,kontejÅ
às necessidades dos santos compartilhando, a hospitalidade perseguindo.

O amor não seja fingido. Detestando aquilo que é mau, apeguem-se ao que é bom. No amor fraternal sejam ternamente afeiçoados uns para com os outros. Prefiram uns aos outros em honra. Na diligência, não sejais faltosos, antes, sendo fervorosos no Espírito servindo ao Senhor. Regozijando-vos na esperança, sendo pacientes nas pressões, perseverando na oração. Compartilhando com os santos em suas necessidades; praticando a hospitalidade.

Nas palavras desses versos fica bem clara a difícil situação em que viviam os irmãos daqueles tempos. Os recursos eram escassos. Daí a necessidade de haver atenção constante em relação aos irmãos necessitados. Paulo continua sua exortação.

“O amor não seja fingido”. Literalmente, “não hipócrita”. Mas, o que seria um amor fingido? É o amor genuíno, ou seja, o amor sacrificial, que se doa, que se entregue em prol do outro.

A exortação continua: “Detestando aquilo que é mau, apeguem-se ao que é bom...”, ou seja, ter verdadeiro desprezo e desgosto por tudo o que é mau. O verbo aqui é avpostugou/ntej (avpostugev) quer dizer “odiar, aborrecer, desprezar. Expressa um forte sentimento de repulsa e a preposição prefixada enfatiza a idéia de separação”²³⁷. O outro verbo kollw,menoi (kolla,w) quer dizer literalmente “grudar, colar ou cimentar; unir firmemente, juntar-se. Nosso apego ao bem deve ser o mesmo demonstrado pelo vínculo matrimonial”²³⁸. Essas palavras nos lembram o que o Sl.109.17 diz, só que inversamente: “Amou a maldição; ela o apanhe; não quis a bênçãos; aparte-se dele”.

“No amor fraternal sejam ternamente afeiçoados uns para com os outros”. Voltando para o círculo da fé, Paulo exorta os crentes romanos a que no que diz respeito aos irmãos na fé (“amor fraternal”) todos deveriam ser “ternamente afeiçoados uns para com os outros”. Em outras palavras, deveriam devotar-se uns aos outros na prática do amor fazendo tudo o que estiver em seu alcance para realizar esse bem. O adjetivo filo,storgoi (filo,storgō) indica algo que “pleno de afeição. Denota a afeição gentil e terna trocada por aqueles que se querem bem, como pais e filhos, irmãos e irmãs”²³⁹. Só que no caso dos irmãos na fé, o vínculo que os une é infinitamente incomparável, a saber, a adoção Divina.

“Prefiram uns aos outros em honra”. O resultado da verdadeira afeição é que ninguém procura sua própria honra ou vantagem, e todos estão dispostos a dar honra aos outros. O verbo usado aqui é prohgou,menoi (prohge,omē) quer dizer “ir antes e mostrar o caminho. Considerar, estimar. Significa ou respeitar uns aos outros mostrando consideração, ou estimar mais, considerar os outros como melhores”²⁴⁰. a exortação não exige que eu julgue a cada irmão na fé sendo em tudo

²³⁷ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277).

²³⁸ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277).

²³⁹ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277).

²⁴⁰ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277).

mais sábio e mais apto do que eu sou. Mas solicita que humildemente considere meu irmão na fé melhor do que sou, Fp.2.3²⁴¹.

“*Na diligência, não sejais faltosos*”. Conforme o v.8, o substantivo *spoudaíōn* aponta para o zelo que todo o crente (não só o que preside, cf.v.8) deve ter. O adjetivo *ovknhrōōvknhrōō* quer dizer “preguiçosos, descuidados, indolentes”²⁴². Mas para que não caíam nesse pecado eles deveriam “antes, sendo fervorosos no Espírito servindo ao Senhor”. Essas duas frases foram colocadas lado a lado com o fim de ressaltar como não se deve agir (“*Na diligência, não sejais faltosos*”) contrastando com o modo correto de se agir (“antes, sendo fervorosos no Espírito servindo ao Senhor”). Todo serviço prestado na Igreja e para a Igreja (referência às pessoas, os crentes em Cristo), e às demais pessoas, é antes de tudo um serviço a Deus. Eis a razão porque não devemos agir de acordo com a resposta dos homens (não agradaremos a todos), mas, sim, de conformidade com a Palavra de Deus (pois este é o único jeito de sabermos se estamos ou não servindo e agradando a Deus).

“*Regozijando-vos na esperança, sendo pacientes nas pressões, perseverando na oração*”. As três “virtudes aqui alistadas (esperança, paciência e perseverança) estão diretamente ligadas ao nosso relacionamento com Deus e com a Sua Palavra. Na esperança da salvação futura o crente deve regozijar-se, ou seja, ter um gozo que se repete constantemente; nas pressões (o mesmo que tribulações) ele deve ser paciente, ter paciência. O particípio usado aqui é *u`pome, nontej* (*u`pome, nontej*) quer dizer “suportar pacientemente, permanecer debaixo de, ter paciência”²⁴³. Quanto à oração, deve haver perseverança, manter-se firme e fiel a esse propósito. A oração torna possíveis o regozijo na esperança e a paciência em meio às tribulações.

“*Compartilhando com os santos em suas necessidades; praticando a hospitalidade*”. O que Paulo está dizendo aqui é que eles deveriam ajudar a amenizar as necessidades dos santos, dos irmãos. A exortação quanto ao socorro já foi feita nos versos antecedentes. Aqui Paulo acrescenta outra prática do amor que se faz necessária em qualquer época, e especialmente nos dias do apóstolo: a hospitalidade. Quantas vezes Paulo foi acolhido na casa de irmãos! Quantos foram para ele verdadeiros companheiros nessas horas em que ele buscava um abrigo! Quantas vezes ele pode desempenhar seu ministério graças à hospitalidade de muitos irmãos! A hospitalidade deve ser praticada por todos os crentes, pelos líderes e pelo rebanho do Senhor. O que Paulo quer aqui é mostrar para os crentes que eles deveriam praticar a hospitalidade não somente quando fossem solicitados a isso, mas, que fizessem espontaneamente, ao observarem a necessidade de alguém.

3.1.3. Responsabilidade para com os de fora, inclusive os inimigos (12.14-21)

Qual deve ser a atitude do crente justificado para com “os de fora” (os que não são da família da fé), inclusive aqueles que se apresentam como nossos inimigos?

(12.14-21)

¹⁴ *euvlogei/te tou.j diw,konhrajna/jD(euvlogei/te kai. mh. katara/sqeÅ*
Falai bem de os que perseguem a vós, falai bem e não amaldiçoéis.

¹⁵ *cai, rein meta. cairo, ntw n(klai, ein meta. klaio, ntw nÅ*
Alegrar com os que se alegram chorar com os que choram.

¹⁶ *to. auvto. eivj avllh, louj fronou/ ntej(mh. ta. u`yhlf ronou/ ntej avlla. toi/j*
O mesmo para com uns e outros tendo em mente; não as altivas tendo em mente pelo contrário as

tapeinoi/ jsunapago, meno iÅ gimesqefro, nimo i parV e` autoi/ jÅ

²⁴¹ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.545).

²⁴² (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277).

²⁴³ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.277).

humildes sendo levados com; não vos torneis sábios junto a vós mesmos.

¹⁷ mhdenikako.n avnti. kakou/avpodido,ntej(pronoou,menoikala. evnw,pion pa,ntwn
A ninguém mal em lugar de mal dando de volta; pondo diante da mente boas na vista de todos

avnqrw,ðwn
homens.

¹⁸ eiv dunato.n to. evx u`mw/n(meta. pa,ntwim haneqron,pej/n
Se possível o de vós com todos homens estando em paz.

¹⁹ mh. e`autou.j evkdikou/ntejavgaphtoi,avlla. do,te to,pon th/| ovrgh/|(ge,graptai ga,
Não a vós mesmos fazendo justiça fora de amados, pelo contrário daí lugar à ira, foi escrito pois:

evmoi,evkdi,khsijévgw. avntapodw,sw(gei ku,riojÅ
A mim justiça de fora Eu darei de volta em lugar de, diz Senhor.

²⁰ avlla. eva,peina/|o` evcqros,pu(yw,mize auveo,andiya/|(po,tize avtò,n
Mas se tiver fome o inimigo de ti, alimenta a ele; se tiver sede daí de beber a ele;

tou/to gapoiw/ra;nqrakaj puro,šwreu,seijevpi.th.n kefalh.n avtjou/Å
isto pois fazendo brasas de fogo amontoarás sobre a cabeça dele.

²¹ mh. nikw/ u`po. tou/ kakou/ avlla. ni,ka evn tw/| avgaqw/| to. kako,nÅ
Não sejas vencido por o mau mas vence em ao bom o mau.

Abençoi aqueles que vos perseguem, abençoi e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram. Tenham as mesmas intenções uns para com os outros; não tenham a intenção de coisas altivas, pelo contrário, associa-vos com os de condição humilde; não vos torneis sábios aos próprios olhos. A ninguém retribuais o mal com o mal; preocupem em fazer coisas boas à vista de todos os homens. Se possível, quanto depender de vós tendes paz com todos os homens! Não vingueis a vós mesmos, amados, pelo contrário, dai lugar à ira de Deus, pois está escrito: A mim pertence a vingança; Eu mesmo é que a retribuirei, diz o Senhor. Mas se o teu inimigo tiver fome, alimenta-o; se tiver sede dai-lhe de beber; fazendo pois, isto, amontoarás brasas de fogo sobre a cabeça dele. Não sejas vencido pelo mal, mas, vence o mal com o bem.

“Abençoi aqueles que vos perseguem...” essas palavras são um eco das palavras de Jesus registradas em Mt.5.44; LC.6.27s, e estão em consonância com outro texto de Paulo 1Co.4.12. Devemos lembrar da época em que essas palavras foram escritas! E Paulo continua “abençoi e não amaldiçoeis”. Por mais difícil que isso pareça a todos nós, tal coisa é possível àqueles que cumprem a ordem de 12.2, de não se conformarem ao esquema dessa era.

“Alegrai-vos com os que se alegram, e chorai com os que choram”. Como disse o prof. Dr. Oadi Salum²⁴⁴: “Entre alegrar-se com os que se alegram e chorar com os que choram, fique com, chorar com os que choram”. Obviamente, as duas coisas são igualmente importantes. Isso é identificação. Notem que essa ordem está inserida num parágrafo que trata daqueles que são “de fora”. É impressionante como em pouco tempo de conversão, uma pessoa perde o contato com todos os seus amigos de outros tempos. Não podemos nos compactuar com seus cultos, idolatria e outros erros, mas, não podemos nos distanciar delas a ponto de não mais termos qualquer vínculo que possibilite alegrarmo-nos ou chorarmos com elas.

O v.16 diz: “Tenham as mesmas intenções uns para com os outros; não tenham a intenção de coisas altivas, pelo contrário, associa-vos com os de condição humilde; não vos torneis sábios aos próprios olhos”. O que Paulo está dizendo é que eles deveriam viver em harmonia uns

²⁴⁴ Em sala de aula da matéria de Teologia Sistemática ministrada no Seminário Presbiteriano do Sul (Campinas-SP).

com os outros, evitando a presunção (veja o v.3). Em vez disso, deveriam estar dispostos a associarem-se aos que eram de condição humilde. Para se viver em harmonia é preciso ter a disposição de banir todo e qualquer sentimento orgulho em nosso coração. Com muita facilidade detectamos o orgulho nos outros, mas o verso aqui nos convida a fazemos uma auto-análise. Nossa mente (aquí as volições da nossa alma) deve ser posta não em coisas que incitem nosso orgulho e vaidade. Para que isso não aconteça, um exercício muito bom é não somente observar os humildes mas, nos associarmos a eles para que com a convivência possamos aprender a humildade. O humilde e aquele que dentre outras coisas sabe que precisa aprender cada vez mais, e sempre haverá alguém com quem possa aprender algo mais. O orgulhoso por sua vez, presume que não tem mais o que aprender porque ninguém é suficientemente qualificado para ensiná-lo. É isso que significa ser sábio aos próprios olhos.

No v.17 encontramos que: *“A ninguém retribuais o mal com o mal; preocupem em fazer coisas boas à vista de todos os homens”*. No v.19 encontraremos a resposta ao nosso desejo de vingança, e veremos porque ele é pecado. Por enquanto, basta-nos lembrar que os crentes romanos (assim como todos os demais daqueles tempos) tinham todos os pretextos do mundo para executarem a vingança, mas, como agora viviam na dispensação da Graça, não lhes cabia mais o “olho por olho”, mas sim, deveriam pagar o mal com o bem e isso à vista de todos os homens, para servir de bom testemunho. Devemos lembrar que essa ordem antes de ser do apóstolo Paulo é do próprio Senhor Jesus (Mt.5.38-42).

No v.18 Paulo diz: *“Se possível, quanto depender de vós tendes paz com todos os homens!”*. Há restrições nessa ordem: *“Se possível (...) quanto depender de vós”*, nem sempre o cristão viverá em paz com todos. Um exemplo clássico disso são os heróis da Bíblia que enfrentaram as autoridades e os opositores quando estes por todas as formas atrapalhavam-lhes conseguirem fazer a vontade de Deus. Não foi essa a resposta que Pedro deu ao Sinédrio quando este proibiu a ele e a João de pregarem o Evangelho (At.4.19)? O que dizer dos pastores protestantes²⁴⁵ que enfrentaram o nazismo de Adolph Hitler na Segunda Grande Guerra Mundial? O cristão é conclamado a não revidar quando ele próprio está sendo atacado ainda que injustamente, contudo, é igualmente conclamado a agir em defesa de outrem. O crente deve fazer de tudo para manter a paz com todos, mas nem sempre será possível pelo fato de que não depende só de um.

“Não vingueis a vós mesmos, amados, pelo contrário, dai lugar à ira de Deus, pois está escrito: A mim pertence a vingança; Eu mesmo é que a retribuirei, diz o Senhor”. O problema quando resolver fazer vingança com as próprias mãos é muito mais grave do que muitos pensam. Invertamos a ordem das palavras aqui para obtermos maior esclarecimento. O Senhor diz: *“A mim me pertence a vingança; Eu mesmo é que a retribuirei”*. Assim sendo, quando alguém toma para si o direito de vingar-se, **(1)** está *usurpando algo que é direito de Deus*. **(2)** não está confiando no agir de Deus não dando *“lugar à ira”* Dele, a qual não se revela como a nossa, com ódio, raiva e totalmente pecaminosa, antes, a ira do Senhor é o Seu santo zelo pelo Seu Nome, assim sendo **(3)** em vez de buscarmos a glória do Nome de Deus estamos, por meio da vingança, “limpando” o nosso nome. E **(4)** a ira de Deus pode muitas vezes se manifestar em Graça para com o pecador salvando-o do seu estado miserável (não é esse o tema principal da carta, a Justificação?). Eis a razão porque Paulo pediu aos crentes romanos a que esperassem em Deus o exercício da vingança.

O v.20 segue na mesma direção, complementando o que o v.19 ordena: *“Mas se o teu inimigo tiver fome, alimenta-o; se tiver sede dai-lhe de beber; fazendo pois, isto, amontoarás brasas de fogo sobre a cabeça dele”*. O homem natural sempre espera um mal maior em paga de um mal por ele praticado. Quando o crente faz justamente o contrário por ele (o homem natural) esperado, tem a oportunidade de amontoar *“brasas de fogo sobre a cabeça dele”*, ou seja, do adversário. Mas, o que significa *“amontoarás brasas de fogo sobre a cabeça dele”*? Significa um

²⁴⁵ Aqui nos envergonhamos ante o fato de que os teólogos tidos como ortodoxos se calaram diante das atrocidades de Hitler, enquanto que teólogos tidos como “liberais” como Dietrich Bonhoeffer (até onde se sabe alguns apontam-no como um teólogo liberal) enfrentaram Hitler.

modo de fazer o inimigo (a pessoa que se nos opõe) ficar tão envergonhado do que ele fez a ponto de, constrangido, procurar mudar de atitude, ou pelo menos não mais nos agredir como vinha fazendo.

O v.21 encerra o capítulo e a exortação de Paulo quanto ao que o crente justificado deve fazer em relação aos “de fora”, da seguinte forma: “*Não sejas vencido pelo mal, mas, vence o mal com o bem*”. Ser vencido pelo mal significa: **(1)** permitir que o inimigo o vença, e **(2)** planejar e retornar o mal com o mal. Vencer o mal com o bem significa: **(1)** continuar a viver uma vida de fé em (e de) amor por Deus e por todos, não excluindo a pessoa que o ofendeu, o tipo de vida marcada pela transformação à imagem de Cristo (v.2) e, portanto, pela humildade (v.3 e 16), prestimosidade (v.6-8) e paz (v.6); **(2)** sair de seu caminho e demonstrar, por palavras e atos, bondade àqueles que o ofenderam²⁴⁶.

Uma vida vitoriosa assim não é obtida por meio do esforço próprio ou da confiança em seus próprios recursos, mas sim, mediante a fé em Cristo Jesus exclusivamente. As bênçãos decorrentes dessa vida estendem-se não somente aos da família da fé, mas também aos “de fora”.

3.1.4. Responsabilidade para com os Poderes Constituídos (13.1-7)

Chegando neste ponto da carta, temos a sensação de descontinuidade, ou seja, parece não haver qualquer relação do presente parágrafo com o contexto anterior e com o posterior. Enquanto 12.9-12 fala de amor, aqui agora, está a “espada”. Por isso, muitos entendem que essa parte foi colocada posteriormente e nem mesmo deveria ser considerada parte da carta. Discordamos disso pois, para nós esse trecho não somente é parte da carta que Paulo escreveu, como também é a Palavra de Deus por Ele inspirada como todas as outras partes das Escrituras Sagradas²⁴⁷.

²⁴⁶ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.557).

²⁴⁷ Nossas razões:

(1) A seção é bem menos estranha ao contexto - se precedente ou seqüente - do que alguns parecer crer. Quanto *ao contexto precedente*, em 12.1, 2 Paulo insistiu com seus destinatários a sacrificarem a Deus a vida. Gratidão e total auto-entrega é a única resposta adequada à maravilhosa misericórdia que Deus tem demonstrado. Significa, naturalmente, que a nova vida deve revelar-se na própria esfera do compromisso e empenho cristãos. Consistente com esse ponto de partida, o apóstolo indicou qual deve ser a relação dos crentes *com Deus* (12.1, 2), *entre si* (vv. 3-14) e *com os de fora*, incluindo até mesmo os *inimigos* (12.14-21). Portanto, seria muito estranho que ele agora comente também sobre a atitude adequada dos crentes em relação *às autoridades civis*, e tudo isso porque ele mesmo, sendo um cidadão romano de nascença e alguém que recebera muitos favores do governo romano, está escrevendo a uma igreja localizada na própria capital do império romano, coração e centro do governo?

(2) A exortação à obediência aos que acham investidos de autoridade começa a parecer ainda mais razoável quando se considera os seguintes fatos: considerável proporção - ainda que, provavelmente, não a maioria - da membresia da igreja romana consistia de judeus. Que muitos dos judeus daqueles dias e época procuravam uma oportunidade para lançar de si o jugo de sujeição a Roma e estavam ansiosos para tornar-se politicamente independentes uma vez mais, com seu próprio rei, é evidente à luz da Escritura (10 6.14; 8.33; At.5.36,37), dos escritos de Josefo e de outras fontes. Mesmo na capital tinha havido distúrbios, resultando em que o imperador Cláudio expulsou todos os judeus daquela cidade (At.18.2). Quando esse édito não estava mais em vigor, muitos exilados regressaram a Roma. Mas em vista do fato de que a atitude básica de algumas dessas pessoas provavelmente não sofreu uma mudança completa, é compreensível que o apóstolo emitisse essa advertência.

(3) Tudo isso pelo fato de que ele não queria que Roma concluísse que o evangelho da salvação, por meio de Jesus Cristo, é, em algum sentido, antagônico a um governo de função propriamente romana. Aqui deve-se ter em mente que a epístola aos Romanos foi escrita vários anos antes dos terríveis dias do ano 64 d.C.

(4) A conexão entre 13.1-7 e o contexto precedente pode muito bem ser ainda mais estreita do que indicado até aqui. Em 12.14-21, Paulo enfatizara o princípio da não-retaliação. Não é provável que um crente respondesse assim: "Com o auxílio divino realmente retribuirei o ódio com amor. Continuarei, por sua graça, a agir assim mesmo que meu adversário continue hostil. Invocarei a bênção divina sobre ele e continuarei sendo bom para ele. – Entretanto, significa, então, que se deve permitir que os criminosos cruéis e empedernidos se sintam triunfantes? E isso no melhor interesse do povo como um todo, e que realmente sirva a causa do evangelho?" Caso o julgamento dele seguisse esse raciocínio, o apóstolo fornece a resposta em 13.1-7: *o governo não porta a espada em vão!*

(13.1-7)

¹ Pa/sa yuchevxousi,aij` perezou,saij u` potasse sougã.r e;stinevxousi,aiv mh` po. qeou/(
Toda alma as autoridades que têm acima esteja submissa, não pois é autoridade se não por Deus,

ai` de. ou=sai u` po. qeou/ tetagme,nai eivsi,nã
as porém que são por Deus ordenadas são.

² w[ste o` avntitasso,menibj`evxousi,th/| tou/ qeou/ diatagmē,sthkōi(de.
de sorte que o que não se submete à autoridade à do Deus ordenança se postou contra, os porém

avnqesthko,tej e` autoi/j kri,ma lh,myontai
se têm postado contra para si mesmos juízo tomarão.

³ oi` ga.r a;rcontejouv k eivsi.n fo,boj tw/| avgaqw/| e;rgw| avlla. tvei kakw/| qe,leij
Os pois governantes não são medo à boa obra mas à má. Queres porém não

fobei/sqai th.n evxousi,avgaqo.n poi,ei(kai. e[xeij e;painon evx auvth/j
temer a autoridade? O bom faze, e terá louvor de ela.

⁴ qeou,ga.r dia,kono,j evstin soi. eivj to. avgaqo,nō ekako.n poih/|j(fotou,ga.r eivkh
de Deus pois servo é a ti para o bom. Se porém o mau faças teme, não pois em vão

th.n ma,cairan forei, qeou/ ga.r dia,kono,j evstin e;ktōj ovrgh.n tw/| to. kako.n pra,ssontiã
a espada traz, de Deus pois serve e vingador para ira ao o mau que faz.

⁵ dio. avna,gkã pota,ssesqai(ou,nondia. th.n ovrgh.n avlla. kai. dia. th.n
Pelo que necessidade submeter-se, não somente em razão de a ira mas também em razão de a

sunei,dhsinã
consciência.

⁶ dia. tou/to ga.r kai. fo,rouj telei/teleitourgoi. ga.r qeou,eivsin eivpavtotou/to
Em razão de isto pois também tributos pagais, agentes públicos pois de Deus são a mesmo isto

proskarterou/ntejã
persistindo constantemente.

(5) A tudo isso deve-se acrescentar o fato de que o que Paulo está dizendo aqui em 13.1-7 corresponde a muito do ensino do próprio Jesus Cristo (Mc.12.13-17), a menos que, como fazem alguns, adotemos a posição de determinados escritores, a saber, de que os relatos de Marcos não passam de invencionice. Com tal posição não há nem mesmo como argumentar. O debate termina e o crente e o descrente seguem cada um o seu caminho.

Paulo não nos dá, dentro do compasso desses poucos versículos, um tratado *completo* sobre os respectivos direitos da Igreja e do Estado. Ele não nos dá respostas *específicas* a perguntas tais como: "Se o governo ordenar-me a fazer algo, e Deus, em sua Palavra, mandar-me fazer o oposto, o que devo fazer?" E: "Poderá chegar o momento em que, em virtude da opressão e corrupção governamentais contínuas, os cidadãos têm o direito, e talvez até mesmo o dever, de derrubar tal governo e estabelecer outro em seu lugar?" Ainda que as respostas estejam *implícitas* na afirmação: "a autoridade ... é *serva de Deus para fazer-lhe bem*", e ainda que resposta à primeira pergunta tenha sido claramente expressa por Pedro (At.5.29), entrar em tais questões estava além da esfera do interesse imediato de Paulo. Entretanto, ver também sob o v.2.

Sendo ele, com exceção do próprio Jesus Cristo, o maior missionário que já caminhou pela terra, Paulo está interessado na preservação da boa ordem, para que a causa da proclamação do evangelho, para a glória de Deus, tivesse bom seguimento.

Com respeito à conexão entre 13.1-7 e o contexto imediatamente seguinte, isso pode ser indicado em poucas palavras, pois ela é sobejamente clara (v.7 e 8).

7 avpo,dote pa/sin ta.j ovfeila,j(tw/| to.n fo,ron to.n fo,ron(tw/| to,dje,tvj/| to.n
Dai de volta a todos as dívidas, ao o tributo o tributo, ao o imposto o imposto, ao o
fo,bon to.n fo,bon(tw/| th.n timh.n th.n timh,nÃ
temor o temor, ao a honra a honra.

Toda alma esteja submissa às autoridades superiores, pois não há autoridade senão por Deus, pois as que existem foram por Ele ordenadas, de sorte que aquele que não se submete à autoridade resiste à ordenança de Deus, e aqueles que a resistem tomarão para si juízo. Pois os governantes não são terror para os que se conduzem bem, mas, são para os que se conduzem mal. Queres pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás o louvor dela. Pois ela é serva de Deus para o teu bem. Mas se fazes o que é mau, temas, pois não é em vão que ela traz a espada, pois é serva de Deus, vingador, para trazer a ira sobre aquele que faz o que é mau. Eis por que é necessário se submeter, não somente por causa da ira, mas também por causa da consciência. Por esta razão também pagais impostos, pois as autoridades estão a serviço de Deus persistindo constantemente nesse fim. Pagai a todos o que é devido; tributo a quem deveis tributo, imposto ao que deveis imposto, temor a quem deveis (mostrar) temor, honra a quem deveis (mostrar) honra.

“Toda alma...” ou seja, cada homem. Assim Paulo apresenta a responsabilidade individual. Cada um deve fazer a sua parte.

“...esteja submissa às autoridades superiores...”, contudo aqui Paulo esteja dando uma ordem, ele quer *voluntariedade* da parte de cada um em relação às autoridades. Devemos ainda lembrar que ns dias em que Paulo escreveu esta carta o Império Romano oferecia proteção inclusive aos cristãos, ou pelo menos, não os perseguia como aconteceu posteriormente.

O motivo pelo qual os crentes romanos (e todos os demais crentes) deveriam obedecer, se submeterem às autoridades estava muito além delas mesmas, “...pois não há autoridade senão por Deus, pois as que existem foram por Ele ordenadas...”. Os magistrados civis a quem Paulo se refere, desde o imperador até os governantes de escalões inferiores, em última análise deviam a Deus sua designação e direito de governar. Foi por sua vontade e sua providência que haviam sido designados para manter a ordem, incentivar a prática do bem e punir a prática do mal.

“de sorte que aquele que não se submete à autoridade resiste à ordenança de Deus, e aqueles que a resistem tomarão para si juízo”. A submissão às autoridades é dever dos crentes. Contudo, enquanto as autoridades não entrarem em conflito com a vontade de Deus, devem ser acatadas.

Obviamente, como nos lembra William Hendriksen, Paulo aqui se refere às autoridades que desempenham bem seu papel em preservar a ordem com justiça. Neste caso, aqueles que se opõem às autoridades estão antes de tudo, resistindo uma ordem direta de Deus, e atraindo para si o juízo Dele.

“Pois os governantes não são terror para os que se conduzem bem, mas, são para os que se conduzem mal”. Aqueles que se portam corretamente não precisam temer as autoridades, ou seja, ficarem preocupados em serem punidos por elas. É óbvio que nem sempre as autoridades se portaram corretamente, como por exemplo, Hitler com seu nazismo diabólico, ou como em nossos dias os tantos casos de corrupção nos quais aqueles que se acham imbuídos de autoridade fazem mau uso dela para obterem lucros. Contudo, aqui neste verso Paulo trabalha com a hipótese de autoridades que são corretas em sua conduta, e por assim serem, punirão os contraventores. Contudo, se uma pessoa anda, se comporta como manda a lei do estado (enquanto esta não contrarie a Lei de Deus) não há o que temer. Os rigores da lei são aplicados somente aos contraventores.

“Queres pois, não temer a autoridade? Faze o bem e terás o louvor dela”. Para se evitar uma vida tomada pelo medo de ser pego e sofrer os rigores da lei, o cidadão do céu deve sempre praticar o que a lei determina. Agindo assim, tal pessoa obterá “o louvor dela”, ou seja, o reconhecimento por seu bom comportamento, o que não quer dizer um ato público e solene no qual

as autoridades conferirão títulos ao tal cidadão. O simples fato de viver tranqüilo em relação à lei e não ser por ela fustigado é um ato de louvor.

“Pois ela é serva de Deus para o teu bem. Mas se fazes o que é mau, temas, pois não é em vão que ela traz a espada, pois é serva de Deus, vingador, para trazer a ira sobre aquele que faz o que é mau”. Voltando ao que ele já havia dito no v.1, Paulo reforça a verdade de que a autoridade civil *“é serva de Deus”* para realizar o bem de todos. Obviamente, quando alguém pratica um ato mau ela estará prejudicando outras pessoas. Eis porque as autoridades trarão *“a espada, pois é serva de Deus, vingador, para trazer a ira sobre aquele que faz o que é mau”*. A linguagem que Paulo usa aqui é para incitar o medo e o respeito não só pelas autoridades mas, também, pelas leis instituídas. As palavras *“espada (...) vingador”* apontam para a execução da lei para com os infratores. A espada era a forma de executar os criminosos e os infratores naqueles tempos. Hoje existem outros mecanismos que cumprem o papel de punir os infratores.

Quando Paulo diz que ela (a autoridade) é *“vingador, para trazer a ira sobre aquele que faz o mau”*, obviamente ele se refere à ira de Deus, pois em primeira instância, desobedecer uma autoridade (enquanto esta estiver cumprindo devidamente seu papel) equivale a desobedecer ao próprio Deus.

“Eis por que é necessário se submeter, não somente por causa da ira, mas também por causa da consciência”. Agora Paulo apresenta outro fator pelo qual o crente deve se submeter às autoridades: *“por causa da consciência”*. O cristão tem a sua consciência aguçada pelo Espírito Santo; ele sabe quando comete um pecado, o quanto sua consciência é fustigada (ainda bem!). Viver em paz com sua consciência é sem dúvida alguma a certeza de se ter tranqüilidade, e não só isso, pois estar em paz com a própria consciência é viver livre do medo de ser pego a qualquer momento e sofrer os rigores previstos. É o que acontece por exemplo quando se paga devidamente os impostos como Paulo observou ao dizer: *“Por esta razão também pagais impostos, pois as autoridades estão a serviço de Deus persistindo constantemente nesse fim”*. Ainda que seja penoso pagarmos impostos, eles existem para o nosso próprio bem. Alegar o não pagamento de impostos devido a corrupção dos governantes, pode parecer um bom motivo, contudo, quando eu deixo de cumprir uma obrigação em função do erro de outro estou sendo tão corrupto quanto àquele a quem acuso.

Paulo disse que as autoridades são servas de Deus. A palavra que ele usou aqui é leitourgḗ (leitourgō) que é a mesma para se referir aos diáconos, ou àqueles que prestam serviço de adoração a Deus. Assim sendo, as autoridades foram instituídas por Deus com o propósito de servi-Lo. Eis porque cada autoridade responderá a Deus por sua gestão.

“Pagai a todos o que é devido; tributo a quem deveis tributo, imposto ao que deveis imposto, temor a quem deveis (mostrar) temor, honra a quem deveis (mostrar) honra”. Diante da clareza dessas palavras há pouco o que dizer. Não é uma sugestão; é uma ordem dada por Deus. O não cumprimento dessa ordem implica em direta desobediência à vontade de Deus para a vida de Seus filhos.

3.1.5. Responsabilidades para com o Próximo (13.8-10)

Ainda que há pouco tenhamos falado das responsabilidades do crente para com os de fora, não há redundância aqui nesta seção quando Paulo agora fala sobre a responsabilidade para o nosso próximo.

(13.8-14)

⁸ Mhdeni.mhde.n ovfei,lete eiv mēvllōlouj avgapà/n` ga.r avgapw/n to.n e[teron
A ninguém nada devais se não o uns aos outros ser amado. O pois que ama o outro

no.mon pep[h,rwken

lei preencheu.

⁹ to. ga.r oumoiceu,seij(ouv foneu,seij(ouv kle,yeij(ouvk evpiqumti,seij(kai,ræi;
O pois não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e se algum outro

evntolh,(evn tw|gw| tou,tw| avnakefalaiou/tal lexaph,sej to.n plhsi,on sou
mandamento, em a palavra esta é sumarizada em ao Amarás o próximo de ti

w`j seauto,nÅ
como a ti mesmo.

¹⁰ h` avga,ph tw/| plhsi,on kako.n ouvk plhrozetai=n no,mou h` avga,phÅ
O amor ao próximo mal não opera, plenitude portanto de Lei o amor.

Não devais nada a ninguém, exceto o amor de uns para com os outros, pois, aquele que ama o outro, cumpriu a Lei. Pois isto: não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e qualquer outro mandamento está sumarizado nesta palavra: Amarás o teu próximo com a ti mesmo. O amor não faz mal ao próximo. Portanto, a plenitude da Lei é o amor.

“Não devais nada a ninguém, exceto o amor de uns para com os outros”. Obviamente Paulo não está dizendo aqui que devemos ficar em dívida para com os outros no tocante ao amor. Aqui ele está dizendo justamente o contrário, ou seja, todas as dívidas podem ser saudadas, mas a dívida do amor, não. Há também aqui uma exortação àqueles que com facilidade tomam emprestados mas são morosos em quitar a dívida. Os que assim agem devem se lembrar do que diz o Sl.37.21. Ainda devemos ressaltar que esse amor é “de uns para com os outros”, mais uma vez Paulo trata da reciprocidade na vida cristã, e esse amor não é só para com os da família da fé, mas, para com os de fora também, “...pois, aquele que ama o outro, cumpriu a Lei...”.

“Pois isto: não adulterarás, não matarás, não furtarás, não cobiçarás, e qualquer outro mandamento está sumarizado nesta palavra: Amarás o teu próximo com a ti mesmo”. Citando aqui o sétimo, o sexto, o oitavo e o décimo mandamento e incluindo os demais na fórmula “e qualquer outro mandamento”, Paulo mostra que no relacionamento com os outros, o crente deve entender que há uma regra áurea: “Amarás o teu próximo com a ti mesmo”. Amando de verdade o crente preservará os laços matrimoniais, portanto, não adulterará; amando de verdade não matará, mas ajudará o próximo a se manter vivo e bem. Amando de verdade, o crente não furtará o que é do outro, mas até mesmo o ajudará a manter e proteger suas possessões; amando de verdade o crente não cobiçará o que é do próximo, mas até mesmo se alegrará com o fato dele possuir alguma coisa.

“Amarás teu próximo como a ti mesmo”, merece uma consideração especial. O que esta frase significa? Quando a pessoa ama a si mesma, ama o seu ego que é cheio de falhas, e é tolerante para consigo mesmo. Isso aplicado ao meu próximo quer dizer que, devo amá-lo a despeito de suas falhas e defeitos. Amar é muito mais do que simplesmente gostar ou se simpatizar. O amor é atitude que visa o bem do meu próximo. É como está claro no v.10 que diz: “O amor não faz mal ao próximo. Portanto, a plenitude da Lei é o amor”. O amor traz grandes benefícios ao próximo. É precisamente o amor operado pelo Espírito Santo, unicamente este, o qual é poderoso para levar uma pessoa a remover todos os obstáculos e amar o seu próximo, ainda quando esse próximo talvez seja uma pessoa desagradável! Jesus ordenou-nos a que amemos uns aos outros. Se alguém quer cumprir a Lei então que seja pela via do amor.

3.1.6. Responsabilidades para com o Senhor Jesus Cristo (13.11-14)

(13.11-14)

¹¹ Kai. tou/to eivdo,tej kai,ron(o[ti w[ra h;dh u`ma/j evx eipote/nai(nu/nga.r

E isto sabendo o tempo fixado, que hora já vós de sono serdes levantados, agora pois

evggu,teron h`mw/n h` swthriate evpisteu,samenÅ

mais perto de nós a salvação do que quando cremos.

¹² h` nu.xproe,koyen(h`de. h`me,rah:ggikenÅ avpoqw,me=nta. e;rga tou/sko,touj(
A noite adiantou, o porém dia aproximou-se dispamos portanto as obras da escuridão,

evndusw,me=nta. o[pla tou/ fwto,jÅ
coloquemos em porém as armas da luz.

¹³ w`j evn h`me,ra| euvschmo,nwj peripathks,wmeijkamne,qaij(mh. koi,taij kai.
Como em dia decentemente comportamos não em orgias e bebedeiras, não impurezas e

avselgei,aij(mh. e;ridi kai. zh,lw|(
dissoluções, não em contenda e em ciúme.

¹⁴ avlla. evndu,sasqe to.n ku,rion Vhsou/n Cristo.n kai. tpr,saiko,jmh.poei/sqe
Mas ponde-vos a Senhor Jesus Cristo e da carne premeditação não façais

eivj evpiqumi,ajÅ
para desejos.

Sabendo isto: é chegado o tempo de despertardes do sono, pois, a nossa salvação está mais perto de nós agora, do que quando inicialmente cremos. A noite se adiantou e o dia vem raiando, dispamos pois, das obras da escuridão, e vistamo-nos das armas da luz. Comportemo-nos decentemente como em plena luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em excesso sexual e devassidões, nem em contenda e ciúmes. Revistamo-nos do Senhor Jesus Cristo, e não façamos provisões para os desejos da carne.

“Sabendo isto: é chegado o tempo de despertardes do sono, pois, a nossa salvação está mais perto de nós agora, do que quando inicialmente cremos”. Em outras palavras: “E faça isto: ame seu próximo como a você mesmo, mas não só porque a lei exige isso, mas *especialmente também* porque vocês sabem quão crítico pe o tempo em que estamos vivendo”. É impressionante como a Palavra de Deus é atual. Há quase dois mil anos Paulo escreveu essas palavras e é como se as tivesse escrito hoje. “...pois, a nossa salvação está mais perto de nós agora, do que quando inicialmente cremos” essas palavras não devem trazer nenhuma dificuldade de interpretação. O que Paulo esta afirmando aqui é que o tempo está passando, e assim sendo, cada um de nós a cada dia que se passa está cada vez mais próximo da eternidade. “A noite se adiantou e o dia vem raiando” complementa a idéia do verso.

“dispamos pois, das obras da escuridão, e vistamo-nos das armas da luz. Comportemo-nos decentemente como em plena luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em excesso sexual e devassidões, nem em contenda e ciúmes”. Usando algumas figuras de linguagem tais como: despir-se da velha roupagem e vestir-se da nova, a qual consiste “nas armas da luz”, andar com em plena luz do dia e não como aqueles que procuram a escuridão da noite, Paulo exorta os crentes romanos (e a todos nós também) a que vivemos sempre para honra e glória do Senhor Jesus, o que ele chama de *comportamento decente*. Há aqui um contraste importante: as obras da luz são as obras que o crente faz em Cristo, enquanto que as obras das trevas são realizadas sob a influência de Satanás na vida da pessoa, pois ele é o príncipe das trevas.

“Revistamo-nos do Senhor Jesus Cristo, e não façamos provisões para os desejos da carne”. Conforme vimos em rm.7, estamos em constante guerra interior: a velha natureza pecaminosa em oposição à nova natureza em Cristo. A que alimentarmos será mais forte; em contrapartida, a que menos alimentarmos morrerá de inanição.

Portanto, fica claro que aqui nestes versos a responsabilidade que o crente tem com o Senhor Jesus Cristo é de viver de forma condigna do Evangelho a que foi chamado (“Comportemo-nos decentemente”), e para isso o próprio Senhor Jesus nos capacita com Sua roupagem, “as armas da luz”.

3.2. JUSTIÇA DE DEUS DEMONSTRADA NA LIBERDADE CRISTÃ (14.1 – 15.13)

Aproximando do término de sua carta, Paulo sente que há ainda um problema a ser tratado: a relação entre o *fraco* e o *forte*. Tudo girava em torno da questão cerimonial em relação aos alimentos tidos como impuros e os alimentos considerados puros²⁴⁸.

²⁴⁸ **A origem do problema:** estava no fato de que Deus havia no Antigo Testamento declarados determinados tipos de animais como impuros para o consumo (Lv.11.1-45 e Dt.14.3-21). Contudo, o Senhor Jesus quando mostrou que é o sai da boca do homem e não o que entra (em termos de alimentos) que é impuro (Mc.7.15-19). Mas, podemos constatar que até líderes da Igreja Cristã como o apóstolo Pedro e Barnabé tiveram dificuldades em assimilar esse ensinamento do Senhor como indicam At.10.9-16; 11.1-18; e Gl.2.11,21. Sendo assim, não era de se estranhar que membros da Igreja Primitiva estivessem em dúvidas quanto ao assunto.

Tem-se sugerido que na igreja de Roma o conflito entre os que comiam carne e os abstinentes se tornara mais explosivo quando regressaram os judeus que haviam sido expulsos da capital por Cláudio. Durante sua ausência, a igreja romana não experimentou dificuldade, mas com seu regresso a Roma, começou a desenvolver-se entre os dois grupos étnicos uma relação um tanto forçada. Se tal teoria é correta não se pode agora determinar, mas é possível que fosse assim. O ponto de vista segundo o qual “*os fortes*” consistiam da porção gentílica da congregação, a maioria, enquanto “*os fracos*” consistiam da porção judaica, parece ser confirmado por 15.7s. Entretanto, isso não significa que somente os gentios pertencessem à porção forte, e somente os judeus, à porção fraca. Paulo foi um hebreu de hebreus; não obstante, ele se incluiu entre os fortes (15.1).

Cristo, porém, por sua morte na cruz, não cumprira e com isso abolira as sombras do Antigo Testamento? E se inclusive as regulamentações dietéticas divinamente estabelecidas perderam sua validade, não era também verdade, e de fato mais decisivamente, com respeito a todas as normas humanas que foram incorporadas nelas?

Procede, realmente, porém que essa inferência legítima não foi percebida por todo crente em Cristo. Muitos, especialmente em Jerusalém e circunvizinhança, mas também em Roma e, provavelmente, em outros lugares, apegavam-se a suas “tradições”.

Ora, enquanto nenhuma significação ou mérito salvífico de qualquer espécie fosse atribuído à perpetuação de tais normas e regulamentações, e nenhuma ofensa fosse atribuída, tal persistência em aderir ao antigo podia ser tolerada. Os adeptos devem ser tratados com amor e paciência. Esse foi o caso especialmente durante o que se pode chamar “o período de transição”.

Entretanto, em comunidades mistas os problemas eram imediatamente percebidos. Os costumes - gentílicos *versus* judaicos - estavam no limite da colisão. O fato de a lei de ordenanças ter sido encravada na cruz, e juntamente com ela todas as regulamentações humanas tinham sido também logicamente extintas, não tinha a mesma clareza para cada crente em Cristo. E o fato adicional e estreitamente relacionado de que “em Cristo” o muro de separação entre judeu e gentio fora derrubado, para nunca mais ser reconstruído, era freqüentemente ignorado, como o é ainda hoje em certos círculos!

O que os dois grupos - os fortes e os fracos - tinham em comum:

- ✓ Os membros de cada grupo devem ser considerados como crentes genuínos (Rm 14.1-4,6,10,13).
- ✓ Cada grupo criticava o outro (14.3, 4, 13).
- ✓ Cada grupo terá de prestar ao Senhor contas de si mesmo (14.11).

Os pontos acerca dos quais os dois grupos diferem:

- ✓ O forte cria que lhe era permitido comer de tudo (tanto carnes quanto vegetais); o fraco era vegetariano (14.2).
- ✓ O forte considerava todos os dias como sendo “bons”. O fraco considerava um dia como sendo melhor que o outro (14.5). A ênfase recai na alínea a.

A atitude de Paulo em relação aos dois grupos e suas admoestações dirigidas aos grupos e à congregação em geral:

- ✓ Paulo concorda com os fortes pelo menos num ponto importante, a saber: em crer que nada (nenhum alimento) é em si mesmo impuro (14.14,20; 15.1).
- ✓ Ele admoesta cada grupo a não desprezar o outro (14.3,5, 19).
- ✓ Ele é especialmente enfático em denunciar a atitude de algumas pessoas fortes em relação às fracas (14.14-21), e admoesta amavelmente as fortes a relevarem as falhas das fracas (15.1).
- ✓ Ele realça o fato de que a questão de comer e beber não é tão importante quanto o fato de ser cidadão do reino de Deus, pois a essência desse reino não é “comida e bebida, mas justiça e paz e alegria no Espírito Santo” (14.17).
- ✓ Ele admoesta ambos os grupos - *aliás, à congregação inteira* - a buscarem aquelas coisas que conduzem à paz e à edificação mútua (14.19; 15.2,3).
- ✓ Ele aponta para o exemplo de Cristo, que não agradou a si mesmo, e se prontificou, por nossa causa e para a glória de Deus, a sofrer opróbrio (15.3-6).
- ✓ Ele resumiria suas exortações, rogando: “Aceitem, pois, uns aos outros, assim como Cristo os aceitou para a glória de Deus” (15.7). Ele mostra que, em Cristo, judeus e gentios alcançam sua unidade. E declara: “Cristo se fez servo da

3.2.1. Princípios da Liberdade Cristã (14.1-23)

circuncisão [ou seja, dos judeus] por amor da *verdade* de Deus ... mas os gentios glorificam a Deus por causa da [sua] *misericórdia*", citando passagens do Antigo Testamento para provar o que acabara de dizer com respeito aos gentios (15.8-12).

- ✓ Ele conclui essa seção - e num sentido toda a carta até esse ponto - com o desejo na forma de uma bela oração: "Que o Deus da esperança os encha de toda alegria e paz, no exercício da [sua] fé, de modo que, pelo poder do Espírito Santo, vocês transbordem de esperança" (15.13).

Similaridades e diferenças entre o ensino de Paulo (com respeito a dieta e dias), a. em Romanos e b. em outras epístolas:

Há semelhanças e também há diferenças entre aquilo que Paulo diz sobre esse tema aqui em Romanos, de um lado, e o que, do outro, ele diz sobre o mesmo tema em 1 Coríntios, Gálatas e Colossenses; diferenças não em doutrina, mas na abordagem e estilo.

Romanos e 1 Coríntios

Tanto aqui em Romanos quanto em 1 Coríntios 8.1-13; 10.14-33, Paulo ensina que a igreja - e naturalmente também os crentes individualmente - *devem tratar com consideração e mansidão* os que são *fracos*, ou seja, que são, ou pareçam ser, incapazes de apreender a significação da morte de Cristo na cruz para a vida diária. Os fortes e os fracos devem tratar-se mutuamente com benevolência.

"Aquele que come não deve desprezar ao que não come, e aquele que não come não deve condenar o que come, porque Deus o aceitou" (Rm 14.3). "Contudo, tenham cuidado para que o exercício da liberdade de vocês não se torne uma pedra de tropeço para os fracos" (1 Co 8.9).

Nas passagens de *Coríntios*, Paulo fala de alimento que havia sido *oferecido a ídolos* (1Co.10.20,28). Esse aspecto não é *mencionado* em Romanos, ainda que esteja implícito. Além disso, em Romanos (14.5s.) há uma referência à observância de *dias especiais*. Esse item está ausente em 1 Coríntios.

Romanos e Gálatas

Também há uma semelhança entre o que Paulo diz aqui em Rm.14.1-15.13 e o que ele diz em Gl.4.10, 11. Em ambas as cartas é feita referência à observância de determinados *dias* especiais. Mas a maneira em que o apóstolo se refere a esses dias difere amplamente nessas duas epístolas. Em Gálatas, a referência é aos sábados, dias da lua nova, estações de festas pertencentes ao ciclo judaico, e ou (1) o sábado e os anos do jubileu, ou (2) o Ano Novo (Rosh Hashana) no primeiro dia do mês Tishri. Paulo está dizendo que a observância estrita de tais dias e festas não tem absolutamente nada que ver com certeza do favor divino. Como um fundamento sobre o qual alguém constrói a esperança de ser justificado aos olhos de Deus, tal observância é meramente uma superstição. É completamente fútil, não sendo nada mais que areia movediça. Paulo, por assim dizer, balança sua cabeça em total repulsa quando pondera sobre o fato de que a adesão rígida e meticulosa à lei mosaica relativa a dias fixos estava realmente sendo substituída por uma fé simples em Jesus Cristo. Ele ainda declara: "Temo que meus esforços por vocês tenham sido em vão" (Gl.4.11).

Aqui, em Romanos 14.5, Paulo simplesmente diz: "Uma pessoa considera um dia como sendo superior a outro; outra considera todos os dias como sendo bons. Que cada um esteja plenamente convicto em sua própria mente". O estilo crítico cortante e denunciatório que caracteriza as passagens de Gálatas está completamente ausente de Romanos, motivado pelo fato de que para os irmãos fracos de Roma a observância de determinados dias não era vista como tendo nada que ver com a obtenção da salvação. Assim, em Romanos 14.1,5, 19; 15.1,7 o apóstolo se expressa de maneira muito gentil e branda.

Romanos e Colossenses

Há também similaridades e diferenças entre Romanos 14.1-15.13 e Colossenses. Em Cl.2.16, 17, Paulo escreve: "Portanto, não permitam que ninguém os julgue pelo que vocês comem ou bebem, ou com relação a alguma festividade religiosa ou à celebração das luas novas ou dos dias de sábado". E em 2.20, 21, ele pergunta: "Se com Cristo vocês morreram para os rudimentos [ou: princípios básicos] do mundo, por que, como se vocês ainda estivessem vivos no mundo [ou como se vocês ainda pertencessem ao mundo], se submetem a suas regulamentações: Não manuseie, não prove, não toque"?

É evidente que aqui em Colossenses, Paulo uma vez mais repreende acremente aqueles a quem se dirigia, motivado agora pelo fato de que essas pessoas estavam dando atenção a falsos mestres que lhes diziam: "A fé em Cristo não lhes dará a plenitude de conhecimento, sabedoria, poder, salvação. Portanto, vocês devem seguir nossas regras relativas a dias e dieta". No fundo esse era um ataque à supremacia e todo-suficiência de Cristo, "em quem habita corporalmente toda a plenitude da deidade" (Cl.2.9).

Como já se indicou, o tratamento do mesmo tema geral – dias e dieta – em Romanos difere abruptamente, visto que os fracos visados nessa epístola não extraíam nenhuma significação salvífica de seu ato de comer, beber e abster-se, bem como de sua observância de determinados dias especiais (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.595-600)

(14.1-4)

¹To.n de. avsqenou/rtrā/ | pi,staipros lamba, nesqer(h. eivj diakri,seij dialogismw/nÅ
O porém, que está fraco na fé recebi para convosco, não para juízos contenciosos de cogitações.

² o]j me.n pisteu,ei fagei/n pa,nta(de. avsqenw/arcana evsqi,eiÅ
O qual por um lado crê comer todas, o por outro lado que é fraco legumes come.

³ o` evsqi,wn to.n mh. evsqi,onta mh. evsqi,wn to.n evsqi,onta mh. krine,tw(de. mh. evsqi,wn to.n evsqi,onta mh. krine,tw(
O que come o não que come não tenha por de nada, o porém não que come o que come não julgue,

o` qeo.j ga.r auvtōnosela,betoÅ
o Deus pois o recebeu para consigo.

⁴ su. tij ei= o` kri,nvavllō, trion oivke,thvz/ | ivdi,w| kuri,w| sth,kei h' pi,ptei
Tu quem és o que julga alheio doméstico? Para o seu próprio senhor está de pé ou cai.

staqh, setaide,(dunatei/ga.r o` ku,rioj sth/sai auvtō,nÅ
ficará firme porém, poderoso é pois o Senhor manter de pé ele.

Aceitai aquele que é fraco na fé, mas não para discutir suas opiniões. Pois, por um lado, um crê que pode comer todas as coisas, e, por outro lado, o que é fraco come legumes. O que come não tenha como nada o que não come; e aquele porém, que não come, não julgue aquele que come, pois Deus o aceitou. Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está de pé ou cai. Porém, ficará firme pois, poderoso é o Senhor para mantê-lo de pé.

Certamente o questionamento dos que aqui são designados por Paulo como “fracos na fé”, tinha em si sinceridade e medo de quebrar a Lei de Deus. Roma era uma cidade pagã onde os animais sacrificados eram oferecidos aos deuses e depois vendidos no mercado à semelhança Corinto. Como saber se aquela carne posta sobre a mesa era de procedência boa, ou seja, preparada conforme a Lei de Deus? Quanto a esses fracos na fé, a recomendação de Paulo é “*Aceitai (...) mas não para discutir suas opiniões*”, pois tais discussões não levam a nada proveitoso, senão a desavenças e constrangimento.

“*Pois, por um lado, um crê que pode comer todas as coisas, e, por outro lado, o que é fraco come legumes*”. Eis o motivo porque deveriam evitar discutir opiniões, pois cada um tem a sua. Com isso, Paulo não está soltando as “amarras” da boa ordem, mas sim, exortando-os a praticarem o amor (13.10). A Igreja de Roma era constituída em sua maioria por crentes gentílicos que cresceram sem estar debaixo das ordenanças da Lei. Assim, eles receberam o Evangelho e não precisaram ser libertados do julgo da Lei porque nunca estiveram debaixo dela. Esses crentes gentílicos poderiam olhar para a minoria judaica convertida e dizer: “*Porque preocuparmo-nos com esses poucos vegetarianos?*”. Assim aqueles que eram fortes não toleravam aqueles que tinham a consciência mais fraca.

Mas a repreensão foi dirigida também aos “fracos” (para explicação dos termos “fortes” e “fracos” veja nota 240 acima). Estes estavam também contando vantagem sobre o fato de não comerem qualquer coisa, e assim se julgando melhores que os demais que não conseguiam deixar de comer “*todas as coisas*”.

Paulo repreende assim, ambas as atitudes: a dos “fortes” que menosprezavam os “fracos”, e a atitude destes em condenar aqueles.

Quando Paulo disse “...pois Deus o aceitou...” referia-se aos gentios como indica o v.4: “*Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está de pé ou cai*”. Em outras palavras, Paulo está dizendo que ninguém deveria julgar aqueles que comem de tudo, por que estes têm somente que responder ao seu senhor no caso aqui, o Senhor Jesus Cristo. Portanto, aquele que come de tudo não precisa prestar contas aos abstinentes que implicam com ele. Além disso “*Porém, ficará firme pois, poderoso é o Senhor para mantê-lo de pé*”. A firmeza espiritual não está ligada à uma dieta alimentícia como criam os “fracos”, mas sim, na ação direta do Senhor Jesus Cristo na

vida de Seu servo. É a graça Divina que sustenta o servo de Deus. Não é a pessoa que tem poder para se manter firme, mas sim, Deus é poderoso para mantê-la firme.

(14.5-9)

⁵ }Oj me.n Îga.rÐkri,nei h`me,ra~~par~~V h`me,ra~~o~~j de. kri,nei pa/san h`me,ran
O qual por um lado pois julga dia acima de dia, o qual por outro lado julga todo dia.

e[kastoj evn tw/| ~~indi~~w| plhroforei,sqwÅ
Cada qual em a própria mente esteja plenamente convencido.

⁶ o` fronw/n th.n h`me,ran kurif~~ro~~neix kai. o` evsqi,wkuri,w| evsqi,ei(euvcaristei/
O que tem em conta o dia Senhor tem em conta; e o que come Senhor come, dá graças

ga.r tw/| ~~q~~ai/|o` mh. evsqi,wn kuri,w| ouv~~k~~ evsqi,ei kai. ~~tw/|caristei~~Å/
pois ao Deus; e o que não come Senhor não come e dá graças ao Deus.

⁷ ouvdei,ga.r h`mw/ne` autw/|zh/|kai. ouvdei,j e` autw/| avpoqnh,|skei
Ninguém pois de nós para si mesmo vive e ninguém para si mesmo morre.

⁸ eva,n te gaw/ment~~w/|~~kuri,w|zw/ment~~o~~va,n te avpoqnh,|skwmen(tw/| kuri,w| avpoqnh,|skom
Se e, pois vivamos para Senhor vivemos, se e morramos, ao Senhor morremos.

eva,n teu=n zw/ment~~o~~va,n te avpoqnh,|skwmen(tou/ kuri,ou evsme,nÅ
Se e portanto vivamos se e morramos, do Senhor somos.

⁹ eivj tou/to ga.r Cristo.j avpe,qanen kai. e[~~z~~asen(kai. nekrw/|kai. zw,ntwn
Para isto pois Cristo morreu e viveu, a fim de que também de mortos também de vivos

kurieu,sh|Å

Se fizesse Senhor.

Por um lado, um julga um dia superior ao outro; por outro lado, outro julga iguais todos os dias. Cada qual esteja plenamente convicto em sua própria mente. Porque nenhum de nós vive exclusivamente para si, e nenhum de nós morre exclusivamente para si. Se vivemos, para o Senhor vivemos; ou se morremos, para o Senhor morremos. Assim, pois, quer vivamos, quer morramos, somos do Senhor. Porque foi para isto que Cristo morreu e viveu, para ser Senhor tanto de mortos como de vivos.

“Por um lado, um julga um dia superior ao outro; por outro lado, outro julga iguais todos os dias”. Quanto aos dias que alguns faziam distinção é difícil afirmarmos quais seriam. Uns argumentam que era o sábado, pois um judeu convertido ao Cristianismo, continuaria observando esse dia como do Senhor. Mas, o que parece mais lógico é que Paulo aqui esteja se referindo aos dias do jejum, haja vista que ele está falando sobre a questão dos alimentos neste capítulo.

A regra básica para todos é que “Cada qual esteja plenamente convicto em sua própria mente” de que o que está fazendo é correto. Ninguém deve fazer o que é contrário aos ditames de sua própria consciência quando iluminada pela Palavra! Que o fraco não condene o forte; mas, também, que o forte, não despreze o fraco porque:

“Porque nenhum de nós vive exclusivamente para si, e nenhum de nós morre exclusivamente para si. Se vivemos, para o Senhor vivemos; ou se morremos, para o Senhor morremos. Assim, pois, quer vivamos, quer morramos, somos todos do Senhor. Porque foi para isto que Cristo morreu e viveu, para ser Senhor tanto de mortos como de vivos”.

Note o seguinte: “Porque nenhum de nós vive exclusivamente para si”. Isso quer dizer que o servo de Deus não vive uma vida centrada em si mesmo. Enquanto aqui vivermos, é para Deus que vivemos. Até a nossa morte se caracteriza como algo que pertence ao Senhor, pois:

“Assim, pois (...) somos do Senhor”; essas palavras indicam nosso verdadeiro Dono. Afinal Ele não nos comprou com Seu próprio sangue?

“Porque foi para esse que Cristo morreu e viveu, para ser Senhor tanto de mortos como de vivos”, ou seja, Cristo morreu e ressuscitou para assim exercer Seu senhorio sobre os crentes que já descansam com Deus e sobre os que ainda vivem neste mundo.

(14.10-12)

¹⁰ Su. de. ti, kri,nej to.n avdelfo,n sou. È kai. su. ti, evxouqenei/j to.n avdelfo,n sou. È
Tu porém por que julgas o irmão de ti? Ou também tu porque tens por nada o irmão de ti?

pa,ntej ga.r parasthso,meqa tw/|h,mati tou/ qeou/(
Todos pois postar-nos-emos ao estrado judicatório de Deus.

¹¹ ge,graptai ga,zw/evgw,(le,gei ku,rioj(o[ti evkani,yei pa/ngo,nukai. pa/s glw/ssa
Foi escrito pois: Vivo Eu, diz Senhor, que a Mim dobrar-se-á todo joelho e toda língua

evxomologh,setai tw/| qew/|Å
confessará ao Deus.

¹² a;ra ðlou=n e[kastoj h`mw/peri. e`autou,gon dw,sei ðtw/| qew/|ÐÅ
Conseqüentemente portanto cada um de nós acerca de si mesmo conta dará ao Deus.

Tu, porém, porque condenas o teu irmão? E também tu porque desprezas teu irmão? Todos pois, haveremos de comparecer diante do tribunal de Deus. Pois está escrito: (Tão certo como) Eu vivo, diz o Senhor, diante de Mim todo joelho se dobrará e toda língua confessará a Deus. Conseqüentemente, cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus.

No v.10 Paulo repreende os “fracos na fé” que se escandalizavam com aqueles que não se abstinham de determinados alimento, perguntando: “Tu, porém, porque condenas o teu irmão?”. Mas ele também repreende os “fortes na fé” fazendo uma pergunta igualmente severa: “E também tu porque desprezas teu irmão?”. O desprezo dos “fortes” é emblema de sua arrogância e falta de amor cristão; o julgamento dos “fracos” é a marca de sua imaturidade espiritual e de usurpação, pois só Cristo tem o direito de julgar alguém.

A exortação que se segue é: “Todos pois, haveremos de comparecer diante do tribunal de Deus. Pois está escrito: (Tão certo como) Eu vivo, diz o Senhor, diante de Mim todo joelho se dobrará e toda língua confessará a Deus. Conseqüentemente, cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus”. Haverá um dia em que todos, sendo nós “fracos” ou “fortes”, compareceremos diante do Tribunal de Deus, para render-lhe toda honra e louvor que lhes são devidos.

Que há de fato um juízo universal é ensinado em todas as Escrituras não restam dúvidas. Veja Ec.12.14; Ef.6.8; Ap.20.11-15. Que os crentes e os incrédulos estarão diante do trono do juízo de Deus também é claro em toda Bíblia. Veja At.10.42; 1Co.3.8-15; 4.5; 2Co.5.10. Mas, é aqui mesmo em Rm.2.16 que Paulo declara: “no dia, quando Deus através de Cristo Jesus julgar as coisas ocultas dos homens segundo o meu Evangelho”.

(14.13-18)

¹³ Mhke,ti ou=n avllh,louj kri,nwme avlla. tou/to kri,nate ma/llon(to. mhptoskoinima
Não mais portanto uns aos outros julgemos, mas isto julgai mais, o não colocar tropeço

tw/| avdelfw/ska,ndalonÅ
ao irmão ou escândalo.

¹⁴ oi=da kaipe,peismaievnkuri,w| vlhsou/ o[ti ouvde.n e[no.e autou/(eiv mh. tw/|
Sei e fui convencido em Senhor Jesus que nada é comum através de si mesmo se não ao

logizome,nw| koino.n ei=nai(evkei,nw| koino,nÅ

que considera algo comum ser, àquele comum.

¹⁵ eiv ga.r dia. brw/mø` avdelfo,j sdupei/tai(ouvke,tkata. avga,phperipateiXj
Se pois por causa de comida o irmão de ti é entristecido, não mais segundo amor pisa em volta.

mh.tw/|brw,mati, sou evkei/nopo,llue u`pe.r ou Cristo,j avpe,qanenÅ

Não pela comida de ti aquele ponhas a perder em favor de quem Cristo morreu.

¹⁶ mh.blasfhmei,sqwou=n u`mw/n to. avgaqo,nÅ

Não seja malfadado portanto de vós o bom.

¹⁷ ouvga,r evstin h` basilei,a tou/ qeou/ brw/sijikai. avlla. dikaios,nh kai. eivrh,nh

Não pois é o Reino do Deus comida e bebida pelo contrário justiça e paz

kai. cara.evn pneu,mati à`gi,w|

e alegria em Espírito Santo.

¹⁸ o` ga.r evn tou,tw| douleu,wn tw/| Cristw/| euvkrestojkto,w| tou/vavnqrw,poijÅ

o pois em isto que serve ao Cristo agradável ao Deus e aprovado aos homens.

Portanto, não mais julguemos uns aos outros; mas, antes julgai isto: não mais colocar tropeço e escândalo ao irmão. Sei e estou convencido no Senhor Jesus, que nada é comum em si mesmo, senão para o que considera ser comum tal coisa, para este tal coisa é comum. Se pois, por causa da tua comida o teu irmão é entristecido, então, não mais de conformidade com o amor estais comportando. Não arruínas com a tua comida o teu irmão em favor de quem Cristo morreu. Portanto, que aquilo que para vós é bom, não se torne objeto de blasfêmia. Porque o Reino de Deus não consiste em comida e bebida, pelo contrário, consiste em justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. Por isso, todo aquele que assim serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens.

Paulo insiste com os “fracos” a deixarem de criticar os “fortes”, e com estes a pararem de achar falhas naqueles com as palavras: “Portanto, não mais julguemos uns aos outros...”. Além disso, deveriam todos eles adotar a seguinte atitude: “mas, antes julgai isto: não mais colocar tropeço e escândalo ao irmão”. Ambas a partes amavam ao Senhor, mas, estavam deficitárias no amor para com os irmãos. Com muita facilidade nos esquecemos que o nosso amor a Deus torna-se visível quando amamos de coração sincero aqueles que são diferentes de nós ou que têm uma conduta diferente da nossa, a qual não se constitui num pecado, mas simplesmente, uma escolha de estilo de vida. Como nos lembra William Hendriksen: “Em todas as coisas essenciais, unidade; nas coisas duvidosas, liberdade; em todas as coisas, caridade”²⁴⁹.

“Sei e estou convencido no Senhor Jesus, que nada é comum em si mesmo, senão para o que considera ser comum tal coisa, para este tal coisa é comum”. Quando Paulo menciona coisas “comuns” aqui ele está aplicando o sentido veterotestamentário da palavra que é o mesmo que “impuro”. É um termo técnico usado para expressar aqueles costumes e hábitos que, embora fossem “comuns” ao mundo, eram proibidos aos judeus piedosos. O que Paulo está dizendo aqui não é que o pecado é uma questão de opinião ou consciência subjetiva. Na verdade há muitas coisas que não são definitivamente proibidas. A mera opinião da parte do homem, ou ainda o silêncio da consciência, não pode tornar certo o que Deus declarou ser errado. Significa, porém, que até uma atividade humana – no presente caso comer carne, que uma pessoa considere impura – é errada para aqueles que a consideram uma transgressão.

Ao expressar-se desse modo, Paulo concretiza duas coisas:

✓ Estimula os fortes, demonstrando claramente que ele está do lado deles (v.14a);

²⁴⁹ (HENDRIKSEN, 2001, p.608).

✓ Ajuda os fracos, lembrando aos fortes que os fracos têm direito de recusar-se a comer aquilo que eles (*os fracos*) consideram impuro.

“Se pois, por causa da tua comida o teu irmão é entristecido, então, não mais de conformidade com o amor estais comportando”. Em outras palavras, Paulo está dizendo para que aqueles que são “os fortes”, tomem o máximo cuidado para não colocar tropeço no caminho dos irmãos mais fracos, e nem servir de escândalo para eles. Se minhas atitudes escandalizam aqueles que são mais fracos, então resta saber até que ponto eu sou forte mesmo. Pois aqueles que são realmente fortes na fé, se comportam de conformidade com o amor, ou seja, segue as diretrizes do amor em seus relacionamentos.

E o que significa se comportar em amor? Na prática essa ordem fica assim: “Não arruínes com a tua comida o teu irmão em favor de quem Cristo morreu”. Paulo está dizendo o seguinte: “Pondere no que você está fazendo! Esse seu irmão é muito precioso para Cristo, pois foi por ele também que Cristo verteu Seu precioso sangue!”. Tal comportamento também longe está de ser prova de maturidade espiritual.

“Portanto, que aquilo que para vós é bom²⁵⁰, não se torne objeto de blasfêmia”. Paulo compreende que, se na presença do fraco um indivíduo forte come aquilo que para o fraco é “impuro”, ele está ferindo a consciência do irmão fraco. Isso seria ainda mais real se, em decorrência da insistência do forte, o irmão fraco na fé por fim se rendesse e passasse a fazer aquilo que sua consciência o proíbe de fazer. Tal comportamento fará com que os de fora blasfemem, zombem do Nome de Deus que está em nós.

“Porque o Reino de Deus não consiste em comida e bebida, pelo contrário, consiste em justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. Por isso, todo aquele que assim serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens”. Fazer parte do Reino de Deus é algo infinitamente mais maravilhoso e tremendo do que ficar preso a querelas e bobagens como essas. O cristão maduro está acima dessas questões; ele já as abandonou quando era uma “criança” na vida cristã. Seu comportamento é pautado pelo amor, e “todo aquele que assim serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens”, ou seja, por sua obediência à ordem Divina de viver em amor, esse crente agrada a Deus e dá um bom testemunho diante dos homens e por estes é respeitado. É certo que a maldade no coração dos ímpios com muita freqüência os impedem de tratar benevolmente os servos de Deus que Lhe são fiéis. A Bíblia é repleta de exemplos de homens de Deus que não foram respeitados, não obstante seu comportamento ilibado. Por exemplo: Moisés, Daniel, Paulo e o próprio Senhor Jesus. Deus sabe honrar um filho Dele que O honra através do seu comportamento.

(14.19-23)

¹⁹ :Ara ou=n ta. th/j eivrh,nhj diw,kwmen kai. ta. th/j oivkodoma^hh,touj^h eivj
Conseqüentemente portanto as da paz persigamos e as da edificação da para uns aos outros.

²⁰ mh. e[nekenbrw,matoj kata,lue to. e;rgon tou/ qeou/Å^hpe,ntkaqara,(avlla. kako.n
Não por causa de comida destruas de todo a obra de Deus. Todas de fato limpas mas ruim

tw/| avnqrw,pw|^hta^h prosko,mmatoj evsqi,ontia^h
ao homem ao com efeito tropeço que come.

²¹ kalo.n to. mhagei/nkre,a mhdepiei/n oi=non mhde.v^ho` avdelfoj sou prosko,pteiÅ^h
Bom o não comer carnes nem beber vinho nem em que o irmão de ti faz tropeçar

²² su. pi,stin Æh^hn^h e;cei^hta. seauto.ne;ce evnw,piortou/ qeou^hÅ^haka,rioj o` mh.
De ti fé que tens conforme ti mesmo tem em a vista de o Deus. Bem-aventurado o não

²⁵⁰ Há pelo menos quatro interpretações oferecidas à frase: “aquilo que para vós é bom”. (1) liberdade cristã, isenção da observância cerimonial; (2) o Reino (ou reinado) de Deus; (3) a salvação; (4) o evangelho. Preferimos a quarta alternativa visto que ela engloba todas as outras três. Quando há mal testemunho, há blasfêmia ao nome de Deus e ao Seu santo Evangelho.

kri,nwn e` auto.nevnrw dokima,zei
que julga a si mesmo em que aprova.

²³ o` de. diakrino,menoj eva.n fakhtake,kritai(o[ti ouvkv evk pi,stewj n de. o] ouvkv
O porém que julga através se coma foi julgado contra, porque não de fé; tudo porém que não

evk pi,stewj a` marti,a evsti,nã
de fé pecado é.

Conseqüentemente, busquemos pois, as coisas que conduzem à paz e à edificação de uns para com os outros. Não destruais a obra de Deus por causa da comida. De fato todas as coisas são efetivamente limpas, mas é ruim para o homem o comer causando tropeço. É melhor não comer carnes, beber vinho, ou fazer qualquer outra coisa que faça tropeçar teu irmão. A fé que tu tens, tem-na entre ti mesmo e Deus. Bem-aventurado aquele que não se condena nas coisas que aprova. Aquele porém, que tem dúvidas quando come, é condenado, porque o que ele faz não provém de fé, e tudo o que não provém de fé é pecado.

“Conseqüentemente, busquemos pois, as coisas que conduzem à paz e à edificação de uns para com os outros”. O crente não deve desejar somente o seu crescimento espiritual. Antes ele deve aplicar seus dons, e acima de tudo o amor fraternal para que também os demais irmãos cresçam. Uma coisa extremamente importante para a Igreja é o crescimento uniforme e constante de todos os membros. É óbvio que a diversidade surge como um obstáculo para se alcançar esse fim. Por isso cada crente deve empenhar-se ao máximo para que as coisas concernentes à paz e à edificação sejam priorizadas por todos os membros da mesma.

Agindo assim, os crentes farão o que nos diz o v.20: “Não destruais a obra de Deus por causa da comida. De fato todas as coisas são efetivamente limpas, mas é ruim para o homem o comer causando tropeço”. Deus é infinitamente mais poderoso do que qualquer obra maligna. Mas os crentes precisam se empenhar em não permitir que coisas graves como a falta de amor entre os irmãos, obstrua o avanço da Obra do Senhor. Não há motivo neste mundo que justifique uma interrupção da obra que Deus está realizando em alguém. O problema é que confundimos as coisas. A obra de Deus a que Paulo aqui se refere está mais ligada à obra que Ele está fazendo *no coração de cada crente*, do que a obra que Ele está fazendo *através dos crentes*. Eis o motivo porque devemos ser cautelosos para não fazermos um irmão tropeçar. Podemos fazer determinadas coisas, mas se essas coisas, ainda que não sejam pecaminosas em si, acabem levando um irmão mais fraco a cair, então em nome do amor de Deus devemos parar de fazer tais coisas. Em consonância com essas palavras segue-se às do v.21: “É melhor não comer carnes, beber vinho, ou fazer qualquer outra coisa que faça tropeçar teu irmão”.

“A fé que tu tens, tem-na entre ti mesmo e Deus”, em outras palavras, “tudo quanto você crê acerca dessas coisas, guarda-as no teu coração na presença de Deus”. Se alguém se vê livre de qualquer neurose em relação a essas coisas, e não tem nenhum problema de consciência visto que tais coisas nunca foram e serão pecado, essa pessoa deve tomar cuidado para não dar a impressão de que se quer projetar diante das pessoas. Se alguém tem algum hábito deve ter muito cuidado para não se tornar arrogante e sem amor, não se importando com a debilidade dos mais fracos.

“Bem-aventurado aquele que não se condena nas coisas que aprova. Aquele porém, que tem dúvidas quando come, é condenado, porque o que ele faz não provém de fé, e tudo o que não provém de fé é pecado”. É muito feliz aquele crente que não atrai para si a reprovação de Deus, pelo fato de não condenar-se naquilo que aprova. Isso é moderação. Em contra partida, se um irmão fraco na fé resolver fazer alguma coisa que antes condenava estará pecando porque o que ele fez não é fruto de sua convicção pessoal, não está em harmonia com aquilo que ele professa. Tal comportamento não somente é de quem está em dúvida, como também causa dúvidas nos outros. Eis o porque tal coisa é pecado.

3.2.2. Práticas da Liberdade Cristã (15.1-13)

A abertura do capítulo 15 se parece com um novo início. Realmente o apóstolo resume o que disse até aqui sobre os fracos, e indica qual deve ser a atitude dos fortes para com aqueles. Mas a abertura não pára aqui. Ela logo se amplia em intuito e fixa a atenção de toda a congregação – e de todos quantos subsequente são postos em contato com essa carta – em Cristo, cujo exemplo de auto-sacrifício no interesse de outros seria seguido pelos fracos e igualmente pelos fortes.

(15.1-6)

¹ Vofei,lomede. h`mei/j oi` dunatoi. ta. avsqenh,mata tw/n avduna,twn. bastauzein/jkai. mh
Devemos porém nós os fortes as fraquezas dos fracos suportar e não a nós mesmos

avre,skeinÅ
agradar.

² e[kastoj h`mw/n tw/| plhsi,on avreske,tw eipr.t.p. aykato,lomh,n
Cada um de nós ao próximo agrade para o bom para com edificação.

³ kai. ga.r o` Cristo.j ouve autw/hj resen(avlla. kaqw.j ge,grapται` ovneidismoi. tw/n
e pois o Cristo não a Si mesmo agradeu, pelo contrário como foi escrito: os ultrajes dos

ovneidizo,ntwn sevpe,pesavpVevme,Å
que ultrajavam a Ti caíram sobre Mim.

⁴ o[sa ga.r proegra,fh(eivj th.n h`mete,ran didaskalia,ra,fh(i[na dia. th/j
Quantos pois anteriormente foi escrita para a nossa instrução foi escrita, para que através de a

u`pomonh,kai. dia. th/j parakh,sewj tw/n grafw/evlpidae;cwmenÅ
perseverança e através da consolação dos escritos a esperança tenhamos.

⁵ o` de. qeo.j th/j u`pomonh,kai. th/j parakh,sewj dw,|h u`murtonei/evn avllh,loij
O porém Deus da perseverança e da consolação dê a vós o mesmo pensar entre uns aos outros

kata. Cristo.n Vlhsou/n(
segundo Cristo Jesus,

⁶ i[na o`moqumadovv e`ni. sto,nobh,zhteo.n qeo.n kai. pate,ra tou/ kuri,ou h`mw/n
para que com igual sentimento em uma boca glorifiqueis o Deus e Pai do Senhor de nós

Vlhsou/ Cristou/Å
Jesus Cristo.

Nós, porém, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos e não agradar a nós mesmos. Cada um de nós agrade ao próximo para (seu) bem, visando à edificação, pois Cristo, não agradeu a Si mesmo, pelo contrário, como está escrito: Os ultrajes daqueles que Te ultrajavam caíram sobre Mim. Pois tudo quanto outrora foi escrito, para a nossa instrução foi escrito, para que através da perseverança e através da consolação das Escrituras, tenhamos esperança. Que o Deus da perseverança e da consolação vos dê o mesmo pensar de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que com igual sentimento a uma só voz glorifiqueis o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo.

“Nós, porém, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos e não agradar a nós mesmos”. Ao se classificar como um dos “fortes” Paulo se coloca ao lado dos crentes gentílicos. Contudo, aqui, muito mais do que mostrar de que “lado” ele estava, Paulo afirma

que, ele como um judeu que era, havia alcançado a maturidade espiritual, e se libertara das esquisitices do judaísmo. Obviamente, não nos referimos à Lei como esquisitice, mas sim, os acréscimos estapafúrdios que o judaísmo fez à Lei. Contudo, como um crente “forte” que ele se considerava, Paulo não deixava para trás os *fracos* na fé pois, os mesmos são também valiosos para Cristo (14.15), antes, ele exortava cada crente *forte* a que juntamente com ele suportasse “...as fraquezas dos *fracos* e não agradar a nós mesmos”. Dois verbos nesse verso são importantes: *ofei,lomere* avre,skēi²⁵¹ primeiro (*ofei,lome*n) indica “uma dívida; dever a alguém, ser um devedor”. Não se trata apenas de algo que precisa ser feito, mas, sim, algo que todo crente *forte* tem como dívida. O segundo verbo (*avre,skēi*m) mostra que o crente *forte* é aquele que já venceu seu egoísmo e aprendeu a pensar no bem do seu próximo antes do seu próprio. “O que é aqui condenado é a auto-satisfação sem levar em conta como isso afeta outros”²⁵¹.

“Cada um de nós agrade ao próximo para (seu) bem, visando à edificação” com essas palavras Paulo define o que ele quer dizer com *agradar o próximo*. Não significa concordar com tudo o que ele disser ou fizer; não significa fazer vistas grossas ao pecado para manter um relacionamento. Pelo contrário, cada um deve fazer de tudo para agradar o próximo para (1) promover o bem dele (o que nem sempre significa uma coisa agradável, pois pode ser uma repreensão) e (2) “visando à edificação”.

Para isso “Cada um de nós” deve seguir o exemplo do próprio Senhor Jesus “pois Cristo, não agradou a Si mesmo, pelo contrário, como está escrito: Os ultrajes daqueles que Te ultrajavam caíram sobre Mim”. Estas palavras são uma citação do Sl.69.9. A lição principal aqui é: “Se Cristo, o Santíssimo, se dispôs a tomar sobre si tanto sofrimento na forma de insultos proferidos contra ele por seus inimigos, então não deveríamos nós dispor-nos a sacrificar apenas um pouco do prazer de comer e beber por amor de nossos irmãos em Cristo?”²⁵².

Paulo então continua seu argumento, apelando para a Escritura: “Pois tudo quanto outrora foi escrito, para a nossa instrução foi escrito, para que através da perseverança e através da consolação das Escrituras, tenhamos esperança”. Eis uma passagem prática e inesquecível! De maneira sucinta ela nos informa que, qualquer que seja o significado da religião para nós, temos de praticá-la. Tudo o que foi escrito nas Escrituras – o que para Paulo significava o que agora chamamos de Antigo Testamento –, foi escrito “para nossa instrução”.

Com frequência, assim também aqui, a palavra “instrução” indica muito mais que comunicação de conhecimento intelectual. A ênfase, de fato, recai sobre o conhecimento prático, conhecimento que pode ser, e deve ser, aplicado ao viver diário do cristão.

Duas coisas se fazem necessárias para que os escritos sacros nos sejam benéficos:

- ✓ *Perseverança*. Qualquer pessoa que diligentemente estude a Escritura, pedindo a Deus que aplique seus ensinamentos ao seu coração e à sua vida, será reiteradamente ferida por ela, pois se tornará paulatinamente cônica do fato de que a distância entre sua conduta pessoal e o ideal mantido diante dela no Sagrado Escrito é obviamente grande. Porém, ela deve orar pedindo *força para persistir* nesse estudo, aprendendo cada vez mais como aplicá-lo a sua vida.
- ✓ *O estímulo das Escrituras*. Os que pela graça e pelo poder de Deus persistem nesse estudo prático descobrirão que esses sacros escritos, outrora compostos, não só ferem, mas também curam. Aliás, eles estão saturados de *animadoras* promessas, as quais, quando aceitas pela fé que é dom de Deus, resultam no nascimento e crescimento, no âmago do coração humano, da *esperança* cristã solidamente radicada.

Portanto, o que Paulo está dizendo é que a via na qual a Escritura se nos tornará em bênção, e por nosso intermédio também a outros, é a da prática.

Em prol do nosso bem-estar e o de nossa nação, devemos começar a levar a sério que o *Cristianismo* não é apenas uma teoria a ser crida, mas *uma força viva*.

“Que o Deus da perseverança e da consolação vos dê o mesmo pensar de uns para com

²⁵¹ (HENDRIKSEN, 2001, p.620).

²⁵² (HERNDRIKSEN, 2001, p.621).

os outros, segundo Cristo Jesus, para que com igual sentimento a uma só voz glorifiqueis o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo”, ou seja, Paulo está dizendo que é Deus a fonte da perseverança e da consolação (2Co.1.3,4). Quanto à perseverança, ela é uma *paciente perseverança*²⁵³, o que faz todo o sentido, pois como vimos anteriormente, Paulo vem tratando da paciência que os crentes *fortes* deveriam ter com os crentes *fracos*. Em todas as comunidades do povo de Deus sempre existirão aqueles que são mais fortes e os que são mais fracos. Esse relacionamento pode ser muito difícil, ou até mesmo impossível quando ambos os *fortes* e os *fracos* não se dispuserem a buscar em Deus que é a fonte da perseverança e da consolação, a ajuda necessária para superar as diferenças a fim de todos terem “...o mesmo pensar de uns para com os outros...”. Essa é uma tarefa impossível aos homens se estes tentarem realizá-la conforme seus próprios padrões. Por esta causa Paulo afirma: “...segundo Cristo Jesus, para que com igual sentimento a uma só voz glorifiqueis o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo”. É seguindo o bendito exemplo do Senhor Jesus que os crentes conseguiram “...com igual sentimento a uma só voz...” glorificarem a Deus por meio de seu comportamento.

(15.7-13)

⁷ Dio. proslamba, nesqeavllh, louj(kaqw, j kai. o` Cristo, j prosela, beto u` ma`jivj
Pelo que recebi para convosco uns aos outros como também o Cristo recebeu para consigo vos para a
do, xan tou/ qeou/ Å
glória do Deus.

⁸ le, gw ga. r Cristo. n dia, konon gegenh/ sqai peritomh/ ju` pe. r avlhqei, ajqeu/ (eivj to.
Digo pois Cristo ministro haver-se tornado de circuncisão sobre verdade de Deus para o
bebaiw/ sai ta. j evpaggeli, aj tw/ n pate, rwn(
fazer sólidas as promessas dos pais,

⁹ ta. de. e; qnhu` pe. r evle, ouj doxa, saito. n qeo, n(kaqw. j ge, gkaptai tou/ to
as porém, gentios sobre misericórdia glorificarem o Deus, como foi escrito: Em razão de isto
evxomologh, somaiesoi, qnesin kai. tw/ | ovno, matiyslou/ Å
confessarei a ti entre gentios e ao nome de ti cantarei louvores.

¹⁰ kai. pa, lin le, ge` euvfra, nqhte(e; qnh(meta. tou/ laou/ auvtou/ Å
E outra vez diz: regozijem-se gentios, juntamente com o povo Dele.

¹¹ kai. pa, lin aivnei/ te(pa, nta etan(to. n ku, rion kai. evpainesa, twsan auvtou. n panta j oi`
E outra vez: Louvai todos os gentios, o Senhor e louvem sobre o todos os povos.

¹² kai. pa, lin Vhsai < aj le, ge; stai h` r` i, za tou/ Vlessai. kani sta, meno ja; rcein evqnw/ n(
E outra vez, Isaías diz: Será a raiz do Jessé e o que se posta acima governar gentios,
evpauvtw/ qnhevlpiosi`
sobre ele gentios esperarão.

¹³ ~O de. qeo. j th/ evlpi, doj plhrw, sai u` ma/ j pa, shj cara/ j kai. eivrh, nhj evn tw/ j pnteu, ein(
O porém, Deus da esperança encha de vos toda alegria e paz em ao crer, para o
perisseu, ein u` ma/ j evnti/ dievn duna, mei pneu, matoj a` gi, ou Å
transbordardes vós em a esperança em poder Espírito Santo.

Portanto, aceitai-vos uns aos outros como também Cristo vos aceitou para a glória de

²⁵³ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.623).

Deus. Pois declaro que Cristo se fez ministro da circuncisão em prol da verdade de Deus para concretizar as promessas (feitas) aos pais; os gentios, porém, para glorificarem a Deus por Sua misericórdia, como está escrito: Por isso Te confessarei entre os gentios e ao Teu nome cantarei louvores. E outra vez diz: gentios, regozijem-se juntamente com o Seu povo. E outra vez diz: Louvai ao Senhor todos os gentios e exaltem-No todos os povos. E outra vez Isaías diz: Será a raiz de Jessé o que se levantará para governar os gentios, e por Ele os gentios esperarão. E o Deus da esperança vos encha de toda alegria e paz no (exercício do vosso) crer, para transbordardes na esperança pelo poder do Espírito Santo.

“Portanto, aceitai-vos uns aos outros como também Cristo vos aceitou para a glória de Deus”. O que Paulo está dizendo aqui é “assim como Cristo os aceitou a fim de que, por meio dessa aceitação, Deus seja assim glorificado – pois certamente Ele é glorificado pelo coração e pela vida dos que foram aceitos –, e, com o mesmo propósito último em mente, devem aceitar uns aos outros”²⁵⁴.

Portanto, se o exemplo de Cristo for seguindo, não somente os irmãos desfrutarão de uma acolhida abençoada, como também o nome de Deus será glorificado²⁵⁵. Não é este o grande propósito de nossas vidas, a saber, a glória de Deus?

“Pois declaro que Cristo se fez ministro da circuncisão em prol da verdade de Deus para concretizar as promessas (feitas) aos pais”. O v.8 foi estrategicamente colocado neste parágrafo para ressaltar o assunto que vem sendo desenvolvido desde o início do cap.14, a saber, as contendas entre os crentes judeus e os crentes gentios, respectivamente, os *fortes* e os *fracos*. Cristo sendo (humanamente falando) um judeu, Se fez *ministro, servo* da circuncisão, ou seja, *em favor dos gentios*. Com essa afirmação Paulo mostra que Cristo transpôs a até então, intransponível barreira que separava os judeus do *resto* do mundo, os gentios. Ele assim o fez “...em prol da verdade de Deus...” tendo como objetivo “...concretizar as promessas (feitas) aos pais...”, ou seja, as promessas feitas a Abraão, reforçadas em Isaque, e cumpridas em Jacó, promessa de formar para Si um povo que fosse exclusivamente seu, dentre o qual estavam também os gentios. Eis a razão pela qual os gentios:

- ✓ “...para glorificarem a Deus por Sua misericórdia...”;
- ✓ “...os gentios, regozijem-se juntamente com o Seu povo...”;
- ✓ “Louvai ao Senhor todos os gentios e exaltem-No todos os povos”
- ✓ “...Será a raiz de Jessé o que se levantará para governar os gentios...”
- ✓ “... e por Ele os gentios esperarão”.

Se até aqui Paulo tratou do problema da divisão sobretudo racial dentro daquela igreja, agora ele fecha a questão mostrando que toda e qualquer diferença entre judeus e gentios (os crentes de ambos os grupos) foi totalmente cancelada e destruída, pois a obra mediação de Cristo salvou tanto uns como outros e formou para Deus um povo que leva o Seu Santo Nome, o qual é confessado e louvado entre os gentios (v.9). Por essa razão só resta a Paulo dizer: “E o Deus da esperança vos encha de toda alegria e paz no (exercício do vosso) crer, para transbordardes na esperança pelo poder do Espírito Santo”. Em suas palavras sentimos um ardente desejo de ver aqueles irmãos galgando novos horizontes da vida cristã, por meio da ação direta do Deus que é O que dá “*esperança*” que enche os corações de “*toda alegria e paz*” enquanto os capacita ao “*exercício da fé*”, levando-os a transbordarem “*na esperança*” da qual Ele mesmo é o autor, por meio da ação direta do “*poder do Espírito Santo*”.

²⁵⁴ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.626).

²⁵⁵ (cf. BRUCE, 2005, p.207).

CONCLUSÃO

Chegamos assim ao final dessa carta, embora, haja ainda muito material para ser visto. Podemos dividir essa seção em três tópicos: **(1)** alguns motivos de ordem pessoal que levaram Paulo a escrever essa carta (15.14-21); **(2)** Paulo apresenta seus planos de futuras viagens (15.22-33), e **(3)** um ato de louvor a Deus e saudações finais (16.1-27).

Ao abordarmos essa parte da Epístola de Paulo aos Romanos, devemos por todos os

meios evitar o equívoco de pensar que o que se encontra em 15.14 – 16.27 é *simplesmente* uma conclusão, um tipo de apêndice que, com bem pouco prejuízo, se poderia omitir. Ao contrário, negligenciar ou mesmo subestimar a importância de 15.14 – 16.27 equivaleria a perder uma parte importantíssima da aplicação da doutrina da justificação pela fé.

É preciso ter em mente que a pessoa que compôs essa carta experimentara, e estava experimentando, os efeitos dessa doutrina tão básica em sua própria vida. Que gênero de pessoa resultaria? Por meio do mesmo espírito que é revelado em Rm 1.1 – 15.13, Paulo já nos informara algo sobre ele mesmo (ver, por exemplo, Rm.12), como fizera também em passagens tais como 1.8-16; 7.7-25; 8.38, 39; 9.1-4; 10. 1; 11.1. Não obstante, deve admitir-se que quase a totalidade de 1.1–15.13 é de caráter *doutrinal*. Começando, porém, com 15.14, Paulo se torna intensamente *pessoal*. De uma forma muitíssimo natural – poder-se-ia dizer quase inconscientemente – ele nos mostra, por meio de seu exemplo pessoal, em que tipo de pessoa, esse indivíduo justificado pela fé, *ele* se convertera. Ao lermos inclusive os versículos de abertura dessa Conclusão, somos arrebatados *por seu tato, modéstia, prudência, humildade e solicitude pelos sentimentos de outrem*.

Conseqüentemente, temos aqui, na verdade, sermão de peso! Não são tais qualidades – em associação, naturalmente, com a importantíssima confiança em Deus – as mesmas que devem estar em evidência em nossa vida? E se um ministro teme se prolongar a respeito dessas virtudes, só porque sabe que em *sua* própria vida esses traços não são exatamente relevantes, não é sua própria consciência desse fato uma razão a mais para proclamar sua necessidade em alto e bom som, de modo que tanto sua congregação quanto ele mesmo recebam uma bênção transformadora?

Ao lermos essa Conclusão, vem a nossa mente 1.5,8-16. Nos versículos iniciais, Paulo dá expressão a seu ardente propósito de visitar seus amigos em Roma. Esse propósito surge de novo aqui (15.23, 24, 32). Em 1.5, ele fez menção de seu “*dom apostólico*”. Em 15.15, ele se refere outra vez a essa “*comissão que Deus, em sua graça, lhe concedera*”. Porventura ficamos perplexos com a profunda humildade de Paulo revelada em sua primeira afirmação: “*Anseio pois, ver-vos, a fim de que algum dom espiritual eu compartilhe convosco para que vós sejais confirmados. Isto é, estando entre vós, encorajarmo-nos uns aos outros por meio da fé, tanto da vossa quanto da minha*” (1.11,12)? Não nos sentimos menos perplexos ante sua ilimitada generosidade, ao escrever agora: “*Estou pessoalmente convencido ... de que vocês são ricos em bondade, amplamente munidos de conhecimento e também competentes para admoestar uns aos outros*” (15.14).

A. Alguns Motivos Pessoais de Paulo ao Escrever Romanos (15.14-21)

(15.14-21)

¹⁴ Pe,peismai de,(avdelfoi,mou(kai. auvto.j evgperi. u`mw/n dka. auvtoimestoi,
Fui persuadido porém, irmãos de mim, também próprio eu acerca de vós que também mesmos cheios de

evste avgaqwsu,nhj(pephrwme,noi pa,shj Íth/jÐ gnw,sewj(duna,menoi kai.
estais de bondade, tendo sido encheidos de todo o conhecimento, estando dotados de poder também

avllh,louj nouqetei/nÅ
uns aos outros colocar mente.

¹⁵ tolmhro,teronde. e;graya u`mi/n avpo. me;joujvpanamimnh,|skwma/j dia.
Mais ousadamente porém escrevi a vós de parte como lembrando de novo sobre vós em razão de

th.n ca,rin th.doqei/sa,moi u`po. tou/ qeou/
a graça a que foi dada a mim por o Deus

¹⁶ eivj to. ei=nai, me leitourgois tou/ Vhsou/ eivj ta. e;qnhérourgou/nta to. evagge,lion
para o ser eu serventário de Cristo Jesus para os gentios, exercendo como sacerdote o Evangelho

tou/ qeou/(na ge,nhtai h` prosfora. tw/n evqnw/n evvprhsiaj, nh evn

do Deus, a fim de que venha a ser a oferenda aos gentios bem recebida, tendo sido santificada em

pneu,mati a`gi,w|Ã

Espírito Santo.

17 e;cw ou=nÎth.nÐ kau,chsín evn Cristw/| Vlhqmo/| tã.o.n qeò,n

Tenho portanto, a jactância em Cristo Jesus as para com o Deus.

18 ouv ga.r tolmh,sw lãlei/n wn ouv kateirga,sato Cristojiv evmoaij u`pakoh.n

não pois ousarei algo falar do que não realizou Cristo através de mim para obediência

evqnrw/mó,gw| kai. e;rgw|(

gentios, em palavra e obras,

19 evn duna,mei shmei,wteka,twn evn duna,mei pneu,matoj Îpstu/Dã avpo.

em poder de sinais e de prodígios, em poder de Espírito de Deus, de sorte a eu de

Vlerousalh.m kaí,klw| me,cri tou/ Illurikou/ pephrwke,nai to. euvagge,lion tou/ Cristou/(

Jerusalém e em círculo até o Ilírico haver enchido o Evangelho de Cristo,

20 ou[twjde. filotimou,menon euvaggelizesqauvc o[pou wvnoma,sqh Cristoj(

assim porém, ambicionando a honra de anunciar o Evangelho não onde foi nomeado Cristo, a fim de que

mh. evpVavlló,tron qeme,liomivkodomw/(

não sobre alheio fundamento edifique.

21 avlla. kaqw.j ge,graptaioij ouvk avnhgge,lh peri. aúvtou/ o;yontai(kai. oi) ouvk

ao contrário como foi escrito: Aos quais não foi anunciado acerca de Ele verão, e os não

avkhko,asin sunh,sousinÃ

tem ouvido terão pleno entendimento.

Pois eu mesmo estou persuadido meus irmãos, sobre vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, repletos de todo conhecimento, estando capacitados a admoestar uns aos outros. Porém, em parte vos escrevi mais ousadamente como que para vos lembrar novamente, por causa da graça a qual me foi dada por Deus, para que eu seja ministro de Cristo Jesus aos gentios, com o dever sacerdotal (de proclamar) o Evangelho de Deus, a fim de que os gentios venham a ser uma oferenda aceitável a Deus, tendo sido santificada no Espírito Santo. Tenho portanto, motivo de me gloriar em Cristo com relação à minha obra para Deus. Pois, não ousarei falar de algo que Cristo não realizou através de mim para levar à obediência os gentios, quer por palavra quer por obras, em sinais poderosos e de prodígios no poder do Espírito de Deus, de maneira que eu desde Jerusalém e circunvizinhança até o Ilírico proclamei plenamente o Evangelho de Cristo. Assim porém, ambicionei a honra de anunciar o Evangelho onde Cristo não fora anunciado, a fim de que não edificasse sobre fundamento alheio. Pelo contrário, como está escrito: Não de vê-Lo aqueles que nada têm ouvido Dele, e terão pleno conhecimento respeito Dele.

“Pois eu mesmo estou persuadido meus irmãos, sobre vós, que vós mesmos estais cheios de bondade, repletos de todo conhecimento, estando capacitados a admoestar uns aos outros”, com essas palavras ele não está adulando aqueles irmãos, mas sim, mostrando o valor que eles tinham para ele. Ele aponta para o fato de que eles estavam “cheios de bondade, repletos de todo conhecimento, estando capacitados a admoestar uns aos outros”. Antes de mostrar o dever deles (“admoestar uns aos outros”), ele os lembra que deveriam usar as “ferramentas” que possuíam em abundância: *bondade, conhecimento e poder*, derivados da Pessoa do Espírito Santo em seus corações.

“Porém, em parte vos escrevi mais ousadamente como que para vos lembrar novamente”, em outras palavras, todos os assuntos sobre os quais ele discorreu nesta carta, era do conhecimento deles, e por isso, apesar de adotar um estilo mais ousado, perspicaz e contundente, Paulo queria lembrá-los de algo que eles já conheciam.

“por causa da graça a qual me foi dada por Deus, para que eu seja ministro de Cristo Jesus aos gentios, com o dever sacerdotal (de proclamar) o Evangelho de Deus, a fim de que os gentios venham a ser uma oferenda aceitável a Deus, tendo sido santificada no Espírito Santo”. A Graça de Deus que lhe foi dada, pesava em seu coração como uma fortíssima responsabilidade. Ele fora incumbido divinamente de ser “...ministro de Cristo Jesus aos gentios...”, por isso não poderia levar de qualquer jeito seu ministério. Antes, “...com o dever sacerdotal de proclamar o Evangelho de Deus...”. No Antigo Testamento, era função do sacerdote conduzir o povo a adorar a Deus corretamente. No Novo Testamento, o povo de Deus foi transformado numa nação de sacerdotes, tendo como Sumo Sacerdote o Senhor Jesus²⁵⁶, e como tais, é nosso dever instruir as pessoas no caminho do Evangelho e na verdadeira adoração a Deus. Por isso Paulo se vê como um sacerdote no seu ofício sagrado. O seu propósito era que “...os gentios venham a ser uma oferenda aceitável a Deus, tendo sido santificada no Espírito Santo”. Paulo era apenas um instrumento nas mãos de Deus, haja visto que os gentios eram alcançados com o *Evangelho de Deus*, eram apresentados como oferendas que eram avaliadas e aceitas *por Deus*, e assim *santificados pelo Espírito Santo*. Se alguém ainda duvida que a nossa salvação, do começo ao fim, é obra de Deus, que preste mais atenção ao que diz a *Palavra de Deus*.

“Tenho portanto, motivo de me gloriar em Cristo com relação à minha obra para Deus. Pois, não ousarei falar de algo que Cristo não realizou através de mim para levar à obediência os gentios, quer por palavra quer por obras, em sinais poderosos e de prodígios no poder do Espírito de Deus, de maneira que eu desde Jerusalém e circunvizinhança até o Ilírico proclamei plenamente o Evangelho de Cristo”. Humildade não é andar cabisbaixo, moribundo, com um aspecto de alguém submisso que quase não abre a boca para falar. Humildade é saber-se pecador, miserável, e que sem a graça de Deus nada é, e que mesmo assim, Deus nos usa para realizar grandes coisas para Ele. Paulo não se gloriava em si mesmo mas, “em Cristo”, e não por obras quaisquer, mas “com relação à (...) obra para Deus”. Ele não estava falando de algo fictício, invencionice da sua cabeça, mas de coisas que Cristo fez através dele com a finalidade de levar os gentios à obediência “quer por palavra quer por obras”, não no seu poder e força mas “no poder dos sinais e de prodígios no poder do Espírito de Deus...”, não para a sua promoção pessoal, mas para levar o Evangelho por todo canto.

Ele tinha uma meta a qual está clara nas palavras: “Assim porém, ambicionei a honra de anunciar o Evangelho onde Cristo não fora anunciado, a fim de que não edificasse sobre fundamento alheio. Pelo contrário, como está escrito: *Hão de vê-Lo aqueles que nada têm ouvido Dele, e terão pleno conhecimento respeito Dele*”. A honra não está em ser louvado pelos homens por uma obra realizada, mas sim, em poder realizar a obra do Senhor, em receber de Deus a oportunidade de servi-Lo. Ninguém acuse Paulo de ser vaidoso ou até mesmo arrogante. Essas palavras longe estão de mostrá-lo assim; antes, elas mostram que não há honra maior no mundo que alguém possa desejar, do que a honra de servir a Deus. Somente quem é servo de verdade compreender quão grande honra é servir a Deus.

Outra verdade que aqui deve ser ressaltada é a preocupação que Paulo tinha com a pregação do Evangelho. Não foi ele um dos (senão maior) expositor da doutrina da Predestinação? A tal doutrina que segundo aqueles que não concordam com ela, só serve para tirar o incentivo da evangelização e discipulado, pois leva o crente ao marasmo e letargia espiritual? Pois então não

²⁵⁶ A Reforma Protestante resgatou uma belíssima doutrina chamada de “Sacerdócio Universal dos Crentes”, a qual ensina que não mais precisamos de sacerdotes que intercedam por nós, pois Cristo é o nosso Sumo Sacerdote. Como sacerdotes de Cristo (sacerdócio real, 1Pe.2.9) é nosso dever proclamar o Evangelho de Cristo para que outros O adorem como Ele deve ser adorado.

traçaremos nenhum comentário aqui. Tão somente deixaremos as palavras dos v.20 e 21 para que tais pessoas possam refletir se é a doutrina da Predestinação ou se é o pecado no coração do crente que o leva à desobedecer a Deus com relação à pregação do Evangelho.

B. Planos de Viagem de Paulo (15.22-33)

(15.22-24)

²² Dio. kai. evnekopto,mhn ta. polla. tou/ pōdjei/ñma/j
Em razão de que também fui impedido as muitas do ir para com vós.

²³ nuni. de. mhke,tito,pon e;cwn evn toi/j kli,masi tou,toij(evpōpō;awñ tou/ evlqei/n
agora porém não mais lugar tendo em as regiões estas, anseio sobre porém tendo do ir

pro.j u`ma;vpo. pollw/n evtw/n(
para com vós desde muitos anos,

²⁴ w`j a'n poreu,wma;ivj th.n Spani,avpi,zw ga.r diaporeuo,menoj qea,sas kai. u`ññá/j
como - tenho de viajar para a Espanha, espero pois viajando através ver vos e por

u`mw/propemfqh/na;evkei/ eva;mw/rprw/ton avpo. me,rou;vmplhsqw/Å
vós ser mandado adiante ali se de vós primeiramente de parte tenha sido enchido.

Por estão razão é que fui impedido muitas vezes de ir ter convosco. Mas, agora, não havendo mais lugar (que eu precise trabalhar) nessas regiões, tenho pois, desejado a muitos anos ir ter convosco; como tenho de ir à Espanha, espero pois, de passagem, ver-vos e por vós ser mandado adiante para lá, depois de haver primeiramente desfrutado um pouco da vossa companhia.

“Por estão razão é que fui impedido muitas vezes de ir ter convosco”. Sabendo que o Evangelho já havia se instalado em Roma – lá havia uma Igreja –, sabendo que havia lugares que ainda não tinham recebido a mensagem de Salvação do Evangelho, Paulo então se dedicou a evangelizar essas regiões não alcançadas pela mensagem do Evangelho. Por esta razão se projeto de visitar a igreja de Roma tido sido adiado várias vezes.

“Mas, agora, não havendo mais lugar (que eu precise trabalhar) nessas regiões, tenho pois, desejado a muitos anos ir ter convosco”. Ele mostra aqui seu amor missionário pois “...não havendo mais lugar (que eu precise trabalhar) nessas regiões”, e também o seu amor pastoral quando diz: “tenho pois, desejado a muitos anos ir ter convosco”.

Um coração que pulsa missões sempre planeja algo mais além “como tenho de ir à Espanha, espero pois, de passagem, ver-vos e por vós ser mandado adiante para lá”. Ele sabia perfeitamente que a obra missionária não é uma tarefa solitária. Ainda que por vezes estivesse só no campo missionário, de forma alguma tal obra é para ser feita por uma pessoa apenas. O missionário necessita de apoio por parte de outros, no caso de Paulo aqui, dos cristãos de Roma. Por esse motivo ele esperava ser ajudado por eles para que pudesse chegar à Espanha com o Evangelho de Cristo. Mas tal tarefa só seria realizada “depois de haver primeiramente desfrutado um pouco da vossa companhia”, é o que ele disse aos crentes romanos. Assim ele mostrou àqueles irmãos que tão importante quanto ser ajudado por eles materialmente falando, era desfrutar da comunhão deles. Dessa forma a ajuda não seria por constrangimento ou coação, mas, sim, resultado do amor entre eles, do prazer que tinham de estarem juntos.

(15.25-29)

²⁵ Nuni. de. poreu,omai eivj Vlerousalh.m diakonw/n toi/j a`gi,oi;jÅ
Agora porém viajando para Jerusalém servindo aos santos.

26 euvdo,khsar Makedoni,a kai. VAcai<a koinwni,an tina. poihsasqai eivj totw/ptwcou.j
Bem pensaram pois Macedônia e Acaia comunhão certa fazer a os pobres dos

a`gi,wn tw/n evn Vlerousalh,mÅ
santos os em Jerusalém.

27 euvdo,khsar kai. ovfeile,tai eivsi.n autw/ra r toi/j pneumatikoi/j auvtw/n evkoinw,nhsan
Bem pensaram pois e devedores são deles, se pois nas espirituais deles participaram

ta. e;qnh(ovfeilouskai. evn toi/j sarkikoi/j leitourgh/sai auvtoi/jÅ
os gentios devem também em as carnis servir a eles.

28 tou/tou=n evpitele,sajkai. sfragisa,menoj auvtoi/j to.n karmo.n tou/ton(avpeleu,somai
Isto portanto tendo completado e tendo selado a eles o fruto este, partirei

diV u`mw/n eivj Spãni,an
através de vós a Espanha.

29 oi=dade. o[ti evrco,menoj j u`ma/j evthrw,mati euvlogi,aj Cristou/ evleu,somaiÅ
Sei porém que indo para com vós em plenitude de bênção Cristo irei.

Agora, porém, estou viajando para Jerusalém, servindo aos santos. Pois aprouve à Macedônia e à Acaia fazer uma contribuição para os pobres entre os santos de Jerusalém. Tiveram prazer nisso pois, lhes são devedores, pois se participaram com eles das bênçãos espirituais, os gentios devem também compartilhar com eles bênçãos materiais. Portanto, havendo completado essa tarefa e tiver-lhes selado este fruto, irei até vós de caminho para a Espanha. Sei que quando chegar até vós, irei na plenitude da bênção de Cristo.

Antes de se dirigir para Roma, Paulo tinha outra tarefa a realizar. Ele diz qual: “Agora, porém, estou viajando para Jerusalém, servindo aos santos”. Um missionário de verdade entende que tão importante quanto a alma é o corpo da pessoa. Por esse motivo ele então primeiramente foi a Jerusalém para socorrer os irmãos carentes a quem ele classifica como “...os pobres entre os santos de Jerusalém”. Os crentes de Jerusalém estavam passando por algumas dificuldades. Então os crentes gentílicos da Macedônia e Acaia decidiram espontânea e amorosamente “...fazer uma contribuição para os pobres entre os santos de Jerusalém...”. Merece atenção especial aqui a forma como Paulo descreve esse ato: “Tiveram prazer nisso...”, ou seja, não foi algo forçado por ação externa, mas interna, do coração por terem reconhecido que “...lhes são devedores, pois se participaram com eles das bênçãos espirituais, os gentios devem também compartilhar com eles bênçãos materiais”, em outras palavras, uma vez que participaram das bênçãos espirituais que primeiramente foram destinadas aos judeus (veja o cap.11.17-24), nada mais justo que os crentes gentios, que tinham provisões materiais socorressem aqueles irmãos de quem de certa forma receberam bênçãos infinitamente melhores, bênçãos espirituais. Assim, qualquer forma de soberba seria anulada.

“Portanto, havendo completado essa tarefa e tiver-lhes selado este fruto, irei até vós de caminho para a Espanha”. A clareza dessas palavras dispensam muitos comentários. Paulo estava simplesmente dizendo: assim que eu for a Jerusalém e entregar a oferta àqueles irmãos, me dirigirei para Espanha, passando antes por vós.

Pode ser que ele estivesse preocupado em ter frustrado as expectativas daqueles irmãos, os quais o aguardavam para aqueles dias, mas, que ao saberem que ele se demoraria um pouco mais, talvez alguns meses, então tentou reanimá-los dizendo que “Sei que quando chegar até vós, irei na plenitude da bênção de Cristo”. Possivelmente ele teria em mente bênçãos tais como a alegria de

encontrá-los e dialogar com eles, sua pregação em seu meio, ouvirem eles o relatório do apóstolo sobre as bênçãos divinas em outras congregações, e planejar juntos a viagem a Espanha, etc²⁵⁷.

(15.30-33)

³⁰ Parakalw/ de. u`maĩ(savdelfoi,(Edia. tou/ kuri,ou h`mw/n Vhsou/ Cristia/ kai/j
Chamo junto a porém vós irmãos através de o Senhor de nós Jesus Cristo e através de o

avga,phj tou/ pneu,matoj sunagwni,savtai,taij proseucal/j`pe.r evmou/pro.j to.n qeo,n(
amor do Espírito lutar junto com de mim em as orações em favor de mim junto a o Deus,

³¹ i[na r`usqwa`vpo. tw/navpeiou,ntwn evn th/| Vludai,a| kai. h` diakonh` eivj
para que seja livrado de os que não se deixam persuadir em a Judéia e o serviço de mim o em

Vlerousalh.m euvpro,sdektai/j a`gi,oige,nhtai(
Jerusalém bem recebido junto a os santos venha a ser,

³² i[na evn cara/|evlqw.npro.j u`ma/jdia. qelh,matojeou/sunanapau,swmai u`mi/nA
para que em alegria tendo ido para com vós através de vontade de Deus descanse junto a vós.

³³ ~O de. qeo.j th/j eivrh,nhj meta. pa,ntwn u`mw/n(avmh,nA
O porém Deus da paz com todos vós, amém.

Exorto-vos, pois, irmãos por meio do nosso Senhor Jesus Cristo e por meio do amor do Espírito que luteis juntamente comigo nas orações junto a Deus em meu favor, para que eu seja livrado dos desobedientes na Judéia e que o meu serviço em Jerusalém venha a ser bem recebido pelos santos, de modo que, pela vontade de Deus, ao visitar-vos, seja motivo de alegria para vós, e eu descanse junto a vós. O Deus da paz esteja com todos vós. Amém!

Num tom solene, evocando o nome do Senhor Jesus e o amor do Espírito Santo, Paulo exorta os irmãos romanos com as seguintes palavras: “*Exorto-vos, pois, irmãos por meio do nosso Senhor Jesus Cristo e por meio do amor do Espírito que luteis juntamente comigo nas orações junto a Deus em meu favor*”. Ele estava cômico da necessidade de ajuda, por isso pediu-lhes “...*luteis juntamente comigo nas orações junto a Deus em meu favor...*”.

E essa necessidade se fazia real em face:

- ✓ do perigo que o aguardava: “...*que eu seja livrado dos desobedientes na Judéia...*”, ou seja, os judeus incrédulos que além de não crerem no Evangelho ainda se opunham aos mensageiros de Cristo, dos quais Paulo era um. Ele os chama de “*desobedientes*” pela razão de sua recusa e submeter-se à vontade de Deus como revelada no Evangelho²⁵⁸;
- ✓ da expectativa de seu coração: “...*e que o meu serviço em Jerusalém venha a ser bem recebido pelos santos...*”. Ele trabalhara muito tempo arduamente para levantar essa coleta em favor dos crentes em Jerusalém. No entanto, ele tinha medo de que estes pudessem nem mesmo estar dispostos a aceitar a oferta por questões raciais e cerimoniais, a despeito da decisão do Concílio em Jerusalém como está registrado em At.15.1,5; Gl.3.1,17; 5.1-4; 6.12. Isso explica sua súplica sincera²⁵⁹.

“*de modo que, pela vontade de Deus, ao visitar-vos, seja motivo de alegria para vós, e eu descanse junto a vós*”. Com essas palavras ele reforça o seu propósito não só com essa carta, como da sua visita. Tudo isso ele sabia muito bem que dependia tão somente da “*vontade de Deus*”. Como diz o adágio: “*O homem propõe; Deus dispõe*”.

Para os corações que descansam nesta verdade segue-se o que diz o v.33: “*O Deus da paz esteja com todos vós. Amém!*”. Para aqueles que andam na vontade de Deus que é boa,

²⁵⁷ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p. 652).

²⁵⁸ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p. 654).

²⁵⁹ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p. 654).

agradável e perfeita (Rm.12.1), o resultado sempre será a Sua paz, a qual depende direta e exclusivamente da presença de Deus na vida do crente. Lembrando também que o significado básico da palavra “paz” aqui em romanos, é resultado direto da reconciliação com Deus como se apresenta no cap.5.

C. Louvor e Saudações (16.1-27)

(16.1,2)

¹ Suni,sthmide. u`mi/foi,bhn th.n avdelfh.n h`mw/nikaou,sth,konon th/j evkklhsi,aj
Posto junto porém a vós Febe a irmã de nós, sendo também ministra da igreja

th/j evn Kegcreai/j(
a em Cencrêia,

² i[na auvth.nprosde,xhsqevn kuri,w|avxi,wj tw/n a`gi,wn kparasth/tauvth/| qvaw
para que a recebais junto de em Senhor dignamente dos santos e coloqueis junto a ela em que -

u`mw/orh,|zhpra,gmatkai. ga.r auvth. prostapti|lw/nevgenh,qhkai. evmoavvtou/Å
de vós necessite coisa e pois ela ajudadora de muitos tornou-se até mesmo de mim próprio.

Recomendo-vos, pois, Febe a nossa irmã, sendo também ministra da igreja em Cencrêia, para que a recebam nos Senhor, como é digno dos santos e a ajudeis em tudo o que de vós ela necessitar, pois ela tornou-se auxiliadora de muitos, inclusive até de mim mesmo.

Cartas de recomendação eram muito comuns naqueles tempos²⁶⁰. A julgar pelas palavras que Paulo diz de Febe, ela era uma pessoa de alta confiança do apóstolo, podendo ser a portadora dessa carta aos destinatários.

O nome Febe significa “*brilhante, radiante*”. É derivado da mitologia pagã, sendo outro nome para Ártemis, a brilhante e radiante deusa lua, identificada com Diana, deusa romana. Por isso muitos crêem que ela era de origem gentílica, porque um judeu jamais daria um nome a uma filha com esses significados²⁶¹. Contudo, deve-se levar em conta que o império de Alexandre, o Grande, levou a cultura helenística a essas regiões. Mas, isso pouco importa.

Paulo ainda a chama de “*nossa irmã ... ministra da igreja de Cencrêia...*”. Sim, ela era irmã em Cristo e servia (ministrava) na igreja de Cencrêia, um porto marítimo de Corinto setido Ásia. Estava situada no Golfo Sarônico.

Ao chamá-la de “*ministra*” Paulo usou o substantivo *dia,konon* que pode muito bem ser traduzido por *diaconisa*. Entendemos que esse assunto é bastante controverso, contudo, não podemos nos imiscuir de dar a nossa opinião, especialmente porque os que defendem o ofício do diaconato feminino usam este texto como base. Lembramos que ao chamá-la de *dia,konon* Paulo está apontando mais para a *qualidade* do serviço prestado por essa irmã (seu empenho, dedicação e amor) do que para o ofício diaconal em si.

Comentando esse verso, William Hendriksen diz²⁶²:

“Para descobrirmos que tipo de função específica Paulo tem em mente, ao chamar Febe uma *diakonos* da igreja em Cencrêia, temos de prestar detida atenção ao que ele diz, ou seja: ‘Estendam-lhe as boas vindas no Senhor, o que é digno dos santos’, significando que fosse uma recepção adequada para os santos. E acrescenta: ‘Dêem-lhe qualquer auxílio de que porventura necessite ... pois ela tem sido auxiliadora para muitas pessoas, e de mim pessoalmente’. Esta pode bem ser a chave para a solução do problema que ora discutimos. À luz dos fatos registrados em 16.1,2, que tipo de auxílio Febe necessitaria quando chegasse em Roma, onde evidentemente ela não morava? Não seria proteção e especialmente hospitalidade? E que tipo de auxílio que os

²⁶⁰ (cf. RIENECKER-ROGERS, 1988, p.282).

²⁶¹ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.657).

²⁶² (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.659).

viajantes de passagem necessitariam ao deterem-se no porto de Cencrécia, cidade natal de Febe, vindo do Ocidente para o Oriente ou do Oriente para o Ocidente? Não é um fato que ainda hoje tais conexões por demais movimentadas fazem os estrangeiros se sentirem por demais desconfortáveis? O de que necessitavam não era de uma cordial palavra de saudação, boa orientação, proteção contra perigos e, freqüentemente, ainda de um lar amigo no qual passar a noite, ou ainda dias e noites até que o próximo navio deixasse o porto rumo a seu destino? Numa palavra, era de *hospitalidade* que se necessitava numa Cencrécia tão agitada. E era *hospitalidade* que Febe sabia como oferecer. Não é provável que como Lídia (At.16.11-15,40), Febe fosse uma senhora cristã abastada, abençoada com uma mente alerta e um coração transbordante do espírito de bondade e prestativo? Quem sabe, como também Lídia, Febe fosse uma mulher negociante?

Como já nos pronunciamos há pouco sobre o assunto, concordamos com a dificuldade em torno do mesmo. Mesmo assim deixaremos nossa opinião.

Todos concordam que o Senhor Jesus em Seu ministério abalou as estruturas religiosas e sociais de Sua época. Contudo, uma das poucas estruturas que ele não mexeu foi na questão da mulher como líder, especialmente diante de Sua Igreja. Se Ele julgasse necessário “mexer” nessa parte, com certeza teria chamado mulheres para compor o grupo dos Doze discípulos o qual se tornou depois o colegiado apostólico. Mesma aquelas mulheres que O serviam inclusive com seus bens, não foram incumbidas do cargo formal. Contudo, não estamos aqui desmerecendo o papel da mulher na Obra do Senhor, e nem mesmo sendo contrários à atuação dela na igreja. O que questionamos não é nem mesmo como muito dizem “*questão de poder*”, ou, “*quem é que manda*”. Febe também foi chamada por Paulo de “*auxiliadora*”. Porventura, não é essa a designação que o Criador deu à mulher quando a criou? A mulher é a auxiliadora idônea, ou seja, qualificada. E se o homem precisa de uma auxiliadora, é porque sozinho não é lá grande coisa!

(16.3-16)

³ VAspa,sasqe Pri,skan kai. Vaku,lan tou.j sunemgou,j evn Cristw/| Vlh sou/(
Saudai Prisca e Áquila os companheiros de mim em Cristo Jesus,

⁴ oi[tinej u`pe.r th/j yuchou to.n e` autw/n tra,chlou u`pe,qhkan(oij ouvk evgw. mo,noj
os quais sobre a vida de mim o deles próprios pescoço puseram debaixo, aos quais não eu só

euvcaristw/ avkai. pa/sai ai` evkklhsi,ai tou qmw/n(
dou graças mas também todas as igrejas dos gentios

⁵ kai. th.n katV oi=kon autw/n evkklhsi,an^Å avspa,sasqe VEpai,netou(o jaeqsphto,n
e a em casa deles igreja. Saudai Epêneto o amado de mim que é

avparch. th/j VAsi,aj eivj Cristo,n^Å
primícia da Ásia para Cristo.

⁶ avspa,sasqe Mari,an tij polla. evkopi,asen eivj u`ma/j^Å
Saudai Maria, a qual muitas trabalhou arduamente para vós.

⁷ avspa,sasqe VAndro,nikon kai. Vlounia,suggei/j mou kai. sunaicmalw,tou.j mou(
Saudai Andrônico e Júnias os de mesma raça de mim e cativos juntos de mim,

oi[tinej eivsi evpi,shmoi evn toi/j avpostolij(kai. pro. evmou ge,gonanevn Cristw/|^Å
os quais são eminentes entre os apóstolos, os quais também antes de mim vieram a estar em Cristo.

⁸ avspa,sasqe VAmplia/ton to.n avgaphtou krou|^Å
Saudai Ampliato, o amado de mim em Senhor.

⁹ avspa,sasqe Ouvrbano.n tou nergo.n h`mw/n evn Cristw/| kai. Sta,cun to.n avgaphto,n mou
Saudai Urbano o companheiro de trabalho de nós em Cristo e Estáquis o amado de mim.

¹⁰ avspa,sasqe VApellh/n to.n do,kimon evn Cristw/|Å avepatsasqe/Aristjoubou,louÅ
Saudai Apeles o aprovado em Cristo. Saudai os dentre os de Aristóbulo.

¹¹ avspa,sasqe ~Hrw|di,wrsuggenh/ mouÅavspa,sasqe tou.jtevk Narki,ssou tou.j
Saudai Herodião o da mesma raça de mim. Saudai os dentre os Narciso os

o;ntaj evn kuri,w|Å
que estão em Senhor.

¹² avspa,sasqe Tru,fainan kai. Trufw/san ta.jkopiw,saj evn kuri,w|Åpa,sasqePérsi,da
Saudai Trifena e Trifosa as que trabalham arduamente em Senhor. Saudai Pérside

th.n avgaphthm|ij polla. evkopi,asen evnkuri,w|Å
a amada, a qual muitas trabalhou arduamente em Senhor.

¹³ avspa,sasqe ~Rou/fon to.n evklekto.n evn kuri,w| kai. th.n mhte,ra aurtou/ kai. evmou/Å
Saudai Rufo o eleito em Senhor e a mãe dele e de mim.

¹⁴ avspa,sasqe VAsu,gkriton(Fle,gonta(~Ermh/n(Patroba/n(~Erma/n kai. tou.j su.n aurtou/j
Saudai Asíncrito, Flegontes, Hermes, Pátrobas, Hermas e os com eles irmãos.

¹⁵ avspa,sasqe Filo,logon kai. Vloui,an(Nhre,a kai. th.n avdelfh.n aurtou/|kaiatou.jOlumpa/n
Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e a irmã dele, e Olimpas e os

su.n aurtou/j pa,ntaj a`gi,oujÅ
com eles todos santos.

¹⁶ avspa,sasqeavllh,louj evnfilh,mati a`gi,w|Å avspa,zontai u`ma/j ai` evkklhsi,ai pa/sai tou/ Cris
Saudai uns aos outros em beijo santo. Saúdam a vós as igrejas todas de Cristo.

Saudai a Prisca e Áquila, meus companheiros em Cristo Jesus, os quais arriscaram seus próprios pescoços pela minha vida, pelos quais não somente eu dou graças, mas, todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que se reúne na casa deles. Saudai a Epêneto, o meu amado e primícia da Ásia para Cristo. Saudai a Maria, a qual trabalhou mui arduamente por vós. Saudai da Andrônico e Júnias, meus compatriotas e (que foram) prisioneiros comigo, os quais são eminentes entre os apóstolos, os quais já estavam em Cristo antes de mim. Saudai a Ampliato, meu amado, no Senhor. Saudai a Urbano, nosso companheiro de trabalho em Cristo, e Estáquis, o meu amado. Saudai a Apeles, o aprovado em Cristo. Saudai os da casa de Aristóbulo. Saudai a Herodião, meu compatriota. Saudai os da casa de Narciso, os quais estão no Senhor. Saudai a Trifena e a Trifosa, as quais trabalham arduamente no Senhor. Saudai a Pérside, a amada, a qual trabalhou mui arduamente no Senhor. Saudai a Rufo, o eleito no Senhor, e a sua mãe, e também minha. Saudai Asíncrito, Flegontes, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos (que estão) com eles. Saudai Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpas e todos os santos que (estão) com eles. Saudai uns aos outros com beijo santo. Saúdam-vos todas as igrejas de Cristo.

Quanto aos nomes aqui mencionados precisamos fazer algumas considerações importantes.

Primeiramente, é importante lembrar que apesar de Paulo não ter sido o “plantador” dessa igreja, não significa que ele não tinha vínculos com os membros dela. Aliás, a lista de nomes por ele aqui apresentada, ao todo 26 diretamente e os que menciona genericamente com termos como “...a igreja que se reúne na casa deles...”, “...os da casa de Aristóbulo...”, “...os da casa de Narciso...”, “...sua mãe (de Rufo)...”, “...e os irmãos (que estão) com eles...”, “...sua irmã (de Nereu)...”, “...e todos os santos que (estão) com eles...”, mostram que Paulo tinha vínculos com a

igreja em Roma.

Em segundo lugar, a forma como ele se dirige a esses irmãos mostra que ele não somente os conhecia, como também os amava de verdade. Para facilitar nossa compreensão, dividimos os nomes nas seguintes classificações:

- ✓ **Companheiros:** nessa “categoria” estão os nomes: Prisca (a mesma Priscila de At.18.2, 18, 26) e Áquila os quais levaram a sério seu ministério a ponto de porem seus pescoços a perigo para livrar Paulo de alguma situação de risco. Esse casal era muito querido não só de Paulo, mas de “...todas as igrejas dos gentios...”. Urbano também está nessa categoria, a única diferença é que ele é chamado de “nosso companheiro”, enquanto de Prisca e Áquila Paulo diz “meus companheiros”. Estaria indicando assim que ele era mais achegado a Prisca e Áquila? Não sabemos precisar.
- ✓ **Os amados:** “a macedônio” designação, Paulo não está mostrando uma preferência (ou deferência) por este ou por aquele. Apenas está se dirigindo fraternalmente aos seguintes irmãos: Epêneto, Ampliato e Estáquis. Epêneto, além de ser um amado irmão de Paulo, também é chamado de “primícia da Ásia para Cristo”, ou seja, “o primeiro convertido a Cristo na província da Ásia”²⁶³.
- ✓ **As que trabalharam arduamente:** nessa classificação estão apenas as mulheres: Maria, Trifena, Trifosa e Pérside. Para os que injustamente acusam Paulo de ser machista ou qualquer coisa parecida, é muito importante essa nota, pois, aqui temos um relance da alma do apóstolo, no qual ele deixa transparecer seu reconhecimento e admiração pelas irmãs que “trabalharam mui arduamente” em favor da igreja de Cristo e do próprio Senhor. Um machista reconheceria o trabalho de uma mulher (ainda mais de um grupo de mulheres) não importando o quanto elas tivessem se dedicado a esse trabalho? Por certo que não.
- ✓ **Os compatriotas:** nessa classificação encontram-se Andrônico e Júnias²⁶⁴, dos quais ele disse: “...são eminentes entre os apóstolos, os quais já estavam em Cristo antes de mim”. Isso indica que eles faziam parte do colegiado apostólico? Por certo que não. William Hendriksen nos lembra que a palavra “apóstolo” é usada no Novo Testamento num sentido mais livre e por vezes num sentido mais restrito. Num sentido mais livre e abrangente, a palavra “apóstolo” tem sua idéia primária que é “enviado”, ou seja, esses (e outros personagens do NT) foram enviados por Deus a determinados lugares para proclamação do Evangelho. Num sentido mais restrito a palavra “apóstolo” se refere ao colegiado apostólico, aqueles a quem Cristo confiou Sua Igreja. Ainda na lista do *compatriotas* temos Herodião, o qual também era um judeu.
- ✓ **Aprovado em Cristo:** nessa “categoria” encontramos apenas o nome de Apeles. Não que com isso Paulo estivesse dizendo que somente Apeles era um *aprovado de Cristo*. Todos os nomes aqui mencionados o são. Apenas, Paulo está expressando seu amor e admiração por esse irmão.
- ✓ **O eleito do Senhor:** Somente Rufo recebe essa classificação. Da mesma forma como a Apeles, Paulo aqui não está dizendo que somente Rufo era um eleito do Senhor. Tal afirmação chega a ser ridícula.
- ✓ **As que por quem ele tem grande consideração:** a mãe de Rufo a quem ele considera sua própria mãe, e a irmã de Nereu, aquém embora não tivesse dirigido nenhuma palavra mais afetuosa, fez questão de mostrar que se lembrava dela por meio de uma saudação.
- ✓ **Os que não se encaixam em nenhuma classificação, mas são amados por Paulo:** aqui estão todos os demais “Asíncrito, Flegontes, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos (que estão) com eles” e “Filólogo e Júlia, Nereu e sua irmã, e Olimpas e todos os santos que (estão) com eles”.

²⁶³ (cf. NVI).

²⁶⁴ O nome “Júnias” deve ser lido no masculino, portanto, trata-se de um homem. Especialmente porque a frase: “os quais são eminentes entre os apóstolos, os quais já estavam em Cristo antes de mim” favorece tal conclusão.

“*Saudai uns aos outros com beijo santo*”. Para nossa cultura ocidental, o beijo entre pessoas do mesmo sexo parece e soa constrangedor. Porém, na cultura oriental, especialmente entre os semitas, tal atitude é respeitosa e amorosa. Comentando esse assunto, William Hendriksen diz²⁶⁵:

“Não só teria de seu um ósculo, e não só teria de ser ele um símbolo de afeição genuína, mas também teria de ser *santo*. Em outros termos, jamais poderia implicar menos de três partes: Deus e as duas pessoas que se osculam reciprocamente. O ósculo santo simboliza o amor de Cristo mutuamente partilhado. É de fato como indicado em 1Pe.5.14: ‘um ósculo de *amor*’, daí também um ósculo de *harmonia, paz*. Se isso for corretamente entendido, os crentes não se omitirão deliberadamente de oscular aqueles a quem, porventura, não gostam. *Amarão* até mesmo aqueles de quem não *gostam*. O ósculo santo é para *todos* os membros (1Ts.5.26)”.

“*Saúdam-vos todas as igrejas de Cristo*”. Em suas viagens Paulo reunia informações de cada igreja e compartilhava com todas as outras. Assim, pois ele bem poderia dizer a uma igreja que outra havia mandado saudações, como aqui está claro. Em nossos dias, com tantas facilidades que temos é impressionante como vivemos isolados dos irmãos de outras igrejas (até mesmo da nossa denominação). Precisamos entender que a unidade da Igreja de Cristo, não diz respeito somente à igreja local da qual fazemos parte, e nem mesmo da nossa denominação apenas. O “corpo” de Cristo não pode ser tão pequeno quanto a igreja da qual sou membro. Ele (o corpo de Cristo) é todo abrangente, ou seja, engloba todas as denominações verdadeiramente cristãs que pregam o verdadeiro Evangelho. Assim sendo, precisamos ser mais achegados uns aos outros.

(16.17-20)

¹⁷ Paraklw/de. u`ma/ãvdelfoi,(skopei/n tou.j ta.j dicostasi,aj kãkãmdala
Exorto porém a vós, irmãos, observeis os as divisões e as pedras de tropeço

para. th.n didach.n hñmei/jevma,qetoiou/ntaj(kaevkkli,netavpV auvtw/n
em violação de os ensinamentos que vós aprendestes que fazem e declinai fora de eles.

¹⁸ oi` ga.r toiou/toi kwri,w|h`mw/Oristw/| ouv douleu,ousin avllae`tuw/koili,a|(
os pois que tais ao Senhor de nós Cristo não estão a servir mas ao deles mesmos ventre

kai. dia. th/j crhstologi,aj kai. euvlogi,aj evxapatw/sira.j kardi,aj tw/n
e através de o palavreado meloso e palavreado lisonjeiro fazem pisar fora de os corações dos

avka,kwnÃ
sem maldade.

¹⁹ h` ga.r u`mw/pakohivj pa,ntaj avfi,ke to/vu`mi/rou=n cai,rw(qe,lw de. u`ma/j
A pois de vós obediência a todos atingiu. Sobre vós portanto alegre-me, desejo porém vós

sofou.jei=nai eivj to. avgaoq,n(avkãtai,oujevj to. kako,nÃ
sábios serdes para o bom, não misturados porém para o mal.

²⁰ o` de. qeo.j th/j eivrh,nhj suntri,yei to.n satãpõntou.j po,daj u`mw/n evn ta,ceiã
O porém Deus da paz esmagará o Satanás debaixo dos pés de vós em rapidez.

~H ca,rij tou/ kuri,ou h`mw/n vilesou`mw/nÃ
A graça do Senhor de nós Jesus seja com vós.

Exorto-vos, pois, irmãos, que observeis aqueles que causam divisões e põem obstáculos, os quais violam os ensinamentos que aprendestes, desviad-vos deles. Pois tais pessoas não estão servindo a Cristo nosso Senhor, mas ao próprio ventre deles; e com palavreado meloso e

²⁶⁵ (HENDRIKSEN, 2001, p.670).

lisonjeiro fazem desviar os corações ingênuos. Pois a notícia de vossa obediência a todos alcançou, portanto, alegro-me em vós, contudo, desejo que sejais sábios para o que é bom, e inocentes porém, para o que mal. Logo o Deus da paz esmagará a Satanás debaixo dos vossos pés! A graça do nosso Senhor Jesus seja convosco.

Alguns comentaristas vêem esse trecho como que “fora do contexto” do restante da carta. Contudo tal afirmação não é razoável.

Há pouco ele mencionara “*todas as igrejas de Cristo*” (v.16). Com certeza ele presenciara em outras igrejas (como por exemplo na Galácia) aqueles que dissimulados entravam nas igrejas e perturbavam a paz interna com suas doutrinas judaizantes. Por isso mesmo neste texto a exortação não segue um tom de reprovação ou repreensão, mas sim de *alerta*. O verbo skopei/n (skope) aponta para uma atitude de cautela e atenção. Paulo queria alertá-los quanto a esses dissimulados que só causavam divisões e colocavam tropeços (literalmente “escândalos”) dentro das igrejas, não servindo a Cristo mais sim seus interesses pessoais como Paulo diz “*ao próprio ventre deles*”. Seriam essas palavras uma referência à sensualidade? Pode muito bem ser.

Estes tais além disso, usavam um “*palavreado meloso e lisonjeiro*”, eram oradores eloqüentes, ainda que na realidade fossem trapaceiros polidos²⁶⁶. Tinham apenas um objetivo: “*desviar os corações ingênuos*”.

Diante desse perigo, Paulo abre o seu coração aos crentes romanos e lhes diz: “*...a notícia de vossa obediência a todos alcançou, portanto, alegro-me em vós...*”, mas para que isso não soasse como uma bajulação (coisa que Paulo nunca fez, pois seus elogios sempre foram sinceros) ele logo acrescenta: “*desejo que sejais sábios para o que é bom, e inocentes porém, para o que mal*”, lembrando-lhes que apesar de serem conhecidos pela obediência que tinham para com o Senhor Jesus, também deveriam ser sábios para fazerem as coisas boas, e inocentes, como crianças, literalmente “*sem mistura*” para fazerem o que é mal.

Nessa luta contra o mal todos podiam (e podem) ter a certeza: em breve Deus esmagará a Satanás debaixo dos pés deles. Os que são co-herdeiros (8.17) são também co-vencedores.

Assim, resta apenas encerrar com as belíssimas palavras do v.20: “*A graça do nosso Senhor Jesus seja convosco*”. Tudo é pela graça de Deus. Vivemos neste mundo pela Graça e por ela viveremos no Céu de glória.

(16.21-23)

²¹ VAspa,zetai u`ma/j Timo,qsojnergo,j mou kai. Lou,kioj kai. Vla,swn Savsi,patroj
Saúda vos Timóteo o companheiro de mim e Lúcio e Jasom e Sosípatro

oi` suggenei/jnouÅ
os da mesma raça de mim.

²² avspa,zomai u`ma/j evgw. Tgratijjo` th.n evpistolh.n kuri,w|Å
Saúdo vos eu Tércio o que escrevi a epístola em Senhor

²³ avspa,zetai u`ma/j Ga,i?oj mou kai. o[lhj th/j evkklhsi,ajÅ avspa,zetai u`ma/j
Saúda vos Gaio o hospedeiro de mim e de toda a igreja. Saúda vos

:Erastoj o` oivkono,moj th/j po,lewj kai. Kou,artoj o` avdelfojÅ
Erasto o ecônomo da cidade e Quarto o irmão.

Saúda-vos Timóteo o meu companheiro; também Lúcio, Jasom e Sosípatro, meus compatriotas. Eu Tércio, que redigi a epístola, saúdo-vos no Senhor. Saúda-vos Gaio, que é meu hospedeiro, e de toda a igreja. Saúda-vos Erasto, o tesoureiro da cidade e o irmão Quarto.

Timóteo também envia suas saudações. Grande companheiro de Paulo era esse rapaz!

²⁶⁶ (cf. HENDRIKSEN, 2001, p.674).

Estava presente na vida de Paulo, até mesmo quando estava longe, como por exemplo, por ocasião da escrita da segunda carta que Paulo lhe escreveu.

A seguir Paulo cita três judeus: Lúcia, Jasom e Sosípatro. Pouco sabemos sobre esses três além do que aqui está registrado. Por certo eram pessoas valerosa para Paulo.

No v.22, temos uma informação importante. A carta aos Romanos foi escrita a “três mãos”. Paulo ditou, Tércio foi seu escrevente, e o Espírito Santo, como nas demais partes das Escrituras, inspirou. As razões que levaram Paulo a pedir para Tércio ser seu escrevente, desconhecemos. Qualquer afirmação é mera especulação.

A seguir aparece o nome de Gaio, intitulado aqui de “*meu hospedeiro, e de toda a igreja*”. O que isso parece indicar é que Gaio sempre se mostrava disposto a abrir as portas de sua casa para receber os irmãos. Paulo foi abençoado com esse dos da hospitalidade (para esse termo veja o comentário de Rm.12.13)

Por fim, vem Erasto o tesoureiro da cidade de Corinto. Assim como os demais, também temos poucas informações sobre esse homem. O que importa é sabermos que ele ocupava um cargo público muito importante, mas, nem mesmo esse cargo o impediu de servir a Cristo e ajudar Paulo em seu ministério.

Nesse ponto dos nossos estudos, chegamos ao v.24 o qual não consta no texto grego que adotamos, mas aparece em algumas versões como por exemplo na ARA, NVI, etc. Por não trazer dificuldades na interpretação e ser idêntico ao v.20b, recomendamos que se leia tal comentário, a saber, v.20b.

(16.25-27)

²⁵ Ἰτῶν/| de. duname,nw| u`ma/j sthri,xat kata,vagge,lio,n nkaú to. kh,rugma Vlhsou/
Ao porém que pode vos firmar segundo o Evangelho de mim e a proclamação Jesus

Cristou/(kata. avpoka,luyin musthri,ouo,noij aivwni,oij sesighme,nou(
Cristo segundo a revelação do mistério em tempos eternos mantido em silêncio,

²⁶ fanerwqe,ntoj de. nu/n dia, te grafw/n profhtikw/n kata vritagh.n tou/ aivwni,ou qeou/
feito manifesto porém agora através de e escritos proféticos segundo ordenança do eterno Deus

eivj u`pakoh.n pi,stewj eivj pa,nta ta qnh gnwrisqe,ntoj(
para obediência fé para todas as nações tendo sido feito conhecido,

²⁷ mo,nw| sofw/| qav/|(Vlhsou/ Cristou/ h` do,xaeivj tou.j aivw/naj(avmh,nÅÐ
ao só sábio Deus, através de Jesus Cristo ao Qual a glória para o sempre. Amém!

Ora, Àquele que tem poder para confirmá-los segundo o meu Evangelho e a proclamação de Jesus Cristo segundo a revelação do mistério oculto desde tempos eternos, porém, foi manifestado agora através das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno para a obediência de fé entre todas as nações, ao Deus único e sábio, mediante Jesus Cristo, seja a glória para sempre. Amém!

Conceitos que foram introduzidos na abertura da carta, foram repetidos aqui:

- ✓ Estabelecer, confirmar ou fortalecer, 1.11 e 16.25;
- ✓ Meu evangelho (16.25), o evangelho de Deus (1.1);
- ✓ O mistério oculto em épocas passadas (16.25,26); cf. por meio de seus profetas nas Escrituras (1.2);
- ✓ Efetuar obediência de fé entre todas as nações ou gentios (16.26 e 1.5).

Nessa doxologia, Paulo reforça a verdade de que é Deus quem salva e confirma a fé do pecador, e que o mistério de Deus teria permanecido oculto se Ele não quisesse revelá-lo. Mais uma vez somos lembrados da Graça de Deus, a qual nos conduz à obediência que provém da fé. Afinal, “o justo, porém, viverá pela fé” (1.17). A Deus, pois, por meio de Jesus Cristo, toda a glória pelos

séculos dos séculos, amém!

BIBLIOGRAFIA

- BAXTER, J. Sidlow. Examinai as Escrituras, vol.6 Atos a Apocalipse. São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.
- BRUCE, F.F. Romanos, introdução e Comentário. 1ª edição, Reimpressão (São Paulo) SP: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2005.
- Bíblia de Estudo Almeida. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia de Estudo de Genebra. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica Católica Internacional e Edições Paulinas, 1980.
- DAVIS, John D. (org). Dicionário da Bíblia. Rio de Janeiro (RJ): Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.
- DOUGLAS, J. D. (org). O Novo Dicionário da Bíblia vol. 1 e 2. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1962, reimpressão 1990.
- GINGRICH – DANKER, F. Wilbur; Frederick W. Léxico do NT. Grego/Português. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984, reimpressão, 2001.
- GONZALEZ, Justo L. Uma História do Pensamento Cristão – do início até o Concílio de Calcedônia. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2004.
- GUNDRY, Robert, H. Panorama do Novo Testamento. 4ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, reimpressão 1991.
- HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento – Efésios. 2ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2005.
- HENDRIKSEN, William. Comentário do Novo Testamento – Romanos. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2005.
- LARCERDA, Oswaldo Dias de. A Nova Disposição de Nosso Senhor Jesus Cristo (Novo Testamento). 1ª edição, Jacareí (SP): (particular), 1996.
- LUZ, Waldir Carvalho. Novo Testamento Interlinear. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2003.
- MACARTHUR, Jr, John. Sociedade sem pecado. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2002.
- NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt. Novun Testamentum Graece. 12ª druck, Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft Stuttgart, 1991.
- Nova Versão Internacional da Bíblia. São Paulo (SP): Sociedade Bíblica Internacional, 1993, 2000.

NELSON, Thomas. Manual Bíblico de Mapas e Gráficos. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2003.

OLSON, Roger. História da Teologia Cristã. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Vida, 1999.

REGA, Lourenço Stelio. Noções do Grego Bíblico. 4ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1998, reimpressão 2001.

RIENECKER – ROGERS, Fritz; Cleon. Chave Lingüística do Novo Testamento Grego. 1ª edição, São Paulo (SP): Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1988.

ROBERTSON, O.Palmer. O Cristo dos Pactos. 1ª edição, São Paulo (SP): Editora Cultura Cristã, 2002.

TAYLOR, Willian Carey. Introdução ao estudo do Novo Testamento Grego. 9ª edição, Rio de Janeiro (RJ): Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1990.